UNIV. OF
TORONTO
LIBRARY

Educ
S

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

Revista

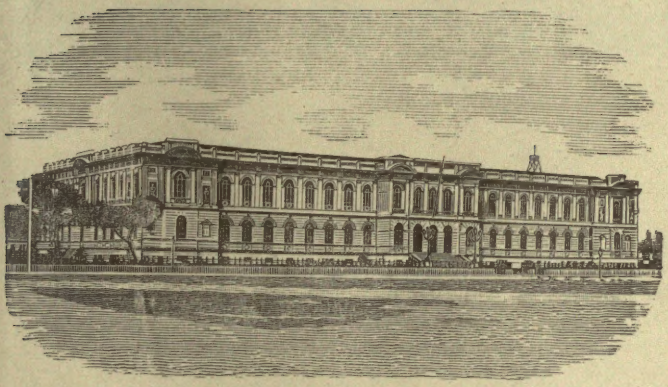
DO

JARDIM DA INFANCIA

«Os jogos infantis encerram muita vez
Um conceito profundo em sua candidez».

SCHILLER.

I VOL.



397796
6.11.41

SÃO PAULO
1896

TYPOGRAPHIA A VAPOR
de
ESPINDOLA, SIQUEIRA & COMP.
S. PAULO
10-A, RUA DIREITA, 10-A

Revista

do

Jardim da Infancia

Os autores reservarm para si o direito de reproduzir em livro os trabalhos publicados nesta Revista.

Revista do Jardim da Infancia

Graças ao patriotico auxilio do Governo do Estado, iniciamos hoje a publicação da *Revista do Jardim da Infancia* tendo por fim tornar conhecidos os processos empregados em taes instituições de ensino e reunir os elementos artisticos necessarios á organização do ensino infantil pelo systema frœbeliano. Por esse modo aperfeiçoaremos a instituição já creada nesta Capital e facilitaremos novas creações que, porventura, se venham a fazer ou pela acção do Governo ou por iniciativa particular.

O nosso fim é, pois, exclusivamente pratico. Propositalmente afastamos das paginas desta Revista a discussão de vantagens ou desvantagens pedagogicas

dos processos que apresentarmos; não desejamos tomar espaço com apreciações méramente theoricas. Só publicaremos, pois, indicações que possam guiar a pratica.

Está claro, e excusado seria dizel-o, que não desejamos que as indicações que publicarmos sejam seguidas á risca; ao contrario, queremos que ellas se aprimorem e transformem, vivificadas pelo cunho de individualidade que, oxalá, lhes possam imprimir as nossas professoras.

Só assim os Jardins da Infancia poderão adaptar-se ao nosso meio. E' preciso que se faça não uma transplantação apenas, mas uma verdadeira acclimação, de modo que o systema se affeiçoe aos nossos costumes, á nossa indole e temperamento.

Esse trabalho de adaptação tem de ser forçosamente demorado porque só póde ter por base a experiencia. Por um lado, é necessario que as nossas professoras venham a conhecer de um modo claro e preciso como, em outros paizes, funccionam os Jardins da Infancia a fim de não se afastarem do systema geral, e por outro, é necessario que, conhecendo os processos geraes, ellas possam fazer selecção do que nos for applicavel e crear os elementos artisticos de que carecermos.

Para satisfazer a esta dupla necessidade, a nossa Revista terá duas phases. Na primeira, daremos a conhecer de um modo geral os melhores typos de Jardins da Infancia, por meio dos primorosos manuaes publicados no estrangeiro e principalmente nos Estados Unidos. Alem desta parte, de pura informação, iremos publicando os trabalhos que as nossas professoras já tem realizado e que, com vantagem, se applicam ás classes infantis.

Feito este primeiro trabalho, iniciaremos a segunda phase da Revista que terá por fim publicar sómente trabalhos originaes. A revista será então reduzida a menores proporções a fim de poder-se publicar regularmente um numero por mez.

Para realizar este trabalho, contamos com a competencia e a incansavel dedicação do pessoal do Jardim da Infancia desta Capital, e, oxalá, seja essa benemerita dedicação compensada pelos resultados que desta publicação se devem esperar em beneficio deste Estado.

Gabriel Prestes

O Jardim da Infancia

ANNEXO Á ESCOLA NORMAL

Relatorio apresentado ao Director da Escola Normal pela Inspectora d. Maria E. Varella.

Illm. Snr. Director da Escola Normal.

Tenho a honra de apresentar-vos uma breve exposição dos trabalhos feitos para a installação do Jardim da Infancia que tive a subida honra de organizar, na qualidade de inspectora, cargo este que me foi confiado e que, certamente, vae além de minhas forças.

Devido ao pequeno espaço de tempo decorrido da abertura até esta dacta (Setembro) não foi possivel ainda tratarmos da parte mais importante em sua organisação que é—o *methodo de ensino*—que estamos adoptando, promettendo-vos para o futuro escrever um pequeno tratado sobre este momentoso assumpto.

Não foi possivel ainda ensaiarmos tambem a Jardinagem e o estudo de Geographia visto não estarmos ainda em predio effectivo e appropriado para taes exercicios.

A organização d'um Jardim entre nós não é possivel ficar completa no primeiro anno de sua vida, não só por ser ainda pouco conhecido o systema de tal instituição de ensino, e ser este o primeiro fundado em S. Paulo, como tambem pela falta absoluta do material didactico proprio ao nosso Paiz.

Limito-me apenas a dar-vos neste trabalho uma pequena idéa dos factos referentes ao ensaio do Jardim. Mais tarde, quando funccionarem as aulas no predio effectivo, tractarei detalhadamente de todas as questões referentes a tão util estabelecimento de ensino. Tractarei mui rapidamente agora sómente da abertura do Jardim, visto já vos ter dado a copia do programma organizado para o mesmo.

Para a organização dos trabalhos do Jardim da Infancia, foram adaptadas ou traduzidas partes das seguintes obras estrangeiras: — Para exercicios de Linguagem: — «Pratical Suggestions for Kindergartners» de Jeanette R. Gregory. — In the Child's Word» de Emilie Poulsson. Para exercicios de gymnastica, brinquedos, cantos e hymnos: Music for the Kinder-Garten» de Eleonore Meervart e Die Ruwegungsspiele und Lieder des Fröbel'fchen Kindergartens« de Friedrich Seidel.

As traducções do Allemão foram feitas por D. Rozina Soares. — sendo as do Inglez e a parte poetica feitas por D. Zalina Rolim.

A Abertura

Deu-se no dia dezoito de Maio p. p. a abertura do Jardim da Infancia. Apresentaram-se candidatos á matricula cerca de trezentos alumnos; porém só poderam ser admittidos cento e dois, visto a casa não comportar maior numero.

Desde esse dia está fuccionando o Jardim com caracter provisorio num antigo predio sito a rua do Ypiranga, até que seja acabado o novo edificio mandado construir pelo ex-Presidente do Estado Dr. Bernardino de Campos.

Os candidatos apresentados que não foram admittidos á matricula serão considerados matriculados por occasião da abertura do Jardim no novo predio, havendo já mais de duzentos pedidos para a nova matricula. Com certeza será necessario logo a criação de alguns Jardins em divesos pontos da cidade, visto serem numerosos os pedidos para a admissão de novos alumnos.

O curso do Jardim da Infancia

Este anno foi devidido o curso em tres periodos. Primeiro: matriculados trinta e quatro alumnos. Segundo: matriculados o mesmo numero. Terceiro: matriculados vinte e sete. Total das matriculas noventa e cinco. Assistentes sete. Não pude fazer a classificação pela idade. Existem alumnos e alumnas de quatro annos, vinte e dois; de cinco annos, trinta e quatro; de seis annos, trinta e nove.

Appareceram crianças que, não parecendo no physico, já tinham entretanto sete annos não podendo, portanto, ser admittidas á matricula, considerei-os como assistentes, até que passem para a Escola Modelo, porque o Jardim só póde admittir crianças até a idade de seis annos. O total dos matriculados e assistentes é de cento e dois.

O ultimo periodo isto é, o terceiro é preparatorio do primeiro anno da Escola Modelo.

Divisão do trabalho diario

O nosso trabalho diario é de quatro horas, attendendo-se a pouca idade das creanças. Havendo comtudo muito mais trabalho por parte das professoras durante este tempo do que se fosse em cinco horas, em outra escola, por ser todo elle devidido em pequenos intervallos de dez a quinze minutos para os exercicios. O trabalho das professoras não é pois menor que o das de escólas primarias.

O primeiro e terceiro sabbado de cada mez são empregados, as quatro horas, em passeios, exercicios geraes de linguagem, cantos e jogos organizados.

Este anno não foi possivel ainda termos uniforme para os alumnos a não ser um chapéo de abas largas con a seguinte inscripção: «Jardim da Infancia». Para o anno devemos ter além dos chapéos, aventaes ou outro objecto qualquer que sirva de uniforme, ou distinctivo dos alumnos.

Auxiliares

Como auxiliares em cada periodo, temos as alunnas da Escola Complementar que vêm diariamente em numero de tres, ficando uma, em cada periodo.

A entrada

A entrada das crianças da-se ás onze horas, reunindo-se ellas um pouco antes no Jardim annexo ao predio sob a vigilancia da Guardiã que as fiscalisa até e entrada das aulas. Durante este tempo, isto é, anes de commeçarem as aulas as professoras preparan suas lições de dezenho, lettras, mosaico e côres nas lousas, que se acham expostas nas classes.

A's onze horas reunem-se no jardim em tres grupos: primeiro, segundo e terceiro e marcham sob a direcção de suas professoras para as salas competentes, onde fazem suas saudações e cantos. O primeiro Periodo, como tem piano, executa o canto na propria sala. O segundo e terceiro reunem-se no salão onde cantam juntos, visto não haver piano em suas respectivas salas, havendo neste um orgão destinado a esse fim.

Na sahida entoam cantos de despedida, e formando do mesmo modo que á entrada.

Marcham de suas classes passando ao jardin. indo á frente o primeiro Periodo, em continuação o segundo, finalizando o terceiro.

O recreio

Tres recreios são distribuidos pelas quatro horas de trabalho:

Dois parciaes e um geral,

Os parciaes são de dez minutos para o segundo e terceiro Periodo; sendo um pela manhã e outro á tarde. Para o primeiro são de quinze minutos, sendo tambem um pela manhã e outro á tarde. O recreio geral é de trinta minutos, destinando-se quinze para o lunch que é feito em classe, aproveitando a professora a occasião para corrigir certos defeitos que são naturaes em toda criança de pouca idade. Os quinze minutos restantes são passados no jardim tendo as crianças toda liberdade possivel, porém debaixo da vigilancia das professoras.

Será conveniente que haja nos Jardins uma sala aonde seja feito o lunch conservando-se por esse modo maior asseio nas salas de aulas.

O edificio

Aquelle em que está funccionando o Jardim fica situado á esquina da rua Ypiranga. Consta das seguintes divisões: pequena sala de frente, onde está o Segundo Periodo sendo a professora D. Anna de Barros. Um gabinete ao lado, onde está guardada parte do material escolar, e tambem onde fazemos os trabalhos necessario ás classes. Duas salas lateraes occupada pelos Periodos: primeiro e terceiro, sendo professora do primeiro D. Joanna Grassi, e do terceiro D. Izabel Prado.

A sala onde funcciona o terceiro Periodo é espaçosa porém escura.

A sala onde funcciona o primeiro Periodo tambem é espaçosa e mais confortavel que a antecedente visto haver luz directa e entrada para o jardim, offerecendo melhor aspecto que as outras, sendo que alli permanecem as criancinhas menores do Jardim.

Existe ainda no fundo do edificio um salão espaçoso por onde se fazem a entrada, sahida e marchas dos alumnos.

O exercicio de linguagem, que é dirigido por D. Zalina Rolim, é feito tambem no referido salão e, para isto, são as cadeirinhas dispostas em fórma de circulo, offerecendo melhor commodo não só para a professora como tambem para as criancinhas.

Termino pois aqui o pequeno trabalho relativo á installação do Jardim.

Familia e lár

(Lição de linguagem)

—De onde vieram vocês todos hoje?

—De nossas casas.

—Trouxeram tudo quanto têm em caza?

—Não; viemos sós, não trouxemos nada.

—Quem ficou em suas casas?

—Minha boneca, meu gatinho, etc.

—Mas, quem deixaram mais em casa?...

A pessoa que vocês mais estimam?

Mamãe.

—Que faz mamãe emquanto vocês estão aqui?

—Mamãe está cuidando da casa, de meus irmãosinhos pequenos e de tudo o que nós temos.

—Quem é que tambem sae de casa pela manhã, como vocês, e só á tarde regressa?

—Papae, (e talvez algum irmão mais velho).

—Digam-me agora quem são todos os que á noite estão reunidos em casa e juntos tomam o chá?

—Papae, mamãe, meus irmãosinhos, (talves vôvô ou vovó).

—Como é que chamamos a todos os que vivem juntos em uma casa?

—Chamamos uma familia.

—Todas as familias são grandes?

—Não; algumas são pequenas e compostas apenas do pae, a mãe e um filhinho.

—Agora quero ver se algum de vocês me diz quaes são as pessoas que compõe sua familia,

— . . .

Ficam vocês contentes de ver os seus papaes voltarem para a casa, á tarde?

—Sim, muito contentes.

—E as mamães não ficam tambem contentes quando vocês voltam para a casa?

—Sim, muito contentes.

—Porque?

—Porque ellas nos estimam, porque gostam de estar comnosco.

—Agora vamos fechar os olhos e imaginar que estamos vendo nossa casa e tudo quanto nella se passa: dize-me, F, que vês em tua casa? Que está fazendo tua familia agora?

—Estão todos, tomando lunch, em roda da mesa.

—E a tua familia, F.?

—Mamãe está cozendo perto da janella que olha para o jardim e nênê está dormindo no berço. Meu canarinho está cantando, etc. (Insistir sempre para que as crianças VEJAM com o pensamento, recordando o que se passa todos os dias em casa Animal-as a formar estas pinturas mentaes).

—Conhecem vocês outras familias, mas, differentes de nós, que não sejam familias de gente?

—Sim, os gatos, cães, gallinhas, etc.

—Como se chama o pae dos pintos?

—Gallo.

—E a mamãe dos pintos?

—Gallinha.

—E os filhos da gallinha?

—Pintainhos.

(Fazer as mesmas perguntas relativamente a outros animaes).

Todas as mamães tomam cuidado de seus filhinhos, como as nossas fazem para comnosco, porque será que ellas fazem isto?

—Porque ellas querem muito aos seus filhinhos.

- E os filhinhos tambem não querem muito as suas mamães?

—Sim, muito, muito!

—Então, todos filhos devem ser muito obedientes e fazer tudo quanto suas mamães lhes dizem, não é?

—Sim, sim!

Falemos de nossos lares
Onde nossos paes estão,
Longe de nossos olhares
Vemol-os no coração.

Zalina Rolim.

Espera e verás

(Fructas)

Continho para creanças para ser narrado singelamente e com adaptação a arvores de nossa flora

No meio de um bosque, uma pequenina faia crescia ao lado da faia mãe.

Ella viu que todas as arvores, em torno, davam alguma cousa a seu dono e, muito triste, disse á mãe:

—«Eu queria saber para que sirvo neste mundo. As outras arvores todas prestam algum serviço. Olha, o visinho carvalho deixa cahir as suas bolotas para o alimento dos porcos do nosso amo; o vidoeiro tem a sua casca macia que serve para os barcos; e assim todos... Só eu não sirvo para cousa alguma...

—Espera e verás, disse-lhe a mãe. Com o andar do tempo appareceram na pequenina faia umas florinhas e ella exclamou, muito contente:

«Oh! que bello, agora eu vejo que posso fazer alguma cousa no mundo. Ao menos servirei para encantar a vista dos que passarem por mim».

Quando as florinhas cahiram, ella ficou de novo muito desgostosa e gemeu:

—Oh, meu Deus! foram-se as minhas flôres e com ellas todo o meu encanto; que hei de fazer agora?

—Espera e verás. Disse-lhe a mãe.

A pequenina faia achava muito ruim esperar, mas era obediente, e esperou. Ella conhecia que a mãe sabia melhor as cousas do que ella.

Logo começaram a apparecer-lhe nos galhos umas pequeninas cousas espinhosas e verdes, justamente onde haviam estado as flôres.

A arvoresinha de novo se alegrou pensando que ainda servia para alguma cousa. Quando as taes cousinhas espinhosas foram-se tornando escuras, de verdes que eram, a faiasinha entristeceu dizendo dolorosamente:

—«Agora que as minhas cousinhas verdes ficaram escuras, eu já não sou bonita de longe... ai! de mim!

—Espera e verás, disse-lhe ainda a mãe.

E ella esperou.

Veiu o outomno e o tempo começou a esfriar. Uma manhã, depois de forte geada, a faiasinha viu que todas as suas cousinhas escuras tinham cahido para o chão, e ficou afflictissima. Mas a mãe a consolou dizendo:

—Espera e verás.

Dahi a pouco appareceu no bosque um grupo alegre de crianças, todas tagarellando ao mesmo tempo, numa grande expansão. Andavam juntando avelãs. Quando passaram pertinho da pequena faia, o mais crescido dos rapazes parou e disse aos companheiros:

—Vinde vêr avelãs de faia aqui no chão! São as preferidas por mamãe... Vamos apanhal-as, meus amiguinhos!...

E correram todos, numa algazarra jubilosa, para junto da arvoresinha.

Quando os pequenitos se foram a faia mãe disse contente á filha:

—Agora, queridinha, já sabes para que serves?

—Sim, mamãe; agora ainda fiquei mais convencida do quanto as mães conhecem a vida melhor do que as filhas. A obediencia e paciencia, são grandes cousas...

E a pequena faia foi crescendo satisfeita, até que se tornou uma grande arvore como sua mãe.

Zalina Rolim.

PROGRAMMA

Exercicios de linguagem, de memoria, de nomenclatura objectiva, de trabalhos manuaes, nos tres Periodos do Jardim da Infancia, annexo á Escola Normal.

ORGANIZADO

POR

D. Maria Ernestina Varella

PRIMEIRO PERIODO

Linguagem: Conversações infantis:—a creança na familia e no Jardim da Infancia.—Partes principaes de seu corpo. Sêres o objectos que lhe são uteis e que mais frequentemente attrahem sua attenção. Seus paes e parentes proximos. Animaes domesticos.

Brevissimos e simples contos expostos sobre gravuras. Poesias infantis. Hymnos breves.

Dons Fröebelianos: Primeiro dom:—A bola,—Bolinhas; fórma e côr; confronto com a fórma e côr de outros objectos presentes; posições; movimentos. Segundo dom: Esphera, cubo, cylindro.

Trabalho Manual: Continhas. Exercicios preliminares graduados. Trabalhinhos simples. Continhas e fórmas de papel de côres. Alguns enfeites, ornamentos, etc

Entrelaçamento: exercicios faceis de entrelaçamento com varetas.

Dobraduras: quadrado, lados, angulos, diagonal e mediana. Primeiras dobras: imitação de objectos communs.

Modelagem. Bola—Cylindro—Cubo.

Desenho: Varetas. Conhecimento do objecto. Exercicio com uma, duas, tres e quatro varetas feito no espaço e dando uma idéia das posições das linhas, angulos, triangulos e quadrado.

—Paosinhos, lentilhas ou tornos;—verticaes, horisontaes e combinações.—Applicação ao desenho de fórmas geometricas simples e de objectos communs.

Numeros: Contagem de um a dez com bolinhas enfiadas em cordões e depois separadas em grupos de duas, tres, quatro e cinco.—Exercicios variados até dez—Paosinhos:—numeração e exercicios de addição e subtracção. Cartões: exercicios de addição e subtracção, distinguindo grupos, côres e quantidades até dez.—Conhecimento de um a dez por numeros impressos.

Côres: Côres primarias e secundarias graduadas por meio de quadrados de papel formando todo o mappa de côres apresentado á classe.

Cantos: Pequenos Hymnos.

Gymnastica: Movimento da cabeça e dos dedos, acompanhado de melodias faceis. Movimento das mãos indicando as partes do corpo já conhecidas.

Brinquedos: De movimento, de imitações, etc., em marcha e acompanhado de melodias faceis.

SEGUNDO PERIODO

Linguagem: Conversações infantis: o lar, a creança na familia; amôr para com os paes e bemfeitores.—Os sentidos physicos—Os dias da semana.—Os mezes do anno.—As estações. Plantas que nos sejam uteis.—Gravuras representando homens e animaes em acção:

Scenas campestres, etc, servindo de argumento para considerações moraes ou de utilidade pratica e para exercicio de nomenclatura.—Contos tambem expostos sobre gravuras e mais tarde reproduzidas pela creança, Dialogos em prosa ou verso. Pensamentos e hymnos.

Dons Frœbelianos—Primeiro dom:—A bola. Recapitulação e complemento dos exercicios feitos com as bolinhas no primeiro periodo.—Movimentos—diversas especies de movimentos. Direcção e velocidade.—Acção sobre o objecto; caracter do objecto; confronto com outras bolinhas e com objectos de outra fórma. —O peso.

Segundo dom:—A esphera, o cubo, o cylindro. Observações e comparações.—Superficies planas e curvas.—Linha recta e curva.—O quadrado.—O circulo.

Terceiro dom:—O cubo dividido em oito cubos. Divisão de cubo em 2, 4, 8.—Os cubinhos.—Comparação entre o cubo e os cubinhos.—Exercicios sobre a quantidade e sobre as formas.—Construcções simples com applicação dos 8 cubinhos acompanhados de cantos apropriados.—Construcções livres.

Trabalho Manual. Tecelagem:—exercicios graduados, primeiro com fitas largas de papel e depois com fitas mais estreitas.—Applicações com fitinhas.

Perfuração e bordado—exercicios preliminares de perfuração simples e de bordado a ponto comprido.

Applicações simples.—Reproducção de fórmas ornamentaes, de objectos communs, de flores, fructos, folhas, animaes, etc..—Trabalhinhos por imitação e invenção. (Todos estes trabalhos devem ser collecionados em cadernos, sendo cada um de uma especie.)

Modelagem: — bola — cubo — cylindro—fructos e objectos communs.

Desenho. Varetas:—linhas rectas, angulos, triangulos, quadrado, figuras diversas com quatro varetas.

Applicações.

Paósinhos: recapitulação dos exercicios feitos no primeiro periodo. – Applicações de um a nove paósinhos em objectos communs e reproduzidos nas lousas.

Reproducções e combinações de linhas feitas no espaço pelas varetas moveis.

Numeros. Recordação da numeração de um até dez por meio de numeros impressos.

Faceis exercicios de addição, subtracção e multiplicação. Continuação e desenvolvimento do primeiro Periodo. Exercicio de calculo. Unidade. Dezenas. Exercicios sobre as quatro operações com applicações de cartões representando pessoas, animaes e objectos.

Côres. Côres primarias e secundarias com o auxilio de piões. – Decomposição por meio de apparelho.

Gymnastica. Jogos organisados para segundo e terceiro Periodos do Jardim. Breves hymnos. Cantos — gymnasticos e imitativos.

Jogos organizados e acompanhados de canto. -- Virar á direita e á esquerda. Levantar e sentar-se. Caminhar á direita e á esquerda. -- Posições gymnasticas: — primeira, segunda, terceira e quarta. — Movimentos simultaneos, successivos e alternados dos braços, das pernas, da cabeça e do busto, applicados em marcha. Saudações. — Pancadas alternadas das mãos e dos pés. Movimento que exprimam acções. Movimentos das mãos e dos dedos. — Marcha. Evoluções faceis e diversos modos de formar em preparação dos cantos e jogos.

TERCEIRO PERIODO

Linguagem. Conversações *infantis*: -- Desenvolvimento um pouco mais amplo dos assumptos tratados no segundo Periodo. — Os sentidos. — Os animaes. As

plantas. Os alimentos. As vestimentas. Habitações. Moveis e utensilios domesticos. Meios de transporte. A Patria, Formação de sentença sobre objectos communs. Contos para reproducção, Dialogos em prosa ou verso com a mesma applicação dada ao segundo Periodo, Formação de palavras com lettras impressas.

Dons Fröebelianos: Primeiro dom:—A bola. Recordação do segundo Periodo.

Segundo dom: - A esphera, o cubo, o cylindro, Breve recordação dos exercicios feitos nos Periodos precedentes.

Terceiro dom:—O cubo dividido em oito partes ou cubinhos. Divisão do cubo em 2, 4 e 8 partes.

Quarto dom:—O cubo divididos em parellelipipedos. Continuação dos exercicios com os cubinhos.—Diversas construcções com 2, 4 e 8 partes do cubo do quarto dom.—Confronto com objectos de uso commum.—Construcções por imitação e invenção.—Formação de figuras communs e artisticas, com os cubinhos.—Invenções livres.

(Cada construcção terá o seu canto apropriado.)

Trabalho manual: Dobradura:—Quadrado, lados, angulos, diagonaes e medianas.—Diversas dobraduras colleccionadas em cadernos. —Imitação de objectos communs.—Fórmas artisticas, Ferrinhos e rolhas, (ou ferrinhos e ervilhas)—Imitação das principaes fórmas geometricas, artisticas e de objectos communs.—Numeros.—Lettras.—Invenções.—Modelagem.—Bola, cubo, cylindro. Fórmas derivadas de objectos communs. Reproducções de flores e fructos.

Anneis:—Conhecimento do objecto.—Circulo, semicirculo, quarto de circulo. Faceis figuras curvilineas e ornamentaes, flôres e fructos. Entrelaçamento.—Fitas largas de papel applicadas em diversas fórmas geo-

metricas. — Entrelaçamentos faceis. — Combinações e applicações.—Mosaico.—Taboinhas. — Conhecimento do objecto.—Fórma e côr.—Primeiro exercicio de applicação com os quadrados.—Segundo:—Mosaico em continuação. — Terceiro:—Applicação das tres especies de triangulos. —Exercicios faceis com triangulos obtusangulos. — Diversas figuras.—Invenções livres.— (Todos estes trabalhos devem ser colleccionados em cadernos.)

Desenhos: Varetas: — Reproducção do segundo Periodo, porém, mais desenvolvido. Applicação das linhas feitas no espaço. Exercicios nas lousas.— Obliquas. — Combinações de obliquas entre si e de obliquas com verticaes e horizontaes. Quadrilateros. — Rhombo.— Fórmas polygonaes em cadernos quadriculados.— Exercicios faceis de rectas e curvas. — Exercicios de reproducção de objectos communs, de animaes e fructos. — Parallelas, perpendiculares e obliquas tiradas em papel com auxilio de taboas. Modelos em cartões de papelão, representando animaes e objectos diversos, para serem tirados a lapis e depois coloridos e collecionados em cadernos.

Numeros: Contagem dos cubinhos reunidos, e depois separados em grupos de dois, tres, quatro e cinco.—Numeração e faceis exercicios de addição, subtração, multiplicação e divisão.—Continuação e desenvolvimento do segundo periodo. Fracções com a caixa do terceiro dom. — Discos coloridos com applicações de inteiros, metades, terços, quartos, sextos e oitavos.

Côres: Reproducção do primeiro e segundo periodo, porém mais desenvolvida.

Musica: Tonic-solfa. — Faceis exercicios de solfejo, O programma de canto, gymnastica e jogos a seguir no terceiro Periodo, está reunido ao segundo. Entretanto, o terceiro deve ser mais desenvolvido.

HORARIO

DO 1.º PERIODO DO JARDIM DA INFANCIA

11—11, 10.	Canto, Saudação.
11, 10—11, 25.	Conversação.
11, 25—11, 30.	Marcha.
11, 30—11, 40.	Repouso.
11, 40—11, 55.	1.º Dom. A bola acompanhado d'um canto apropriado.
11, 55—12, 10.	Recreio.
12, 10—12, 25.	Discos 2.as, 4.as e 6.as—Contagem com as bolinhas 3.as, 5.as e sabb.
12, 25—12, 30.	Preparação para o lunch.
12, 30—12, 45.	Lunch em classe.
12, 45— 1.	Recreio no Jardim.
1— 1, 15.	Revisão. Canto. Chamada.
1, 15— 1, 30.	Dezenhos com paósinhos 2.as, 4.as, e 6.as—Com tornos ou lentilhas 3.as, 5.as e sabb.
1, 30— 1, 40.	Marcha cantada.
1, 40— 1, 55.	Trabalho Manual. Dobradura 2.as, 4.as—Entrelaçamento com varetas 3.as, 5.as—Modelagem 6.as—Mosaico, Sabbados.
1, 55— 2, 5.	Recreio.
2, 5— 2, 20.	Côres 2.as, 4.as e 6.as—Canto 3.as, 5.as e sabb.
2, 20— 2, 25.	Repouso.
2, 25— 2, 40.	Brinquedo.
2, 40— 2, 55.	Pensamentos. Premio. Canto de despedida.
2, 55— 3.	Sahida.

HORARIO

DO 2.º PERIODO DO JARDIM DA INFANCIA

11—11, 10.	Canto. Revisão. Chamada.
11. 10—11. 25.	Ensaio de canto geral 2.as, 4.as e 6.as—Com a professora 3.as, 5.as e Sabb.
11, 25—11, 35.	Recreio no jardim.
11, 35—11, 40.	Marcha.
11, 40—11, 55.	Linguagem.
11, 55—12.	Repouso.
12—12, 10.	Musica 2.as, 4.as e 6.as—Gymnastica 3.as. 5.as e Sabb.
12, 10—12, 25.	Dons.
12, 25—12, 30.	Preparação para o lunch.
12, 30—12, 45.	Lunch em classe.
12, 45 —1.	Recreio no jardim.
1— 1. 15.	Revisão. Chamada. Canto.
1, 15— 1, 30.	Trabalho Manual. Tecelagem 2.as, 4.as—Alinhavo 3.as, 5.as—Picado 6.as—Modelagem Sabb.
1, 30— 1, 40.	Recreio.
1, 40— 1, 55.	Desenho com paosinhos 2.as, 4.as e 6.as—Reproducção na lousa 3.as, 5.as e Sabb.
1, 55— 2, 5.	Marcha.
2, 5— 2, 20.	Exercicio com os paosinhos (As Unidades).
2, 20— 2, 30.	Jogos organizados.
2, 30— 2, 40.	Disco 2.as, 4.as e 6.as—Varetas 3.as, 5.as e Sabb.
2, 40— 2, 55.	Pensamentos. Merito. Canto de despedida.
2, 55— 3.	Sahida.

HORARIO

DO 3.º PERIODO DO JARDIM DA INFANCIA

11—11, 10.	Canto, Revisão. Chamada.
11, 10—11, 25,	Ensaio de canto geral 3.as, 5.as e Sabb.—Com a professora 2.as, 4.as e 6.as
11, 25—11, 40.	Conversação.
11, 40—11, 50.	Recreio.
11, 50—12.	Marcha.
12—12, 15,	Desenho nas lousas 2.as, 3.as, 4.as, 5.as, 6.as Sabb. com varetas.
12, 15—12, 25.	Musica 2.as, 4.as e 6.as—Gymnastica.
12, 25—12, 30.	Preparação para o lunch.
12, 30—11, 45.	Lunch em classe.
12, 45— 1.	Recreio no jardim.
1—1, 15,	Revisão. Canto. Chamada..
1, 15— 1, 30.	1.ª Sec: a bola. 2.ª Sec: Formação de palavras com lettras impressas 2.as, 4.as e 6.as.—Anneis 3.as, 5.as e Sabb.
1, 30— 1, 35.	Marcha.
1, 35— 1, 50.	2.ª Sec: a bola. 1.ª Sec: Formação de palavras com lettras impressas 2.as, 4.as e 6.as—Anneis 3.as, 5.as e Sabb.
1, 50— 2, 5.	Trabalho manual: Modelagem, 2.as—Ervilhas, 3.as.—Dobradura, 4.as e 6.as.—Entrelaçamento, 5.as.—Alinhavo, Sabb.
2, 5— 2, 15,	Recreio.
2,15— 2, 25.	Brinquedo.
2, 25— 2, 40.	Exercicio de calculo com os cubinhos
2, 40— 2. 55,	Pensamentos. Merito. Despedida.
2, 55— 3.	Sahida.

Obs.—Aos sabbados os horarios são completamente modificados; ha exercicios geraes de linguagem, jogos, cantos e passeios.

O DEDINHO VAIDOSO

(Sentimento de união e affecto na familia)

Para ser narrado ás creanças, nas lições de linguagem

Um dia o dedinho annular recebeu de presente um formoso annel de ouro com brilhante.

O dedinho ficou encantado com a sua joia e mirava e tornava a mirar a pedra que scintillava com os raios do sol.

Os outros dedos — o pollegar, o indicador, o médio e o minimo, — tambem achavam muito lindo o annel e não se cançavam de olhar para elle.

O dedinho annular sentindo-se alvo de tanta admiração ficou todo vaidoso e disse aos outros:

«—Eu sou muito melhor e mais bonito do que vocês. Só eu tenho annel de brilhante... Não quero mais brincar com vocês e nem preciso da sua companhia».

Os dedinhos ficaram muito descontentes com tamanha injustiça e responderam, depois de se consultarem:

—Se não precisas mais da nossa companhia e amisade, tambem nós dispensamos a tua. Podes viver como quizeres com o teu annel, que não nos fazes falta.

Passaram-se tres dias sem que os quatro dedinhos fallassem com o annullar. Mas na tarde do ter-

ceiro dia, achando-se todos no jardim, ao passarem por uma linda roseira coberta de flores, o dedinho annular teve vontade de colher uma daquellas esplendidas rosas, e approximou-se do galho, inclinando-se para o pollegar como a pedir-lhe auxilio. Então o pollegar endireitou-se bem e disse:

«—Eu não te ajudarei em cousa alguma. Tu disseste que dispensavas a nossa companhia permitte que tambem dispensemos a tua».

E a rosa ficou-se balançando no seu verdejante galho.

O annular não deu grande importancia ao caso e tornou a mirar o seu lindo annel que, com o habito de usar todos os dias, já não lhe parecia tão bello.

No dia seguinte, pela manhã, estavam todos no pomar onde se espalhava um delicioso cheiro de fructas maduras.

E o dedinho annular não pode resistir ao desejo de colher um formoso e rubecente pecego que avistava bem ao seu alcance.

Quando se approximava, quasi a tocar a apettitosa fructa, notou que o pollegar, muito entretido em conversa com o indicador e o medio, nem lhe prestava a minima attenção.

E quando elle tentou encostar-se ao grupo formado pelos tres, elles disseram-lhe ao mesmo tempo:

—«Tu dispensaste a nossa companhia e amisade, vae então procurar quem te auxilie e foge de nós que não temos annel e nem somos bonitos como tu».

E continuaram a interrompida conversação.

O dedinho annular, já meio arrependido, conservou-se calado. Mas, durante o dia, quando tentou

segurar as agulhas de seu tricot e viu que nada conseguia sem o auxilio dos outros, e que elle só ficava inactivo, emquanto que todos trabalhavam, comprehendeu que era bem preferivel a amisade de seus irmãos e companheiros á posse de um annel por mais valioso que fosse.

Depois de muito reflectir, confessou baixinho ao dedo minimo o seu arrependimento e desejo de ser perdoado.

Então o minimo fallou ao pollegar, o pollegar ao indicador e este ao medio; e os quatro reunidos resolveram desculpar a leviandade do dedinho vaidoso e com elle reatar as antigas relações que tão necessarias lhe eram.

O médio e o minimo foram encarregados de ir buscal-o para o meio dos companheiros e irmãos, e o dedinho annular fez um protesto muito vivo de nunca mais ser vaidoso—pois tinha comprehendido por experiencia que nada vale tanto como a amisade e auxilio mutuo em uma familia.

(Da «*Boston Collection of Kindergarten stories*»).

Zalina Rolim.

PLANO DE UM JARDIM DA INFANCIA

A fim de fornecer elementos suggestivos para um estudo proficuo e para bem corresponder aos intuitos desta Revista, publicaremos os programmas de alguns dos Jardins de Infancia estrangeiros que se recommendem pela sua organização, começando por extrahir hoje algumas notas do plano do Jardim da Infancia da Cook County Normal Scool que se encontra no relatorio daquella instituição publicado em 1893 por Francis Parker.

Foram dous os intuitos de Parker na organização de seu plano:

1.º) Crear uma instituição capaz de dar aos professores de todos os graus o conhecimento dos principios e dos methodos Fröebelianos.

2.ª) Escolher dos processos empregados os que mais se podessem adaptar ás escolas primarias.

Deixando de parte todas as considerações referentes ao preparo especial de jardineiras, aproveitaremos apenas as indicações do Relatorio que nos parecem mais suggestivas sob o ponto de vista do ensino propriamente infantil.

Como no Jardim da Infancia o material empregado contem, por sua natureza, alguma cousa das qualidades communs a todos os objectos, cada um delles deve considerar-se como um instrumento por

meio do qual a creança possa interpretar o mundo exterior e como um meio de expressão e de actividade espontanea.

Relativamente á distribuição do ensino, o plano de Parker comprehende tres Periodos assim estabelecidos:

Primeiro Periodo

O 1° Dom.—6 bolas cobertas de lã com as cores do prisma.	Conducente á observação e ao uso dos elementos de	1° Numero 2° Côr 3° Substancia 4° Movimentos 5° Posição 6° Direcção 7° Fórma 8° Cantos e jogos relativos a fructos e flôres de variadas côres As «Bolas que oscilam no ar». A lã, os carneiros, etc.
2.° Dom—Esphera, cubo e cylindro tendo o mesmo diametro		Geometria 1° Consciente differenciação de fórmas. 2° Estudo de planos, linhas e angulos. 3° Associação de taes fórmas com varios mineraes, com troncos de arvores, galhos e partes do corpo humano, etc.
3.° Dom.—Dous cubos de madeira divididos em cada uma de suas dimensões.		1° Consciente separação em partes. 2° Relação do todo para com as partes. 3° Construcção de novos todos. 4° Lei da separação como condição fundamental para o crescimento observado nas sementes, fructos e flôres. 5° Desenvolvimento de instinctos sociaes. Desenvolvimento da imaginação. N. B. de principio a fim, o Jardim da Infancia tem por objecto supprir os elementos creadores de uma imaginação pura e sã. Historias e jogos que illustrem as idéas acima.

4.º Dom.—Dous cubos divididos, uma vez verticalmente e tres vezes horizontalmente.	1º Apresenta uma fórma especialmente apropriada para *encerrar*, *limitar* espaço, como as anteriores *occupavam* espaço. 2.º Observação da desegualdade das faces, adaptabilidade para construcção offerecendo ensejo para elementares lições de architectura, traçado de fundações, construcção de muros, tectos, arcos, etc.
5.º e 6.º Dons — 3 cubos subdivididos de varias fórmas.	Offerecem mais amplas noções de fórma, numero, relação, etc, e exigem maior habilidade em manejal-os. Relacionam-se com varias fórmas crystallinas
7.º Dom.—taboinhas de madeira, quadradas e triangulares.	Estudo de superficies. Representação de objectos com duas dimensões apenas.
8.º e 9.º Dons.—Paósinhos e anneis	Objectos limitados por linhas curvas e rectas. Contornos de figuras, traçadas e analysadas. Séries de figuras desenvolvidas e transformadas pela addição de paózinhos e anneis.

Segundo Periodo

Parallelamente com o trabalho dos dons, devem as creanças occupar-se com materiaes mais plasticos por meio dos quaes possam livre e syntheticamente exprimir as idéas adquiridas pela analyse dos objectos precedentes. O material para estas occupações é de todo insuggestivo até que a faculdade creadora das creanças se manifeste e se imprima nelle. Deste modo, a argila, o papel para dobrar, o colorido, papel para tecelagem, para alinhavo e picado offerecem um novo meio de corporizar as idéas de attributos elementares, adquiridas por meio dos objectos anteriores.

São estas as occupações de mais frequente uso neste periodo:

Dobrado de quadrados de papel, circulos e triangulos para a formação de figuras geometricas regulares.

Corte e collagem de figuras geometricas para formação de ornatos.

Estudo de solidos e formas reaes feitas com papel e cartão.

Terceiro Periodo

Jogos e cantos de Kindergarten adaptados ao desenvolvimento dos sentidos, bem como á cultura do instincto social das creanças da escola primaria.

Exercicios para desembaraçar os movimentos de todo o corpo.

Exercicios de canto.

Exercicios de narração de historias.

Suggestões para o 1.º anno—idade de 3 a 4 annos

Primeiro Periodo

1.º Reforçar e exercer a observação das creanças sobre as suas relações e dependencias, tomando-se como exemplo a sua vida domestica. A vida e habitos dos animaes em relação á creança e de uns para com outros.

Ensinar a creança a expremir a sua gratidão pelas cousas que recebe e a agradam.

Numero Grupos de 2 e 3. Emprego de 1 polegada 2 polegadas, 3 polegadas. Numero e forma. Comparação e classificação de numeros.

Fórma. Simples fórmas de objectos domesticos e ensaio de classificação de fórmas. Simples jogos de adivinhação para accentuar as noções de fórma e de côr.

Côr. A côr do objecto ou objectos que estiverem sendo empregados no Jardim da Infancia.

Direcção e posição. Adeante, atraz; em cima, em baixo; no alto, no fundo.

Jogos e brinquedos. Na apresentação dos dons deve-se ter em vista que a sua ordem numerica deve ser seguida só emquanto não prejudicar a expressão das impressões adquiridas pela propria observação. A unica restricção no emprego dos dons depende da inhabilidade que as creanças manifestem em manejal-os.

Os jogos de roda. Devem estar em directa relação com os assumptos de que se estiver tratando.

Jogos muito simples que provoquem o desenvolvimento dos sentidos e, ao mesmo tempo, eduquem a faculdade de observação e a boa expressão das observações.

Trabalho manual. Modelagem com argilia, com arêa, collagem de papel, alinhavo.

Segundo Periodo

Os alimentos, os vestuarios e os abrigos—homem e animaes.

Os trabalhos domesticos. Conduza-se a creança desde a sua vida no lar até a sua primeira experiencia da vida social—o Jardim da Infancia e circumvisinhanças. Todos têm na economia da casa algum encargo a cumprir; do mesmo modo numa maior collectividade a mesma lei se verifica.

Começo de simples observações relativas ao tempo.

Numero. Continuação do primeiro Periodo.—E numero nos jogos de roda e em marchas.

Fórma. Fórma de fructos, de vegetaes e utensilios domesticos. Formas no Jardim da Infancia e sua funcção: como a meza, circulo, etc.

Côr. O mesmo que no primeiro Periodo.

Direcção e posição. O mesmo que no primeiro Periodo.

Trabalho manual. Continuação do primeiro Periodo. Emprego de tesouras para o corte de papel primeiro livremente e depois segundo indicações dadas.

Terceiro Periodo

O asseio nas casas.—Observações e dialogos sobre novos objectos domesticos.

O asseio em a natureza. As chuvas da primavera. Continuação de observações relativas ao tempo. Sua relação com a natureza.

Trabalhos no jardim e cuidar de pequenos animaes.

A obra do sol da primavera.

Numero. Escolha de um certo numero e determinação do que falta para completal-o em relação a objectos dados.

Fórma. Fórma de instrumentos empregados na limpeza das cazas e no jardim.

Côr. O mesmo que no primeiro Periodo.

Direcção e posição. O mesmo.

Trabalho manual. O mesmo que acima.

Colorido livre e dobrado de papel representando as fórmas simples que nessa occasião constituirem as

diversas occupações. Emprego dos instrumentos de jardinagem.

Suggestões para o 2.º anno—edade de 4 a 5 annos

Influencia do sol e do vento no Outomno.

Observação sobre os preparativos que faz a natureza para o inverno, nos reinos vegetal e animal. Preparativos feitos pelo homem. Os celeiros.

Numero. Grupos de 2, de 3 e 4 nos jogos de mesa, em jogos de roda e em marchas. Cousas isoladas, linhas, fórma. Avaliação de cumprimentos.

Fórma. Fórmas vegetaes e animaes. Fórmas de arvores e folhas.

Côr. Côres em vegetaes e fructos. Côres dos raios do sol (côres da natureza)

Direcção e posição. Lado direito, lado esquerdo; E'ste, Oeste; alto e fundo; adeante e atraz.

Jogos e brinquedos. Desde que as creanças se tornem mais dextras no manejo do material, podem ser dados os dons que constarem de maior quantidade de peças.—Demonstração dos mais simples principios de architectura.

Trabalho manual. Modelagem com argila. Alinhavo, enlaçamento de varinhas.

Dobrado de papel.

Tecelagem de papel.

Corte livre de papel.

Colorido.

Segundo Periodo

A neve e a sua obra. Procedencia dos alimentos e vestuarios, abrigos. Abrigos para animaes. Continuação das observações sobre o tempo.

Numero. Grupos de 4 e 5 e synthese de partes quando seja possivel sem esforço.

Fórma. Fórmas crystallinas dos flocos de neve. Fórmas dos abrigos para animaes. Fórmas de vestuario.

Côr. Como o homem imita a natureza em suas côres.

Direcção e posição. Norte; Este. Oeste. Direita e esquerda.

Jogos e brinquedos. Os jogos devem ampliar os meios de expressão, sempre appellando para o interesse das creanças e fundando-se na observação do assumpto de que então se tratar.

Trabalho manual. Dezenho nas lousas.

Terceiro Periodo

Relações e dependencias commerciaes.

O carpinteiro seu trabalho e ferramentas.

O jardineiro, seu trabalho e ferramentas.

Primavéra—Cuidada observação das arvores e da vida animal. Classificação de flôres, quanto a côr, fórma e numero. Classificação (escolha) de folhas. Collecção de sementes.

Numero. Grupos de 2, 3, 4, 5 e 6 empregados como acima.

Fórma. Instrumentos dos carpinteiros e jardineiros. Fórmas de folhas, flores, plantas, arvores, etc.

Simples fórmas architecturaes.

Côr. Dos instrumentos de trabalho, côr de flôres e passaros.

Direcção e posição. Sul. E'ste e Oeste. Norte. Direita e esquerda.

Trabalho manual. Trabalho com instrumentos de jardineiro. Desenho livre.

Suggestões para o 3.º anno—idade de 5 a 6 annos

Collecção e classificação de sementes. Influencia do tempo, da vegetação, animaes, etc.

O trabalho do vento.

Uso que o homem faz da força do vento nos moinhos.

O trabalho do moleiro e do lavrador.

Numero. Grupos de 2, 3, 4, 5 e 6. Analyse e synthese—Avaliação de dimensões

Fórma. Fórma de sementes e de folhas e classificação quanto á fórma.

Côr. Côr das folhas do outomno, das sementes e dos vegetaes—matizes e sombras nas nuvens, flôres, etc.

Direcção e posição. Nordeste. Sudeste. Noroeste. Sudoeste.

Occupações, jogos de roda e trabalho manual. O uso do 5.º e do 6.º dons em fórmas architecturaes simples, envolvendo o principio que as determina.

Applicação desses principios na vida das plantas, dos animaes e do homem.

Emprego de taes principios e fórmas para construir intelligentemente os objectos de uso commum.

Segundo periodo

Manufactura de generos de lã e algodão. Onde compramos os nossos vestuarios.

O inverno, geada e neve.

O que aquece as nossas casas.

O fogo e o seu uso nas casas, nas usinas, nos transportes.

Uso da agua e do fogo nas usinas.

Numero. Differentes andares nos moinhos e seu emprego.

Valor dos objectos, compra.

Brinquedos envolvendo a idéa de compra e venda.

Fórma. Nas machinas

Côr. Matizes e sombras nos vestuarios. Côres no fogo.

Direcção. Agrupamentos de construcções, claramente acentuadas a direcção e posição.

Jogos. Jogo de roda desenvolvendo o pensamento capital deste Periodo.

Terceiro periodo

Uso da agua nas casas e nas manufacturas.

A chuva e a sua obra em a natureza com relação á vegetação, estructura, etc. Jardinagem.

Numero. Continuação do Periodo anterior. Numero em marcha.

Fórma. Gottas de chuva. Folhas novas, contorno geral das arvores.

Côr. Flôres—Côres da terra quando secca ou humida, ou differindo em côr por outras causas.

Direcção. Direcção do vento e das chuvas, e posição relativa das enxurradas e das poças.

Trabalho manual. Crescente complexidade de dextreza, porém sempre desenvolvendo o pensamento capital dos dons e dando ensejo para que se manifeste a faculdade inventiva da creança.

O trabalho de que extrahimos estas notas é extremamente conciso, tanto na fórma como no fundo. Para bem o comprender seria necessario conhecer a propria instituição a que elle se refere. Limitámonos, por isso, como já deixámos dito, a extrahir o que nos pareceu mais conveniente no sentido de tornar conhecidos os traços geraes desta organização. Não a pretendemos apresentar como norma a seguir, senão como simples elemento de estudo suggestivo. Por esse mesmo motivo calamos a nossa apreciação deixando ao criterio dos professores a selecção do que lhes possa ser aproveitavel.

G. Prestes.

PESTALOZZI

O INICIADOR DO ENSINO MODERNO

FRUCTAS

Uma lição de linguagem

(Este assumpto refere-se mais á maçã que a qualquer outra fructa, mas seria conveniente que a professora tivesse além da maçã: uma pera, um pecego, ameixas, uvas, etc., para mostrar ás creanças. O melhor seria um galho com fructas e flôres, ou um desenho colorido. Deve-se dar primeiramente o nome das fructas e fazer perguntas a respeito das côres. Deve-se tambem animar as creanças a distinguil-as pelo tacto, isto é, a contrastar o velludo pennugento do pecego com a pélle lisa da maçã, da lima, etc. Chamar-lhes a attenção para o cheiro, sabor, etc).

CONVERSAÇÃO

—De onde vêm as fructas?

—Cada fructa vem da sua arvore.

—As arvores levam annos para dar fructas. Quando é que nós vemos fructas na macieira?

—Na primavéra.

—Então a primavéra é o tempo em que a macieira está florescida. E as outras arvores quando florescem?

—Todas as arvores florescem na primavéra. (mostrar a pintura das flôres da macieira, ou qualquer outra flôr de que se queira fallar.

—Quando as florinhas cahem , onde ellas estavam fica um pequenino e duro nó verde. Este nozinho vae crescendo, crescendo durante toda a primavéra e verão, até que amaduréce e fica uma linda maçã formosa e corada como as vossas faces.

(Seria conveniente uma série de dezenhos, mostrando a maçã gradualmente desenvolvida).

—Quem é que ajuda a arvore a fazer a maçã e as outras fructas?

—A terra, o ar, os raios do sol e a chuva.

—Para que servem as fructas?

—Para se comer e para se fazer doces.

Algum de vocês sabe me dizer o que ha bem no interior, ou bem no meio da fructa?

As sementes.

—Todas as creanças gostam de fructas?

— . . . . . .

Qual é a fructa de que mais gostas, F.?

— . . . . . .

—Como se chama a arvore de onde vem essa fructa?

— . . . . . .

—Quem é que tambem gosta muito de fructas e até costuma ir debical-as nas arvores?

— . . . . . .

Doces fructinhas,
Muito gostosas,
Nossas boquinhas
Fazeis gulosas.

Zalina Rolim.

O somno da maçã

Historia para a lição anterior

Foi num pomar que isto se passou.

—No galho mais alto de uma macieira, entre tufos de folhagem, uma linda maçã, corada e fresca como as faces das creançinhas, parecia dormir . . .

Uma pequenita, que brincava por entre as arvores, avistou-a, e, batendo as mãosinhas de gosto, exclamou:

—Ó maçã, vem cá! Basta de dormir; não sejas preguiçosa. Olha que já não são horas de somno. Eu ha muito que ando a correr e saltar em procura de amiguinhas como tu . . .

Vem cá, formosa maçã!

E a maçã não se movia.

A menina chamou-a com força, com mais força . . . e ella parecia sorrir por entre o somno.

Então appareceu o sol, alto, entre nuvens douradas. E a menina pediu ao sol:

«Ó meu querido e brilhante sol, desperta aquella maçã para mim!»

E o sol respondeu:

«Com muito prazer, minha gentil menina, vou tentar o que me pedes».

E mandou alguns dos seus raios que aquecessem e beijassem muito a fructa somnolenta para a despertal-a. Mas os raios de ouro nada conseguiram.

Depois veio um canario côr de ouro como o sol e a menina pediu ao canario:

—«Ó melodioso passarinho, desperta para mim aquella maçã, e eu serei muito tua amiga».

O canario agitou as suas azas, virou a cabecinha para todos os lados e começou um gorgeio tão meigo, tão doce e agradavel que parecia impossivel não despertar a maçã.

E a maçã não deu signal de vida.

Vinha chegando o vento. Um vento sussurrante que agitava e sacudia tudo . . .

E a menina disse:

—«Ah! tu não queres beijos e nem canto . . . vou experimentar outro meio».

E pediu o auxilio do vento.

O vento não esperou que lhe fallassem segunda vez e logo metteu-se por entre a folhagem e—sopra aqui, sacode acolá—de tal sorte que a maçã despertou assustada e, toda tremula, veiu cahir no avental com que a menina a esperava.

E a menina, tomando-a nas mãosinhas, aspirou-lhe o delicioso aroma e, muito contente, disse ao vento:

Muito obrigada, senhor vento.

(Do «In the Child's World»).

(*Trad.*)

Zalina Rolim.

BRINQUEDOS

TRADUZIDOS DO ALLEMÃO, DO INGLEZ E FRANCEZ

PELA

Sra. D. Rosina Nogueira Soares

E

Maria E. Varella

POSTOS EM VERSO E ADAPTADOS

PELA

Sra. D. Zalina Rolim

O MOINHO DE VENTO

Brinquedo. (Do Allemão) Musica 189

As crianças em numero de seis ou de oito, approximam-se de uma arvore, a cujo tronco seguram-se com a mão esquerda. As que tiverem a mesma altura e força devem ficar juntas. Começa então o movimento imitativo do moinho, a principio bem vagarozo, devendo a velocidade ser augmentada aos poucos.

Durante o brinquedo as creanças cantarão os versos seguintes:

Ja viste o moinho girando
Ao sopro de vento amigo?
Dia e noite trabalhando
Móe o milho, móe o trigo.

Nossa vontade, amiguinhas
E' um vento de azas potentes
Sejamos como os moinhos:
Activos, bons, diligentes.

O POMBAL

Brinquedo (Les causeries de la mère)

As creanças, de mãos dadas, formam um circulo, encerrando no centro as duas que hão de representar as pombas. Ao começar o canto afastam-se estendendo

os braços de maneira que imitem as portas do pombal. A palavra: «voáe»... as pombas escapam-se a correr e agitando os bracinhos como si fossem azas. As palavras: «Que á hora habitual»... voltam as pombinhas e fecha-se o circulo. Deve-se então interrogar as pombas viajantes:

—«Onde estivestes? Que vos aconteceu? Que cousas vistes?»—Durante todo o brinquedo deve ser entoado o canto:

Se a porta eu abro ao meu pombal,
Fugi, voae pelas campinas,
Pombinhas brancas sem rival,
De azas subtis e penas finas.
Voae, voae, cortando os ares....
Mas, da tardinha ao brando açoite
Voltae, voltae depressa aos lares,
Que vem pertinho a escura noite.
Vinde que á hora habitual
Se fecha a porta do pombal.

FOGE RATINHO

Brinquedo (Do Allemão) Musica 228

As creanças formam-se em circulo todas de mãos dadas, ficando no centro:—o menino, o passarinho, o peixinho e o ratinho. Movem-se os da roda da esquerda para a direita e os do centro em sentido inverso. As palavras:— «Foge ratinho,» a creança que repre-

senta aquelle animal escuta com muita attenção, até o ultimo verso, em que delle se trata, findo o qual foge para um cantinho qualquer, fóra da roda. Repete-se a mesma cousa com as outras tres, sendo tudo acompanhado pelo canto seguinte:

O Ratinho.

Foge, ratinho
Da ratoeira,
Que alli no escuro
Te quer prender.

Toma cautela
Si o queijo cheira...
Ah! foge della,
Foge a correr!

O Passarinho.

Terna avesinha,
Foge do laço,
Que alli na sombra
Te vão armar.
O ardor refreia,
Que esse embaraço
Teus pés enleia...
Foge a vóar!

O Peixinho.

Foge, peixinho,
Do anzol traiçoeiro,
Que dentro dagua
Te quer pescar.

Quem pega a isca,
Peixe ligeiro,
A vida arrisca...
Foge a nadar!

O Menino.

Foge, menino,
Da linda rosa,
Que, na roseira,
Tu vês se abrir.

Foge, amiguinha,
Que é perigosa...
O seu espinho
Te quer ferir!

O TEMPORAL

Brinquedo. (do Allemão) Musica 269

Reunem-se as creanças que devem tomar parte no brinquedo, em torno de uma mesa e começa o canto. Quando chegarem a palavra—suor—devem passar as mãosinhas na testa, como se ellas estivessem humidas; á palavra—chuva—devem bater de leve

com os dedinhos sobre a mesa, produzindo assim um ruido semelhante ao da chuva a cahir; á palavra—nuvens—devem mostrar o céo; á palavra—vento—devem fazer movimentos com os bracinhos á direita e á esquerda; ás palavras – fita de luz –devem levantar o bracinho direito fazendo com o dedo indicador da mão um zig-zag, imitando o relampago; finalmente á palavra – trovão—devem bater com as mãosinhas fechadas sobre a mesa, levemente a principio e augmentando gradualmente a força.

Que calor! que dia quente!
O ar suffoca e opprime a gente,
E o suor rebenta em fios...
Quem dera a chuva bemdita
Que as frondes do bosque agita
E faz transbordar os rios?...

Agora um vento ligeiro
Vem soprando, mensageiro
De mudanças pelo céo;
Escuras nuvens no espaço
Vão cobrindo, traço a traço,
O azul com tristonho véo.

Senti uma gotta no rosto...
Outra, mais outra, que gosto!
Olha uma fita de luz!
Ribomba o trovão nos ares
E, por todos os logares,
E, por todos os logares,
A chuva as aguas conduz.

Além na floresta densa,
Vinde ver, a curva extensa
Do arco-iris, em resplendor!
Vai cessando a trovoada
E a luz tranquilla e dourada
Do sol tem novo fulgor!

O Passarinho prezo

Brinquedo. (do Allemão) Musica 212.

As creanças, reunidas em circulo, prendem no centro aquella que representa o passarinho e que deve agitar os bracinhos, como fazem os passaros ao levantar o vôo.

A's palavras: «volta ao vergel» as creanças abrem o circulo e o passarinho foge.

Recomeça o brinquedo, sempre acompanhado do canto das creanças e respostas do passarinho.

CREANÇAS.

Eis-te afinal captivo
Neste alçapão, passaro esquivo.
Fica, que em nossa mão,
Terás um ninho de affeição.

PASSARINHO.

Que vale um ninho escasso
A quem conhece o infindo espaço?
Deixae-me, livre no ar,
Voar, voar, voar, voar!

CREANÇAS.

Terás, nem tu imaginas,
Confeitos, doces, cousas finas.
Fica, que em nossa mão
Terás um ninho de affeição.

PASSARINHO.

Com pouco me contento:
Dão-me as campinas o alimento.
Deixae-me livre no ar
Voar, voar, voar, voar.

CREANÇAS.

Nós te queremos tanto!
O teu gorgeio é o nosso encanto.
Fica, que com nossa mão
Terás um ninho de affeição.

PASSARINHO.

Desdenho outra riqueza:
Eu quero o amor da natureza.
Deixae-me livre no ar
Voar, voar, voar, voar.

CREANÇAS.

Ingrato passarinho,
Foges do amor e do carinho;
Fica, que em nossa mão
Terás um ninho de affeição.

PASSARINHO.

Amar não corta as azas;
Quereis prender-me em vossas casas.
Deixae-me livre no ar
Voar, voar, voar, voar.

CREANÇAS.

Basta de queixas e dores,
Volta ao vergel, ao bosque, as flôres...
E's livre: adeus, adeus
Vôa contente aos lares teus.

A CEGONHA E OS SAPINHOS

Brinquedo. (do Allemão) Musica 199

As creanças formam o circulo ficando no centro a que representa a cegonha e que se deve firmar num pé sómente.

Findas as duas primeiras estrophes separam-se todas, pulando e correndo como os sapinhos assusta-

dos e assim vão cantando a terceira. A cegonha deve ser representada sempre pela maior das creanças.

A cegonha já vem vindo
Para aqui, a passos ligeiros,
Cuidado, que o bico abrindo
Ella vos engole inteiros.

Vem se chegando bem perto:
Quem puder que salve a vida,
Fuja, fuja o mais experto
Que a cegonha é atrevida.

Oh, graças! foi-se embora,
Movendo o bico nú...
Vai murmurando agora:
Glú, glú, glú, glú, glú, glú...

Adivinhação de flôres ou fructos

Brinquedo (do Allemão) Musica 255

As creanças fazem o circulo e começam o canto. A professora chama então para o centro uma dellas e venda-lhe os olhos com um lenço. Toma depois

uma flôr ou fructa e approxima-lhe ao nariz para que a reconheça pelo olfacto. A creança que acertar na adivinhação terá a flôr ou fructo como recompensa.

Vamos vêr, amiguinhas,
De nós qual hade ser
Que o nome das florinhas
Vae, pelo odôr dizer.

Vem tu, florinha bella,
Azul, da côr do céu
Irás ás mãos daquella
Que diga o nome teu.

Adivinhação de fructo

Vem tu, doce fructinha,
Em minhas mãos parar,
Que só minha boquinha
Te soube adivinhar.

Adivinhação de qualquer flôr

Vem tu, gentil florinha,
Que a minha mão te quer;
Enfeita a creancinha
Que o nome teu disser.

O mensageiro

Brinquedo (do Allemão) Musica 207

As creanças formam-se em circulo. A que representa o passaro mensageiro deve-se achar no centro e ter um papel dobrado em fórma de bilhete, prezo entre os labios—imitando sempre o bater de azas dos passarinhos. Quando as creanças cantarem as palavras:—«a meus pés»—o mensageiro deve deixar cahir o bilhete diante daquella que escolher para tomar o seu logar.

Este passarinho veio
Pousar cantando a meus pés,
Vem, vem querido a meu seio
Eu bem sei donde tu és.

Foi de Mamãe que vieste,
Com beijos, doce viajor,
Em paga do que me deste,
Leva todo o meu amor.

Canção do Moleiro

Brinquedo (do Allemão) Musica 191

Um grupo de creanças fórma o circulo e quatro vão ao centro; estas formam uma cruz dando a mão

direita uma a outra, em dois pares. Giram assim na mesma direcção. Trocam depois a mão direita pela esquerda e continuam a girar ao som do canto entoado por todas.

Gira, gira, meu moinho
Gira sem parar,
Presto, vivo, ligeirinho...
E' bom trabalhar!
Vae e vem, rodinha agora,
Dia e noite a toda hora
Que has de por fim descançar

TRES PASSOS

Brinquedo (do Inglez) Musica 126

As creanças reunem-se em fileira, uma após outra, e vão caminhando em passos de tres tempos. Quando cada um dos dois primeiros passos contem $^1/_8$ e o terceiro $^1/_4$ do compasso, os braços pendem aos lados. Quando chegam ao p batem palmas. Ao signal ⌒ param um instante e depois continuam, sempre ao som do canto.

Cantae, que é bom cantar!
Do canto é doce a melodia;
Rodae que é bom rodar,
Viva o prazer! viva a alegria.

Si eu fosse um passarinho

Brinquedos (do Inglez) Musica 215

As creanças dispostas em circulo, encerram duas ou quatro no centro. Estas procuram imitar os movimentos do passarinho, do peixe, da lebre, etc., cantando sempre os versos correspondentes. Ao chegarem ás palavras: «Mas eu sou creancinha» . . . —as do centro voltam a fazer parte do circulo e cantam juntas os ultimos versos.

Si eu fosse um passarinho,
Cantára, noite e dia,
Meu caro ninho,
Minha alegria.

Ah! si eu fosse um peixinho,
Nadando, noite e dia,
Meu ribeirinho
Não deixaria.

Si eu fosse uma lebrinha,
Na relva, noite e dia,
Bem ligeirinha
Eu pularia.

Mas eu sou creancinha,
E brinco, noite e dia,
Com mamãesinha
Que me vigia.

A CREANÇA E O RIBEIRINHO

Brinquedo (do Inglez) Musica 267

As creancinhas formam-se em duas fileiras, ficando umas olhando para as outras como se fossem as margens. De mãos dadas e ao som do canto, caminham primeiramente á esquerda e depois á direita. Ao começarem a terceira quadra, imitam com os braços o girar da roda dos moinhos. A' quinta quadra procuram imitar as lavadeiras quando orvalham as roupas e á sexta, recomeçam os movimentos para a esquerda e para a direita com que se dá principio ao brinquedo.

Ribeirinho, que vaes correndo,
Alegre, sem parar,
Fica um instante aqui comnosco...
Não gostas de brincar?

E o ribeirinho diz: não posso,
Eu tenho o que fazer;
O meu caminho é muito longo,
Seguil-o é o meu dever.

A grande roda do moinho
Espera já por mim,
E de passagem vou dar vida
A's flôres do jardim.

As ovelhitas vêm com sede
Beber o meu frescor;
Devo levar a toda parte
Um balsamo ao calor.

As lavadeiras anciosas
A procurar-me vêm,
As suas roupas, sem demora,
Devo alvejar tambem.

Já vês que o meu trabalho é grande,
Eu não posso brincar;
O dia todo em lidas passo
Depois vou ter ao mar.

OS QUATRO IRMÃOS

Brinquedo. (Do Inglez) Musica 82

As creanças dispostas em quatro fileiras, cada uma das quaes representa uma das estações do anno, começam o brinquedo marchando ao som dos primeiros versos. A fileira representante da primavéra deve estar na frente e ser composta das pequeninas. O inverno deve ser representado pelas maiores e ficar em ultimo logar. Terminados os versos do principio, cada estação canta por sua vez os seus e vai depois occupar o ultimo logar, deixando a frente á fileira immediata. As jardineiras devem fazer sempre com que as creanças acompanhem o canto com os gestos e movimentos suggeridos pelos versos.

Quatro irmãos nós conhecemos
Fieis, gentis, amaveis bons.
Todos os annos os vemos
Que vêm trazer-nos seus dons.
Todos os annos os vemos
Que vêm trazer-nos seus dons.

PRIMAVÉRA.

Da primavéra ao sorrizo
Abrem-se todas as flôres,
A campina é um paraizo
De perfume e sons e côres!...

E os passarinhos cantando:
Ti, ri, la, la, ti ri lá lá!...
Andam nos ramos saltando:
Ti, ri, la, lá, ti, ri, lá, lá!!.

VERÃO.

Do verão o sol dourado
Córa os fructos de encarnado,
O lavrador o aproveita
Para a festa da colheita.

Desde os alvores da aurora,
De largo chapéo de palha,
Pelas campinas em fóra,
Anda a gente que trabalha.

OUTOMNO.

Outomno é o tempo das fructas
Doces, rubras, sazonadas;
Voae, creanças, ás luctas
Das colheitas dezejadas.

No pomar vê-se um tapete
De ameixas, laranjas, figos...
Vinde comnosco ao banquete,
Passaros, nossos amigos.

INVERNO.

O inverno chega; que frio!
Cáe das nuvens a geada,
O bosque é um matto sombrio
E a campina é despovoada.

Vamos então, no carinho
Dos nossos tepidos lares,
Como os passaros no ninho,
Inventar novos folgares.

Andar aos saltos por tudo
Dançar, cantar todo o dia!
Ninguem cerre o labio mudo,
Haja no rosto alegria!

AS FLORES DA PRIMAVÉRA

Brinquedo (Do Inglez) Musica 60

Todas as creanças que tomam parte no brinquedo cantam a primeira quadra, reunidas em um grande circulo. Finda esta quadra a creança que representa a primeira flôr canta sozinha. (Pode-se fazer isto com uma ou mais creanças, que vão para o centro do

circulo). Segue-se a segunda, a terceira, etc. A quadra final deve ser tambem cantadas por todas.

Sê bemvinda, primavéra,
Que vens despertar as flôres;
Estamos á tua espera,
Vem dar brilho ás nossas côres.

1.ª FLÔR:

Eu sou a agreste bonina,
A fresca relva é o meu leito;
Sou a filha da campina,
Com minhas graças a enfeito.

2.ª FLÔR:

Eu me chamo myosotis,
Tenho a côr do céo nas faces;
Falta-me o aroma, os meus dotes
São meus encantos fugaces.

3.ª FLÔR:

Eu sou o arbusto de espinhos
Cuido e cerco as outras flôres;
Nos meus galhos fazem ninhos
Sabiás e beija-flôres.

4.ª FLÔR:

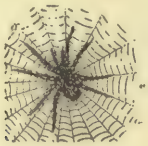
Eu sou a esplendida rosa,
A rainha dos canteiros,
Todos me chamam formosa,
Respeitam-me os jardineiros.

Amigas, da primavéra,
O doce beijo divino,
Tambem na infancia aceléra
A florescencia do ensino.

A CESTINHA

Brinquedo (Do Inglez) Musica 48

Vamos tecer um cestinho
De junco leve e delgado,
Nelle façamos um ninho
De musgo e flores do prado:
Rosas, jasmins, trepadeiras...
Que levaremos fagueiras
P'ra o natal do papaezinho
La, la, la, la, la, la, la,
Oh, vinde vinde amiguinhas
La, la, la, la, la, la, la.



GUIA PARA JARDINEIRAS

(Do «Paradise of Childhood», de Edward Wiebé)

Traduzido, com modificações, por

Gabriel Prestes

INSTALLAÇÃO DE UM JARDIM DE INFANCIA

Os requisitos para o estabelecimento de um jardim de infancia são os seguintes:

1) Um predio contendo ao menos uma grande sala, com espaço sufficiente para a reunião das creanças, não sómente para as occupações, tanto sentadas como de pé, mas tambem para os jogos de acção que, nos dias de máu tempo, devem fazer-se dentro de casa.

2) Contiguas ao salão, uma ou duas salas menores para diversos fins.

3) Um numero de mesas, de accordo com as dimensões da escola, tendo cada mesa uma superficie lisa e polida de 10 pés de cumprimento por 10 pés de largura, assentes em uma armação movel de 18 a 24 polegadas de altura. As mesas devem ser divi-

didas em 10 espaços quadrados, cada um delles destinado a uma creança. Os espaços destinados a cada creança devem ser, por sua vez, divididos em quadradinhos de uma polegada para servirem de pontos de referencia em muitas das occupações. De ambos os lados das mesas deve haver assentos, que se possam dobrar, ou cadeirinhas de dez a quinze polegadas de altura. Nem as mesas nem as cadeiras podem ser fixas ao solo, a fim de que se possa removel-as para dar logar ás occupações em que os moveis não sejam empregados.

4) Um piano para gymnastica e exercicios de musica, o que é essencial, pois que as occupações são intermeadas ou acompanhadas de musica ou de exercicios de canto.

5) Commodos para se guardarem o material e os trabalhos das creanças:—um armario, lavatorios, cadeiras, mesas para professoras, etc.

O predio deve ser estabelecido em logar aprazivel e afastado do rumor das ruas, sendo inutil accrescentar que as salas devem satisfazer ás condições hygienicas. O edificio deve ser circumdado de jardim ou, pelo menos, deve ter um jardim contiguo para os frequentes exercicios ao ar livre e para jardinagem. Cada creança terá um pedaço de terra, no qual semeará e cultivará plantas, para colher as flores e fructos devidos á sua industria e cuidados.

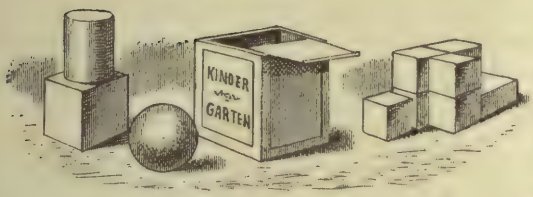
Quando junto ao jardim funccionar alguma *training scool*, (escola de pratica, como as nossas Escolas Modelo) as creanças podem ser distribuidas em grupos de cinco ou dez, cada um dos quaes será guiado em suas occupações por uma das alumnas da escola.

Havendo grande numero de taes auxiliares, facilmente podem se revezar neste trabalho. Nas escolas

desta natureza, a cargo de um director competente, as moças podem assim adquirir um completo conhecimento do systema. Mas, para isso, é preciso que se resolvam a permanecer na instituição por determinado tempo, seguindo pacientemente os detalhes do methodo se tiverem em vista preparar-se para dirigir Jardins de Infancia com successo.

Os estabelecimentos em que houver mais de vinte creanças devem ter em effectivo serviço uma guardiã, encarregada do asseio e da vigilancia da casa.

OS JARDINS DE INFANCIA



Antes de entrar na descripção dos processos dos Jardins de infancia, cumpre lembrar que o creador deste systema de educação, Frederico Frœbel, deu a denominação de *jogos* a todas as *occupações* dos Jardins de infancia, e de *dons* ou *dadivas* ao material empregado em taes occupações.

O systema dos jogos frœbelianos basea-se neste principio fundamental—de que toda educação deve começar pelo desenvolvimento do *desejo de actividade* innato nas creanças, e, como todo o mundo sabe, é neste ponto que a obra de Frœbel alcançou o mais eminente successo.

Cada passo, cada periodo do seu programma é um seguimento logico dos precedentes, e os varios meios de occupação nascem uns dos outros numa

ordem perfeitamente natural, a começar pelas mais simples até chegarem ás mais complicadas. Além disso satisfazem *todas as exigencias* da natureza infantil no que respeita, tanto á cultura physica, como ao desenvolvimento mental, de modo a formarem a mais segura base para toda a subsequente educação—na escola e na vida.

O *tempo de occupação* nos Jardins de infancia é de tres a quatro horas em cada dia da semana, geralmente de 9 horas ao meio dia ou á 1 da tarde, e o tempo consagrado a cada especie de occupação, incluindo as mudanças de umas para outras, varia de 20 a 30 minutos. Os jogos, que se fazem assentados, alternam-se com os *jogos de acção*, isto é, aquelles em que as creanças imitam o vôo de passaros, a natação, os movimentos de semear, de lavrar a terra, etc., exercicios de facil gymnastica e exercicios vocaes. Todas as occupações que se possam realizar ao ar livre, fazem-se no jardim desde que o permittam a estação e o tempo.

Como as occupações intimamente se relacionam, como que nascendo umas das outras, deve-se dal-as gradualmente de modo a conceder a cada creança amplo tempo para se preparar para as seguintes sem prejuizo, com tudo, do progresso das que tenham edade ou faculdades mais desenvolvidas.

E' esta a lista dos *dons*, material e meios de occupação nos Jardins de infancia, cada um dos quaes será em seguida especificadamente descripto.

São ao todo vinte *dons* segundo a definição geral de Frœbel. Entretanto, só os seis primeiros são geralmente designados pela denominação de *dons*. Preferimos, porém, seguir a classificação e a nomenclatura do grande creador do systema.

Relação dos dons de Frœbel

1. Seis bolas de borracha, cobertas com tecido de retróz ou de lã de varias côres.

2. Esphera, cubo e cylindro, de madeira.

3. Cubo dividido em oito cubozinhos.

4. Cubo dividido em oito partes oblongas.

5. Cubo, divisivel em metade e em quartas partes.

6. Cubo, consistindo em partes oblongas, duplamente divididas.

(Os dons ns. 3, 4, 5 e 6, servem para construcções).

7. Taboinhas quadradas e triangulares para compôr figuras.

8. Varinhas para traçar figuras.

9. Anneis e meios anneis para compôr figuras.

10. Material para desenho.

11. Material para picagem.

12. Material para alinhavo.

13. Material para recorte de papel e combinações.

14. Material para tecelagem em papel.

15. Varetas para entrelaçamento.

16. Reguas com dobradiças—gonigrapho.

17. Fitas para enlaçamentos.

18. Material para dobradura.

19. Material para construcções com ervilhas.

20. Material para modelagem.

O PRIMEIRO DOM

O primeiro dom, que consiste em seis bolas de borracha cobertas de lã com as tres côres primarias e as tres secundarias, é empregado do modo seguinte:

As creanças são dispostas de modo a formar uma ou duas fileiras, mantendo-se com as cabeças erectas, os pés alinhados segundo uma dada linha ou assentes sobre signaes feitos no soalho. Feito isto, a professora dará ordens como estas:

—Levantem todos a mão direita, bem alto.

—Abaixem a mão direita.

—Ergam a mão esquerda. Abaixo.

—Ergam as duas mãos. Abaixo.

—«Extendam a mão direita para eu dar a cada um de vocês um brinquedo que tenho aqui nestas caixas.

A mestra dará então a cada creança uma bola perguntando:

—«Qual de vocês me poderá dizer o nome do brinquedo que eu lhes dei?

Devem seguir-se perguntas, pela mesma fórma, relativas á côr, á substancia, á fórma e a outras qualidades da bola que provocarão as respostas: azul, amarella, de borracha, redonda, leve, macia, lisa, etc.

Faça-se então com que as creanças repitam as sentenças proferidas pela mestra: A *bola* é *redonda*, a *minha bola* é *verde*, *todas* estas bolas são feitas de *borracha*.

Devolvam as creanças todas as bolas excepto as *azues*. As creanças, que restituiram as bolas, venham, uma por uma, tirar das caixas uma bola azul.

Todas as creanças ficam com bolas azues. A mestra dirá então:

Cada um de vocês tem agora uma *bola azul*, feita de *borracha*, *redonda*, *lisa* e *leve*, para brincar com ella. Amanhã hei de dar a vocês uma outra bola e depois uma outra, todas de borracha, mas cada uma de *côr* differente.

As seis bolas de côr differente devem ser empregadas, uma em cada dia da semana, o que facilita ás creanças o lembrarem-se dos dias da semana pelas côres das bolas. Depois de distribuidas as bolas, devem fazer-se sempre as perguntas que acima figurámos, ensinando-se tambem as creanças a levantar e baixar as mãos com as bolas. Isto é bastante para a primeira lição e, com isto apenas, pode-se ter a certeza de despertar o enthusiasmo e o prazer.

Esta primeira occupação tem por objecto ensinar as creanças a fazerem a distincção entre direita e esquerda e a darem a denominação propria ás varias côres. Presta-se tambem a desenvolver o orgam vocal e a instruil-as nos principios de polidez.

Pelo que segue, se verá como tudo isto se póde fazer com uma occupação tão simples como esta do jogo da bola.

Apresentando as bolas, a mestra deve ter cuidado em fazer com que cada creança extenda sempre

a mão direita e de um modo gracioso. Collocando a bola na mão de cada creança, dirá:

—Carlos, vou pôr em tua mão direita esta bola vermelha, (verde, amarella, etc.)

E deve fazer com que a creança responda:

—«Obrigado, senhora.

Terminado o jogo, ao entregar as bolas, dirão:

—«Eu colloco esta bola (vermelha, verde, etc.) no seu logar, com a minha mão direita.

Quando as creanças já tiverem adquirido alguns conhecimentos, poderão ser consultadas no começo:

—Com que bola, você quer brincar hoje: a vermelha, a azul ou a verde?

A creança consultada responderá.

—«Com a bola azul, (ou qualquer outra.)

Parecerá monotono que cada creança repita a mesma phrase; é, porém, sómente pela constante e paciente repetição que se póde ensinar alguma cousa com precisão, e é, sem duvida, de grande importancia que os tenros espiritos das creanças no seu periodo de formação aprendam ao mesmo tempo a apreciar a belleza da ordem e a necessidade de regras de conducta. Assim, nunca deve ser dada a *mão esquerda* quando se pede a *direita* e todos os enganos desta ordem devem ser cuidadosamente notados e emendados pela mestra, pois um dos mais importantes caracteristicos deste systema consiste em crear os habitos de precisão.

Como meio de verificar as noções relativas ás côres adquiridas pelas creanças, a mestra deverá fazel-as indicar objectos que conhecem com as côres das differentes bolas. Depois de haverem indicado varios objectos, deve-se fazel-as construir sentenças como estas:

«A minha bola é verde como uma folha. A minha bola é amarella como um limão. A minha é vermelha como o sangue».

Tudo o que se disser nestas lições de conversação deve ser pronunciado precisa e distinctamente, a fim de desenvolver os orgams da palavra e corrigir qualquer defeito de elocução quer seja devido a vicio organico ou a desleixo. Ha nestas lições opportunidade e ensejo para exercicios de prosodia e elocução. Não se deve considerar como extemporaneo este periodo para taes exercicios. Se as creanças aprenderem a *fallar* bem, antes de *ler*, desnecessario se tornará o ensino especial da *leitura com expressão.*

Para um segundo jogo da bola, a classe deverá formar um circulo depois que as creanças tiverem recebido as bolas pela maneira já indicada. Devem conservar-se bastante afastadas umas das outras de modo que cada creança, com os braços extendidos, possa tocar nas mãos dos seus visinhos da esquerda e da direita. Deste modo cada creança póde dar e receber a bola simultaneamente, devendo as mãos esquerdas, para isso, levantar-se de maneira a receberem promptamente as bolas. Os braços levantam-se então acima das cabeças e as bolas passam da esquerda para a dextra, baixando novamente á primeira posição (braços extendidos). Estes movimentos repetem-se até que as bolas tenham feito um circulo completo, voltando á mão direita dos seus primitivos possuidores. Passam-se então as bolas para a mão esquerda pelo mesmo modo e repete-se o exercicio, mas em sentido inverso. Este exercicio deve repetir-se até que se execute rapida e ao mesmo tempo graciosamente.

Simples, como a primeira vista se afigura aos que nunca o realizaram, este exercicio não é facil,

estretanto, para as creanças de mui tenra edade, as quaes não conseguem fazel-o sem constantes enganos e interrupções. E' preferivel que as creanças não voltem a cabeça para olhar as mãos durante a troca das bolas; devem fazel-o guiadas sómente pelo sentido do tacto, e para executal-o com mais certeza deve-se fazer com que ellas fechem os olhos. Não se deve, porém, ensaiar este jogo, como nenhum outro dos que seguem, antes de adquirida a dextreza necessaria por meio do primeiro processo que é o mais simples.

Para o terceiro jogo, as creanças devem formar duas fileiras uma em frente á outra. Sómente os de uma fileira recebem as bolas e as atiram para os fronteiros, primeiro um a um; em seguida dos a dous e, finalmente, todos ao mesmo tempo, e sempre á voz da mestra: um, dous . . . tres.

Em seguida, formando quatro fileiras, as creanças da primeira atiram as bolas ao ar e aparando-as, remettem-n'as á segunda fileira, esta á seguinte e esta á quarta, devendo o exercicio ser commandado como acima, ou acompanhado de *canto*, logo que isto se possa fazer.

Para maior variedade do jogo, as bolas podem ser atiradas ao soalho e apanhadas no pulo com a *mão direita* ou com a *esquerda*, ou com a palma invertida.

Outros exercicios que interessam sempre as creanças podem ainda ser feitos com as bolas, taes como fazel-as saltar varias vezes antes de as apanhar, o atiral-as de encontro ao muro, etc.

Em todos os exercicios, porém, deve-se ter cuidado em fazel-os executar em perfeita ordem e de modo que todas as creanças tomem parte no jogo, por sua vez.

Ao terminar o jogo da bola, cada creança deve occupar o logar que lhe fôra antes designado. As

bolas são recolhidas por um ou dous alumnos de mais edade. Isto feito, cada creança toma a mão de seu visinho e faz-lhe uma cortezia; formam-se dois a dois e, depois de marcharem acompanhados de musica, percorrendo duas ou tres vezes a sala, voltam aos seus logares para nova occupação.

O SEGUNDO DOM

O segundo dom consta de uma esphera, um cubo e um cylindro. Collocando-os em cima da mesa juntamente com uma bola de borracha, a mestra pergunta:

—«Qual destes tres objectos se parece mais com a bola?

As creanças, com certeza, apontarão a esphera mas, naturalmente, sem lhe dar o nome.

—De que é feito? perguntará a mestra pondo-a na mão de um dos alumnos ou rolando-a sobre a meza.

—De madeira, respondem as creanças, sem duvida.

Podemos pois chamar este objecto—*bola de madeira*; mas podemos tambem dar-lhe um outro nome; podemos chamal-a—*uma esphera.*

Cada uma das creanças pronunciará então a palavra, articulando-a distinctamente. A esphera e a bola serão, além disso, comparadas no respeitante á côr, á substancia, ao peso, etc., a fim de se evidenciarem as suas analogias e differenças. Ambas são *redondas*, ambas *rolam*; A bola é *macia*, a esphera é *dura*; a bola é *leve*, a esphera é *pesada*. A esphera faz mais barulho do que a bola quando cae no soalho. A bola salta quando cae e a esphera não. Todas estas respostas serão dadas pelas creanças após repetidas ex-

periencias e perguntas, devendo cada uma repetil-as em sentenças completas.

As creanças formam então um circulo, e a mestra faz rolar a esphera em direcção a uma dellas, para que esta a detenha com os pés. Essa creança colloca-se então no centro e faz rolar a bola para uma outra, repetindo-se este jogo, até que todas tenham vindo a occupar o centro do circulo.

Para outra vez as creanças sentar-se-ão no soalho formando duas fileiras, uma em frente á outra. Dá-se então ás primeiras de cada fileira uma esphera branca e uma preta. As duas creanças devem trocal-as fazendo as espheras rolarem uma para outra. Em seguida, as espheras serão roladas obliquamente, e cruzando-se em direcção ás creanças que occupam os segundos logares nas fileiras e, assim por diante, até que as espheras cheguem á ultima creança de cada fileira e voltem de novo ás primeiras. As duas espheras devem ser lançadas ao mesmo tempo o que se conseguirá, contando-se: um . . . dous, ou fazendo observar o compasso de uma musica.

Uma outra variedade de jogo, para uso deste dom, consiste em collocar a bola a uma certa distancia no soalho, fazendo-se com que cada creança procure acertar nella com a esphera.

Depois destes jogos, collocam-se em cima da meza a esphera, o cubo e o cylindro, provocando-se as creanças a descobrirem e designarem os pontos de semelhança e de differença entre os dois primeiros. Ellas descobrirão que ambos são feitos de madeira e têm a mesma côr; que a esphera póde rolar e o cubo não. Pergunte-se a causa disso, e a resposta será talvez, mais o menos esta:

«A esphera é redonda», ou «O cubo tem cantos»

Quantos cantos, então, têm o cubo?

As creanças contam os cantos e respondem:

—Tem oito.

«Se eu pozer o meu dedo em um destes cantos e o fizer escorregar até este outro em baixo (assim) o meu dedo passou por uma *quina* do cubo. Quantas destas quinas podemos contar no cubo? Vou passar o dedo em cada quina e vocês vão contando.

—«Uma, duas, tres . . . . . doze.

O nosso cubo tem, pois, oito cantos e doze quinas.

Vou agora mostrar quatro cantos e quatro quinas . . . olhem. Tudo isto aqui, com estes quatro cantos e quatro quinas é um *lado* do cubo. Contem agora quantos lados tem o cubo.

—«Um, dous, tres, quatro, cinco, seis».

Todos estes lados são eguaes ou algum é menor do que outro?

—Todos são eguaes.

O nosso cubo tem, pois, seis lados, todos eguaes, e cada lado tem 4 quinas, todas eguaes.

Cada um destes lados do cubo chama-se um *quadrado*.

Para explicar o cylindro faz-se uma conversação semelhante a esta, sendo de notar que o ensino, dado assim, deve basear-se principalmente na comparação, que é, de facto, o unico methodo philosophico.

A esphera, o cubo e o cylindro são collocados em frente ás creanças, como acima. Ellas facilmente reconhecem e nomeiam os dous primeiros, mas ficam duvidosas quanto ao terceiro. Deve-se deixar que a sua imaginação se esforce á procura de um nome

para designal-o, dizendo-lhes por ultimo que é um *cylindro*, e ensinando-as a pronunciar a palavra bem distinctamente.

—«Que vê você no cylindro e que se acha tambem no cubo?

—O cylindro tem dous lados.

—«Os lados são quadrados como os do cubo?

—Não são.

Mas o cylindro póde ficar de pé num dos lados como o cubo. Vamos vêr se elle póde tambem rolar como a esphera. Sim! rola, mas não como a esphera porque póde rolar sómente para dous lados, emquanto que a esphera rola para qualquer lado. Assim, a esphera, o cubo e o cylindro são semelhantes em alguns pontos e differentes em outros. Diga-me em que são todos perfeitamente eguaes.

São todos de madeira; são lisos; são da mesma côr; são pesados; fazem barulho quando caem no chão.

Estas respostas devem ser suggeridas por experiencias com os objectos e por perguntas logicamente feitas, de modo a que estes resultados sejam alcançados como simples e naturaes conclusões.

O exercicio póde ainda ser continuado fazendo-se com que as creanças nomeiem objectos parecidos com a esphera, com o cubo e com o cylindro.

As quinas do cubo podem tambem ser explicadas como representando *linhas direitas*. O ponto em que duas ou tres linhas ou quinas se encontram chama-se um *canto*, um *angulo*, tendo cada *lado* do cubo quatro destes angulos.

Resumindo tudo o que até aqui se póde ensinar: O cubo tem seis lados, ou quadrados, todos eguaes; oito cantos e 12 quinas; cada lado do cubo tem qua-

tro quinas, todas eguaes; quatro cantos ou quatro angulos.

Suspendendo-se a esphera, o cubo e o cylindro, por um duplo cordel, pode-se fazel-os girar em torno de si mesmos, a fim de mostrar que a esphera aparece sempre com a mesma fórma, qualquer que seja a maneira por que se olhe para ella; que o cubo, quando gyrando (suspenso pelo centro de um de seus lados), se apresenta com a fórma do cylindro, e que o cylindro quando girando (suspenso pelo centro de seus lados redondos) se apresenta sob o aspecto da esphera.

Assim, esses tres objectos constituem uma trindade em que a esphera contém o cylindro e este o cubo, formando o cylindro a mediação entre os dous, ou a transição de um para outro—embora não se faça sentir á creança esta connexão que é uma lei natural, segundo a qual tambem o fructo se contém na flôr e esta se occulta no botão.

Suspensos por outros pontos, o cubo, a esphera e o cylindro apresentam outras fórmas, que interessam as creanças e que podem tornar-se instructivas para os seus tenros espiritos se forem acompanhadas de uma conversação adequada por parte do mestre.

O TERCEIRO DOM

O terceiro dom consta de um *cubo* dividido em oito cubozinhos de uma polegada.

Uma das inclinações que mais predominam nas creanças é a de *dividir* as cousas de modo a poderem examinar as partes de que ellas se compõem. Este instincto natural observa-se desde logo em toda creança. Quantas vezes não as vemos estragar os seus brinquedos, quebrando-os para verem *o que está dentro* e ficarem depois tristes e desapontadas ao sentirem-se incapazes de reconstruil-o? O terceiro dom de Frœbel funda-se na observação deste facto. Dá-se, pois, á creança um *todo* cujas *partes* ella póde facilmente *separar* e *reunir de novo* á vontade. Assim, ella pode fazer, o que não lhe era possivel com o brinquedo – restituir ao dom a fórma primitiva por ella mesma desfeita, e não sómente isto, sinão que póde usar tambem das partes para construir novos *todos*.

O primeiro dom, ou meio de occupação, foi a bola como vimos; o segundo a esphera, semelhante ao primeiro mas em alguns pontos dessemelhante tambem. Seguiram-se, como vimos, o cubo e o cylindro, ambos semelhantes em alguns pontos á esphera embora cada um tenha os seus caracteristicos proprios, que os distinguem da bola e da esphera. Recebendo

o cubo, divisivel em oito cubozinhos, a creança encontra-se pois com um objecto que não lhe é extranho, e sente-se satisfeito com a multiplicidade do dom. Cada um dos cubozinhos é, em tudo, semelhante ao todo, excepto no tamanho. A creança desde logo nota essa circumstancia do primeiro brinquedo com que vai iniciar as suas *construcções*. Por um simples golpe de vista, a creança recebe as noções de *todo* e de *partes*, de *fórma* e de *grandeza relativa*. Dividindo o cubo, desde logo, a impressionam as relações em que as partes estão umas para com as outras, no que respeita á posição e á ordem dos movimentos. Por esse modo aprende facilmente a comprehender o uso de termos como estes: *em cima, em baixo, adiante, atraz, direita, esquerda, etc.*

Estes e os seguintes dons servem para formar as diversas combinações a que Frœbel chama *fórmas de vida* (reaes) *formas de conhecimento* (ideaes) e *fórmas de belleza* (combinações de symetria).

As primeiras são a representação de objectos que tem existencia real e que caem no dominio da observação commum, taes como os trabalhos devidos á sciencia e á arte humana. As segundas são as que se executam para dar ensejo á instrucção relativa aos conhecimentos de *numero*, de *ordem*, de *proporção*, etc.

As ultimas finalmente, são as que representam *fórmas ideaes* mas construidas assaz regularmente, de modo a apresentarem perfeitos modelos de *symetria* e *ordem* no arranjo das partes. Assim nas occupações em que se empregam estes simples elementos de construcção, a creança é posta em contacto com o mundo real—dando-se-lhe a primeira noção dos objectos por comparação, de modo a que aprendam as suas propriedades por inducção e adquiram o amor do bello pela contemplação das fórmas regulares e symetricas.

A apresentação do terceiro dom

Depois de terem as creanças tomado os seus logares de costume, a mestra dirige-se a ellas mais ou menos nestes termos:

—Vou dar hoje a vocês um novo brinquedo.

Traz em seguida as caixas do segundo dom, mas sem satisfazer desde logo a curiosidade das creanças, isto é, sem mostrar-lhes o que as caixas contém; ao contrario deve começar perguntando:

«Com qual dos objectos que ante-hontem dei a vocês se parecem estas caixas?

—Com o cubo.

A mestra faz, então, com que as creanças descrevam a caixa, como descreveram o cubo, quanto aos seus lados, quinas, cantos, etc.

Isto feito de modo satisfactorio, tira-se a tampa de uma das caixas e, invertendo-a, assenta-se a caixa sobre a meza. Se a caixa for de madeira, como geralmente são, faz-se com que ella fique assente sobre a tampa que, quando retirada deixa os cubos em pé sobre a mesa. Descobrindo-os com cuidado, de modo que os cubos permaneçam como estavam na caixa, a professora pergunta:

—«Que é que você vê agora?

A resposta será como a anterior: «Um cubo.

Mande-se que uma das creanças o arraste sobre a meza. Como é natural, as partes do cubo serão assim separadas e o que era antes um *lodo* ficará em fragmentos deante das creanças. Examinem as creanças os cubozinhos, e, depois que cada uma dellas tiver visto o cubozinho, todos serão restituidos á mestra que notará:

—«Meus meninos, assim como desmanchámos o cubo vamos agora *concertal-o*. Vamos vêr se podemos collocal-os todos juntos como estavam antes».

Feito isto, distribue-se uma caixa a cada creança e faz-se com que todas se exerçam em remover as tampas e a retirar os cubos sem desfazer a sua unidade. A principio as creanças acham isso difficil e commettem muitos desacertos. Deixe-se, porém, que continuem a exercitar-se até que, por fim, algumas o consigam. Comece-se então uma nova occupação.

Preparação para construir fórmas

A superficie das mezas, como se sabe, é coberta de linhas que se cruzam formando quadrados de uma polegada. Os espaços destinados a cada creança são assignalados por linhas mais carregadas e o centro é marcado por uma côr differente. Nestas primeiras lições de conversação deve-se ensinar as creanças a designarem o canto direito superior do espaço marcado em frente a cada uma, o esquerdo superior (de cima), o esquerdo e o direito de baixo (inferior), os lados direito e esquerdo; o de cima, o de baixo, e o centro. Com varetas ou pauzinhos, de comprimento conveniente, as creanças podem indicar posições estendendo-os na meza em linha da esquerda para a direita passando pelo centro do espaço ou estendendo-os do angulo direito superior para o esquerdo inferior passando pelo centro; em seguida, do meio do lado superior para o inferior passando tambem pelo centro, e assim por deante. A mestra deverá ter muito cuidado em usar de termos de facil comprehensão e em evitar de substituil-os de maneira que produzam ambiguidade ou confusão ás creanças.

Aqui, como nos exercicios mais adeantados, tudo deve fazer-se com cuidado e precisão. As creanças precisam ficar conhecendo a importancia da ordem e da regularidade em todos os actos.

Em summa, passamos a dar uma illustração do methodo a seguir.

Tendo recebido as caixas do 3.º dom, as creanças devem collocal-a exactamente no centro dos seus espaços de modo a cobrir quatro quadradinhos. Tomem as caixas com a mão esquerda e retirem a tampa com a direita, collocando-a no canto direito de cima dos seus espaços. Em seguida ponham a mão esquerda sobre a caixa aberta e invertam-n'a com a mão direita de modo que a mão esquerda venha a assentar na superficie da mesa. Retirando-a com cuidado, ficará a caixa invertida cobrindo os quadradinhos do centro. Com a mão direita retirem-se as caixas com cuidado de modo a ficarem de pé no mesmo logar os cubos que ella contem. Por ultimo colloque-se a caixa sobre a tampa no canto direito superior, tomando-se sentido em que todas fiquem na mesma posição.

(Se os cubos forem guardados em caixas de madeira com tampas de encaixe, modifiquem-se de accordo com esse dispositivo estas indicações).

Ao terminar qualquer jogo, quando o material tiver de ser arrecadado, deve observar-se a mesma minucia de detalhes.

Para isso, colloque-se a caixa sobre os cubos, a mão esquerda por baixo tendo-os na palma; inverta-se a caixa collocando-a de novo no centro e adapte-se a tampa. Estes processos repetem-se muitas vezes até que as creanças adquiram a dextreza necessaria para as construcções.

Fórmas reaes

Abertas as caixas, como acima, e collocados os cubos no centro dos espaços, pergunte-se:

—«Quantos cubos tem vocês?»

—Oito.

—Contem os cubos collocando-os em uma fileira da esquerda para a direita (ou da direita para a esquerda).

—O que foi que formaram na meza?

—Uma fileira de cubos.

—Vejam com o que essa fileira de cubos se parece. Suggira-se um objecto mais ou menos semelhante: um trem, uma linha de soldados, etc.

—Agora vamos contar de novo os cubos, collocando-os uns em cima dos outros. Que foi que fizeram?

Uma pilha de cubos.

«Qual de vocês conhece uma cousa parecida com a pilha de cubos?

—Uma chaminé, uma torre.

«Ponham sobre a mesa os cubos e façam duas pilhas separadas por um quadradinho.

Com o que é que se parecem?

—Duas torrinhas, ou duas chaminés.

Assim, com os oito cubos do 3.º dom muitas fórmas reaes podem construir-se sob as indicações da mestra. Attenda-se porém, a que nenhuma das construcções seja desmanchada sem methodo, pois que as novas fórmas devem derivar-se de leves modificações das primeiras.

Nas gravuras com que terminamos este capitulo, encontram-se muitas dessas construcções que assim foram determinadas por Frœbel.

1. Cubo—mesa de cosinha.
2. Lareira.
3. A cadeira do vovô.
4. A cadeira de vovô e a de vovó.
5. Um castello com duas torres.
6. Uma fortaleza.
7. Um muro.
8. Muro alto.
9. Duas columnas.
10. Grande columna com duas pedras para inscripção.
11. Poste de signaes.
12. Cruz.
13. Duas cruzes.
14. Cruz com pedestal.
15. Monumento.
16. Guarita.
17. Poço.
18. Porta da cidade.
19. Arco do triumpho.
20. Porta com torreão.
21. Egreja.
22. Torre.
23. Um castello.
24. Locomotiva.
25. Uma ruina.
26. Uma ponte.
27. Duas fileiras de arvores.

28. Duas vigas de madeira.
29. Um estrado.
30. Dous cepos de madeira.
31. Quatro bancos de jardim.
32. Escada.
33 Dupla escada.
34. Duas columnas com pedestal.
35 e 36. Tanques.
37. Tunnel.
38. Cadeira de braços.
39. Banco com encosto.
40. O cubo.

Alguns dos nomes desta lista representam objectos que, por serem proprios da Allemanha, não serão reconhecidos pelas creanças. Ruinas, castellos e alguns outros são cousas que as nossas creanças provavelmente nunca tiveram occasião de ver. E' facil, porém, sobre essas mesmas cousas que ellas não conhecem, dizer-lhes algo que as interesse. As creanças ouvirão com prazer pequenas historias narradas como meio de explicação, e assim, associando o conto á fórma, podem tornar-se capazes de reconstruir esta, ao mesmo tempo que forem repetindo a narração por palavras proprias. Não é de esperar, entretanto, que as nossas professoras acceitem de um modo completo estas construcções. Com vantagem poderão variar as fórmas, ou mesmo, adoptando as que aqui se encontram, dar-lhes novas denominações conforme as analogias que notarem. Será mesmo conveniente muitas vezes adoptar as denominações suggeridas pelas proprias creanças, fazendo-as notar as semelhanças entre as construcções e os objectos que lhes sejam mais familiares.

No intuito de tornar ainda mais util esta occupação, deve-se fazer com que as creanças indiquem os pontos de dessemelhança entre a fórma e os objectos que ellas representam.

Deve-se tambem, ás vezes, deixar que as creanças *inventem* fórmas, auxiliando a mestra a imaginação do alumno na construcção e dando nomes ás formas assim creadas.

Quando a creança encontrar uma nova fórma que se affeiçoe a algum objecto, a mestra fará com que ella a reproduza diversas vezes. As creanças que estão ha mais tempo no Jardim e são portanto mais adeantadas, podem suggerir tambem aos alumnos mais novos, formas que já conhecem.

E' muito sabido que, em casa, as creanças de menos edade se desenvolvem muito mais rapidamente do que as outras, exactamente porque estas auxiliam o desenvolvimento das primeiras. Esta vantagem da associação manifesta-se muito mais no Jardim de Infancia, sob a direcção de professoras que saibam animar o que é bom e evitar todo o mal nas tendencias infantis

Cumpre ainda notar, em additamento a estas indicações que, no emprego deste como dos seguintes dons, é essencial que todas as peças entrem na construcção de cada figura, de modo a infundir nas creanças o habito de considerar as cousas como sempre mutuamente relacionadas. Não ha cousa alguma que não tenha o seu logar certo e cada parte é sempre essencial para a constituição do todo.

Fórmas ideaes (de conhecimentos)

Estas não representam objectos reaes. Servem para instruir o alumno no respeitante ás propriedades

e relações de numeros, por meio de determinados arranjos e agrupamentos dos cubozinhos. Rigorosamente fallando, o primeiro exercicio de contal-os enfileirando-os sobre a mesa devia estar subordinado a esta epigraphe. A fórma assim produzida, embora variavel á cada tentativa é uma das fórmas de conhecimento e por ella recebem as creanças a primeira lição de arithmetica.

Proseguindo, a creança aprende a sommar sempre empregando os cubos como illustração de cada passo. Assim, tendo collocado dous cubos a pequena distancia um do outro faz-se a creança repetir: «Um cubo mais um cubo são dous cubos», collocando em seguida um outro na mesa: «Um cubo mais dous cubos são tres cubos», e assim por deante até chegar-se ao total dos cubos.

Ensina-se a subtração de um modo identico. Estando collocados todos os cubos sobre a mesa, a creança começa a retiral-os, um de cada vez dizendo: «De oito cubos tirando um ficam sete; de sete cubos tirando um ficam seis», e assim por deante.

Conforme as circumstancias, das quaes o melhor juiz será a jardineira, póde-se proseguir nestes exercicios, fazendo-se a somma de 2, de 3, tendo-se, porém, cuidado em não passar além, emquanto os *passos* anteriores não estejam perfeitamente sabidos.

Com as classes mais adeantadas podem-se tentar exercicios de multiplicação e divisão pelo agrupamento de cubos.

A divisão do cubo para explicação dos principios de proporção é tambem uma occupação interessante e instructiva. Damos por isso indicações mais minuciosas sobre o methodo a seguir.

As creanças têm todas deante de si um cubo de oito divisões. A mestra dispõe tambem de um desses cubos. Separando a metade superior, como se vê na illustração da 1.ª pagina n. 4, perguntará:

«Tomei todo o cubo, ou deixei uma parte delle na mesa?»

—A senhora deixou uma parte na mesa.»

«Tenho na mão uma parte do cubo maior do que a que ficou na meza ou ambas são eguaes?

—São eguaes.

Eu dividi, pois, o meu cubo em duas partes eguaes, e cada uma dessas partes chama se *metade*. Onde estão as duas metades do meu cubo?

—Uma está na sua mão e a outra está na mesa.

Assim eu tenho duas *metades* do cubo. Vou pôr a metade que tenho na mão em cima da metade que está em cima da mesa. O que ficou agora?

—O cubo inteiro.

A mestra separando então o cubo novamente em duas metades, puchando quatro cubozinhos para a direita e quatro para a esquerda, como o indica a illustração n. 2, perguntará:

«Que é que eu tenho agora deante de mim?

—Duas metades do cubo.

«Antes eu tinha uma metade em cima e uma metade em baixo. Agora eu tenho uma metade á esquerda e outra metade á direita. Reunindo-as ainda, eu tenho de novo um cubo inteiro.»

Repitam-se as mesmas operações e mais a que vem indicada no n. 3 fazendo-se as creanças repetirem.

Um cubo inteiro—Duas metades.

Duas metades—Um cubo inteiro.

As duas metades são em seguida subdivididas como se vê nos ns. 5, 6 e 7, repetindo as creanças durante esta occupação:

Um cubo inteiro.—Duas metades

Uma metade—duas quartas partes (ou quartos).

Dous quartos.—Uma metade.

Duas metades.—Um cubo todo.

Depois de bem entendido este processo, as creanças devem procurar dividir tambem o cubo primeiro individualmente, depois todas juntas. Se o fizerem com successo poderão passar a dividir o cubo em oitavos. Geralmente, porém, não é de bom conselho ir tão longe.

As creanças de quatro annos de edade devem restringir-se ao emprego dos cubos para as construcções e para as mais simples fórmas de conhecimento.

Fórmas symetricas

Começando com um pequeno numero de arranjos simples, ou posições de cubozinhos, podemos amplial-os por meio de uma lei fixa, que consiste em fazer com que toda a mudança de posição seja acompanhada de uma alteração identica no lado opposto. Por este modo constroe-se uma infinita variedade de figuras representativas não de objectos reaes, mas figuras que pela regularidade do seu contorno agradam a vista e cultivam o gosto artistico. O amor do bello não póde deixar de desenvolver-se, assim, na alma das creanças e a esta emoção se associará o

amor do bem, pois que esses dous sentimentos são inseparaveis.

As obras da natureza caracterizam-se por uma perfeita ordem e symetria. As construcções de fórmas symetricas com os cubos preparam o espirito das creanças a apreciar mas tarde a ordem que rege o universo.

As gravuras das paginas 4 e 5 mostram que taes fórmas são feitas com a altura de um cubo sómente e conseguintemente, representam contornos de superficies. E' necessario que as creanças sejam guiadas nas suas construcções por um centro que facilmente reconheçam. E' ao redor desse ponto central que todas as partes symetricas devem ser arranjadas exactamente como se dá com o destino do homem cujos actos e pensamentos devem girar em torno de um ideal, formando um todo harmonioso e bello.

Afim de poderem fazer as variadas fórmas de symetria com este simples material de que dispõem, as creanças devem começar por aprender de que modo dous cubos podem ser postos em contacto. A gravura da pagina 4 mostra quatro dessas posições. Os cubos podem ser dispostos, ou reunidos pelos lados, pelas arestas, as arestas em contacto com os lados ou faces e inversamente. Outras mudanças de posição podem ainda fazer-se. Por exemplo, na figura 1, o cubo marcado com a lettra *a* póde ser collocado acima, á esquerda, ou á direita do cubo marcado com a lettra *b*. Além disso os cubos podem ser collocados guardando certas relações uns para com outros, mas sem contacto immediato, como um preparativo para as construcções que devem seguir-se. Um dos caracteristicos principaes do systema de Frœbel consiste em habilitar as creanças a observarem e promptamente descobrirem todas as relações em que se acham os objectos

uns para com outros. Conseguintemente, deve-se exigir assaz perfeição em todos os detalhes destas occupações.

Partimos de qualquer das fórmas fundamentaes que, por si mesma, se apresente ao nosso espirito. Tome-se, como exemplo, a forma n. 5. Quatro cubos vêem-se ahi reunidos, lado a lado, formando uma superficie quadrada e o contorno geral completa-se então pela disposição dos quatro cubos restantes pelas arestas ou pelas faces como mostram as figuras 6, 7 e 8. As figuras 9—15 mostram uma outra maneira de desenvolvimento destas fórmas. Os quatro cubos de fóra movem-se para a direita percorrendo a extensão de meia polegada até que, de novo reapparece na fig. n. 15 a fórma primitiva.

Agora, os quatro cubos de fóra occupam a posição do n. 8. Como se vê na pag. fig. 16. As arestas tocam as faces do cubo médio. Movendo-as, como acima se fez, originam-se differentes fórmas até a reconstrucção da fórma que servir de ponto de partida.

Tomem-se agora os cubos interiores *b* fig. 22 e colloque-se cada um delles de modo que se toquem pelas arestas com os exteriores *a* e forma-se assim a fig. n. 23. Fazendo em seguida cada um desses cubos percorrer o contorno do seu visinho, chega-se as fórmas representadas nas figs. 24—29 em que se obtem um quadrado central desoccupado.

Os cubos *a* recomeçam ainda o seu movimento, tomando uma posição obliqua em relação aos outros, fig. 30, e proseguindo o movimento, a fórma n. 29 reapparece na figura 36.

Em seguida tiram-se para fóra os cubos *b* fig. 37 e, puchando para dentro os cubos *a*, origina-se a figura 38. Movendo-se os cubos *b* para a direita,

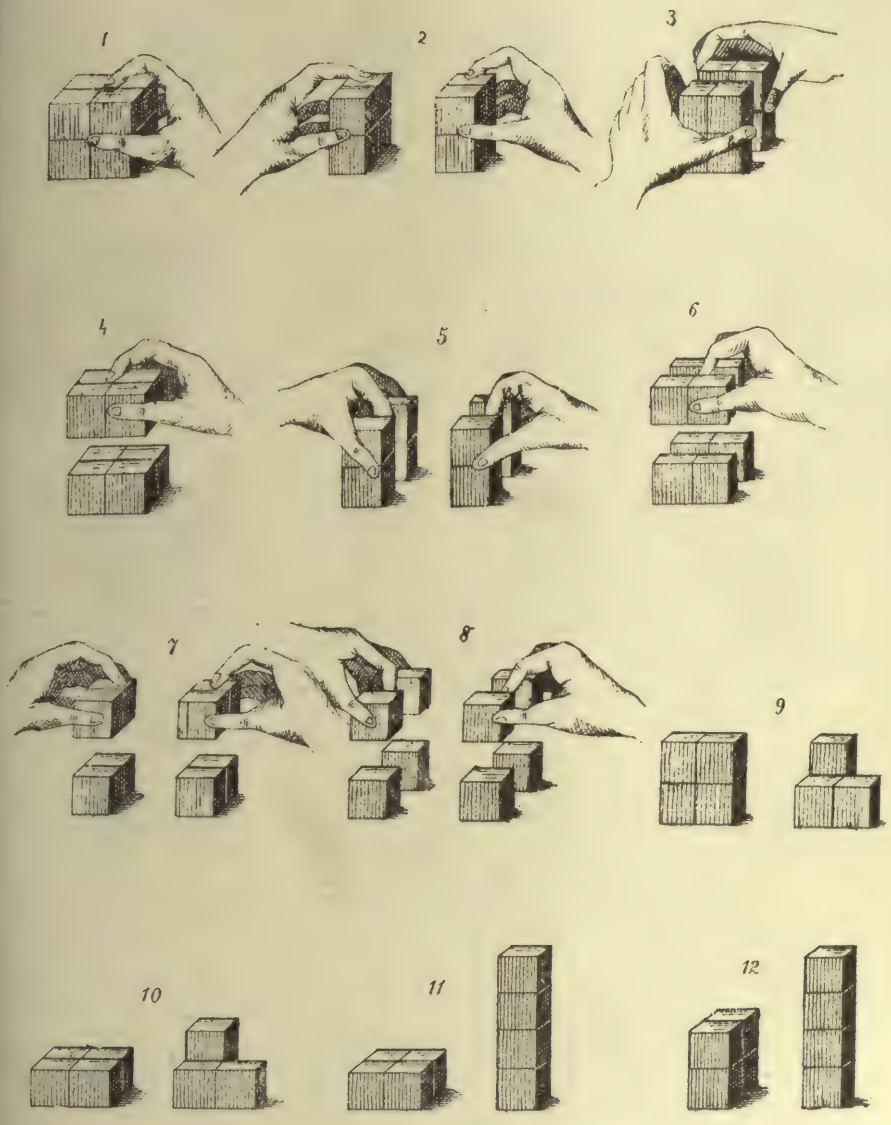
fórma-se a série de figuras até a de n. 43 em que todos se reunem formando um quadrado. Os cubos *b* recomeçam o seu movimento percorrendo de cada vez a extensão de um cubo (uma polegada), formando-se, assim, as figuras 44, 45, 46 e 47, sendo esta a reproducção da fórma que serviu de ponto de partida

Na figura 48 é o cubo *b* que faz o que fizemos com *a*.

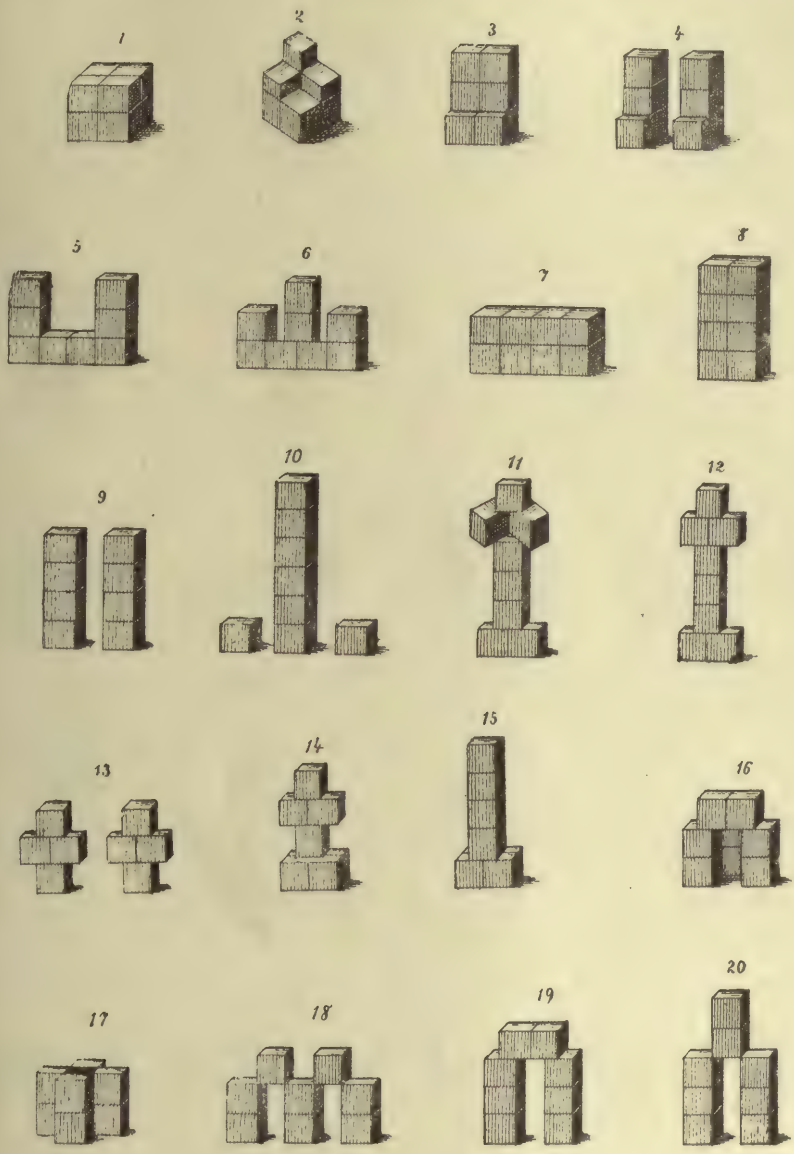
Com creanças mais adeantadas pode-se proceder de outro modo, partindo da fig. 49 que dá logar a modificações de dous lados em vez de alterar os quatro, chegando-se assim a construir as formas 50—60.

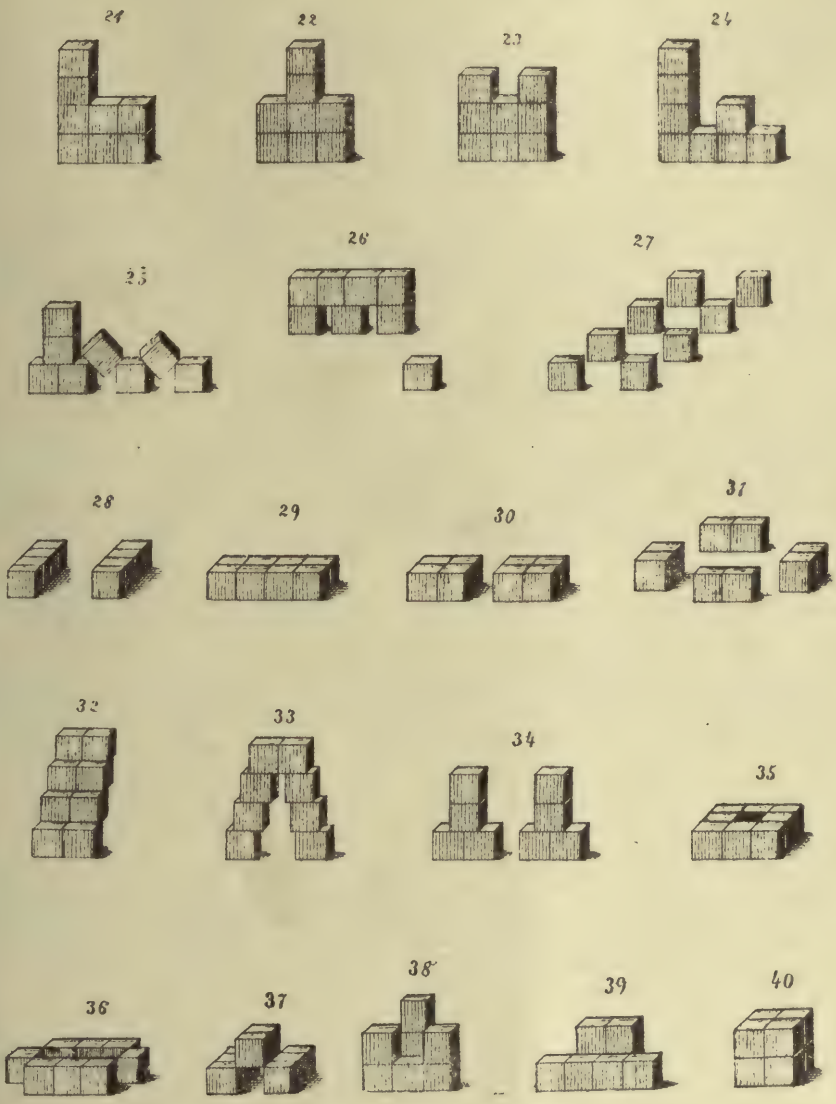
Depois de cada occupação as creanças devem collocar os cubos em suas caixas, pelo modo já indicado e o material deve ser guardado antes de começar um novo jogo.

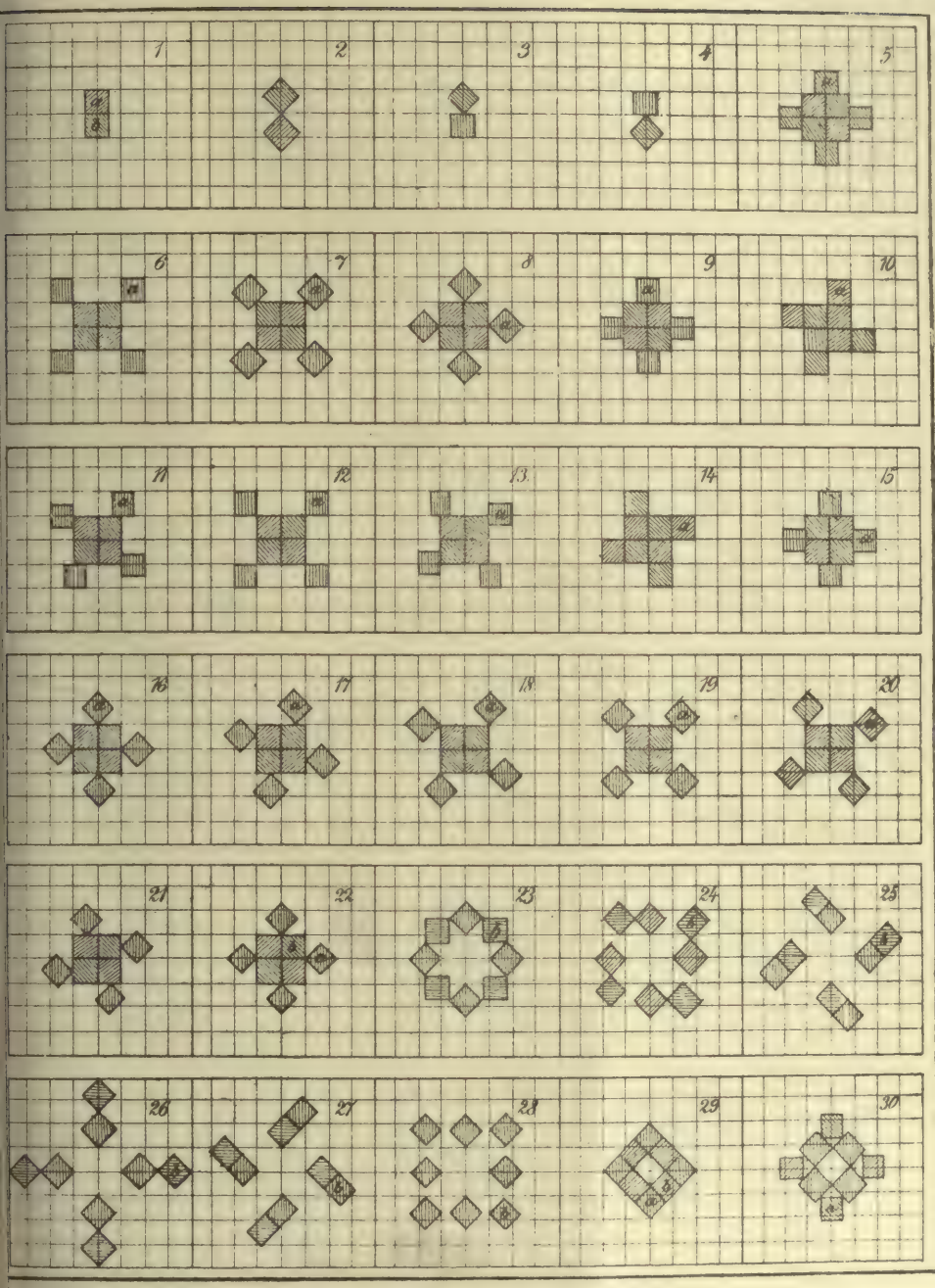
3.° DOM

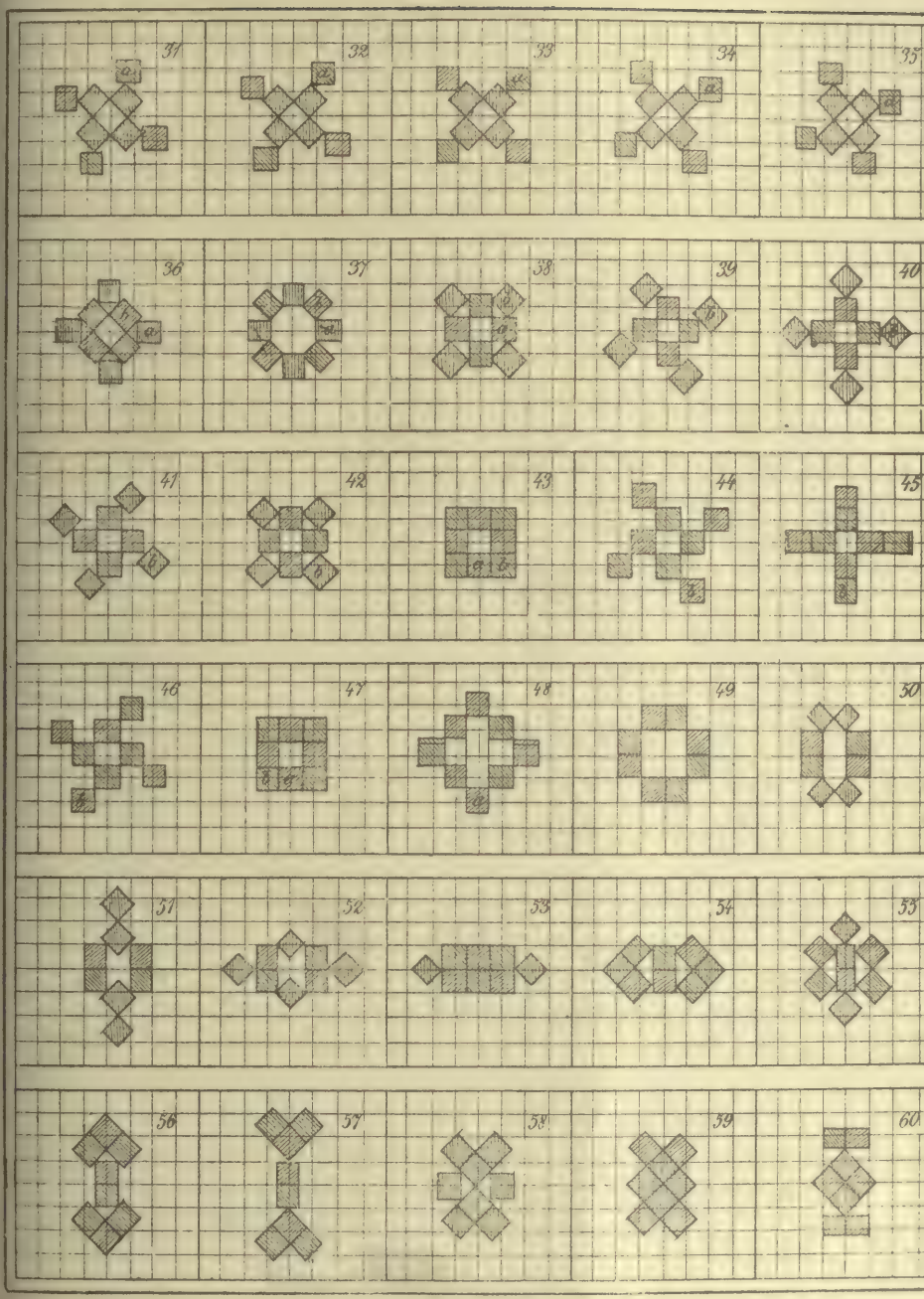


3.° DOM




21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30


31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60

QUARTO DOM

O dom precedente consta, como vimos, de um cubo dividido em oito cubos, mas todos com iguaes dimensões. No quarto dom, porém, é maior a variedade, pois as partes do cubo são agora parallelepipedos, cujo cumprimento corresponde a duas vezes a largura e quatro vezes a altura. Estas dimensões guardam entre si as mesmas proporções que as dos tijolos communs, e, por isso, já se têm dado a estas partes do quarto dom a denominação de tijolos. Prestam-se estes parallelepipedos para ensinar-se as creanças a differençarem as tres dimensões, cumprimento, largura e altura ou profundidade. A differença entre estas dimensões torna possivel a construcção de uma variedade de fórmas maior do que a que se póde obter com o terceiro dom. Essas fórmas fazem as creanças comprehenderem mais distinctamente a significação dos termos horizontal e perpendicular. Se a professora julgar conveniente levar além a experimentação, muitas verdades philosophicas poderão desenvolver-se, como, por exemplo, a lei do equilibrio, collocando-se um bloco atravessado sobre outro, o phenomeno da transmissão de movimento, etc.

Daremos, dóra em deante, a denominação de blocos aos parallelepipedos, para simplificar a exposição.

Preparativos para as construcções

Este dom é apresentado ás creanças de modo identico ao que seguimos para o terceiro. Retira-se a tampa e inverte-se a caixa sobre a mesa. Erguendo a caixa cuidadosamente, os blocos permanecem como estavam, formando o cubo. Faça-se com que as creanças notem que, quando inteiro, as suas dimensões são eguaes ás do cubo do terceiro dom. As suas partes, entretanto, são differentes na fórma, embora eguaes em numero. São ainda oito blocos. Comparem as creanças um dos cubinhos do terceiro dom com um dos blocos oblongos deste dom. Notem as semelhanças e dessemelhanças. Embora não percebam conscientemente que, não obstante a fórma, os dous solidos tem a mesma capacidade, comtudo desde que empregam oito de cada vez para formar um cubo da mesma grandeza, esse simples facto constitue para as creanças uma importante lição. Indiquem-se objectos que se pareçam com os blocos do quarto dom. As creanças designarão promptamente «um *tijolo*, a *mesa*, um *piano*, o *armario*, etc., e se as deixarmos iniciar a construcção de fórmas de objectos, sem duvida hão de construir *caixas*, *bancos*, etc.

Fórmas reaes

As fórmas reaes, segundo a relação de Frœbel, são as que se encontram nas gravuras juntas, paginas 6 e 7. Se os nomes não parecerem rigorosamente apropriados, procurem as professoras substituil-os convenientemente.

1. O cubo.
2. Tampa da mesa (Parte superior).

3. Duas pranchas ou tampas de mesa.
4. Quatro pranchas.
5. Oito tijolos ou blocos para construcção,
6. Um longo muro de jardim.
7. Uma porta de cidade.
8. Outra porta de cidade.
9. Uma estante para colmeias.
10. Uma columnata.
11. Um pontilhão.
12. Uma torre.
13. Um coreto.
14. Coreto com portão.
15. Uma bica.
16. Um poço.
17. Um poço com páu para roldana.
18. Uma fonte.
19. Um quintal.
20 e 21. Muros de jardim.
22. Bebedouro (para animaes).
23 e 24. Muros e casas.
25. Ponte.
27 e 31. Bancos.
32. Mesa e bancos de jardim.
33. Mesa.
34 e 36. Tumulos.
37 e 38. Monumentos.
39 e 40. Escadas.
41. Estabulos.
42. Cantos de rua, encruzilhada.
43. Tunnel.

44 e 45. Torres.

46. Frontespicio de uma casa.

47 e 48. Cadeiras com e sem estrado.

49. Exemplo de transmissão de movimento.

Aqui, como no dom anterior, as fórmas se originam uma das outras com pequenas modificações, que devem ser acompanhadas de explicações por parte da professora. Assim, a fórma 30 facilmente se muda nas de ns. 31, 32 e 33, e do mesmo modo a de n. 34 póde transformar-se nas designadas pelos numeros 35, 36 e 37. Em todo o caso, porém, é essencial que na construcção se empreguem todos os blocos.

Fórmas ideaes

Este dom, como o anterior, emprega-se tambem para ministrar noções de divisibilidade. Neste, porém, por causa da fórma particular das partes, o processo adapta-se mais a illustrar a divisão de superficies que a de um solido.

O cubo é arranjado de maneira a mostrar tres cortes (linhas) horizontaes e uma vertical (perpendicular). A creança póde dividil-o em metades, estas metades em quartos e estes quartos em oitavos. Cada um dos oitavos é constituido pelos blocos oblongos. Sobre isto, por emquanto, devem versar os exercicios de conversação.

—De que é feito este bloco?

—Que côr tem?

—Com que objectos se parece?

—Qual é o maior lado?

—Qual o menor?

Por este modo as creanças aprendem que há tres especies de lados (faces) symetricamente arranjados, aos pares: O de cima e o de baixo (superior e inferior); o direito e o esquerdo; o da frente e o de traz, que respectivamente são eguaes entre si.

Por meio de perguntas ou de explicações directas outros factos como estes podem-se tornar evidentes ás creanças: —Os lados de cima e de baixo são duas vezes mais largos que os da esquerda e da direita e que os de deante e detraz; estes são duas vezes mais largos que os da esquerda e da direita. Conseguintemente, os dous lados maiores são quatro vezes mais extensos que os dous menores. Tudo isto póde demonstrar-se, de um modo muito interessante, collocando-se diversos blocos reunidos em diversas posições, devendo as proprias creanças acompanharem estas operações fazendo por si mesmas identicas experiencias. Os cubozinhos do dom precedente podem tambem servir ainda para serem comparados com os blocos deste dom, afim de se notarem as differenças.

Depois que o cubo tiver sido assim usado com vantagem em diversas lições, os blocos podem então empregar-se para a construcção das fórmas ideaes.

Construa-se a fórma da plancha n. 3. Afim de demonstrar as relações de dimensão, divida-se a primeira fórma em duas metades por um dos cortes horizontaes ou perpendiculares (*b* e *c*).

Estas duas fórmas darão ensejo a instructivas observações e notas, perguntando-se:

—Que fórma tinha o primeiro objecto? »

—Que fórma têm as suas metades?

—Quantas vezes a altura é maior que a largura?

Do mesmo modo com relação á posição:—ás duas (*b*) estão *deitadas*, as duas (*c*) estão em *pé*.

—Mudem a posição de uma das que estão deitadas, collocando-se na posição inversa. Para fazer isto a creança terá de fazel-a girar descrevendo um quarto de circulo da direita para a esquerda.

—Reunam dous blocos pelos lados menores. Vocês têm agora um bloco mais cumprido e deitado, fig. *e* (escolha-se a denominação mais apropriada á creança para designar os blocos; talvez a mais conveniente seja a de taboinhas).

—Separem agora as metades (fig. *f*) e dividam cada parte em outras metades (fig. *i*).

—Têm agora vocês quatro partes, chamadas quartos e todas formam quadrados.

Cada uma destas partes póde ser subdividida de maneira a ensinar-se ás creanças o methodo da divisão por 2.

Outros materiaes podem ser empregados conjunctamente com os blocos. Prestam-se para isso quaesquer pequenos objectos que sirvam para illustrar as propriedades dos numeros. E' claro que taes exercicios devem ser feitos de um modo que não contrarie a natureza, não devendo, pois, começarem prematuramente sem attender-se ao desenvolvimento dos alumnos. Nas figs. *e*, *g*, *h*, e *k* da gravura n. 3 acha-se indicado um outro modo de illustrar as fórmas que se referem a este dom. As figuras 1—16, da mesma gravura, mostram o modo de proceder nos exercicios de addição e subtracção, a que já nos referimos no terceiro dom.

Fórmas symetricas

Recorde-se o que dissemos sobre o processo a seguir para relacionar os blocos na construcção des-

tas fórmas. Aqui, ellas são muito mais numerosas do que no terceiro dom por causa da maior variedade nas dimensões das partes. A pagina de gravuras n. 4, indica as diversas fórmas de symetria derivaveis da fórma original n. 1, na qual cada dous blocos fórmam um grupo distincto que, reunidos, fórmam o quadrado n. 1. As figuras de 1—9 obtém-se pelo movimento dos blocos exteriores em torno da parte média que fica estacionaria.

Tirem-se então para fóra os blocos interiores *a* (fig.) e unam-se esses blocos de modo a formarem no meio um quadrado desoccupado, vasio, (fig. 11), em torno do qual fazem-se mover gradualmente os blocos *b* (figs. 12 e 13.)

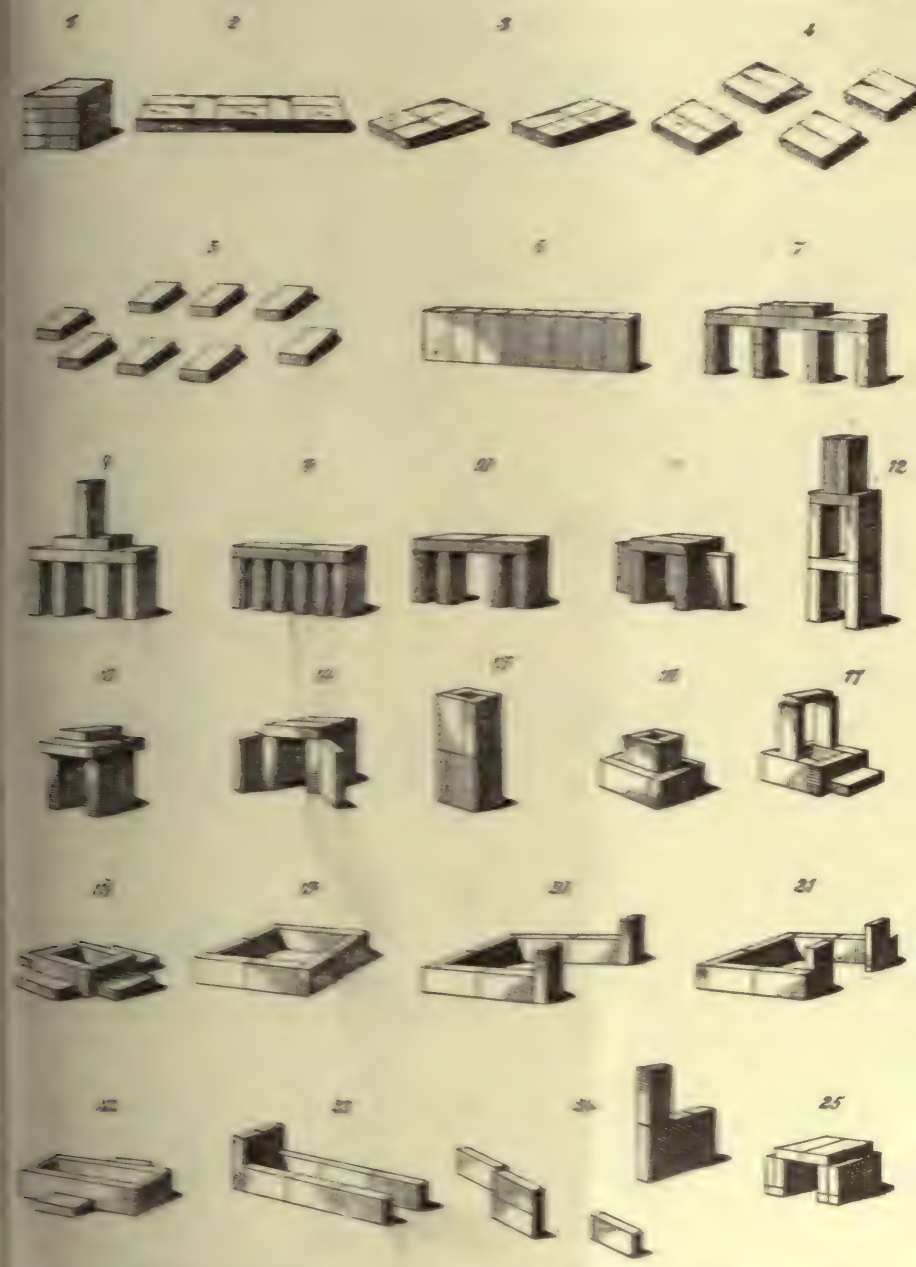
Combinem-se agora os blocos *b* de modo a formar uma cruz em torno do quadrado central. Os blocos *a* collocados fóra, originam a série de figuras até a de n. 17.

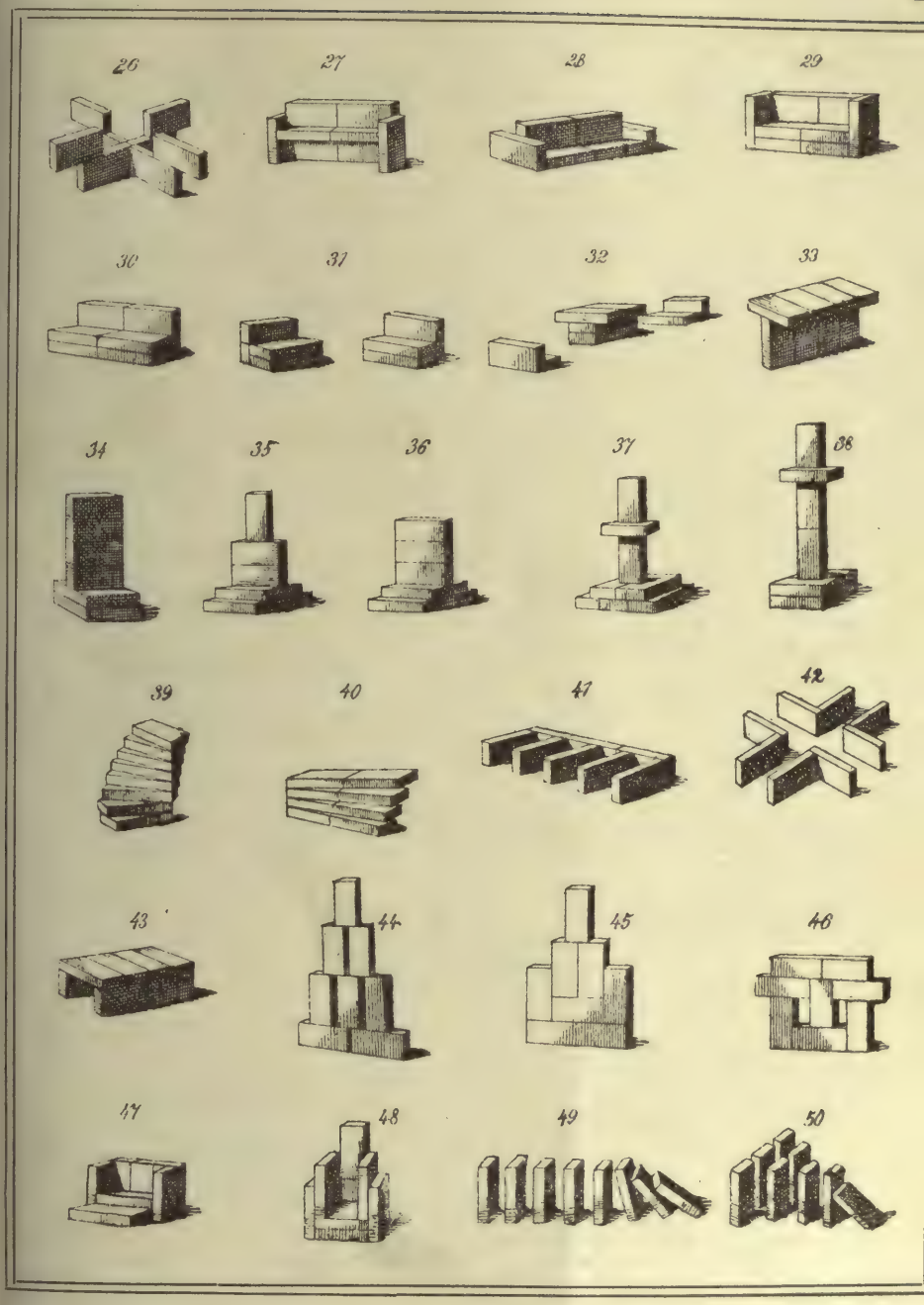
Puxando os blocos *b* forma-se então a estrella de oito raios (fig. 18). Na figura 19 os blocos *a* giram sobre si mesmos. Os blocos *b*, afastando-se do centro até tocarem as arestas dos primeiros, determinam a fórma de uma flôr (fig. 20).

Agora os blocos *b* giram sobre si mesmos (fig. 21) e, afastando-se os blocos *a*, obtem-se a fórma de uma corôa. Invertendo os blocos *b* forma-se a figura 23. Reunindo-os pelos cantos e movendo na mesma posição os blocos *a*, forma-se a figura 24. Começando a mover os blocos *a*, em torno dos outros que ficam estacionarios, forma-se a série de figuras de 25—29, na qual os blocos *a* estão collocados em cruz e podem servir de ponto de partida para uma nova série de fórmas.

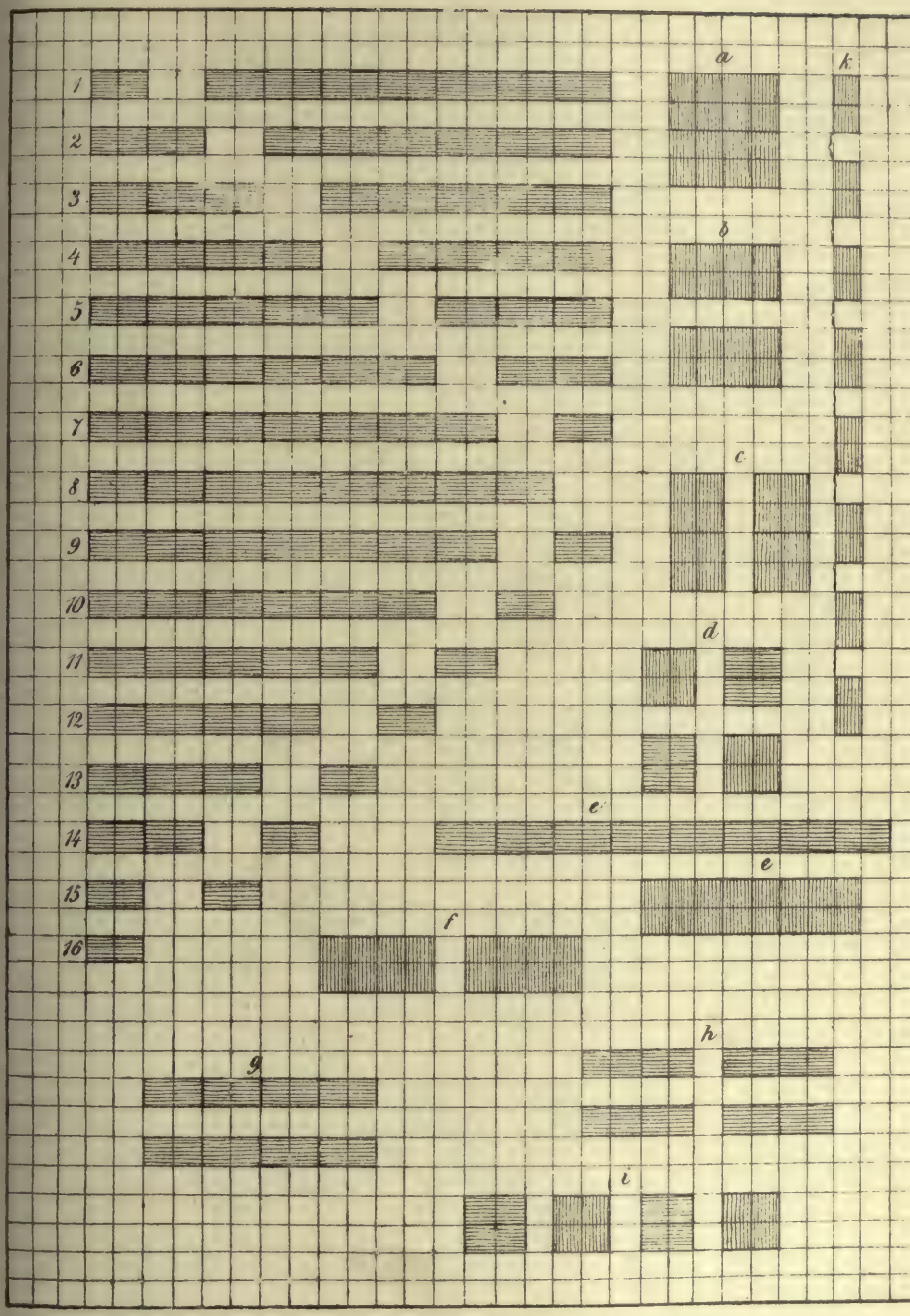
Cada uma destas figuras póde soffrer uma grande variedade de alterações, bastando para isso collocar

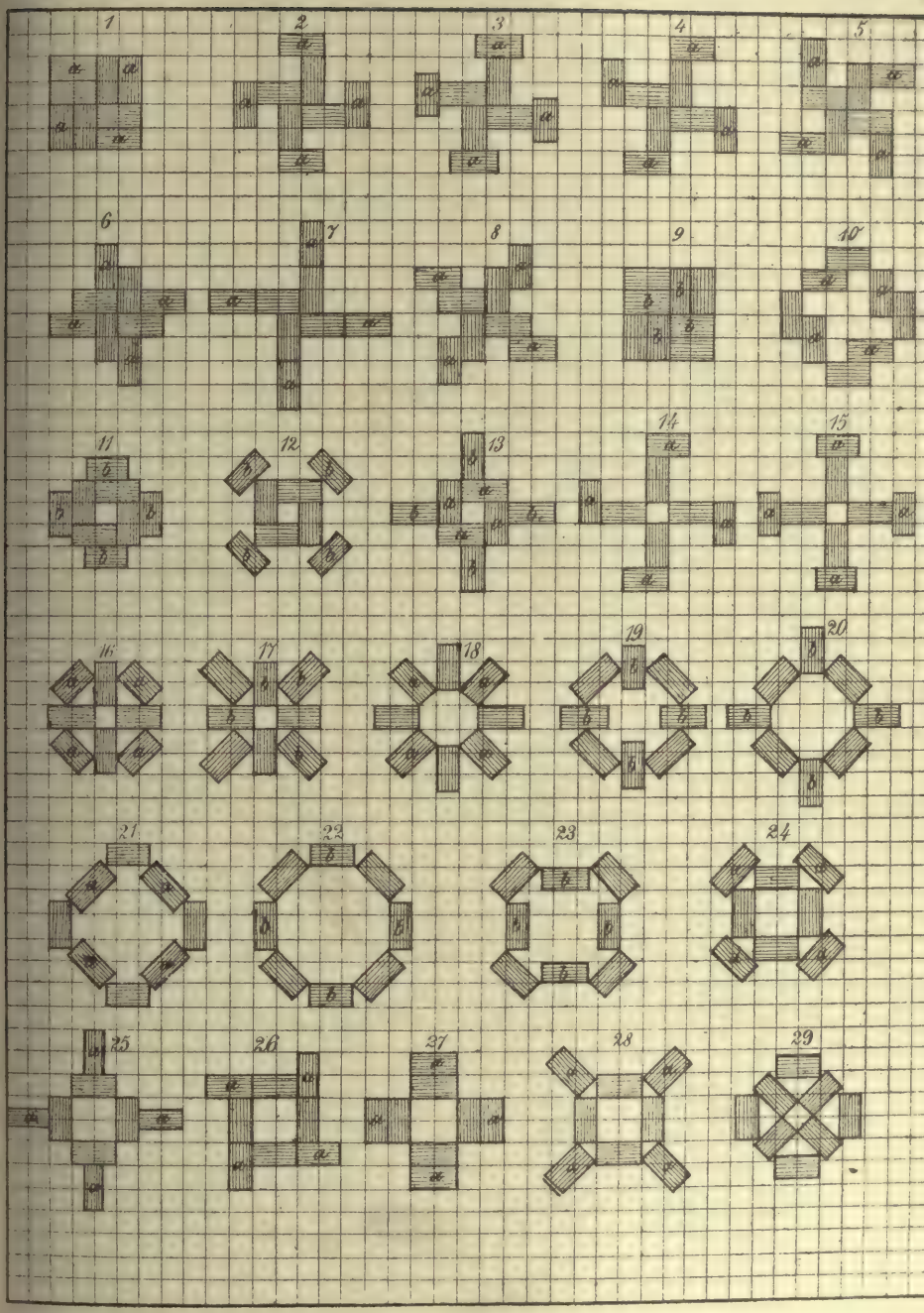
os blocos segundo as suas faces mais longas ou mais curtas, ou, como diriam as creanças, pondo-as *deitadas* ou *de pé*. A rede de quadrados feita na mesa das creanças serve de guia na construcção destas formas. Para iniciar o *invento* de novas fórmas começa-se collocando um bloco acima, a baixo, a direita ou a esquerda do centro escolhido e um segundo em posição opposta e equidistante do mesmo centro. Dous outros devem ser collocados á direita ou esquerda destes, porém, na mesma posição relativamente ao centro. Os quatro restantes collocam-se em qualquer posição mas sempre symetricamente. Movendo-se os primeiros ou os segundos em qualquer direcção, forma-se uma grande variedade de figuras.


1
2
3
4
5
6
7
9
10
12
17
21
24
25


26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

4.° DOM




1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

QUINTO DOM

Todos os dons do Jardim da Infancia, como já dissemos, originam-se uns dos outros. O quinto dom, como o quarto e o terceiro, consta ainda de um cubo embora maior que os anteriores. O cubo do terceiro dom era dividido uma vez em todas as direcções. O cubo do quinto dom é dividido duas vezes em cada dimensão, conseguintemente em *tres partes eguaes*, constantes de *nove* cubozinhos de egual *tamanho*. Como, porém, essa divisão apenas tornaria multiplo o material sem o diversificar, foi necessario introduzir um novo elemento subdividindo alguns dos cubos em direcção obliqua.

Até aqui considerámos apenas linhas horizontaes e perpendiculares. Estas posições oppostas, entretanto, tornavam necessario um elemento médio, e este elemento de transição foi desde logo indicado pelas formas reaes e symetricas do terceiro e do quarto dom, quando nas combinações punham-se em contacto arestas e faces e inversamente. A direcção obliqua que ahi apparecia incidentemente, aqui torna-se agora permanente pela adopção da divisão obliqua determinando uma separação real nesse sentido.

Tres das partes do quinto dom são divididas em meios cubos, tres outros em quartos de cubo, de modo que o dom, vem a constar de vinte e um cubozinhos inteiros e trinta e nove partes distinctas entre todas.

E' conveniente arranjal-as na caixa de maneira a ficarem na camada superior todas as metades e quartas partes de cubos e mais tres cubozinhos, como o indica a 1.ª pagina de gravura fig. 1, por ser esse o unico arranjo que permitte a divisão do cubo todo pelos varios modos em seguida indicados, e, além disso, porque assim se facilita a collocação do cubo sobre a mesa o que se deve fazer pela maneira já descripta em relação aos dons anteriores.

Os primeiros exercicios com este são identicos aos que indicamos para os outros dons. Sob as indicações da professora, as creanças verificam que este é maior que os cubos anteriores, e em seguida o que deve attrahir-lhes a attenção é a maneira pela qual elle está dividido. Verificarão quantas vezes o cubo está dividido em cada direcção, quantas partes se podem formar se o separarmos segundo cada uma das linhas de divisão. Prestando ás creanças o necessario auxilio, faça a professora com que os alumnos possam responder ás perguntas que sobre estes pontos fizer.

Para isso proceda como o indicam as nossas gravuras. Na prancha n. 6 fig. n. 3 as tres partes do cubo acham-se collocadas umas ao lado das outras. Estas tres partes podem ainda ser divididas em outras tres partes e estas ultimas ainda em tres, o que dará a conhecer que $3 \times 3 = 9$; $9 \times 3 = 27$.

Parecerá superflua a repetição de exercicios apparentemente simples. Entretanto, só a repetição por esta simples maneira é que permittirá ás creanças fixarem o que aprendem, sendo ainda de notar que, por este meio, mantem-se o necessario interesse pois que ellas não tem de se haver com abstracções e sim com objectos reaes para base de suas conclusões.

Cumpre, porém, accrescentar que não se deve exceder em taes exercicios o tempo durante o qual

se possa prender a attenção das creanças. Logo que começarem a manifestar-se signaes de fadiga ou de tedio, suspenda-se o exercicio e deixem-se os dons ás creanças para com elles se divertirem. Seguindo-se esta indicação póde-se ter a certeza de que as creanças voltarão sempre á occupação com vivo interesse.

Desde que as divisões do cubo se tornem familiares ás creanças e depois de praticados os exercicios acima mencionados, deve-se chamar a sua attenção para os cubos divididos em metade e em quartos.

São divididos, como dissemos, por *linhas obliquas* e isto cumpre que fique bem frisantemente observado, fazendo-se com que as creanças mostrem no cubo de que modo elle póde ser dividido em metades e quartas partes. Designem tambem as creanças as linhas horizontaes, verticaes e obliquas que vêem na sala ou nos objectos proximos.

Tome a professora a metade do cubo e pergunte: —Quantos cantos ou angulos vocês podem contar no lado de cima e de baixo nestas duas metades do cubo?

—Tres.

Vamos, por isso, chamar o lado de cima e o de baixo um *triangulo*, o que quer dizer um lado, ou face com *tres* angulos.

A creança ampliará assim os conhecimentos que já tem, reunido á noção da linha horizontal e vertical a de obliqua ou inclinada; á noção dos lados quadrados e oblongos a de triangulares.

Com o conhecimento do triangulo amplia-se extraordinariamente a construcção de fórmas por effeito da frequente occurrencia de taes formas elementares em todas as muitas formações de objectos.

E' de esperar que com estes exercicios a creança já conheça bastante este dom para poder applical-o na construcção das varias fórmas reaes, symetricas e meramente ideaes.

Fórmas reaes

Pranchas 1 e 2

A principal condição a preencher nesta occupação, como anteriormente, consiste ainda em que todas as peças do dom entrem em cada construcção, não porque se deva empregal-as sempre num só objecto, mas que as restantes da fórma principal sejam utilisadas na representação de accessorios embora separadas mas sempre em relação com o conjuncto. As creanças devem ainda e sempre perceber, por este meio, que cousa alguma do que pertence a um todo se póde considerar como superfluo, senão que cada parte distincta tem por fim occupar activa e efficientemente a posição que lhe compete em relação ao conjuncto.

Egualmente não se deve esquecer de que nada deve ser destruido, senão que cada fórma nova deve ser obtida por alterações reconstructivas. E' sempre de bom aviso começar pela figura do proprio cubo.

Nas gravuras que juntamos a este capitulo, encontram-se diversos modelos dessas construcções, cujas analogias com objectos reaes constam desta lista.

1. Cubo.
2. Escada.
3. Uma cadeira.
4. Cadeira de braços com escabello.

5. Um leito—Camada inferior, 15 cubozinhos, segunda camada, 6 cubos inteiros e 6 meios cubos, compostos de 12 quartos de cubo; terceira camada 6 meios cubos.

6. Um sofá—Primeira camada 16 cubos e dous meios cubos.

7 Um poço.

8 Casa com pateo.—Doze cubos inteiros, o terreno; 9 cubos inteiros e 6 meios cubos, segunda fileira; tecto, 12 quartos de cubo.

9 Casa de camponez.—Primeira fileira, 8 cubos inteiros e dous meios cubos; tecto, oito cubos e partes de cubos.

10 Casa de escola.—Terceira camada, tres cubos inteiros e 6 meios cubos; quarta camada, um todo e quatro quartos de cubo.

11 Egreja.—Corpo do edificio, 18 cubos inteiros; tecto, 12 quartos de cubo; torre 4 cubos inteiros e meio cubo, sachristia um cubo e uma metade.

12 Egreja com duas torres.—Corpo do edificio, 12 cubos inteiros; tecto, 12 quartos de cubo; torres, duas vezes 5 cubos e uma metade de cubo; entre as torres, um cubo inteiro.

13 Fabrica com chaminé.—O corpo do edificio 16 cubos inteiros; tecto, 6 metades e 4 quartas partes de cubo; chaminé 5 cubos e duas quartas partes de cubo; caldeira 4 quartos de cubo; tecto, dous quartos de cubo.

14 Capella com eremiterio.

15 Duas casas de jardim e fileiras de arvores.

16 Um castello.

17 Um claustro em ruinas

18 Porta de cidade com tres entradas.

19 Casa com torreão.

20 Porta de cidade com duas casas de guarda.

21 Monumento.—Primeira camada 9 cubos e 4 metades de cubos; da segunda até a quarta camada — cada uma, quatro cubos inteiros; de cada lado dous quartos de cubo unidos a uma columna quadrangular; para unir as quatro columnas, 4 quartos de cubo.

22 Um monumento. — Primeira camada, 9 cubos inteiros e 4 quartos de cubo; segunda camada, 5 cubos inteiros e 4 meios cubos; terceira camada, 4 cubos inteiros; quarta camada, 4 meios cubos.

23 Uma cruz. — Primeira camada, 9 cubos inteiros e 4 vezes 3 quartos de cubo; segunda camada, 4 cubos; terceira camada, 4 meios cubos.

Todas as construcções desde a 6.ª até a 23.ª são acompanhadas de um plano horisontal, indicando a fórma da superficie occupada pelas bases de cada construcção.

Mesas, cadeiras, bancos, leitos, os primeiros objectos construidos, são os mais familiares ás creanças. Em seguida representa-se uma casa, o que dá ensejo para fallar de suas partes: quartos de dormir, salas de jantar. Bem depressa amplia-se assim o dominio de suas idéas. As construcções como que fazem o espirito infantil pairar sobre os objectos que representam: jardins, ruas, egrejas, casas de escola, onde os irmãozinhos mais velhos se instruem; fabricas de onde á tarde depois do trabalho tantos operarios se retiram para seus lares, a descansarem das fadigas do dia e brincarem com os filhinhos. As idéas que as creanças adquirirem de todos estes objectos por meio das occupações correspondentes, de-

senvolvem-se mais correctamente, estudando-os em detalhe, do que espontaneamente se daria com a realidade, porque aqui, em tudo, se faz sentir a influencia instructiva da professora. Cumpre não esquecer que a professora deve influir favoravelmente no espirito das creanças, contando-lhes pequeninas historias sobre as cousas e pessoas que os objectos construidos suggerirem. Não é somente o seu espirito que deve ser disciplinado, mas tambem o coração que todos os nobres sentimentos vivificam e fortalecem.

Não é necessario que as professoras sigam sempre a ordem de desenvolvimento que indicam as nossas gravuras. Toda a ordem que relacionar as construcções de modo a deduzil-as umas de outras é acceitavel. Algumas das fórmas não são conhecidas das creanças: poucas terão visto um castello, nenhuma conhecerá uma porta de cidade. Nada impede, porém, que, por meio de pequeninas historias, se conduza a creança a uma nova ordem de idéas, ampliando-se diariamente o seu cabedal de conhecimentos. Como se vê, estes jogos não se destinam, pois, a desenvolver apenas a dextreza manual das creanças, educar a vista, excitar a imaginação, fortalecer as suas faculdades inventivas, porém, tambem a acompanhar a instrucção oral illustrando-a e contribuindo para crear o amor do bem, do nobre e do bello.

O 5.º dom é empregado para creanças de cinco a seis annos de edade, que já tenham cursado dous annos de Jardim de Infancia.

Eis como se procede para a sua applicação.

Uma caixa com o seu conteudo acha-se em frente de cada creança. Pelo processo já descripto, cada uma retirará o cubo que se acha dentro, de modo que a camada que contém os meios e quartos de cubo fique collocada na parte superior.

—Que têm cada um de vocês deante de si?

—Um cubo.

Vamos com elles construir uma egreja. Tomem todos os quartos e meios cubos e colloquem adiante de si mas bem em ordem. Movam juntos os tres cubos da ultima camada, de modo que elles venham a ficar á esquerda dos outros cubos. Tomem mais tres cubos do lado direito e colloquem ao lado dos tres primeiros. Tomem os tres cubos restantes que estavam do lado direito e reunam com os quartos e meios cubos.—Que tem vocês agora?

—Uma casa sem tecto, com tres cubos de altura, tres de largura e tres de cumprimento.

Vamos agora fazer o tecto. Colloquem em cima de cada cubo superior um quarto de cubo assentado sobre o lado maior. Encham os intervallos entre esses quartos de cubos por meio de outros quartos de cubo, e colloquem um outro quarto de cubo no alto.—Que é que vocês têm agora?

—Uma casa com tecto.

—Quantos cubos restam ainda?

—Tres cubos inteiros e seis meios cubos.

Pois bem, tomem todos os cubos inteiros e colloquem uns em cima dos outros na frente da casa. Juntem em cima um novo cubo formado de dous meios cubos e cubram esse com um meio cubo para representar o tecto.—Que foi que fizeram agora?

—Uma torre.

Vamos agora empregar os tres meios cubos que ficaram para construir a entrada. Tomem dous desses meios cubos e formem um cubo inteiro; colloquem-no atraz da casa e ponham sobre esse cubo o ultimo

meio cubo para formar o tecto. —O que foi que construiram agora?

—Uma egreja com torre e entrada.

E' excusado recommendar que estas, e outras indicações identicas, sejam sempre acompanhadas pelo exemplo da professora que deverá ir fazendo a construcção á medida que a fôr descrevendo.

Fórmas symetricas

Tendo-se em vista que o 5.º dom é destinado a creanças de cinco annos, nas quaes, se a educação dos dous annos anteriores foi racionalmente feita, os orgams externos, os sentidos, os nervos—mediadores de toda a actividade mental e o orgam central—o cerebro deve ter adquirido um gráu conveniente de desenvolvimento, deve-se contar com uma actividade mais extensa da parte dellas, podendo-se portanto inicial-as em exercicios que exigem maior habilidade e ingenho do que os que praticámos com os dons anteriores.

Effectivamente o progresso, que representam estas fórmas, as symetricas em relação ás anteriores, é apparentemente maior do que o que representam as fórmas reaes deste mesmo dom, porque nestas, mais frisante se póde tornar a importancia das 39 partes do cubo. Quem quer que conheça um pouco de mathematica sabe que o numero de combinações e permutações de 39 objectos não se contam por centenas, nem por milhares e sim por milhões.

Devemos, pois, estabelecer restricções para taes exercicios e essas restricções são as que resultam das leis do bello, segundo as quaes não se tracta apenas

de formar um conjuncto harmonico em si mesmo, e sim de maneira que cada parte preencha tambem os requisitos da symetria. No realizar estas condições é, por vezes, necessario fazer certos movimentos com varias partes simultaneamente. Em taes casos parece-nos preferivel dividir a acção em seus elementos, deixando que a vista da creança repouse nas figuras de transição de modo que ella possa acompanhar conscientemente todas as transformações e phases do processo de desenvolvimento da fórma em questão. Isto tornará bem patente ao espirito das creanças que a belleza real só póde produzir-se pela compensação dos oppostos se as proporções das partes se regulam pela sua relação com um centro commum.

Outra restricção ao numero de arranjos resulta de que cada fórma fundamental, que serve de ponto de partida, consta de duas partes principaes—a interna e a exterior—e de que, se começarmos as transformações jogando com uma dellas, deve-se proseguir com a mesma até alcançar-se um determinado fim. Por este processo cream-se séries de construcções intermedias que habilitam o alumno, e ainda mais, a professora a constatarem o methodo segundo o qual se origina a fórma perfeita.

«O inicio de cada construcção determina o processo que lhe é proprio e, embora se possa dar muita liberdade no que respeita ás transformações, comtudo deve-se attender a certos limites».

Todas as fórmas fundamentaes são distinctas, pois podem ter como centros: o quadrado (prancha n. 3 fig. 9), o triangulo (prancha n. 5 fig. 37), ou o hexagono, o octogono e o circulo.

Antes de iniciar a formação das diversas figuras, a creança deve familiarisar-se com as combinações em que as novas fórmas dos cubos divididos podem ser postas, umas relativamente ás outras. Para isso, tomem as creanças dous meios cubos, formem com elles um todo e, guiados pela lei das opposições symetricas, reproduzam as fórmas representadas na prancha n. 3 (figs. 1—8).

A série das figuras das pranchas ns. 4, 5 e 6, são todas deduzidas umas das outras como facilmente se verifica por uma observação attenta. Como levar-nos-ia muito longe a indicação do modo como todas ellas se originam, limitamo-nos a fazer tal demonstração apenas com relação ás figuras representadas na prancha n. 3 (de 9 a 14).

A fórma fundamental (n. 9) é constituida por um quadrado, composto de 9 cubos e cercado por 4 triangulos equilateros.

As figuras que desta se derivam obtem-se jogando com a parte interna. Os quatro cubos *a* movem-se para fóra (fig. 10); Os quatro cubos *b* fazem identico movimento (fig. 11); Os cubos *a* passam para os vertices exteriores dos triangulos (fig. 12); Os cubos *b* occupam os primitivos logares de *a* (fig. 13); Se os oito cubos continuarem o seu movimento pela mesma maneira, obtemos uma fórma em que *a* e *b* ficarão com as suas arestas no meio dos cathetos. Segue-se então uma figura semelhante á 13.ª differindo apenas em que *a* e *b* ficam em posições respectivamente trocadas.

Na fig. 15.ª chegamos à uma nova fórma fundamental. Aqui, em vez dos cubos internos, são os dos triangulos externos que fornecem elementos para as transformações.

Não é rigorosamente preciso que a professora, seguindo a lei de desenvolvimento, volte á fórma fundamental escolhida. Póde interromper o exercicio como acima fizemos e recomeçar de accordo com novas condições. Porém, sempre que se offereça opportunidade, deve deixar exercer-se a propria imaginação da creança, não olvidando nunca o principio de Frœbel, a fim de que as creanças sejam conduzidas á *acção segundo a lei* (*lawful action*) acostumando-as a seguir sempre uma regra determinada. Não se esqueça tambem a professora de que a creança só tira proveito das occupações se não excedermos a medida de sua força e habilidade. As leis de formação devem ser, por isso, o mais precisas e simples possivel. Desde que a creança não possa conseguir o que se deseja, volte-se pelo mesmo caminho que se procurou seguir no desenvolvimento da fórma que se buscava. Se ella não poder descobrir como chegou a um determinado resultado ou como ha de proseguir, eis chegado o momento em que a occupação, em vez de ser proveitosa, começa a ser prejudicial. Cuidadosamente deve-se evitar que chegue esse momento.

Com o intuito de facilitar que a creança regule a sua actividade é bom dar aos cubos, (que são, por assim dizer, representativos da lei do desenvolvimento) nomes de algumas das creanças em vez da designação litteral *a b c* que aqui se encontra. Isto excita o interesse das creanças e as creanças acompanham o movimento das peças com mais attenção.

Fórmas ideaes

A representação das fórmas ideaes a que se presta o 5.º dom são de immensa vantagem para o desenvolvimento das creanças. Aos observadores

superficiaes parecerá que Frœbel attribuiu excessiva importancia ao elemento mathematico, em detrimento de outros, e que taes noções exigem acuidade de entendimento superior á capacidade das creanças do Jardim da Infancia. Quem porém imaginou em applicar a mathematica como sciencia? Muitas creanças de cinco a seis annos de edade tem já ouvido dizer que a lua gira em torno da terra, que a locomotiva é propelida pelo vapor e que o relampago é um effeito da electricidade. Estes phenomenos astronomicos, dynamicos e physicos lhes são apresentados como os factos mathematicos são offerecidos á sua observação nos dons frœbelianos. Seria certamente insensatez introduzir no Jardim da Infancia problemas de mathematica por um modo abstracto. No Jardim da Infancia a creança observa a concretisação de uma verdade qualquer, reconhece-a justa e acceita-a sem difficuldade, sem forçar, por maneira alguma, o desenvolvimento de seu espirito. O que seria difficil á creança apprehender por méras palavras e que, mesmo, em certas circumstancias seria prejudicial, é aqui ensinado naturalmente e de um modo facil pelas fórmas ideaes, que assim se tornam o melhor meio de exercer a faculdade de observação e o raciocinio da creança. Cuidado, pois, com todos os problemas e abstracções... A creança, fórma, constroe, vê, observa, compara e depois exprime a verdade que apprehendeu. Pela repetição, estas verdades adquiridas, mediante observação dos factos, torna-se uma propriedade mental da creança, e isto não se faz precipitada, porém, lentamente nos dous ultimos annos do Jardim da Infancia e em seguida na escola primaria.

As primeiras sete fórmas da prancha n. 6 mostram a divisão regular do cubo em tres, nove, e vinte e sete partes. Num e noutro caso, empregou-se um cubo

embora as fórmas produzidas pela divisão sejam differentes. Isto mostra que o conteúdo póde ser egual mesmo que a fórma seja differente (figs. 2, 3, 4, 5, e 6).

Esta differença torna-se ainda mais evidente se as tres partes da fig. 2 constituirem parallelepipedos em pé ou parallelepipedos deitados, (fig. 3) ou ainda se apenas fórmarem longos parallelepipedos como na fig. 4.

Tome a creança um cubo, colloque-o á sua frente e tambem um cubo dividido em duas metades. Colloque as duas metades uma sobre a outra, ajustando-as pelas faces triangulares.

Estas duas partes assim reunidas são da mesma capacidade que o cubo ou são *tão grandes* como elle.

As duas metades, porém, podem ser ajustadas de outras maneiras. Podem reunir-se pelas faces rectangulares.

Representem-se simultaneamente estas differentes fórmas de reunir as duas partes. Não obstante as differenças de fórma, continuam a ter a mesma quantidade de substancia, são da mesma grandeza.

Com os cubos divididos em quartos, podem-se illustrar estes mesmos factos mais variadamente.

Seguem-se agora, com o dom inteiro, outros exercicios em que as creanças são levadas a descobrir todas as divisões possiveis em 2, 3, 4, 5, 9 e 12 partes eguaes, (figs. 8 até 18).

Depois de cada divisão, as partes devem ser ajustadas umas sobre outras, pois que a divisão e a separação devem ser sempre seguidas de nova combinação e reunião. A creança percebe assim que a

transformação do cubo todo representa sempre a mesma quantidade de substancia (figs. 19—22).

Deve-se tambem deixar que as creanças juntem umas com as outras as terças, quartas e sextas partes em que os cubos podem dividir-se, como o indicam as figs. 9 16.

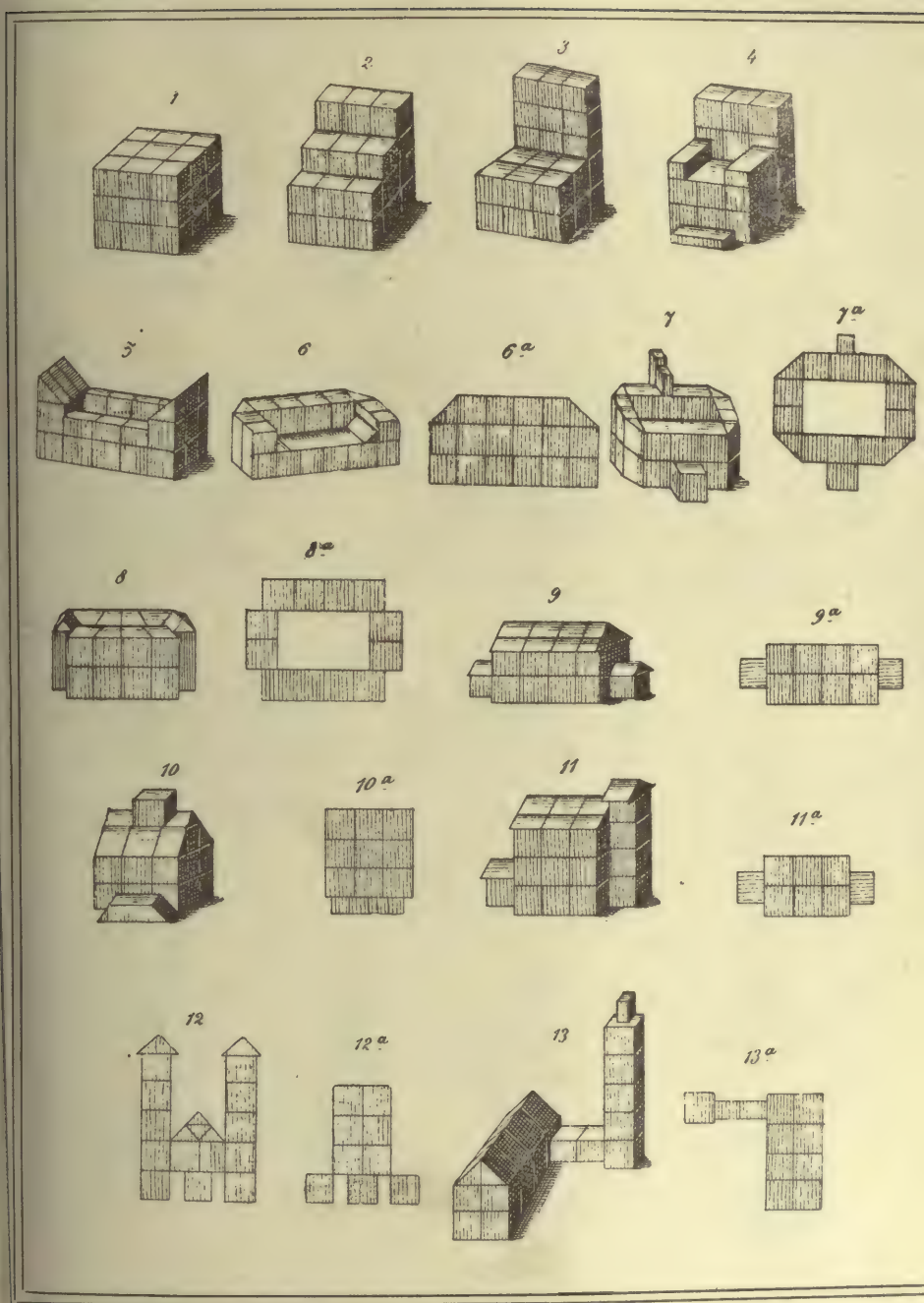
E' claro que todos estes exercicios devem ser acompanhados pela lição viva da professora, porque só assim as idéas recebidas pela percepção se tornarão conscientes, e se aproveitarão as opportunidades de aperfeiçoal-as e de amplial-as. A professora deve, entretanto, ter cuidado em não fallar demais pois deve apenas manter a attenção das creanças sobre os objectos que lhes são apresentados, tornando mais vividas as suas impressões.

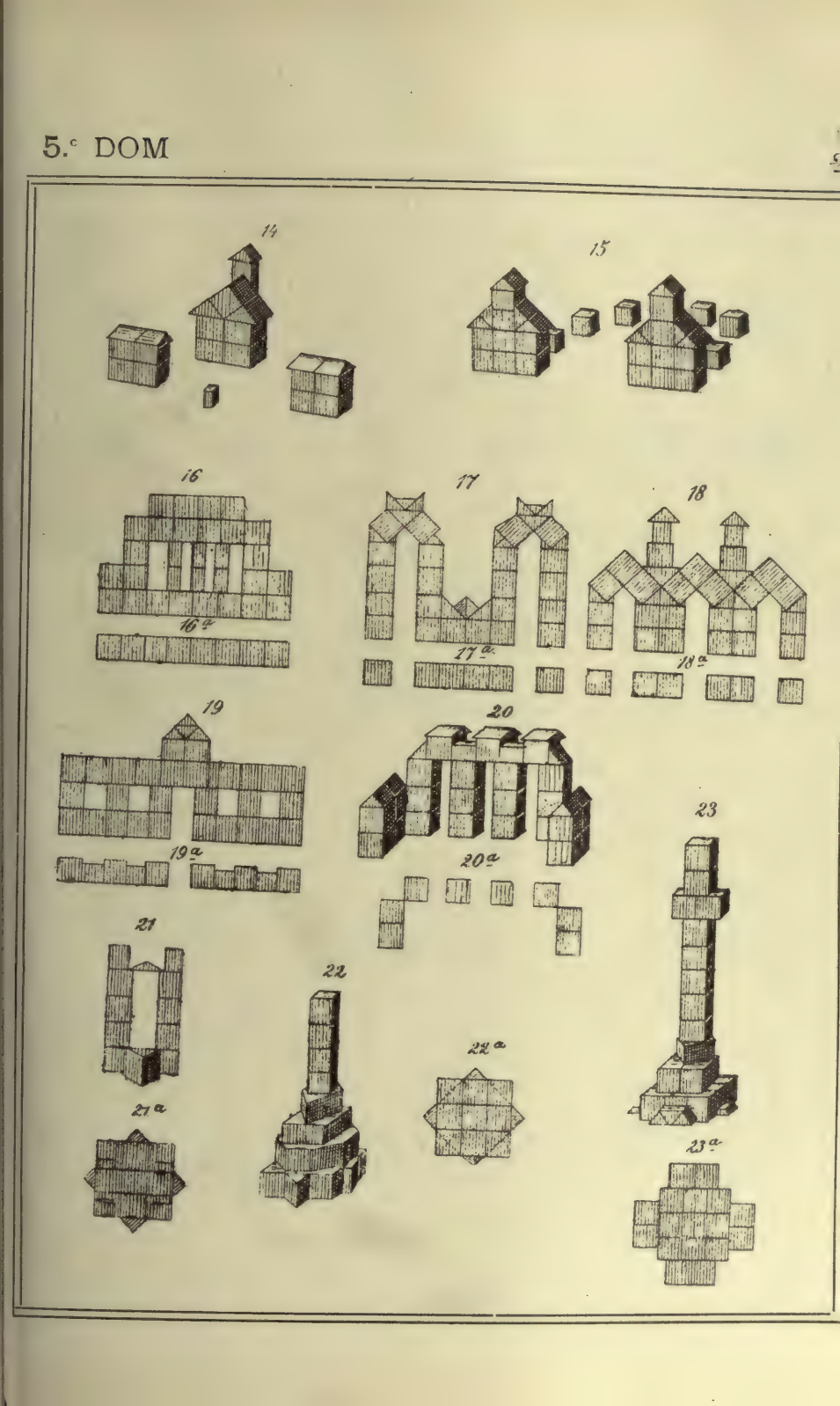
A's divisões até aqui apresentadas segue-se a representação de figuras mathematicas regulares (planas) como se vê nas figs. 23—26. As proprias figuras deixam facilmente verificar-se de que modo umas se originam das outras.

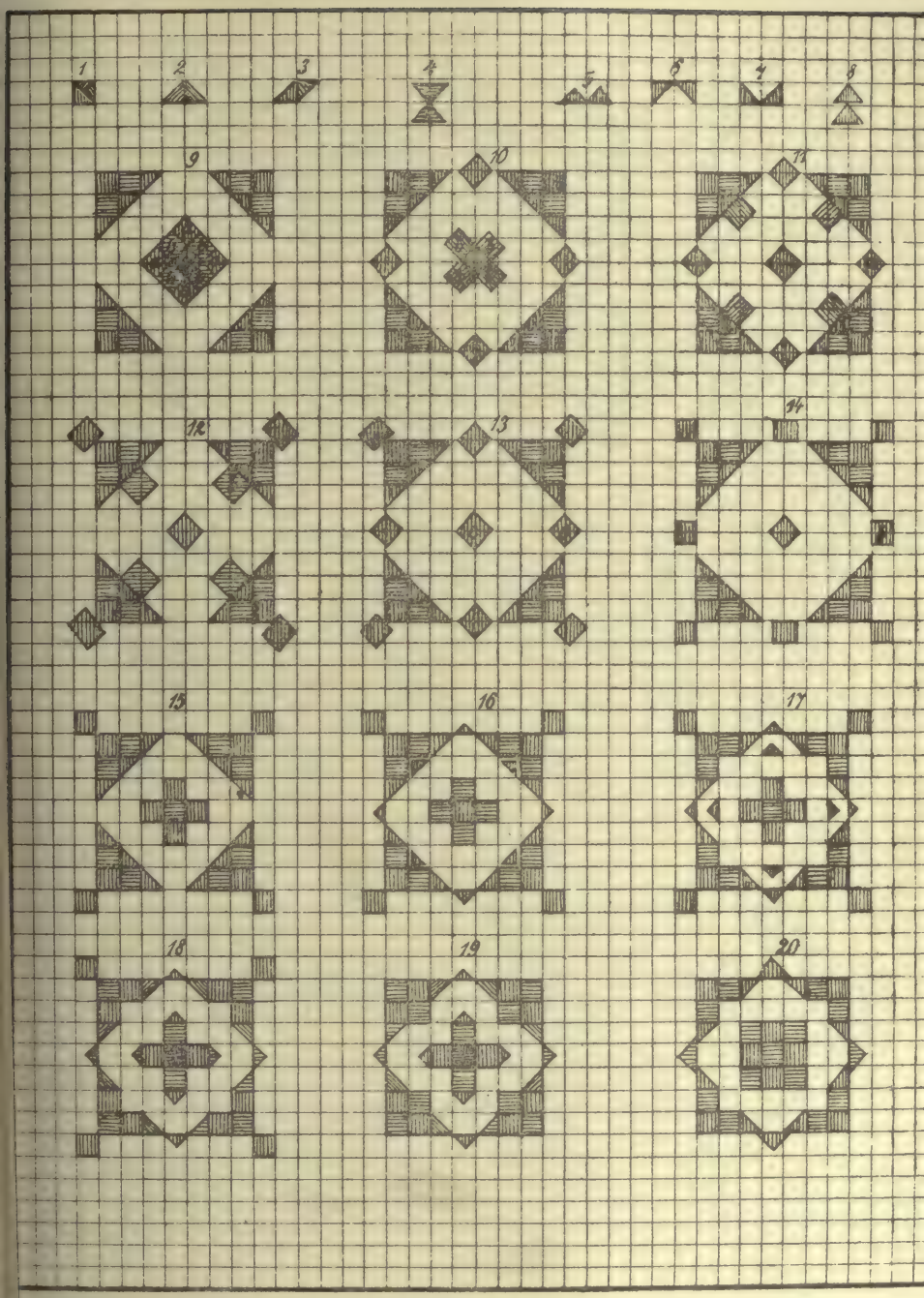
Parte das occupações descriptas nas paginas anteriores destinam-se sómente ao ensino primario, onde ellas se combinam com outros exercicios mais complicados, mas igualmente interessantes. Para indicar com simplicidade como este dom póde ser empregado para noções de geometria—posteriormente—accrescentamos as figs. *30 a* e *30 b*, pelas quaes se *vê* a prova do conhecido theorema de Pythagoras, o que certamente facilitará a demonstração abstracta que, mais tarde, se der do mesmo theorema.

Para continuação dos exercicios de arithmetica, iniciados com os dons anteriores, prestam-se mais os do presente dom.

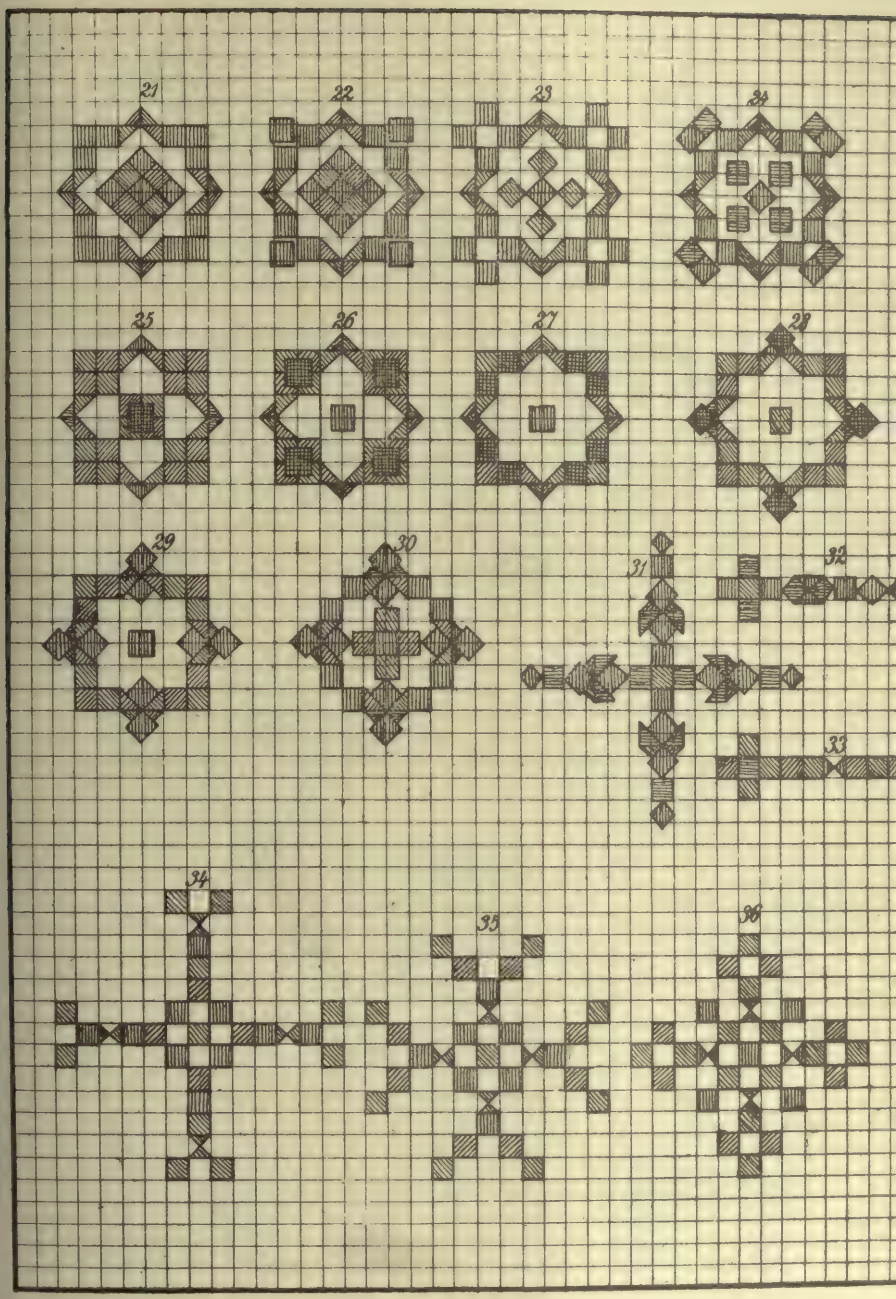
Por meio delle os exercicios de addição e subtração concreta podem ser mais ampliados, e pelo mesmo processo, as creanças aprenderão a taboa de multiplicar com mais brevidade e mais racionalmente do que se tal ensino se baseasse na memoria sem referencia a objectos visiveis.

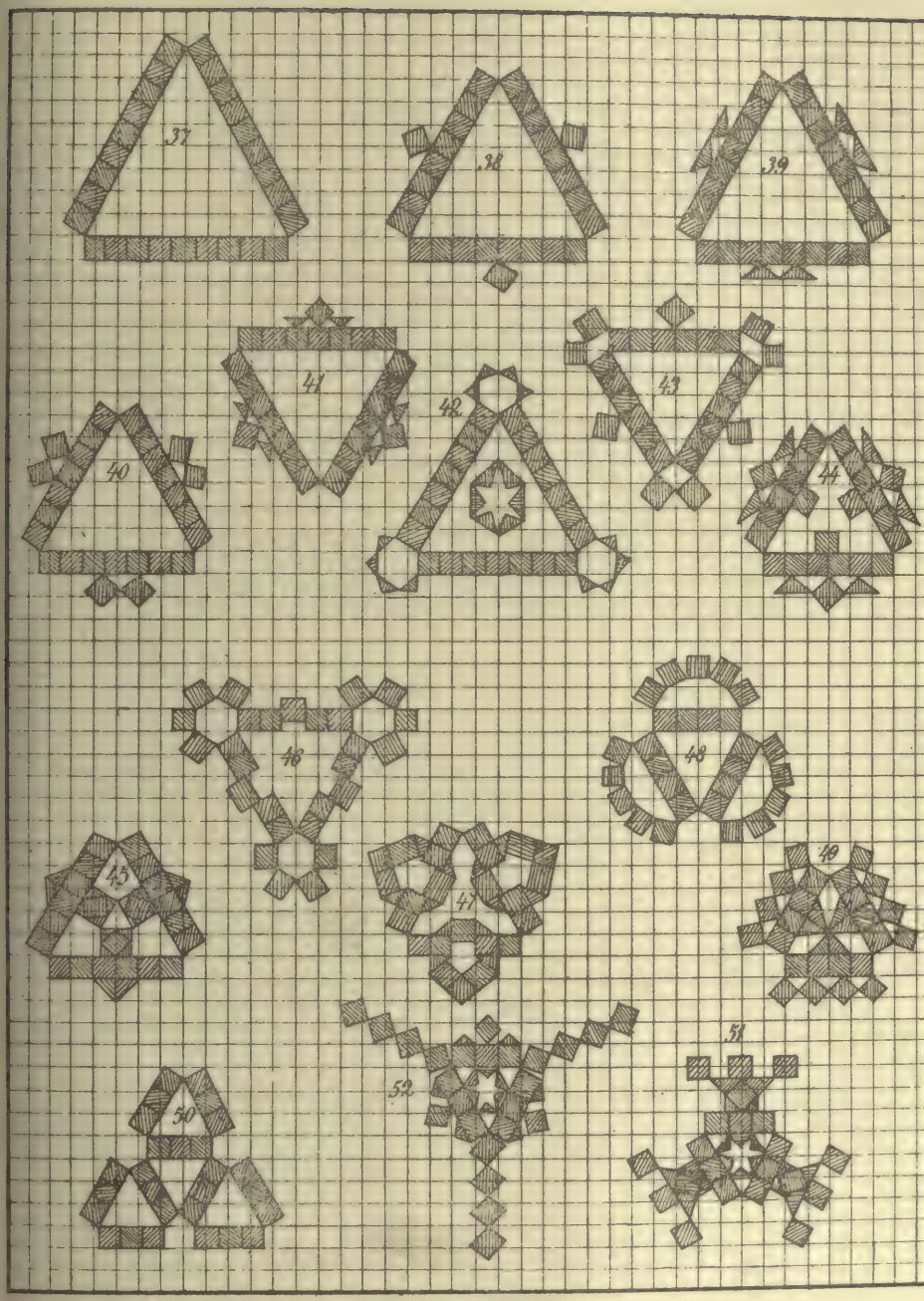

1
2
3
4
5
6
6.ª
7
7.ª
8
8.ª
9
9.ª
10
10.ª
11
11.ª
12
12.ª
13
13.ª

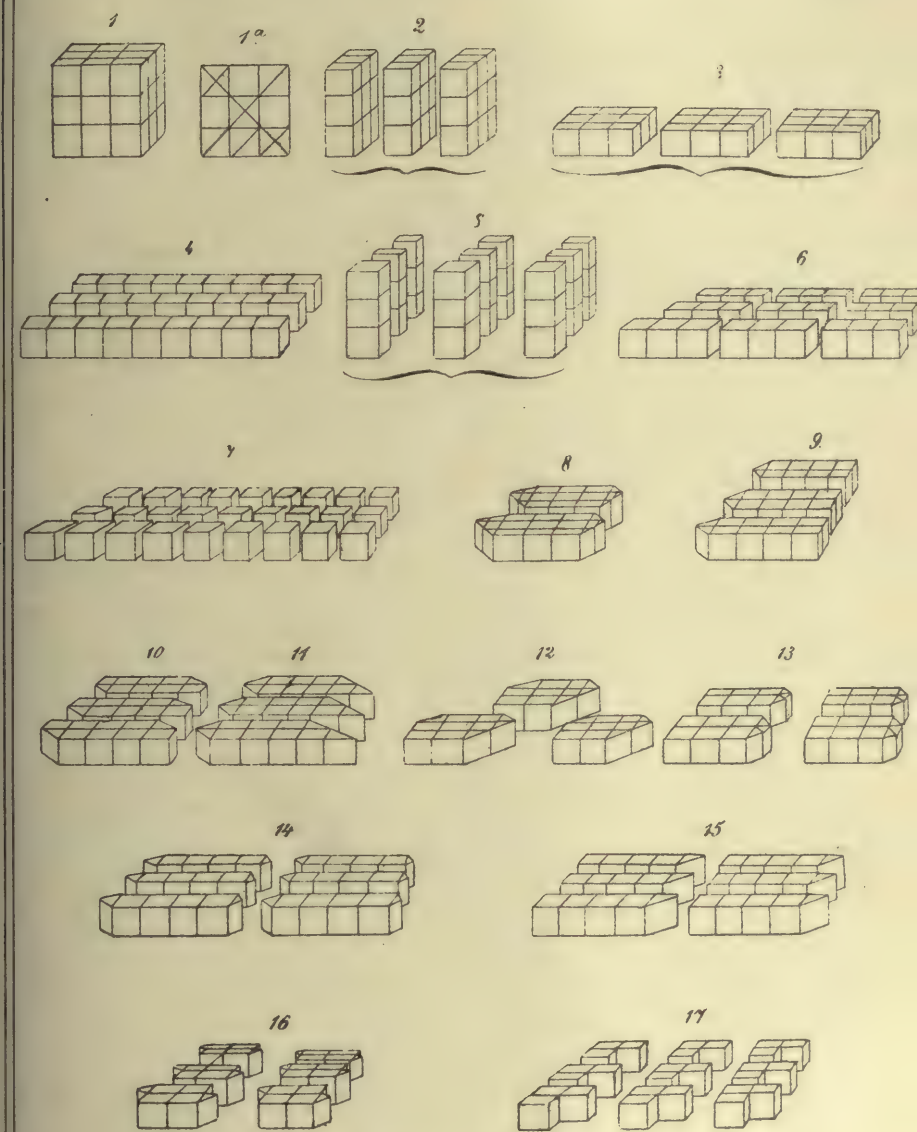

14
15
16
16a
17
17a
18
18a
19
19a
20
20a
21
21a
22
22a
23
23a

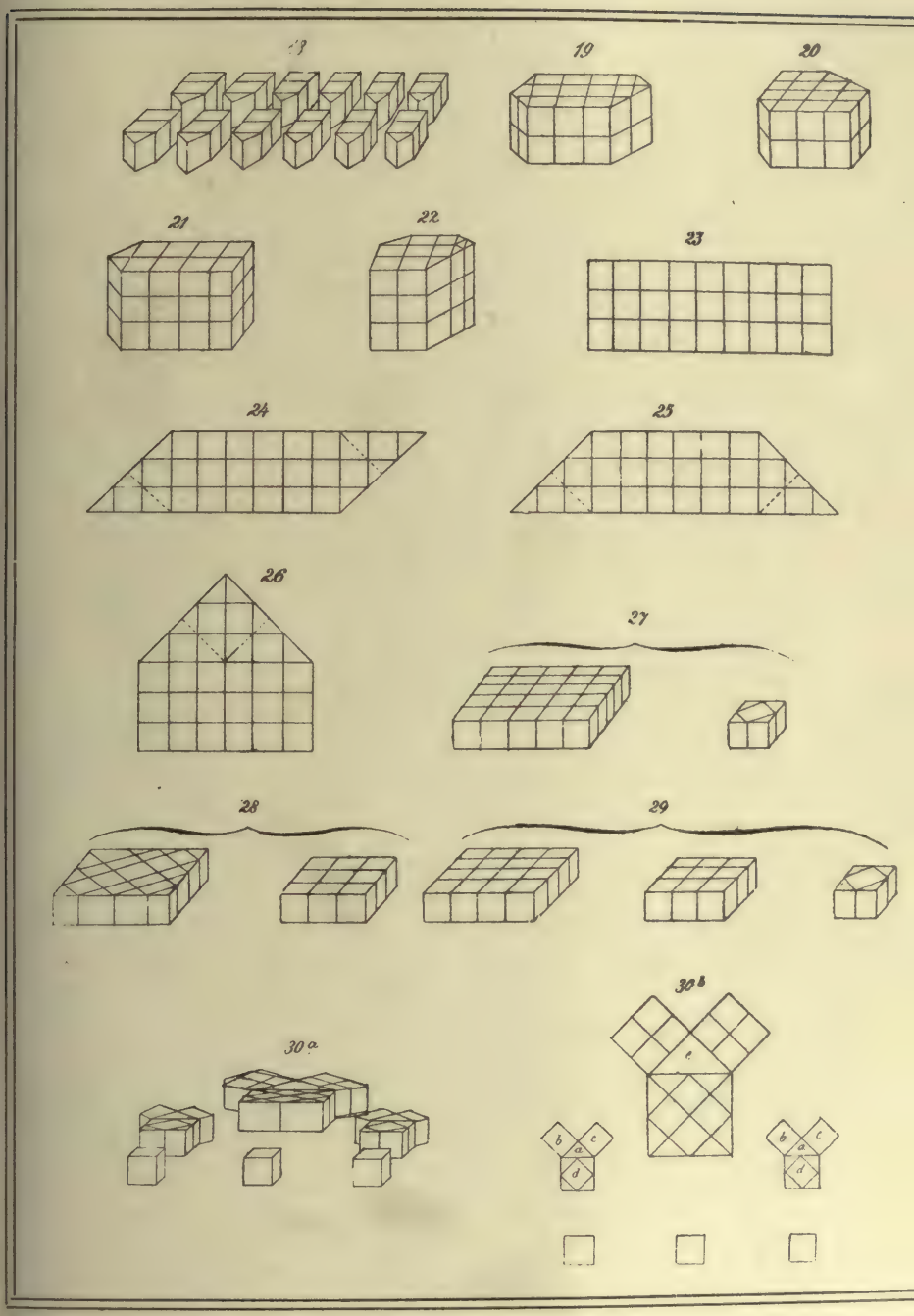

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

5.° DOM




37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52


1
1a
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17


18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30 a
30 b
a
b
c
d
e

SEXTO DOM

Assim como o quinto dom é o desenvolvimento do terceiro, do mesmo modo o sexto intimamente se relaciona com o quarto. E', por assim dizer, uma potencia mais elevada deste e dá logar á observação, com maior clareza, das qualidades e relações anteriormente tractadas.

O dom consta de vinte e sete blocos oblongos, da fórma de tijolos, da mesma dimensão que os do quarto dom. Destes vinte e sete blocos dezoito são inteiros, seis são divididos no sentido da largura e tres no sentido do cumprimento de modo a formar cada um duas columnas. Ao todo 36 peças.

Bem depressa a creança se familiarisa com este dom pois que a variedade de fórmas é menor que a do precedente, no qual, como vimos, por uma divisão transversal do cubo dava-se logar ao apparecimento de um elemento inteiramente novo.

As partes componentes deste dom, as suas proporções relativas e as suas fórmas devem ser bem apprehendidas pelas creanças antes de se iniciarem as construcções e os jogos inventivos.

Para isso, colloca-se o cubo na meza, separam-se todas as partes, e reunindo-as em grupo:

—Quantos pedaços (blocos ou taboinhas) têm vocês?

—Quantos compridos (oblongos)?

—Quantos quadrados?

—Quantas columnas?

Comparem-se os lados dos blocos entre si—tome-se para isso um que seja oblongo:

—Quantos pedaços quadrados são precisos para cobril-o?

—Quantas columnazinhas?

Colloquem-se os blocos oblongos sobre a meza no sentido de suas arestas maiores; em seguida no sentido das menores e verifique-se, em cada caso, quantas vezes se contém nos parallelepipedos assim collocados as dimensões correspondentes á base das columnazinhas. Estes e identicos exercicios habilitam logo a creança a proseguir nas occupações com este dom.

Fórmas reaes

A esta especie de fórmas o sexto dom se applica mais cabalmente do que os anteriores, pois a fórma das differentes peças permitte abranger maiores espaços, originando combinações mais variadas e completas, de modo que a attenção das creanças mais vivamente se mantem e augmenta de intensidade.

Essa mesma variedade de fórmas, porém, faz com que a professora cuidadosa procure prevenir as combinações puramente accidentaes. Convem não esquecer que é sempre necessario seguir certas regras

e principios para attingirmos um fim. O principio já estabelecido de que cada fórma deve originar se de uma anterior é aqui mais difficil de explicar devido ás condições peculiares do material. Por esse motivo é muitas vezes necessario recomeçar desde a base as novas construcções quando a sua estructura é muito complexa.

E' sempre indispensavel acompanhar as creanças em suas construcções, respondendo-se as suas perguntas e fazendo-se suggestões que ampliem o circulo de suas idéas.

E' sempre muito grato a uma creança vêr que a gente a comprehende e acompanha com interesse o seu trabalho. E', pois, um erro em educação deixar de entrar na esphera dos pensamentos e da actividade do espirito infantil. E se, como estimulo, chegassemos a desfazer nas suas producções em vez de as auxiliar, o erro seria certamente ainda mais funesto.

As fórmas de objectos reaes das gravuras ns. 1 e 2 que, na maioria, são tambem artisticas, em razão de sua fórma architectural, devem constituir um incentivo ao desenvolvimento das faculdades.

São estes os objectos figurados nessas gravuras:

1. Casa sem tecto, muro do fundo sem portas.

2. Columnatas. — Primeira camada 5 blocos oblongos; parede do fundo 10 blocos em pé, sobre os quaes dez quadrados.

3 Sala com columnas.

4 Casa.—Vestibulo formado por seis columnas.

5 Pedestal de monumento.

6 Monumento á memoria de um heroe.—Primeira camada, 8 blocos oblongos; segunda 9 quadra-

dos, parcialmente formados de blocos oblongos; terceira, 4 quadrados; em seguida 4 columnas, 4 quadrados.

7 Fachada de uma grande casa.

8 Monumentos a tres heroes.

9 Entrada de templo.—Primeira camada, 6 quadrados e seis blocos oblongos; segunda, 6 blocos oblongos; terceira, 6 quadrados.

10 Casa de dous andares.

11 Fachada.

12 Coreto.

13 Vista de frente de uma fabrica.

14 Columnatas.

15 O mesmo.

16 e 17 Monumentos.

Nas gravuras que damos, todas as construcções são acompanhadas de plantas que facilitam a sua execução.

A imaginação infantil é inexaurivelmente rica na creação de novas fórmas; taes como jardins, pateos, cavallariças, objectos de uso domestico, leitos, mesas, cadeiras, etc. Se diversas creanças combinarem as suas construcções formam-se facilmente estructuras mais completas, como terreiros com as suas construcções annexas, cidades com as suas egrejes, torres, casas, muros e ruas. Tornar-se-á por tal modo bem patente á crença o valor da cooperação.

Fórmas de symetria

As fórmas de symetria ou artisticas feitas com este dom apresentam menor variedade que as do quinto, offerecendo, entretanto, ensejo para representações caracteristicas que não se devem desprezar.

Damos nas gravuras que seguem uma série de desenvolvimentos de taes fórmas. As transformações successivas são faceis de reconhecer, pois que as partes que têm de mover-se vão designadas por uma lettra.

Fórmas ideaes

Tambem estas são em menor numero relativamente á multiplicidade originada pelo quinto dom. Pela ausencia de angulos obliquos, as fórmas limitam-se aqui a figuras originadas do quadrado e do rectangulo. Podem repetir-se, pois, com vantagem os exercicios anteriormente feitos.

Os dons de Frœbel são notaveis pela sua qualidade peculiar de tornarem-se extremamente instructivos pelas frequentes repetições que se podem fazer, sob differentes e variadas condições de fórma. Por esse meio, pode-se ter certeza de evitar a monotonia fatigante e o tédio que resultam da repetição das mesmas cousas pelo mesmo modo. E ainda mais, a creança habitua-se a distinguir as semelhanças e differenças, a unidade na multiplicidade e a relação no que, apparentemente, é desconnexo.

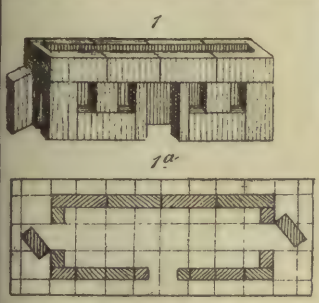
Nas figs. 16 – 22 acham-se todos os quadrados que se podem formar com o sexto dom. Na fig. 23

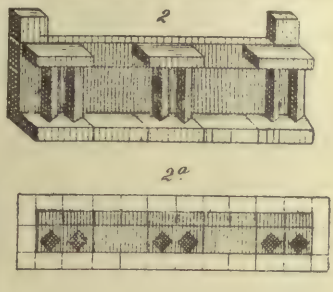
dá uma transição entre as fórmas ideaes e as de symetria.

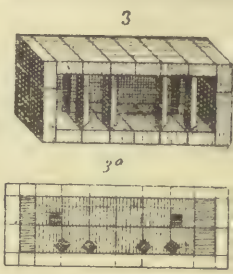
Com o sexto dom chegamos ao fim das duas séries de desenvolvimentos dados por Frœbel para as construcções com cubos, parallelepipedos e prismas, cujo intuito é familiarisar as creanças com as qualidades dos solidos, observando-os e utilizando-os.

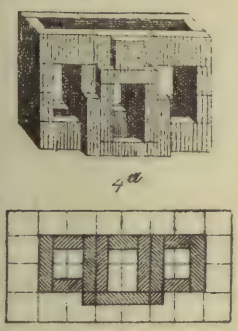
(*Continúa*).

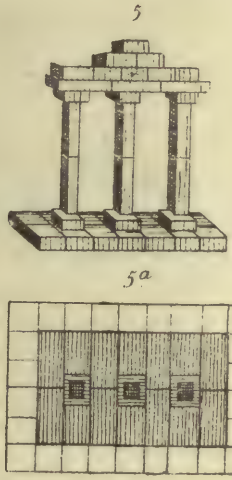
G. Prestes.

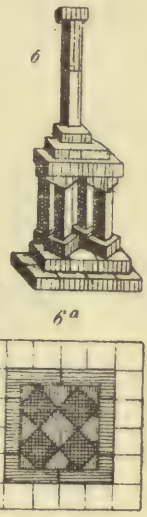

1
1a

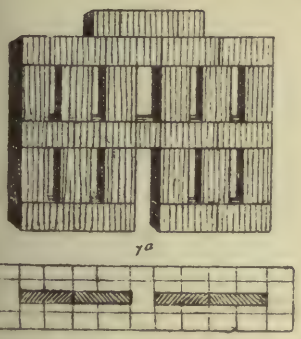

2
2a

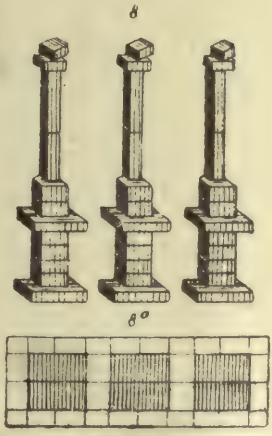

3
3a

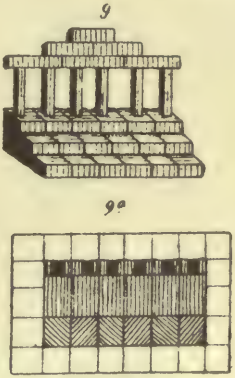

4
4a

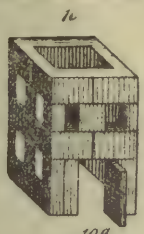

5
5a


6
6a

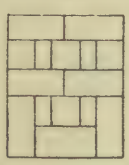

7
7a


8
8a

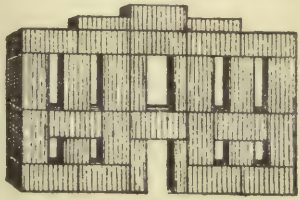

9
9a



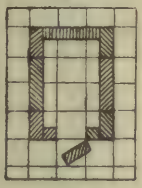
10



10b

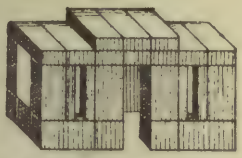


11

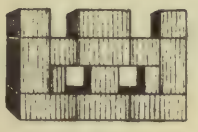


10a

11a

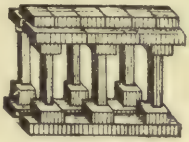


12

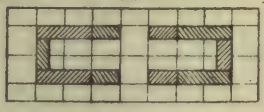


13

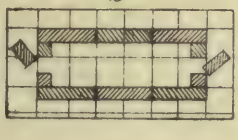
13b



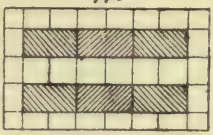
14



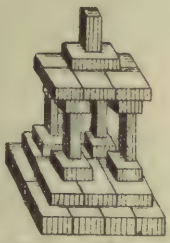
12a



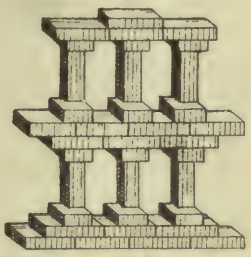
13a



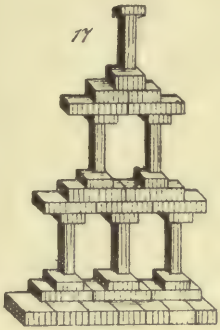
14a



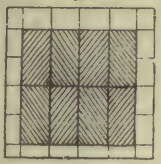
15



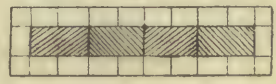
16



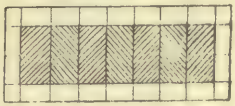
17



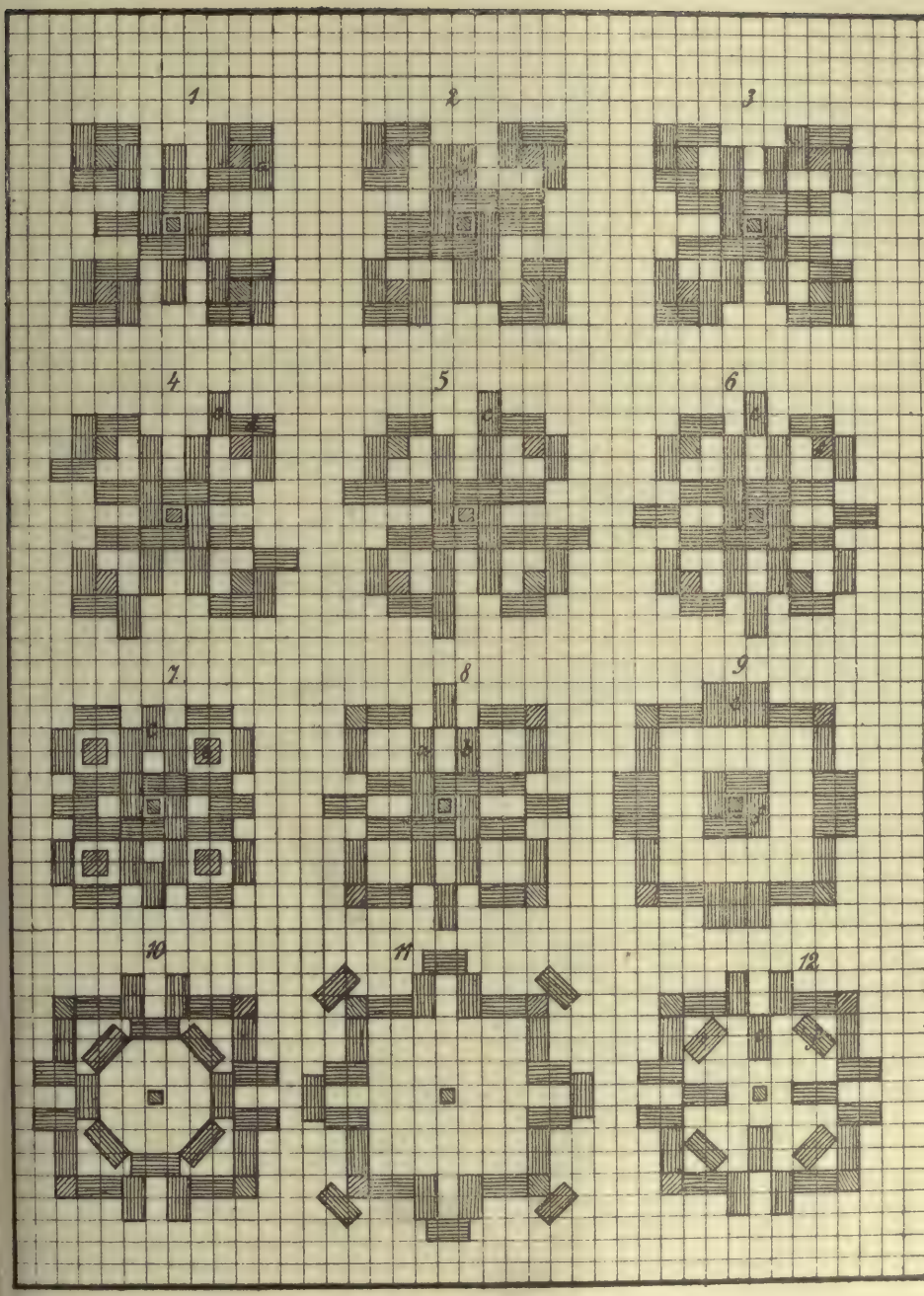
15a

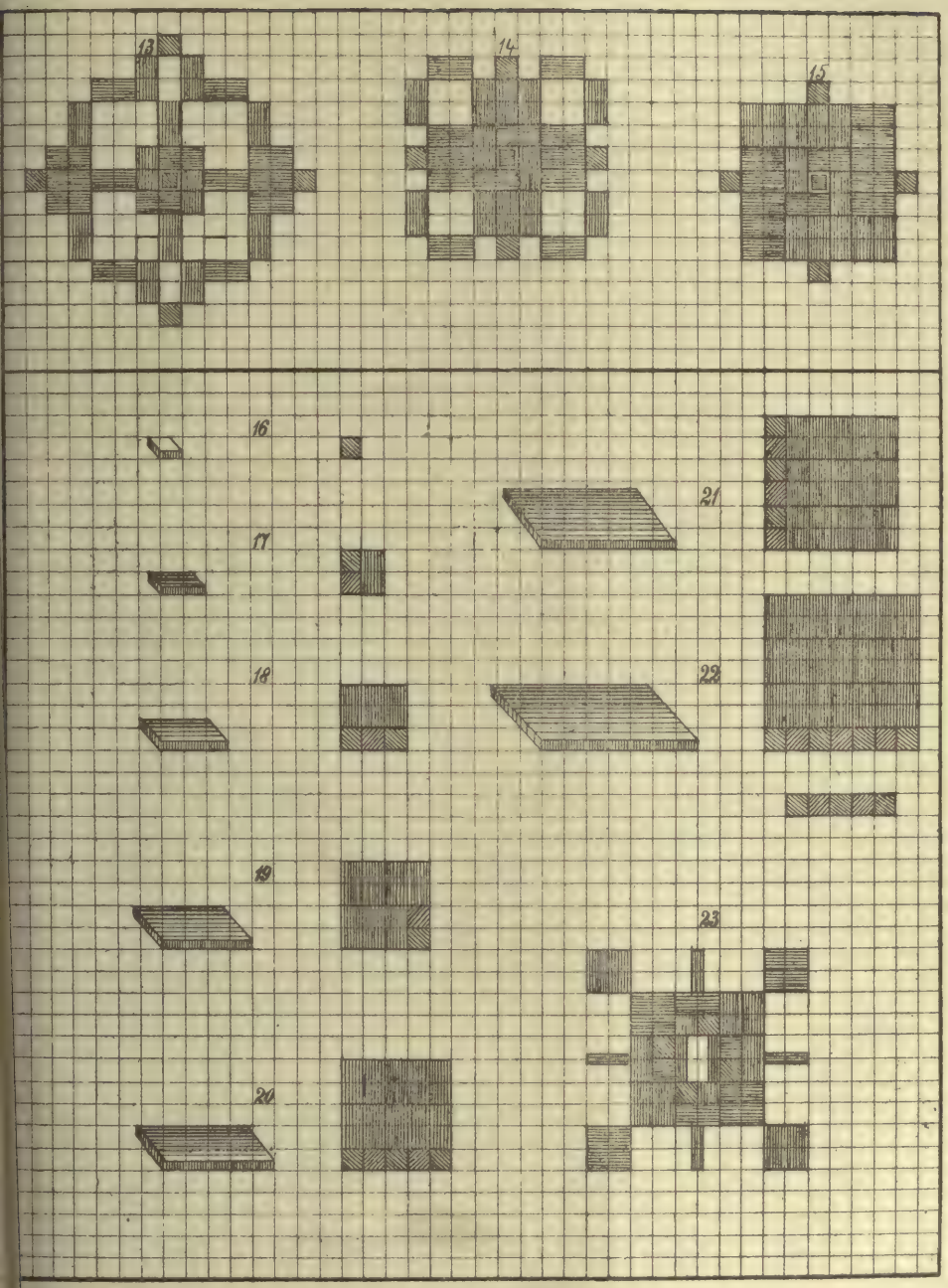


16a



17a


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12


13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23

PASSAROS

—Seria conveniente mostrar um ninho ás creanças e fallar sobre a sua construcção, bem como a respeito da familia que nelle mora.—

CONVERSAÇÃO

—Como se chama a casa dos passarinhos?

—A casa dos passarinhos chama-se ninho.

—O ninho é uma casa bem pequena para uma familia, não é? Como será que elles podem viver em uma casa tão pequena?

— . . . . . .

—E' que elles são muito pequeninos e delicados; encolhem-se todos sob as azas da mãe. E o pae, sabeis onde costuma parar? Empoleirado em um galho da arvore, bem perto do ninho, para proteger a sua familia contra qualquer perigo. Os passaros tambem estimam muito a seus filhinhos e por elles fazem tudo quanto os nossos paes fazem por nós. Alguns de vós já viu os meninos máus roubarem os ninhos dos passaros?

— . . . . . .

A mãe e o pae ficam muito sentidos e soltam uns pios tão dolorosos que parecem gemidos. Nenhuma creança deve tirar os ovos ou os filhinhos dos passaros:—gostarieis que alguem vos roubasse as vossas mães?

— . . . . . .

—Quando é que os passaros constroem seus ninhos?

—Na primavéra.

—Sabeis qual é o seu primeiro cuidado?—A escolha do logar. Elles procuram sempre fazer o ninho onde lhes seja facil encontrar o alimento necessario a sua existencia. De que são construidos os ninhos?

—De palha, raminhos seccos, fibras de plantas, musgos, folhas, etc., que os passarinhos carregam no bico, de uma em uma.

—Como é que os passaros vão de um logar a outro?

—Voando.

—Porque é que os passaros voam?

—Porque têm azas.

(Animar as creanças a dizerem tudo quanto possam a respeito dos passaros. Nomearem os que conheçam, seus habitos, seu aspecto, etc).

—Que comem os passaros?

—Fructas, grãos e outras sementes, vermes, insectos, etc.

—Onde encontram os insectos?

—Voando pelo ar, ou entre as plantas.

—E os vermes?

—Na terra.

—E as fructas?

—Nas arvores.

Os alegres passarinhos,
Que esvoaçam pelos ares,
Tambem amam os seus ninhos
Como nós os nossos lares.

Zalina Rolim.

O EXPRESSO DO GROU

(De "In the Child's World")

Para ser narrado ás creanças mais adeantadas

Um dia estavam seis passarinhos, todos robustos e contentes, conversando em um valle formoso, á beira-mar.

Um delles disse aos outros:

— Amigos, vamos para a Africa; consta-me que naquellas terras é só a gente abrir a bocca para os vermes nella cahirem. Além disso, dizem-me que elles têm ali um sabor especial».

E os outros passarinhos disseram:

— «Seria realmente muito bom irmos para Africa, mas, de que maneira faremos a viagem? Nossas azas são curtas e nós somos pequenos; nunca poderiamos voar tão longe. Sujeitamo-nos ainda ao perigo de atravessar os mares — e nós temos tanto medo de morrer afogados! . . .»

— E' verdade, tendes razão. Disse o primeiro, vamos vêr se apparece alguem para levar-nos ás costas».

E pousaram todos em fileira na extensa praia alvejante.

Um grande peixe, cortando as aguas verdes, surgiu de repente, fazendo scintillar ao sol o prateado das suas escamas. Assim que o avistaram, um dos passarinhos adeantou-se e falou desta sorte:

—«Grande peixe de prateada escama, queres levar-nos em tuas costas para a Africa? Consta-nos que alli os vermes, mal abrimos a bocca, saltam por ella a dentro por seu proprio gosto. Vês, que terra maravilhosa!»

—«Eu posso conduzir-vos, disse o peixe, mas é para o fundo do mar; quereis ver o meu caminho?» E curvando as barbatanas, cortou as aguas ligeiro como uma flecha.

«—Ah! disseram os passarinhos, que felizes que fomos em não acompanhar o peixe: a estas horas estariamos todos a servir-lhe de banquete. Tenhamos paciencia».

Passou-se o tempo e veio chegando um carneiro de alva lãn flocosa e crespa. Os passarinhos pensaram que o carneiro poderia leval-os para a Africa e logo a elle se dirigiram, mas o carneiro respondeu-lhes:

—«Não posso levar-vos, eu não sei nadar: como atravessariamos os mares? Tambem não posso vôar como vós: Porque não esperaes o *expresso dos grous?*»

—«Quem são os grous? Interrogaram logo os mais curiosos.

—«São uns grandes passaros de bico muito comprido, longo pescoço e ainda mais longas pernas. Todos os annos elles vêm do Norte e vão para a Africa, e, em todas as viagens, costumam conduzir os passarinhos como vós. Admira-me que nunca os tenhaes visto».

—Nós somos muito creanças, disseram os passarinhos; ainda não conhecemos o mundo. Muito obrigado pelo conselho. Agora esperaremos pelos grous».

Não tiveram que esperar muito.

Em poucos minutos ouviram um ruido extranho sobre as suas cabeças e viram um bando de enormes aves, com o pescoço extendido e azas abertas, voando baixo, com o bico aberto.

—«Quereis levar-nos para a Africa? Perguntaram os seis passarinhos, ao mesmo tempo, ao primeiro grou».

—Impossivel!—respondeu este.—Estou com a lotação completa. Talvez que o quarto companheiro, que ahi vem, vos possa acommodar; mas andae de pressa».

Então elles olharam e viram que realmente o grou tinha razão; não havia em suas costas logar para uma cabecinha de alfinete. Estava inteiramente coberto de passarinhos, todos seguros com os bicos e os pés.

Passou o segundo e passou o terceiro, ambos completamente cheios. Quando passava o quarto, os seis passarinhos bateram as azas, na agitação da pressa, e foi logo:

—Salta! pousa! aperta! cautela! . . . até que se acommodassem entre os companheiros de viagem.

—Estaes bem? Perguntou o grou.

—Bem; obrigado! Responderam todos.

Então, promptos e firmes!—terminou o grou, e lá se foi, sobre o grande mar tranquillo . . .

Muitos outros passarinhos, na passagem pela costa, tomavam logar no *expresso dos grous.* Todos os grous seguiram cobertos de passageiros.

E o *expresso* a caminho da Africa, perdeu-se ao longe, nas brumas do horizonte.

Agora, parte desta historia póde ser verdadeira porque os grous realmente conduzem ás costas, todos os annos, para as terras africanas, centenas de passarinhos. Mas, que os vermes naquella parte do mundo, entrem por gosto para as boccas dos passarinhos, é caso muito differente. Eu, si fosse algum de vós, não o acreditaria sem ter visto primeiro.

Zalina Rolim.

CANTOS E MARCHAS

PARA

ENTRADA E DESPEDIDA

Traduzidos do Inglez e do Allemão

POR

D. Rosina N. Soares

Postos em verso

POR

D. Zalina Rolim

HYMNO DE ENTRADA

(Musica 2)

Que formoso e bello dia!
Tudo o prazer annuncía...
Pelas orlas dos caminhos
Sôa a musica dos ninhos...
  Desde a manhãn muito cedo,
  De coração terno e ledo,
  Vamos aos nossos labores;
  Delles teremos as flôres.

MARCHA

(Musica 38)

A creança alegre

Si tu gostas de marchar,
Oh, vem me acompanhar!
Oh, vem me acompanhar!
Si tu gostas de cantar,
  Oh, vem me acompanhar!
  Oh, vem me acompanhar!

Quando o meu trabalho é feito,
Fico alegre e satisfeito.
Mas não sei brincar sósinho
Oh, não sosinho!. .
Quero alegre companhia...
Amigos, viva a alegria!

MARCHA

(Musica 37)

E' bom deixar o leito bem cedinho
Para gozar dos matutinos ares,
E adormecer, tambem, quando a seu ninho
As avesitas vem chegando aos pares.
Assim torna-se o corpo activo e ledo,
Ao rosto vem as côres da alegria;
Vão para longe as afflicções do medo
E a gente cresce forte, dia a dia...

MARCHA

(Musica 26)

Quando o dia se levanta,
La, la, la, la, la, la, la!
E da luz a gloria canta,
La, la, la, la, la, la, la!
Nós, das caminhas saltando,
La, la, la, la, la, la, la!
Vamos ao jardim cantando:
La, la, la, la, la, la, la!

MARCHA

(Musica 29)

Eu gosto de um camarada
P'ra andarmos sempre juntinhos,
E, ao som da mesma toáda,
Marcharem nossos pésinhos.

Vamos cantando assim:
Dlon, dlin, dlon, dlin, dlon, dlin!
Oh! vamos cantando assim:
Dlon, dlin, dlon, dlin, dlon, dlin!

Vamos, como os passarinhos,
jubilosos a cantar;
Nosso jubilo, amiguinhos,
Sonorise todo o ar.

Vamos cantando assim:
Dlon, dlin, dlon, dlin, dlon, dlin!
Oh! vamos cantando assim:
Dlon, dlin, dlon, dlin, dlon, dlin!

SAUDAÇÃO DO 1.º PERIODO

Na saudação,
Com alegria,
E' o coração
Que diz: Bom dia!

Polidez

(Musica 246)

E' tão bonito ser polida!...
Polida eu quero ser
E sendo assim, serei querida
De quem me conhecer.

Quando desperto, bem cedinho,
Logo extendendo a mão:
—Bom dia! Mamãe, papaesinho
Vos sois meu coração!

Se alguem por mim passando vejo,
Sei logo repetir:
—Bom dia! E a todos eu desejo
O bom dia, a sorrir.

Quando o Jardim alguem visita
Tambem se diz: bom dia!
Quem saudações esquece e evita
Não sabe a cortezia.

—Adeus! eu digo ao ir-me embora,
—Bôa-noite! ao me deitar.
Assim, eu sei a qualquer hora
Meus amigos saudar!

CANTO PARA A ENTRADA

(Musica 7)

O Jardim da Infancia

O nosso jardim da infancia
E' bonito e grato e ledo!
Doce é toda vigilancia
Todo o trabalho é folguedo.

Vivamos todos contentes.
Sejamos obedientes.

CANTO PARA A ENTRADA

(Musica 11)

Salve, salve, jardim formoso
Que abres em flôr nossas alminhas!
Aqui o trabalho é riso e gozo,
E as mestras são as mamãesinhas.
Bem vindos todos, bom dia!
Seja comnosco a alegria!

HORAS DO LUNCH

Falla agora o appetite
Ninguem mais seu *lunch* guarde;
Das cestinhas ao convite
Eis-nos promptos:—Boa tarde!

CANTO PARA A ENTRADA

(Musica 5)

No leito fofinho e quente
Com meu jardim sonho e sonho...
Como é bom sentir-se a gente
De pé, corado e rizonho!

CANTOS DE DESPEDIDA

I

(Musica 360)

Finda a hora dos folguedos
Vamos p'ra o materno lar,
Dóceis, bons, activos, ledos,
A mamãesinha beijar.

Boas mestras, vossas fallas
Vão aqui no coração,
Ellas são flôres e galas
Que vossos labios nos dão.

II

(Musica 73)

Silencio aos nossos rumores,
Hoje não se brinca mais;
Nossas boquinhas de flôres
Vão beijar os nossos paes.

III

(Musica 359)

Depressa—o tempo é findo
Do nosso grato afan;
Caro jardim formoso,
Adeus! até amanhã.

IV

(Musica 362)

São horas, amiguinhas,
Vamos p'ra nossas casas,
Quaes leves passarinhos
Batendo as finas azas.
Vamos, vamos voando!
Mamãe está esperando.

ACABADO O LUNCH

São horas de recreio,
Cada um tome seu par
E, marchando n'um passeio,
Vamos p'ra o Jardim brincar!

SAUDAÇÃO AOS VISITANTES

(Musica 8)

Bemvindos sejaes sempre ao lar das creancinhas
O' vós, que a luz do amor buscaes nos olhos seus!
Para saudar-vos, vêde, agitam-se as mãosinhas...
Voltae a vêr-nos logo! Adeus, Adeus, Adeus!

MARCHA

(Musica 17)

Vinde, amiguinhas marchar,
Vêr o campo, o céo as flôres!...
Ha tanta pureza no ár!...
O sol tem tantos fulgores!
  Oh, vinde marchar!
No arvoredo os passarinhos
Ruflam azas a cantar;
Zumbem loiras abelhitas...
Que borboletas bonitas
Andam leves a esvoaçar
Pelas orlas dos caminhos!
  Oh, vinde marchar!
Canta a cigarra vibrante
Como limpido clarim...
Que perfume inebriante
Rescende todo o jardim!
  Oh, vinde marchar!

PROGRAMMA DE JARDIM DE INFANCIA

Anna W. Devereaux

(Trad. de G. Prestes e versos de D. Zalina Rolim)

O programma cuja publicação, em seguida, iniciamos foi organizado pela Inspectora dos Jardins de Infancia de Lowell, Mass. – Estados Unidos.

A distribuição dos assumptos, como é natural, é feita attendendo a circumstancias especiaes dos Estados Unidos, taes como as que se referem ás estações e a todas as modalidades que dahi resultam nos aspectos da natureza. Não é, pois, um programma a seguir: é apenas um modelo de distribuição de ensino que offerecemos aos que se interessam pela organização dos Jardins de Infancia ou praticam os principios de taes instituições no ensino infantil.

Sob este ponto de vista, ha no presente trabalho muita cousa aproveitavel e suggestiva.

Como, em seguida, se verá, o programma da Sra. Devereaux é feito dia a dia. Excusado, pois, será dizer que sómente após um anno de trabalho regular, aproveitando-se as notas diarias, é que se poderá fazer um trabalho nestas condições. E exactamente porque as indicações que nelle se encontram são dadas a *posteriori*, foi que lhe demos preferencia tentando a sua traducção.

PROGRAMMA

Setembro

Pensamento dirigente para o mez — A colheita.

Hymnos para o mez: Graças ao Creador; Os cordeirinhos.

Assumptos semanaes: O lar e o Jardim de Infancia.

Conversações da manhã: Comparação da vida da familia e da creança com a vida em geral, remontando-se á origem de toda vida. Mostre-se á creança uma pintura da Virgem.

Historias: O dedinho vaidoso, da «*Boston Collection of Kindergarten Stories*».

BRINQUEDOS DE DEDOS E CANTOS GESTICULADOS

Eis a Mamãe querida e boa; Nos galhos de uma arvore; Eis o campo (cultivado).

CANTOS PARA AS SEMANAS

Cantos de bom dia: «A todos, bom dia» «Bom dia, risonho sól;» «Bom dia, dizem os dedos».

BRINQUEDOS

Alegres formemos a roda.
E' tempo de brincar.
A bola que não pára.
A creança irrequieta.

Juntemos agora as mãos e brinquemos com a bola.

Voae, voae passarinhos em torno da roda.

I

PRIMEIRA DIVISÃO

Dons e occupações para a primeira semana de Setembro.

Segunda-feira

Primeiro dom. Entregue-se uma bola a cada creança, e ellas que vejam o que podem fazer com as bolas. A bola de Alice está andando assim (a professora mostrando). Vamos todas ver se as nossas bolas podem fazer o mesmo que a de Alice está fazendo.

Depois que as creanças tiverem observado os movimentos da bola, mostram-se á classe as côres do espectro.

CANTO

«Vem cá, lindo raio amigo
Ora branco, ora de côres;
Quero ver-te aqui commigo
Apanhar teus esplendores.

Dá-me a tua luz formosa,
Quero vel-a em meus brinquedos;
Córa-me a face mimosa,
Não fujas dentre os meus dedos.

Indiquem ás creanças a côr vermelha no mappa de côres, e todas as creanças que tiverem bolas desta côr ergam as mãos e digam a côr, se fôr possivel, e se não, ensine-lhes a professora o nome da côr.

Mande-se que as creanças tragam objectos vermelhos durante a semana e, com os que mais se prestarem, faça-se um mappa dos vermelhos, collocando-os em cartão.

OCCUPAÇÃO

Alinhavo do contorno da bola em vermelho.

Terça-feira

Segundo dom. Entregue-se a cada creança uma esphera. Digam o que é aquelle objecto. Pergunte-se se ellas podem fazer com a bola dura o mesmo que fizeram com a mole. Repitam-se os exercicios do dia anterior. Colloque cada creança a sua esphera sobre a mesa. Ellas vêem logo que a esphera não gosta de estar quieta.

Vou agora mostrar uma cousa que gosta de estar parada: olhem. O que será isto? Sim: um cubo (Suppõe-se que no jardim hajam creanças que já tenham cursado o anno anterior). Agora vou collocar o cubo no fim da mesa e, como a esphera não gosta de estar quieta, vamos fazel-a rolar para acertar no cubo. Faça-se notar que a esphera faz barulho quando rola.

Mande-se que as creanças tragam pequenos objectos e quando os trouxerem, faça-se com que ellas os classifiquem relativamente ás suas semelhanças com a esphera, o cubo e o cylindro.

OCCUPAÇÃO

Modelagem da esphera.

Quarta-feira

Terceiro dom. Abram-se as caixas em unisono. Compare-se este com o cubo do segundo dom. Notem-se as linhas divisorias pelas quaes elle póde ser dividido. Uma das creanças que o divida por uma dessas secções e, em seguida, façam todas o mesmo. Outra creança que o divida por outra fórma. Repitam todas o mesmo. (Invenção).

OCCUPAÇÃO

Tecelagem.

Quinta-feira

Taboinhas quadradas derivadas de um dos cubos menores do terceiro dom.

Faça-se notar que ellas são exactamente das mesmas dimensões dos quadradinhos das mesas. Dêem-se duas a cada creança e veja-se de quantas maneiras ellas podem combinal-as. Marietta tem as suas reunidas assim (a professora illustra o que diz desenhando na lousa) ◇◇; vamos todas fazer o mesmo que Marietta fez. Prosiga-se do mesmo modo desenhando as varias combinações feitas pelas creanças taes como estas: □□ □□ □□ ◇◇, etc.

OCCUPAÇÃO

Dobrado.

Quinta-feira

Pauzinhos. Se podessemos cortar com uma faca esta parte do cubo (mostrando um cubo, de polegada

e apontando para uma face), teriamos uma taboinha como esta (mostrando uma taboinha quadrada). Agora se nós cortarmos esta parte do cubo, (percorrendo com o dedo uma das arestas), teriamos uma cousa parecida com isto (mostrando um pauzinho de uma polegada).

Dêem-se a cada creança dous desses pauzinhos. Quero vêr o que é que Joanninha vai fazer com os della? Ella collocou-os juntos assim — —. Vamos todas fazer o mesmo. Julinho virou os delle deste modo ¦. Vamos vêr se podemos fazer o mesmo. De que comprimento ficaram os pauzinhos assim? Quantos pauzinhos de uma polegada precisamos para fazer um pauzinho deste cumprimento?

Desenhem-se as outras combinações que as creanças o tenham feito, como estas: ⊥ T ⊢, etc.

OCCUPAÇÃO

Desenho. Movimento circular no espaço, primeiro sem lapis, e depois com lapis, dizendo a professora:

«Como o sol circulos traço,
Como a lua um giro faço».

Deve-se ter em vista a posição do lapis. Consegue-se traçar melhor um circulo quando a ponta do lapis se conserva voltada para a esquerda.

SEGUNDA DIVISÃO

Dons e occupações para a primeira semana de Setembro.

Segunda-feira

Emprego da bola vermelha, da azul e amarella.

Passe-se uma bola a cada creança e deixe-se que façam com ella o que fôr mais de seu gosto. Accen-

tue-se a noção da côr vermelha fazendo rolar as bolas desta côr emquanto todas cantam alguns versos relativos a essa côr. Mostrem-se as côres do prisma a fim de que as creanças indiquem a côr que corresponde á da bola.

Mande-se que as creanças tragam durante a semana objectos vermelhos para fazer-se um mappa.

OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e discos de papel vermelho.

Terça-feira

Segundo dom. Mostrem-se as tres fórmas: a esphera, que póde rolar; o cylindro que póde ficar de pé e rolar tambem; e o cubo que gosta de ficar de parado.

Reunam as creanças as duas mãosinhas em concavo. Colloque-se uma esphera nas mãos de cada creança assim dispostas. Digam as creanças o que foi que a mestra lhes deu e vejam se podem fazer com a esphera o mesmo que fizeram com a bola do primeiro dom. Note-se que esta faz mais barulho do que a anterior.

Colloque-se uma bola vermelha na extremidade da mesa, e as creanças que rolem as suas espheras para acertar nella. Role-se a esphera de uma creança para outra, sendo o exercicio acompanhado de canto.

OCCUPAÇÃO

Modelagem da bola.

Quarta-feira

Lembram-se vocês do que fizemos com as nossas bolas hontem e ante-hontem? Vamos ver se podemos fazer com as mãos o que fizeram as nossas bolas. Repita se a indicação das direcções que forem suggeridas pelas creanças.

Hoje, faz de conta que os nossos pauzinhos são soldados; vamos fazer fileiras bem direitas, uma aqui (faz-se a fileira da esquerda para a direita), agora outra aqui (parallela á primeira). Mostrem-me agora com as mãozinhas como é que elles estão. Cada creança terá de mover a mão indicando da esquerda para a direita a posição das fileiras. Canto:

«Soldados perfiladinhos
Vamos a marcha encetar.
Alerta, meus soldadinhos:
—Rufa o tambor... e marchar!»

Em seguida, deixe-se que as creanças façam com os pauzinhos o que preferirem.

OCCUPAÇÃO

Collagem.

Passe-se a cada creança uma folha de papel de cinco polegadas em quadro, subdividida em quadrados de uma polegada. Assignale-se o quadrado do meio. Dêem-se então a cada creança tres discos de papel vermelho. Colloquem um delles no quadradinho do meio e collem-n'o. Temos dous quadradinhos á esquerda deste. Tomem outra rodinha de papel e collem no quadradinho que está do lado esquerdo, neste, (a professora deve mostrar o quadrado a que se refere). Collem outra no quadrado que está á di-

reita. Sim, muito bem. As rodinhas de papel estão collocadas do mesmo modo que a fileira dos soldadinhos.

Repita-se o exercicio indicado a posição com as mãos e torne-se a cantar:

«Soldados perfiladinhos...»

Quinta-feira

Primeiro dom. Revisão dos exercicios feitos ha pouco. Como estavam os soldadinhos collocados (direita e esquerda—movendo as mãos).

Olhem em volta da sala e vejam se encontram alguma cousa que se esteja movendo da mesma maneira. Sim; o pendulo do relogio. Faça-se de conta que as nossas bolas sejam pendulos e vamos fazel-as baloiçar como elle. Canto:

«Baloiçar, baloiçar, gentis bolinhas,
Ora á esquerda, ora á direita;
Ao exemplo do pendulo mansinho,
Seja a tarefa bem feita.»

OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e discos de papel vermelho.

Sexta-feira

Segundo dom. Repitam-se os exercicios anteriores conforme as creanças os forem suggerindo. Accentue-se a noção de direita e esquerda, cantando.

Colloquem as creanças as suas espheras sobre a mesa. Immediatamente ellas hão de ver que a esphera não gosta de estar quieta. Conhecem algum

objecto que goste de estar parado? O cubo. Depois que cada creança o tiver examinado, pegando nelle, colloque-se o cubo na extremidade da mesa e faça-se cada creança rolar a esphera procurando attingil-o.

Applaudam-se as creanças que acertarem e cantem todas:

«A bolla passa girando...
Tra, la, la, la, tra, la, la!
Sua face não se altera...
Tra, la, la, la, tra, la, la!
Vae sempre, sempre rolando...
Tra, la, la, la, tra, la, la, la!
E' curva e chama-se esphera...
Tra, la, la, la, tra, la, la, la!

OCCUPAÇÃO

Caixas de Hailmann, contendo pequeninas espheras, cubos e cylindros para serem enfiados.

Dá-se uma a cada creança. Depois de abrirem as caixas ao mesmo tempo, cada creança toma um cordão e começa a enfiar todas as espherazinhas, Pergunte-se, em seguida se ha na caixa alguma cousa que goste de ficar parada (o cubo). Enfiem todos os cubos que poderem achar. Se houver tempo enfiem os objectos restantes (cylindros).

II

SEGUNDA SEMANA

Assumpto para a semana. — Os fructos.

CONVERSAÇÕES DA MANHÃ

Chame-se a attenção das creanças para as arvores e veja-se se as que estiveram no *Jardim* na pri-

mavéra se lembram qual o aspecto que então apresentavam as arvores.

Tragam-se fructos e ensinem-se as creanças a distinguil-os. Faça-se com que deduzam o facto de nascerem as laranjas das laranjeiras, as limas das limeiras, etc.

Mostrem-se as phases que vão da flor ao fructo maduro, e notem-se quaes as condições necessarias ao bom desenvolvimento. Para estas conversações muitos elementos se podem colher no «In the Child's World». de miss Poulsson.

Neste periodo do anno, quando o lavrador colhe os fructos, os passaros começam a emigrar porque sabem que o tempo frio se approxima, arribando depois do Sul, á volta da Primavéra.

Historia: O somno da maçã do «In the Childs World».

Canto: «Para onde ides, passarinhos?»

BRINQUEDOS

O pomar. O tanoeiro. Brinquedos relativos ao sentido do gosto.

PRIMEIRA DIVISÃO

Segunda-feira

Primeiro dom. Lembram-se todos da côr que aprendemos na semana passada? Sim, sim, vermelho!

Hoje vamos ver se poderemos achar uma bola de uma cor como esta (aponte-se para o alaranjado). Zulmira é quem vai procurar a bola da côr que eu quero. Extendam agora as mãozinhas e eu vou mandar a bola alaranjada fazer uma visita a cada uma. Passem as creanças a bola de uma para outra,

cantando. Offereça-se uma bola a cada creança, deixando-a escolher a que preferir.

Reforce-se a noção de *direita* e *esquerda*, chamando-se a attenção das creanças para o pendulo e fazendo-as cantar:

«Baloiçar, baloiçar, gentis bolinhas»

Colloquem-se na extremidade da meza uma bola vermelha e uma alaranjada e faça-se com que as creanças, rolando as suas bolas, procurem acertar nellas, dizendo em qual das duas acertaram. Jogo— «A laranja madura e a maçã madura».

Mande-se que as creanças tragam objectos côr de laranja durante a semana. Faça-se com taes objectos um mappa dessa côr.

OCCUPAÇÃO

Alinhavo do contorno da bola em vermelho.

Terça-feira

Segundo dom. Na semana passada achámos nestas caixas uma cousa que gostava muito de rolar... Sim, a esphera. Hoje eu vou fazer rolar uma esphera para cada uma de vocês. A esphera não anda como nós, porem vai rolando, rolando porque é redonda. Conhecem vocês alguma cousa que seja redonda como a esphera? Deixe-se que as creanças designem alguns objectos redondos.

Hoje as nossas espheras tem mais alguma cousa do que no outro dia... Sim, (um fio, um barbante) um cordel. Podemos, pois, fazer a esphera girar (assim).

Todas as creanças fazem girar a bola, cantando.

«A bola passa girando...
Tra, la, la, la, tra, la, la!
Sua face não se altera...
Tra, la, la, la, tra, la, la, la!
Vai sempre, sempre rolando...
Tra, la, la, la, tra, la, la. la!
E' curva e chama-se esphera...
Tra, la, la, la, tra, la, la, la!

A esphera parece sempre redonda.

Emquanto vocês estão girando as suas espheras eu vou collocar em cima da mesa um outro objecto que vai ficar bem quietinho... Sim, um cubo. Luizinho diz que sabe porque é que o cubo não rola: é porque elle tem muitas faces. Vamos ver se podemos contar quantas faces tem. Primeiro, temos uma aqui e outra aqui, (aponte a professora duas faces oppostas) outra aqui e aqui; e uma aqui outra aqui.

Vamos ver outra vez e contar: Um, dous; tres, quatro; cinco, seis.

OCCUPAÇÃO

Modelagem da maçã.

Quarta-feira

Terceiro dom. Façam-se notar as divisões do cubo. Na semana passada nós dividimos o cubo, assim, (em metades) por esta divisão, em duas partes. Agora quero ver qual de vocês pode dividir uma destas partes em duas outras. Vamos ver se Alfredo é capaz de fazel-o. Assim, muito bem. Quantos pe-

daços fizemos? Um, dous, tres e quatro. Quantos cubos ha ainda em cada pedaço? Dous. Tirem agora estes dous pedaços (apontando-se os da esquerda) e façam com elles um muro. Quantos cubos neste muro? Quatro. Façam um outro muro como este com os dous pedaços da direita. Juntem esses dous muros, bem juntinhos até formarem outra vez o cubo.

Invenção.

OCCUPAÇÃO

Tecelagem.

Quinta-feira

Se podessemos tirar esta parte do cubo (apontando-se para uma das faces) teriamos uma cousa como isto (uma taboinha quadrada). Que parte do cubo teriamos? Uma face. Agora vou dar a cada uma de vocês tres destas taboinhas e vejam o que podem fazer com ellas.

Primeiramente, vamos vêr se fazemos o mesmo que Alzira fez com as della; façam agora o mesmo que fez o Alberto.

Faça-se com que as creanças combinem as taboinhas por muitas maneiras.

OCCUPAÇÃO

Dobrado.

Sexta-feira

Pauzinhos. Que cumprimento tinham os pauzinhos que eu dei a vocês na semana passada? Sim;

exactamente, uma polegada. Hoje os pauzinhos que eu dei são mais cumpridos. Sim, elles são exactamente eguaes a dous quadradinhos; por isso, diremos que têm duas polegadas de cumprimento.

Vejam agora se ambos são do mesmo cumprimento. Como? Sim, colloquem um ao lado do outro em cima da mesa.

Agora separem um do outro deixando um quadradinho entre elles. Agora vou dar mais dous pauzinhos de meia polegada para vocês fazerem uma escadinha |=|. Isto feito, juntem as creanças as escadinhas duas a duas, de modo a formarem uma escada maior.

Invenção.

OCCUPAÇÃO

Dezenho. Repitam-se os exercicios da semana anterior.

SEGUNDA DIVISÃO

Dons e occupações para a segunda semana.

Segunda-feira

Deixe-se rolar sobre a mesa uma bola vermelha.

Quero vêr se alguem é capaz de achar uma bola desta côr (mostrando-se um objecto azul). Faça-se rolar na mesa a bola azul que for trazida, e cantem as creanças: «Passêa a bola contente». Dê-se a cada creança uma bola.

Colloque-se uma bola azul e outra vermelha na extremidade da mesa e deixe-se que as creanças rolem as suas bolas procurando acertar nellas. Digam a côr da bola em que acertarem.

OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e discos de papel azul.

Terça-feira

Segundo dom. Esta bola dura não gosta de ficar parada, mas não tem pés. Como é que anda? Vai rolando, rolando porque é redonda. Vou deixal-a correr para Maria e Maria vai fazel-a correr para o Carlos, e assim por deante até voltar para mim.

Designem as creanças objectos que sejam redondos.

Tenho agora aqui uma bola com um cordel para cada uma de vocês. Quem me dirá o que podemos fazer com estas bolas? Sim; podemos fazel-as girar. Todas as creanças fazem girar a bola e cantam:

«A bola passa girando».

Accentue-se a noção de face curva.

OCCUPAÇÃO

Modelagem da maçã ou da laranja.

Quarta-feira

Taboa para tornos. Faça-se de conta que cada uma destas taboas é um pomar. Vamos então cercar os nossos pomares. Primeiro vamos fazer esta cerca (a ultima fileira de furos); agora aqui e aqui (á direita

e á esquerda). Falta agora este lado. Muito bem; estão cercados os pomares. Agora vocês vão marcar o logar das arvores e eu quero vêr se adivinho que arvores vocês plantaram. (*)

OCCUPAÇÃO

Collagem ⁝ de papel azul em quadrados de papel branco.

Quinta-feira

Primeiro dom. Revisão dos exercicios anteriores, prestando-se cuidadosa attenção ás côres azul e vermelha.

Reforce-se o conhecimento das direcções (adeante atraz) cantando-se:

«Para traz e para a frente
Passêa a bola contente.
Como as campainhas faz:
Para a frente e para traz.»

OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e discos de papel azul.

(*) «*Tiles*» Os americanos dão esta denominação, para a qual não encontrámos equivalente preciso, a uma pequena prancha ou quadro de madeira com furos em que se podem encravar pequenos tornos de madeira de varias côres de modo a formarem differentes combinações de fórma. Ha duas especies de *tiles*: a que acabámos de descrever que é a de *Mrs. Putnam'is Busy Work Tile*; e outra de *Bradley*. Esta consta de um quadro de madeira com recortes em que se collocam 100 espherazinhas das de Hailmann e é empregada para o ensino de numero e de fórmas.

O exercicio, de que nos vamos occupar aqui, é feito com a primeira dessas *tiles* que, por amor á clareza da exposição, chamaremos—*taboa para tornos*. (N. do Trad).

Sexta-feira

Segundo dom. A esphera rola e rola, bem assim, por ser redonda e ter uma só face curva (superficie é o termo exacto, mas com as creanças pode-se usar da primeira expressão).

Vou agora mandar um objecto fazer uma visita a cada uma de vocês, mas este tem tantas faces que não póde rolar. Distribuam-se os cubos, cantando.

Vejamos se podemos descobrir as faces dos cubos.

Colloque-se o cubo em cima da mesa e distribuam-se as espheras, uma para cada creança. Faça-se de conta que as faces do cubo são portas e que cada esphera é uma creança. Batam então nas portas do cubo. Primeiro batam nesta porta (A professora indica uma das faces), e agora nesta. Assim, por deante, até que tenham batido em todas.

Repita-se o exercicio, mas contando: um, dous, tres, quatro, cinco, seis.

OCCUPAÇÃO

Enfiar espherazinhas e cubos alternadamente.

III

TERCEIRA SEMANA

Assumpto para a semana—vegetaes.

Nas conversações da manhã falle-se sobre differentes especies de vegetaes, mostrando-os ás creanças. Faça-se notar que, em alguns dos que nos servem de alimento, a parte que comemos amadurece debaixo da terra. Designem as creanças as especies que conhecem. Dirija-se a attenção das creanças sobre a neces-

sidade do sól e das chuvas para o desenvolvimento dos vegetaes e dos fructos. Mostrem-se differentes sementes de que provém os vegetaes. Historia – «As dez hervilhas numa vagem», da *Boston Collection of Kindergarten Stories.*

Canto: «Bom dia ao verão».

Nas rodas da manhã os vegetaes (as creanças) formam um circulo. Fechem as creanças os olhos. Tire-se uma dellas para fóra e todas cantem: «Quando juntas brincamos, etc». Se uma das creanças poder dizer qual foi retirada da roda, todas applaudem e cantam: Tra, la, la.

BRINQUEDO

«Quando juntas brincamos».

PRIMEIRA DIVISÃO

Dons e occupações para a terceira semana de Setembro.

Segunda-feira

Primeiro dom. Descubram as creanças a bola que corresponde á côr seguinte do espectro (amarello). Reforce-se o conhecimento das tres côres: vermelho, alaranjado e amarello.

Tenham-se em especial attenção as noções relativas á direcção—adeante e atraz—Canto.

«Para a frente e para traz
Passêa a bola contente,
Como as campainhas faz:
Para a frente e para traz».

Faça-se um mappa das variantes do amarello.

OCCUPAÇÃO

Alinhavo do contorno de vegetaes. D'entre alguns como, beterrabas, cenouras, batatas, escolham as proprias creanças os que preferirem contornar pelo alinhavo.

Terça-feira

Segundo dom. Fechem as creanças os olhos e extendam as mãos; distribua-se assim uma esphera a cada uma. Isto feito, cante-se:

«Alerta!... Todas despertas!
Rosto alegre e olhos abertos!

Vou agora, de uma em uma, e vocês todas vão me dizer, bem baixinho no ouvido, o que é que têm nas mãos.

Sim, vocês têm todas uma esphera; e ellas gostam tanto de rolar que nós vamos agora farzer-lhes a vontade. Canta-se, emquanto rolam as espheras:

«Oh! vinde rolar contentes
Espherinhas deligentes».

A esphera tem uma face curva e, por isso, póde rolar bem.

Distribuam-se os cubos. Tambem o cubo tem uma face só? Não; o cubo tem muitas faces, como disse a Marietta. Vamos vêr onde estão essas faces. Como é que as nossas espheras estavam rodando ainda agora? Para deante e para traz. Se tomassemos uma esphera, acham vocês que poderiamos bater com ella na face de traz do cubo? Faça-se de conta que o cubo é uma casa com duas portas, uma na frente e

outra atraz, no fundo; a esphera é um menino. O menino está batendo na porta? . . . Da frente, sim; e agora? . . . Na de traz.

Rolem as espheras para mim. Como ellas não querem ficar paradas na mesa, vamos mandal-as embora.

Olha, Luizinho, vou agora rolar para você um outro objecto. O que é? Sim, é um rolinho. Marietta está dizendo que o outro nome do rolo é cylindro.

Com certeza vocês querem que eu mande os cylindros fazerem-lhes uma visita; passem então o cylindro de uma em uma.

Agora cada uma ficou com um cylindro. Colloquem agora os cubos no meio da mesa e rolem os cylindros para acertar na face do cubo.

Joanninha está dizendo que o cylindro não rola tão bem como a esphera. Amelia diz que elle póde ficar de pé em duas das faces.

Vamos agora guardar os nossos cylindros para outro dia, e como elle gosta de rolar, façam todos virem rolando até aqui.

Muito bem. Eu queria tambem os cubos, mas esses não podem rolar como a esphera e como o cylindro.

Sim, Carlito, elles podem escorregar na mesa. Então façam os cubos escorregarem até aqui.

OCCUPAÇÃO

Quarta-feira

Terceiro dom. Repitam-se os exercicios de analyse da semana anterior e faça-se a divisão em oito

partes. Comparação com um cubo de duas polegadas. Reconstrucção.

Invenção.

OCCUPAÇÃO

Tecelagem.

Quinta-feira

Distribuam-se quatro taboinhas a cada creança. Colloquem duas dessas taboinhas juntas para formar um passeio, como nas ruas, e agora vamos ver quem é capaz de dizer-me o comprimento desse passeio? Duas polegadas. Quantas taboinhas são precisas para formar esse passeio de duas polegadas? Duas. Façam outro ao lado, ficando um quadradinho no meio. Quantas taboinhas em cada passeio. Juntem os dous passeios para fazer um passeio mais comprido. Que comprimento tem esses passeios agora? Quatro polegadas. Virem todo o passeio de modo que elle fique collocado da direita para a esquerda. Façam agora dous pequenos passeios, da direita para a esquerda e deixando um quadradinho entre os dous.

Invenção.

OCCUPAÇÃO

Dobrado.

Sexta-feira

Pauzinhos - Dous de 4 polegadas e um de uma polegada. Deixe-se que as creanças descubram por si o comprimento dos pauzinhos — Colloquem-se então todos sobre a mesa. Tomem-se dous pausinhos de 1

polegada e colloquem-se no meio da mesa ao com prido e distantes de uma polegada. Colloquem-se, do mesmo modo, os dous restantes á esquerda dos primeiros, por este modo ||||.

Como estão collocados os pauzinhos? Quantos pauzinhos temos?

Colloquem um dos pauzinhos de 4 polegadas ao lado deste, da direita para a esquerda e tocando nas suas pontas. Um outro abaixo assim ||||. Julinho diz que isto é uma grade. Juntem varias creanças as suas grades para formarem uma grade bem comprida. Digam as creanças de que são feitas e para que servem as grades.

OCCUPAÇÃO

Desenho, á mão livre de movimentos no espaço, primeiro circulares, e em seguida, de um lado para outro. Linhas de cima para baixo em papel, á mão livre.

Desenho á vontade das creanças.

SEGUNDA DIVISÃO

Segunda-feira

Reforce-se o conhecimento da côr amarella. Revisão do azul e do vermelho, deixando rolar sobre a mesa uma bola de cada uma dessas côres. Canto.

«Toma agora esta bolinha,
Não a deixes se escapar;
Essa é tua e esta é minha
—Vamos com ellas brincar.
Vermelha, azul, amarella
Qual das bolas é mais bella?

Entregue-se uma bola a cada creança e faça-se a revisão dos exercicios de direcção. Colloquem-se duas bolas na extremidade da mesa, uma azul e outra amarella. Rolem as creanças as suas bolas de modo a acertarem nellas, e digam a côr daquella em que acertarem.

Brinquedo das fructas—venda de laranjas, limas, etc.

Mande-se que as creanças tragam objectos amarellos para um mappa.

OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas amarellas e discos de papel da mesma côr.

Terça-feira

Segundo dom. Distribuam-se os cubos e, depois que todas as creanças os tiverem collocado no meio da mesa, entregue-se a cada uma dellas uma esphera. Hoje vamos vêr onde estão algumas das faces do cubo.

Supponha-se que o cubo é uma casa e que a esphera é um menino que deseja penetrar na casa. Ha duas portas, uma na frente e outra atraz. O *menino* bate primeiro na da frente e depois na de traz. Este exercicio póde repetir-se por diversas vezes de modo que as creanças venham a ter uma idéia clara das duas posições *adeante* e *atraz.*

Termine-se o exercicio, collocando-se o cubo na extremidade da mesa e fazendo-se as creanças rolarem as suas esphera para acertar numa das faces do cubo.

Quando acertarem, applauda-se e cante-se.

OCCUPAÇÃO

Modelagem de vegetaes.

Quarta-feira

Taboas para tornos. (*Tiles*) Depois de se dar a cada creança uma taboa com os respectivos tornos, imagine-se que os tornos são soldados. Colloquem as creanças os *soldadinhos* em linha e cantem

«Soldados perfiladinhos.»

Agora vamos collocar os soldadinhos numa fileira, no meio da taboa, e vindo de traz para a frente, (no sentido da largura)

A professora naturalmente terá que collocar o primeiro torno para muitas das creanças.

Colloque-se outra fileira de soldadinhos no meio da taboa da direita para a esquerda.

Aspecto que apresentará a taboa:

OCCUPAÇÃO

Collagem de papeis · ⋮ · em quadrados de papel ou cartão.

Quinta-feira

Primeiro dom. Revisão dos exercicios anteriores. Reforce-se o conhecimento das côres vermelha, azul e amarella.

Accentue-se a noção de movimento circular, cantando-se:

«Giram, giram as bolinhas
Como as rodas, sem parar,
Giram, giram, bem mansinhas,
Sem na mesa resoar.»

Designem as creanças objectos que rodam como as rodas.

OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas amarellas e discos de papel da mesma côr.

Sexta-feira

Segundo dom. Deixe-se uma bola livre sobre a mesa e cante-se:

«A bola passa girando»

Deixe-se as creanças pegarem na esphera e dizerem o que observam. E' lisa, é redonda, é dura, etc.

Ponha-se um cubo na meza e faça-se com elle o mesmo exercicio. O cubo é redondo como a esphera? Não, o cubo machuca a mão da gente e a esphera não.

Distribuam-se os cubos ás creanças e ellas que mostrem qual a parte que machuca a mão. Vejam

se descobrem alguma cousa semelhante aos cantos do cubo, nas mesas e em outros objectos da sala. Se ellas não chegarem a precisar o nome repita-lhes a professora que são *cantos* ou *angulos*.

Veja-se quantos cantos ellas podem descobrir no cubo, sem referencia á posição. Agora façam o dedo escorregar percorrendo esta parte do cubo que vai de um canto a outro.

Designem as quinas das mesas e de outros objectos na sala.

Colloque-se um cubo na extremidade da mesa e façam as creanças rolar as suas espheras para acertar nelle. Quando acertarem, digam se tocaram numa face ou numa quina.

OCCUPAÇÃO

Enfiar espheras e cubos dous a dous.

IV

QUARTA SEMANA

Assumpto para a semana—cereaes.

Tendo-se fallado sobre o effeito do sól e da chuva sobre os fructos e vegetaes, leve-se as creanças a pensarem em outras plantas que crescem nos quintaes. Além de outras, as creanças naturalmente, hão de lembrar-se do milho, do arroz, do trigo. Mostre-lhes a professora alguns grãos de cada um desses cereaes, ou uma espiga. Diga-lhes como os lavradores colhem e armazenam os cereaes. Pergunte-se como se chama o tempo em que os lavradores colhem os fructos das plantas e, se não o souberem, en-

sine-lhes a professora que se chama o tempo da *colheita.*

Na manhã seguinte, mostre ás creanças a farinha dos cereaes e conte-lhes como é que se móe a farinha—Os moinhos e o moleiro.

Em seguida, diga-lhes como se faz o pão. Assim verá a creança a relação que ha entre as sementes e o pão. Chame a attenção da creança para as dependencias em que estamos todos, uns em relação aos outros, perguntando-lhes: Quem é que faz o pão? A mamãe; o padeiro. . . Sim; mas se o moleiro não tivesse moido o trigo, a mamãe nem o padeiro teriam a farinha; se o lavrador não tivesse plantado as sementes, o moleiro não teria o trigo; e se não houvesse chuva nem sól a semente não teria crescido.

Por este modo, a creança vai do conhecido para o desconhecido.

Agradará muito ás creanças verem a representação dos differentes utensilios de lavoura desenhados na lousa. Póde-se tambem fazer uma bonita pintura explicativa do moinho com a sua roda movida pela agua do tanque ou do rio.

Historia—«Carlota e os dez anõezinhos—Do «*Kindergarten Stories*, de Sara E. Wiltse.

BRINQUEDOS DE DEDOS E CANTOS GESTIGULADOS

«O Moleiro», «O padeiro», «Eis, a vovózinha».

BRINQUEDOS

O lavrador.

PRIMEIRA DIVISÃO

Dons e occupações para a quarta semana de Setembro.

Segunda-feira

Primeiro dom. Descubram as creanças uma bola que corresponda á côr seguinte do espectro—á côr verde.

Revisão das côres anteriores, deixando-se as respectivas bolas rolarem em torno da mesa.

Colloquem-se as bolas das quatro côres na extremidade da mesa, e cada uma das creanças que procure acertar nellas com a sua bola.

Jogo de fructas—venda de fructas de differentes côres.

Mande-se que as creanças tragam objectos vermelhos durante a semana e forme-se um mappa triangular para a sala.

Preste-se especial attenção aos movimentos circulares.

OCCUPAÇÃO

Alinhavo—O sacco de farinha.

Terça-feira

Segundo dom. Chame-se uma creança e mande-se que feche os olhos. Seja o Carlito. Agora vamos todos vêr se Carlito sabe o que é que eu vou pôr na sua mãosinha.

Colloque-se-lhe nas mão uma das fórmas do segundo dom. Diga-me agora tudo o que sabe sobre o

objecto que eu puz na mão de você mas sem abrir os olhos.

Continue-se estes exercicios com varias creanças até que todas as fórmas tenham sido descriptas assim, pelo tacto.

Distribua-se a cada creança um cubo preso a um cordel. Façam todas girar o cubo e cantem:

«Vão correndo, vão correndo
Os meus bellos brinquedinhos,
De seis faces, quadradinhos.
Vão correndo, vão correndo,
Um apoz outro elles vão.
E' seu guia a minha mão.

Colloquem-se os cubos em cima da mesa. Quem se lembra ainda das faces que vimos na semana passada? Sim; as da frente e de traz.

Vamos vêr agora se podemos descobrir mais duas faces, uma á esquerda, outra á direita.

Quero vêr agora se o cubo tem alguma cousa mais, além das faces.

Sim, Joanninha achou os cantos e Esther descobriu as quinas.

Depois hei de contar a vocês alguma cousa mais, sobre os *cantos* e sobre as *quinas*.

OCCUPAÇÃO

Modelar o cubo.

Quarta-feira

Terceiro dom. Depois de conversar sobre as divisões do cubo, e de achar as faces, cantos e qui-

nas, construam as creanças um celeiro, seguindo as indicações da professora.

OCCUPAÇÃO

Tecelagem.

Quinta-feira

Taboinhas. Apóz um exercicio sobre numero, com quatro taboinhas, deixe-se que as creanças inventem combinações que devem ser desenhadas na lousa pelas professoras ou pelas proprias creanças.

OCCUPAÇÃO

Dobrado—Começo de uma série simples de fórmas de objectos.

Sexta-feira

Pausinhos. Distribuam-se 6 pauzinhos a cada creança, sendo 1 de 5 polegadas, 1 de 4, e quatro de uma polegada.

Colloque-se um pauzinho na mesa, outro abaixo deste e assim por diante até que se tenham collocado todos os de uma polegada.

Quantos pauzinhos estão na mesa? (deante de cada creança).

Contem os pauzinhos.

—Um, dous, tres, quatro.

Como estão collocados?

Agora colloquem um outro pauzinho deste tamanho (o de 4 polegadas) encostado na ponta dos outros |≡.

Que comprimento tem o pauzinho que sobrou? Cinco polegadas. Muito bem. Colloquem agora esse pauzinho á direita, deitado e com a ponta no meio do pauzinho de 4 polegadas ——|≡. Sabem com o que se parece isso que vocês fizeram? . . . Sim; com um garfo

Esplique-se para que serve esse garfo (o mondador de que se servem os agricultores para sachar o feno).

Vamos vêr agora se vocês são capazes de fazer com os pauzinhos outras cousas.

Se alguma das creanças construir alguma boa fórma, faça-se com que todas as outras a reproduzam.

Para isso, a professora deve dezenhar na lousa as invenções que lhe parecerem mais perfeitas.

OCCUPAÇÃO

Dezenho. Dezenho a mão livre, de linhas da esquerda para a direita.

SEGUNDA DIVISÃO

Segunda-feira

Primeiro dom. Reforce-se o conhecimento da côr alaranjada.

Revisão das outras côres fazendo-se as respectivas bolas girarem em torno da mesa.

Colloquem-se as bolas das quatro côres na extremidade e faça-se com que as creanças rolem as suas bolas alaranjadas para acertar nellas, dizendo sempre a côr em que tiverem acertado.

Mande-se que as creanças tragam durante a semana objectos côr de laranja.

OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e papeis côr de laranja.

Terça-feira

Segundo dom. Revisão de alguns dos exercicios anteriores.

Reforce-se o conhecimento das posições (direita e esquerda) por meio do cubo.

Exercicios para observação dos cantos e das quinas.

Colloque-se um cubo na extremidade da mesa e procurem as creanças attingil-o com as espheras.

OCCUPAÇÃO

Modelar o cubo.

Quarta-feira

Taboas para tornos. Comece-se do canto esquerdo superior e faça-se uma fileira de soldadinhos (tornos) de cima para baixo. Salte-se uma fileira de furos e faça-se outra fileira no mesmo sentido da primeira.

Cantem todas:

«Soldados perfiladinhos». . . etc.

OCCUPAÇÃO

Collagem de papel ⁝⁝—Discos de papel alaranjado.

Quinta-feira

Primeiro dom. Revisão dos exercicios anteriores, principalmente no sentido de tornar mais accentuado o conhecimento das quatro primeiras côres.

Repitam-se os exercicios relativos ao movimento circular, cantando as creanças:

«Baloiçar, baloiçar, gentís bolinhas».

Designem as creanças objectos que tenham esse movimento.

OCCUPAÇÃO

Enfiar palhinhas e papeis côr de laranja.

Sexta-feira

Segundo dom. Que é que a esphera gosta de fazer? Vou rolar esta esphera para Alice, e Alice vai depois passal-a para Joanninha e assim por deante até que a esphera volte aqui.

A esphera rola porque é toda bem redondinha. Vamos vêr agora se eu posso rolar tambem este cubo para Alice. Não; elle não póde ir, porque tem muitas faces. Vou, pois, passar o cubo escorregando-o sobre a mesa. Que é que o cubo póde fazer? Sim; póde fazer duas cousas: póde ficar de pé e póde escorregar.

Agora vou passar isto para Alice. Como é que elle vai andando? Sim; vai rolando. Isto, porém, não é uma esphera porque póde ficar de pé e rolar tambem.... Sim; é um rôlo ou então?... Um cylindro.

E como elle gosta de rolar, vamos todas fazel-o rolar na mesa, de cima para baixo. Um, dous, tres– rolem. Agora da direita para a esquerda, mas todas ao mesmo tempo. Um, dous. . . tres—rolem.

OCCUPAÇÃO

Enfiar uma esphera, um cubo e um cylindro.

(Continúa).

G. Trestes.

PRIMAVÉRA

(Conservando-se o habito de fallar todas as manhãs do—novo dia—póde-se fallar tambem do mez e anno e, assim, haverá opportunidade para uma referencia ás estações).

CONVERSAÇÃO

—Quasi todos os dias vocês vêem para o Jardim, trazendo flôres para as suas professoras.

—De onde vêem tantas flôres?

—Dos nossos jardins.

– Mas, a principio nenhuma de vocês trazia flôres...

—E' porque não havia. Agora, sim, todos os jardins estão flôridos que é um gosto vêl-os...

—Então comprehendem vocês que ás vezes ha flôres nos jardins e ás vezes não ha, não é assim? O tempo das flôres chama-se – primavéra.—Começa em Setembro e vai até os ultimos dias do anno. Na primavéra tudo floresce: o campo, o matto, os jardins e os pomares. Ha poucos dias, ainda sentiamos frio, não é? Com a vinda da primavéra, o frio foi-se embora e,

em troca, temos um calorzinho agradavel que faz bem a todos. Não gostam vocês do sól?

—Sim! sim!

— Os passarinhos tambem gostam muito da primavéra. E' o tempo em que elles começam a construir seus ninhos. Todos os bichinhos que vivem meio-escondidos entre a relva ou sob a terra, apparecem na primavéra para gozar destes bellissimos dias.

(Fallar das flôres, côres, perfumes, etc.)

—Agora quero vêr quem me diz o nome das flôres que conhece, a sua côr, e se têm aroma. Qual é a flôr de que mais gostas, Alzira?

— . . . —

—Que côr tem ella? Têm aroma ou não?

— . . . —

—Antes de apparecerem as rosas, que ha nas roseiras?

—Folhas e botões.

—Sim, folhas e botões; é o botão que vai crescendo, crescendo até que se abre em uma linda rosa como estas que a primavéra fez desabrochar em nosso jardim.

Cravos, rosas, violetas...
—A primavéra chegou.
Passarinhos, borboletas...
Tudo alegre despertou!

Zalina Rolim.

HISTORIA DE UM BICHINHO

Continho, correspondente á lição anterior

Era uma vez um bichinho muito pequenino, tão pequeno como a unha do meu dedinho pollegar e quasi tão fino como uma agulha de coser.

Este bichinho morava em uma casinha, por elle proprio construida, no chão. Era uma casinha feita lá a seu modo e onde elle vivia todo enrodilhado como uma bola, apenas com a cabecinha de fóra.

Na casa do bichinho não havia portas ou janellas, além daquella por onde entrava o dono e que tambem lhe servia para olhar os arredores.

Quando a casa se concluiu, o pequenito operario estava muito cançado e arrastou-se para dentro della. Vinha chegando a noite—era a hora dos bichinhos se recolherem para o somno... elle acommodou-se bem a gosto e dormiu toda a noite.

No dia seguinte, muito cedo, os raios do sól foram bater-lhe á porta. O bichinho espreguiçou-se vagarosamente, levantou a cabecinha, olhou para fóra e parecia dizer pensativo:—«Como é bom a gente possuir a *sua casa*»! . . . O jardim pareceu-lhe tão agradavel, tão encantador que elle sentiu logo desejos de sahir a dar umas voltas pelos canteiros floridos.

Sahiu para fóra do seu buraco e, como não tinha pés, foi-se arrastando pelas ruas cobertas de areia branca e reluzente...

Os raios do sól abraçavam-lhe o corpinho mole e aqueciam-n'o docemente; a luz enchia-lhe os olhitos de alegres tons dourados; os cantos dos passarinhos penetravam-lhe os ouvidos numa deliciosa musica e o perfume das flôres vertia-lhe no nariz a delicada e fina essencia.

E o bichinho foi-se arrastando, arrastando ao longo dos caminhos, muito contente da sua vida...

Na casa que o jardim contornava, havia um pequenito de quatro annos.

Quando, naquella manhã, os raios do sól desceram á janella do seu quartinho, já o pequenito estava desperto, lavado e vestido. Elle tinha o bom habito de acordar com os passarinhos.

Sua mamãe já lhe déra o delicioso café com leite acompanhado pelas apettitosas torradinhas com manteiga fresca, e, abrindo a cancelinha do gradil, dissera-lhe risonha:

—«Vae agora correr e brincar emquanto esperas o almoço e a hora de partir para o Jardim da Infancia. Aquece-te ao calor do sól, e gosa desta linda manhã.» E elle partiu correndo por entre as aleas de verdura fresca e cheirosas flôres.

Andavam as borboletas esvoaçando aos pares e ouvia-se o zum-zum das azas scintillantes de um beija-flôr.

Ai! se elle por um descuido, alcançasse com os seus pésinhos ageis o corpo mole e fraquinho do pobresito que andava a se arrastar por aquelles lados...

Mas o menino era muito observador, nos seus passeios nada lhe escapava aos olhos vivos e, elle era incapaz da minima crueldade. Quando avistou o bichinho, tão contente da sua vida, elle correu por outras ruas a brincar com as borboletas como se com ellas apostasse corridas.

O bichinho almoçou tranquilamente umas hastes de folhinhas verdes, tomou uma ou duas gottas de orvalho para lenir a sede, e, vagaroso, arrastando-se lento, foi-se chegando para a sua casa.

(De «*In the Child's World.*»)

Zalina Rolim.

CANTOS

PARA

ACOMPANHAREM OS DIVERSOS JOGOS E OCCUPAÇÕES

Applicaveis aos Jardins de Infancia

E

Alguns, ao primeiro anno das Escolas Primarias.

Traduzidos do Allemão

POR

D. Rosina Nogueira Soares

Versos de

D. Zalina Rolim

CANTOS PARA ACOMPANHAREM OS JOGOS DA BOLA

Bola livre

(Musica n. 12)

Quero vêr bem de perto a bolinha,
Gosto muito de olhar para ella!
Como é linda! Como é bonitinha!
Tão redonda, tão clara e tão bella!

(Musica 13)

Eis a bolinha parada,
Quietinha na minha mão;
Minha bola socegada
Não te queres mover, não?

(Musica 14)

Quer agitar-se a bolinha,
Mover-se d'aqui p'ra alli,
Ja não repousa quietinha,
Ja não quer ficar aqui.
    Não vás rolar no chão;
    Vae de uma a outra mão.

(Musica 15)

As trefegas bolinhas,
Rolando sem parar,
Vão provocar
Bem bôas risadinhas.

(Musica 16)

A bolinha quer passar
Da minha p'ra tua mão,
Vai levar-te a saudação:
—Bom dia!
E vai e vem a bolinha...
E, emquanto corre mansinha,
Vou cantando uma canção
Que me alegra o coração.

(Musica 18)

Bolinha ligeira, sem pena ou fadiga,
Saltita aos accordes da minha cantiga,
Saltita aos accordes da minha cantiga.

Applicação das bolas para o conheçimento das côres

(Musica 20)

Vinde comnosco bolinhas,
De côres tão variadas:
Vermelhas, amarellinhas,
Bem roixas, alaranjadas,
Verdes, azues... que fórmosas!
Como nos fazeis ditosas!...
Vinde, gentis bolinhas,
Vinde ás nossas mãosinhas!

Bola na superficie horisontal

(Musica 21)

Quando jogo a bolinha,
Ella volta pulando;
Alegre, ligeirinha
Vae e vem,
Sem parar;
Vae e vem,
Sem parar.

Bola no cordel

(Musica 23)

Vertical, direitinha
Quero vêr a bolinha:
Abaixo, a cima!
Abaixo, a cima!
Eu, com cautela,
Faço como ella.

(Musica 24)

Pula e salta a bolinha, velóz,
Si alegre sôa a minha voz;
Eu tambem pulo e salto no chão
Cantarolando uma canção.
Vamos todos pular e saltar!
Vamos todos cantar, cantar!

(Musica 25)

Girando, as bolinhas gentís
Mostram o centro ao nosso olhar;
Como ellas devemos girar
Em nossos brincos infantís.

(Musica 29)

Mamãe levou-me outro dia
A dar comida aos pombinhos:
Como é bonito! a porfia,
Elles vêm todos juntinhos:
Trique, trique, trique, trique!
Trique, trique, trique, trique!
Depois nos dizem no olhar:
—Obrigado!—e eil-os a voar...
Pombinhos meus,
Adeus, adeus!..

(Musica 30)

Si eu fosse um passarinho
Gentil, vivo e ligeiro,
Voára do meu ninho
P'ra ver o mundo inteiro
Uit, uit, uit, uit
Uit, uit, uit, uit.
Passarinho!

(Musica 31)

Cortando as taboas suavemente,
Trabalha a serra deligente

Jogo da bola

(Musica 33)

Vinde ver o meu moinho:
E' a bola nas minhas mãos;
Eil'o a girar, ligeirinho,
Como a pedra sobre os grãos.

Esphera

(Musica 34)

Girar, girar,
Que o giro enxota o frio;
Girar, girar,
Num rodopio,
Sem descançar,
Oh, sim, girar!
Oh, sim rodar!

Esphera

(Musica 35)

O giro em que meu corpo vai
Torna-me esphera: olhae, olhae!

Cubo

(Musica 36)

Ao bom descanço
Tudo convida
Neste logar,
Mas o balanço
E' a minha vida:
Vamos rolar?

Cubo

(Musica 37)

Vêm para cá,
Vae para lá;
Firme no chão
Não fica, não.

Cubo

(Musica 38)

Eil-o parou sósinho,
Firme só num pézinho.

Cubo

(Musica 39)

Tambem posso caminhar,
Um pé no chão, outro no ar.

O cubo suspenso por uma das faces

(Musica 40)

O movimento
Causa prazer,
P'ra meu contento
Mover, mover.

O cubo suspenso por um canto

No seguinte exercicio os cubos devem ser arranjados de modo que, quando se elevarem fiquem perto da creança e, quando se abaixarem, fiquem mais longe.

(Musica 41)

Eis-me suspenso no ar
Contente a me baloiçar,
Conforme quero, vou certo,
De ti mais longe ou mais perto...
E longe e perto...

O cubo suspenso por um angulo

(Musica 42)

Si num angulo me agito,
Sou comprido e mais bonito.

O cylindro suspenso a um cordel, pela borda

(Musica 43)

Ora á esquerda, ora á direita
Minha vista se deleita.

O cylindro

(Musica 44 *a*)

Girando satisfeito
Encurvo o que é direito.

O cylindro

(Musica 44 *b*)

Eu mostro a altura
E a profundeza
Si ródo e giro
Com ligeireza.

O cylindro

(Musica 45)

Vêde bem como eu danso garboso,
E não mais me chameis preguiçoso.

Esphera e cubo

(Musica 46)

Abaixo acima!
Como avesinhas
Ou creancinhas,
Abaixo acima!

Movimento circular da esphera ou dos cubos

(Musica 48)

Vou rodando em meu caminho,
Sem parar,
Tal qual um moinho,
Gentil, ligeirinho,
O milho a quebrar.

A esphera suspensa pelo cordel e girando

(Musica 52)

Olhae, olhae,
Correndo mansinho,
No mesmo caminho
Depressa ella vai,
Não treme, não cai!...

Esphera e cubo em repouso

(Musica 53)

O cubo está cansado,
Repouso vai pedir...
Deixeimol-o dormir,
Deixemol o dormir.

(Musica 54)

Levemol-o á caminha,
Bem fôfa bem quentinha,
Que durma e sonhe bem,
Que durma e sonhe bem!

A esphera e o cubo depois do repouso

(Musica 55)

Eia, acordar
E trabalhar!
Não gosto da preguiça,
Voltai a nobre liça!
Oh, vinde, ligeirinhos,
Meus bons companheirinhos!

A esphera pende pelo cordel a um páu transversal

(Musica 56)

Bim-bão, vai-vem, bim-bão!...
Move-te ao som d'esta canção:
Bim-bão, vai-vem, bim-bão!...

A esphera no cordel oscillando

(Musica 57)

Comvosco está
Minha alegria,
E vou e venho
Em vosso empenho.
Sempre de cá p'ra lá
Me leva a sympathia.

Canto de entrada para as construcções

(Musica 58)

Meus novos amiguinhos,
E' tempo de brincar:
Deixae o vosso lar
Deixae os vossos ninhos!

Cubo

(Musica 59)

Cubinhos todos direitos,
Cubinhos, todos direitos,
Como uma fila de soldados
Para o combate preparados!
Quem edifica procura
Ter o material disposto;
Risca o desenho, abre a moldura
A' solidez combina o gosto.

Pedreiros. Construcções com os cubos

(Musica 60)

Vamos construir agora
Um muro, bem direitinho,
Que encerre ás vistas de fóra
Nosso bello jardinzinho.

(Musica 61)

Um pequenito alegre
Levanta esta muralha
Com gosto e paciencia.
Sejamos sempre activos,
Sejamos laboriosos.
Vergonha aos que fogem á lida!
Vergonha aos que são preguiçosos!

Escóla. Construcção com os solidos

(Musica 70)

Esta construcção graciosa
E' uma escóla, vinde vêr,
Onde a mestra cuidadosa
Vai-nos ensinar a lêr.
Alli dentro, os bons meninos
Os mais lindos premios têm;
São felizes, cantam hymnos
E não invejam ninguem.

A Casinha. Construcção com os solidos

(Musica 81)

Olhae esta casinha,
Tão bôa e tão bem feita,
Têm uma janellinha
Que para fóra espreita.
Por ella se olha o jardim
E a rua e o campo sem fim...
Vê-se um passaro cantando,
Vê-se o céo todo fulgores,
E aspira-se o cheiro brando
Que exhala o seio das flôres.

O navio. Construcção com os solidos

(Musica 84)

Corre o barquinho, n'um balanço
Sem rumor,
Se o vento o impelle, manso e manso,
Com amor.
E' qual no mundo a creancinha,
Ao doce olhar da mamãesinha...

O jardim. Construcção com os solidos

(Musica 86)

Que jardim cheio de flôres!
Que aroma pelos canteiros!
A flôr, com suaves odores,
Paga o amor dos jardineiros.
Creança, o jardim mais bello
Seja o teu coraçãosinho;
Saibas tu o materno anhelo
Pagar com alma e carinho!

A cestinha. Construcção

(Musica 95)

A cestinha está vasia,
Eil-a, toma-a em tua mão;
Vai com ella á padaria,
Traze biscoutos e pão.

O que comprares, procura
Trazer com muito cuidado:
Leva a cesta bem segura
Pelo arquinho delicado.

Bem, voltaste; leva agora
Os biscoutos á boquinha,
E, á parede, onde ella mora,
Pendura a bella cestinha.

Jogos gymnasticos para as mãos e os dedos

(Musica 97)

Cadenciado, o meu bracinho
Vai e vêm, e vai e vêm...
Como um relogio certinho
Que não engana ninguem.
Firme, recto, direitinho
Passa aqui, repassa além;
Tik, tak, tik, tak!
O relogio é meu amigo
Faz-me alegre, dá-me gosto;
Cedinho ao leito vem fallar commigo,
Faz-me acordar, vestir, lavar o rosto...
Sê como elle meu bracinho,
Vae e vem, e vae e vem...
Firme, recto, direitinho
Passa aqui, repassa além:
Tik, tak, tik, tak!

Gymnastica das mãos

(Musica 103)

A mão direita p'ra cima,
E a esquerda para baixo,
Uma acima, outra abaixo,
Uma acima, outra abaixo.

(Musica 104)

A mão esquerda p'ra cima,
A direita para baixo,
Uma acima, outra abaixo
Uma acima, outra abaixo.

Gymnastica dos pés

(Musica 106)

O pé direito á frente,
O esquerdo para tráz,
E á frente e para traz,
E á frente e para traz.

O pé esquerdo á frente,
O direito p'ra traz,
E á frente e para traz,
E á frente e para traz.

Salto

(Musica 107)

Os dois pés para a frente,
Os dois pés para traz
Eia, á frente! eia, atraz!

Gymnastica

(Musica 117)

Todos em linha recta, iguaes nossos passinhos
La, la, ...
Depois numa espiral, como os caramujinhos
La, la, ...

4.º Dom. Construcção com dous prismas

(Musica 63)

Olhae um banco, em minha frente;
Têm dois assentos bem iguaes:
Um delles olha o sól nascente
E o matto e os campos sem rivaes;
O outro o poente, e o fim do dia
Aos meus olhares annuncía.

Banco de tres assentos. Construcção com tres prismas

(Musica 65)

Vinde vêr que bonitinho,
E de quanta solidez,
Eu, mamãe e papaesinho
Cabemos nelle, nós tres!
E, á tarde, em grupo assentados,
Vemos do céo os fulgores
E as montanhas e os vallados
E os passarinhos e as flôres.

A porta. Construcção com quatro prismas

(Musica 113)

Eu faço uma portinha,
Com tino e arte e gosto,
Para o meu paesinho entrar
Quando de fóra chegar.
Têm tranca e têm chavinha:
Foi tudo bem disposto.

A escada. Construcção com cinco prismas

(Musica 69)

Tek, tek, tek,
Tek, tek, tek!
Eu subo a minha escada,
Depois por ella desço...
Ligeirinha ou socegada,
Sua altura já conheço.

O pocinho. Construcção com seis prismas

(Musica 94)

Fiz um pocinho,
Oh! vinde vêr!
Quem tiver sêde
Póde beber.

Não venham creancinhas
Metter aqui as mãosinhas,
Que o poço é muito fundo.
Quem nelle o corpo inclina,
Mamãe sempre me ensina,
Vai já para outro-mundo...
Fugi do pocinho fundo!

A mina. Construcção com sete prismas

(Musica 67)

Desce ás minas o mineiro,
Entra no seio da terra,
Cava a rocha o dia inteiro,
Della os metaes desenterra.
Como elle hei de cavar!
Como elle hei de cavar.
E a mina hei de encontrar.

Os metaes são preciosos
Mas não valem a sciencia;
O estudo é mina de gozos.
Ao trabalho, companheiros!
Sejamos todos mineiros!

Casa de campo. Construcção com oito prismas

(Musica 93)

Oh! que linda construcção!
Trabalho de minha mão!
E' uma quinta de recreio
Dos arvoredos no meio.
Tem horta, jardim, pomar
Onde as aves vão cantar.
Tudo aqui deleita a vista...
Como é bello ser artista!...

A FRUCTINHA DO CAFÉ

Foi quando eu era pequenina que se deu o que vou contar.

Era em uma fazenda de café, uma bella fazenda muito bem situada, no meio de extensos terreiros muito limpos.

Eu gostava immenso de passear pelo cafezal que se extendia pelo morro além, em longas fileiras de um verde carregado.

Uma tarde sahi com minhas irmansinhas, todas pequeninas com eu, a brincar o «Esconde! esconde!» por entre as aleas dos cafeeiros que se vestiam desde a base de folhagem espessa.

Era pelo tempo da colheita.

Como eu andasse, pé ante pé, para que ninguem me presentisse, ouvi uma vózinha muito doce que parecia vir de sob os meus pés, dizendo:—Ai! ai! Não me esmagues, bôa menina. Tu és minha amiguinha bem o sei... retira o teu pésinho, já, por piedade...

Eu tive um sobresalto... Que vóz seria aquella? Alguma formiguinha? Mas eu nunca fôra amiga dessas taesinhas... Até muitas vezes procurava fazer-lhes

mal apezar de mamãe dizer-me sempre—que nunca se deve maltratar uma creatura, seja ella a mais humilde neste mundo.

Afastei curiosa o pé e ouvi a mesma vózinha murmurar:--Obrigado minha bôa menina.

Pois querem saber quem me fallava?

Uma fructinha vermelha de café! vermelha como uma conta de coral ou como os labios das creancinhas sadias.

—Como!—interroguei admirada—Tu sabes fallar, fructinha vermelha?

—Oh!—exclamou ella—sei fallar muito bem; mas, sómente faço uso da minha vóz quando é muito necessario. Agora fallei, para escapar á morte.

Mas, desde que sabes fallar has de saber contar muitas historias da tua vida, não é? Como eu gostaria de conhecer os teus costumes!...

E' facil, disse a fructinha falladora, eu hoje sinto-me disposta a conversar; mas neste caso é bom que te assentes ahi pertinho porque a minha historia vai longe...

Contente, ageitei o meu vestidinho claro para que não ficasse amarrotado e tomei logar ao pé da fructinha que tanto me interessava.

Ella começou assim.

—Os primeiros tempos da minha vida são confusos para mim. Não me recordo bem de que maneira vim parar nesta terra. Quando me lembro já eu era botão de flôr. Desabrochava, pouco a pouco, entre muitos outros, no meio de uma haste delgada e flexivel. Na mesma haste, de espaço, a espaço havia um grupo de botõesinhos, e, em torno de mim, pelas

visinhanças, em todos os arbustos a mesma cousa havia.

O sól vinha todos os dias beijar-me as faces. Uma noite senti que alguma cousa se operava em mim; abrira-se o estojosinho verde que me envolvia e eu me transformára em flôr. Minhas petalas eram brancas como o leite e do meu seio se evolava um delicioso perfume. Esperei anciosa a visita do sol. Quando elle veio, mais formoso ainda que nos outros dias, senti que os seus affagos eram mais doces, mais protectores... Todos os botõesinhos, meus companheiros, tinham passado por igual transformação, e o cafezal todo, vestido de branco, alvejava que era um encanto.

Tambem fizemos tal barulho com a nossa alegria que o fazendeiro ao passar junto de nós com uns amigos, visitando a plantação, parou a contemplar-nos e ouvi bem estas palavras:

Que esplendido arbusto! Que viço nestas flores! A colheita deste anno vai exceder ás minhas esperanças».

Eu fiquei toda vaidosa. Pobre de mim que não sabia ainda o que queria dizer colheita...

Em nosso galho era uma festa continua: barboletas e beija-flôres visitavam-nos diariamente. Mas, pouco durou a nossa ventura. Com o passar do tempo minhas petalas foram cahindo; de flôr fui-me tornando fructo—a principio, uma fructinha verde e pequenina que ficava quasi escondida entre as folhas. E crescia, e crescia...

O sól que não se esquecera da nossa velha amisade, de meu tempo de flôr, continuava a beijar-me as faces que se coloriam de encarnado. Minhas companheirinhas, imitavam-me em tudo e a nossa haste

vergava ao peso de tantos fructos. Ficaria linda para fazer-te um collar...

Em fim—estavamos todas vermelhas e maduras como tú me vês agora.

Um dia vieram os trabalhadores do cafesal, que andavam sempre a revolver a terra em torno dos arbustos, e varreram cuidadosamente o chão, onde a sombra dos cafeeiros se extendia. Era a colheita... Vinham aquelles homens, cuja presença até então nunca me assustára, com as mãos grosseiras e duras seguravam o alto da haste e—zas!... lá vinha a mão abaixo despencando as pobres fructinhas que rolavam pelo chão, varrido de fresco. Eu não percebi quando chegou a minha vez porque de susto perdi os sentidos. Soube mais tarde que as minhas companheiras tinham sido conduzidas para o terreiro onde o sól—o nosso querido sól de outros tempos—lhes crestára a pélle mimosa. Depois iriam as pobresinhas passar por uns complicados machinismos, que não comprehendes ainda, até que, promptas para a venda, fossem em grandes saccas remettidas ao mercado. E só eu, por um accaso, fiquei esquecida neste cantinho onde escapei de ser esmagada pelos teus pesinhos.

—E não sabes—interroguei então—o que ellas ainda terão que soffrer no mundo?

—Oh, não; respondeu a fructinha—e bem desejos tinha de saber tudo...

—Pois bem; em paga de tua historia eu te contarei o que ignoras. Escuta-me: Quando mamãe faz a compra do café para o nosso uso, a criada tem o cuidado de lavar as fructinhas e deital-as ao sol para que fiquem enxutas. Depois de seccas, vão para o fogo em um torrador de ferro até que fiquem negras como o carvão. Sahindo do fogo são moídas em pilões de

madeira ou em moinhos de ferro que as reduzem a um pó cheiroso, o qual, misturado com agua e preparado por mãos habeis e experientes, nos dá o saboroso café de que tanto gósto. Mamãe ainda me contou outras cousas a proposito do café, disse-me, por exemplo: que uma das fontes da riqueza do nosso amado e formoso Brazil é a cultura do café. Disse mais, que o nosso café é famoso por todo o mundo e muito procurado. Já vês, bella fructinha vermelha, que não deves ficar descontente com a tua sorte. Não é uma gloria prestarmos um serviço á nossa terra?» Quando eu dizia estas ultimas palavras ouvi a vóz de mamãe que me procurava pelo cafezal e que approximou-se, dizendo-me em carinhosa censura:

—Meu Deus! filha, que susto me fizeste passar! Julguei que te houvesse acontecido alguma cousa...

E, tomando-me pela mão, levou-me para a casa.

Zalina Rolim.

A ESCOLA NORMAL

O edificio em que funcciona hoje a Escola Normal de S. Paulo, do qual damos acima uma vista em perspectiva, foi inaugurado em 2 de Agosto de 1895, tendo sido a construcção iniciada em 17 de Outubro de 1890, por determinação do dr. Prudente de Moraes, constante do decreto de 13 do mesmo mez.

A construcção realizada pelo habil architecto dr. Ramos de Azevedo foi, por algum tempo interrompida, sendo recomeçada durante o periodo da administração do dr. Cerqueira Cezar e concluida em 1894 sob a presidencia do dr. Bernardino de Campos que inaugurou o novo estabelecimento.

O edificio, primitivamente, media 86 metros de frente por 37 de fundo. Em 1896, porém, foi augmentado com duas alas lateraes, aos fundos, destinadas á Escola Complementar Modelo.

A escada que dá accesso para o primeiro pavimento, é de alvenaria e as que dão entrada para o pavimento superior são de marmore branco.

Sem contar os vestibulos, tem o edificio 79 salas assim distribuidas:

No pavimento inferior	25
No 1.º pavimento.	27
No pavimento superior. . . .	27

No pavimento superior funccionam as aulas da Escola Normal; no primeiro pavimento as da Escola Modelo Caetano de Campos e nos dous pavilhões annexos, aos fundos, as da Escola Complementar.

O pavimento inferior, finalmente, é occupado por diversas officinas escolares para trabalhos em madeira, e modelagem.

Ha no estabelecimento completa separação entre a secção masculina e a feminina; a primeira occupa a ala direita e a segunda a ala esquerda do edificio.

Aos fundos do edificio existe ainda um bello e vasto pavilhão, em meio dos recreios, para servir de abrigo aos alumnos. A parte central desse pavilhão é occupada por um espaçoso gymnasio com todos os apparelhos necessarios aos exercicios physicos.

Está actualmente em construcção um novo edificio annexo á Escola, destinado ao Jardim da Infancia.

A construcção dessa parte do estabelecimento que foi iniciada em dezembro do anno passado deverá concluir-se, o mais tardar, em Janeiro de 1897.

Desde que se iniciem as aulas do Jardim da Infancia no predio definitivo, a lotação da Escola Normal, com as instituições que lhe são annexas, póde ser calculada do modo seguinte:

Jardim da Infancia de. . .	200 a	250
Escola Caetano do Campos. .		400
Escola Complementar Modelo.		360
Escola Normal de. . . .	250 a	280
Total de alumnos.		1.290

Os cursos da Escola Normal são distribuidos do modo seguinte:

Jardim da Infancia—tres annos de curso, pelos processos de Frœbel—alumnos maiores de tres e menores de 7 annos de edade.

Escola preliminar «Caetano de Campos»—cinco annos de curso—alumnos de 7 a 12 annos, pouco mais ou pouco menos.

Escola Complementar Modelo—quatro annos de curso—alumnos de 12 a 16 annos, pouco mais ou menos.

Escola Normal—quatro annos de curso—edade minima para a matricula: 14 annos para o sexo feminino e 15 para o sexo masculino.

Consignamos aqui estas notas sobre o notavel estabelecimento da Escola Normal como explicação da gravura que escolhemos para ornar o frontespicio desta Revista; deixamos, por isso, de dar outras indicações que nos levariam além dos limites a que temos de nos cingir.

OS TRAVESSOS AMIGUINHOS

Onde estão os travessos amiguinhos
Que vêm comnosco brincar?
Onde estão os activos homensinhos
Que nos fazem trabalhar?

Em cada mão
Promptos estão
Para o trabalho ou brinquedo:
D. Pollegar
Vem vindo a par
Do indicador vivo e ledo.
Depois tambem
O médio vem
E o annular triste e fraquinho.
Por fim, gentil,
Segue o perfil
Do nosso dedo mindinho.

Onde estão os travessos amiguinhos
Que vêm comnosco brincar?
Onde estão os activos homensinhos
Que nos fazem trabalhar?

Zalina Rolim

(«Do Finger Plays.» de Emilie Poulsson)

Musica do mesmo livro

O PRESENTE DE LUIZINHA

Luizinha era uma menina muito alegre e intelligente.

Como já não tinha mãe, vivia só com o seu querido papae numa casa pequenina e risonha, meio escondida entre tufos de arvoredo e rosas trepadeiras.

O pae de Luizinha costumava sahir todos os dias para o trabalho, e ella ficava a zelar pela casa attendendo a que tudo estivesse bem disposto para quando o papae voltasse.

Mas ella gostava tanto de brincar!... E o preparo da casa tomava-lhe tanto tempo...

Luizinha quasi que chegava a desanimar.

Não raro, acontecia-lhe ficar horas e horas inactiva só por não saber por onde começar o trabalho.

Num desses dias ella sentou-se chorosa nos degraus da entrada e murmurou comsigo:

—Ah! Se aparecesse alguma fada generosa que me désse o seu auxilio...

Quando acabou de fallar, ouvio um ruido entre o arvoredo e uma voz que dizia:

—Está satisfeito o teu desejo, menina; aqui estou.

Luizinha voltou-se e viu uma velhinha toda envolvida nas fartas prégas de um capóte de côres vivas e encostada em um bastão nodoso.

A menina sabia fazer as honras da casa a qualquer visita e perguntou-lhe amavelmente:

—Em que poderei servir-te, bôa fada?

—Eu não vim a tua casa para que me sirvas, mas para servir-te, disse a fada,—para esse fim trouxe commigo dez pequeninos trabalhadores que tudo sabem fazer.

E abriu o seu capóte de côres vistosas, de cujas dobras saltaram dez anõesinhos de differentes tamanhos.

Os dois primeiros eram baixinhos e gorduchos e, sob uma aparencia rustica, denotavam grande vigor. Os seguintes eram mais altos que os primeiros e tinham um aspecto mais gentil e interessante. Após estes, vinham dois ainda mais altos, um dos quaes tinha uma habilidade especial para a costura e usava mesmo um barretinho de metal reluzente, chamado dedal. Os outros dois que se seguiam eram fraquinhos e debeis, traziam anneis de pedras faiscantes que scintillavam como o sól, e, como apenas se moviam com difficuldade, tinham dois lepidos companheiritos a acompanhal-os de perto.

Quando estiveram todos enfileirados em frente á porta a fada perguntou a Luizinha:

Queres vêr como elles são desembaraçados e ageis para qualquer serviço?

E a um signal dado, os dez anõesinhos deslisaram pela casa a dentro, sob os olhares curiosos da menina.

Num abrir e fechar de olhos fizeram todo o preparo e ordem dos aposentos, solicitos nos trabalhos grosseiros como nos mais delicados.

Luizinha estava encantada com os seus interessantes hospedes e supplicou:

—Bôa fada, serás tão generosa que me queiras emprestar algumas vezes os teus activos anõesinhos?

—Com muito gosto: respondeu a fada—farei melhor ainda: eu t'os darei. E, para poupar-te o incommodo de andares a conduzil-os por toda a parte vou escondel-os nos teus dedinhos.»

—Deu uma pancada com o seu bastão no assoalho e exclamou:

—Prompto:

Quando Luizinha olhou em torno, admirada, já não viu os anõesinhos.

A fada sorria-se:

—Agora, minha menina, é preciso que não esqueças o thesouro que possues. Nunca deixes os teus dedinhos sem occupação. Só tú saberas que o teu trabalho é feito por encanto.

Desde estão, nunca mais Luizinha sentiu difficuldade em qualquer serviço. Os seus dez dedinhos deslisavam por tudo com habilidade e presteza, e a sua casa andava sempre numa ordem perfeita.

(Trad.)

Zalina Rolim.

Os Dons de Frœbel

Breve summario, feito segundo o resumo final do «Paradise of Childhood» e de accordo com algumas indicações do Catalogo do material de Jardins de Infancia, de J. L. Hammett.

Na impossibilidade de dar neste numero da *Revista* todo o *Guia para Jardineiras*, do «Paradise of Childhood», de Edward Wiebé que começámos a publicar, pareceu-nos conveniente antecipar esse trabalho, dando uma indicação summaria sobre a natureza de todos os dons de Frœbel, de modo a facilitar o conhecimento do seu emprego e a natureza das varias occupações a que o material dos Jardins de Infancia se destina.

Embora a parte do *Guia das Jardineiras* que atraz se encontra, comprehenda já os seis primeiros dons, repetimol-os, entretanto, neste resumo porque esta fórma reduzida parece-nos mais propria a dar uma noção geral do conjuncto.

Começamos, por isso, reproduzindo breves indicações relativas aos primeiros dons embora resumindo-as mais ainda do que as do Manual com que Edward Wiebé termina a sua obra.

PRIMEIRO DOM

Versos de D. Zalina Rolim

O primeiro dom, constante de seis bolas cobertas de lã com as côres primarias e com as secundarias, é um objecto de prazer para as creanças que entram para o Jardim de Infancia na edade propria— os tres annos.

Se a creança nessa edade não teve ainda o minimo cultivo anterior, é conveniente dar-lhe apenas uma bola de cada vez, sendo que a primeira escolhida deve ser a de côr vermelha.

Depois de bem familiarizadas com essa côr, as creanças poderão passar á segunda e depois á terceira.

Consagrem-se algumas semanas ao conhecimento de tres côres apenas, de modo que as creanças, além desse conhecimento, venham a affeiçoar-se ao jogo da bola que deverá tornar-se uma fonte de prazer para ellas.

Façam-se taes jogos em rythmo seguindo o compasso de musicas apropriadas.

Ao distribuirem-se, por exemplo, as bolas, passando-as de mão em mão, as creanças devem fazel-o cantando versos como estes:

«Meu querido brinquedinho
Vai e volta ligeirinho... etc.

Tendo-se as bolas presas a um cordel, as creanças podem fazel-as mover em diversos sentidos, como de cima para baixo, da direita para a esquerda ou descrevendo circulos. Para indicar estas differentes especies de movimento devem empregar-se as mais simples e familiares expressões.

Outro jogo que as creanças muito apreciam consiste em fazer as suas bolinhas deitarem-se para dormir. Para esse brinquedo cantem-se os versos seguintes:

«Minha bola está cançada
Vai descançar a bolinha.
Que ella durma socegada
Na sua fôfa caminha.

Se ainda não fôr tempo de guardar as bolas, faça-se com que as creanças cantem:

«Eil-a agora que desperta!
A bola quer movimento:
—Move-te bolinha experta
A teu sabor e contento.

Acompanhando o canto passem-se as bolas de mão em mão. Nada é mais harmonioso e util nos Jardins de Infancia do que habituar as creanças aos movimentos rythmados.

As bolas devem ser um meio de suggerir ás creanças objectos semelhantes quanto á fórma e á côr, de modo que desde principio se cultive a observação.

Os jogos e brinquedos, suggerindo noções de fórma, movimento, côr e posição devem estar em immediata relação com os dons.

SEGUNDO DOM

O segundo dom: a esphera, o cubo e o cylindro, não devem ser dados de uma vez ás creanças. Começa-se pela esphera a fim de que ellas a comparem com a bola macia do primeiro dom. A sua primeira

impressão leva-as a supporem que se lhes deu uma outra bola, pois que o que primeiro lhes chama a attenção é a identidade da fórma. E este é um dos principios do systema. Cada occupação mantém sempre pontos de semelhança com as anteriores de maneira a associarem-se as novas com as anteriores sensações. Immediatamente, porém, a nova bola se manifestará differente da primeira pelo facto de produzir rumor, o que muito agrada as creanças pois que ellas sentem prazer em ouvir sons assim como gostam de vêr e palpar os objectos. Antes de discriminarem o rumor—da musica, as creanças apreciam o barulho até que, pelos sons rythmados, sejam levadas a affeiçoar-se á musica. Assim pois, deve-se permittir o barulho das bolas nas mesas, desde que esse rumor seja produzido com um determinado fim.

Dêem-se as bolas de lã e as de madeira emquanto se notar que esses dons agradam as creanças. O numero de vezes que as bolas pódem ser dadas fica, assim, dependendo, em parte, da habilidade das jardineiras. Passe-se então ao cubo. Neste a primeira qualidade que lembrará o dom anterior será a propriedade de produzir rumor. Em seguida surgem logo as differenças, que são como um novo mundo offerecido á sua observação. Começa-se então o estudo dos seis lados, dos oito cantos, das doze quinas. A observação levará as creanças a certificarem-se da egualdade das faces, e da sua limitação constante por quatro quinas e quatro cantos. Verificarão ainda que das seis faces, quatro são mais lisas do que as duas outras. E mais, que o cubo não róla como a esphera, fica parado no mesmo logar emquanto não se puxa por elle.

Depois de satisfeita a curiosidade das creanças quanto ao cubo, junte-se a este o cylindro, a que ellas chamarão de *rôlo*. Tambem este faz barulho e

assemelha-se aos anteriores quanto á côr, e ainda mais, relaciona-se com ambos porque róla como a esphera e fica de pé como o cubo.

Em seguida dá-se ás creanças a caixa inteira do segundo dom, fazendo-se notar a sua fórma, as varias maneiras de collocal-a na mesa:—no sentido do comprimento, de cima para baixo ou no sentido da largura, da direita para a esquerda. O que mais agrada, porém, as creanças é o possuirem de uma vez tudo o que a caixa contém. Alli estão todos os objectos que já lhe são conhecidos, a bola á direita, o cubo no meio e o cylindro na extremidade esquerda. Não levará muito tempo para as creanças descobrirem que as varetas que se encontram na mesma caixa se ajustam nos furos interiores e que as argolinhas que se vêem nos cubos servem para suspendel-os por um cordel.

Este dom necessariamente produz rumor e, por esse motivo, tem sido excluido de muitos Jardins de Infancia, conservando-se apenas uma caixa para servir de objecto a *lições de cousas*. Taes lições, assim reduzidas pódem ter o inconveniente de não permittirem que as creanças *descubram* por si mesmas:

O TERCEIRO DOM

O terceiro dom, bem como os seguintes, emprega-se na construcção de varias fórmas que tem por fim representar:

1.º Objectos reaes.

2.º Fórmas que concretisem relações e formações numericas.

3.º Fórmas artisticas, resultantes de combinações symetricas.

As caixas devem sempre distribuir-se de modo a manter-se inteira ordem, primeiro fazendo-se uma só das caixas passar de mão em mão até voltar ao extremo da mesa, o que dará ensejo para interessantes observações por parte de cada creança.

Por ultimo, retire-se a caixa, deixando-se o cubo que estava dentro assentar sobre a mesa.

Distribuidas as caixas, repitam as creanças esta operação e comece-se a divisão dos cubos pelas diversas secções: em partes para a direita e para a esquerda, ou para cima e para baixo. Depois em quatro partes, dando logar ás diversas combinações, quer para a representação de objectos reaes, quer para representar relações numericas ou para formar combinações symetricas. Quanto a estas, partindo-se de uma fórma fundamental póde-se modifical-a, originando-se uma grande série de desenvolvimentos. Para isso deve-se attender a que cada alteração de uma parte deve ser acompanhada de alterações correspondentes nas partes oppostas. Produz-se assim uma immensa variedade de fórmas symetricas que agradam á vista e cultivam o gosto.

Em todas as construcções devem entrar todas as partes de que se compõe o dom.

Terminadas as occupações, deve-se sempre reconstruir o cubo em sua fórma primitiva, guardal-o nas caixas e recolhel-os pela mesma fórma pela qual se fez a distribuição.

O QUARTO DOM

O quarto dom, em virtude da fórma e das dimensões de suas partes dá logar a maior variedade de construcções. Por meio deste dom, tornam-se mais claras as noções relativas ás diversas dimensões.

As construcções que as creanças fizerem podem ser reunidas de modo a formarem-se conjunctos harmonicos e que mais excitem a sua imaginação.

A distribuição das caixas faz-se da mesma maneira que a dos dons antecedentes. As creanças percebem logo que a grandeza do cubo todo é a mesma que a do dom anterior, e egual o numero de partes que os compõem, differindo apenas quanto á fórma.

Deêm-se ás creanças um cubo do terceiro dom para que ellas estabeleçam esta comparação,

Se em vez de um só cubo a professora lhes dér dous, ellas facilmente verão que duas das partes do quarto dom, postas, uma em cima da outra, formam um bloco exactamente egual aos dous cubos, verificando-se assim a sua egual capacidade.

O QUINTO DOM

Os primeiros exercicios com este dom são identicos aos dos dons anteriores, sendo de notar que este presta-se mais do que os outros para a transformação das fórmas symetricas, tornando bem evidente que, se todas as partes se relacionam em torno de um centro commum, a regularidade e a belleza das combinações só poderá resultar da alteração simultanea das partes oppostas.

As indicações para a formação dessas combinações devem ser bastante simples, de modo a permittirem que as creanças, por operações inversas, voltem a reconstruir sem muito esforço a fórma primitiva que lhes serviu de ponto de partida.

O SEXTO DOM

Este dom consta de vinte e sete parallelepipedos, do mesmo volume, como no quarto dom: Dezoito são inteiros e seis são divididos no sentido da largura e do comprimento, perfazendo ao todo trinta e seis partes. Neste dom as creanças, antes de iniciar em as construcções, devem observar as differentes fórmas das partes, sua grandeza e numero.

As combinações das differentes peças de que se compõe o dom, fazem-se conforme as indicações geraes relativas aos anteriores.

Com o sexto dom realizam-se as duas séries de desenvolvimentos dados por Frœbel, cujo fim é dar a conhecer ás creanças as propriedades geraes dos solidos, por meio da observação e da experiencia.

O SETIMO DOM

Uma das principaes vantagens dos Jardins de Infancia consiste em lançar os fundamentos para a educação scientifica systematica que preparará os individuos a tornarem-se operarios aptos em qualquer occupação que venham a escolher.

Ha em nosso paiz grande escassez de operarios para manufacturas que tenham assaz de gosto artistico e habilidade manual. Esta situação ha de necessariamente perdurar, fazendo com que as nossas manufacturas soffram no confronto com as dos paizes mais antigos, emquanto não tivermos escolas de artes e officios em cada cidade, que completem a obra inicial dos Jardins de Infancia que felizmente vão adquirindo um grande desenvolvimento.

E' neste sentido que mais sobresahe o valor do setimo dom, que, entretanto, tem sido, em grande parte, prejudicado pela falta de formas systematicas e de sequencia nas taboinhas de que elle se compõe. Esse inconveniente desaparece, porém, com as formas que adoptamos, como adeante se verá.

O quadrado é o typo das figuras de quatro lados. E' a mais simples e, por isso, a primeira que se apresenta á creança. Dividindo-se o quadrado, de angulo a angulo, diagonalmente, origina-se uma nova figura de tres lados mas que não é o typo das figuras dessa especie. O triangulo equilatero que em seguida se apresenta é que constitue o typo das figuras trilateras. Temos, pois, o quadrado que é o typo das primeiras e o triangulo equilatero, typo das segundas. Se dividirmos este ultimo por um dos seus angulos como fizemos com o quadrado, teremos ainda dous outros triangulos de differente fórma—o escaleno. — Se collocarmos estes dous ajustados pela base, o resultado será ainda uma nova especie — o obtusangulo. Temos assim todas as fórmas que constituem o setimo dom, as quaes podem originar innumeras combinações.

Examinemos agora essas formas em sua applicação á educação artistica e mathematica.

O quadrado educa a vista para a avaliação exacta do angulo recto que é uma das principaes necessidades do artista. A divisão do quadrado dá angulos de 45.° educando a vista ao conhecimento desse angulo de uso universal—a meia esquadria ou meio angulo recto.

Estes são os angulos de que mais frequente uso fazem os desenhistas. O circulo dividido em oito partes dá tambem angulos de 45.° e o triangulo que

tem angulos dessa grandeza é empregado de um modo muito simples para o traçado do octogono, assim:

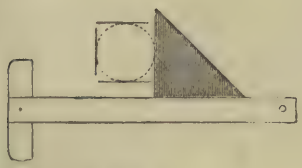


Fig. 1

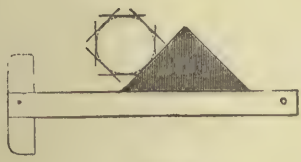


Fig. 2

Desenha-se um circulo e com o esquadro em **T** traçam-se as duas tangentes, superior e inferior. Com o esquadro triangular traçam-se as lateraes (fig. 1). Em seguida com os angulos de 45.° traçam-se as outras quatro tangentes, como se vê na fig. 2. E assim, faz-se o octogono em menos tempo de que o que levamos a descrever o processo. Esta é apenas uma das muitas applicações que destas fórmas fazem os desenhistas em seus trabalhos.

Fig. 3

Fig. 4

O triangulo equilatero tem, como se sabe, angulos de 60°, de modo que seis desses angulos formam um circulo, servindo assim para o traçado do hexagono como o anterior serviu para o octogono.

O triangulo equilatero, bidividido dá, como vimos, escalenos rectangulos cujos angulos são de 90°, 60° e 30.° Esta fórma, pela natureza de seus angulos, constitue outra especie de esquadro indispensavel aos dezenhistas.

Estes triangulos, pois, comprehendem todos os angulos que poderiam denominar-se estalões e que são os de 90°, 45°, 60° e 30.°

Ha, portanto, incontestavel vantagem em que nos Jardins de Infancia as creanças se tornem bem familiarizadas com essas especies de triangulos.

Porém, se como até agora se praticava, o escaleno, em vez de ser formado como indicámos, for originado pela divisão do rectangulo (quadrilatero) os dous angulos agudos resultantes perdem este caracter typico.

Entre as taboinhas em uso em nossos Jardins de Infancia encontram-se estas duas fórmas do triangulo escaleno e, apparentemente, pouca importancia se tem dado ao assumpto. Comtudo, as vantagens da fórma que indicamos parecem ser de tal relevancia que as jardineiras certamente procurarão, de ora em deante, decidir por si mesmas da conveniencia da escolha.

* * *

Como preparo para a apresentação deste dom, corte-se um pedaço de maçã, de pão ou de argila exactamente com as dimenções e a fórma do cubo do terceiro dom, e em seguida faça-se a secção de uma das faces de modo a mostrar a semelhança entre uma qualquer das faces do cubo e a primeira taboinha que se vai dar ás creanças. Muitas creanças haverá que apprehendam essa semelhança independentemente deste recurso; com tudo, é sempre preferivel dar-lhes, quando possivel, a noção concreta dos factos.

As creanças desde logo hão de querer bastantes taboinhas para com ellas formarem um cubo e feito isto, interessar-se-ão em descobrir o que lhes é pos-

sivel fazer com o cubo assim seccionado em varias camadas.

Ao quadrado deve seguir-se o triangulo rectangulo isoceles, e apenas dous devem dar-se, a principio, para que as creanças vejam que elles constituem metades do quadrado. O equilatero relaciona-se com estes, de modo que deve ser dado conjunctamente com um isoceles a fim de que as creanças observem e descubram as differenças que existem.

Dêem-se dous triangulos equilateros e faça-se com que sejam collocados um em cima do outro, de modo que cada angulo do superior venha a occupar um ponto equidistante dos extremos dos lados do inferior. O contorno do circulo fica assim quasi marcado.

Fazendo-se isto sobre uma lousa ou sobre uma folha de papel e assignalando-se o contorno ao redor dos seis vertices, torna-se bem frisante esta noção.

Segue-se aos equilateros o escaleno que deve ser apresentado como constituindo uma metade do primeiro, assim como o triangulo rectangulo isoceles é tambem metade do quadrado, e que unidos pelos seus lados menores formam o triangulo obtusangulo.

Depois de se tornarem bem familiares estas fórmas, podem-se dar ás creanças duas ou mais especies de triangulos.

Com elles as creanças iniciam as combinações de modo a originar varias fórmas.

Cumpre notar que ellas gostam muito de tornar permanentes as formas que com as taboinhas tenham chegado a construir ou a inventar.

Para esse fim os Jardins da Infancia devem dispôr de papeis coloridos tendo as mesmas fórmas das taboinhas para serem collados em folhas de papel, reproduzindo

as combinações feitas na mesa: Estes mosaicos (*Parqueterie*) não sómente constituem um objecto de prazer, mas, além disso, habituam á precisão da vista no collocar os differentes pedaços de papel e cultivam o gosto pela escolha das côres que produzam effeito mais harmonico.

O OITAVO DOM

Assim como as taboinhas do dom anterior não são mais do que a corporisação das faces do cubo, do mesmo modo os pauzinhos de que este se compõe são a representação concreta das arestas do mesmo cubo.

Os pauzinhos estão contidos tambem nas taboinhas, pois que, o plano é concebido como uma superficie formada de linhas, o que se póde illustrar collocando-se um numero sufficiente de pauzinhos, uns ao lado dos outros, de modo a formarem um quadrado.

Este dom faz-nos avançar um passo mais no dominio da abstracção. Por meio das taboinhas podiamos representar num plano imagens de objectos reaes. Por meio dos pauzinhos, podemos traçar, tão perfeitamente quanto possivel, o contorno de objectos com linhas *concretizadas*. Os pauzinhos são os favoritos das creanças porque vêem nelles uma enorme variedade de objectos, e de facto elles podem representar para a imaginação infantil os objectos que tenham o caracteristico daquella fórma elementar. Este dom constitue para as jardineiras um mundo de inesperados resultados.

Os pauzinhos podem ser dados desde logo para se ensinar as creanças a contarem, a addicionar subtrahir, multiplicar e dividir e tambem como o primeiro passo no ensino do desenho, devendo as creanças

reproduzirem nas lousas o *desenho concreto* que tiverem feito com os pauzinhos.

NONO DOM

Depois das linhas rectas (os pauzinhos) e em directa relação com ellas, Frœbel passa ás linhas curvas representadas por anneis e meios anneis de differentes tamanhos, que constituem o nono dom.

Distribuem-se os anneis ás creanças, um para cada uma, faça-se com que ellas notem que as *argolinhas* não tem principio nem fim. Dêem-se dois meios anneis e as creanças notarão logo os dois extremos que desapparecem desde que os juntemos para formarem um annel inteiro. Todas as fórmas feitas com os anneis, em virtude de sua propria natureza, são de bello effeito e, por isso, muito importantes para o cultivo do senso artistico.

As figuras assim feitas, bem como as anteriores, depois de realizadas com os anneis sobre a mesa devem ser reproduzidos nas lousas ou em papel pelas creanças.

O DECIMO DOM

O desenho deve começar desde logo nos Jardins da Infancia, pois os elementos preparatorios devem iniciar-se logo que os dedos das creanças possam manejar o lapis.

Com todos os dons até agora empregados as creanças habilitavam-se a representar fórmas com objectos. Desenvolviam-se assim a imaginação e o

gosto, dando-se ao mesmo tempo correctas noções sobre os solidos, superficies e linhas.

Bem depressa as creanças manifestam o desejo de *pintar* essas fórmas e figuras que até agora fizeram de um modo concreto.

O desenho não desenvolve apenas a faculdade de representar as cousas percebidas, mas offerece tambem o melhor meio de se constatar quão correcta foi a percepção. Ambas estas condições foram plenamente satisfeitas por Frœbel.

Para esse fim deve-se dar ás creanças lousas, tendo um dos lados coberto de um cruzamento de linhas, formando quadradinhos de uma polegada que servem para regularizar a actividade das creanças.

Taes linhas guiam as creanças no movimento dos lapis e, ao mesmo tempo, as auxiliam a estabelecerem relações entre posições e distancias.

Em seguida ao desenho nas pedras póde-se passar ao desenho em papel quadriculado do mesmo modo que as lousas, e esses papeis devem ser collecionados de modo que as creanças possam acompanhar o desenvolvimento das differentes fórmas que traçarem.

UNDECIMO DOM

Os dons de Frœbel constituem um todo harmonico e systematico, começando pelos solidos, passando em seguida ás superficies e terminando nas linhas. Estas, que a principio são concretamente representadas por *pauzinhos*, passam, em seguida, a ser *traçadas*, e só então é que se chega á noção de *ponto*.

Assim, gradualmente vamos-nos afastando das formas *corporisadas* para nos approximarmos do dominio abstracto.

Eis como se procede para desenvolver as noções a que este dom se destina.

Dá-se a cada creança um cartão coberto de uma camada de feltro e sobre esta um outro cartão ou papel, para ser perfurado ou picado por meio de uma agulha encravada em um cabinho de madeira. Para guiar as creanças nesta occupação extende-se uma folha de papel quadriculado sobre o cartão que tem de ser perfurado. A principio os furos, que são pequenos mas distinctos, devem ser feitos nos pontos em que as linhas verticaes cortam as horizontaes. A' medida que as creanças progredirem, os furos passam a ser feitos entre esses pontos, em todas as direcções, e tambem diagonalmente.

O resultado mais evidente desta occupação consiste em dar segurança á vista, na exacta apreciação das distancias e posições, de modo que utilisados os cartões para alinhavo não se notem enganos na collocação dos pontos.

Pode seguir-se neste dom o mesmo methodo já indicado quanto ao desenho para a formação de linhas, angulos, quadrados, rectangulos, etc.

Além dessas formas elementares podem ser dadas ás classes mais adeantadas desenhos representando o contorno de flores, insectos, fructos, etc., para a perfuragem pelo mesmo processo.

DUODECIMO DOM

A occupação relativa a este dom constitue um seguimento natural da anterior de modo que muitos

dos modelos de picado anteriormente feitos podem servir agora para os alinhavos que são o objecto do 12.º dom.

Os alinhavos, porém, devem fazer-se sempre em papel resistente como o papel Bristol de modo que não se prejudique o polido da superficie. Alguns dos modelos sobresaem de modo admiravel pela boa combinação das côres. E, por isso, é que este genero de occupação é um dos que mais contribuem para a realização dos intuitos de Frœbel entre os quaes occupa logar saliente a cultura do amor do bello por meio da côr e da fórma.

DECIMO TERCEIRO DOM

O decimo terceiro dom consta do recorte de papel, e, a proposito, têm-se feito objeções contra o uso das tesouras. Como, entretanto, as tesouras empregadas não têm pontas, não ha motivos para se receiar que as creanças possam ferir-se com ellas. Demais, importa ensinar, desde logo, as creanças a servirem-se de instrumentos, como este, com o necessario cuidado.

Dando-se ás creanças o material com o qual ellas pódem produzir fórmas attrahentes pela belleza, recortando-as segundo certas leis, o *desejo de destruir* com as tesouras bem de pressa se extinguirá e, assim, muitos incidentes desagradaveis se poupará, tanto ás creanças como aos paes.

O material empregado consta de quadrados de papel branco ou colorido que, depois de dobrados em fórma triangular, são recortados segundo linhas determinadas.

Para facilitar o recorte regular pode-se, em vez de simples folhas de papel, empregar os quadrados

já preparados para esse fim, feitos de modo que, quando dobrados, apresentem uma das faces triangulares coberta de quadriculas, segundo as quaes o proprio alumno póde traçar o plano do recorte que vai fazer, reproduzindo as indicações da professora.

O recorte, como aliás acontece com todas as occupações do Jardim de Infancia, é regulado pela *lei dos oppostos.*

Começa-se pelo corte vertical, passando-se ao seu opposto, o horizontal e á posição média, a obliqua, devendo as creanças traçarem segundo as indicações das professoras as linhas que terão de seguir no recorte.

No *Paradise of Childhood* encontram-se os modelos para esses recortes

Para realizal-os, o papel deve ser dobrado de modo a formar oito triangulos supperpostos. E' essa a fórma do dobrado fundamental para os recortes mais simples.

Além dessa fórma fundamental, emprega-se tambem uma outra constante da mesma fórma triangular, mas differindo da anterior pelo facto de ser constituido por seis triangulos equilateros em vez de oito como acima.

Essa fórma póde-se obter de um modo muito simples, dobrando o quadrado pela diagonal e no meio desta fazendo dobras segundo angulos de 60°, o que quivale a dividir o triangulo todo em tres partes eguas e, por ultimo, cortando os cantos que excedem á base opposta ao vertice commum. Além dos recortes retelineos pódem-se fazer tambem recortes segundo linhas curvas, as quaes produzem effeitos mais attrahentes.

As quadriculas destinadas a guiar o recorte na fórma constituida pelos seis triangulos equilateros, fa-

cilmente se traçam dividindo os lados, cada um em quatro partes e unindo-se os pontos de divisão de dous desses lados ao terceiro que se toma como base e, finalmente, tirando-se uma vertical do vertice para essa base.

As partes cortadas devem ser utilisadas para formar tambem combinações symetricas, e para isso distribuem-se folhas de papel ou de cartão em que as creanças possam collal-as, pela maneira que a sua imaginação lhes suggerir.

O DECIMO QUARTO DOM

Tecelagem, a occupação relativa a este dom contribue notavelmente tanto para o desenvolvimento mental como para o corporal e, além disso, é um dos exercicios que as creanças mais apreciam. Este dom occupa ambas as mãos, agrada a vista pela variedade das côres, cultiva o gosto pela symetria das figuras produzidas, e, pela necessidade constante de contar as fitinhas de papel, dá logar á pratica das noções de numero.

O material empregado nesta occupação consta de folhas de papel, cortadas em fitas, de modo a formar a trama (*mats*) para os tecidos em papel.

Com as creanças menores é preferivel começar empregando fitas mais largas de modo que o modelo seja mais facilmente comprehendido e reclame menos paciencia na execução.

O modelo mais simples é aquelle em que as fitas da trama ficam alternadamente collocadas superior e inferiormente. E' por esse que se deve começar, passando-se em seguida á alternação de duas em duas fitas, que já se presta á composição de varios desenhos,

e em seguida á reprodução dos modelos que dão origem a combinações mais complexas e de resultados mais attrahentes.

No proximo numero desta Revista daremos os modelos para esta e outras occupações, acompanhando-as de indicações mais minuciosas. Por em quanto, limitamo-nos a remetter os leitores á série de modelos appensa ao *Paradise of Childhood.*

O DECIMO QUINTO DOM

Consta este dom de varetas de differentes côres para entrelaçamento que servem de intermediarias entre as superficies (as taboinhas) e as linhas representadas por pausinhos ou arame. Prestam-se as varetas á construcção de um grande numero de fórmas, de que daremos modelos no proximo numero desta Revista.

O DECIMO SEXTO DOM

O decimo sexto dom presta-se a occupações e exercicios identicos aos do anterior. Consta de varetas com juntas dobradiças por meio das quaes póde-se construir uma grande variedade de fórmas. Com relação a este dom, além dos modelos do «Paradise of Childhood» publicaremos tambem as do manual de Krauss Boelte.

O DECIMO SETIMO DOM

Os exercicios com este dom são ainda semelhantes aos anteriores. O material, porém, em vez de

constar de varetas de madeira, como acima, consta de fitas de papel de oito ou dez polegadas de comprimento e um quarto de polegada de largura

O DECIMO OITAVO DOM

Consta este dom de quadrados de papel para dobrado. Formam-se assim as mais variadas formas, que contribuem para facilitar o estudo posterior das propriedades geometricas.

Uma das fórmas fundamentaes, da qual se póde originar uma grande série de dobras, obtem-se pelo modo seguinte:

Colloque-se um quadrado de papel sobre a mesa, de modo que dous angulos fiquem collocados no sentido da largura da mesa. Dobre-se o angulo inferior sobre o de cima ajustando bem os seus respectivos lados; dobre-se em seguida o angulo direito sobre o esquerdo. Abra-se o papel, que vem a ficar dividido por duas diagonaes. Dobrem-se para o centro os quatro cantos, de modo a formar um quadrado menor. Desta fórma primitiva deduz-se uma grande série de figuras que as creanças podem executar seguindo as indicações da professora, ou por invenção propria.

O DECIMO NONO DOM

Chegamos agora ás occupações que tem por objecto a construcção do contorno de solidos.

O material para taes exercicios consiste em fios de arame que se reunem por meio de ervilhas previamente embebidas em agua para que os fios de arame facilmente se possam encravar nellas.

Em vez de ervilhas pode-se tambem com vantagem applicar para o mesmo fim cubozinhos de cortiça.

O VIGESIMO DOM

Sendo incontestavel a opinião de Frœbel de que se deve iniciar o ensino das creanças por meio de jogos, pois que tal processo está de accordo com os caracteristicos da infancia—tambem é evidente que as substancias plasticas, como a argila, devem constituir um importante meio de promover o seu desenvolvimento. O gosto que, em toda a parte, as creanças manifestam pelos brinquedos em que podem servir-se de substancias plasticas, taes como o barro, a neve, etc., demonstram o que acima affirmámos. Por isso mesmo, nenhuma das occupações do Jardim de Infancia se faz com mais prazer e utilidade para as creanças do que a modelagem em argila.

Para os exercicios de modelagem, distribuem-se taboas apropriadas e um pedaço de argila para cada creança. A primeira occupação deverá consistir na modelagem da esphera. Desta muitas outras fórmas podem originar-se, taes como a da laranja, da maçã, etc., devendo, porém, a professora respeitar a espontaneidade das creanças, evitando, entretanto, que a sua acção se exerça sem fim determinado, com inconstancia.

Sómente depois de desenvolvida a habilidade das creanças por estes primeiros exercicios é que se poderá passar a construir as fórmas geometricas, taes como o cubo, o cylindro, etc,

No proximo numero daremos modelos para os primeiros exercicios de modelagem.

G. Prestes.

(*Traducção e resumo.*)

TRECHOS

Pequeninos trechos para serem reproduzidos em lições de linguagem com a accentuação propria, primeiro como simples meio de dar ás creanças o necessario desembaraço no fallar e em seguida para a formação de dialogos.

1.º PERIODO

—Eu tenho duas mãosinhas.
—Eu tenho dois pésinhos.
—Eu tenho cabellos louros.
—Eu tenho cabellos compridos.
—Eu tenho cinco dedos em cada mão.
—Eu gosto de mamãe e papae.
—Eu gosto de doces.
—Eu posso fechar meus olhos.
—Eu não posso estar quiéto.
—Eu sei bater palmas.
—Eu sei cantar.
—Eu sei dar um pulo.
—Minhas faces são coradas.
—Meus olhos são negros.
—Meus braços são compridos.
—Meus dentinhos são alvos.
—Meu nariz é bem feitinho.
—Minhas unhas são côr de rosa.
—Eu posso virar uma róda.
—Eu sou muito obediente.
—Eu fallo quando é preciso.
—Eu sei o nome dos meus dedinhos.
—Eu gosto do Jardim da Infancia.
—Mamãe quer que eu seja bonzinho.
—Papae quer que eu aprenda muita cousa.

Então estudemos
Que o tempo se vae,
E alegres veremos
Mamãe e papae.

2.º PERIODO

—Meus olhos servem para vêr.

—Meus ouvidos servem para ouvir.

—Meu nariz serve para cheirar.

—Minha linguinha serve para sentir o gosto do que eu como.

—Minhas mãos servem para apalpar.

—Que vêm seus olhos, Antonio?

—A professora e meus companheirinhos.

—Que ouvem seus ouvidos, José?

—A sua voz e a dos que estão aqui.

—Como você sabe que é com os ouvidos que se ouve, Waldemar?

—Porque tapando os ouvidos não ouço nada.

—Que cheiro sente você quando está no Jardim, Raul?

—O perfume das flôres.

—Como você sabe que é pelo nariz que se sente o cheiro, Esther?

—Porque tapando o nariz, não sinto cheiro nenhum.

—Que gosto sente agora a tua boquinha Judith?

—Nenhum, não estou comendo.

—Que apalpam suas mãos, Luisita?

—Meu vestidinho.

—Como é que vocês sabem tudo isto?

—Vendo com os olhos.

—E quando estamos no escuro, Joãosinho?

—Apalpando com as mãos.

Temos pois cinco sentidos:

—Vêr, gostar, ouvir, cheirar...

—Um, dois, tres, quatro, eis o quinto:

—E' o que se chama apalpar.

3.º PERIODO

—Nós estamos reunidos para uma conversação.
—Vamos todos prestar attenção.
—Quando se conversa muita cousa se aprende.
—Mas, mamãe diz que é melhor estar calado do que fallar.
—Isso é quando se diz tolices.
—E nós não diremos tolices, não é?
—Nós não somos tolos.
—Que costumam fazer os tolos, Orlando?
—Muita cousa censuravel.
—Que cousas são censuraveis, Oswaldo?
—As cousas mal feitas.
—Os tolos fazem essas cousas.
—Não se portam bem em parte alguma.
—Não obedecem a ninguem.
—Mettem-se em tudo que não lhes importa.
—Brigam com seus companheiros.
—Fallam quando se deve estar quiéto.
—Ficam calados quando se deve fallar.
—Não querem ficar na classe.
—Eu não quero ser tolo.
—Nem eu.
—Para termos juizo, que devemos fazer?
—Ouvir os conselhos de mamãe e papae.
—Prestar attenção ás palavras da professora.
—Ser muito delicado para com todos.
—Eu quero ter juizo.
—Eu tambem.
—Que são os que ficaram quiétos agora?
—São tolos.

Os tolos ficam mudos
Quando é o fallar preciso,
Fallando agora todos
Mostramos ter juizo.

Zalina Rolim.

PRIMEIRO EXERCICIO DE DESENHO FEITO NO 3.º PERIODO DO JARDIM DA INFANCIA

PELA PROFESSORA

D. Izabel Prado

Antes de começarmos o nosso exercicio de dezenho, vamos primeiramente dizer alguma cousa sobre as ardosias e lapis, usados actualmente no Jardim da Infancia, para o dezenho das primeiras linhas.

As ardosias são quadriculadas nas duas faces, tendo sobre uma das faces quadriculas de um centimetro; sobre outra, traços separados de meio centimetro sómente.

Os lapis empregados para o desenho nas ardosias, devem ser aparados com auxilio de uma lima, podendo-se, porém, substituil-os pelos lapis communs.

Vamos agora dar começo a nossa aula:

—As creanças em numero de dez, como de costume—acham-se sentadas nas cadeirinhas ao redor de cada mesa.

Para distribuirmos as ardosias, collocamos sobre as extremidades das mesas, tantas ardosias e lapis, quantas forem as creanças que estiverem nas referidas mesas. A classe conserva-se de bracinhos cruzados.

Diremos o seguinte á classe:

O primeiro signal dado na campainha é para vocês que estão na extremidade da mesa collocarem a mãosinha direita sobre a pedra de cima; ao segundo

signal vocês passarão, de uma em uma, a ardosia para a sua visinha da direita e esta irá passando até a ultima da classe, sempre passando de mão em mão.

O mesmo processo deve ser empregado na distribuição dos lapis. Este exercicio constituirá um divertimento bastante interessante para as creanças e, uma vez habituadas, ellas o farão com muita rapidez e regularidade.

Pelo processo inverso voltam as ardosias e os lapis ao logar de partida.

Concluida a distribuição das ardosias e lapis, deve ter cada creança em sua frente uma ardosia e um lapis.

Dirá então a professora á classe:

Tome cada creança o seu lapis na mão direita, levantando bem alto o braço.

Tome a professora tambem um lapis e fique na posição indicada.

Prestem muita attenção:

Façam com o lapis o mesmo movimento que eu fizer com o meu.

Levante a professora o braço direito bem alto, tendo o lapis na mão e fazendo primeiramente os movimentos no espaço para habitual-as depois a traçarem nas lousas. A professora deve contar—um—devendo estar com o braço extendido para fazer uma linha vertical—dois—deve estar no meio da linha--tres—deve ter a linha prompta feita no espaço devendo as creanças tambem acompanhar a professora n'esses movimentos.

Fará este exercicio muitas vezes, assim como as linhas: horisontal e inclinada, o que facilitará a reproducção nas lousas das linhas que estiverem n'essas posições.

Reproducção das linhas nas ardosias

Marque a professora no quadro negro que, como as ardosias deve ser tambem quadriculado, um pontinho com giz, no canto esquerdo superior, e mande que as creanças façam o mesmo nas ardosias. Se não souberem, ensine-lhes a professora os lados e cantos das ardosias, indicando os lados superior, inferior, direito, esquerdo, canto direito, esquerdo, superior, inferior até que a creança os reconheça de prompto.

Em seguida devem marcar um pontinho e contar quatro quadradinhos abaixo do ponto e marcar outro. Uniremos então esses dois pontinhos e teremos *uma linha recta que está na posição vertical.*

Será necessario vermos todas as ardosias da classe para verificar si as creanças traçaram tambem ao mesmo tempo aquellas linhas.

Mandaremos as creanças mostrarem em suas ardosias, nos desenhos das paredes, nos objectos da sala, etc., as linhas que estejam nas posições indicadas.

Faça a professora a seguinte pergunta á classe.

Quem sabe em que posição está a linha que traçámos?

Responderão certamente. «Em pé». Sabem como devemos dizer quando uma linha está de pé?—«Recta e na posição vertical». Fazemos então a classe repetir a mesma posição.

Marcaremos outro pontinho no quadro e mandaremos as creanças fazerem o mesmo; 2, 3, 4, ou quantos quadradinhos estiverem ao lado do pontinho e unindo-se esses dois pontinhos teremos outra *linha recta horisontal.* Chamaremos a attenção das creanças para que fallem sobre a posição daquella linha.

— Continue-se sempre a mostrar objectos que estejam na posição da linha que acabámos de traçar, empregando-se sempre o mesmo processo com relação a linha inclinada.

Depois que palestrarmos bastante com as creanças sobre este ponto, começaremos então a traçar figurinhas, começando pela combinação de 2, 3, 4, 5, 6 e até 12 linhas. Isto não só entretêem muito as creanças como tambem é de muita utilidade nas construcções.

Izabel Prado.

A Creança Alegre

Gosto muito de accordar
E levantar-me cedinho;
Quem madruga no meu lar
Somos eu e o canarinho.

Vou para o banho sósinho,
Depois vestir-me e pentear,
E mamãe e papaesinho
Muito contente abraçar.

Corro e brinco emquanto posso...
Depois, vou a mesa e almóço
Com appetite sem fim.

E então, no braço o cestinho,
Alegre tomo o caminho
Do nosso bello Jardim.

Zalina Rolim

AS FAVAS

Um dia a mamãe de Lulú mandou-o á cidade, comprar favas.

Para não esquecer o nome do que ia comprar, o menino foi por todo o caminho repetindo: – Favas, favas, favas....

Ao passar em um largo Lulú avistou um grupo de rapasitos como elle, muito entretidos no jogo do pião.

Ora, Lulú era doido por aquelle divertimento; interessado, parou sem mais pensar nas favas.

Quando os rapasitos se foram, elle já não se lembrava do que sahira a comprar.

Caminhou uns passos para deante, voltou uns passos para traz, dizendo em voz alta:

—Daqui até alli, perdi; daqui até alli, perdi...

Um homem que passava interrogou-o curioso:

—Que perdeste, menino?

—Daqui até alli, perdi; daqui até alli, perdi... —foi a resposta de Lulú.

—Mas, que perdeste? falla!...

—Daqui até alli, perdi...

—Ora, vae ás favas!... —gritou o homem, encolerisado.

—Achei, achei!...—Exclamou Lulú.

E lá se foi a correr para a cidade.

Zalina Rolim

DESENHO

No 2.º Periodo do Jardim da Infancia, o ensino de desenho é feito com umas pequenas varetas de 25 centimetros de comprimento, 1 de largura e espessura conveniente para a flexibilidade necessaria.

Primeiramente, faz-se a distribuição das varetas, pelo processo de circulação, devendo as creanças que occupam uma das extremidades de cada mesa, passar os macinhos de varetas a cada signal dado. A' medida que as creanças forem passando as varetas, irão collocando-as sobre a mesa na sua frente. Convidal-as-hemos então a prestarem muita attenção.

Tomaremos uma vareta e a primeira pergunta que devemos dirigir á classe, deve ser a seguinte: com o que acham parecido isto que tenho na mão? As creanças, certamente, responderão: «Com uma varinha». Ensinaremos então a dizerem varetas e não varinha. Pediremos a cada creança para descrever a sua vareta.

Aristides, conte-me alguma cousa da sua vareta. Elle dirá, por ex: a minha vareta é comprida. Adelaide, falle-me sobre a sua vareta.

Si ella não responder, logo, podemos fazer perguntas para, assim, facilitar mais. A vareta é larga? E' estreita? E' curta? E' pesada? E' léve? Ao que certamente ella responderá a qualquer uma destas perguntas por ex: E' léve.

Então, para que as creanças prestem bastante attenção sobre o que se está tratando, mandaremos repetir, novamente, toda a sentença: Esta vareta é léve.

Agora, quero que um de vocês me diga de que é feita a vareta. Ella responderá, que é de páu. Muito bem, mas como poderemos, ainda dizer não se empregando a palavra páu?... Você, Esther.

--E' de madeira.

Agora, todas as creanças sabem que a vareta é feita de madeira.

Vamos vêr, o que vocês são capazes de fazer com a vareta? Certamente, as creanças não responderão logo. Traçaremos no quadro negro, uma linha recta na posição horizontal. Mandaremos em seguida cada creança collocar a sua vareta nessa posição, e faremos cada uma repetir a seguinte sentença e outras semelhantes: A minha vareta está na posição horizontal.

Uma vez que ellas fiquem bem certas sobre este ponto, ensinaremos as outras duas posições, não nos descuidando de sempre, mandal-as repetir sentenças completas, sobre as varetas, os objectos da sala, e suas posições.

Terminada a aula de desenho, as creanças a um signal dado, passarão cada macinho de varetas, de mão em mão, pelo mesmo processo da distribuição, porém, em sentido inverso.

Anna de Barros.

GYMNASTICA DOS DEDOS

(Os exercicios são acompanhados pelos respectivos movimentos dos dedos)

1.º PERIODO

Fecho o dedo pollegar,
Para o indicador abrir;
Vem o médio se deitar,
Erecto fica o annular,
Que o minimo vai dormir.

2.º PERIODO

Indicadores e pollegares,
Minimos, médios e annulares;
—São amaveis meus dedinhos,
Sabem se cumprimentar,
Tambem eu meus amiguinhos
Quando encontro —sei saudar.

3.º PERIODO

Em frente de uma a outra mão,
Empertigados meus dedinhos
Formam luzido batalhão
De valorosos soldadinhos.
—Marcham na frente os pollegares,
Pertinho os dois indicadores,
Depois os médios e annulares;
Seguem-se os minimos quietinhos,
E as palmas batem os tambores.

Zalina Rolim.

O BRINQUEDO NO JARDIM DA INFANCIA

POR

D. Joanna Grassi

E' preciso que o Jardim da Infancia attraia as creancinhas como o olhar benigno de uma mãe, o sorriso mellifluo duma amiga. Quanto amor, quanta ternura deve haver então!

As creancinhas deixando o regaço materno devem encontrar continuadoras desse carinho, que tantos sentimentos sublimes infiltra n'alma!

E como desempenhar essa missão, sem inspirar o tedío que mata o que devia germinar?

E' desenvolver natural e sensivelmente os sentimentos nobres, que apenas começam a desabrochar e formar o espirito que desponta tão tenro como a avezinha ao dar o primeiro vôo. E' só invocando a musica e os brinquedos que poderemos chegar ao fim desejado.

O poder que exerce a musica prova-o a historia, provam-n'o os factos quotidianos.

Não menos poder têm os brinquedos tanto mais que a maior parte das vezes é elle acompanhado pela musica—dous factores que actuam.

Que alegria não se lê na physionomia angelica das creancinhas ao dar o primeiro signal para o brinquedo? E disso quanta vantagem? Quanta actividade se desenvolve?

Nesses brinquedos além do habito da ordem que sempre infundem, conduzem tambem a fins moraes e uteis como se nota no brinquedo seguinte:

Achando-se as creanças sentadas nos seus logares, dá-se o primeiro signal com a campainha afim de ficarem attentas; ao segundo, devem ficar em pé e com as mãosinhas pousadas sobre os encostos das cadeirinhas e, ao terceiro, collocarem estas em baixo da mesa.

Ao som do piano as creanças saem marchando umas atraz das outras, até que, a um outro signal da campainha, formem o circulo, de mãos dadas.

Collocam-se então quatro creancinhas no centro, de modo a formar uma cruz, unidas umas ás outras pelas mãosinhas direitas. Tanto ás do centro, como as que formam o circulo devem girar cantando os versinhos seguintes, acompanhados pelo piano:

Já viste o moinho girando
Ao sopro do vento amigo?
Dia e noite trabalhando
Móe o milho, móe o trigo.

Nossa vontade amiguinhos
E' um vento de azas potentes;
Sejamos como os moinhos,
Activos, bons, diligentes.

Cantando estas quadras, fazem as creanças acenos correspondentes aos movimentos dos moinhos. Finali-

zado o canto chamam-se outras quatro creanças ao centro, e assim vai-se proseguindo até que todas ahi tenham estado.

Este brinquedo intitulado—moinho de vento—desperta nas creancinhas o gosto pelo trabalho.

Joanna Grassi.

VERSOS PARA EXERCICIOS DE DICÇÃO

1.º PERIODO

Em bôa companhia
A gente a vida goza,
E cousa proveitosa
Aprende cada dia.

Nossas gentís boquinhas
Fallam com senso e graça
De tudo o que se passa
Em nossas cabecinhas.

De lêr não temos ancia,
Que é cedo, muito cedo;
—Viva o folguedo!
—Viva o Jardim da Infancia!

2.º PERIODO

Minha bocca tem juizo,
Não desperdiça um thesouro;
Só falla quando é preciso,
Sabe que o silencio é de ouro.

3.º PERIODO

Olhos abertos
E fino tacto,
Ouvidos certos
E gosto e olfacto.

—Os meus cinco sentidos
Assim são divididos.

Com meus olhos tudo vejo,
Com minhas mãos palpo e tacteio,
Aos meus ouvidos chegam sons;
Cheira o nariz o que eu desejo,
Na bocca os doces saboreio
E tenho assim preciósos dons.

Zalina Rolim.

EXERCICIOS PRATICOS DO JOGO DA BOLA

POR

D. Maria E. Varella

VERSOS DE P. ZALINA ROLIM

PRIMEIRO DOM

De todos os exercicios que até hoje temos executado no Jardim, taes como mosaico, anneis, varetas, paosinhos, cantos, historias, discos, etc., é sem duvida o brinquedo mais attrahente e preferido das creanças — o da bola.

E' com certeza a influencia de suas côres, e a sua fórma graciosa que impressionam o cérebro infantil. Pois bem, sendo este o brinquedo predilecto das creanças, devemos cultival-o do melhor modo possivel.

Tratemos pois da bola.

Este jogo, ou brinquedo, é feito no Jardim da Infancia do seguinte modo: collocam-se as creanças em circulo de maneira que fiquem afastadas das mesinhas, e de modo que a creança de menor tamanho da classe fique mais proxima duma das mesas para fazer a distribuição das bolas.

Antes que seja feita pela professora a apresentação da bola ás creanças deve-se fazer um pequeno exercicio de movimento das mãos, afim de facilitar a passagem das bolas durante o exercicio.

Assim diremos:

Levantem todas a mão direita bem alto; a esquerda; as duas mãos; abaixem agora a direita, a esquerda, etc. Quando fizerem este exercicio perfeito, que será preciso repetir por alguns dias até que discreminem de prompto a mão direita e a esquerda, começa-se propriamente o exercicio.

E' muito commum á creança cumprimentar, ou querer receber um objecto qualquer com a mão esquerda em vez da direita, cumprindo pois, á professora sempre insistir em que a creança dé a mão direita e não a esquerda.

Repete-se este exercicio muitos dias até que, a creança quando ouvir a voz de commando da professora: Mão direita bem alto; agora mão esquerda, etc, a classe execute ao mesmo tempo o movimento.

No final deste exercicio entoem-se as seguintes quadrinhas:

Musica 103

A mão direita para cima,
A mão esquerda para baixo;
Uma acima, outra abaixo,
Uma acima, outra abaixo.

Musica 104

As duas mãos para cima,
A direita para baixo;
Uma acima, outra abaixo,
Uma acima, outra abaixo.

PRIMEIRO DOM

A classe é formada do mesmo modo que indicámos na lição anterior.

A professora traz dentro duma caixa uma bóla de borracha, coberta de lã e segura por um cordel de 30 a 35 centimentros, tendo a bola as côres do espectro solar, e devendo ser tambem maior do que as que as creanças commumente usam.

Dirá então a professora:

Qual de vocês poderá dizer-me o nome deste brinquedo? (tirando a bola da caixa). Responderão todas: é uma bola.

—Muito bem.

Agora extendam todas a mão direita para a frente para eu vêr se vocês já sabem receber um objecto. A que extender a mão dum modo mais gracioso chamará a professora, de preferencia, para perto de si afim de fazer entrega da bola e dirá:

—Maria, vou pôr esta bola na tua mão direita:

Deve esperar e mesmo insistir que a creança responda:

—«Obrigada».

Chamará a professora neste exercicio diversas creanças, até que todas da classe executem com bastante desembaraço o exercicio da apresentação da mão direita.

Convêm fazer tambem aqui a distribuição das bolas ás creanças—chamando a professora uma por uma para evitar que fallem todas ao mesmo tempo, e de modo que não seja preciso empregar muito tempo no acto de recebimento das bolas entregues pela professora.

A que fôr chamada pela professora depois de ter agradecido a entrega da bola do modo já indicado, deve construir as seguintes sentenças: Esta bola é de borracha. Minha bóla é redonda. Tenho uma bola léve. Estou segurando nesta bola pelo cordão. Tenho uma bola de muitas côres, etc.

Si a primeira vez não poderem as creanças dizer alguma cousa a respeito da bola, dirá então a professora:

Quando vocês pelo Natal, ou dia de anniversario, recebem do papae uma boneca, ao tomarem-n'a nas mãos, não dizem: Que bonitinha!! Tem cabellos crespos, vestidinho de renda, sapatinhos, fecha os olhos... etc.

O que devem dizer?

—«Obrigada papaesinho».

Pois bem: eu quero que vocês tomando esta bola me digam o que vêem nella; mas não quero que repitam todas a mesma cousa.

Durante este exercicio convêm que as creanças conservem-se bastante silenciosas.

Esta occupação tem por fim instruil-as nos principios de polidez.

Depois que souberem que a bola é redonda, léve, lisa, de borracha, coberta de lã, etc., passará a professora a ensinar a fazerem a distribuição.

Distribuição das bolas

A classe é formada pelo mesmo modo que para a lição anterior.

Traz a professora dentro duma caixa tantas bolas quantas forem as creanças da classe; correspondendo as côres primarias pelos dias da semana: segunda,

terça e quarta; e as secundarias pelos dias: quinta, sexta e sabbado; e além dessas, uma maior em que se achem reunidas as côres primarias e secundarias para seu uso. Estas bolinhas devem ser de borracha, cobertas de lã, presas por um cordel de 25 a 30 centimetros. A bola que se achar com a professora deve ter o cordel mais comprido.

Neste exercicio de bolas devem as crianças só trabalharem com a mão direita, e, para evitar que trabalhem tambem com a mão esquerda—havendo então confusão, devem ficar com a mão esquerda apoiada na cintura.

Ao signal dado pela professora, a creança menor da classe, que deve ter adeante de si todas as bolinhas dentro duma caixa, vai fazendo a distribuição de mão em mão até a ultima da classe e todas as creanças entôam as seguintes quadrinhas:

Musica 16

A bolinha quer passar
Da minha p'ra tua mão,
Vai levar-te a saudação:
—Bom dia!

E vai e vem a bolinha...
E emquanto corre mansinha,
Vou cantando uma canção
Que me alegra o coração.

Depois de findas as quadrinhas, dirá a professora:

Extendam todas a mão direita para a frente, tendo já as creanças as bolas em suas respectivas mãos.

Cada uma de vocês me diga o que é que póde fazer a sua bolinha.

A minha bolinha póde pular. Esta bolinha póde cahir. Minha bolinha póde mover-se.

Esta bolinha póde ficar quietinha na minha mão. Esta bolinha póde rolar.

Então quero que todas *rolem* as suas bolinhas e cantem:

Musica 15

As trefegas bolinhas,
Rolando sem parar,
Vão provocar
Bem boas risadinhas.

Agora levantem todas as bolinhas com a mão direita.

Abaixem a mão direita.

Levantem a mão esquerda. Abaixo.

Levantem as duas mãos. Passem a bolinha da mão esquerda para a direita. Abaixem a mão direita. Extendam a mão direita para a frente.

O fim deste exercicio é fazer com que as creanças distingam a mão direita da esquerda.

Em todos estes exercicios da bola devem as creanças executar com graça os movimentos correspondentes aos exercicios.

Exercicio de comparação

Neste exercicio as creanças devem conservar-se com a mão direita extendida para a frente e tendo entre as mãos a bola.

Tome a professora uma bola vermelha e mande que as que tiverem igual a essa as levantem. Tome outra

(uma amarella) e mande que a colloquem na mesa mais proxima. Tome uma roxa e mande que as tragam uma após outra e colloquem dentro da caixa. Uma azul a segurarem com as duas mãos e collocarem na mesa mais distante. Uma verde, para ser collocada dentro da tampa da caixa. Uma alaranjada a passar de mão em mão. Agora venham as creanças, de uma em uma, tirar da caixa uma bola igual a esta (levantando uma bola vermelha). Neste exercicio as creanças não aprendem ainda a distinguir as côres. Sómente fazem comparação das que conduzem com a apresentada pela professora.

Dir-se-á então: agora vocês todas têm na mão, o que? Uma bola.

Entoe-se a seguinte quadra:

Musica 33

Vinde vêr o meu moinho,
E' a bola nas minhas mãos;
Eil-o a girar, ligeirinho,
Como a pedra sobre os grãos.

Depois de acabada a quadra acima, tome a professora a bola maior.

Faça então as seguintes perguntas á classe:

Digam-me o que é que vocês todas têm nas mãos? Do que são feitas? São cobertas de que? Léves ou pezadas? Macias ou asperas? Pequenas ou grandes? (Em relação a que está commigo) Iguaes em que? Differentes em que? Parecidas com que? São pontudas? Chatas? Compridas?

Devem ser estas as respostas:

Nós todas temos bolas nas mãos.

São feitas todas de borracha.

São cobertas de lã. Léves. Macias.

Pequenas. Iguaes em fórma. Differentes em côr. Parecidas com laranjas (limas ou maçãs). Não são pontudas. Não são chatas. Redondas.

Terminadas as respostas, a classe entôa o seguinte:

Musica 18

Bolinha ligeira, sem pena ou fadiga,
Saltita aos accordes da minha cantiga
Saltita aos accordes da minha cantiga.

A restituição das bolas é feita sempre do mesmo modo que a distribuição, collocando-se a creança menor junto á caixa. Assim, a classe toda faz a passagem de diante para traz até a ultima.

A fórma

As creanças conservam-se com as mãos extendidas para a frente, e fazem a passagem das bolas de mão em mão e vão entoando o seguinte:

Musica 14

Quer agitar-se a bolinha
Mover-se d'aqui p'ra alli;
Já não repousa quietinha,
Ja não quer ficar aqui;
Não vás cahir ao chão,
Vae de uma a outra mão.

Dirá então a professora:

Quem poderá dizer-me que fórma tem esta bola? (apontando para uma que tem em sua mão) A bola é redonda.

Faça com que as creanças designem diversos objectos que tenham a fórma da bóla, para vêr se bem observaram a sua fórma.

Mas, como é que vocês podem saber que a fórma da bola é redonda?

Porque vemos. Então para se saber que um objecto é redondo é só vendo-o?... Não, tocando-o tambem. Então fechem os olhos e tomem suas bolinhas entre as palmas das mãos e façam-n'as rolar. Como é que vocês podem agora saber si ella é redonda?

Porque estamos rolando com as mãos, e não nos machucam, sendo que se tivessem pontas não poderiamos fazel-as rolar com a mesma facilidade.

Para comprehenderem melhor a fórma da bola deve-se comparal-a com fructos e outros objectos.

Dirá então a professora:

Cada uma de vocês vai dizer-me o nome duma fructinha que tenha mais ou menos a fórma da bola e construir sentenças com ellas. Devem ser mais ou menos estas as respostas:

Minha bolinha é *redonda* como uma maçã.

Esta bolinha é *redonda* como uma laranja.

A bolinha que eu tenho na mão é *redonda* como uma jaboticaba.

Convêm não consentir que as creanças repitam sempre a mesma palavra, quando estão tacteando a bola, de modo a usarem da mesma expressão no principio de sentenças; não devem dizer todas, por exemplo: *minha*; poderão empregar: *esta*, *a*, etc.

Dirá então a professora:

Quem é que gosta da bolinha? Eu.

Então vamos entoar um canto á bolinha.

Musica 13

Gosto muito da bolinha,
Quero vel-a em minha mão.
Tão lisa, tão redondinha!
Não a deixo ir para o chão.

Continuação da fórma

Qual de vocês se lembra do que estavamos fazendo com nossas bolinhas no ultimo dia que fallamos dellas? Estavamos mostrando a sua fórma. Então vamos continuar:

Quem sabe qual é outro nome que nós podemos dar a todos os objectos que têem a fórma redonda?

Espherica. Então que fórma tem a bola?

A bola tem a fórma espherica.

Faça-se as creanças designarem alguns objectos que tenham a fórma espherica.

Dirija-se a seguinte pergunta á classe:

Qual é e parte do nosso corpo que vocês acham parecida com a fórma espherica?

Nossa cabeça. Bem. Então qual é a fórma della? Espherica.

Faça com que repitam muitas vezes a palavra *espherica* até a pronunciarem sem difficuldade.

Neste exercicio deve-se, tomar muito cuidado com a pronuncia das creanças para evitar certos vicios, proprios á linguagem infantil, pois é certo que as creanças não ouvindo a professora repetir algumas palavras pouco vulgares, as pronunciam erradamente. Vamos agora cantar:

Musica 30

Minha gentil bolinha,
Eu sei de mais alguem
Que a fórma redondinha
Qual tua face, tem:
Sim, bolinha,
E' a minha
Cabecinha.

Côres

A classe continúa do mesmo modo, em roda.

Não se deve fazer a distribuição das bolas antes de ensinar as côres.

Chame a professora duas creanças e colloque as no meio da roda e faça a seguinte pergunta: Zilda o que é que você tem egual a Augusta? E' provavel que ella responda: A altura. Só?... Que mais? A côr. Bem. Porque? Nós duas somos brancas. Chame outra: Você, Esther. No que estas duas lousas são parecidas? Na côr. Porque? São pretas. Outra: As cadeiras se parecem em que? Na côr. Então tudo têm côr? Sim, Senhora.

Quem poderá me dizer mais alguma cousa que tenha côr? Dirá uma: As plantas. Que côr tem ellas? São verdes. Chame outra: O que mais têm côr? O céu. Que côr têm elle? Azul. Outra: Que mais? A lima quando está madura. Que côr têm? Amarella.

Quem poderá me dizer mais alguma cousa que tenha côr? Dirá uma: Eu: as nossas faces rosadas. Conhecem vocês mais algumas côres que ainda não dissemos? Roxa. O que é que vocês conhecem que seja roxo? As Violetas. Quem conhece outra côr? Ala-

ranjada. O que é que vocês conhecem que seja alaranjado? A laranja quando está madura.

Depois das creanças designarem todas as côres, faça a professóra o seguinte:

A creança que tiver um objecto vermelho venha para o meio da roda. Porque é que vocês vierão para o meio? Porque tinhamos um objecto da côr que a Sra. nos indicou.

Chame outra: Mostre-me aqui na roda uma côr azul? Esta fita de Antonietta. Que côr têm ella. Azul. Outra: Vá ao jardim e me traga uma flôr roxa. Que flôr você me trouxe? Uma Saudade. Porque? A Sra. disse-me que trouxesse uma flôr roxa. Chame outra e mande-a tirar do jarro uma flôr alaranjada. Que côr tem esta flôr? Alaranjado o (Malmequer).

Venha você: Paulo? Vá a uma sala de outra classe e traga-me uma menina que tenha um vestido ou avental amarello. Porque veio esta menina? Porque está com vestido amarello como a Sra. me pedio. Outra: Vá ao jardim buscar alguma cousa que seja verde. Trouxe uma folha. Porque me trouxe esta folha? Foi a que eu encontrei da côr que a Sra. me indicou.

Neste exercicio de côres deve a professora arranjar a maior variedade possivel de objectos como sejam: jarro com flôres naturaes, fructas mui conhecidas das creanças, pedaços de fitinhas, discos, mappas de côres, etc. Quanto mais variados os objectos mais serão apreciados pelas creanças

Depois de bem reconhecidas as côres pelas creanças fará a professora a distribuição de todas as bolinhas.

Continuação de côres

A classe conserva-se ainda em roda, porém bastante afastadas as creanças umas das outras, de modo que cada creança, com os braços extendidos, possa tocar nas mãos dos seus visinhos da direita e da esquerda, e, depois de marcarem as distancias com os braços abertos, levantem-n'os para cima, e façam então a passagem das bólas por cima da cabeça, tendo a professora o cuidado de não deixar que as creanças acompanhem o movimento com os olhos. Sómente o farão pelo sentido do tacto.

Na passagem das bólas será cantado o seguinte:

Musica 20

Vinde comnosco, bolinhas,
De côres tão variadas:
Vermelhas, amarellinhas,
Bem roxas, alaranjadas,
Verdes, azues... que formosas!
Como nos fazeis ditosas!
Vinde gentís bolinhas
Vinde ás nossas mãosinhas!

Depois que todas tiverem as bolinhas nas mãos devem abaixar os braços ao lado.

Dirá então a professora: Que côr tem esta bóla? (levantando uma vermelha) Responderão: E' vermelha. A bola que atirei no chão? Azul. Essa bola de Noemia? Amarella. Sabem como se chamam estas tres côres? Primarias. Então as creanças que tiverem as 3 bolinhas das côres primarias levantem-n'as.

Tome a professora uma bola roxa e entregue a uma creança. Quem poderá me dizer a côr da bola que eu dei a João? E' roxa.

Agora, quem tiver uma bóla verde venha collocal-a na caixa em que estava.

Deve a professora insistir a fim de que a creança diga:

—Eu colloco com a minha mão direita esta bola dentro da caixa em que estava.

Quem estiver com a bola alaranjada venha e diga a mesma cousa.

Sabem como se chamam estas côres das bolas que acabamos de collocar dentro da caixa?

Chamam-se secundarias. Agora, Maria—recolha todas as bolinhas primarias.

Que côres devem ter? Vermelhas, azues e amarellas. Para vêr se conservaram as denominações, primarias e secundarias, diga: Amanhã eu quero que vecês me tragam de suas casas uma flôr, ou um pedaço de papel egual á côr das bolinhas que vocês hoje tiveram. As que tiveram secundarias trarão secundarias, as que tiverem primarias, do mesmo modo.

Agora digam-me: Que differença ha de suas bolinhas para a minha? As nossas só tem cada uma côr; a sua tem todas as seis côres reunidas.

Conhecem mais alguma cousa que tenha as côres reunidas? O arco-iris, o espectro solar.

Então vamos contar como chamamos as bolinhas vermelhas, azues, e amarellas; e as bolinhas roxas, verdes e alaranjadas:

Musica 53

Quanta cousa bonita
Na escóla ha para vêr!
E tudo, tudo excita
Vontade de aprender.
Ja sei primarias côres
E côres secundarias,
Do iris resplendores
Do espectro as côres varias.

Côres em brinquedo

Um segundo exercicio de côres que muito apreciam as creanças:

Conservam-se as creanças sentadas em suas cadeirinhas em roda das mesas.

A creança que estiver sentada na extremidade da mesa, tem adiante de si tantas caixas do 1.º dom com as 6 bolinhas em cada uma, quantas fôr o numero das crianças que comportarem as mesinhas.

Ao signal dado pela professora, a creança, que já tem adeante de si todas as caixas, vai fazendo a passagem das caixas de mão em mão até a ultima da mesa. Dá a professora o segundo signal, e todas devem abrir as caixas ao mesmo tempo.

Dirá então a professora:

Quero vêr o que vocês podem fazer com suas bolinhas? Muita cousa..... Tirem as bolinhas; colloquem os dois paosinhos em pé, e um deitado em cima. Vamos vêr quem pode inventar alguma cousa. Dize Ida. Eu já colloquei minhas bolinhas em côres primarias e estando na frenta a bolinha vermelha, e depois arranjei as côres secundarias. · Dize Jayme. As minhas bolinhas estão marchando.

Jayme e Ida arranjaram muito bem as suas bolinhas quero que todas façam a mesma cousa. Vamos vêr como é que estão agora as bolinhas?

Em fileiras. (Naturalmente já tinham ouvido esta palavra) Muito bem.

Estão todas collocadas em fileiras. Vocês sabem os nomes daquelles que são sempre collocados em fileiras e marcham muito bem? Os soldados. Bem. Então vamos fazer com que as nossas bolinhas sirvão de soldadinhos.

Os soldados, quando estão muitos reunidos, andam sós? Não. Elles tem um que commanda. Como se chama? Commandante.

Então vamos fazer hoje no nosso batalhão o commandante ser a bolinha vermelha.

Onde deve ella vir? Na frente. Façam vocês as bolinhas marcharem ao mesmo tempo. Quantos soldados marcham em cada fileira? 5 — com o commandante 6. O commandante ficou doente porque apanhou muito sol e pediu a seu visinho que ficasse em seu logar. Quem era o seu visinho? A bolinha azul. E agora o que ficou sendo a bolinha azul? O commandante. Quantos soldados são agora? Quatro. Vamos continuar com os nossos soldadinhos no exercicio.

Tão longo foi o tal exercicio que os soldadinhos ficaram cançados e recolheram-se para o seu quartel. (dentro das caixas). Quantos soldados estão em exercicio? Nenhum, porque todos cançados foram para suas casas ou quartel.

Então depois de nossos soldadinhos se cançarem foram descançar. Vamos cantar tambem agora para depois irmos brincar e descançar.

Musica 29

Rataplam! Tóca a marchar
Numa fileira, bolinhas;
Vai em primeiro logar
A vermelha commandar,
Depois a azul e a amarella...
Todas, todas ligeirinhas
Hão de ao commando chegar.
Findo o trabalho, amiguinhas,
Devem todas descançar:
Vão para as caixas as bolinhas,
E as creanças vão brincar.

Posições entre dous objectos

Faça-se este exercicio com as creanças sentadas em roda das mesinhas.

Veja-se o exercicio anterior—brinquedo em côres —o arranjo e a distribuição como deve ser feita.

Use a professora neste exercicio as caixas vazias do 3.º dom, tendo cada caixa uma bolinha dentro.

Depois de feita a distribuição devem estas caixas achar-se em frente a cada creança.

Na passagem das caixas devem cantar:

Musica 16

Vinde, vinde, ligeirinhas,
Mão em mão, leves caixinhas
Que são horas de brincar...
Bemvindas!
Que gentís companheirinhas!
Que travessas amiguinhas!
Correm, correm sem parar,
Sempre comnosco a brincar.

Dá a professora um signal na campainha para todas as creanças tirarem as bolinhas das caixas. Pergunte a uma: o que fez? Deve insistir a fim de que ella diga: Eu tirei a bolinha de dentro da caixa com a minha mão direita, fazendo depois todas da classe repetirem a mesma cousa.

Colloquem agora as bolinhas á direita da caixa. A' esquerda. De cada vez chame uma da classe, fazendo depois todas repetirem o mesmo. Colloquem as bolinhas adiante da caixa. Atraz. Perto. Longe.

Agora quero que colloquem as bolinhas atraz de si. Para fazerem isto têm ellas de voltar o braço por cima da espadua. Colloquem agora acima da caixa. Abaixo. Tem ellas de levantar a caixa com a mão esquerda.

Vamos vêr quem póde collocar a bola sobre a caixa. Tem a creança de por a caixa com a abertura para baixo.

Vamos vêr si Luizinho póde collocar a bola no logar da caixa? Não posso; só tirando-a. Então dois objectos não podem occupar o mesmo logar? Não é? Venha, Paulo, sentar onde está Noemia. Só si ella sahir. Porque? Nós dois não podemos sentar em um só logar.

Deve a professora fazer com que as creanças mostrem objectos que estão: perto, longe, abaixo, acima, á direita, á esquerda, etc.

Agora fiquem com suas bolinhas paradas nas mãos, e vamos cantar o seguinte:

Musica 70

Não descança esta bolinha,
O seu gosto é se mover;
Vai para traz da caixinha,
Quer para adiante volver;
Vai de um para outro lado,
Sobre ella pousa mansinha. . .
Mas attende ao meu chamado
E pára em minha mãosinha.

O movimento

Deve a classe continuar como no exercicio anterior. Faça-se a distribuição das bolas como no exercicio de comparação.

Sempre nas passagens das bolas se fará um exercicio de canto, e os versos acompanhados com movimentos imitativos.

Depois que cada creança tiver a sua bolinha na mão devem ser ellas suspensas pelo cordel.

Dirá a professora ás creanças que fiquem paradas com as mãos para verificar como estão as bolinhas.

De que modo estão as bolinhas?

Paradas nas nossas mãos.

Cante-se o seguinte:

Musica 13

Eis a bolinha parada
Quietinha na minha mão;
Minha bola socegada
Não te queres mover não?

Tome a professora uma bola fazendo-a mover-se adeante da classe.

Faça então a seguinte pergunta á classe:

Quem poderá me dizer como está esta bola? (Mostrando a que tem.) Está se movendo. E as de vocês? Estão paradas.

Porque é que a minha bola não está parada? Porque a sra. a moveu.

Então as bolinhas não se movem por si? Não é? E' preciso que se lhes dê movimentos.

Façam agora todas as bolinhas moverem-se da direita para a esquerda, da esquerda para a direita.

Conhecem alguma outra cousa que se mova como estas bolinhas? A pendula do relogio. Como faz? Tik, tak.

Movam agora de traz para diante. Vamos fazer um movimento circular (para isso mostre a professora um annel de metal que tem a fórma acima indicada).

Colloquem agora as bolas sobre a mesa, e larguem tambem do cordão. Como estão agora? Em repouso.

Tomem agora a bola na mão esquerda e torçam o cordel com a mão direita, depois de bem torcido segurem-n'o pela ponta e vejam o que estão fazendo as bolinhas.

Insista para que digam: As bolinhas estão girando. Então vamos girando nossas bolinhas e cantando:

Musica 25

Girando, as bolinhas gentís
Mostram o centro ao nosso olhar;
Como ellas devemos girar
Em nossos brincos infantís.

Façam todas as bolinhas rolarem sobre a mesa do lado direito para o esquerdo, de diante para traz, rolar depresa, de vagar, pular de cima para baixo de baixo para cima, saltar bem alto, etc.

Vamos cantar o que fizeram nossas bolinhas.

Musica 24

Pula e salta a bolinha veloz,
Si alegre sôa a minha vóz;
Eu tambem pulo e salto no chão
Cantarolando uma canção.
Vamos todas pular e saltar!
Vamos todos cantar, cantar!

O peso

Tomem as creanças as bolinhas pelo cordão e deixem-n'as cahir. O que fizeram as bolinhas? Cahiram. Quem sabe a rasão porque ellas cahiram?

E' provavel que respondam: Porque largamos do cordão. Deve a professora encaminhal-as a dizerem: Porque ellas têm peso.

Chame a professora uma creança e colloque na mão direita della uma bolinha de papel e na esquerda, uma bolinha de páo e faça-a dizer alguma cousa do que sente entre uma e outra.

Façam-se a respeito diversas comparações.

Chame duas creanças e dê a uma um pedaço de papel, a outra um lapis, e faça com que estes objectos caiam ao mesmo tempo.

Quem poderá me dizer o qual cahio primeiro? Diz uma: a bola de páo. Porque será diz a professora? Deve fazer com que digam: Por ser mais pesada. Então quanto mais pesado mais depressa cae. Quem poderá me dizer si tudo tem peso? Sim, sra. tudo tem peso.

Tomem suas bolinhas; e quando eu disser: larguem (*) todas abandonem as bolas ao mesmo tempo e vamos, entretanto, cantando o seguinte:

Musica 21

E' o peso da bolinha
(*) Que a faz cahir no chão
Alegre e ligeirinha.
Boa amiguinha
Não pares não;
Volta, bolinha
A' minha mão.

Posições do cordão no espaço

Terminando o jogo da bola, como estas ficam suspensas pelo cordão, deve-se dizer alguma cousa a tal respeito mostrando ás creanças as posições que elles podem tomar no espaço, isto, porém, mui rapidamente, visto não estarmos tractando de desenho. Para este fim especial teremos diversos objectos mais apropriados como sejam: paosinhos, lentilhas, taboas para tornos, varetas, anneis, etc.

Faça-se a distribuição das bolinhas pelo modo já indicado e tambem de modo que as creanças ao tomarem o cordão este fique em sua frente.

Faça a professora as seguintes suggestões á classe:

Quero que vocês arranjem os cordões em diversas posições. O meu já o arranjei, diz um. Como foi que você fez? Segurei a bolinha pela ponta do cordão e ella ficou em pé. Faça-se sempre as creanças esticarem o cordão para verem bem a posição que elle toma.

Sinhá: Você sabe como se chama a linha que está nessa posição—em pé? Diz-se—posição vertical. Todas arranjem as suas bolinhas na mesma posição. Como estão agora os cordões? Em posição vertical.

Cante-se o seguinte:

Musica 23

Vertical, direitinha
Quero ver a bolinha:
Abaixo, acima!
Abaixo, acima!
Eu, com cautella,
Faço como ella.

Quero que todas mudem o cordão da posição em que está. Maria, como está o teu cordão? Está deitado. Sabe você como se diz quando um objecto está nessa posição? Horizontal. Arranjem todas os cordões na posição horizontal. Como estão agora os cordões? Em posição horizontal. Mas para ficarem nessa posição o que foi preciso fazermos? Segurar a bolinha com a mão esquerda e tomar a ponta do cordão com a direita. Vamos ver quem póde arranjar de outro modo o cordão? Você, Luizita: O cordão está um pouco torto. Sabe você como se diz quando os objectos estão nessa posição? Diz-se:—posição inclinada. Para as creanças collocarem os cordões nesta posição (inclinada) devem tomar a bolinha na mão direita porém de modo que esta fique mais baixa do que a esquerda, a qual deverá segurar a extremidade do cordão.

Colloquem todos os cordões na posição inclinada. Mudem o cordão em outra posição. Eu ja achei outro modo, diz o Arthur: tomei a bolinha na mão direita e cheguei a ponta do cordão com a mão esquerda. Quem sabe fazer como Arthur?

Digam-me como estão agora os cordões?

Está como um arco. Vamos ver quem sabe outro nome que não seja arco? Curva. Muito bem, que posição?... Posição curva. Quero ver depois de tantas posições que vocês fizeram si ainda podem fazer mais alguma?

Uma das creanças ou a professora juntará as duas extremidades do cordão:

Como é que está agora o cordão? Está como nossa roda, quando brincamos. Vocês sabem como podemos tambem chamar esta posição?

Em circulo. Façam todas a mesma posição.

Deve a professera mandar as creanças collocarem os cordões nas posições: vertical, horisontal, inclinada, curva e em circulo, e mesmo chamar uma para tomar o cordão nas posições acima mencionadas, recordando por este modo todas as posições.

Um pequeno exercicio de canto.

Musica 21

Quando jogo a bolinha,
Ella volta pulando;
Alegre e ligeirinha
Vai e vem,
Sem parar...
Vae e vem
Sem parar.

A despedida das bolinhas

As creanças acham-se sentadas em suas cadeirinhas ao redor das mezas.

Diz a professora o seguinte:

Vou contar a vocês a historia de uma visita que tive hontem á tardinha, e, depois que eu acabar de contal-a, vocês me dirão alguma cousa a esse respeito e me dirão se é ou não verdadeira a minha historia.

Estava eu sentada em uma cadeira de balanço, na sala, como de costume, descançando de meu trabalho diario, quando ouvi bater á porta. Quem é? Não responderam. Batem pela segunda vez: Quem é? São as bolinhas que vieram trazer as suas despedidas. Levantei-me e abri a porta: São vocês, bolinhas!? Entrem... Fil-as entrar. Então vocês por aqui?... Como soubemos que a sra. não nos quer

mais para suas companheiras de brinquedo, porque já somos muito velhas e a sra. já tem outras novas amigas: a *esphera,* o *cubo* e o *cylindro*, e como, quando brincamos juntas no Jardim fomos muito bem tractadas por todas de lá, viemos apresentar-lhe as nossas despedidas e, ao mesmo tempo, agradecer-lhe tantas finezas que nos dispensou. Viemos hoje porque amanhã vamos procurar outras amiguinhas.

—Não! Não devem fazer isso. Quero que todas vão ao Jardim despedir-se de suas amiguinhas que lá deixaram.

—Não tenho coragem de me encontrar mais com as nossas amiguinhas do Jardim, responde a bolinha vermelha.

—Não deves fazer isso. Vão.

Combinaram ellas entre si, e disseram-me:

—Amanhã ás 2 horas lá estaremos.

Despediram-se depois muito amaveis, e retiraram-se.

—Que é que vocês acham sobre o que acabei de lhes contar?

—Não é possivel.

—Porque?

—Porque as bolinhas não andam e não fallam.

—Bem. Mas como vocês sabem andar e fallar, vamos fazer de conta que vocês é que são as bolinhas.

Chame a professora seis meninas e entregue a cada uma dellas uma bola de côr, e diga-lhes que quando vierem despedir-se de suas amiguinhas fallem em logar das bolinhas que trouxerem nas mãos.

Sahem as creanças da sala.

Batem á porta.

Estão batendo, diz Paulo. Quem será? De certo são as bolinhas, exclamam todas. Levanta-se a classe para recebel-as. Entrem... Bôa tarde, amiguinhas! Bôa tarde, bolinhas. Sentem-se.

—Vierão brincar hoje comnosco, Não?

—Já brincámos muito tempo juntas, já é tempo de irmos embora.

—Porque vieram então ao Jardim da Infancia si não querem mais brincar?

—Viemos para nos despedirmos de vocês.

—Despedirem-se! Porque?... O que fizemos?

—Nada.

—Pois olhem: ficaremos muito tristes sem vocês.

—Qual!... Contentes hão de ficar porque vão ter novas amiguinhas.

—Quaes são ellas?

—A esphera, o cubo e o cylindro.

—Pelos nomes, não me parecem serem boasinhas como vocês, bolinhas!

—Vamos nos despedir, disse a bolinha vermelha: já é tarde. Principio pela minha amiguinha Judith:

—Has de te lembrar mais algum dia da tua bolinha vermelha?

—Sim! Sim. Cada vez que a mamãe me vestir de vermelho lembrar-me-hei de ti.

Approxima-se a bolinha azul:

—Minha amiguinha, Noemia: E tu tambem has de te lembrar de mim?

—Sempre que olhar para o céu, visto ter elle a tua bella côr.

Despede-se a bolinha amarella:

—Chegou a nossa despedida, Luizinho. E tú?...

—Eu? Todas as vezes que passeiar no pomar da minha casa, vendo uma fructinha madura, lembrar-me-hei de ti.

A roxa approxima-se da sua amiguinha Dulce: E tu?...

—Sempre que trouxer uma violeta á minha professora.

Diz a bolinha verde á sua amiguinha Algira:

—Dá-me um abraço de despedida....

—Todas as vezes que olhar para as plantas não poderei deixar de lembrar-me dos nossos brinquedos alegres!

Finalmente despede-se a bolinha alaranjada: E tu, Zilda?...

—Eu só poderei esquecer-me de ti quando não trouxer laranjas para o meu lunch no Jardim da Infancia.

E' claro que as creanças não farão exclusivamente por si as perguntas e respostas que aqui figurámos. Suggerindo-as, porém, convenientemente, a professora terá ensejo de despertar o interesse das creanças e de ensinar-lhes os cumprimentos usuaes nas visitas e despedidas.

Terminado o brinquedo, cuja duração dependerá do interesse que a professora consiga despertar, cantem-se as seguintes quadrinhas:

Musica 113

Até a vista, bolinhas,
Que agora nos deixais,
Gentis companheirinhas
Oh! porque não ficais?
Fugis dos olhos meus,
Fugis destas mãosinhas...
Adeus, adeus, adeus!..

Finalizo aqui todo exercicio pratico do jogo da bola, conforme é feito no Jardim da Infancia.

No proximo numero da Revista tractarei do 2.º Dom que comprehende: a esphera, o cubo e o cylindro.

Maria E. Varella.

A BONECA

Continho para ser narrado pela professora e reproduzido pelas creanças nas aulas de linguagem

Uma tarde, quando nenê voltava do passeio, avistou uma linda boneca no mostrador de uma loja entre nuvens de fitas e rendas.

A boneca tinha olhos azues, cabellos dourados e uma boquinha vermelha como os bagos da romã.

Nenê ficou encantada.

A' noite, quando estava pertinho da mamãe ella pediu:

—Mamãe, você me dá uma boneca?

Mas a mamãe lhe respondeu:

—Não posso, minha filhinha: é muito tarde, as lojas já estão fechadas.

Nenê ficou muito triste. Encostou o rostinho na mão e nada mais disse.

A sua mamãe ficou com pena de vêl-a chorosa. Chamou-a para junto de si, affagou-a carinhosamente e disse-lhe:

—Minha filhinha, queres dar-me um beijo?

Nenê respondeu:

—Não posso, mamãe: é muito tarde, minha bocca já está fechada.

Zalina Rolim.

EDIFICIO DO JARDIM DA INFANCIA

A planta e a vista em perspectiva que acompanham esta breve noticia representam o novo edificio em que, no proximo anno, deverá funccionar o Jardim da Infancia.

Esse edificio fica situado numa espaçosa área de terreno aos fundos da Escola Normal formando com esta um conjuncto de magnifico effeito architectonico.

A vista em perspectiva que aqui reproduzimos, devida ao sr. Domiziano Rossi, habil professor da Escola Polytechnica e desenhista do escriptorio do dr. Ramos de Azevedo, representa no primeiro plano o edificio do Jardim da Infancia e, em seguida, o gymnasio e uma das alas da Escola Normal que se destacam, aos fundos, do ponto de vista escolhido para esta perspectiva.

Como pela planta se vê, o edificio mede novecentos e quarenta metros quadrados approximadamente, comprehendendo 4 salas de aulas, amplamente illuminadas e um grande salão central para reunião geral e solemnidades infantís, medindo este $15^m \times 15^m$.

Além dessas salas ha mais duas annexas ao corpo do edificio, sendo estas destinadas: uma a servir de deposito do material e outra para reunião das professoras.

O salão central forma uma elevada e elegante rotunda octogonal, aos flancos da qual, em pontos

diametralmente oppostos, ficam situados quatro terraços, de forma triangular, com vista para differentes pontos da cidade. Correspondendo a esses terraços ha, no pavimento inferior, quatro salas triangulares que estabelecem communicação entre as salas de aula e o salão central, servindo ao mesmo tempo para conterem os lavatorios e os apparelhos necessarios para o fornecimento de agua filtrada a cada classe.

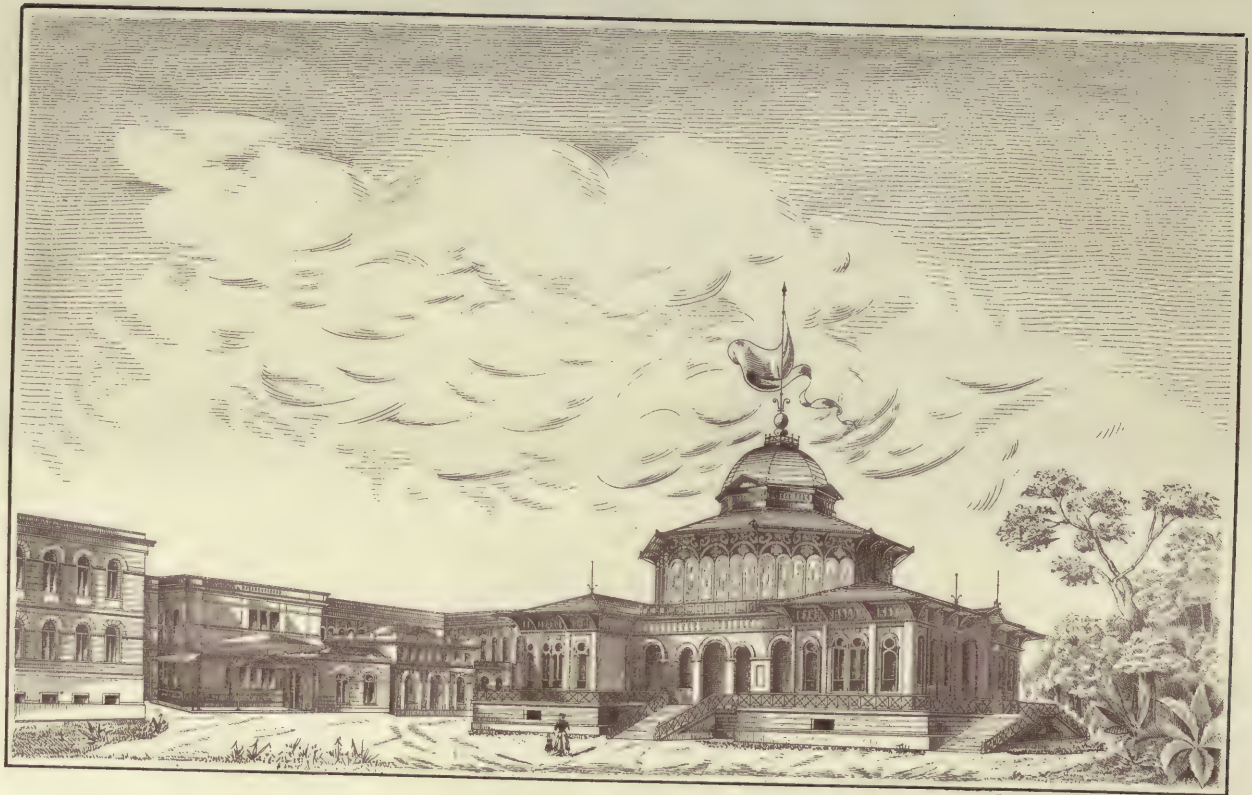
Ao nivel dos quatro terraços e interiormente, a rotunda é circumdada por uma galeria destinada ás pessoas que assistirem ás solemnidades escolares que se realizarem no salão central.

O edificio é todo rodeado por uma varanda aberta com facil communicação para todas as salas e dependencias do estabelecimento. Uma parte dessa varanda, correspondente ás duas entradas principaes do edificio, será coberta por elegantes abrigos de vidro fosco encaixiliado em ferro.

O terreno em torno do Jardim da Infancia será occupado por um vasto jardim ficando, porém, dous espaços calçados a macadam para os jogos infantís. Esses pequenos recreios serão em parte cobertos por abrigos de forma octogonal construidos sobre columnas.

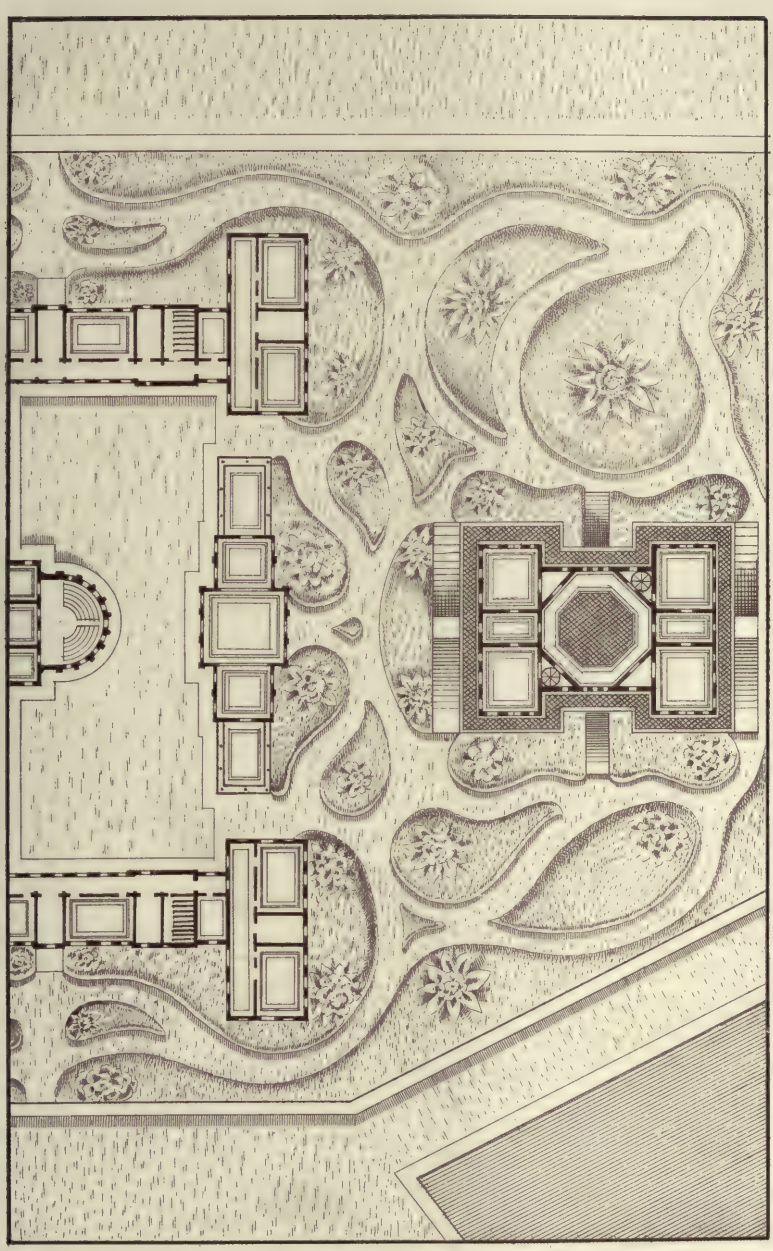
A construcção do Jardim da Infancia está a cargo do dr. Ramos de Azevedo.

Terminando esta breve noticia, devemos ainda accrescentar que a gravura lithographica que aqui reproduzimos foi executada nas officinas graphicas dos srs. V. Steidel & Comp.



Estab. Graphico V. Steidel & Cia São Paulo

288



ERRATA

Tendo de fazer esta publicação com urgencia, de modo que ella viesse ainda a servir para facilitar os trabalhos de organização do Jardim da Infancia antes de encerrado o presente anno lectivo, não nos foi possivel fazer uma revisão cuidadosa do texto. Por esse motivo, ha nesta Revista erros de composição que o leitor desculpará.

Cumpre, porém, resalvar os cinco enganos seguintes:

Na pag. 9, em vez de «Die Ruwegungsspiele», leia-se «Die Bewegungsspiele»,

Na pag. 152, onde está «Suppõe-se que no Jardim hajam», leia-se: «Suppõe-se que no Jardim haja.»

Na pag. 57 em vez de: «Amar não corta as azas;» leia-se: «Amor não corta as azas,»

Na pag. 213 onde está «foi inaugurado em 2 de Agosto de 1895» leia-se «foi inaugurado em 2 de Agosto de 1894».

Na pag. 259 onde está: «Convém fazer tambem aqui,» etc. leia-se: Não convém fazer aqui a distribuição das bolas ás creanças. Chame» etc.

Quanto a outros erros de menos importancia, confiamos as respectivas emendas á intelligencia dos leitores benevolos.

INDICE

	PAGINAS
Revista do Jardim da Infancia . . .	5
O Jardim da Infancia (Relatorio). . .	8
Familia e lár	14
Espera e verás.	17
Programma	20
Horarios	26
O dedinho vaidoso	29
Plano de um Jardim de Infancia . . .	32
Fructas	45
O sommo da Maçã	47
O moinho de vento—Brinquedo . . .	50
O Pombal—Brinquedo	50
Foge ratinho—Brinquedo	51
O temporal—Brinquedo	53
O passarinho preso—Brinquedo . . .	55
A Cegonha e os sapinhos—Brinquedo .	57
Adivinhação de flores ou fructos—Brinquedo	58
O Mensageiro—Brinquedo	60
Canção do Moleiro—Brinquedo . . .	60
Tres passos—Brinquedo	61
Si eu fosse um passarinho—Brinquedo .	62
A creança e o ribeirinho—Brinquedo .	63
Os quatro irmãos—Brinquedo	64
As flores da primavéra—Brinquedo . .	66
A cestinha—Brinquedo	68
Guia para Jardineiras	69
Passaros	132
O expresso do Grou	135

Hymno de entrada 141
A creança alegre 141
Marchas . . . . . 142—143
Saudação do 1.º Periodo 143
Polidez 144
Cantos para entrada 145
Horas do lunch 145
Canto para entrada 146
Cantos de despedida . . . . . 146—147
Acabado o lunch 147
Saudação aos visitantes 148
Marcha 148
Programma do Jardim de Infancia . . 149
Primavéra 184
Historia de um bichinho 186
Cantos para acompanharem os diversos jogos e occupações 189
A fructinha do café 208
A Escola Normal 213
Os travessos amiguinhos 216
O presente de Luizinha 217
Os dons de Frœbel 220
Trechos 242
Primeiro exercicio de desenho . . . 245
A creança alegre 248
As Favas 249
Dezenho 250
Gymnastica dos dedos 252
O Brinquedo no Jardim da Infancia . . 253
Versos para exercicios de dicção . . . 255
Exercicios praticos do jogo da bola . . 257
A boneca 285
Edificio do Jardim de Infancia . . . 286

Collecção de Musicas

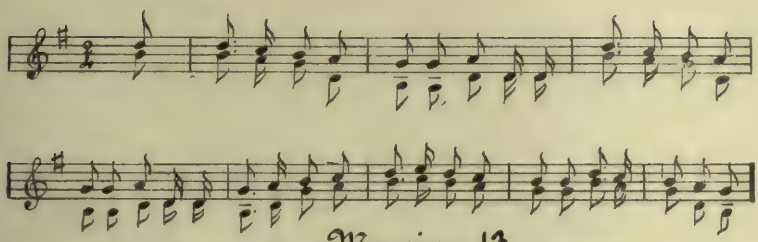
para

Jardim da Infancia

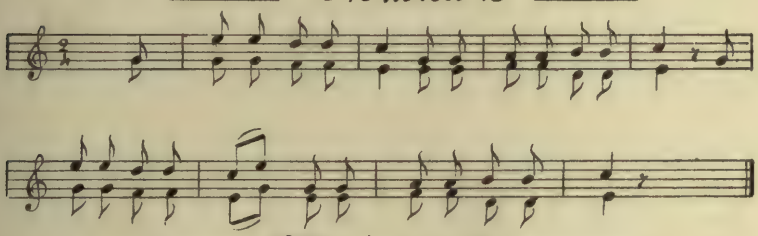
1.ª PARTE

Jogos e Occupações

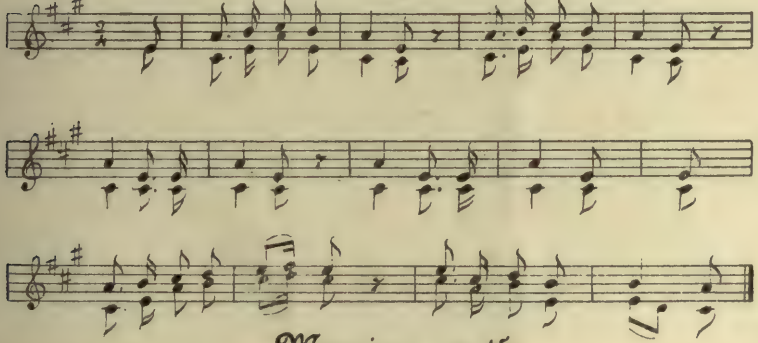
Bola livre Musica 12



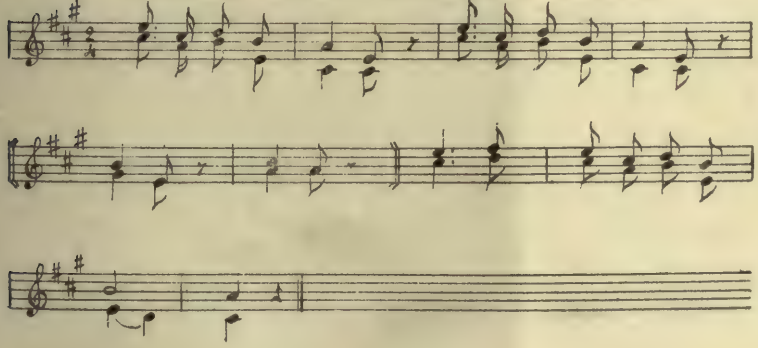
Musica 13.



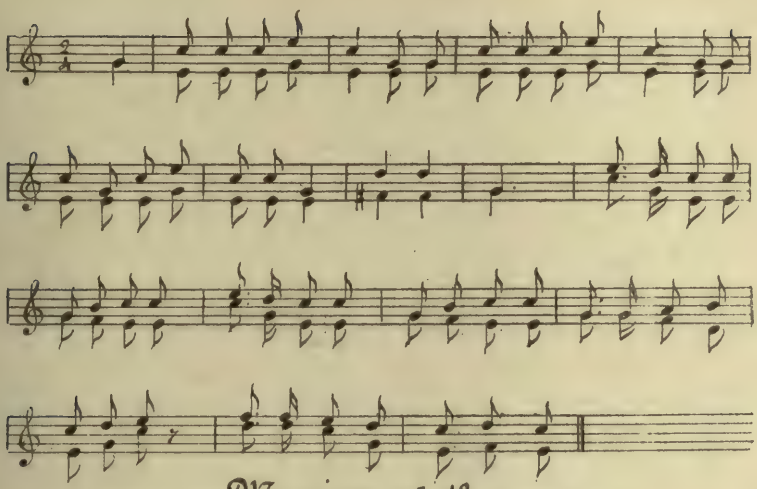
Musica nº 14.



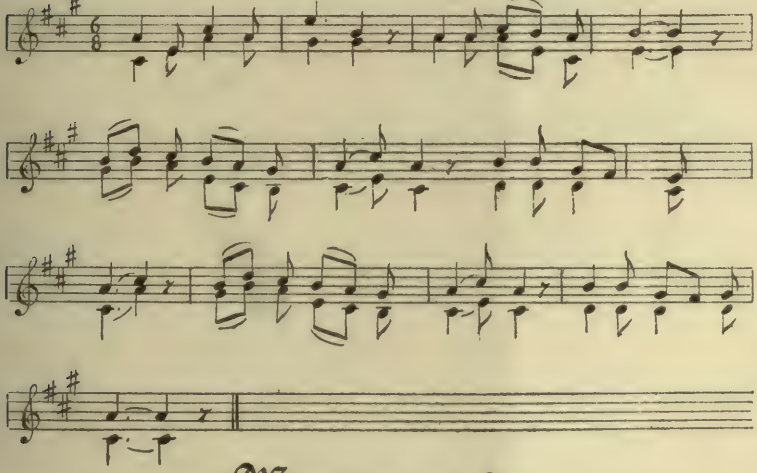
Musica nº 15.



Musica nº 16

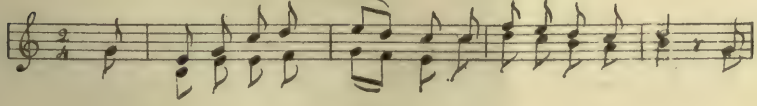


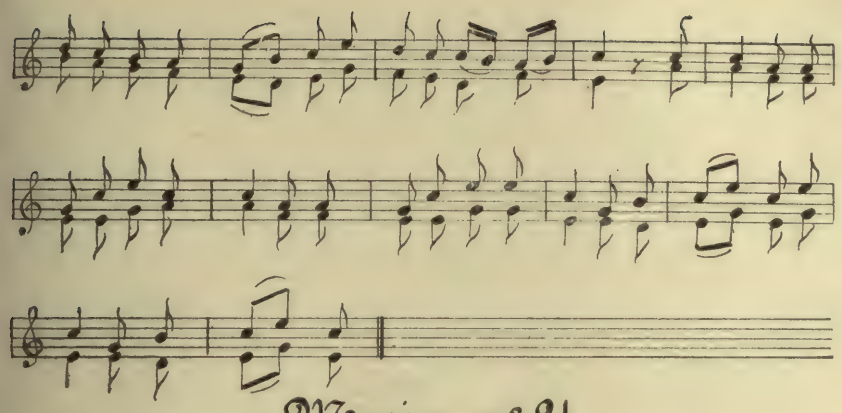
Musica nº 18



Musica nº 20

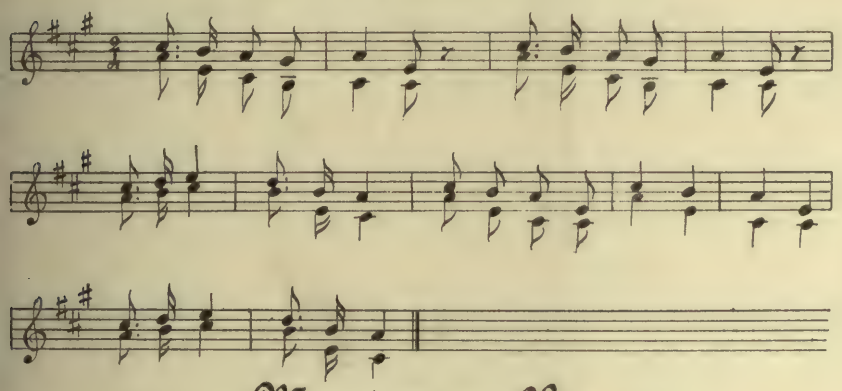
Applicação das bolas para o conhecimento das cores.





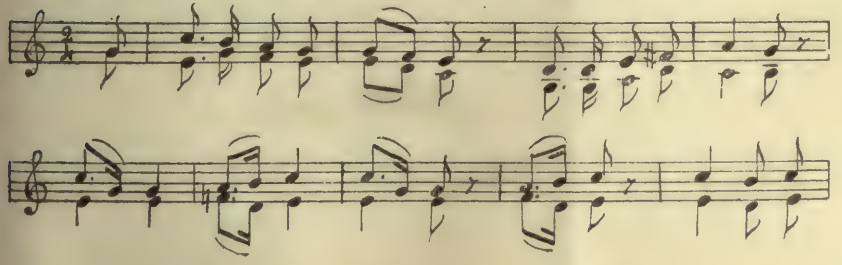
Musica nº 21

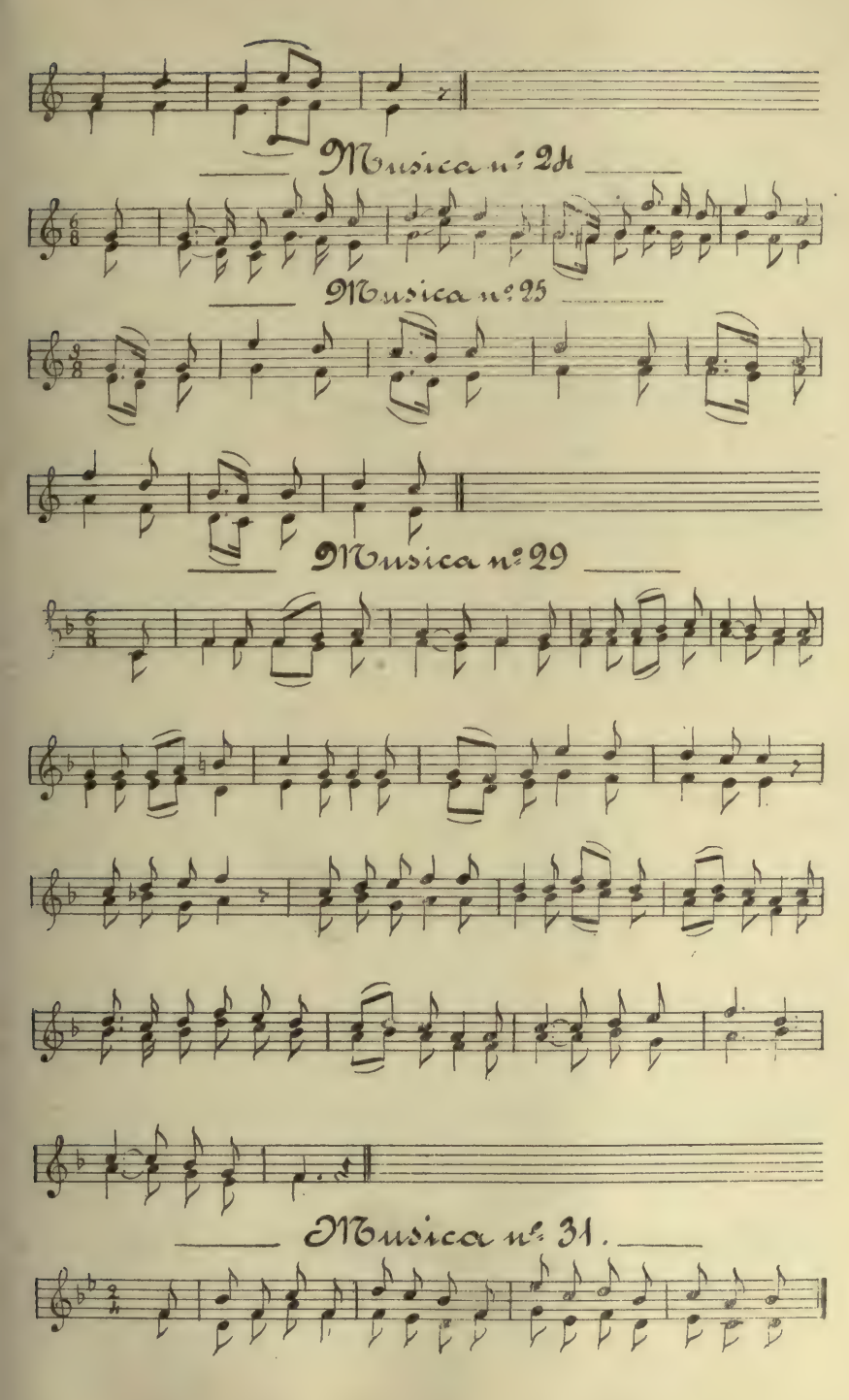
Bola na superficie horizontal



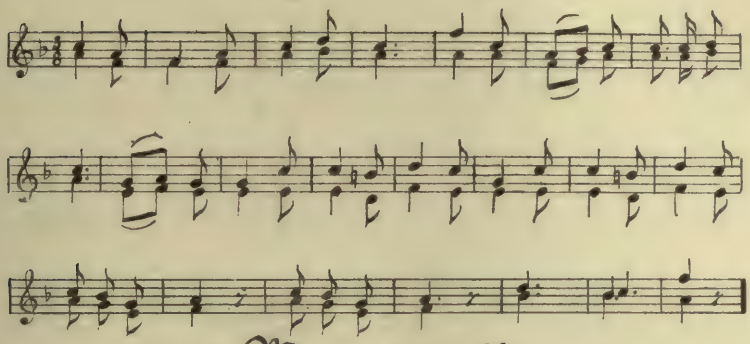
Musica nº 23.

Bola no cordel

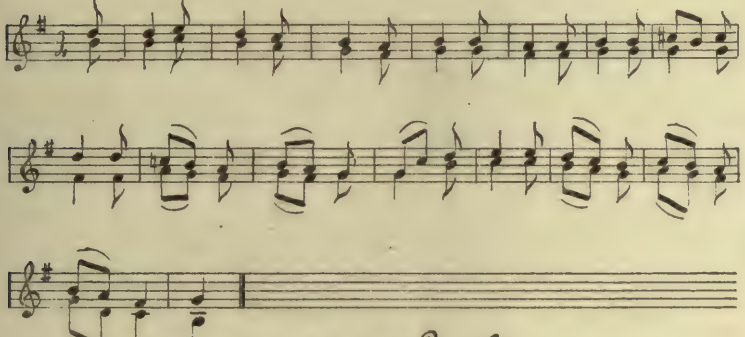



Musica nº 24
Musica nº 25
Musica nº 29
Musica nº 31.

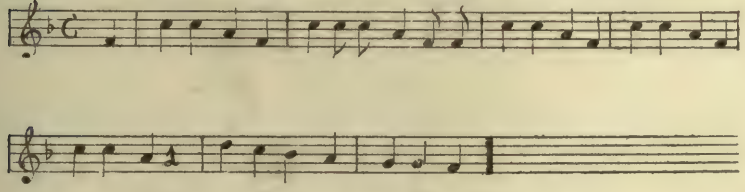
Musica nº 30



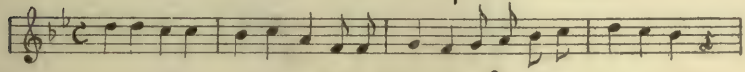
Musica nº 33



Musica nº 34 Esphera

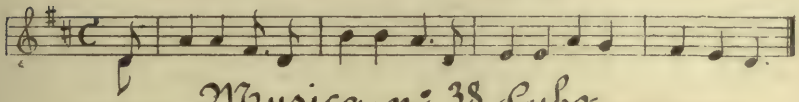


Musica nº 35. Esphera

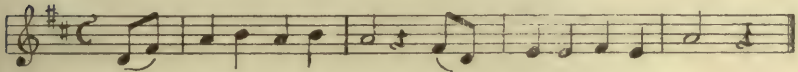


Musica nº 36. Cubo

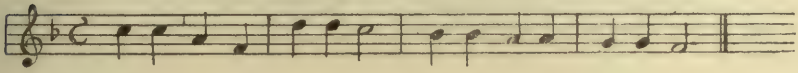
Musica nº 37. Cubo



Musica nº 38 Cubo

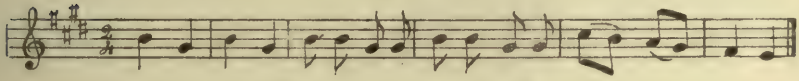


Musica nº 39 Cubo

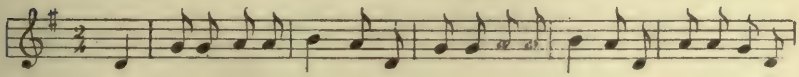


O cubo suspenso por uma das faces

Musica nº 40

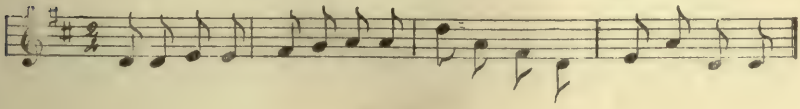


Musica nº 41



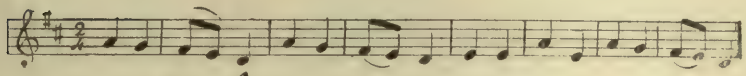
O cubo suspenso por um angulo

Musica nº 42

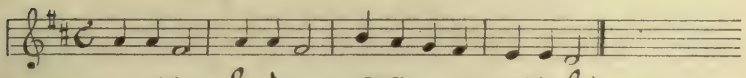


O cylindro suspenso a um cordel pela borda

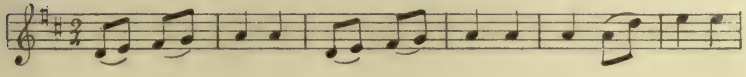
Musica nº 43.

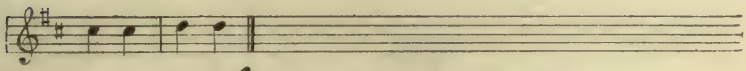


O cylindro (Musica 44 a)

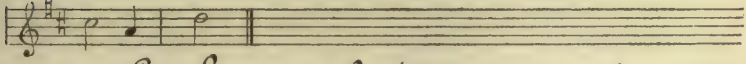


O cylindro (Musica 44 b)

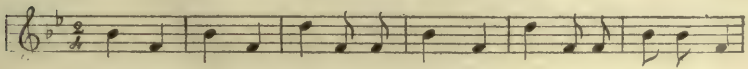


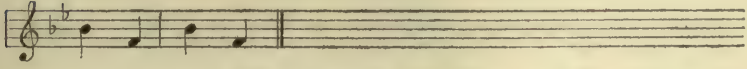


O cylindro (Musica 45)

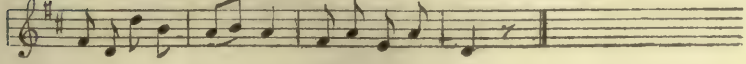


Esphera e cubo (Musica 46)



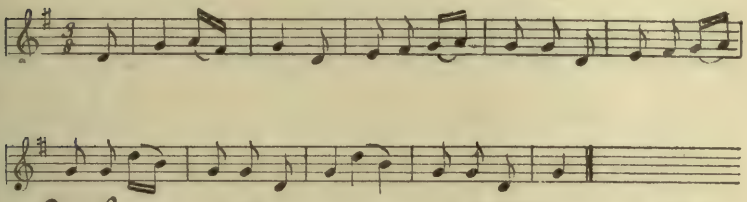


Movimento circular da esphera ou dos cubos (Mu.ca 48)

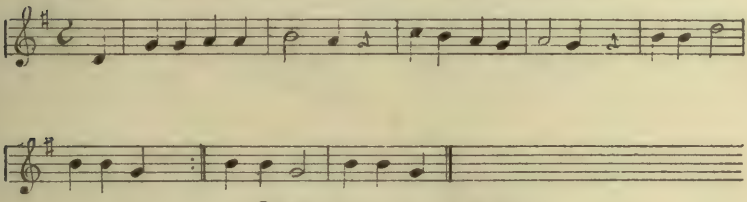


A esphera suspensa pelo cordel e virada

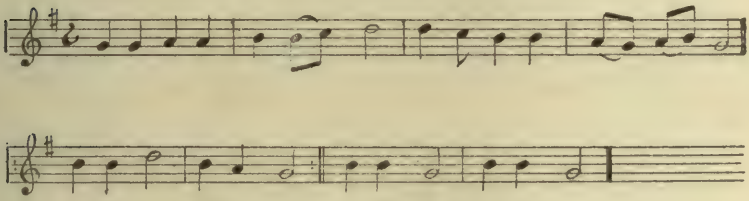
Musica nº 52



Esphera e cubo em repouso (Musica 53.)

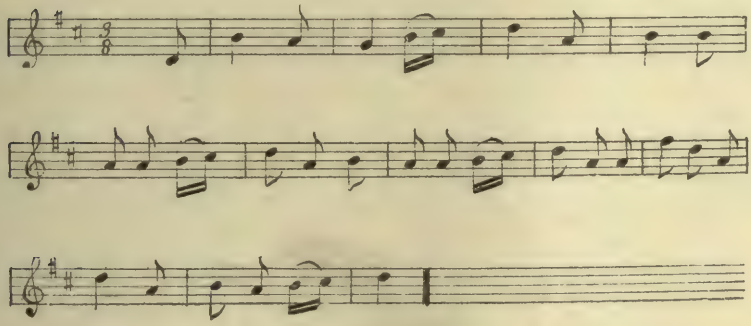


Musica nº 54



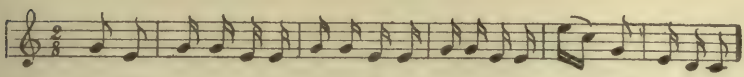
A esphera e o cubo depois do repouso

Musica nº 55



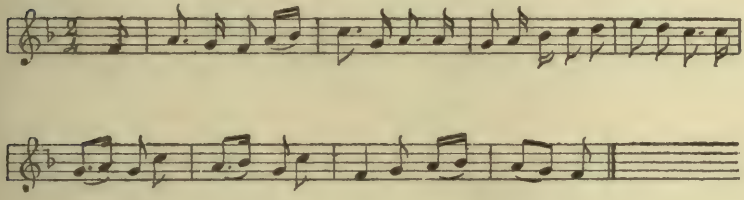
A esphera pende pelo cordel a um pau transversal

Musica nº 56



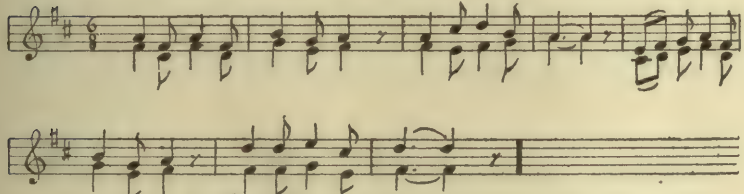
A esphera no cordel agita-se de um passinho a outro

Musica nº 57.

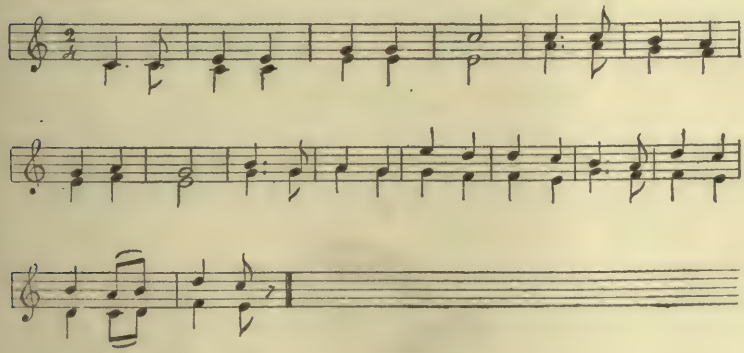


Canto de entrada para as construcções

Musica nº 58.

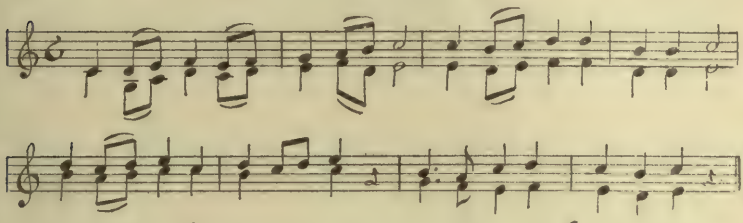


Cubo (Musica nº 59)



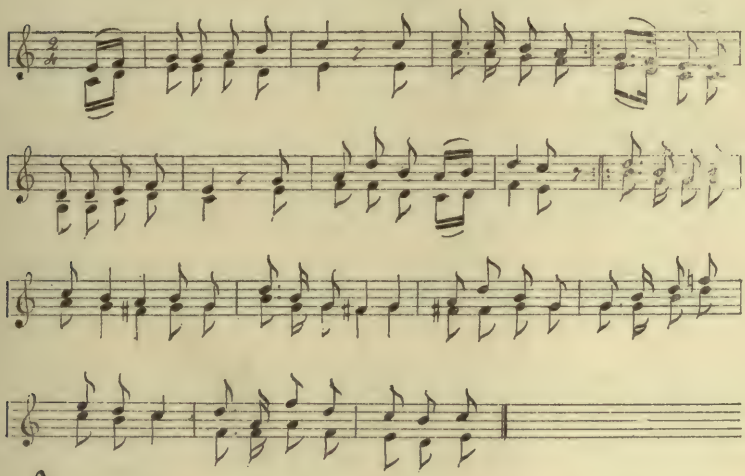
Pedreiros, construcções com os cubos

Musica nº 60



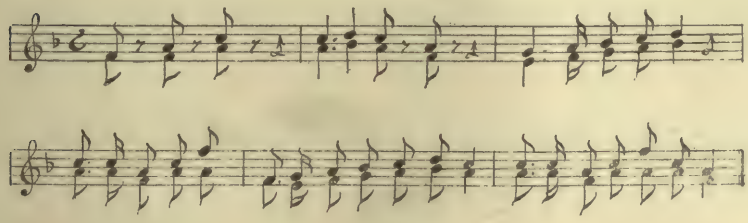
Construcções com os cubos

Musica nº 61



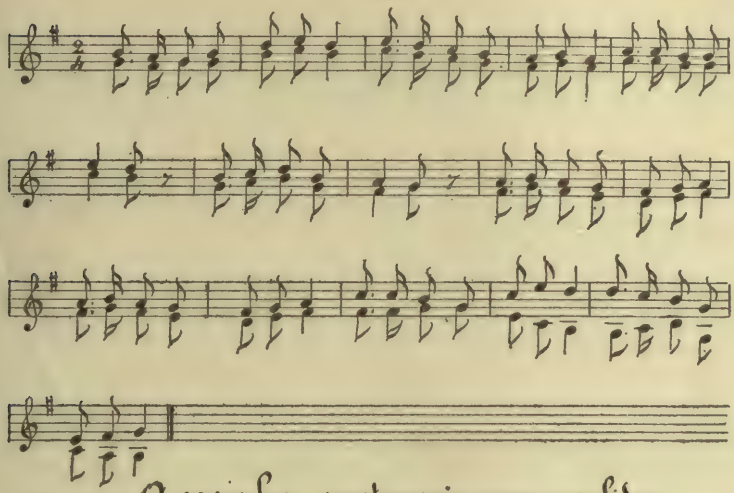
A escada; construcção com cinco prismas.

Musica nº 69



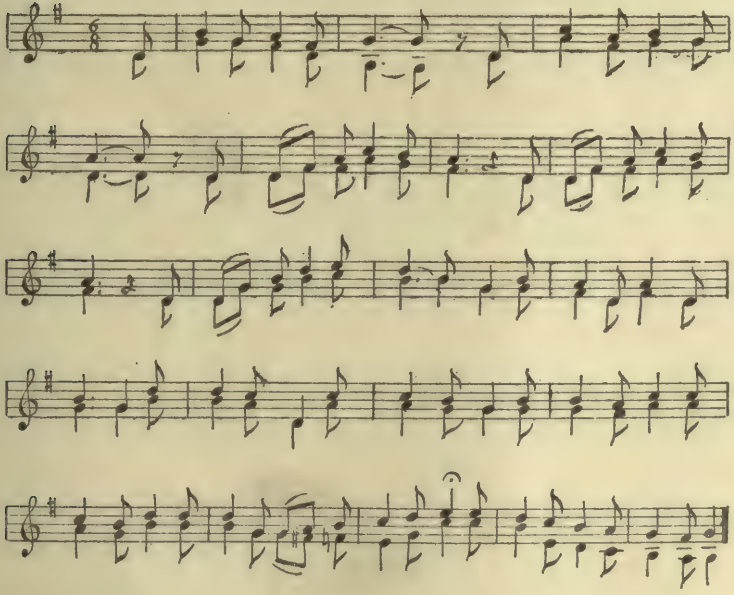
A escola, construcção com os solidos

Musica n.º 70

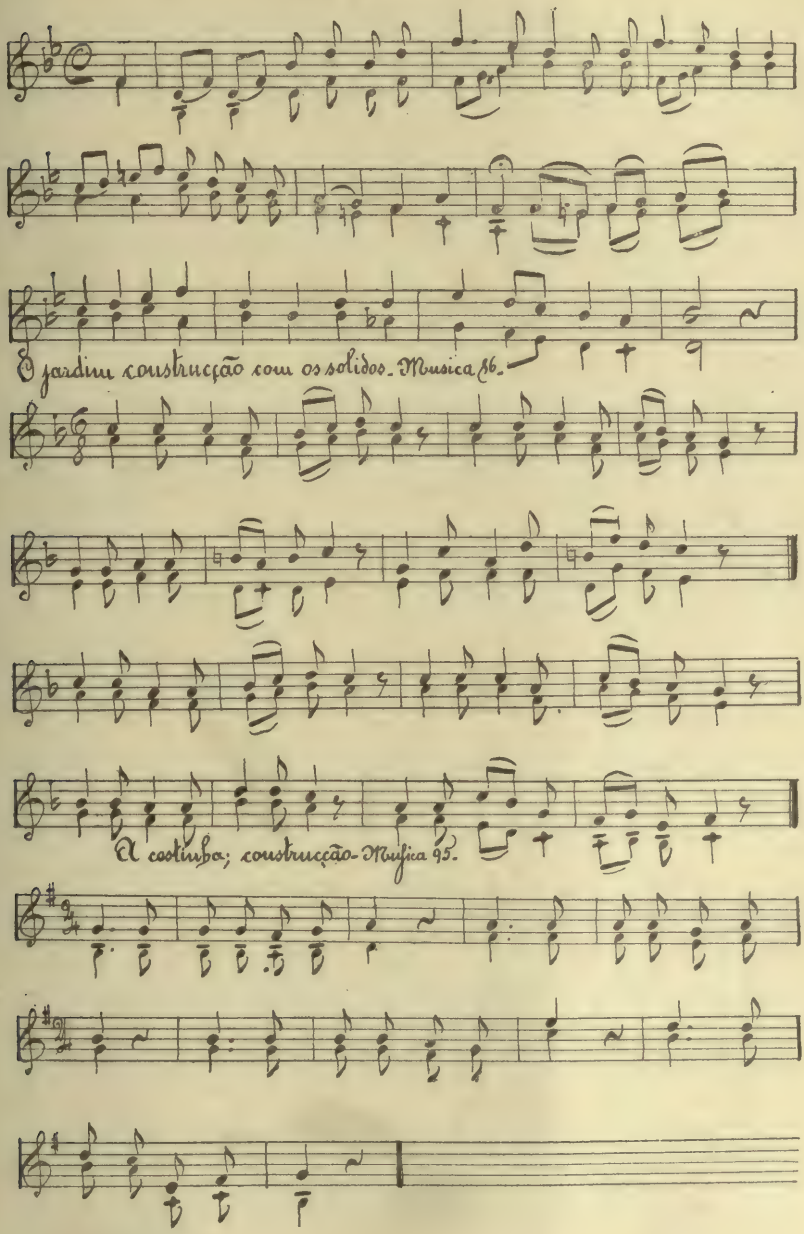


A cavinha; construcção com os solidos

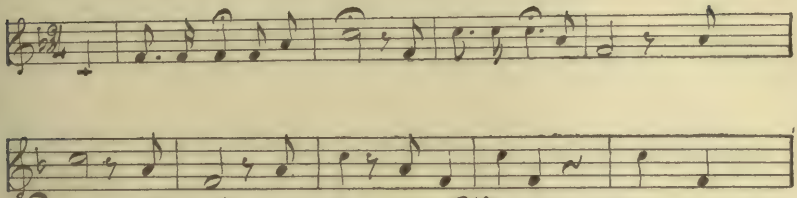
Musica n.º 81.



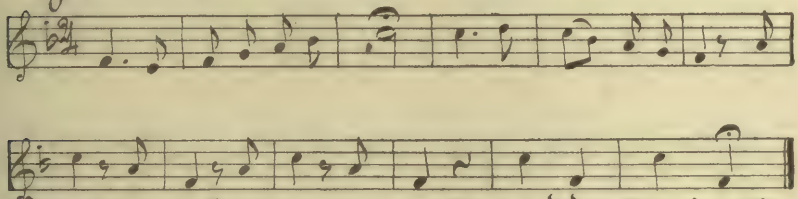
O navio construcção com os solidos.
Musica 84



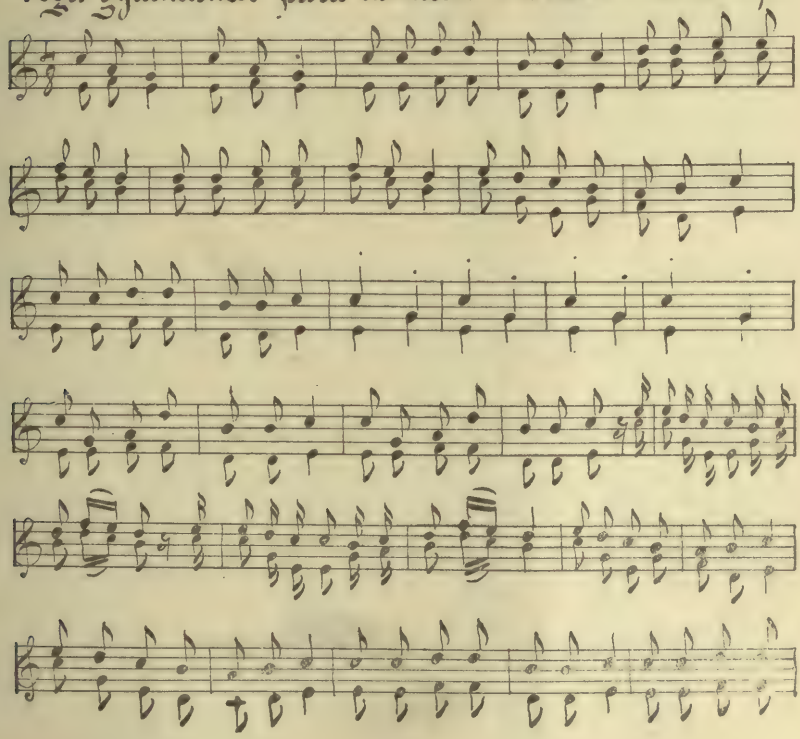
Gymnastica das mãos. Musica 103.



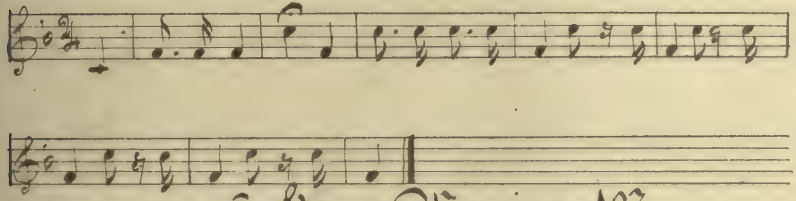
Gymnastica das mãos. Musica 104.



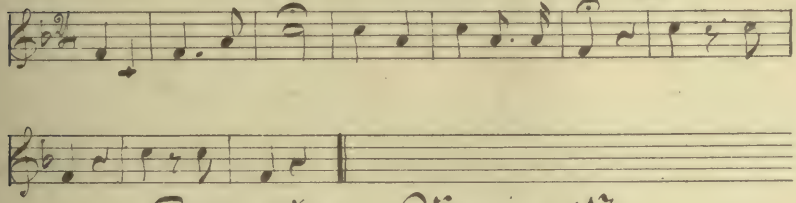
Jogos gymnasticos para as mãos e os dedos. Musica 97.



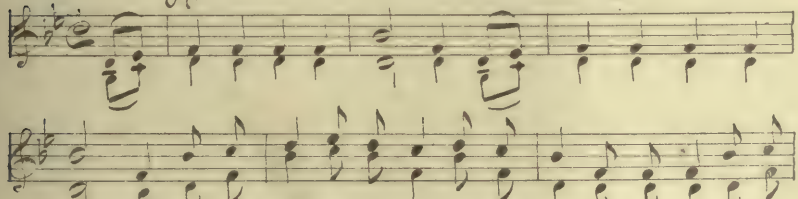
Gymnastica dos pés - Musica 106.



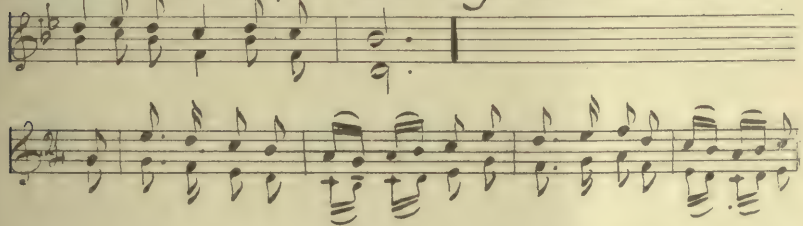
Salto. Musica 107.

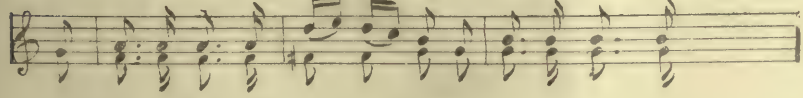


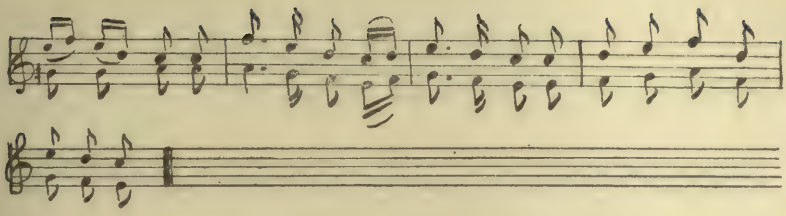
Gymnastica. Musica 117.



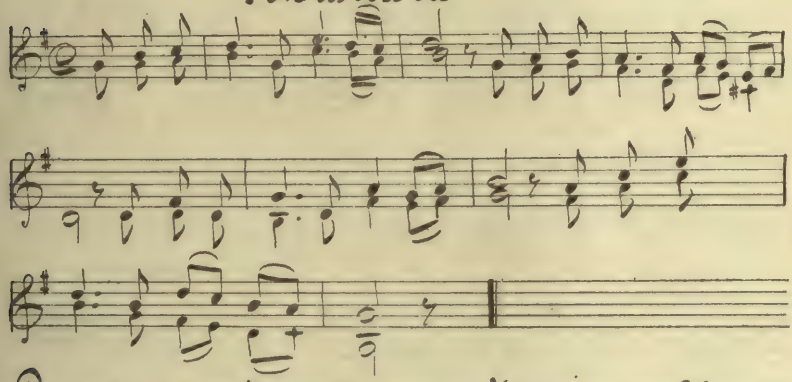
Jº dom, Construcção com dous primas. Musica 60.



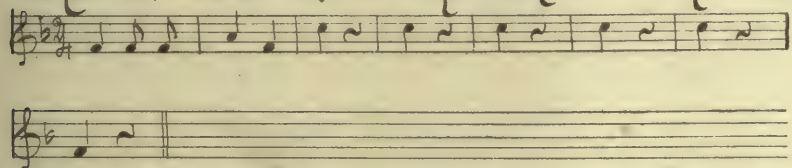




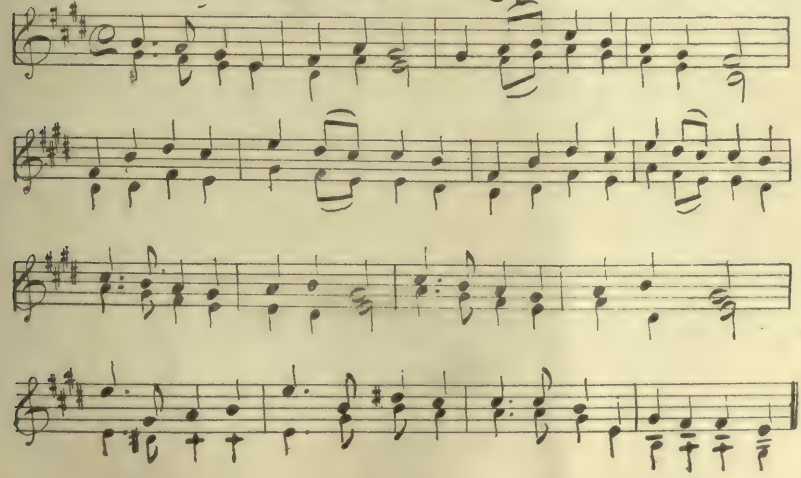
Banco de tres assentos; construcção com tres prismas
. Musica 65.



A porta; construcção com quatro prismas. Mus. 113.

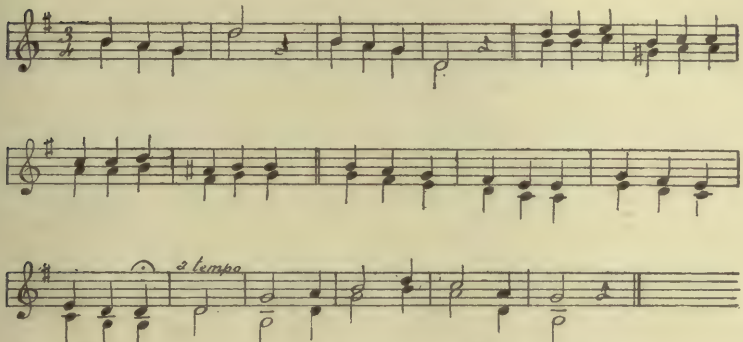


Casa de Campo; Construcção com 8 prismas. Musica 93.



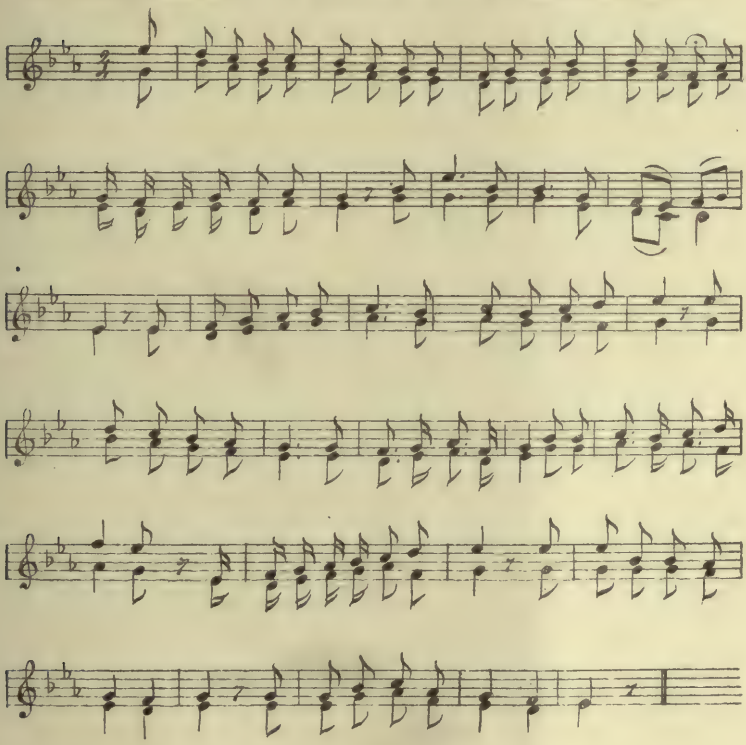
O pocinho; construcção com seis prismas

Musica nº 91.



A mina; construcção com sete prismas.

Musica nº 67



Revista

DO

JARDIM DA INFANCIA

«Os jogos infantis encerram muita vez
Um conceito profundo em sua candidez».

SCHILLER.

PUBLICAÇÃO OFFICIAL

II VOL.

LIBRAR
SEP 29 192
UNIVERSITY OF T

SÃO PAULO
1897

Revista

DO

JARDIM DA INFANCIA

«Os jogos infantís encerram muita vez
Um conceito profundo em sua candidez».

SCHILLER.

II VOL.

SÃO PAULO
1897

TYPOGRAPHIA A VAPOR
de
ESPINDOLA, SIQUEIRA & COMP
S. PAULO
RUA DIREITA N. 10 A

Revista

do

Jardim da Infancia

Os auctores reservam-se o direito de reproduzir em livro os trabalhos publicados nesta Revista

Programma de um Jardim da Infancia

No primeiro numero desta Revista promettemos dar a conhecer o modo como funccionam alguns Jardins da Infancia estrangeiros mais dignos de nota. No desempenho dessa tarefa, publicámos já o plano de organização do Jardim da Infancia instituido por F. Parker na Cook County Normal School, e, além desse trabalho, iniciámos a publicação do programma diario para o ensino frœbeliano, formulado pela Sra. Anna W. Devereaux, provecta inspectora dos Jardins da Infancia do Lowel Mass, nos Estados Unidos.

Com o mesmo intuito continuaremos, em outros numeros da Revista, a publicar as bases de organização de outros Jardins da Infancia, dando assim uma noticia suggestiva sobre as mais notaveis instituições frœbelianas existentes em differentes paizes. Com relação ás

da Allemanha tomaremos por base o livro de Barnard, *Kindergarten Culture and Child Culture Papers* no qual, além de programmas, se encontram descripções de visitas e apreciações sobre alguns jardins allemães.

Neste numero, porém, limitamo-nos a dar o programma de um Jardim da Infancia da Italia, transcrevendo-o de uma obra (*) publicada em fins do anno passado pela Sra. Amalia de Rosa directora do Jardim a que nos referimos.

Trata-se, de um trabalho muito recente e de grande merito. São esses os motivos da preferencia que hoje lhe damos.

Eis o programma a que nos referimos:

Primeiro Periodo

Pequenas narrativas. Os assumptos devem deduzir-se da vida real no que se relacione mais immediatamente com as creanças, como factos que se referem a outras creanças, aos animaes domesticos ou quaesquer outros assumptos que tenham impressionado o espirito infantil. Quando possivel, os contos devem ser acompanhados de um quadro que os illustre.

Breves conversações sobre os objectos que serviram de assumpto para os contos. As creanças não devem permanecer inactivas durante as narrações. E' por isso que, ás vezes, convem dar-lhes o material de um dos dons que se preste facilmente a representar as fórmas a que o conto se refere.

(*) «Frederico Frœbel ed il suo sistema di Educazione» por Amalia de Rosa. 1.ª edição 1896. Napoles.

Dons. Construcções com o 1.º, 2.º e o 3.º dons. Fórmas de objectos e fórmas artisticas que se possam construir com o 3.º dom.

Superficie. Construcções com as taboinhas quadrangulares, as quaes devem apresentar-se ás creanças como sendo derivadas do cubo. Construcções com os triangulos rectangulos isoceles, derivados do quadrado. Fórmas reaes e artisticas e algumas fórmas geometricas.

Dobradura. Primeira série de dobraduras, fazendo derivar o quadrado da fórma fundamental—a face do cubo.

Corte e collagem. Diversos modos de dobrar, cortar e collar um quadrado. Corte vertical e horizontal; a sua combinação. Corte obliquo.

Tecelagem. Primeira e segunda séries; isto é, exercicios com o numero 1, com côres differentes na mesma urdidura e com diversas dimensões na trama. Só com estas duas séries pódem fazer-se mais de vinte exercicios, cada um produzindo uma nova impressão.

Pausinhos. Fórmas reaes com 2, 3, 4 e 5 pausinhos.

Desenho com fio molhado. Diversas fórmas de objectos usuaes.

Desenho. No primeiro semestre, visto que as creanças não tem as mãos bastante exercitadas, os desenhos serão feitos em papel reticulado, ou em areia. No segundo semestre inicie-se o desenho a lapis em cadernos quadriculados, traçando-se linhas verticaes e horizontaes e a sua combinação. Invenção.

Contas. Enfiar contas fazendo exercicios e trabalhos relativos ao conhecimento dos numeros 1 a 5

e das côres fundamentaes. União e harmonia dessas côres.

Picagem e alinhavo. Estas duas occupações fazem-se conjuncta e parallelamente ao desenho, ampliando-se, porém, com a representação de fórmas symetricas e de objectos usuaes de facil execução a que se referirem as narrativas e as conversações.

No Primeiro Periodo, o feltro e a agulha para picagem, podendo causar damno ás creanças, devem ser substituidas por cartões quadriculados e por botões ou discos de differentes côres.

Modelagem. Modelagem da esphera e de objectos usuaes cuja fórma della se derivem.

Jardinagem. Os alumnos menores devem ser ajudados pelos maiores no cuidado das flores do seu jardim infantil.

Jogos gymnasticos. Acompanhados de canto. Os movimentos do corpo imitam sempre um acto da vida real.

Excluem-se do Primeiro Periodo os trabalhos com as varinhas, cujo entrelaçamento apresenta insuperaveis difficuldades.

Pela mesma razão se excluem o entrelaçamento de papel e a cartonagem.

Segundo Periodo

Narrativas. Como no Primeiro Periodo, augmentando, porém, de extensão e difficuldade.

Conversações. Derivadas das narrativas, preferindo-se faceis noções de historia natural que tenham applicação em outros exercicios.

Dons. Breves repetições e resumo do 1.º e 2.º dons. Construcções com o 3.º e 4.º dons. Formas de objectos usuaes e formas geometricas.

Superficie. Quadrado e triangulos rectangulos isoceles e escalenos, estes derivando-se da divisão do rectangulo e os outros do quadrado, isto é, da face do parallelepipedo e do cubo. Construcções com cada um delles e com todos juntos.

Dobradura. Segunda série e fórmas de objectos que della derivam.

Tecelagem. Terceira e quarta séries, isto é, exercicios com o numero 1, com differentes côres e dimensões, no mesmo urdume.

Exercicios de tecelagem com os ns. 1, 2 e 3. Suas differentes composições. Invenção.

Corte e collagem. Differentes modos de dobrar, cortar e collar um quadrado. Cortes obliquos combinados com os verticaes e os horizontaes.

Pausinhos. Formas usuaes, artisticas e geometricas com 2, 3, 4 e 5 pausinhos, primeiro de egual e depois de differentes tamanhos. Se o permittir o desenvolvimento dos alumnos podem fazer-se construcções com maior numero de pausinhos.

Entrelaçamento. Formas usuaes, artisticas e geometricas.

Desenho com fio molhado. Imitação da fórma de objectos usuaes.

Desenho. Linha vertical, horizontal e obliqua de um só comprimento. Sua combinação; invenções; molduras. Determinar o centro do papel para o desenho de flôres, estrellas e outras figuras artisticas. Desenho de pequenos objectos usuaes.

Contas. Combinação e harmonia das côres. Applicações diversas e invenções. Série completa de todos os exercicios.

Picagem. Com o feltro e agulha, sobre papel quadriculado e

Alinhavo, sempre parallelamente ao desenho. Imagens de animaes, de fructas, de flores e de objectos usuaes que sirvam de applicação ás narrativas e conversações.

Modelagem. A esphera, o cubo e o cylindro. Fórmas usuaes que delles se derivem: fructos, utensilios domesticos, etc.

Jardinagem e jogos gymnasticos. Como no primeiro Periodo. Se o espaço o permittir podem reunir-se os tres periodos.

Terceiro Periodo

Narrativas.

Conversações. Sobre o assumpto dos contos e que tenham por scopo as primeiras e faceis noções de historia natural, com applicação nos dons e trabalhos manuaes.

Dons. Construcções com o 3.º dom, com o 4.º e tambem com a metade de cada um delles conjuntamente. Pelo fim do segundo semestre, podem-se fazer as construcções com o 5.º dom.

Superficie. Construcções. Formas usuaes, artisticas e geometricas com todas as especies de triangulos, diversamente coloridos.

Dobradura. Terceira e quarta séries. Fórmas usuaes que dellas derivam.

Tecelagem. Quinta e sexta séries. Exercicios com os numeros 3, 4 e 5. Direcções obliquas. Metade, centro do papel. Invenções.

Corte e collagem. Differentes modos de cortar e collar um quadrado; dobrado em oito triangulos isoceles. Cortes verticaes, horizontaes e obliquos.

Pausinhos e anneis. Formas usuaes, artisticas e geometricas com maior numero de pausinhos e anneis de diversas dimensões.

Trabalhos com pausinhos e cêra. Com os pausinhos e cêra representar a superficie dos objectos observados, primeiro a fórma geometrica em plano, e em seguida, construir com ellas os solidos.

Desenho. Linhas verticaes, horizontaes e obliquas com dimensões differentes. Sua combinação. Invenções.

Picagem e alinhavo. Como no Segundo Periodo.

Modelagem. Formas derivadas da esphera, do cubo e do cylindro. Faceis imitações de fructos, flores, folhas, animaes e objectos usuaes.

Jardinagem e jogos gymnasticos. Como nos Periodos anteriores.

Cartonagem. Desenvolvimento e collagem do cubo, do prisma rectangular, dobro, metade e equivalente do cubo. Objectos usuaes que dessas fórmas se dirivem.

Divisão de classes

O Jardim da Infancia divide-se em tres Periodos O primeiro consta de creanças de 3 a 4 annos, o segundo das de 4 a 5 e o terceiro das de 5 a 6. Esta divisão por edades não é, porém, uma regra que se possa observar rigorosamente, devendo-se, para obviar

os seus inconvenientes, passar as creanças de um periodo para outro conforme o desenvolvimento physico e intellectual.

Seria causar grave damno a uma creança o admittil-a em um periodo superior só porque tenha ella attingido a edade fixada para esse periodo, mas sem o desenvolvimento geral correspondente. A condição da edade para as novas admissões deve ser, entretanto, a regra immutavel mesmo que as creanças tenham um desenvolvimento precoce. Uma força, qualquer que seja, alimentada gradativamente, augmenta de vigor, mas estimulada em excesso se estanca e declina. Não são raros os casos de creanças de tres ou quatro annos, cheias de vida e intelligencia, tornarem-se doentias e cretinas aos dez. E' que as faculdades dessas infelizes, em vez de cultivadas, foram exhauridas.

A duração das lições corresponde á edade e ao desenvolvimento das creanças. Para as que frequentam o 1.º e 2.º Periodos, uma occupação, um jogo, não podem durar mais de trinta minutos, que devem ser assim divididos: os primeiros vinte minutos dedicados á conversação, ás narrações, ou ás construcções; os outros dez ao trabalho livre afim de que cada creança tenha tempo para exercer a sua faculdade inventiva e para manifestar a sua individualidade. Nesses dez minutos as creanças são estimuladas a manifestar, pelas fórmas que constroem, a impressão recebida do mundo exterior, tornando-se por isso preciosos tanto para as creanças como para a educadora.

Depois dos trinta minutos de occupação as creanças deixam os seus logares e vão ao jardim jogar, fazer um passeio, ou tratar das flôres que cultivam. Se o tempo o impedir, ou, o que é mais provavel, se não houver jardim, devem dirigir-se á sala destinada aos jogos de movimento.

O jogo deve corresponder á lição que o precedeu servindo-lhe de efficaz e alegre applicação.

Para as creanças que frequentam o 3.º Periodo, a duração da lição póde augmentar-se de mais 15 minutos, especialmente se se tratar de uma occupação manual, devendo, porém, alternarem-se o trabalho, a conversação, a occupação livre e os jogos de movimento.

As lições devem relacionar-se entre si. Umas devem derivar-se de outras ou, pelo menos, devem guardar entre si uma certa relação no correr da semana, sendo todas a applicação da primeira lição da segunda feira que é a narração.

O horario é formado de modo que, depois do conto ou da conversação segue-se sempre uma occupação manual que com elle se relacione. Na ultima hora de aula do sabbado faz-se a recordação das occupações da semana.

(*Trad.*)

G. Prestes.

ANNO BOM

Conto para creanças

Si vocês todas estivessem, ao bater da meia noite de 31 de Dezembro, ao pé da porta do Palacio do Futuro, veriam muita cousa interessante.

O anno passado eu estive lá e vou contar a vocês as maravilhas que presenciei.

Com certeza hão de querer que eu diga—onde é o Palacio do Futuro, quem o habita, qual o caminho para lá, não é? Mas isso me tomaria muito tempo e vocês ficariam sem a historia. Escutem-me com attenção.

Como eu dizia, á meia noite, menos um pouco, eu estava ao pé da porta do Palacio do Futuro. Com certeza festejava-se alguma cousa lá dentro: as janellas estavam todas illuminadas e chegavam-me aos ouvidos alegres sons de musica.

De repente, abriu-se a porta central e desceram, ou antes, deslizaram—porque não se ouvia o mais ligeiro ruido de passos—pela larga escadaria, uma duzia de creanças formosas.

Ao chegarem ao ultimo degráu entre-olharam-se embaraçadas, sem saber para que lado deviam seguir, quando lhes appareceu em frente—nem eu vi por

onde viéra — um velho de longas barbas brancas e aspecto veneravel, envolto em uma grande capa de velludo toda bordada de estrellas.

E logo as doze creanças bateram palmas dizendo alegres:

—Viva o papae Tempo! Viva o papae Tempo!

O velho sorriu-se á expansiva alegria dos pequenos, dizendo-lhes:

—Bemvindos, meus filhos! Estão ahi todos? Muito bem. Agora vou dizer a vocês o serviço que me podem prestar. E, abrindo a sua capa, toda scintillante de estrellas:—Olhem para aqui.

As creancinhas olharam e viram logo, sabem o que? nada menos que um louro bêbê, coradinho e forte que lhes sorria estendendo os bracinhos nús.—Eil-o!—disse o Tempo; é o meu filhinho mais novo. Chama-se 1897. Elle tem de partir, como seus irmãos, para a Terra. Tenho pena de deixal-o sósinho em tão difficil jornada. Além do mais, elle tem de levar comsigo uma enorme bagagem de cousas, necessarias a quem viaja, e de presentes aos que têm de o hospedar. Quer algum de vocês acompanhal-o?

—Eu quero! Eu quero! gritaram todos ao mesmo tempo.

—De vagar, meninos, aconselhou o velho. Não podem ir de uma vez. Eu vou arranjar as cousas de modo que cada um, por sua vez, me preste o mesmo serviço. Façamos as cousas com geito. O meu armazem é aqui pertinho. Vamos lá, e, em chegando, veremos o que devem conduzir e qual será a ordem da partida, para que, mais tarde, não haja confusão.

Em um abrir e fechar de olhos chegaram ao armazem que era mesmo alli pertinho. Eu acompa-

nhei-os, está claro, e fiquei admirada com o que vi. Imaginem lá: uma casa tão grande, que mais parecia uma cidade; portas e janellas eram tantas que me foi impossivel contal-as; compartimentos e corredores, onde eu nunca me aventuraria sósinha!

Chegados, disse o Tempo a um dos rapazitos mais crescidos:

—Vem cá, Janeiro. A ti compete a primeira viagem. Vae lá dentro e escolhe tudo quanto possas levar.

Janeiro entrou correndo. Era um rapazito experto e risonho todo vestido de roupas leves.

Num momento voltou do armazem com as cousas que escolhera. Em uma das mãos trazia uma bandeira vermelha que, em lettras de ouro, ostentava estas palavras:

—Viva o anno novo! Na outra, tinha um feixe de ventarolas e leques de variadas fórmas, e garridas côres. Os bolsos vinham cheios de cartões dourados e vistosos chromos de Boas-Festas.

Bravo! exclamou o Tempo. Agora é a vez do meu amiguinho Fevereiro.

Este não esperou que lhe renovassem o convite. Era um pequerrucho corado e forte; de um pulo saltou para o armazem e num instante pulou para fóra com a sua bagagem.

Tinha numa das mãos os barbantes que prendiam um sem numero de papagaios de papel que o vento agitava elevando-os aos ares vistosamente, e, pendente do braço, uma cesta de fructas, e que esplendidas!... Eram de se ficar com a bocca cheia d'agua: Uvas em grandes cachos, brancas e roxas; mangas cheirosas e douradas; pecegos vermelhos e pennugen-

tos; e jambos, e damascos e melões enormes e pesados, que eu nem sei como elle podia conduzir.

—Guloso! disse o Tempo sorrindo. E chamou Março que estava distrahido com os papagaios do seu companheiro.

Março foi depressa ao armazem e veio de lá tambem carregado de fructas.

Então chegou a vez de Abril. Abril era uma pequenita graciosa como as minhas amiguinhas do Jardim da Infancia. Sabem o que ella escolheu? O retrato de Frœbel,—o grande amigo das creanças—numa moldura de flôres. E assim que ella reappareceu com o seu ar intelligente e fino, todas as creanças applaudiram, gritando enthusiasmadas:

—Viva o nosso grande amigo! Viva Frœbel!

—Maio, vae agora tu, minha gentil menina—chamou o Tempo.

E Maio, formosa e contente como Abril, trouxe do armazem um cabazinho cheio de café maduro, vermelho como os seus labios, e veio dando a mão, fraternalmente, a uma fileira de negrinhos asseiados e risonhos que traziam bandeiras, com a data 13 DE MAIO, e cantavam e batiam palmas de jubilo.

E o Tempo commovido, applaudio a escolha da gentil menina.

Junho, que estava dando mostras de impaciencia, correu então para dentro e sabem o que trouxe?—Eu logo imaginára qual seria a escolha daquelle grande travesso: —Um pacote de fogos de S. João: eram busca-pés e rodinhas e pistolões e bichas e balões, emfim, um nunca acabar de objectos para divertimento. E vinha elle saltando e rindo para o meio dos seus companheiros, envolto numa capa agasalhada

e quente que lhe embaraçava um tanto os movimentos. E, além de tudo, ainda trazia no braço, como Maio, um cabáz que transbordava de café maduro.

—Travesso! incorrigivel peralta! murmurou o Tempo.—Vai tu, meu friorento, Julho.

E Julho, todo envolvido nas suas roupas de lã, foi fazer a sua escolha.

Não se demorou. Veio logo trazendo capas e cobertores, e flanellas e feltros, de mistura com as petecas de couro ou fina pellica com os seus elegantes tufos de pennas, e mais, os piões e as bolas para os brinquedos.

Agosto foi ao encontro do companheiro, correndo para o armazem do Tempo.

Trouxe nas mãos um enorme bouquet de camelias brancas e vermelhas que quasi o escondiam ás vistas dos outros.

Setembro, um menino formoso, de lindos olhos e cabellos negros, foi chamado então.

Quando voltou tinha nas mãos um cesto de flores donde emergia a nossa bandeira com a data 7 DE SETEMBRO, em mil scintillações.

Apóz Setembro foi Outubro que, como o seu companheiro, fez colheita de flôres, rosas, violetas, jasmins e cravos e dhalias e passarinhos e borboletas.

Coube o logar a Novembro a quem o Tempo, sorrindo, apontou o caminho.

Voltou acompanhado por uma orchestra de invisiveis musicos e tambores e clarins, trazendo bem alto, nas mãos, uma bandeira triumphal, a bandeira da Republica, circumdada de flôres.

E as creanças e o Tempo saudaram com palmas o 15 DE NOVEMBRO.

—E's o ultimo, meu pequenino Dezembro, disse o Tempo vai ver o que tens de levar á Terra.

Dezembro obedeceu alegremente. E, em pouco, appareceu de volta, curvado ao peso da arvore do Natal, toda resplandescente de flôres e luzes, e bombons e brinquedos...

E as creanças, encantadas, correram ao encontro do pequenito, invejando a sua escolha.

O Tempo, risonho, enfileirou-os então e fez com elles uma volta em torno do Palacio do Futuro, tendo 1897 nos braços.

Findo o passeio, fallou assim:

—Agora é forçoso que nos separemos.

Vae soar a meia noite... Janeiro, toma em teus braços o meu querido 1897 e... Adeus!

Nisto, em todos os relogios vibraram unisonas as 12 badaladas da meia noite e Janeiro, com 1897 nos braços, appareceu na Terra.

As outras creanças entraram para o Palacio do Futuro, esperando a hora de virem á Terra, enriquecel-a com os seus dons.

(*In the Chlid's World*)

Zalina Rolim.

DIALOGO MATINAL

—Que se faz muito cedinho,
Sabe você me contar?
—Desperto, lavo o rostinho,
Depois mamãe vou beijar.

—Não vai ao banho bem cedo,
Antes do almoço, porque?
—Da agua fria tenho medo,
Não o tem tambem você?

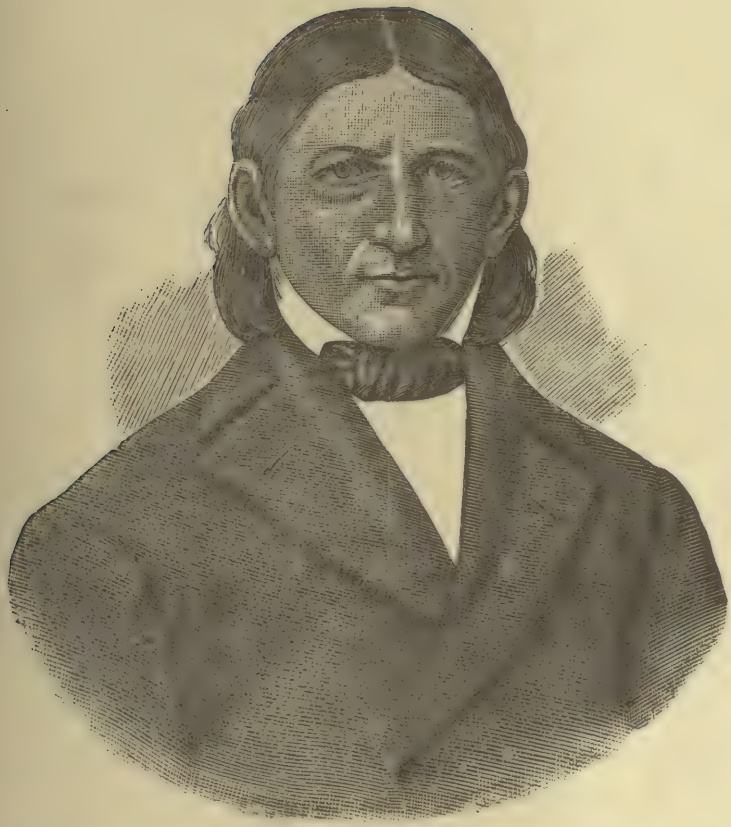
—Mas é bom para a saúde,
Faz-nos robustos, pois não?
—E' assim que mamãe me illude...
Mesmo assim, só no verão!

—Não pensou primeiramente
Para só então falar:
Mamãe não illude a gente,
Sabe conselhos nos dar.

—E depois, o almoço findo,
Que faz você, diga lá?
—Vou brincar, cantando e rindo,
Depois venho para cá.

E aqui no Jardim, que gosto!
Passamos um bello dia;
Brinquedo nos traz ao rosto
O bem-estar e a alegria!

Zalina Rolim.



Frederico Guilherme Augusto Frœbel

Frœbel

Como elemento para a boa comprehensão do systema de educação frœbeliana, publicamos, em seguida, a biographia do glorioso creador dos Jardins da Infancia, extrahida do livro de Bowen, intitulado *Frœbel and Education Through Self-Activity.*

*
* *

Frederico Augusto Guilherme Frœbel, o creador dos Jardins da Infancia, nasceu a 21 de Abril de 1792 em Oberweissbach, aldêa da Thuringia, no Principado de Swartzburg-Rudolstadt.

Seu pae, João Jacob Frœbel pertencia á antiga Egreja Lutherana e era o Pastor do Districto. Sua mãe fallecera quando elle contava apenas um anno, de modo que não podia ter della a minima recordação.

A parochia de João Frœbel era grande e a população bastante disseminada, não lhe restando, por isso, o tempo necessario para cuidar de sua casa ou, ao menos, para essa constante attenção de que carecem as creanças. Por esse motivo, o filho ficava entregue aos creados que, por sua vez, aproveitando-

se da absorpção do amo em seus trabalhos, deixavam o menino ao cuidado dos irmãos, que eram pouco mais velhos do que elle.

Assim, Frœbel, como elle mesmo o diz, veio a tornar-se quasi um extranho para o seu pae, que, de facto, nunca chegára a comprehender aquelle menino *importuno, preguiçoso e descuidado.*

Quando Frederico chegou aos quatro annos de edade, seu pae casou-se pela segunda vez, e, por algum tempo, a madrasta tratou-o com ternura e cuidado. Mas, desde que teve o seu primeiro filho, o orphãozinho foi novamente entregue ao cuidado, quasi exclusivo, de seus irmãos e dos creados. Era, pois, natural que elle se tornasse malicioso e insubordinado. Effectivamente, assim aconteceu, pois que a sua educação parece ter-se restringido á que os seus companheiros, os bosques, as flores e os passaros inconscientemente lhe proporcionavam. Quando podia obter licença e, algumas vezes sem licença, elle vagava com os outros meninos pela floresta, nas encostas da collina Kirchberger, que se erguia mesmo ao pé do cemiterio, em frente á sua casa, escutando o rumor do vento por entre os ramos, espreitando os animaes silvestres e, ás vezes, trabalhando no cultivo das plantas do jardim de seu pae.

Foi com grande difficuldade que o pae ensinou-o a ler, sentindo-se, por isso, completamente desanimado para continuar a instruil-o.

Infelizmente, por esse tempo, o Pastor, tendo algumas divergencias com o Director da escola de meninos da aldêa, viu-se impossibilitado de mandar para ella o seu filho. Assim foi que, até aos dez annos, o menino não teve educação regular a não ser o ensino que recebeu na escola de meninas, onde os exercicios

escolares consistiam principalmente na decoração de textos da Biblia e de hymnos.

Em fins de 1792, quando Frederico chegou aos dez annos, o Supperintendente Hoffman, seu tio materno, manifestou o desejo de o levar comsigo para o educar. O desejo foi satisfeito, e por quatro annos, Frœbel gosou de uma vida mais livre e feliz.

Hoffman residia em Stadt-Ilm, pequena cidade proxima, onde exercia um cargo de certa importancia na Egreja. Era um homem amavel, energico e resoluto. Logo que Frœbel foi para a sua companhia, Hoffman, enviou-o á escola.

Ahi, teve Frœbel grande numero de companheiros, mas, devido á sua completa negligencia e falta de força e agilidade, muito tempo passou sem tomar parte nos brinquedos infantis.

Entretanto, vendo-se amado em casa de seu tio, Frœbel sentia-se perfeitamente feliz.

Volvendo os olhos para a escola de Stadt-Ilm, alguns trinta annos mais tarde, diz-nos elle em sua *Auto-biographia* que as materias mais bem ensinadas eram: a Leitura, a Escripta, a Arithmetica e a Religião. «O Latim era miseravelmente ensinado e aprendido ainda peior». Como em outras escolas daquelle tempo, o ensino resentia-se da falta de principios. Em Arithmetica elle fez alguns progressos, mas em Geographia diz elle: «nós repetiamos as lições como papagaios, sem nada saber; o ensino não tinha a minima relação com a vida real, nem tinha actualidade alguma para nós, embora nos tornasse capazes de designar exactamente os pequenos signaes convencionados dos mappas. Além disso, eu tinha lições particulares dessa materia. O professor querendo adeantar-me, começára a ensinar-me a geographia de Ingla-

terra. Eu não via ainda relação alguma entre aquelle paiz e o logar que eu proprio habitava.

Destas exigencias do ensino não se curava naquella epocha. Não faltavam, porém, os exercicios de escripta e leitura. Além dessas lições, Frœbel aprendia piano e canto, mas sem resultado. Não era propriamente um mau programma de materias, se fossem concienciosamente ensinadas, diz Frœbel. Mas infelizmente, dos dous professores que tive, continúa elle, um era pedantesco e rigido e outro era independente e livre. O primeiro nunca teve influencia alguma sobre a classe, o segundo podia fazer della o que quizesse, mas, infelizmente, nunca se lembrou de fazer muito uso dessa vantagem.

A consequencia foi que Frœbel voltou para a casa de seu pae sem ter aprendido quanto era de esperar. Quando muito, segundo elle diz, adquirira algumas noções de Mathematicas, assumpto para o qual manifestou mais tarde muito gosto, chegando mesmo a adquirir notavel proficiencia. Isto, todavia, póde ser em parte, um exaggero. E' extremamente difficil descrever exactamente, em meio da vida, as origens das varias influencias que agiram em nossa primeira infancia e, ainda mais difficil, é determinar o valor preciso de cada uma dessas influencias. Frœbel, como quer que fosse, era um menino pouco assiduo, inquieto cuidando pouco dos livros e ainda menos do estudo arido e formal. Por isso, é natural que não tivesse tirado o proveito que, com mais esforço, poderia ter conseguido da escola, fosse ella como fosse. Em compensação aprendera a amar o seu tio, e essa lição elle nunca mais a esqueceu. Além disso, desenvolveu o seu gosto pela observação das plantas e dos animaes.

Era chegado agora para Frœbel o tempo de escolher uma carreira e ganhar os meios de subsistencia.

Dois de seus irmãos (Christovam e Traugott) já se tinham consagrado ao estudo, e os recursos de seu pae não lhe permittiam ter outro filho na Universidade.

Dahi resultou que, com o seu proprio e cordial consentimento, Frœbel, em meados do verão em 1797, foi collocado como aprendiz, por dois annos, com o Guarda floresta de Thuringia, que tinha uma bella reputação de agrimensor e calculador. Seu objectivo era conhecer a floresta, aprender Calculo, Geometria e Agrimensura, de maneira que se podesse tornar um completo agronomo—profissão da qual, justamente nesse periodo, muito se esperava no continente. Aos seus intuitos, porém, não corresponderam os resultados.

O Guarda floresta era demasiadamente occupado para dedicar muito tempo ao seu aprendiz e, posto demonstrasse possuir variados conhecimentos, não tinha, entretanto, a arte de transmittil-os a outrem, visto que, como diz Frœbel, elle tinha adquirido o que sabia unicamente pela propria experiencia, isto é: seus conhecimentos eram empiricos e não scientificos.

A vida de Frœbel por dois annos na floresta teve quatro aspectos, conta elle: a vida domestica e mais pratica; a vida passada com a natureza, especialmente com a natureza florestal; a vida do estudo, dedicada ás Mathematicas e linguas para as quaes elle encontrára um bom supprimento de livros necessarios, e, finalmente, o tempo dispendido em adquirir o conhecimento das plantas, no que era muito auxiliado pelos livros de Botanica que lhe eram emprestados por um medico visinho.

A Botanica tornou-se para elle uma verdadeira paixão: a minha vida religiosa, diz elle, tornou-se

agora uma religiosa communhão com a Natureza. Na ultima metade do anno eu vivia inteiramente no meio das minhas plantas, que me prendiam e me fascinavam. Passou algum tempo a construir um mappa da circumvisinhança, mas uma grande parte do seu tempo era consagrado á solicitarias reflexões. Lentamente, mas com segurança, uma ideia de unidade, de continuidade subordinando toda a natureza, começou a luzir-lhe no espirito, porém, não ainda em toda a sua inteireiza. Desde então, como mais tarde em Jena, elle reflectia sobre os antecedentes de sua educação, chegando a conclusão de que não tinham valor algum os methodos que não lhe haviam permittido conseguir o que elle sentia ao seu alcance.

Por esse tempo, alguns actores ambulantes appareceram na visinhança e Frœbel ficou encantado com elles, soffrendo depois severa reprehensão de seu pae por ter assistido áquelles divertimentos.

Entretanto, os dois annos terminaram e em meados do verão, em 1799, elle voltou para casa, si bem que o Guarda-floresta quizesse de boa vontade conservar os seus serviços.

Seu gosto pela sciencia, especialmente pelas Mathematicas e pelas sciencias naturaes — tinha-se desenvolvido tanto, que nada podia desvial-o de estudal-as. Demorando-se em casa apenas algumas semanas, partiu logo depois para a Universidade de Jena, afim de levar algum dinheiro para seu irmão Traugott que alli estava cursando a medicina.

Mediante a intercessão do irmão, elle obteve permissão para ficar até o fim das aulas. Por essa occasião vendeu elle uma propriedade que lhe deixára sua mãe, entrando então definitivamente para a Universidade.

Das materias que estudava e das lições a que assistia nos dá Frœbel esta formidavel relação: Mathematicas applicadas, Arithmetica, Algebra, Geometria, Mineralogia, Botanica, Historia natural, Physica, Chimica, Calculo, Cultura das arvores e administração das florestas, Architectura, Construcção e agrimensura, continuando além disso o seu estudo de Desenho topographico.

«Neste curso só tive lições puramente theoricas de Mathematicas,» diz elle, queixando-se da falta de Philosophia.

Frœbel sentia-se descontente. A relação entre os varios programmas de estudo era arbitraria, pois, entre si, mantinham poucas ou imperceptiveis ligações. Dava-se isto com as Mathematicas puras, ainda mais nas Mathematicas applicadas, e mais ainda na Physica experimental. O mesmo juizo critico fez-se mais tarde sobre outras Universidades de fóra d'Allemanha. Mas a razão de não ter alcançado todo o proveito que esperava de seus estudos está, em parte, na sua falta de principios, como elle mesmo confessa, referindo-se á Mineralogia, cujo curso, devido ao seu deficiente preparo, offereceu-lhe insuperaveis difficuldades, vindo, por isso, a convencer-se de que a sua deficiencia não poderia ser prompta e facilmente reparada. Demais, o seu espirito era demasiado especulativo para a estreita rotina da Universidade. Em vez do estudo solido de algumas sciencias, elle preoccupava-se mais com a unidade e a diversidade dos factos, isto é, da relação da natureza para com as suas partes e das partes com o todo.

A sua vida em Jena embora frugal e retrahida, era instavel. Apos um anno e meio a falta de recursos levou-o á prisão. Por nove semanas elle esteve detido por divida no *carcere* na Universidade mas, tendo-se

afinal, liquidado o caso, depois de muitas questões voltou para casa, porém não em boa disposição de espirito.

Sua estada em casa foi curta, mas nesse pequeno lapso de tempo elle iniciou o estudo da litteratura allemã, vindo a conhecer os trabalhos de Schiller, Gœthe e Wieland. As *Cartas sobre a Arte* de Winckelmann elle já as conhecia.

Pouco tempo depois despediu-se de Hildburghausen para estudar Agricultura com alguns parentes paternos.

Por essa epocha estremeceram-se, e não pela primeira vez, as suas relações com o seu severo mas laborioso pae, agora, bem velho. Frœbel reconhecia no pae uma vontade firme, forte, alliada á uma nobre e abnegada actividade, não se furtando nunca a contenda ou á lucta em prol do que lhe parecesse o melhor partido. Elle punha a sua penna, como um soldado a espada, ao serviço da verdade, do bem e do justo.

Exactamente quando Frœbel se preparava para escrever ao seu pae uma carta explicando-lhe o seu resentimento, recebeu (Novembro de 1801) uma carta chamando-o para casa. Seu pae estava doente, quasi impossibilitado de sahir do leito, e necessitava do seu auxilio. Deste modo, a explicação que se ia fazer por carta, tornou-se possivel a viva voz. O pae e o filho ficaram completamente reconciliados antes da morte daquelle, em Fevereiro de 1802.

Na Paschoa desse anno, Frœbel oppoz-se ao lugar de escrivão secretario no Departamento Florestal do Estado Episcopal de Bamberg; e ahi entregou-se de novo á convivencia com a natureza e á companhia de pessoas educadas. No começo da primavera

de 1803, tendo sido o Estado Episcopal transferido para Bavaria, Frœbel abandonou sua collocação e foi para a cidade de Bamberg, por saber que se tratava de fazer uma inspecção geral das terras esperando, por isso, obter bastante trabalho.

A sua esperança não foi illudida, mas não conseguiu empregar-se de um modo permanente. Em 1864 obteve o logar de Secretario e contador de uma grande propriedade no interior, pertencente a Herr von Völdersdorf, em Baireuth, mas apenas por pouco tempo, passando, em seguida, a occupar egual emprego na propriedade de Herr von Denitz, em Gross Milchow Mecklenburg.

Ao que parece, foi bastante feliz o tempo que elle passou em ambos esses empregos, sentindo-se satisfeito com a opportunidade de iniciar-se na gerencia de grandes negocios. Em 1805 seu tio Hoffmann falleceu, deixando-lhe uma pequena herança. Depois de consultar com seu irmão Christovam, Frœbel deliberou applicar-se á Architectura, indo para Frankfort sobre o Meno a fazer os necessarios estudos. Em Abril poz-se a caminho e, depois de visitar seu irmão Griesheim, de passagem, chegou ao seu destino em meados do anno. Logo depois de sua chegada um amigo, com quem elle tinha vindo junctar-se, apresentou-o ao Dr. Gruner, director da Escola Modelo de Frankfort.

Não levou muito tempo para que o Dr. Gruner, discipulo de Pestalozzi, adquirisse a convicção de que Frœbel tinha nascido professor. «Abandone a Architectura, disse-lhe elle; não é essa absolutamente a sua vocação. Faça-se professor; precisamos de um em nossa escola. Diga-me se acceita o logar.» Por algum tempo Frœbel hesitou, mas sabendo que se haviam extraviado os seus certificados de estudos to-

mou esse facto como um signal de que a Providencia queria desvial-o do caminho que pretendia seguir, e, assim, francamente e com gosto, acceitou o offerecimento.

O Dr. Gruner tinha razão. Frœbel começou logo o seu trabalho. «As materias de ensino que me tocaram na distribuição, diz Frœbel, foram: Arithmetica, Desenho, Geographia physica e Allemão. Eu, geralmente ensinava as classes médias. Em uma carta a meu irmão narrei a impressão que me causou a minha primeira lição a uma classe de trinta ou quarenta meninos de nove a onze annos de edade. Parecia que eu havia achado alguma cousa que nunca dantes conhecera mas pela qual sempre anhelára sem o conseguir. Era como se eu tivesse, afinal, encontrado o meu elemento nativo. Eu sentia-me tão bem como o peixe na agua, ou o passaro no ar.»

Depois de algum tempo este extase passou, e Frœbel, com mais calma, identificou-se com a sua nova vida. Mais tranquillo, indagava de si mesmo quaes os meios a empregar para satisfazer as exigencias de sua nova posição. Parecia-lhe que não possuia os conhecimentos requeridos, nem o tirocinio necessario, e não tardou diz, o Dr. Lange, a reconhecer que o methodo de instrucção deve ser dirigido pelas leis de desenvolvimento do espirito humano tanto como pela gradação dos assumptos a ensinar, e que a essencia do methodo é a arte de adaptar ao momentaneo gráu de desenvolvimento do alumno o gráu correspondente do assumpto.

O Dr. Gruner percebendo o ancioso empenho de seu jovem amigo, deu-lhe, para seu preparo theorico em Pedagogia os escriptos de Pestalozzi. Naturalmente, esses escriptos fizeram nascer em Frœbel um grande desejo de conhecer o afamado professor e

reformador que preconisava a educação de accordo com a natureza. Logo que as férias o permittiram, pelos fins de Agosto, partiu a pé para Iverdon e passou quinze dias no famoso Instituto. A relação que elle nos faz de sua visita é muito interessante. Muitas cousas o deleitaram, outras causaram-lhe extranheza, algumas desagradaram-n'o formalmente. Sentiu-se profundamente impressionado pela ternura varonil e pelo enthusiasmo de Pestalozzi, mas pouco proveito tirou para sua orientação technica.

Que Pestalozzi era arrebatado, e que o seu grande engenho o desviava, diz elle, torna-se evidente pelo facto de nunca ter elle podido dar conta exacta de suas idéias, de seu plano, de suas intenções. Elle dizia sempre: Vá e veja pelos seus proprios olhos como tudo funcciona explendidamente. Sim, mas para os que soubessem *ver*, *ouvir* e *perceber*.

Frœbel deliberou estudar, reflectir e voltar mais tarde.

Todos os seus pensamentos e esforços dirigiam-se agora para os assumptos referentes ao ensino e á educação do homem. Em Outubro recomeçou elle o seu trabalho em Frankfort; e, pouco tempo depois, realisou-se um exame publico da escola. Os alumnos de Frœbel sahiram-se perfeitamente, justificando-se assim a opinião do Dr. Gruner.

Mas, pouco a pouco, cresceu nelle o desejo de deixar a Escola Modelo, de modo a ter tempo de preparar-se cabalmente para a obra do ensino, posto que a sua vida alli fosse feliz.

No fim de dois annos achou um substituto apto e retirou-se.

Pouco depois recebeu insistentes pedidos dos paes de tres meninos a quem tinha dado lições

particulares de Arithmetica e linguas, para tomal-os inteiramente a seu cargo. Os rapazes estavam sendo prejudicados pela má direcção que tinham, e a mãe, Frau-von-Holzhausen, julgava que Frœbel podia melhor encaminhal-os. Um tanto contra sua vontade elle acceitou o encargo, sob a condição de que os rapazes lhe seriam completamente entregues e morariam sós com elle no campo—idéia de Rousseau. Em Julho de 1807 deu começo a esta tarefa.

Muito interessante é a relação que elle nos faz de suas observações e reflexões relativas aos seus alumnos, das experiencias que fez, proporcionando-lhes os effeitos moraes que resultam do cultivo das plantas e das flôres, e de seus estudos sobre Pedagogia.

Dentro em pouco, entretanto, Frœbel convenceu-se de que o isolamento era um erro; que a vida resultante era estreita e que elle proprio carecia de companhia e de instrucção. Por esse motivo pediu e obteve permissão para levar seus discipulos comsigo para Iverdon.

Pelos fins de 1808 chegaram elles ao seu destino; e, por dois annos, viveram, não no Instituto, mas em estreita relação com elle.

O melhor registro do que elle viu e aprendeu alli consta de sua carta á Princeza Regente de Schwarzburg—Rudolstadt (Abril 27-1809) em que se encontra o seu conhecido juizo critico sobre o *Livro das Mães* de Pestalozzi. Outra vez, e ainda com mais energia do que dantes, elle sentiu a inspiração da presença de Pestalozzi:

«Elle empenhava-se com ardor, diz Frœbel, no intuito de preparar uma vida mais elevada e nobre, embora não indicasse com clareza e segurança o caminho exacto, nem os meios para attingil-a».

Embora os varios meios de acção e a diversidade de aspectos do Instituto reparasse alguns defeitos, Frœbel, não obstante, reconhecia a falta de unidade tanto no conjuncto do systema como em algumas das suas partes, e a ausencia de um claro e profundo conhecimento da natureza e dos meios e methodos empregados. Sem embargo, a sua estada em Iverdon, a que elle se refere com enthusiasmo, foi-lhe de grande vantagem.

Dois outros pontos de interesse devemos ainda consignar aqui: «Eu estudei os brinquedos dos meninos, diz Frœbel, a série inteira dos jogos ao ar livre, e aprendi a reconhecer o seu enorme valor como meio de despertar e fortalecer tanto a intelligencia como a alma e o corpo.»

Os passeios tambem, especialmente quando dirigidos por Pestalozzi, fizeram-lhe grande impressão, quer por manterem os meninos em alegre contacto com a natureza, quer por darem ensejo a deleitaveis e valiosas lições de physiographia pratica.

Em 1810, Frœbel voltou para Frankfort, seguindo depois (em Julho - 1811) para a Universidade de Gottingen resolvido a preparar-se o mais possivel para a reforma da educação, a que desde então consagrou toda a sua vida.

Dedicou-se então ao estudo das linguas em que elle reconhecia a sua deficiencia e tambem ao das sciencias naturaes, especialmente da Physica, Chimica, Mineralogia, pela qual teve sempre grande predilecção.

De ora em diante, todos os seus esforços tem por unico objectivo, desenvolver a sciencia e os meios de educação.

As lições do professor Weiss sobre Historia Natural e Mineralogia, em Berlim, estavam, por esse tempo,

attrahindo grande attenção. No intuito de aproveital-as, Frœbel deixou Gottingen e entrou para a Universidade de Berlim em Outubro de 1812.

As lições que ahi recebeu justificavam inteiramente suas esperanças, amadurecendo-lhe a convicção, de que toda a vida, isto é, o desenvolvimento integral está fundado sobre uma lei, e que esta unidade deve ser a base de todo o desenvolvimento. Esta convicção era o resultado de um profundo estudo da natureza e da cuidadosa observação das creanças. Emquanto esteve em Berlim, os seus estudos sobre a natureza infantil continuaram, aprofundando-se, graças ás lições que elle dava na escola Plamann's Pestalozzian para meninos.

Por esse tempo os desastres da França, na Russia, inspiraram á Prussia e a outros estados allemães a esperança de se libertarem do jugo de Napoleão.

Em Fevereiro de 1813, a Prussia fez uma chamada geral ás armas, em auxilio da causa commum. Esse appello foi recebido com grande enthusiasmo e, provavelmente pela primeira vez, manifestou-se, por esse modo, o sentimento da existencia de uma nação allemã e de uma patria allemã. Em Frœbel, tão intensamente como em nenhum outro, se reflectiu esse sentimento. Partindo precipitadamente para Dresden, alistou-se na divisão de infanteria do famoso corpo de Lutzow e marchou com elle para Havelberg. Na lucta, que então se travou, não teve parte o seu regimento, mas afervorou-se-lhe a idéia da unidade allemã.

Mas o que mais interessa saber é que então dois estudantes de Berlim, muito mais moços do que elle, William Middendorff e Henry Langethal, travaram conhecimento e amizade com Frœbel, tornando-se sinceramente interessados pelas suas opiniões e projectos,

vindo, por fim, a serem os seus mais intimos e devotados amigos e companheiros de trabalho.

Pelos fins de Maio de 1814 fez-se a paz. Em Junho o regimento de Frœbel foi dissolvido, e, em Agosto, elle voltou de novo para Berlim, sendo nomeado auxiliar do professor Weiss no Museu Real de Mineralogia, nomeação que já lhe tinha sido promettida quando se alistara.

Ahi poude elle estudar os seus queridos mineraes, assistir ás lições na Universidade, tendo tempo ainda para concluir, á força de trabalho, os seus planos de educação.

Em Berlim vieram ter com elle os seus camaradas Middendorff e Langethal e a sua intimidade continuou e cresceu.

Em 1815 foi-lhe offerecido um rendoso lugar de mineralogista em Stockolmo, mas elle não o acceitou por não o poder conciliar com o seu plano de educação.

Para realisar os seus projectos resolveu em 1816 resignar o seu logar, exonerando-se effectivamente, apezar dos amistosos e instantes pedidos do professor Weiss. Em Outubro deixou Berlim, sem dizer a nenhum de seus amigos o que intentava fazer. Sómente ao seu irmão Christiano, industrial, que vivia em Osterode, no districto de Harz, havia elle declarado as suas idéas.

Christiano resolveu confiar-lhe os seus dous filhos, Fernando e Guilherme, para os educar. O projecto de Frœbel era educar esses meninos juntamente com os tres filhos orphams de Christovam, que fallecera em 1813.

Christovam tinha sido Pastor de Griesheim, e sua viuva e filhos orphams ainda alli viviam.

Para Griesheim, pois, partiu Frœbel, dispondo de pequenos recursos, que não passavam de algumas Corôas, que elle recebera por uma collecção de mineraes.

E assim, em uma cabana de camponez, a 3 de Novembro de 1816, foi aberto o bem conhecido Instituto Allemão de Educação Universal.

*
* *

Encerra-se aqui para Frœbel o periodo de estudo e inicia-se o da creação e do ensino. Não quer isto dizer que os verdadeiros educadores, como Frœbel, abandonem os estudos: até certo ponto, os educadores continuam a ser sempre estudantes. De ora em deante, porém, a Frœbel não lhe restará tempo para novas acquisições de sciencia; todas as suas faculdades vão concentrar-se no estudo da natureza infantil e na elaboração dos methodos racionaes, que constituem hoje o seu systema.

Antes de passar além, devemos aqui consignar, sem dar a isso grande importancia, um traço do caracter de Frœbel, a que muitas referencias se tem feito.

Frœbel não tolerava de boa vontade os que procuravam contrariar as suas opiniões, mas, na verdade, para um homem que, como elle, havia formado as suas convicções depois de longo e paciente estudo, torna-se naturalmente difficil tolerar a opposição, especialmente dos que preferem a luz da natureza á investigação scientifica. Mesmo com as pessoas illustradas desagradava lhe a discussão dos seus planos,

embora elle se considerasse perfeitamente tolerante. Além disso faltava-lhe a habilidade de expôr as suas idéias. Estas circumstancias, que aqui apontamos, tornava, ás vezes, difficil a convivencia e a collaboração com elle. A convivencia com os genios é proverbialmente difficil, e Frœbel não era uma excepção á regra. Em summa, é sómente a concentração e a persistente coragem de taes homens que fazem com que o mundo venha afinal a tomar em consideração a missão que elles desempenham. Por outro lado, deve-se accrescentar que o amor e a abnegada lealdade que elle inspirava aos que constantemente o rodeavam, é a melhor prova de que havia nelle muitas qualidades capazes de despertarem amor e veneração.

De Osterode, antes de vir para Griesheim, Frœbel havia escripto a Middendorff em Berlim, convidando-o e a Langethal, para o auxiliarem na conclusão do novo systema de educação. Em Abril de 1817, Middendorff veio, trazendo comsigo um irmão de Langethal, de onze annos de edade. Langethal veio mais tarde, em Setembro. Em Junho, porém, a viuva de Christovam mudou-se para uma pequena propriedade rural, que comprara na aldeia de Keilhau no Schalathal, não longe de Rudolstadt, e o Instituto mudou-se com ella.

Frœbel e Middendorff, por algum tempo, occuparam um miseravel casebre, que não tinha porta, nem assoalho e nem fogão. Em Novembro um barracão de madeira foi construido no pateo da herdade. Em Junho de 1818 a viuva legou a Frœbel sua pequena herdade, e foi morar em Volkstädt. Por esse tempo a escola contava doze alumnos.

Em Setembro desse anno Frœbel casou se com Henriqueta Wilhelmine Hoffmeister, que, segundo elle mesmo o diz, era uma senhora que tinha tanto amor pela

natureza e pela infancia como elle proprio, juntando a isso uma concepção clara e elevada da educação. Wilhelmine fora discipula de Schleiermacher e Fichte. Da referencia acima e desta circumstancia se deprehende que ella devia ter sido uma senhora admiravel, abnegada e altamente instruida.

Wilhelmine Hoffmeister trouxera em sua companhia uma filha adoptiva, Ernestina Chrispine, que depois se casou com Langethal.

Até 1820 continuou Frœbel a ardua lucta contra as difficuldades da vida. Nesse anno, porém, o seu irmão Christiano veio para sua companhia, com sua mulher e suas tres filhas, concorrendo com todos os seus haveres para o adeantamento dos planos de Frœbel. Pouco antes, Middendorff consagrára ao Instituto uma pequena herança que recebera de seu pae. Em 1822 fizeram-se algumas construcções necessarias, começando então melhores dias para o Instituto. O numero de alumnos cresceu, chegando em 1826 a cincoenta e seis, mas é um facto positivo que, emquanto a administração dos negocios esteve a cargo de Frœbel, o Instituto nunca prosperou realmente.

Em 1823 Johannes Arnold Barop reuniu-se ao circulo de Keilhau do qual tornou-se chefe.

Durante seis annos, Frœbel havia constantemente tentado, por meio de pamphletos, attrahir a attenção para o seu Instituto e fazer conhecidas as suas ideias.

Em 1826, publicou o famoso *Menschen Erziehung* ou *A Educação do homem* e fundou o semanario *Jornal Familiar de Educação.* Infelizmente Frœbel fôra um pouco precipitado em publicar estas obras em Keilhau: ellas tiveram pouca circulação, e tornaram-se um pesado encargo para as suas finanças.

Depois da emancipação dos estados allemães do jugo napoleonico, deram-se na Allemanha varias perturbações. Entre os patriotas que haviam luctado e especialmente entre os estudantes da Universidade, havia muito enthusiasmo pela unidade e pela liberdade da Allemanha. Os estudantes de Iena congregaram-se em um *Burschenschaft* ou *Club de Estudantes*, sob a protecção do esclarecido Duque de Saxe-Weimar, e este exemplo foi seguido em muitas localidades. A exaltação chegara ao auge em consequencia de ter sido assassinado em Mannheim, por um estudante, um agente do governo prussiano na Thuringia e Allemanha do Sul. Em vista desses factos Matternich, primeiro ministro da Austria, facilmente persuadiu a Frederico Guilherme III da Prussia, da necessidade de se adoptarem medidas energicas. Golpes sobre golpes foram então vibrados de Vienna e Berlim.

Alguns professores patriotas foram summariamente demittidos. O Burschenchaft e outras sociedades foram supprimidas, sendo presos muitos estudantes.

Nestas circumstancias, não é de admirar que uma associação como a de Keilhau—que de facto era revolucionaria, mas unicamente em materia de educação, nunca em politica—se tornasse suspeita, especialmente, porque elles haviam adoptado o antigo traje allemão, e usavam os cabellos crescidos. O principe de Schwarzburg—Rudolstadt, convencido da necessidade de dissolver o Instituto, resolveu nomear o Superintendente Zeh, em Setembro de 1824, para inspeccionar e fazer um relatorio sobre Keilhau. A inspecção effectuou-se a 23 de Novembro, mas julgando-a insufficiente, o Superintendente voltou a primeiro de Março de 1825, e demorou-se mais de um dia no Instituto, apresentando o seu relatorio no começo de Maio seguinte.

Esse relatorio encontra-se no primeiro volume da *Collecção de escriptos de F. Frœbel*, do Dr. Lange. Tão interessante e importante é este documento, que não podemos furtar-nos ao desejo de citar algumas de suas declarações, resumindo-as convenientemente:

Os dois dias, diz o Superintendente Zeh, que passei no Instituto, em completa intimidade, foram-me agradaveis em todos os sentidos e altamente interessantes e instructivos; exaltaram e fortaleceram o meu respeito pelo Instituto e pelo seu Director, que o sustentava e o mantinha luctando com todas as difficuldades provenientes da falta de recursos, cuidando delle com rara persistencia, com o mais puro e o mais desinteressado zelo. Foi effectivamente com prazer que notei a influencia do espirito de ordem, são, vigoroso e livre, que anima aquella instituição, quer dentro quer fóra das aulas. Nella encontrei o que nunca e em parte alguma se vê na vida pratica: uma familia sincera e estreitamente unida, com alguns sessenta membros, vivendo em tranquilla harmonia, mostrando todos que desempenhavam de boa vontade os deveres de suas varias posições, uma familia, unida pelo forte vinculo da mutua confiança, e em que cada qual trata do bem geral como da sua propria felicidade. Com grande respeito e cordial affeição todos se voltam para o chefe; as criancinhas de cinco annos penduram-se aos seus joelhos; os seus amigos e collegas ouvem e honram o seu conselho, com a confiança que merecem o seu conhecimento profundo, sua experiencia e seu infatigavel zelo pelo bem de todos. Elle por sua vez, consagra amizade fraternal aos seus companheiros de trabalho, vendo nelles sinceros collaboradores dos planos que para elle constituem uma obra santa.

E' evidente que esta união, esta fraternidade, por assim dizer, entre os educadores, deve ter a mais sa-

lutar influencia sobre a instrucção e a educação, e sobre os proprios discipulos. O amor e o respeito, em que se mantem todos os professores, determina uma attenciosa e digna obediencia, que torna desnecessaria a severidade da disciplina.

Na mais alegre das expansões com que, depois das aulas, as creanças procuram o ar livre, saltando e fazendo travessuras, todas junctas, não vi nenhuma má creação, nenhuma grosseiria, má conducta ou o minimo comportamento censuravel. Perfeitamente livres, iguaes entre si, não se lembrando de seus privilegios de classe e nascimento, que não são indicados nem pelos vestuarios nem pelos nomes—porque cada menino é chamado unicamente pelo nome de baptismo ou por algum outro nome alli dado—os meninos, grandes e pequenos, vivem felizes e calmos, illimitadamente livres, como si cada um obedecesse apenas a uma lei emanada de si proprio, como irmãos de uma familia; e, emquanto todos parecem insubordinados, usando de suas faculdades e dirigindo seus jogos com independencia, estão, entretanto, sob a constante vigilancia de seus professores, que organizam os jogos e brinquedos, tomando pãrte nelles, sujeitos como as creanças, ás leis do jogo.

O relatorio refere-se ainda ao excellente effeito que tudo isto deve ter sobre os proprios professores, e, voltando aos meninos, continúa: Nenhum poder adormecido deixa de ser despertado: ha para todos o estimulo e o ensejo necessarios e cada inclinação se manifesta livremente, encontrando o meio de educação adequado.

Por este meio os meninos guiam, reprovam, castigam, educam e cultivam-se uns aos outros inconscientemente, pelos mais variados incitamentos á actividade e pela mutua restricção, resultante da sua convivencia...

A agradavel impressão do Instituto sobre o visitante, augmenta-se pela ordem domestica, a unica que póde dar coherencia a uma tão grande familia, manifestando-se por uma pontualidade isenta de pedantismo, e por um asseio que raramente é encontrado em instituições de educação. A esta rigorosa, livre e bem ordenada vida exterior, corresponde perfeitamente a vida intima do espirito e do coração, que é ahi despertada e cultivada...

A instrucção começa no quinto anno da vida infantil, tendo por fim o conhecimento do proprio *eu*, pelo uso dos sentidos, e a differenciação das cousas exteriores; o conhecimento claro do que se vê mais perto de si e, ao mesmo tempo, a designação das cousas pela palavra exacta, fazendo-se assim dos primeiros conhecimentos uma contribuição para o futuro cabedal intellectual. A instrucção, portanto, não faz do espirito infantil um cofre, no qual, tão cedo quanto possivel, todas as especies de moedas dos mais differentes cunhos e valores, ora correntes no mundo, devam ser atulhadas. Ao contrario, por uma acção lenta, continua, gradual e sempre intima, de accordo com uma connexão fundada sobre a natureza do espirito humano, a instrucção prosegue com segurança, sem quaesquer embustes, do simples para o complexo, do concreto para o abstracto, tão bem adaptada á edade, ás necessidades actuaes, que as creanças sentem tanta satisfação em ir para o estudo como para o recreio. De facto, tive occasião de ver os pequenos, cuja lição tinha sido um pouco demorada pela minha presença, chegarem-se entristecidas ao Director do Instituto e perguntarem-lhe: «si ellas deviam brincar sempre, sem aprender, e si os maiores eram os unicos a ter lições.»

Pouco adeante o relatorio falla do ensino classico que apenas tinha sido começado em 1820. No

semestre anterior, a classe mais adeantada tinha lido Horacio, Platão, Phœdro, Demosthenes, e traduzido Cornelio Nepos, em grego. Ainda nesta parte, não fiquei menos admirado do progresso realisado...

Senti-me tão cabalmente satisfeito com a instrucção, como tinha ficado com o preparo educacional...

O fim da instituição não é de modo algum o saber e a sciencia exclusivamente, mas o livre e autonomo desenvolvimento interior do espirito, e por consequencia, nada é dado á creança que não illumine o proprio espirito, fortaleça as faculdades, e augmente a sua alegria, dando-lhe a consciencia do seu progresso...

O fim é desenvolver integralmente o homem, cujo ser interior deve manter-se entre estes dois polos: o da verdadeira illustração e o da genuina religião...

A sciencia só se reputa valiosa em Keilhau, quando ella se torna um meio mais geral de despertar o espirito, fortalecer o individuo e guial-o para o seu mais elevado destino... O que as creanças sabem não é uma massa informe, mas tem forma e vida, e é tanto quanto possivel, immediatamente applicado á vida. Por assim dizer, cada alumno está bem comsigo mesmo, vivendo dentro em si, não havendo vestigios de inconsiderada repetição de palavras de outrem, nem de conhecimentos vagos.

Tudo o que elles apprehendem é expresso de um modo pessoal, com precisão e clareza... O que assimilam sentem-se capazes de reproduzir.

Mesmo a arida grammatica com seu exercito de regras, torna-se viva diante delles, porquanto elles aprendem a estudar cada lingua com referencia á historia, habitos e caracter do povo ao qual ella pertence.

Em todo este relatorio, do qual extrahimos os pontos essenciaes, não ha uma só palavra de censura.

Sem duvida, depois de uma tal exposição, feita por um homem de posição official, o Duque nada poderia fazer contra o Instituto.

Limitou-se, por isso, a ordenar que Frœbel e seus companheiros se trajassem como os outros, e cortassem os cabellos — um verdadeiro julgamento a Salomão, porque realmente não havia outro motivo que désse logar á intervenção official. Infelizmente a opposição e a campanha de descredito não cessaram; e para peior, um dos collegas de Frœbel, um suisso chamado Herzog, declarou-se em teimosa opposição contra elle, conseguindo levar a cunhada viuva de Frœbel e seus filhos para o seu partido. Os tres sobrinhos demandaram com o tio, e deixaram-n'o em 1824, e Herzog proseguiu na sua campanha contra o Instituto. A consequencia foi que o numero de alumnos começou a diminuir. A classe média da sociedade allemã estava alarmada, as perturbações financeiras reappareceram, e, em 1829, Keilhau ficou reduzido apenas a cinco alumnos.

Nas férias do outomno de 1828, Frœbel e Middendorff foram a Gottingen, com o principal intuito de travar conhecimento pessoal com o philosopho Krause. Krause, que estava muito ao corrente das obras de Commenius, chamou a attenção de Frœbel para o tratado do nobre e velho bispo sobre a primeira educação das creanças, *Schola Materni Gremii*, e, assim, dirigiu-lhe o espirito para o ponto em que o creador do Jardim da Infancia devia alcançar os seus maiores triumphos. E' forçoso convir em que esta visita a um homem tão sympathico e tão sabio deve ter augmentado consideravelmente o interesse de Frœbel pelas obras de Krause.

Quando a nossa afflicção estava em seu auge, diz Barop, referindo-se a este periodo, uma nova esperança veio animar-nos. Alguns amigos muito influentes de Frœbel fallaram ao Duque de Meningen a nosso respeito, e Frœbel foi chamado á sua presença e communicou-lhe os seus projectos apresentando-lhe um plano para um instituto de educação (*Volkserziehungs-Anstalt*) completamente elaborado e concluido por nós todos em commum, no qual não só os assumptos ordinariamente ensinados, mas tambem os trabalhos manuaes, como carpintaria, tecido, encadernação, o arroteamento das terras, etc. eram empregados como meios de educação». Este plano tem a data de Março de 1829.

Uma das idéias fundamentaes de Frœbel era que a creança não devia ser tratada unicamente como um receptaculo, mas tambem e, principalmente, como um ser capaz de crear. Elle procurava sempre achar os meios de excitar na creança um verdadeiro sentimento da necessidade de explicações, e o gosto pelas occupações praticas. O trabalho manual, julgava elle, devia satisfazer estas duas condições. Mas a falta de meios e a de professores, tinha até então frustrado seus esforços em Keilhau. Apparecia agora uma excellente opportunidade. Por isso voltava elle de novo ao seu projecto com toda a sua energia e enthusiasmo.

A principio, o Duque pareceu interessado e satisfeito, chegando-se a um accordo pelo qual o Instituto se estabeleceria no estado de Helba, perto de Meiningen. Entretanto, alguns intimos do Duque, começaram a tornar-se invejosos da crescente influencia de Frœbel. As antigas accusações reviveram e circularam. O Duque vacillou e começou a retrahir-se, até que Frœbel, percebendo que era olhado com desconfiança, rompeu todas as negociações, e partiu para

Frankfort, afim de discutir os principios, os meios e modos de educação, com seus velhos amigos d'alli, (Maio de 1831). Devemos mencionar, de passagem, que em uma carta a Barop, escripta emquanto o plano de Helba ainda parecia possivel, (Fevereiro 18 de 1829) Frœbel dizia que o que mais lhe preocupava o espirito, desde algum tempo, era achar o meio mais natural de educar e instruir creanças de tres a sete annos. Certas razões, accrescenta elle, decidiam-n'o a crear em Helba annexa ao *Instituto de Educação do Povo*, uma instituição para a educação das creanças de ambos os sexos de tres a sete annos de edade... Não dou a isto o nome usualmente empregado para taes instituições, que é o de *Escola de Creanças*, dizia elle, porque o que pretendo não é uma *escola*, visto que as creanças ahi não serão *ensinadas*, mas livremente educadas». Temos aqui distinctamente o primeiro esboço da grande invenção de Frœbel, o *kindergarten*.

Depois de tantas perturbações, Frœbel quasi perdera a fé em si proprio, e precisava do conselho e estimulos dos seus amigos de Frankfort, para ajudal-o a proseguir. Foi emquanto esteve com elles que Frœbel encontrou o bem conhecido musico compositor e naturalista Schnyder.

Tão interessado se tornou elle pelas opiniões e projectos de Frœbel, que pouco depois resolveu crear um Instituto no seu castello de Wartensee em Lucerna. Frœbel partiu immediatamente para Wartensee com seu sobrinho Fernando e o proprio Schnyder; obteve a necessaria permissão do governo de Lucerna, e em Agosto sahiu o prospecto do novo estabelecimento. Mal se tinha aberto o estabelecimento e já a opposição clerical começava, e tão forte que, a despeito do apoio de homens como Pêre Girard e Pfyffers, nenhum menino se apresentou.

Frœbel abriu, então, uma escola, no castello, na qual se matricularam poucas creanças, filhos de camponezes circumvizinhos. Com tão poucos elementos era insustentavel a situação, não obstante contar o estabelecimento com o concurso de Barop. Além disso, era o castello muito afastado de centros populosos, e improprio, quanto a adaptação, á natureza do estabelecimento que Frœbel imaginára.

Transferiram-n'o, pois, para Willisau, pequena cidade proxima, donde, logo que se deram as primeiras providencias para a fundação da escola, Frœbel regressou para Keilhau.

Na primavera do anno seguinte (1833), porém, Frœbel acompanhado da esposa, foi de novo reunir-se a Barop e Fernando Frœbel, installando-se só então o Instituto, em Willisau, com 36 alumnos matriculados.

Ainda então a opposição procurou neutralisar os esforços do grande educador, mas nada conseguiu, pois o seu Instituto logrou superar todas as difficuldades, e, ainda mais, attrahir sobre si o interesse de alguns homens do governo.

Tanto assim, que, no outomno desse mesmo anno, o governo de Berne enviava cinco alumnos-mestres a Wilisau, para aprenderem os novos methodos, e convidava a Frœbel a que fosse fazer prelecções sobre o seu systema, aos professores de Burgdorf, onde se intentava a fundação de um orphanato, cujo plano tambem lhe fora pedido.

Essas prelecções iniciou-as Frœbel, com o maior successo, em principios de 1834.

Entretanto, elle acceitára tambem a tarefa de fundar o orphanato, impondo apenas a condição, que foi acceita, de que se admittiriam não só orphams

como outras creanças, cujos paes lá quizessem educal-as.

Barop, de volta da Suissa, onde déra por terminada a sua missão, assumira sósinho a direcção da escola de Keilhau, que, em alguns annos, se vira de novo elevada a sua primitiva prosperidade, conseguindo o seu director não só solver todas as dividas, como tambem enviar auxilios pecuniarios aos outros ramos da communidade.

No verão de 1835, Frœbel removeu-se definitivamente para Burgdorf, levando comsigo a esposa e Langethal. Pouco tempo depois era nomeado Director do Orphanato, encarregando-se tambem de um curso annual de lições aos professores.

E foi assim, afinal, na cidade, onde trinta annos antes, Pestalozzi tinha trabalhado com tanto successo, que Frœbel tornou-se conhecido e respeitado, impondo a necessidade da adopção de seu systema nas escolas.

Foi tambem ahi, no meio de seus orphãozinhos, como nota Barop, que, mais forte do que nunca, se lhe arraigou no espirito a convicção de que «nenhuma escola de educação tinha base inicial propria, e que emquanto não fosse reformada a educação das mães, nada de sólido e proveitoso se poderia conseguir».

«A necessidade da INSTRUCÇÃO POR MEIO DE DONS e de mães capazes, era a principal preoccupação do seu espirito; a importancia da educação nos primeiros annos da infancia tornara-se-lhe mais evidente do que nunca».

Foi nesse periodo que definitivamente tomou fórma e significação, a sua concepção sobre a missão educativa da mulher.

Lembrou-se então dos Estados-Unidos para a propagação das suas idéias, contando alcançar alli maior exito. Infelizmente, porém, não póde levar a effeito esse projecto, tão fecundo de futuros fructos, emigrando sem elle os irmãos de seu amigo Adolpho Frankenberg.

A Frœbel aguardavam mais duros trabalhos!

Ficando gravemente enferma a sua esposa, ella desejou vehementemente regressar para a Allemanha, desejo que concordava com os conselhos dos medicos, que, por seu lado, procuravam apressar a partida. Frœbel viu-se, obrigado a demittir-se de Director do Orphanato, deixando no logar que occupava a Langethal e Fernand oFrœbel, e, em Junho de 1836, despediu-se para sempre da Suissa, indo com a esposa para Berlim.

O descanço não fôra creado para Frœbel! Um anno depois (1837) partiu-se de Berlim para Keilhau, com a idéia, que agora lhe amadurecera por completo corporificando-se de vez em seu espirito, de crear uma instituição nova para a educação das creancinhas!

Barop preparou-lhe aposentos na pequena cidade vizinha chamada Blakenburg.

Ahi chegado, tratou logo Frœbel de executar o seu novo projecto, e estabeleceu o que elle chamou «*Anstal für Kleinkinderpfleg*» ou instituição para a creação das criancinhas, a qual logo começou de attrahir a attenção publica.

A princeza viuva de Schwarzburg-Rudolstadt veiu assistir ás suas experiencias.

Entretanto por seu lado, Barop e Frankenberg conquistavam a adhesão de algumas pessoas em Dresden e em Leipzig.

Em Janeiro de 1839 Frœbel fez uma conferencia em Desden, a que assistiu a rainha da Saxonia, e, um mez depois, fez nova conferencia em Leipzig.

No meio de todos estes trabalhos veiu feril-o a morte da esposa querida, a sua mais dedicada auxiliar de Blankenburg. A dôr paralysou-o um momento; mas reagindo a sua extremada actividade, elle se entregou com maior ardor ainda á missão que se impuzera.

Novos professores, então, foram enviados para aprenderem o seu systema, dando-lhe occasião para inaugurar uma série de lições sobre o ensino.

Pelos fins de 1839 já funccionavam duas escolas em Frankfort, dirigidas por mestres que elle preparára.

Desde muito que Frœbel buscava com empenho descobrir um nome adequado para a sua nova instituição, mas até então não achára nenhum conveniente.

«Middendorff e eu, diz Barop, estavamos um dia (por esse tempo) passeando em Blankenburg, sobre o Steiger Pass, e Frœbel caminhava repetindo:

«Oh! si me fosse possivel descobrir um bom nome para o meu ultimo filho!»

«De repente, Frœbel estacou silencioso, como si ficasse pegado ao solo, seus olhos tornaram-se admiravelmente brilhantes, e logo depois exclamou com um grito de enthusiasmo: «Eureka! Kindergarten — será o nome do Instituto!»

Frœbel resolveu então fazer um grande esforço para installar todo o estabelecimento em Blankenburg,

em condições satisfactorias, de modo a incluir um collegio onde os professores pudessem aprender a tratar com as creancinhas até á edade de sete annos.

Para esse fim, a 1.º de Maio de 1840, fez-se um appello ao publico em favor do estabelecimento.

A principio o successo não se fez esperar, mais por novidade talvez do que por interesse pelos processos frœbelianos. E' verdade que a municipalidade concedeu-lhe o livre uso de uma praça publica, mas Frœbel só pôde conseguir mui poucas assignaturas, cujas entradas não correspondiam á somma de que necessitava.

De mais, a insufficiencia dos seus recursos, tornava-lhe bastante pesada a sua vida em Blankenburg, pelo que teve de retirar-se em 1844.

Frœbel resolveu então viajar pela Allemanha com o intuito de expôr, e propagar as suas opiniões pedagogicas. Acompanhou-o o seu fiel e eloquente amigo Middendorf.

Um anno antes, em 1843, já elle havia publicado um livro, que estava destinado a ser a mais popular de suas obras, o bello livro de canções e pinturas para as mães e creancinhas (*Mutter und Kose-lieder*).

Pelo verão de 1844, partiram Frœbel e Middendorf, para suas viagens, visitando successivamente Frankfort, Heidelberg, Darmstadt, Cologne, Carlsruhe e Stuttgart.

No anno seguinte visitaram a Saxonia tendo a satisfação de ver em Dresden o Kindergarten que alli tinha sido estabelecido por Adolpho Frankenberg, e que era dirigido por sua jovem esposa. Mas os resultados desta viagem foram poucos e não satisfactorios. Em 1846 renovaram a sua excursão não colhendo, porém, melhor resultado.

Desanimado pela recepção que encontrava dos homens e dos educadores profissionaes em geral, Frœbel, dahi por diante, mais do que nunca, dirigiu-se ás mulheres—mães e professoras—e durante os invernos de 1846-47 e 1847-48, fez prelecções especialmente para ellas em Keilhau.

O numero de senhoras que assistiam a essas prelecções não era elevado, mas, entre ellas devemos notar a filha de Middendorf, Alvine, que depois se casou com Dr. Wichard Lange, e Luiza Levin, que, mais tarde, se casou com Frœbel.

Sua constante convivencia com as senhoras, como notou M. Guillaume, evidencia-se distinctamente pela *escolha das occupações* que Frœbel fez para o Kindergarten.

Um congresso de professores, convocado por Frœbel, reuniu-se em Rudolstadt em 1848, mas pouca impressão produziu elle sobre os congressistas, encontrando mesmo consideravel opposição.

No outomno despediu-se de Dresden para fazer um novo curso de lições theoricas e praticas obtendo desta vez um grande successo. Na primavera de 1849 Frœbel voltou para Keilhau, e então fixou residencia em Liebenstein no Ducado de Saxe-Meiningen, tencionando preparar professoras de Kindergarten, sendo auxiliado nesse trabalho por Luiza Levin.

Ahi foi que elle encontrou a mais apta e mais fervorosa de suas discipulas — a Baroneza Bertha von Marenholtz-Bülow, a quem o progresso dos Kindergartens deve mais do que a ninguem, excepto ao proprio Frœbel. Ahi conquistou elle, ao menos em parte, a adhesão do grande Diesterweg, que lhe mandou sua propria filha como discipula.

Pelos fins de 1849, a pedido da *União das Mulheres*, Frœbel foi a Hamburgo com o fim de abrir um curso de educação para senhoras.

Foi nessa occasião que elle travou conhecimento com o Dr. Wichard Lange.

Infelizmente aquella associação tinha tambem convidado Karl Frœbel para o mesmo fim.

Por causa da semelhança de nomes, era de prever que se estabelecesse confusão entre as opiniões dos dous Frœbel. Karl era um espirito liberal, batia-se pela emancipação da mulher, e a sua linguagem era um tanto revolucionaria.

O equivoco entre as opiniões do tio e do sobrinho, deu-se effectivamente com prejuizo para Frœbel, como mais tarde veremos.

Na primavera de 1850, Frœbel voltou a Liebenstein, e, pouco tempo depois, estava disposto a mudar-se para Marienthal, pequena vivenda campestre da visinhança, que a bondosa intervenção da baroneza de Marenholtz-Bülow para elle conseguira obter.

O fim de sua vida devia, segundo todas as apparencias, ser calmo e feliz.

Em Agosto de 1850, organizou Frœbel um festival de creanças, perto de Altenstein, com grande successo. Nesse mesmo anno fundou um novo *Jornal Semanal de Educação*, sob a direcção do Doutor Lange.

Em Julho de 1851 casou-se com Luiza Levin.

As vicisitudes, porém, não haviam ainda terminado para elle: de Berlim vibraram-lhe novo golpe

naquillo que, para elle era, por assim dizer, um elemento de vida.

A 7 de Agosto appareceu um decreto, promulgado pelo Ministro de Instrucção, von Raumer, prohibindo a fundação de Kindergartens na Prussia.

«E' evidente, dizia o ministro, suggestionado por um livro de Karl Frœbel e intitulado *Escholas para meninas e Jardins da Infancia*, é evidente que os Kindergartens formam uma parte do systema socialista frœbeliano, cujo fim é ensinar o atheismo ás crianças. As escolas, pois, que forem dirigidas pelos principios de Frœbel, ou outros analogos, não pódem ser toleradas».

A confusão entre as ideias do sobrinho e do tio era, pois, manifesta.

A principio, Frœbel e seus amigos suppuzeram que facilmente poderiam obter a revogação da interdicção, mas desilludiram-se, depois de verem baldados todos os esforços empregados nesse sentido.

Entretanto, não era a primeira vez que o governo mostrava reluctancia em acceitar o systema de Frœbel, do qual mantinha injustas desconfianças, como já vimos.

O ministro, porém, não quiz dar a entender que se houvera enganado, e o interdicto permaneceu até 1860.

De toda a accusação o que realmente mais magoou o velho educador, foi a de lhe chamarem atheu a elle, que se julgava sinceramente religioso.

Isso, porém, não o desencorajou. Si a Prussia lhe embargara a propagação do seu systema, malsi-

nando-o de atheu, restavam-lhe ainda outros estados da Allemanha.

Frœbel atirou-se então, de novo á lucta com redobrado ardor, em Marienthal.

A vinte de Abril de 1852—dia de seu septuagesimo anniversario—elle viu-se vivamente acclamado por uma familia feliz que se reuniu para celebrar aquella data. Mas logo depois as folhas de Hamburgo, começaram de novo a discutir a sua orthodoxia, revivendo-lhe no coração as magoas que o assaltaram quando o julgaram anti-christão.

Pela festa da Paschoa ainda elle compareceu em Gotha, a uma conferencia geral de professores, para a qual fôra convidado.

A publica approvação de Diesterweg e o sentimento da injustiça do interdicto, não deixaram de emocionar profundamente aos professores... Tratavam de fazer alguma proposta, quando o venerando educador penetrou no recinto. Toda a assembléa levantou-se em signal de respeito e consideração.

Frœbel fallou nessa reunião sobre a sciencia do ensino, e foi escutado em silencio respeitoso, com a maior attenção, recebendo por tres vezes enthusiasticas acclamações.

Foi um triumpho para elle. Infelizmente, porém, poucos dias lhe restavam.

De regresso para Marienthal, aquelle corpo tantas vezes abalado por continuas commoções, não poude mais reagir contra a molestia, e, a 6 de Junho, Frœbel cahia de cama para não mais se levantar.

Mandaram immediatamente chamar Middendorf que o não o abandonou um só instante até o seu momento derradeiro.

Durante aquelles ultimos dias, a unica preoccupação do seu espirito foi o lado religioso da sua obra. Foi esse o assumpto frequente de suas conversas com os amigos que lhe rodeiavam o leito.

No mais, Frœbel mostrava-se tranquillo e satisfeito. Entretanto, a debilidade de suas forças crescia cada vez mais, vindo, por fim a fallecer no dia 21 de Junho.

Frœbel está enterrado em Liebenstein, e Middendorf, que morreu dezoito mezes depois do seu velho camarada, repousa em Keilhau, ao pé do Kirschberg. Christiano Frœbel fallecera em Janeiro de 1851.

Em fins de 1852, o collegio de Marienthal foi transferido para Keilhau, sendo ahi sustentado por Middendorf e pela viuva de Frederico Frœbel.

Depois da morte de Middendorf, em 1853, a viuva de Frœbel continuou com o Instituto por algum tempo, e depois deixou-o para tornar-se Directora de um Jardim da Infancia em Hamburgo.

O Dr. Wichard Lange viveu e trabalhou pela causa dos Jardins da Infancia até 1887.

Barop viveu por alguns annos ainda, entrando na posse de uma rica herança.

A Universidade de Jena conferiu-lhe o grau de Doutor, e o Principe de Rudolstadt, nomeou-o Conselheiro da Instrucção.

Thereza Couto Rodrigues.

Das "Minhas Notas"

Neste principio de anno tenho notado interessantes mudanças em nossas creancinhas.

E dahi, quem sabe se eu tambem terei mudado? O que sei é que as creanças mostram-se mais attentas e interessadas em nossas conversas de todos os dias.

Uma dellas, a Iracema, que durante quasi todo o anno passado conservára-se indifferente ás minhas narrações, é hoje uma das que mais prazer manifestam em ouvir-me.

Outra cousa notavel é o desembaraço e maneiras gentís que vão substituindo, em boa hora, o acanhamento e modos bruscos dos primeiros tempos.

Uma das nossas pequenitas, uma interessante lourinha que ainda hoje responde com difficuldade ao que se lhe pergunta, durante todo o anno findo guardára o habito deploravel, de (apezar de nossos esforços e solicitações amigas) levar o lenço ou a ponta do aventalzinho rendado á bocca, sempre que uma de nós lhe dirigia a palavra. Pois bem, é uma diffi-

culdade vencida! Hoje a pequenita já conserva as mãosinhas no regaço e o lenço nas mãos, si bem que mostre ainda excessivo acanhamento.

Emfim, ha no Jardim muita cousa nova e que me interessa sobre maneira.

As creanças fazem-me perguntas a que respondo com prazer e agrado, procurando sempre um meio de tornar-lhes as minhas expressões bem claras e simples. Nem sempre o conseguirei, talvez, mas o esforço e os bons desejos de algum proveito hão de ser.

Um destes dias tive que responder a uma interessante questão.

Era no recreio. Chovera durante tres ou quatro dias e, naquelle primeiro dia de sol, estava eu com algumas creanças á sombra de uma formosa arvore de magnolias que abriga um pequenino terraço cimentado, a um canto de nosso jardim.

O Mimi, um pequenito intelligente e observador fez-me a seguinte pergunta:

—Porque é, D. Zalina, que estão aqui no cimentos estas manchas verdes?—E apontou-me umas camadas deseguaes de musgo, levemente esverdeado aqui e alli espalhadas pelo terraço.

—E' a humidade a causa disto, Mimi—respondi-lhe, contente com a observação.—Aqui ha muita sombra e, como choveu por alguns dias, da humidade surgiu esta vegetação que nós chamamos musgo e que você ha de conhecer mais tarde.

—Mas, continuou o menino interessado, como é que não ha destas manchas por todo o terraço? A chuva cae por toda a parte, não é?

—Sim, a chuva cahiu em todo o terraço, mas, não vê que em alguns logares o cimento está um tanto gasto e desfeito? Nesses logares, como o cimento ficou um poquito mais baixo do que em outros, a humidade foi maior, e ficou por mais tempo. Além disso, olhe para cima.

—Não vê umas abertas, aqui e acolá, entre a folhagem, por onde o sol atravessa? Onde os seus raios chegam primeiro, mais depressa a humidade desapparece, e não ha tempo para formar-se a camada de musgo que é commum em logares humidos.

Procurei clarear-lhe bem a minha explicação que elle mostrou comprehender.

Passados dois ou tres dias, estavamos no mesmo terraço. Desta vez fui eu que procurei chamar a attenção do menino para o assumpto anterior.

—Olhe, Mimi, como o sol já fez desapparecer toda a humidade do terraço. Foram-se todas as manchas do musgo...

Elle recordou-se immediatamente da conversa que haviamos tido e sorriu-se dizendo-me com viva satisfação a irradiar-lhe no seu rostinho gentil:

—E' verdade, agora tudo está egual e secco. Quando vier outra chuva hão de apparecer novas camadas de musgo em nosso terraço e o sol ha de o seccar de novo, não é?

—E como eu lhe respondesse affirmativamente elle tornou a sorrir e lá se foi a correr por entre os canteiros que o sol inundava com a sua luz de ouro.

Zalina Rolim.

Peixes

(Lembrar a conversação a respeito do rio para chegar assim aos seus habitantes)

—Que animaes é que moram no rio, dentro d'agua?

—Os peixes.

—Como é que os peixes vão de um lado para outro?

—Nadando, os peixes nadam.

—Já viram vocês os peixinhos nadarem? ..... São muito graciosos os seus movimentos, não acham?

—E que lindos peixinhos ha por esses rios! Alguns são vermelhos como o coral, outros alvos e brilhantes como a prata, outros dourados, outros cinzentos, outros quasi negros...

—Sabem de que é coberta a pelle dos peixes? De umas cousinhas scintillantes e finas, chamadas escamas.

—Agora quero ver quem me diz qual é a fórma do corpo do peixe?

– O peixe é comprido.

—Perfeitamente, E' comprido e estreito.

—Com que acham vocês parecido o peixe?—...

—Nos já temos fallado de varios animaes que têm braços, pernas, etc; E o peixe? Têm braços ou pernas?

—Não tem.

—Sim, os peixes não têm braços nem pernas.

Tem outra cousa que lhes serve muito mais para o seu genero de vida. Nunca repararam numas como azas que elles tem aos lados do corpo? Chamam-se barbatanas e são os braços com que os peixes nadam tão subtilmente sob as aguas. Sabem de que se alimentam os peixes?—...

—De insectos que elles vêm apanhar á flôr das aguas, etc.

Qual de vocês já foi alguma vez á pesca? Quero ver si me contam como se faz para apanhar os leves e ariscos peixinhos.

—. . . . . .

Foge, peixinho,
Do anzol traiçoeiro
Que dentro d'agua
Te quer pescar.

Quem pega a isca,
Peixe ligeiro,
A vida arrisca...
Foge a nadar!

PASSAROS E PEIXES

(Kindergarten Stories and Morning Talks)

Entre os leques de uma velha palmeira moravam tres passarinhos.

A palmeira estendia a sua sombra por sobre as aguas quietas do lago de um jardim.

No lago moravam tres peixinhos encarnados.

Um dia, pela manhan, os tres passarinhos saltaram dos leques verdes da formosa palmeira e foram pousar cantando á beira do quieto lago.

Os peixinhos que ouviram o canto vieram logo á flôr das aguas, nadando manso e manso, para não perderem nem uma nota do delicioso gorgeio. E quando os passarinhos ficaram quietos, um dos peixinhos fallou assim:

—Querem vir comnosco, viver aqui no lago? Nadar é cousa tão agradavel, bellos passarinhos! A frieza da agua faz-nos ageis e leves. Alimento não falta: ha por aqui uns bichinhos de sabor appetitoso... Nós aprenderemos a cantar, vocês aprederão a nadar... O lago é tão bonito! Que frescura! Querem

vir, passarinhos? Venham. Havemos de ser sempre muito bons amiguinhos.

Os passarinhos escutavam attentamente, como delicados que eram, o convite do peixinho.

Quando este acabou de fallar, consultaram-se com os olhos e um delles adiantou-se para responder:

—Bem se vê que não somos ainda conhecidos, senhores peixes; pois pensam então que nós haviamos de entrar pelo meio do lago sem saber nadar?

Isso é bom para os meninos que não têm juizo e vão se mettendo por toda a parte... Nossas azas foram feitas para nos elevarem aos ares e nunca para cortarem as aguas... Muito agradecidos pelo convite. Mas agora vejo que vocês têm alguma cousa no corpo, á semelhança das nossas azas. Quem sabe si poderiam voar? Venham cá fóra da agua e aprenderão comnosco muita cousa interessante. As arvores são habitações esplendidas. Dão-nos fructos, flôres, sementes... O sol aquece-nos o corpo, a aragem nos refresca as pennas... Como é bom viver a gente ao ar livre, por esses campos sem fim!... Venham, venham, e seremos muito bons amigos.

—O peixinho mais novo parecia bem disposto a acceitar o convite, mas os dois outros não lhe deram tempo para fallar e responderam logo:

—Não, não! Nós tambem não sabemos voar... Isto que vocês vêm em nosso corpo, não são azas, foi feito para nadar sómente.. Deus nos livre de nos aventurarmos por esses ares...

Naquelle instante a mamãe dos passarinhos chamou: Tuit! tuit!... e, logo, os tres voaram a ver o que a sua mamãe desejava.

Quando elles chegavam ao ninho avistaram a dona do jardim que vinha por uma das aleas dando a mão ao seu lindo filhinho.

Approximaram-se do lago, justamente onde haviam estado os tres passarinhos, e o menino perguntou:

—O' mamãe, porque será que os peixinhos vivem dentro da agua emquanto que os passarinhos voam pelos ares?

A mamãe explicou-lhe: que os peixinhos foram feitos para poderem viver, respirar dentro da agua, e que os passarinhos sómento respiram e podem viver no ár. Os passarinhos têm azas para voar, os peixinhos têm barbatanas para nadar.

—Ah! exclamou o pequenito. Como eu sou feliz de ter os meus bracinhos e as minhas mãos em vez de azas ou barbatanas... Posso correr pelo jardim, colher fructas e flôres, cultivar as minhas plantas, ouvir cantar os passarinhos e lançar migalhas de pão aos peixinhos! E posso ainda, agora e sempre, abraçar muitas vezes a minha boa mamãesinha...

Os passarinhos tambem disseram a sua mamãe que eram felizes de poderem voar pelos ares...

E os peixinhos, de poderem nadar contentes no seu formoso lago...

E todas as mamães ficaram muito contentes com a alegria dos seus filhinhos.

Zalina Rolim.

NINHOS

(Lembrado o assumpto «Passarinhos», que, antes deste, deve ser tratado com as creanças, póde-se facilmente chegar aos *Ninhos*)

CONVERSAÇÃO

—Hontem fui visitar uma bella chacara, e sabem vocês o que encontrei em uma moitasinha á beira do caminho? Um ninho de passarinho, e de um passarinho que todas as creanças conhecem: um ninho de tico-tico. Não conhecem o tico-tico?

— . . . . . —

—Quando eu passava pertinho ouvi um rumor de pennas por entre as folhas cerradas e, voltando-me, vi o passarinho que voava ao presentir-me. Quando eu era pequenina gostava immenso dos tico-ticos... Não gostam vocês tambem daquella interessante avesinha? E' tão conhecida de toda a gente! Não receia approximar-se das nossas casas em procura de alimento. Costuma sempre andar pelos quintaes debicando a terra em busca de bichinhos e grãos semi-escondidos. Quem é que não lhe tem ouvido o canto: —Ti-u, ti-u, ti-u, ti-u...?

O ninho que eu vi era muito bem construido, todo elle de raizes finas e folhas seccas e, interior-

mente, acolchoado de cabellos e macias felpas. Dentro estavam tres ovitos pequeninos, esverdeados e pintadinhos de vermelho. Não fiquei a observal-o por mais tempo porque o pobre tico-tico estava a gemer no galho de uma arvore proxima, com medo que eu lhe roubasse o ninho.

—Não viram ainda as avesinhas gemerem quando alguem se lhe acerca do ninho?

(Fazer com que as creanças deem conta de suas observações e digam o que souberem a respeito dos ninhos.)

—Durante quasi todo o anno podem encontrar-se ninhos de tico-tico, mas não acontece o mesmo com todos os passarinhos. Muitos delles, a maior parte, deixam a construcção dos ninhos para a primavéra— o tempo alegre das mais viçosas flôres.

Nunca ouviram fallar de uns certos passarinhos que, não construindo ninhos proprios, vão metter-se disfarçadamente nos ninhos dos tico-ticos para alli deixarem os seus ovos? São bem conhecidos esses taesinhos que se aproveitam da bondade dos tico-ticos para se pouparem a trabalhos e penas. E os innocentes tico-ticos cuidam dos engeitadinhos com o mesmo carinhoso desvelo com que tratam os seus filhotes, não se importando mesmo que aquelles se apossem da melhor parte do alimento que vão procurar pelos arredores.

—Onde é que os passarinhos costumam tecer os seus ninhos?

—Nas arvores.

—Sim, geralmente nas arvores e outras plantas. Ha muitos, entretanto, que os constróem pelas beiras dos telhados, pelos muros e, até, pelo chão. Alguns

são verdadeiros artistas, os seus ninhos são bonitos que encantam a vista; outros são descuidados e pouca attenção empregam no trabalho; mas, em todo o caso, é admiravel, não é? que, sem auxilio extranho, possam elles construir tão interessantes habitações!

Se o passarinho
Sabe cantar,
Tambem seu ninho
Sabe ageitar.

Zalina Rolim.

O NINHO

(Do «Kindergarten Stories and Morning Talks»)

Uma vez, deixando as suas lidas, um lavrador assentou-se para descançar na relva fofa do caminho.

Era meio dia. Um dia quente e sem aragem. O calor abrasava, e, sómente a sombra das arvores frondosas, havia uns longes de frescura.

A relva tinha a maciez de uma boa cama, o homem pensou em deitar-se um instantinho.

Mas os pés doiam-lhe tanto... se elle tirasse os sapatos?...

E foi logo após a idéia: inclinou-se, com as duas mãos desatou os cordões de couro; fez um esforço e, com um suspiro de alivio, estendeu os pés livres do grosseiro e duro calçado.

Eram uns sapatos grossos, de couro pesado, feitos para longas caminhadas por estradas núas e asperas.

Acommodou-se bem, gozando á farta o frescor sadio da folhagem nova...

Levou assim largo tempo. Desconfio mesmo que adormeceu por um pouco: a sombra das arvores e a maciez da relva convidam-n'o tanto ao somno...

Quando despertou, volveu em torno um olhar curioso...

Pelo campo além, tudo quieto; apenas um ou outro passaro, meio escondido entre a ramagem ensaiava tremulo gorgeio.

Assentou-se pensando logo no trabalho que deixára e procurou os sapatos. Mas os pés doiam-lhe tanto ainda? Como calçal-os de novo?

Tentou um esforço mais, trocou um pé pelo outro e ensaiou uns passos... Mas, qual! Nunca poderia supportar tão horrivel incommodo.

Descalçou os pés, encolerisado, e, tomando os sapatos, arremessou-os para o meio de uma moita de arbustos toda enredada de trepadeiras em flôr.

Um delles, varando por entre os galhos foi cahir pesadamente no chão. O outro, pendurado pelos cordões ficou a balançar-se entre os cipós entrançados.

O lavrador olhou para os pés descalços, caminhou uns passos, entreparou pensativo e, afinal, com um ligeiro movimento de hombros, foi-se embora.

Passaram-se os dias.

Uma tarde, um casal de passarinhos veio pousar na moita das trepadeiras. Os galhos novos dos arbustos tinham-se desenvolvido e o sapato continuava a balançar-se com o vento entre um cercadura de folhagem.

E o passarinho disse á companheira:

— Tuit! tuit! Que bom logar para tecer-mos o nosso ninho, não é?

E a companheira disse:

—Tuit! tuit! Muito bom e muito bonito.

Puzeram-se ao trabalho e, em pouco, esteve prompta a risonha habitação.

Uma tarde andavam os filhinhos do lavrador a brincar pelo campo quando, proximo á moita, ouviram um ligeiro rumor de pennas...

Levantando a cabeça, avistaram um passarinho que voava de dentro do grosseiro sapato, semi-escondido agora entre as folhas.

Chegaram-se logo, numa sorpresa alegre, sem comprehenderem como estava alli aquelle grande sapato, muito parecido com os que o seu papae costumava usar.

E o maiorzito, erguendo-se nas pontinhas dos pés, e, abaixando á força a espessa ramagem, olhou para o interior do sapato...

Lá dentro, tres cabecitas implumes abriram as boquinhas gulosas: piú! piú! piú!

—Que lindos!

E o outro pequenito queria vêl-os tambem, e foi preciso que o irmão mais crescido lhe fizesse a vontade.

—Que lindos!

E se entreolharam risonhos.

Depois foram para a casa e contaram ao papae e á mamãe o caso interessante.

Zalina Rolim.

PASSARINHOS

(*Trad.*)

A um passarinho, que andava
Cantando pelo jardim,
Foi perguntar Elizinha:
—Quem é que te cuida assim?

Onde achas doce alimento,
Cousas nutritivas, sans?
—Tenho bichinhos gostosos,
Figos, laranjas, romans.

—E quando estás fatigado,
Onde é que vaes descançar?
—Qual de nós não tem seu ninho?
Nosso ninho é o nosso lar.

—E sêde, não sentes nunca?
—Tenho rio e ribeirão
E gottinhas de sereno,
Que as folhas verdes me dão.

—E no inverno, não te falta
Agasalho contra o frio?
—Tenho pennas que me cobrem,
Tenho agasalho macio.

—E quando não ha bichinhos,
Grãos e fructinhas não há?
—Ha uma bôa creancinha
Que pão e alpiste me dá.

Zalina Rolim.

Exercicios com anneis, executados no 3.º Periodo do Jardim da Infancia

A viuva de Frœbel expoz em Hamburgo um novo brinquedo, que completa a celebre collecção do distincto pedagogo Frœbel, a que deu o nome de— Jogo de anneis.

Este brinquedo, consiste em uma caixa, contendo 50 anneis inteiros, 50 metades e 50 quartos, feitos de ferro zincado, com o diametro de dois e meio centimetros.

As creanças, acostumadas diariamente a trabalharem nas construcções realisadas com os cubos, parallalepipedos, pausinhos, varetas, etc., têm tido sempre a linha recta como o unico elemento empregado.

Surge então o exercicio dos anneis, tendo por fim especial, preparar a creança para os traçados curvilineos, habituando-a, d'este modo, á forma graciosa das curvas.

E' incontestavel principalmente nos Jardins da Infancia, a utilidade d'este brinquedo, em vista das creanças terem figurado com as linhas rectas, as com-

binações representativas de objectos artificiaes, productos da industria humana.

A natureza, porém, manifesta-se em suas obras de preferencia, por meio de uma variedade de curvas.

***

Vejamos agora como se deve dar começo ás lições, com os anneis.

Como de costume, as creanças acham-se assentadas em suas cadeirinhas ao redor da mesa.

Collocaremos, então, tantas caixas quantas forem as creanças que estiverem em cada mesa, contendo cada caixa 50 anneis, 50 metades e 50 quartos, como acima dissemos.

Ao primeiro signal, a primeira creança passará uma caixinha á segunda, esta á terceira e, assim successivamente, até á ultima.

O mesmo deve ser feito em todas as mesas. Uma vez habituadas, as creanças fazem este exercicio preparatorio com muita ordem e rapidez.

—Na passagem das caixinhas, o exercicio será acompanhado do seguinte canto.

Mão em mão, passando correm
As caixinhas dos anneis,
No caminho, que percorrem,
São companheiras fieis.

—Anneisinhos reluzentes,
Onde ides parar assim?
—«A's mãosinhas deligentes
Das creanças do Jardim».

Terminado o canto, cada creança terá adiante de si uma caixinha.

Daremos o 1.º signal.—As mãosinhas que até então se achavam cruzadas, estendem-se sobre a mesa de cada lado da caixa. Ao segundo signal segurarám-n'a com a mãosinha esquerda, tendo já a direita sobre a tampa.—Ao terceiro signal, abrem as caixinhas!

Oh, que alegria indefinivel se nota então n'aquelles olhinhos travessos!

Chamaremos então a sua attenção, convidando cada creança a tirar um annel da caixinha e a collocal-o na sua frente sobre a mesa.

—Perguntaremos em seguida:

—O que estão vendo?

Responderão naturalmente:

—Umas argolinhas, umas rodinhas, umas pulseirinhas, uns anneis, etc.

—Ensinaremos então a applicarem sempre este ultimo termo, por ser o mais apropriado.

—Sabem vocês, de que são feitos os anneis que estão vendo?

—Pois, são feitos de um *metal.*

Vou dizer a vocês o que quer dizer *metal.*

Depois de mostrar diversos metaes, entre os quaes o ferro e o zinco, aproveite-se o ensejo para uma lição de linguagem a esse respeito.

Helena vai dizer-me, em que logar se encontra o ferro?

—Debaixo da terra.

Esther vai repetir o que disse Helena.

— *O ferro encontra-se debaixo da terra.*

—Como se chama o logar onde se encontra o ferro?

—Chama-se *mina.*

—Mas diga-me, em toda a parte encontra-se o ferro?

—Não sabem responder-me?

Vou explicar. O ferro é o metal que existe em mais abundancia. No nosso Brazil existe ferro em todos os Estados, principalmente em Matto Grosso, Paraná, S. Paulo e Minas.

Aqui mesmo no Estado de S. Paulo existe em um lugar chamado Ipanema, em que se encontra uma grande fabrica de ferro.

—Agora que já dei uma ligeira explicação, e estou certa de que todos comprehenderam um pouco, porque estiveram attentos, quero que cada creança me diga alguma cousa sobre o ferro.

—Todas conhecem o ferro, não?

E' de esperarmos que a resposta seja affirmativa.

—Heraclio vai dizer-me, donde se tira o ferro?

– O ferro tira-se das minas que estão na terra.

—Zilda, diga-me si o ferro é leve ou pesado?

—O ferro é pesado.

—Como se chama quando o tiramos da terra?

Encaminhemo-l'a a dizer a sentença completa.

—Quando o tiramos da terra, chama-se *ferro bruto.—Minerio de ferro.*

—Vocês sabem para onde vai o ferro bruto?

—Vai para um forno muito grande para ser ahi preparado.

Descreva-se summariamente o processo da preparação.

—Cada creança vai agora dizer-me um objecto feito de ferro.—Por exemplo, a grade do nosso jardim de que é feita?

—De ferro.

—Então digam-me toda a sentença.

—A grade do nosso jardim é feita de ferro.

—Durval, o que mais você sabe que seja feito de ferro?

—A parte debaixo da campainha é de ferro.

—Em suas casas, vocês não vêm objectos feitos de ferro?

—Cada creança vai dizer-me o nome de mais objectos de ferro.

—O fogão é de ferro.—O fogareiro é de ferro. —A enxada e o machado são de ferro, etc.

—Como se chamam os obreiros ou os homens que trabalham em ferro?

—Chamam-se *ferreiros.*

E estes anneis de que são feitos? Não sabem? Pois são feitos de ferro e cobertos de zinco para não se enferrujarem.

Durante estas explicações, a professora deverá sempre mostrar ás creanças especimens dos differentes metaes em seus differentes estados, facilitando d'este modo as respostas e não fatigando a fraca imaginação das creanças.

—Vamos agora conversar um pouco sobre o *zinco*

O zinco é um metal branco, mas um pouco azulado.— *O minério de zinco*, isto é, quando elle é tirado da terra, é levado tambem a um forno apropriado, com a temperatura muito elevada, ou muito quente, sendo ahi então preparado.

Com o zinco fazem-se tambem muitos objectos que nos são indispensaveis.—Por exemplo, esses anneis que nos são tão uteis, que por meio d'elles aprendemos tantas cousas necessarias e bonitas.

—Como já palestrámos muito, desejo agora que vocês cantem aquelles versos feitos por D. Zalina, nos quaes fallam ainda sobre—*minas*—*mineiros*—*metaes*—*terra*, *etc.*

As creanças entoarão o seguinte:

(M. 67)

Desce ás minas o mineiro,
Entra no seio da terra,
Cava a rocha o dia inteiro,
Della os metaes desenterra.
Como elle hei de cavar!
Como elle hei de cavar,
E a mina hei de encontrar.

Os metaes são preciosos
Mas não valem a sciencia;
O estudo é mina de gozos:
Ao trabalho, companheiros!...
Sejamos todos mineiros!!

Muito bem! gostei muitissimo.

—Podemos então continuar com a nossa lição de anneis, que foi interrompida por um momento.

Convido agora cada creança a dizer-me o nome de um objecto que seja parecido com o annel que estão vendo sobre a mesa.

A campainha, o mostrador do relogio, a cabecinha daquella figura da folhinha, a bola que está pendurada na parede, etc.

—Muito bem. Vão ainda dizer-me, que especie de linha fórma, por fóra, esse annel... Vou dizer:

—E' formado por uma linha curva.

—Passem os seus dedinhos ao redor desse annel. —Vão sempre virando, entortando, sempre fazendo o movimento curvo, ao passo que, se fosse uma linha recta, os seus dedinhos iam sempre seguindo para a frente, não é exacto?

—E por dentro do annel que especie de linha o limita?

—Tambem é limitado por uma linha curva.

—O annel representa uma linha curva.

—Vou desenhar no quadro negro um annel e deitar um pontinho, bem no meio.

Vocês colloquem a pontinha de um dedo tambem no meio de cada annel.

—Como se chama este logar onde eu colloquei este pontinho e vocês os seus dedinhos?

—Ensinal-as-hemos a dizerem *centro*.

—Então vão dizer-me o que estão fazendo?

—Estamos com o dedinho no meio d'este annel. Este logar chama-se *centro*.

Si vocês fizessem uma roda aqui na sala e eu collocasse uma de vocês bem no meio da roda, onde estaria essa creança?

—Estaria no *centro.*

Vamos tratar agora do tamanho d'esses anneis:

—Tirem todos da caixinha mais um annel.

—Digam-me si esses dois anneis são eguaes, ou do mesmo tamanho.

Certamente, responderão que *são eguaes.*

—Mas como sabem d'isso?

—Porque estamos vendo.

—Não é bastante.—Devem collocar um annel sobre outro para verificarem melhor.

—O que estão vendo agora?—Ficou fóra o de cima ou o debaixo?

—Ficaram bem ajustadinhos: são do mesmo tamanho.

—Tirem mais dois pedaços ou duas metades de anneis da caixa.

Faça-se com que as creanças venham a notar que cada uma d'essas partes que estão vendo, formam um *semi-circulo,*—por serem a metade do circulo.—Para formarem um annel, quantas partes ou semicirculos são precisos?—Dois.

—Muito bem. Agora tirem quatro pedacinhos de annel da caixa.

—Colloquem sobre a mesa, unindo essas pequenas partes.

—O que estão vendo?—Um annel inteiro.

—Chamaremos a cada uma d'essas partes *um quarto.*

—Com quantos pedacinhos então formaremos um annel?

—Certamente que, com *quatro quartos.*

Depois de insistirmos sobre todos estes pontos, relativos aos anneis, desenharemos no quadro negro, um, dois e muitos anneis, metades e quartos, resultando d'estas combinações, figuras circulares, folhas, flôres, fructos, etc.

As creanças as reproduzirão com os anneis sobre a mesa, podendo depois desenhal-as perfeitamente em pequenas ardosias e mais tarde ainda, cortando anneis de papel de côres, que constituirão mais um trabalho manual e servirão para enfeites, etc.

Estas lições, têm por fim, desenvolver o bom gosto na creança, estimulando-a a esses uteis e pequenos trabalhos, que poderão ser bem aproveitados em suas differentes applicações

Isabel Prado.

S. Paulo, 18—4—97.

TRECHOS

Pequeninos trechos reproduzidos das lições de linguagem com a accentuação propria, como simples meio de dar ás creanças o necessario desembaraço no fallar

1.º PERIODO

—Os animaes têm vóz.
—O homem falla.
—O passarinho canta.
—O gato mia.
—O cão ladra.
—O boi muge.
—O cavallo rincha.
—A gallinha cacareja.
—Quem não falla é mudo.
—Quem não ouve é surdo.
—Quem não vê é cego.
—Eu posso imitar a vóz dos animaes.
—Os animaes não podem fallar como eu.
—Quem aprende, falla bem.
—E' bonito fallar bem.
—A lingua e os dentes são necessarios para se fallar.
—Eu posso fallar baixinho.
—Eu posso fallar alto.
—Eu posso gritar.
—Ninguem deve fallar gritando.
—Quem grita incommoda aos outros.
—Ninguem deve incommodar aos outros.

Então, seguindo um bom conselho,
Em doce vóz vamos fallar;
A vóz é um claro e fino espelho
Que as almas pode retratar.

2.º PERIODO

—Eu gosto do meu lar.
—O meu lar é a minha casa.
—A minha casa é na cidade.
—A cidade tem ruas.
—Nas ruas ha bonds.
—Os bonds conduzem a gente.
—Os burros puxam o bond.
—Eu gosto de passear em bond.
—O cocheiro guia os burros.
—O conductor recebe as passagens.
—Os bonds correm sobre trilhos.
—Os trilhos são de ferro.
—O ferro vem das minas.
—As minas jazem na terra.
—Os mineiros cavam as minas.
—O fogo amollece o ferro.
—O ferro é muito util.
—O martello bate o ferro em braza.
—A grade do jardim é de ferro.
—As chaves das portas são de ferro.
—Os pregos são de ferro.
—O ferro é duro.
—Eu não posso vergar o ferro.

Na bigorna, o bom ferreiro
Malha o ferro incandescente;
Quem trabalha o dia inteiro
E' operario deligente.

3.º PERIODO

—Estamos assentados em nossas cadeirinhas.

—Nossas cadeirinhas são de madeira.

—A madeira vem das arvores.

—As arvores nascem da terra.

—O que nasce da terra é planta.

—As plantas são vegetaes.

—Os vegetaes nascem, crescem, alimentam-se e morrem.

—Eu conheço muitos vegetaes.

—Os vegetaes dão fructos.

—Eu gosto de fructas.

—Dentro da fructa ha sementes.

—As sementes dão novas plantas.

—Grande parte de nossos alimentos vem dos vegetaes.

—O feijão é vegetal.

—O arroz é vegetal.

—O café é vegetal.

—O trigo de que se faz pão é vegetal.

—O milho de que se faz farinha é vegetal.

—Quem cultiva os vegetaes, que nos alimentam, é o lavrador.

—A chuva e o sol são necessarios ao lavrador para a cultura das plantas.

—O lavrador trabalha na roça.

Casas, moveis, fructas, flores,
Alimento e mais e mais...
São riquezas, são valores
Que nos vêm dos vegetaes.

Zalina Rolim.

DO CONTO E DA ARTE DE CONTAR

Quando vejo uma educadora ou uma boa mamãe a contar historias numa roda de creancinhas attentas, o meu pensamento, atravessando seculos, vê a humanidade na sua infancia, quando grupos de homens, caravanas e tribus inteiras deixavam-se prender ao encanto de uma bella narração, onde se fallava em feitos heroicos, luctas, aventuras maravilhosas, combates de semi-deuses e de gigantes!

Aventuras narradas pelo chefe da tribu e mais tarde pelos cantores e poetas que foram os primeiros *trovadores*; aventuras narradas em torno da fogueira, nos momentos de repouso, com o fim de incitar ao combate para obter victoria.

Assim tambem, quando narradas ás creanças, a imaginação se transporta ao Oriente, aos paizes predilectos das narrações, quando não existiam lettras, nem artes ou sciencia e, labios eloquentes repetiam com emphase, com episodios extranhos, com aventuras fabulosas—aquillo que mais tarde tomou fórma graphica e chegou até nós como tradição lendaria israelitica, indiana, persa ou grega.

Mas, antes que as tradições tivessem revestido fórma graphica, quanta fascinação não exerceram sobre as gerações? Quanto valor educativo não tiveram?

Pois bem, a narração ou o conto, principal factor da cultura historica, moral e religiosa dos primeiros povos, foi introduzida nos Jardins da Infancia como efficaz meio educativo.

Uma bella historia é para o coração das creanças como um quente e benefico raio de sol que desenvolve os mais escondidos germens, dando-lhes forma decisiva e robusta vida; é um raio de sol que vivifica, illumina e alegra a mente das creanças e que tambem, opéra beneficamente sobre a alma da educadora pois que a faz voltar com prazer aos momentos mais bellos da vida—á infancia, quando tambem ella exultava á promessa de ouvir uma historia.

Para mostrar como é grande a efficacia de uma narração e o prazer das creanças ao escutarem-n'a, basta observal-as nessas occasiões—silenciosas, attentas e como que presas dos labios da professora.

Os olhos têm scintillações de alegria se o heroe do conto triumpha dos obstaculos, tornam-se tristes se estes se apresentam; adoçam o seu brilho se a acção, posta em evidencia, é delicada e nobre.

Quanta insistencia risonha para que se continue uma historia ou para que se comece outra!

Os effeitos produzidos por uma boa historia são grandes e se referem na maior parte á educação moral. São expressões que ficam indeleveis na alma, têm um caracter suggestivo e são estimulos á imitação do bello e do bem.

A educadora, com as suas historias, desenvolve os sentimentos mais bellos, mais nobres, mais delica-

dos e que deixam no espirito das creanças a recordação nova de quanto escutaram com prazer.

Onde encontrar elementos para compôr historias para as creanças?

Na vida real que está em continua relação com as proprias creanças e de que ellas fazem parte activa. Em seguida, o horizonte resplandecerá de nova luz, sentindo alargarem-se-lhe os conhecimentos.

Será necessario fallar principalmente dos animaes domesticos, que se podem considerar como os primeiros companheiros dos brinquedos infantis, attrahindo as creanças com os seus vivos e ageis movimentos. As creanças logo se lhes affeiçoam e são bem correspondidas, pois que os animaes querem-n'as muito e não deixam de procural-as, dando-lhes não poucos exemplos de fidelidade e devotamento.

Os contos, que serão derivados da propria vida real, devem ser adaptados á indole especial das creanças procurando alargar-lhes o conhecimento e aguçar-lhes a observação. Tratarão das estações, dos productos da natureza, dos diversos paizes e usos, da vida humana, etc.

Nos contos tudo deve corresponder á realidade: homens e animaes, arvores e campinas, montanhas e collinas, bosques e prados, mares e rios; o proprio tempo deve ser tambem propicio e adaptado. Não se falle de colheita no inverno, de flôres e de fructos quando a terra está coberta de neve, ou de neve quando a natureza se reveste com o seu novo manto a transbordar de verdura e flôres.

E' erro grosseiro apresentar em scena, ao mesmo tempo, flôres de differentes estações, animaes de diversos e longiquos paizes, bem como dar a comer alpiste ao corvo e carne ao canario.

Todas as educadoras devem saber tirar da observação quotidiana uma série fecunda de contos verdadeiros, alegres, instructivos, moraes, e fazel-os corresponder ás diversas exigencias do estado de cultura das creanças, do tempo e do logar onde os factos se deram.

Si se quer experimentar a utilidade deste ou daquelle conto, bastará tentar uma prova; os melhores juizes, neste caso, são as proprias creanças. Estão attentas á narração? A linguagem dos olhos se manifesta logo satisfeita, triste ou travessamente experta, segundo os diversos episodios da historia? Desejam anciosamente ouvir mais uma historia? Então pode-se affirmar que a justa expressão da verdade foi achada, pode-se dizer que o conto é precioso. Neste caso, é de opportuno conselho a parcimonia no contar. Não se deve consumir a preciosa provisão de contos com prodigalidade.

E' preciso ser previdente e sabia, offerecer os grãos de ouro na occasião propicia, a tempo e logar, deixando as creanças sempre desejosas pelo dia seguinte. Si ellas têm tomado gosto á historia, deixe-se a continuação para depois porque o desejo de tornar a ouvir é mais intenso e a attenção e o interesse tornam-se mais vivos.

A collecção de contos de uma educadora deve ser como a mais esplendida palheta de artista: noite escura, brilhante meio dia, estação quente, frio inverno, vermelho occaso, alva dourada, colheita rica, alegre vindima, trabalho constante, vida simples, calma e feliz. Onde uma palheta mais formosa e esplendida que a offerecida pela natureza? Procure-se portanto nesta fonte inexhaurivel a fascinação que deve envolver a phantasia das creanças para conduzil-a á realidade do bello e do bem que a natureza expontanea-

mente lhe apresenta, procure-se nessa fonte, com a intelligencia e o coração, tudo o que possa satisfazer a necessidade das creanças -- de viver, conhecer e amar.

Assim os contos devem desenvolver os diversos sentimentos, fazer surgir imagens alegres e tristes, serias e jocosas, divertidas e pavorosas mas remuneradas sempre. Só então a successiva idéa sensacional produzida por um determinado objecto, pela observação continuamente desperta, dando ás creanças a idéa completa e exacta, mostrará quaes determinados conhecimento se lhe deve distribuir. Desta maneira tem-se a satisfacção de ver as creanças commovidas, suspensas de nossos labios e contentes e tranquillas com a só promesa de um conto.

O que tambem desperta mais attenção em um conto é o estupendo, o dramatico, o surprehendente da situação.

Alguns educadores são de opinião que se devem banir das narrações infantis, os contos fabulosos. Entretanto, com prudencia e previsão na escolha dos mesmos, si estes nada tiverem de absurdo, contraditorio ou moralmente injusto, poderão ser applicados com proveito.

Não se deve contar da irreflectida cigarra e da formiga de máu coração, nem da rapoza astuta que roubou o queijo do vaidoso cervo; destas e semelhantes fabulas as crianças nada terão a aprender, poderiam mesmo guardar impressões falsas e maus exemplos.

Não succederá o mesmo com outras, como por exemplo: a abelha e a pomba que reciprocamente se salvam a vida; o corvo que mendiga no inverno e alegremente saúda a primavera; o cavallo que per-

mittio ao passarinho de comer na sua mangedoura; o peixe esbelto e astuto que se salvou da rede do pescador e o preguiçoso que ficou preso e foi comido; o rato que, por gratidão, salvou o leão generoso da rede que o prendera; a rapoza e a cegonha que se convidaram para jantar; o rato da cidade e o da roça; o cão do pastor e o do guarda; e tantos e tantos outros...

Com estas e semelhantes fabulas, a bôa educadora pode offerecer ás suas creanças uma hora de prazenteira occupação, uma noção de historia natural, um exemplo a ser imitado.

Animaes e flôres, com o auxilio de uma linguagem propria e clara, fallarão á intelligencia e ao coração das creanças, revivendo nellas o amor ao justo, ao verdadeiro e ao bello, que é o alvo de toda a educação bem dirigida.

A educadora não deve nunca deduzir por si propria a moral da fabula ou do conto, mas fazel-a brotar da narração, embellezando-a com arte.

Durante o conto, para não conservar em continua tensão o espirito das creanças, é bom fazel-as moverem-se de accordo com os movimentos suggeridos pela narração, ou tambem, leval-as a imitarem a vóz dos animaes de que se falla e os seus movimentos. Assim, falando de um passaro que vôa, as creanças podem imitar com os braços os movimentos do vôo; fallando de um passarinho que incuba, podem formar com as mãos o delicado ninho e metterem-lhe dentro os pollegares que, então se agitam. Quando se falla de chuva, pode-se imitar o seu rumor batendo ligeiramente e alternativamente com os dedos sobre o banco... E assim, por diversos meios, se poderá imitar o cacarejar da gallinha, o canto do gallo, etc.

Com taes movimentos, ao passo que se desperta a attenção das distrahidas, dá-se ás creanças immenso prazer.

A palavra e a arte da educadora augmentam o encanto da narração.

A palavra deve corresponder aos sentimentos que exprime. Deve ser pronunciada lentamente e solicitamente, em tom alto ou baixo, segundo a emoção que se quer fazer experimentar.

São justamente esses diversos tons que mais avivam a curiosidade das creanças, excitando a sua attenção e facilitando-lhes a comprehensão. Tratando-se, por exemplo, de nênês ou de animaes, que dormem, deve-se fallar em voz baixa como para não as despertar. E' isto que enobrece a alma, torna-a delicada e aperfeiçoa os ouvidos.

Grave erro de uma educadora é fallar sempre em vóz alta. Quando se trata de uma surpreza a fazer, de um segredo a communicar, ao tom baixo se juntará uma expressão de mysterio.

A palavra deve ser acompanhada pela mimica, a qual torna tambem a narração mais efficaz.

Mas, fallar de mimica em Napoles, onde a gente se faz entender só com a attitude, onde o expressivo da linguagem dos olhos é alcançado expontaneamente, com naturalidade e maxima perfeição, onde, emfim, muito se falla sem descerrar os labios, parece-me tempo perdido.

Mencionemos antes todo o encanto que desperta uma historia, quando se leva as creanças a imitarem a vóz dos animaes, os sons tirados de algum instrumento, o assovio da locomotiva, o rumor cadenciado do trem, etc.

Taes imitações, dando mais vida á narração, fazem sobresahir o caracter do conto e sorrir de complacencia as creanças que, satisfeitas e risonhas, ao só accento da primeira palavra repetem esta ou aquella phrase.

Dá-se, por isso, muita importancia ao conto nos Jardins da Infancia como efficaz meio educativo. Com elles se offerecerá ao mundo infantil o attractivo do mais delicioso perfume, do mais benefico influxo que não só o alegra como tambem o melhora.

Emquanto as creanças não tiverem ainda achado a justa expressão correspondente ás suas idéias, não se deve pretender das mesmas uma completa repetição do conto escutado. Esta repetição as fatigará, sem duvida, diminuindo o grande prazer do conto e destruindo o desejo de ouvir um outro.

Eis o que se deve, por ultimo, procurar saber das creanças:—Que gostaram mais do conto? A que personagem ficaram estimando mais? Quem se portou melhor? O que se deve imitar?—E outras perguntas semelhantes.

Quadros que acompanham os contos

Um auxilio aos contos é o quadro.

Grande é a sensação que se produz na alma das creanças quando a palavra é acompanhada de boas imagens.

O prazer que experimentam as creanças á vista de um quadro é grande e augmenta a propria curiosidade, factor principal da attenção.

O quadro desenvolve tambem na creança a phantasia e o juizo, pois que pode guiar-lhe a attenção e,

com o auxilio da expressão desta ou daquella imagem, tornar-lhe mais claro o conceito do conto, com grande vantagem para o desenvolvimento intellectual e o da palavra.

A escolha do quadro é deixada ao gosto e criterio da educadora que deve colleccionar simplicidade, harmonia do colorido, gentileza e, na maxima parte, scenas da vida infantil posta em relação com a vida dos animaes, das plantas e do homem.

O perfume artistico que respira dos quadros com taes dotes, reanima as creanças e a propria educadora, a qual, observando a expressão dos alegres rostinhos ahi representados, e, firmando a sua attenção sobre as scenas infantís, recorda o mais bello periodo da vida e esquece, por um momento, as afflicções e luctas da alma que não cessam jamais.

Os bellos quadros influem sobre a educadora que se transporta e se enthusiasma, dando mais vida e mais viváz colorido á narração; tornam-se um alimento aos olhos, á phantasia, á intelligencia das creanças, levando-lhes um auxilio á memoria, e offerecendo por isso, grande vantagem á educação da alma pelo nobre estimulo do exemplo.

Não nos faltam quadros que correspondam a todas estas exigencias. Aconselhamos, todavia, como bellissimos, os de Kehr, collecção de Pertes em Gotha; e tambem a collecção de animaes de Pape Carpentier.

Os contos e a conversação no Jardim da Infancia

A narração deve constituir o primeiro exercicio de segunda-feira e offerecer assumptos para a conversação e occupações de toda a semana.

Um objecto qualquer, nomeado, póde ser em seguida illustrado com a conversação e representado por meio das differentes occupações, formando assim o assumpto de faceis e instructivas lições como de alegres e prazenteiros jogos.

A narração no Jardim da Infancia fórma o eixo em torno do qual se agitam todos os conhecimentos, que se tem de dar, e os trabalhos, que se tem de seguir na semana, de modo que um sirva de illustração ou de applicação aos outros.

Ao conto segue-se e encadeia-se a conversação que se sustenta com as creanças a proposito do quadro, do qual é origem, ou, antes, a proposito do objecto que formou o assumpto do proprio conto. Seguem-se, depois, as construcções com os dons e as outras occupações frœbelianas.

Si, por exemplo, o conto trata da vida de uma planta, a conversação se fará sobre essa mesma planta, apresentada realmente com suas folhas, flores, fructos e raizes.

A conversação pode ser continuada, construindo-se com argila, com raminhos de arvores ou antes, com verdadeiras plantinhas selvaticas, um Jardim com seus canteiros, com a fonte no meio, etc.

Depois seguir-se-ão os jogos de movimento: «os passarinhos no bosque» ou «as flôres» etc. Com os dons se poderá construir a casinha do jardineiro, com as taboinhas, o vaso de flores, com o desenho se poderão representar as arvores em duplas fileiras, com os pausinhos, a cerca que circunda o jardim. Depois se dará a cada creança a imagem da planta, para ser primeiro desenhada com pontos, perfurada, chamando a educadora a attenção das creanças para cada uma de suas partes, e depois, recortada e col-

lada. Por ultimo, a mesma imagem e tambem as imagens destacadas de suas flores e fructas serão contornadas com seda ou algodão fino, colorindo-se, a tinta vermelha, as partes que ficaram em branco.

Regulados assim os jogos e occupações de uma semana, no sabbado as creanças devem fazer, numa alegre conversação, um resumo util e breve dos conhecimentos ganhos nos lavores seguidos.

Illustrar variadamente o mesmo assumpto, concatenar em um só todo o trabalho complexo de alguns dias, fazel-o derivar de um só ponto de partida, dividil-o em pequeninas partes, desenvolvel-o em todas os aspectos possiveis, occupando as creanças e secundando sua actividade, eis o meio de se tornarem claras e distinctas as intuições, multiplices as ideias, possiveis a analyse e a synthese e facilimo o trabalho da memoria.

Graças a este paciente trabalho, desenvolvem-se tambem os bons sentimentos e a vontade se fortifica no bem, pois que a creança não é sujeita a nenhuma imposição mas é secundada no seu natural desenvolvimento, o que a torna activa, bôa e alegre.

Na certeza de fazer cousa agradavel aos que ensinam, mencionarei algumas series de lições derivadas de contos, as quaes constituem as occupações e jogos de uma semana.

A ortiga

Educadora:—Queridas creanças, estou satisfeita hoje com vocês; estão todas quietinhas e attentas: de que desejam tratar agora?

Creanças:—Nós queremos ouvir uma historia!

— Muito bem, vou satisfazel-as. Escutem-me, pois:

«Frequentemente, costumo ir passear a um bello jardim; bem quizera levar commigo as minhas alegres companheirinhas... mas, é tão longe daqui... Entretanto, eu vou construil-o, em miniatura, com argila, papel, plantas, etc.»

(A educadora constróe, com argila, sobre uma taboinha para tal fim preparada, o jardim com os diversos accessorios que vai nomeando, aos poucos.)

«Eis a casinha do proprietario do jardim; estas são as ruas por onde se passêa (dizendo isto, ella traça com uma varinha as pequeninas ruas); aqui estão os canteiros: quatro são circulares e os outros, em fórma de triangulo.

No meio do jardim ha uma linda fonte (construil-a com pedrinhas), na qual os peixinhos nadam alegremente; eil-os: são negros, vermelhos, prateados e dourados. (Os peixinhos são feitos de papel.) Esta casinha muito pequena é onde mora o jardineiro. Dois lados do jardim são circumdados por uma alta paliçada; os outros dois, fechados por uma sébe espinhosa, chamada sarça, da qual cortei pela manhã estes raminhos para mostral-os a vocês. Sabem porque eu construi o jardim? Porque nelle se deu a historia que vou contar. Em um dos angulos, rente á casinha do jardineiro, nasceu uma planta chamada ortiga. Ninguem a semeou, e o jardineiro não lhe dispensava cuidado. Vivia sósinha. A ortiga foi crescendo e eu nunca deixei de observal-a. Estava já crescida quando, uma vez, um pobre caracol, como este (mostral-o), veio metter-se entre as suas folhas. Assustado e de um salto, o caracolito retira os seus tentaculos, querendo fugir immediatamente dalli; mas, como não sabia correr, só vagarosamente conseguiu

deixar a planta. Que acontecera? Porque tamanho susto? A vil ortiga tinha picado o corpinho nú do pobre animalzinho, com seus pequenissimos e agudos pellos, vertendo depois nas feridas um humor que irrita, inflamma e produz ardor. Melhor não aconteceu a outros animaesinhos. O gatinho do jardineiro, perseguido por Fiel, o cão do proprietario, entrou no jardim por uma abertura da sébe... Si soubessem que cuidado tinha elle para não tocar na ortiga!..

E, com razão... Não esqueçera ainda a brutal experiencia de uma outra vez. Um dia, distrahido em seus brinquedos, tinha elle saltado para o meio da planta e, desde então, aprendera a conhecer a má propriedade da ortiga.

Querem saber a Fiel o que aconteceu?

Fazia calor lá dentro; era meio dia. Após o seu almoço elle quiz gozar um bom somninho á sombra, ao fresco, mesmo no logar onde estava a traidora ortiga.

Sahiu-se mal tambem. A ortiga deixou-o primeiramente accommodar-se: os longos pellos protegiam-n'o um tanto.

Dalli a pouco levantou-se um ligeiro ventinho que agitou as folhas da ortiga, e uma dellas tocou o focinho do pobre Fiel que depertou num grande sobresalto: ai! ai! que ardor!... O cão fugiu ganindo, pelo jardim a fóra...

Convenci-me então de que a vil ortiga fazia mal a todos que se lhe approximavam.

Um menino chamado Alfredo, teve tambem a sua parte. Andava elle atráz de uma borboleta que foi pousar mesmo no angulo do jardim, onde vivia a ortiga. Queria apanhal-a, mas... ai! ai! A vil or-

tiga tocou-lhe no rosto e nas mãos! A dór foi tamanha que Alfredo nem mais pensou na linda borboleta, e, chorando, deixou o jardim.

Acreditam vocês que a ortiga estivesse arrependida de tanto mal? Pelo contrario: agitava as suas folhas, muito tranquilamente, parecendo até mofar do pobre menino. Tanta malvadez impressionou a velha sarça, sua visinha, que fallou assim:

«Mas então, tu és mesmo uma planta vil e maligna?! Féres e maltratas a todos que se te approximam, a todas as mãos que te acariciam!.. Não comprehendes que ninguem te póde amar? Que todos fogem de ti? Como me sinto feliz de não ser uma ortiga!..»

—Como se fosses alguma cousa melhor. . . —respondeu desdenhosamente a ortiga, agitando as suas folhas. Tambem tu fazes mal como eu; teus espinhos são grandes, devem ferir com mais força. Deixarão, porventura, passarem animaesinhos ao seu alcançe sem lhes arrancarem o pello ou arranharem a pélle? Não creio. Queres ouvir uma grande verdade?—Se eu sou má, tu o és tambem.

—Não, não é assim, replicou, calmamente a sarça; tu és má e traidora, eu, não. De meus espinhos todos podem-se resguardar; são grandes e de longe podem ser vistos. Emquanto que os teus pellos não se deixam ver, tão pequeninos são elles!. . . Tu cresces selvatica e sem educação; eu fui plantada e mereço cuidados porque sou necessaria e faço o bem: com meus espinhos guardo o jardim e impeço que o invadam de sorpreza. Além disso, eu não sou de espinhos, apenas: não vês as florinhas côr de rosa que me enfeitam? Com o tempo, estas florinhas se transformarão em succulentas fructinhas—as amóras, que os passarinhos e as creanças gostam de comer.

Os meus raminhos tenros são tambem um delicioso manjar ás bôas cabras que dão leite ás creancinhas. A ti não acontece o mesmo: durante todo o anno conservas-te sempre pérfida e má... Bem merecias que te arrancassem da terra.

—Deixa-te de historias, grande tagarella! murmurou, zangada, a ortiga; muito tempo se passará sem que tal aconteça. Eu nada temo e ninguem me ha de ferir. Arrancada não serei tambem, porque tenho raizes, profundamente enterradas, que renascerão, cada vez, com mais vida. Hei de envelhecer onde nasci e tu não me sobreviverás.»

A sarça ficou quietinha, mas pensou para si: —Veremos quem terá razão...

Dalli a pouco, uma bola de boracha, voando por sobre a sarça, foi cahir no meio da ortiga.

A bola era de Guida, que brincando, a tinha arremessado com pouca maestria. A menina veio pressurosa apanhar a sua bola; correu, sem prestar attenção na traiçoeira planta, tropeçou e cahiu... onde? Justamente sobre os galhos da ortiga perfida. Imaginem o grito de dôr da pobre Guida!

Coitadinha! Corri em seu auxilio e... não mais pude resistir: tomei a enxada e cavei profundamente o terreno em torno da planta maligna, para deitar fóra toda a raiz. Eil-a. Quero que vocês a conheçam e decidam da sua sorte. Que devemos fazer desta ortiga? E da sarça? Quem quer um ramo da ortiga? Quem quer um ramo da sarça?

—Gostaram do conto? Que fariam vocês se estivessem no meu logar? Qual é a parte mais bella do conto? Quando se mostrou a ortiga mais perversa?

Vamos agora examinal-a de perto.

(A um signal da educadora as creanças levantam-se. – Aqui está a ortiga; observem-n'a detidamente. Onde estão os pellinhos traiçoeiros? Que devemos fazer quando encontrarmos a ortiga em nossos canteiros? Como arrancal-a?

Agora cada uma de vocês terá um terreno para fazer o jardim; ás mais applicadas darei tambem plantas e outros brinquedos, como casinhas, pedrinhas etc.

Quero que se recordem da historia e representem uma scena a ella referente.

Mãos á obra! Emquanto trabalham, eu irei de um lado a outro para admirar e applaudir o trabalho mais perfeito e que mais se relacione ao que contei.

E, além de admiral-o, fal-o-ei admirar por todas as creanças, poisque a todas o mostrarei.

Série de lições derivadas do conto precedente

1.ª — Conto: — A ortiga e a sarça.

Tempo opportuno: A primavéra.

1.ª – Conversação e construcção. — Construir o jardim, com argila, pedrinhas, papel, etc.

3.ª — Construcções com o 4.º dom. – Casa do proprietario. Jardim aberto. Jardim fechado. Fonte e tanque para os peixes.

4.ª — Taboinhas. — Com quatro triangulos, construir a janella da casa do jardineiro e a casinha do Fiel. Com oito triangulos, um vaso de flôres. Uma mesa para jardim.

5.ª — Pausinhos. — Uma cadeira para jardim. Uma enxada para arrancar a ortiga. Um ancinho. Uma borboleta. A paliçada. Anneis. – A bola de Guida. O fructo da sarça.

6.ª—Desenho.—A paliçada que circumda o jardim, formada de verticaes e horizontaes.

7.ª—Perfuração.—Perfurar as imagens desenhadas sobre uma folha de papel: o caracol, a ortiga, um raminho de sarça.

8.ª—Costura.—Contornar a imagem do gatinho.

9.ª—Tecelagem.—Entrançar uma folha de papel com tiras de côres vivas; será o tapete que se colloca aos pés da mesa do jardim, quando a boneca de Guida alli vai tomar café.

10.ª—Recorte.—Recortar a imagem do cão, que deve ser depois collada sobre uma folha de papel colorido.

11.ª—Continhas.—Escolher e enfiar as continhas, em grupos de tres, segundo a côr das flôres observadas no jardim.

12.ª—Dobradura.—Com um quadrado de papel construir a casinha do jardineiro.

13.ª—Modelagem.—As amóras.

14.ª—Jardinagem.—Arrancar as ortigas que tiverem nascido pelos canteiros.

15.ª—Brinquedo.—«As flôres».

16.ª—Resumo das occupações feitas, durante a semana.

Zalina Rolim.

Do Livro—«Frederigo Frœbel ed il suo sistema di educazione», de Amalia de Rosa—1896.

N. B.—As occupações e os jogos não vão aqui em ordem de successão, esta depende do horario que será por ultimo explicado.

A lan

(Dar começo ao assumpto, mostrando uma pintura do carneiro)

(Conversação)

— Que bonito vestidinho traz hoje a Ida? E' de cassa ou de linho?

— Meu vestidinho é de lan.

— Ah! Então deve ser quente e agasalhar muito bem o seu corpinho, não é? O vestidinho de cassa que você usava hontem era bem differente deste de lan. De que fazenda serão feitos os vestidinhos como o de Ida?

— De lan.

— Sim, mas de onde será que nos vem a lan? Da terra, como o algodão? Será ella uma planta?

— . . . . . .

— Não sabem? Pois é muito simples:

— Qual destas creancinhas já conhece o carneiro? Não gostam de brincar com elle? Como são interessantes com a sua lan macia e crespa!

(Deixar que as creanças exponham seus conhecimentos, e façam as perguntas que desejarem).

—E' dos bons carneirinhos que nos vem a lan tão necessaria sempre não só no inverno, mas todos os dias, num clima variavel como o de S. Paulo.

—Nunca viram um carneiro tosquiado?

- Ficam elles despidos da sua fôfa coberta e quasi com a pelle á mostra.

Querem saber como é feita?—No tempo determinado são os carneiros conduzidos ao rio onde são muito bem lavados para que saia todo o unto ou gordura de que a lan é impregnada.

Depois ficam elles expostos ao sol até ficarem enxutos para a operação da tosquia. Os encarregados de tal serviço assentam-se no chão e collocam o animal em sua frente, com os pés atados, ou então, levantam-n'o sobre uma mesa que tem quatro furos onde são introduzidas as pernas do animal que fica quasi sem movimento. Procedem então á tosquia da lan, com grandes tesouras apropriadas para aquelle mistér. Os bons tosquiadores não fazem um só arranhão na pélle dos carneiros, e a lan é tirada numa só peça para ser vendida aos fabricantes. Nas fabricas para onde ella vai, passa por muitos preparos e, afinal, se transforma, numa fazenda bonita e confortavel como a do vestidinho de Ida; nuns fios iguaes e compridos com que são feitas as meias que usamos no inverno; nas bolinhas de côres com que vocês brincam no jardim, etc.

—Já vêm que devemos um grande serviço aos bons e gentis carneiros, não é verdade? São os pobresinhos despojados da sua lan para que nós tenhamos bons agasalhos. Não estou eu a dizer todos os dias a vocês que os animaes são muito necessarios e

que a todos, mais ou menos, devemos serviços? Qual destas creanças será capaz, de ora em deante, de maltratar um destes uteis animaes? nenhuma, não é?

—Quero que me digam agora qual de vocês traz hoje vestido de lan?

—Meias de lan?

E' a bôa ovelhinha,
Mimosa e louçan,
Que dá á creancinha
Vestidos de lan.

A utilidade do espinheiro

Era uma vez um riosinho muito limpido onde as vaccas, as ovelhas e os cavallos costumavam lenir a sede.

Nas margens do pequeno rio havia uma matta de espinheiros silvestres e, tapetando o sólo, um grammado velludoso.

Muitas vezes, quando os carneirinhos passavam, os espinhos roubavam-lhes, com os braços espinhosos, alguns flóccos da lan macia, que ficavam a enfeital-os garridamente como pequenas e brancas flôres.

As ovelhas não gostavam daquelles brinquedos e diziam muitas vezes:

—Para que seria que fez Deus os espinheiros? Uns malfeitores que, sem precisarem de nossa lan, arrancam-n'a de nosso corpo sem piedade... Nós, de bôa vontade, deixamos que o lavrador nôl-a tire toda para com ella tecer vestidos quentes para as creancinhas, e meias, e capotes, e agasalhos... Mas de que póde ella servir aos snrs. espinheiros?—uns in-

uteis que a ninguem prestam serviços... As vaccas dão ás creancinhas o leite saboroso e fortificante; os cavallos, conduzem-n'as a passeio ou puxam-lhes os carros e carrinhos, e assim por deante. Mas os es-espinheiros, qual a sua utilidade?

Os espinheiros nada disseram.

Um dia, era no começo da primavéra, os carneirinhos alegremente corriam e saltavam por entre as verdes pastagens, quando ouviram, ao longe, lá pelas bandas do rio, um doce canto de passaros felizes... e ficaram quietinhos todos, como que presos á magia daquella musica.

Depois cessou o canto e principiou a conversa, uma conversa bonita e harmoniosa que tambem parecia musica.

Os passarinhos fallavam do bello tempo, do perfume das flôres, dos insectos que voejavam ao alcance dos seus biquinhos gulosos, do ninho que andavam reformando—e, a proposito, fallavam de renovar-lhe o acolchoado em que as ultimas chuvas haviam feito grandes estragos. Onde encontrariam elles o material preciso? Onde, um tecido macio e quente que lhes agasalhasse os futuros filhos? E sahiram pelos arredores em procura do que lhes faltava.

A' beira do ribeirinho transparente, uma aragem branda agitava os flóccos de lan que, nos galhos dos espinheiros, pareciam brancas flôres.

E os carneirinhos bem ouviram a voz dos passaros, que dizia alegre:

—Obrigado, bons espinheiros, que guardaste a lan para os nossos ninhos.

Nossos filhinhos são delicados e frageis como as creancinhas e, como ellas, têm necessidade de agasalho. Sêde bemdictos pelo bem que nos fizestes.

Então os carneirinhos comprehenderam a utilidade dos espinheiros e, dahi por deante, nunca mais delles se queixaram, antes iam docemente, proximo, e bem proximo de seu alcance passando, para que aos passarinhos nunca faltasse o necessario agasalho.

Zalina Rolim.

(Do «Kindergarten Stories and Morning Talks»).

O meu corpo

O meu corpinho
Leve e gentil,
Olhem-n'o um pouco:
Tem graças mil.

Cabeça e tronco
Bem fortes são,
E aqui, no peito,
E' o coração.

Dois olhos tenho
Que sabem vêr
E as cousas vistas
Não esquecer.

Uma boquinha
Risonha e san,
Labios vermelhos,
Como a roman.

Os meus ouvidos
São dois tambem,
Como elles, finos,
Não ha ninguem.

Tenho mãosinhas
E tenho pés;
Dedinhos—cinco,
—Mas cinco—dez.

E agora, digam:
—Não sou gentil?
Não tenho encantos
E graças mil?

Zalina Rolim.

O algodão

(Mostrar o casulo do algodão, tendo a mestra a felpa macia. Mostrar tambem um panno grosso onde as creanças, ao desfial-o, reconheçam facilmente o algodão).

(Conversação)

—De que é o seu vestidinho, Zilda?

—Meu vestidinho é de chita.

—E o seu, Iracema?

—O meu é de cassa.

—E a blusa de Luizinho?

—Minha blusa é de linho.

—E o cinto de Esther?

—O cinto de Esther é de seda.

—E a capinha de Antonietta?

—Minhà capa é de lan.

—Tantas fazendas com differentes nomes! Serão todas ellas feitas do mesmo material? Não sabem?

Vamos então conversar de nossas roupas e ficaremos sabendo muita cousa interessante.

Qual de vocês me diz como se chama esta felpa macia e clara que sahe do interior desta fructa?

—Algodão!

—Perfeitamente. De onde me veio este algodão?

— De uma planta que ha no jardim.

—Muito bem. Já sabemos então que o algodão nos vem de uma planta. E, antes de apparecer esta fructa no algodoeiro do nosso jardim, que havia nelle?

—Folhas e flôres.

— Sim, folhas e flôres. Mas eu quero saber qual é a côr das flôres do algodoeiro.

—As flôres são amarellas, a principio, e ficam depois vermelhas.

— Muito bem! Tudo isto que dissemos vocês tiveram occasião de observar no nosso lindo algodoeiro não é?

Nem imaginam vocês quanta cousa interessante aquella planta poderia contar si ella fallasse... E' do algodão que nos vem grande parte das fazendas que usamos em nossas roupas.

O vestidinho de chita de Zilda, a cassa do vestido de Iracema e a setineta da minha blusa foram feitos de algodão. Admiram-se?

E' realmente admiravel que desta tenrissima felpa nos venha tanta fazenda resistente e pesada! Querem saber como é preparado o algodão?

—E' uma historia que deve interessar a todos, porque todos fazem uso da fazenda que elle nos dá.

Vocês conhecem já um algodoeiro, não é? Os lavradores que se entregam á cultura do algodão fazem delle inmensas plantações em suas terras. Quando a flôr murcha e cae, fica em seu logar uma fructinha verde que vai crescendo, dia a dia, até que, madura e secca, se abre aos raios do sol e deixa escapar-se-lhe o flócco niveo do algodão. E' o tempo da colheita. Até mesmo as creanças, como vocês, podem empregar-se naquelle trabalho.

O algodão fica ao sol por algumas horas depois de colhido, para que não lhe fique nenhuma humidade.

As sementinhas escuras que a macia felpa envolve são extrahidas por machinas e o algodão é remettido para as fabricas, em grandes fardos, de peso determinado.

Nunca viram uma fabrica de tecidos? Aqui em S. Paulo é muito facil ás creancinhas conhecerem como se fazem os tecidos de algodão. E' um passeio interessante e que nos ensina muita cousa. Sómente, não devem as creanças entrar sósinhas nas fabricas porque o machinismo é complicado e perigoso para quem não anda com cautéla.

E' nas fabricas que o algodão com muita rapidez é transformado em fios de varias grossuras que, por sua vez, se transformam, sempre atravéz os variados machinismos, em grandes peças de fazenda para o nosso uso.

O algodão não é quente como a lãn, nem macio e brilhante como a seda ou liso e fresco, como o linho; é porém de menor preço e, portanto, está mais ao alcance dos que não possuem fortuna.

—Quaes destas creanças têm hoje roupas de lan? Que roupa são ellas? De seda? De linho? De algodão?

(Fazer o possivel para que as creanças vão aprendendo a differençar os diversos tecidos.)

Quero colher, com minha mão,
Os lindos flóccos de algodão...
Delles me vem bôa roupinha,
Delles me vêm meadas de linha.

Zalina Rolim.

HISTORIA DO ALGODÃO

Brilhava o sol de Maio numa grande plantação de algodoeiros.

Era pelas 11 horas, mais ou menos.

Os trabalhadores haviam interrompido o serviço e descançavam mais longe, á sombra das arvores, após o farto almoço.

Não sei si alguma de vocês já terá ouvido contar que as plantas fallam, eu ha muito que sei disto. Mas, sei tambem que ellas sómente fallam quando estão sósinhas, isto é, quando não ha gente como nós a escutal-as.

No algodoal, de que estou fallando, não havia pessoa alguma áquella hora e, assim, os algodoeiros conversavam animadamente.

—Como eu dizia hontem; fallava um delles, todo coberto de fructas entreabertas donde se escapavam flóccos brancos—tenho muita vontade de saber para onde vai o nosso algodão, depois que nol-o tiram.

—Vai para as machinas de descaroçar; pois tu não sabias? disse lá do seu canto um outro algodoeiro.

—Isso sei eu, e muito bem. O que quero saber é qual seja a sua utilidade, qual o seu fim? Já tenho ouvido fallar em preparo, fiação, tecelagem, etc., mas, gostaria de conhecer tudo, bem a fundo.

—Tuit! tuit!—disse uma vózinha meiga e delicada; eu posso dizer-lhes alguma cousa do que desejam saber.

—Quem é que está fallando por aqui? perguntou desconfiado um velho algodoeiro, lá pelo meio da plantação.

--Tuit! tuit!—continuou a mesma vózinha doce —sou eu, um passarinho, que, por ter uma aza ferida e não poder voar ao longe, estou a escutar-lhes a conversa. Pequenino e fragil, como vêm, já tenho viajado muito; tenho atravessado cidades e fabricas e sei de muita cousa que ha por esse mundo.

—Verdade?

—Tuit! tuit! Verdade, srns. Algodoeiros; sou incapaz de divertir-me com a bôa fé dos outros.

—Conte-nos então tudo quanto sabe, e ficaremos a dever-lhe um grande obsequio.

—Tuit! tuit! Pois então escutem-me. E o passarinho ageitou as pennas com o biquinho delicado, accommodou-se bem no galho e fallou assim:

—Um dia eu e a minha companheira andavamos a tecer o nosso ninho. Faltava-nos uma boa parte do material preciso e não sabiamos onde o encontrar. Depois de muitas idas e vindas, pousámos, a reflectir no caso, em uma larangeira copada que dava sombra para uma janella de vistosa casa. Na-

quella casa morava uma menina chamada, Lucia, com a sua bôa mamãe. A mamãe de Lucia estava cosendo ao pé da janella aberta, em cujo peitoril enfileiravam-se diversos novellos e carreteis de linha. Quando avistei o rostinho alegre de Lucia, puz-me logo a cantar... a cantar..»

A mãe de Lucia escutou-me sorrindo e, depois, fallou a sua filha:

—Olha, queridinha, aquelles passaros andam a preparar o seu ninho. Já os tenho visto, de cá para lá, em busca de palhinhas e musgos. Dá-lhes aquella meada de linha embaraçada que eu tirei dos alinhavos da minha costura e que lhes será de grande utilidade na sua delicada construcção.

A pequenina Lucia veio logo a correr com a meada de linha e jogou-m'a para fóra.

Fui num vôo apanhal-a... E que bons fios! resistentes!... macios!... Sabem de que eram elles? De algodão, meus bons snrs. Sei disto por ouvil-o á mãe de Lucia. E ahi está como, sem que o soubessem, já me prestaram vocês bons serviços.

Os algodoeiros ouviram tudo avidamente e agradeceram ao passarinho a informação que lhes dava. Pediram-lhe ainda que voltasse algumas vezes a repetir-lhes a sua historia e que se utilizasse sempre dos seus fios.

Emquanto o passarinho fallava, alguns raios de sol, que andavam alli perto, tinham se approximado com interesse, e, quando elle acabou, começaram por sua vez á fallar:

—Nós tambem sabemos de algumas historias a seu respeito, snrs. Algodoeiros, e que bonitas são ellas! Muitas vezes temos ouvido dizer que não ha como o

sol para alvejar o algodão e, quasi sempre, nos encarregam de tal serviço. E com bôa vontade o fazemos, podem crêl-o. As meadas de linha humida, as roupas já feitas, que as lavadeiras estendem pelas cercas e pelas cordas, tudo isso é o nosso calor que secca e prepara de maneira a ser guardado.

—E' verdade, cantou o vento que andava, d'aqui d'acolá, a brincar com as folhas seccas e ramas verdes—os raios do sol e eu andamos todo o santo dia a seccar as roupas que as lavadeiras nos confiam. Ainda hontem, bem me lembro, enxugámos um vestidinho de Margarida, o avental de Iracema, as meias de Luizinho, etc.

—Que bellas historias!—exclamaram os algodoeiros jubilosamente; agora é que havemos de crescer com mais gosto ainda que d'antes...

Nisto voltava a gente do serviço, após o descanço do almoço. Com os trabalhadores vinha um velho, dando a mão a duas creanças: era talvez, o fazendeiro.

Os algodoeiros ficaram logo muito quietinhos bem como os raios do sol, o vento e o passarinho, e puzeram-se muito attentos a escutar a conversa dos recemchegados.

A proposito, o velho contava ás creanças a historia do algodão depois de colhido. Não fallava apenas do algodão em rama, mas do algodão cardado que nos faz os moveis macios e confortaveis, do algodão que os medicos usam em seus curativos, do que se faz em torcidas para lampeões e muitas outras cousas. Contava que mesmo os trapos que nos parecem inuteis, são transformados no explendido papel que vemos nos livros, nas cartas, e que, coloridos, no Jardim da Infancia servem para dobraduras, tecelagem, etc.

Os algodoeiros ficaram radiantes e chegaram a dizer timidamente ao velho, como haviam feito ao passarinho, ao sol e ao vento—que voltasse algumas vezes a contar-lhes tão bellas historias.

Mas o homem nada entendeu do que elles disseram ou antes, nem, ao menos, percebeu se as plantas fallavam, e, dando a mão ás creancinhas, que levavam, cada uma, um formoso casulo de algodão para mostrar a sua mamãe, foi-se embora vagarosamente...

Então os algodoeiros deixaram que os trabalhadores lhes colhessem todo o algodão, contentes agora porque sabiam que eram uteis e necessarios.

Zalina Rolim.

(*In the Child's World.*)

SEGUNDO DOM

Jogos praticos da esphera,
cubo e cylindro, para os diversos Periodos do
Jardim da Infancia

A esphera, o cubo e o cylindro foram os solidos geometricos escolhidos por Frœbel para o segundo dom.

Acham-se estes solidos collocados dentro duma caixa de madeira, de fórma rectangular, com tampa corrediça, trazendo tambem cinco pausinhos para os exercicios.

Os solidos, acima referidos, são de madeira, havendo em cada um delles um annel fixo por onde se deve enfiar um fio, por occasião de se fazerem os exercicios.

São eguaes em altura e desiguaes em diametros; isto é, o diametro do cubo, suppondo-o inscripto numa esphera, é maior do que o da esphera o do cylindro, e estes dois eguaes em diametros.

O cordel enfiado nestes anneis devem ser de 15 centimetros de comprimento.

Devo ainda accrescentar que na mesma caixa existem dois cubos. O que traz anneis é somente destinado a exercicios de comparação; o outro emprega-se para o ensino de desenho.

Sendo estes solidos de madeira, deve a professora fazer um ligeiro exercicio de conversação acerca dos caractéres da madeira.

Dirija a seguinte pergunta á classe:

(Tendo-se na mão a caixa de madeira do segundo dom):

Quem poderá dizer-me o que eu tenho na mão?

—A snra. têm na mão uma caixa?

—Bem. De que é feita esta caixa.

—A caixa é feita de madeira.

—Mas onde é que se póde achar a madeira?

—No matto.

—Só no matto? No jardim, no pomar não ha tambem madeira.

—Sim, senhora.

(Obs.) Deve-se fazer sempre com que as creanças respondam por sentenças completas, usando tambem a professora de uma linguagem bastante clara).

Mostre-se ás creancinhas que tambem nos jardins e pomares ha madeiras, fazendo-se-lhes sentir que não se deve estragar uma arvore fructifera para della tirar madeira, ao passo que no matto são todas as arvores tiradas para esse fim.

—Então de onde foi tirada a madeira de que é feita esta caixa?

—Diga-me você, Luizinho.

—A madeira de que é feita essa caixa foi tirada do matto.

—Agora respondam-me a esta pergunta:

—Vocês todos têm nomes, não é assim? Uma chama-se Esther, outra Ida, etc. Assim tambem as madeiras têm cada uma o seu nome. Qual de vocês póde dizer-me o nome de alguma?

—O pinho, a canella.

—Eu sei o nome de outra.

—Diga:

—O Jacarandá.

—Onde viu você o Jacarandá?

—As cadeiras de minha casa são de jacarandá.

—Como o sabe?

—Porque ouvi o papae dizer.

—E a madeira de que é feita esta caixa, quem sabe? (Nenhum talvez responda ou diga o nome de qualquer madeira). A madeira de que foi feita esta caixa chama-se—nogueira.—

—Agora vamos ver se vocês sabem dizer-me os nomes dos objectos que, nesta sala, são feitos de madeira.

—Você, Zilda.

—O batente é feito de madeira.

—Você, Benjamim.

—O assoalho é feito de madeira.

—Você, Arthur.

—O cavallete, a carteira, o tecto, a minha cadeirinha, etc.

Noemia: Arthur já me disse muitas cousas que são feitas de madeira. Você vae dizer-me mais alguma cousa:

—Aquelle piano é feito de madeira, esta caneta, a caixa do relogio, etc.

—Judith vae contar-nos em que mais se emprega a madeira.

—Em casa põe-se a madeira no fogo para queimar.

—E o que acontece depois de queimada, Raul?

—Fica toda ella em brazas.

—Muito bem. Mas será só a madeira de casa de Judith que queima? Diga-me você, Luizinho.

—Não, senhora; toda a madeira que se leva ao fogo queima.

—Toda a madeira? Então si eu puzer um pedaço de madeira verde ella tambem se queimará?

—Não senhora, só a madeira secca é que pega fogo.

—Muito bem. Assim como tambem é só com a madeira secca que se fazem todos os objectos que vocês vêm aqui.

—Sinhá vae me dizer si, depois que a madeira secca fica em brazas, serve para alguma cousa?

—Serve para o carvão.

—Bem. E o carvão para que serve, Zilda?

– Põe-se nos fogões, nas machinas, nos ferros de engommar.

—Qual de vocês me fallou na madeira que se chama canella? Como é que voce a conhece Arthur?

—Quando a queimam em casa, eu sinto um cheiro agradavel.

—Então podemos conhecer algumas madeiras pelo cheiro, como o Arthur conheceu a canella, não é assim?

—Esther, mas só pelo cheiro é que se póde conhecer uma madeira?

—Não, Senhora, pela côr tambem.

—Qual é a madeira então que você conhece pela côr?

—O jacarandá.

—Que côr têm?

—O jacarandá é preto.

—Quando vocês tiverem em suas casas um pedaço de canella, tragam-me uma lascasinha para a queimarmos e vêr si sentimos o cheiro, como disse o Arthur.

—Antonietta vai dizer-nos si no matto se encontra a madeira como está nesta caixa?

—Não!

—Ella é tirada de uma arvore.

—Muito bem; depois é que a preparam, não é assim?

—Então, Romeu, conte-nos o que foi esta caixinha e quem foi que a fez.

(Deve-se encaminhar as creanças a dizerem que a caixinha foi arvore, e quem a fez foi o marceneiro).

—Eu vou contar a vocês como ella chegou a ser caixinha:

«Vão ao matto alguns homens que se empregam em derrubar madeira, cortam as arvores a ma-

chado; depois as arvores já cortadas são serradas por machinas; depois da madeira serrada é que vae o marceneiro para elle fazer os objectos de madeira. E assim é que foi feita esta nossa caixinha.

—Mas as arvores não têm este lustro como esta caixinha. Quem foi quem deu lustre á madeira?

—Foi tambem o marceneiro.

—Sim, muito bem. Depois da caixinha prompta elle passou o verniz que a deixou assim como vocês vêm.

Até agora só tratamos das nossas caixinhas. No primeiro dia, vamos ver o que ellas contêm.

1.º Exercicio.—Distribuição das Caixas

As creanças, neste exercicio, podem conservar-se assentadas em suas cadeirinhas, ao redor da mesa.

Adopta-se o mesmo processo empregado no primeiro dom para as passagens das caixas sempre acompanhando a acção com um canto apropriado.

Vou dar hoje a vocês um outro brinquedo, muito interessante.

Colloque a professora, sobre cada mesa um numero de caixas do segundo dom, correspondente ás creanças que se acharem presentes.

(Uma bola collocada na mesa, á vista das creanças.)

A professora deve sempre acompanhar as creancinhas em todos os exercicios, tendo tambem uma caixa do segundo dom e uma bola, de que já fez uso no primeiro dom.

Devem estar as creancinhas assentadas e com as mãosinhas pousadas sobre a beira da mesa.

Execute a professora com as creancinhas um pequeno exercicio de gymnastica (Movimento dos braços.)

Depois que cada creança tiver deante de si a caixa do segundo dom, dirija-se a professora, do seguinte modo, á classe:

Quando eu dér o primeiro signal na campainha, cada uma de vocês colloque a mão esquerda na extremidade do lado esquerdo da caixa, firmando-a com os dedos pollegar e indicador; ao segundo signal colloquem a mão direita sobre a tampa; ao terceiro abram as caixas ao mesmo tempo; ao quarto tirem da caixa um brinquedo egual a este (Mostrando a bola do primeiro dom.)

Este exercicio será repetido por alguns dias até que as creanças se acostumem a mover as caixas por signaes dados pela campainha.

Descoberta a esphera pelas creanças, trate a professora de mandar fechar logo as caixas, porque existindo nellas outros brinquedos, é necessario que as creanças prestem attenção sómente ao objecto apresentado.

Depois que cada creança tiver na sua mão direita a esphera, dirija a professora a seguinte pergunta:

—Augusta, porque é que você tirou esse brinquedo?

—Porque a snra. disse que tirasse da caixa um brinquedo egual á sua bóla: foi o que eu achei.

—Alcides, em que são eguaes esses dois brinquedos?

—Os dois são eguaes na fórma.

—Bem.

—Aristides, que é que você tem em sua mão direita?

—Uma bóla.

—Maria, de que é feita a bóla?

—Minha bóla é feita de madeira.

—Zilda vae dizer-nos si a bóla que eu tenho na mão é egual á sua?

—Não, snra. A que a snra. tem é de borracha, e a minha é de madeira.

—Então, quando fôr feita de borracha nós diremos... bóla de borracha; e quando fôr de madeira, como havemos de chamal-a, Joãozinho?

—Uma bóla de páo, ou uma esphera de páo.

—Como sabe que é assim que se diz?

—Porque eu já ouvi dizer esta palavra «esphera».

—Faça-se com que todos pronunciem esta palavra, e continue-se:

—Que é que vocês tem em sua mão direita?

—Eu tenho em minha mão direita uma esphera.

—Arthur, você sabe si é mesmo uma esphera?

—Sim, snra. porque a esphera é de madeira e tem a mesma fórma da bóla.

—Quero que todos suspendam a esphera pelo cordel.

—Façam-n'a girar, assim, e vamos cantar o seguinte.

(Musica n. 34)

Girar, girar
Que o giro enxota o frio.
Girar, girar,
Num rodopio,
Sem descançar,
Oh, sim, girar!
Oh, sim rodar!

3. Exercicio. Similhanças entre dois objectos

Para este exercicio, devem-se distribuir á classe as bólas do 1.º dom a fim de comparal-as com a esphera.

— Vamos agora ver que outras similhanças tem a esphera com a bóla. Já vimos que são semelhantes na fórma.

— Em que mais a esphera se parece com a bóla, Ida?

— A esphera e a bóla rolam.

Façam-nas rolar sobre a mesa. Tomem agora a esphera com a mão direita, e a bóla na esquerda, e vamos vêr si podem achar mais alguma semelhança.

— Raul, diga-me você mais alguma cousa.

— As duas são redondas.

— Bem. Luizita, veja em que mais são parecidas?

— As duas giram e tambem podem ficar em repouso.

— Colloquem todas as espheras e bólas em repouso.

Como é que estão?

—Em repouso.

Suspendam a esphera pelo cordel com a mão direita e façam-n'a girar assim (descrevendo em circulo).

Cante-se.

(Musica n. 48)

Vou rodando em meu caminho,
Sem parar,
Tal qual um moinho,
Gentil, ligeirinho,
O milho a quebrar.

Em todo o exercicio que até aqui fizemos com a bóla e a esphera devem as creanças conservar-se sentadas, para melhor poderem comparar os dois objectos, collocando-os sobre a mesa quando necessario.

3º. Exercicio. Differença entre os dois objectos.

Faça-se ainda neste exercicio a distribuição dos dois objectos: a bóla e a esphera.

Tomem todos a esphera na mão direita, e a bóla na mão esquerda, digam-me em que são differentes?

—Você, Raul, qual a differença entre os dois objectos:

—A esphera é de madeira e a bóla é de borracha.

Outra: a esphera é pesada, e a bóla é leve.

—Que mais?

—A bóla salta quando cahe, e a esphera não.

—Outra.

—A esphera, quando cahe, faz barulho e a bóla não faz.

—Outra.

—A bóla é menor do que a esphera.

—Margarida?

—Dando uma pancada na mesa com a esphera, eu ouço um som mais forte do que se fizer o mesmo com a bóla.

—A esphera é dura e a bóla é macia.

Recolham-se as bólas, ficando só as espheras, e executem-se com estas os mesmos movimentos e posições que se fizeram com a bóla, sendo sempre os exercicios acompanhados por um canto apropriado.

4.º Exercicio.—Collocação da esphera em diversas posições

A classe deve conservar-se com as mãos na beira da mesa, tendo já cada creança deante de si uma caixa do 2.º dom. Não se deve aqui fazer a distribuição das bólas para não haver confusão.

Ao signal dado pela professora, cada creança deve segurar a esphera na mão direita.

Ordene a professora o seguinte:

—Colloquem a esphera sobre a caixa. Junto da caixa. Atraz da caixa. Na frente da caixa. No meio da tampa da caixa. Tomem agora a esphera com a mão esquerda e a caixa com a direita.

Colloquem a esphera em baixo da caixa, deixem-n'a em repouso. Abram as caixas e tirem os paosinhos que encontrarem dentro. Colloquem dois em pé

e um deitado e enfiem o cordel na esphera, e vamos ver como ella fica.

Diga-me você, Noemia, como ficou a esphera?

—Ella está-se movendo.

Então vamos cantando o seguinte:

(Musica n. 56)

Bim-bão, vai-vem, bim-bão!...
Move-te ao som desta canção;
Bim-bão, vai-vem, bim-bão!...

Depois do canto recolha-se o material

Um brinquedo com a esphera e a bola, que muito apreciam as creanças é o seguinte:

As creanças, de mãos dadas, formam um circulo' e a professora, venda-lhes os olhos com um lenço' devendo ellas ficar tambem com os braços extendidos para a frente.

A professora vai collocando na mão de cada um, ora a bola, ora a esphera dizendo o seguinte:

— Diga-me o que eu te colloquei na mão?

E' para que immediatamente a creança reconheça pelo tacto o objecto apresentado e faça com elle alguma cousa.

Não sendo reconhecido immediatamente pela creança, esta sahirá do brinquedo.

Devem ser estas mais ou menos as respostas:

Recebendo a creança a esphera: Esta esphera é pesada, ou a esphera é dura, ou a esphera é redonda, etc. Com relação á bola: esta bola é de borracha, ella póde cahir; eu estou segurando a bola pelo cordel, etc.

Este exercicio é de grande utilidade visto desenvolver nas creanças o sentido do tacto.

Depois de algumas creanças terem tomado parte no brinquedo, o qual não se deve prolongar por muito tempo, faça-se um pequeno exercicio de gymnastica e, durante o exercicio, cante-se o seguinte:

(Musica 117)

Todos em linha recta, iguaes nossos passinhos
Lá, lá.....
Depois numa espiral, como os caramujinhos
Lá, lá.....

Póde-se ainda variar o exercicio da esphera, collocando as creanças em roda e fazendo-as primeiro executarem com os pés um exercicio de gymnastica e cantando o seguinte:

(Musica 106)

O pé direito á frente,
O esquerdo para traz,
E á frente e para traz,
E á frente e para traz.

O pé esquerdo á frente,
O direito para traz,
E á frente e para traz,
E á frente e para traz.

Depois de bem exercitadas as creanças nos movimentos de gymnastica feitos com os pés, póde-se fazer o brinquedo seguinte:

A professora empurra uma esphera com os pés a uma das creanças, e esta deve rolal-a do mesmo modo para uma outra creança, e assim por deante, até todas terem tomado parte no brinquedo.

A creança que deixar a esphera sahir da roda, sahirá tambem fóra do brinquedo.

Para terminar o exercicio, dirá a professora:

—Por hoje é bastante o nosso exercicio com a esphera. Outro dia vou dar a vocês um outro objecto companheiro della.

Exercicio 5. O cubo, as faces, e suas superficie.

As creanças conservam-se ainda sentadas ao redor das mesas, e com as mãos pousadas sobre a beiras das mesmas.

Ao signal dado pela professora, fazem as creanças a passagem das caixas sendo, o exercicio acompanhado por um canto, a que ja nos referimos, quando tratámos do primeiro dom.

Desenhe-se no quadro negro um cubo, para ver si as creanças podem achar o objecto com forma egual na caixa.

Dirija-se a professora do modo seguinte á classe, depois de ter dado os signaes correspondentes para abrirem as caixas.

Tirem as espheras das caixas e colloquem-n'as sobre a mesa.

A professora mostrando o cubo que se acha desenhado, dirá o seguinte:

—Eu quero que vocês achem em suas caixinhas um objecto egual a este, e depois de o acharem fechem a caixinha.

Descoberto o cubo pelas creanças, deve-se fazel-as observarem-n'o por alguns instantes.

—Judith, você sabe dizer-me como se chama o objecto que você tem em sua mão?

—Não, snra.; nunca o vi.

A uma outra: Não sabe tambem?

Faça-se com que as creanças, por analogia, venham a denominal-o um cepinho.

Interrogue-se a classe: Como se chama?

—Um cepinho.

—Então todos tomem o cepinho, com a mão direita, e a esphera com a mão esquerda.

--Judith, que é que você tem em sua mão direita?

—Um cepinho.

—De que é feito o cepinho?

—Meu cepinho é feito de madeira.

Alcina, que é que você tem em sua mão esquerda?—Uma esphera.

Esther vae dizer-nos agora si acha a esphera parecida com o cepinho, e em que?

—Os dois são eguaes porque são de madeira.

—Em que mais são esses objectos parecidos?

—Na côr.

—Agora colloquem todos a esphera no meio da tampa da caixa, e vamos tomar o cepinho.

Zilda, vamos dar a esse cepinho, que você tem na mão, um outro nome; podemos chamal-o—cubo.

Faça-se então toda a classe repetir a palavra—cubo; mande-se que o colloquem em diversos logares da caixa

ou da mesa, formando ao mesmo tempo, sentenças mais ou menos como estas:

—O cubo está sobre a mesa.

—Eu colloco este cubo longe da caixa.

—Meu cubo está dentro da caixa, etc.

Continue-se assim até que fique bem gravada na memoria das creanças a palavra—cubo.

Depois destas sentenças determine a professora o seguinte:

Todos colloquem o cubo abaixo da caixa, e a esphera ácima e vamos dizer como elles estão:

Musica n. 46.

Abaixo, acima!
Como avesinhas,
Ou creancinhas,
Abaixo, acima!

—Colloquem agora o cubo e a esphera juntinhos e prestem-me muita attenção ás perguntas que vou fazer.

Neste segundo dom deve a professora dar ás creanças uma pequena idéa do que é um corpo.

—Quem poderá dizer-me si tudo occupa logar.

—Eu occupo um logar.

—Sinhá vae dezer-nos mais alguma cousa que occupe um logar:

—A cadeira occupa um logar, o relogio, a campainha, a pedra, etc.

Deve a professora fazer com que as creanças comprehendam que tudo occupa logar.

—Então tudo occupa logar, não é assim? Tanto faz que seja um objecto grande como pequeno; vocês já sabem que, sendo elle grande, occupa maior logar, e que sendo pequeno, menor logar.

—Ninguem sabe dizer-me como se chama tudo quanto occupa um logar?... Chama-se corpo.

Interrogue-se a classe: Como se chama?...

—Um corpo.

—Quero que cada um de vocês me diga o nome dum corpo, formando com elle sentenças.

Serão mais ou menos sentenças como estas:

—A cadeira é um corpo.

—A mesa é um corpo.

—Esta regua é um corpo, etc.

Dirá talvez um:

—Eu tambem sou um corpo?

—Certamente, você tambem é um corpo.

—Eu vou ensinar a vocês como se póde chamar tambem a esphera, o cubo, e o outro objecto que ha na mesma caixa.

—Chamam-se tambem solidos.

Interrogue-se a classe, tendo o cubo em uma das mãos: Nós podemos chamar a isto um cubo ou um... solido.

—Judith, porque isto se chama tambem um corpo ou um solido?

—Porque occupa um logar.

Bem. Então nós já sabemos o que é um corpo ou um solido.

Todos da classe tomem o cubo na mão esquerda com os dedos pollegar e indicador, e, com a mão direita, cubram a parte superior.

—Quem poderá dizer-me como se chama a parte do cubo onde vocês estão com a mão direita?

—Não sei, dirá um.

A professora deverá então passar a mão pela face de uma das creanças e perguntará:

—Em que logar do corpo deste menino, estou eu passando a mão?

—A snra. está passando a mão na cara delle.

—Quem sabe dizer-me o outro nome que tem a cara?

—Face.

As creanças devem aprender a palavra--face—quando se tratar da divisão do nosso corpo.

—Pois bem, continuará a professora; podemos chamar tambem face a esta parte do cubo.

—Face do cubo, Maria, será a parte de fóra ou de dentro?

—E' a parte de fóra porque a de dentro eu não posso ver.

--Zilda, como se chama a parte de fóra do cubo ou dos solidos?

—Chama-se face.

—Todos segurem o cubo por duas faces.—Por onde vocês estão segurando o cubo?

—Pelas faces.

—Bem, agora escutem:—Voces, pela manhã, acordam, vem para o Jardim, aqui cantam, brincam, de-

senham, etc., e quando chega a noite vão para suas caminhas dormir; o mesmo se dá com o nosso cubo: trabalhou tanto comnosco hoje, que já nos pede o seu descanço. Vamos deixal-o ou antes, levemol-o para a sua caminha para que elle descance.

—Maria, onde será a caminha do cubo?

—A caminha do cubo é dentro da caixa em que sempre elle está.

Então levemol-o até lá.

(Musica n. 53)

O cubo está cançado,
Repouso vai pedir...
Deixeimol-o dormir,
Deixeimol-o dormir.

(Musica n. 54)

Levemol-o á caminha,
Bem fôfa bem quentinha,
Que durma e sonhe bem,
Que durma e sonhe bem!

—Iracema, que está fazendo o nosso cubo?

—Elle está dormindo.

—Mas já faz muito tempo que elle dorme, não é assim? Você dorme tanto como elle?

—Não, senhora.

—Como é que se chama a pessôa que dorme muito?

—Chama-se preguiçoso.

—Então, o nosso cubo é um preguiçoso, porque está dormindo demais.

—Vamos cantar bem pertinho delle para ver si poderemos accordal-o com o nosso canto.

(Musica n. 55)

Eia, acordar
E trabalhar!
Não gosto da preguiça,
Voltae á nobre liça!
Oh! vinde, ligeirinhos,
Meus bons companheirinhos.

(Obs.) O verso acima não se refere sómente ao cubo, como tambem aos outros solidos que se acham na mesma caixa.

A superficie

A esphera e o cubo ainda se acham dentro da caixa.

Mande-se que as creanças passem a mão sobre a caixa, sobre a mesa, sobre a pedra, dando por este modo uma idéa do que seja uma superficie.

E pergunte-se:

—Em que parte da caixa ou da mesa vocês estão passando a mão? Naturalmente dirão que é na face da mesa ou da caixa, etc.

—Sim, é na face, continuará a professora; mas, podemos dizer tambem superficie para a parte de fóra da mesa, da caixa, da pedra, a parte por onde

vocês passaram a mão; sómente para o cubo é que dizemos face.

Faça-se com que repitam a palavra superficie, mandando-se todas as creanças passarem as mãos em diversas superficies.

—Esther, passe a mão na superficie de sua mesa. Que voce acha?

—E' bem lisa ou direita a superficie.

—Luizinho, passe a mão na superficie dessa lousa.

—E' tambem bem direita a superficie.

—Guiomar, vai dizer-nos como se chama uma superficie quando é bem direita?

—Chama-se superficie recta.

Ella dirá talvez assim, porque já ouviu a professora dizer que uma linha quando está bem direita chama-se linha recta.

—E' superficie recta, Guiomar, mas pode-se tambem chamal-a superficie plana.

Interrogue-se a classe:

—Como se diz de uma superficie quando é bem direita?

Deve a classe responder promptamente.

—De uma superficie que é bem direita se diz: superficie plana.

Trace a professora no quadro negro um circulo e mande que as creanças tirem das caixas as espheras.

—Passem todos a mão sobre a superficie da esphera.

Helena, olhe para sua esphera e para o que está alli desenhado na lousa. Que nota você?

— A minha esphera e a figura que está desenhada na lousa, são parecidas na fórma.

—Qual é a fórma que está desenhada na lousa?

—E' de uma curva, diz o Arthur.

— Antonietta, uma figura curva é direita ou torta?

—E' torta; recta é direita.

—Então que superficie é a da esphera?

—A esphera tem a superficie curva.

—Todos passem a mão na superficie da esphera. Como se chama a superficie da esphera, Mario?

— A superficie da esphera chama-se superficie curva.

—Porque é que se chama superficie curva?

—Porque a snra. disse que uma superficie bem direita chama superficie plana; a superficie da esphera é torta, é parecida com aquella curva que está na lousa.

—Todos tomem a esphera e colloquem-n'a na frente da caixa, e com a mão direita segurem o cubo.

—Joãosinho, passe a mão sobre as faces do cubo.

—Que nota você?

—As faces são bem direitas.

—Então quando uma face ou superficie é bem direita, como se diz?

—Diz-se face ou superficie plana.

Bem. Pode-se dizer tambem: superficie chata para as superficies como as do cubo, assim como: superficie arredondada para a superficie da esphera po-

rém, é melhor dizer que a esphera tem a superficie curva, e o cubo tem as faces planas.

—Agora todos vão dizer-me que nomes devemos empregar para nomear as faces do cubo?

Diga-me você, Nino.

—As faces do cubo são planas?

—Muito bem. Nino já soube dizer-me que é uma superficie ou face plana.

Insista-se para que as creanças descubram objectos cujas superficies sejam: planas e curvas. Depois de bem conhecidos esses termos, devemos empregal-os na construcção de sentenças.

Agora abram suas caixas, colloquem o cubo para elle descançar.

Exercicio 7. Differenças entre os dois solidos

Dirija-se a professora do modo seguinte á classe:

Eu hoje quero que as meninas representem espheras ou cubos. Que preferem ser?

—Nós queremos ser as espheras.

—Pois então os meninos serão os cubos.

—Vocês acham-se parecidos um com outro?

—Somos parecidos em alguma cousa.

—Assim são tambem a esphera e o cubo, parecem-se em alguma cousa, mas tambem são differentes.

A professora porá de parte em uma caixa tantos cubos quantos forem os meninos, destribuindo-os depois como ja dissemos, quando tratámos do exercicio das bólas, procedendo-se do mesmo modo com relação ás espheras que serão destribuidas ás meninas.

Devem ser passadas em 1.º logar as espheras, depois os cubos.

Depois que cada menina tiver uma esphera e um menino, um cubo, mandará a professora que as creanças tomem a esphera na mão esquerda, e o cubo na direita.

Cada um de vocês vae dizer-me qual é a differença entre a esphera e o cubo.

A creança que for interrogada pela professora deverá naturalmente ter só um solido, não podendo, portanto, mostrar a differença. Deve então pedir emprestado ao vizinho da direita o solido que lhe falta.

Deve-se insistir para que as creanças peçam emprestado qualquer objecto ou solido que lhe falte, usando destas palavras, mais ou menos.

Si fôr uma menina a fallar: Mario, faze-me o obsequio de emprestar-me o teu cubo por um instante?

Deve-se fazer com que este responda:

—Pois não, com muito gosto; quando precisares de mim sempre estarei ás tuas ordens.

Deve a menina agradecer mais ou menos assim:

—Obrigada, Mario. (Fazendo uma pequena inclinação com a cabeça).

Quando for o menino o interrogado deve usar das mesmas phrases.

Com este exercicio, as creanças aprenderão a pedir emprestado qualquer objecto, usando de polidez, convindo mesmo repetir-se algumas vezes, até que o executem com bastante desembaraço.

A professora chamando uma menina, continuará a lição:

—Luizita, em que a esphera não é parecida com o cubo?

—A esphera róla e o cubo pára.

—E porque ella róla?

—Róla porque é bem redondinha.

—Role tambem o cubo como a esphera.

—Elle não pode rolar, como a esphera, porque tem muitas faces.

—Bem. Fritz, vai nos agora dizer mais alguma cousa a respeito do cubo e da esphera.

—O cubo tem cantinhos, a esphera não os tem, a sua superficie é curva.

—A esphera só tem uma superficie, o cubo tem muitas.

Deve a professora fazer com que as creanças descubram todas as differenças que existem entre os dois solidos.

Exercicio 8. A faces do cubo.

A classe deve continuar collocada do mesmo modo que é na lição anterior (em roda).

Até o exercicio anterior haviamos empregado o cubo que tem elle um annel no qual enfiavamos um cordel.

Neste exercicio deixamol-o de parte, e vamos usar do cubo sem annel. Como vimos, na caixa do segundo dom vêm dois cubos, um para os exercicios de—comparação, e outro—para o conhecimento das faces e para desenho.

Tratemos pois, do conhecimento das faces do cubo.

Depois de feita a distribuição dos cubos a cada creança, mande a professora que todos passem a mão sobre uma das faces.

—Quem sabe o que é face do cubo?

— E' a parte de fóra do cubo.

—Bem. Quantas faces tem o cubo, Durval?

—O cubo tem muitas faces.

—Então eu quero que cada creança ache uma face do cubo.

Faça-se com que as creanças mostrem as faces com os dedos, ficando com estes sobre a face indicada.

—Augusta, mostre-me uma face do cubo.

Judith, outra; e, assim por deante, até que achem as seis faces do cubo.

—Quantas foram as creanças que acharam as faces do cubo? Conte você Manoel.

—Uma, duas, tres, quatro, cinco e seis. Seis meninas.

—Cada uma mostrou uma face, não é? Então quantas faces tem o cubo?

—O cubo tem seis faces.

Em todo o exercicio feito com os cubos devem as creanças segural-os com a mão esquerda, auxiliando-se dos dedos, pollegar e indicador, e tambem pelas faces, superior e inferior.

A professora deve fazer com que as creanças mostrem uma face e a opposta immediata, mostrando por este modo o que seja— opposto.—

Depois que souberem que o cubo tem seis faces, pódem-se ensinar, na classe dos maiores, as diversas denominações das differentes faces, segundo a sua posição, como: a superior, a inferior; a direita, a esquerda; a da frente e a de traz.

Faça-se para isso o seguinte exercicio:

Segurem todos o cubo pelas faces superior e inferior.

—Como estão segurando o cubo?

—Eu estou segurando o cubo pelas faces superior e inferior.

Segurem-n'o pelas faces direita e esquerda, pela da frente e de traz, assim.

Colloquem agora o cubo sobre a mesa, de modo a occupar um quadradinho della. Empreguem-se neste exercicio os cubinhos usados para a contagem a fim de que as creanças observem que o quadradinho da mesa é igual a uma das faces do cubo.

—Como é que está o cubo, Chiquita?

—O cubo está em repouso sobre um quadradinho da mesa, e descançando sobre uma das faces.

—Porque será que a esphera não pára como o cubo, Oswaldo?

—Porque a esphera tem a superficie curva e o cubo tem as faces planas, como a mesa.

—Todo o solido que fica parado, assim como o cubo diz-se que é—estavel.

Interrogue-se a classe:

—Como se diz?

—Estavel.

—A esphera será estavel, Zilda?

—Não snra. porque não pára.

—Quantas faces tem o cubo, Sinhá?

—O cubo tem seis faces.

—Eu quero que vocês segurem o cubo de modo a que só appareça uma face.

As creanças segurarão o cubo com os dedos pollegar e indicador, de modo a fazerem um circulo com os dedos indicados para esconder as outras faces.

—Quantas faces mostra agora o cubo?

—O cubo mostra só uma face.

—Onde estão as outras faces?

—As outras faces estão escondidas.

—Qual de vocês conhece um brinquedo em que se procura descobrir um objecto, que, como algumas faces do cubo, se acha escondido?

—Talvez alguem responda: «o esconde, esconde».

Pode-se fazer um brinquedo egual a este com as creanças, mandando-se esconder o cubo em qualquer logar da sala.

Exercicio 9.—Linhas, cantos, angulos, quadrados e arestas do cubo

Neste exercicio a classe deve conservar-se assentada e a professora fará sómente a distribuição dos cubos usados para os exercicios de desenho.

Encaminhem-se as creanças na descoberta de mais alguma das qualidades do cubo.

—Diga-me você, Mimi; que vê no cubo?

—Eu achei uma linha em pé.

—Uma linha quando está nessa posição, como se chama, Raul?

—Chama-se uma linha recta vertical.

Deve a professora mandar as creanças reproduzirem com paosinhos todas as linhas que forem achando no cubo.

—Vamos ver quem póde achar outra recta vertical?

—Eu, já achei uma.

—Quantas linhas rectas verticaes já achámos, Waldemar?

—Já achámos duas linhas rectas verticaes.

—Vejam se acham outras.

—Ao todo quantas linhas rectas verticaes?

—Faça-se com que contem apontando as arestas com os dedos: uma, duas, tres, quatro.

—Achámos no cubo quatro linhas rectas verticaes.

Já achamos muitas cousas no cubo: faces e linhas rectas verticaes. Quero ver si a Luizita póde achar mais algumas linhas que não sejam verticaes.

—Achei uma linha recta deitada.

—Qual de vocês me póde dizer como se chama a linha que está deitada? A Luizita não soube dizer-me como se chama.

—A linha que está deitada chama-se linha recta horizontal.

Deve a professora fazer cada creança achar no cubo uma linha recta horizontal até terminarem as oito linhas rectas horizontaes que elle contém.

Quando terminar a contagem observada por ellas, a professora dirá o seguinte:

— Quantas foram as creanças que acharam no cubo as linhas rectas horizontaes?

Chame a professora uma creança das que não contou e faça-a contar: uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete e oito.

— Oito meninas, responderá ella.

— Si cada menina achou no cubo uma linha recta horizontal, quantas linhas horizontaes tem o cubo?

Diga você, Noemia:

— O cubo tem oito linhas rectas horizontaes.

— E quantas linhas rectas verticaes tem, José?

— O cubo tem quatro linhas rectas verticaes.

— Mario, de qual das linhas é maior o numero: das linhas verticaes ou das horizontaes?

— Das horizontaes, porque são oito, e as verticaes são apenas quatro.

Faça-se a classe repetir:

— Quantas faces tem o cubo? Fazendo-se sempre as creanças contarem com os dedos.

— O cubo tem seis faces.

— Quantas linhas rectas verticaes tem o cubo?

— O cubo tem quatro linhas rectas verticaes.

— Quantas linhas rectas horizontaes tem o cubo?

— O cubo tem oito linhas rectas horizontaes.

— Durval vae achar mais algumas linhas.

Si as creanças não poderem achar as linhas parallelas do cubo, a professora as traçará no quadro ne-

gro e mandará que achem linhas como aquellas no cubo.

Logo que as descobrirem, devem mostrar todas as que existem no cubo.

—Vamos passar a mão sobre todas as faces do cubo para ver si achamos mais alguma cousa?

—Diga-me você, Aristides; nota mais alguma cousa?

—Eu achei neste cubo uns cantinhos.

—Muito bem!

Faça-se cada creança contar os oito cantinhos que tem o cubo, contando-os um por um.

Depois deve-se fazer toda a classe repetir e ir contando: um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito.

—Oito cantos tem o cubo.

Levantem todos o cubo por um canto, e vamos cantando o seguinte:

(Musica n. 41)

Eis-me suspenso no ar
Contente a me baloiçar;
Conforme quero, vou certo,
De ti mais mais longe ou mais perto...
E longe e perto...

—Quem sabe algum brinquedo de cantos? Você sabe Antonietta?

—Eu sei um brinquedo de quatro cantos, ficando um menino no centro.

Faça-se com que a creança explique esse brinquedo, aproveitando-se a professora da explicação para um exercicio de linguagem.

A professora póde executar com as creanças, num pequeno exercicio, o brinquedo denominado «quatro cantos», fazendo o seguinte: collocam-se quatro creanças e tomam-se seus cubos para depositál-os no logar designado pela professora, isto é, num quadrado, ficando cada uma num extremo e collocando no centro um cubo que deve ser movido por outra creança.

Ao signal dado pela professora, com a campainha, devem mudar os cubos dos cantos até que o do centro ache logar, e assim por diante.

Angulos e quadrados do cubo

As creanças devem conservar ainda o cubo na mão.

Dirija-se a professora do seguinte modo á classe:

Nós já achámos em nossos cubos: faces, diversas linhas, e cantos; vamos hoje achar nelle mais alguma cousa.

—Desenhe a professora no quadro negro um angulo recto, e pergunte á classe como se chama aquella figura?

—Talvez alguma das creanças responda: E' um angulo recto.

—Então eu quero que vocês achem angulos rectos em seus cubos.

Faça a professora com que as creanças verifiquem que o cubo tem tantos angulos quantos são os cantos.

—Arthur, então quantos angulos rectos tem o cubo?

—O cubo tem oito cantinhos e a snra. disse que elle tem egual numero de angulos, logo o cubo tem tambem oito angulos.

—Faça-se com que cada creança mostre um angulo para assim ficarem todos com a noção exacta.

—Interrogue-se depois a classe sobre quantos angulos rectos tem o cubo?

Faça-se com que as creanças contem: um, dois tres, quatro, cinco, seis, sete, oito.

—O cubo tem oito angulos rectos.

Mande-se cada creança tomar o seu cubo na mão esquerda e examinar qual é a forma que tem as faces.

—Benjamim, você sabe dizer-me qual é a fórma que tem a face do seu cubo?

—A face do meu cubo tem a fórma quadrada.

—Como sabe que é a fórma dum quadrado?

Porque as linhas das faces tem o mesmo tamanho.

—Só por isso? Esta caixinha (Caixa rectangular) tem tambem a fórma quadrada?

E' preciso insistir com as creanças mostrando que um quadrado tem sempre as quatro linhas eguaes os angulos rectos.

Mostrem-se figuras quadradas e mande-se que indiquem algumas.

—Que fórma tem então as faces no cubo, Antonio?

—As faces do cubo tem a fórma dum quadrado.

—Quantos quadrados tem um cubo?

—Um cubo tem seis quadrados.

Mande-se que passem a mão sobre as linhas que fórmam o contorno das faces ou do quadrado.

Ensine-se que os contornos de uma superficie são as linhas que a fórmam.

—Quem sabe dizer-me como se chamam as linhas que tem o cubo e que nos machucam quando lhes passamos os dedos por cima?

—Deve-se dizer que se chamam quinas ou arestas.

Interrogue-se a classe a esse respeito.

—Maria vae dizer-me então o que são arestas do cubo?

—Arestas são estas linhas do cubo que nos machucam quando passamos a mão sobre ellas.

—Quero que cada um ache em seu cubo uma aresta. Helena, você; procure uma.

—Faça-se as creanças acharem as doze arestas do cubo.

Pergunte-se quantas arestas acharam no cubo?

—Uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze.

—Doze arestas achamos no cubo.

Deve-se mandar que mostrem as arestas de diversos objectos e contar tambem quantas arestas verticaes e horizontaes tem o cubo.

(*Obs.*) O exercicio de linhas, angulos, cantos e arestas do cubo, deve ser sómente pratico, ficando

pois sob o criterio do professor amplial-o mais ou menos, evitando, ao mesmo tempo, que se torne elle fastidioso.

O ultimo exercicio que fizémos com o cubo deve ser sómente feito nos Periodos mais adiantados do «Jardim da Infancia,» visto depender de maior attenção por parte das creanças.

Exercicio 10.º O Cylindro

As creanças devem estar sentadas rodeando as mesinhas, tendo cada uma, em sua frente, a respectiva caixinha.

A professora dará os signaes para serem abertas as caixas, dizendo: Eu quero que tirem de suas caixas um objecto, cujo nome vocês ainda não sabem, e depois que o acharem, fechem-n'as.

Encontrado o cylindro pelas creanças, continue-se:

—Tomem o objecto, que vocês encontraram na caixa, com a mão esquerda.

—Joãosinho, como se chama o objecto que você tirou da caixa?

—Não sei o nome delle, mas eu acho-o parecido com a esphera o cubo.

—Que acha você, Margarida?

—E' tambem parecido com um rôlo que a mamãe tem em casa.

—Vocês ouviram a Margarida dizer com que se parece esse solido? Quem ouviu?

—E' um rôlo.

—Mas o rôlo que usamos em nossas casas tem um cabinho em cada extremidade, e este não tem?

—Eu sei como nós podemos tambem chamal-o.

— Como é então?

— Podemos chamar-lhe cylindro.

—Muito bem, Ida; você acertou com o nome exacto.

Faça-se então toda a classe repetir a palavra cylindro.

—Agora todas as creanças vão dizer-me alguma cousa do cylindro e ver o que elle póde fazer.

As respostas serão mais ou menos assim:

—O cylindro é um solido.

—Este cylindro póde ficar de pé.

—Meu cylindro é feito de madeira.

—O cylindro róla.

—Si eu torcer o cordél do cylindro, elle gira.

Então todos torçam o cordel dos cylindros como fez Manoel, e vamos ver como elles ficam.

Nunca se deve fazer as creancinhas repetirem a mesma palavra no principio das sentenças o que se tornaria um vicio incorrigivel.

—Vamos agora collocar o cylindro em diversos logares da mesa, e da caixa.

Colloquem o cylindro sobre a caixa; á direita da caixa; em cima da caixa; perto da caixa; longe da caixa; sobre a mesa, debaixo da mesa.

Desde que já conheçam os cantos superior e inferior, direito e esquerdo da mesa, deve se mandar

collocal-o tambem nestes logares: colloquem o cylindro no canto direito inferior da mesa, ou no canto direito superior da mesa, ou então no canto inferior á esquerda da mesa; e assim por deante até que se familiarisem bem com a palavra que lhes é agora ensinada.

Deve a professora ter o cuidado de fazer sempre as perguntas por sentenças completas, assim como tambem só acceitar as respostas pelo mesmo modo.

Exercicio 11.º—As faces do cylindro

Arthur, tome o cylindro e veja quantas faces tem elle?

Faça-se com que elle as mostre com os dedos.

—O cylindro tem duas faces: uma em cima, uma em baixo: e uma superficie curva no meio.

Joãosinho, o Arthur disse que o cylindro tem duas faces; uma em cima, uma em baixo e uma superficie no meio.

—Sabe como se chamam as faces de cima e de baixo do cylindro?

—Para a face de cima do cylindro nós dizemos: face superior; e para a face de baixo nós dizemos face inferior.

—Então, quantas faces tem o cylindro e quaes os nomes dellas?

—O cylindro tem duas faces: superior e inferior, e uma superficie curva no meio.

—Agora quero que todos tomem o cylindro com a mãosinha esquerda, e com a direita passem a mão sobre as faces para verem o que acham.

—A face superior e inferior do cylindro são planas.

—Diga-me, você Mario; e a superficie que forma tem?

—A superficie tem a fórma curva.

—Luizinho vae contar-nos tudo que acabamos de saber do cylindro.

—O cylindro tem duas faces planas, superior e inferior; e uma superficie curva que é a do meio.

—Muito bem, Luizinho, você merece hoje um premio.

Agora segurem as creanças o cylindro pela superficie curva, ou pelas faces superior e inferior, afim de se fazer um pequeno exercicio de movimentos; (o mesmo que já tivemos occasião de fazer quando tratámos dos exercicios com a bola).

—Antonietta, que superficie será que forma o cylindro: será plana, ou curva?

—E' superficie curva.

—Quantos angulos tem o cylindro, Benjamim?

—Nenhum, porque elle só tem linhas curvas, e a snra. disse que sem linhas que se encontrem não existem angulos.

—Vamos observar uma das faces planas do cylindro, José. Passe a mão sobre seu contorno. Faça toda a volta com o dedo, o que acontece?

—Forma uma curva, ou não tem angulos.

—Vamos procurar quantas arestas tem o cylindro.

—Nenhuma aresta.

—Mario, você sabe tambem como se chamam as faces superior e inferior do cylindro? A face su-

perior chama-se tambem cimo; e a face inferior—base.

Tome a professora o cylindro pelo cimo e pela base e pergunte ás creanças o seguinte:

—Quem será capaz de dizer-me de que modo eu estou segurando no cylindro?

—A snra. está segurando o cylindro pelo cimo e pela base.

—Agora eu quero que vocês suspendam o cylindro pelo cordél e movam-n'o da direita para a esquerda.

—Conhecem alguma cousa que sempre se acha movendo da direita para a esquerda?

—A pendula do relogio, naturalmente responderão as creanças.

—Então vamos fazendo com o cylindro o mesmo que faz a pendula do relogio e cantando o seguinte:

(Musica n. 43)

Ora á esquerda, ora á direita
Minha vista se deleita.
. . . . . .

Exercicio 12.º—O Circulo

Colloca-se a classe em circulo, fazendo a professora a distribuição dos cylindros.

Depois da sua destribuição que deve ser acompanhada dum canto, como vimos no exercicio da bola, mande a professora as creanças tomarem o cylindro

com a mão esquerda, e com a direita examinarem a fórma que tem as faces superior e inferior.

— Esther, veja se você póde dizer que fórma têm as faces superior e inferior do cylindro?

— As faces superior e inferior do cylindro têm a mesma fórma do nosso annel de ferro.

— Que fórma tem então o annel de ferro?

— A fórma do annel de ferro é a dum circulo.

— A professora, apresentando o annel: ambos tem a mesma fórma?

— Sim, snra. ambos têm a mesma fórma.

Devem as creanças todas repetir: as faces superior e inferior do cylindro tem a forma d'um circulo.

O exercicio que acabámos de fazer, isto é, o reconhecimento feito pelas creanças da fórma circular é de grande utilidade nos Jardins da Infancia, visto que depois de bem conhecidas as linhas rectas pela pratica feita com os paosinhos ou varetas, deve-se fazer as creanças executarem figuras que representem fórmas curvas, preparando por este modo novo terreno no campo da intelligencia infantil para quando tiverem de cultival-a de modo mais apurado.

A referencia aos anneis é um optimo auxilio para a comprehensão das curvas, devendo porém ser feito sómente em classes mais adiantadas.

— Colloquem agora o cylindro sobre a mesa, e vejam si podem fazer com os dedos um circulo.

— Eu já fiz.

— Como é que fez, Judith?

— Eu juntei os meus dedos indicador e pollegar e elles ficaram em forma dum circulo.

—Façam todos como Judith, um circulo com os dedos.

—Cada um de vocês vai dizer-me um objecto que tenha a fórma dum circulo.

—Deodoro, você?

—Um vintem tem a fórma d'um circulo.

Outro.

—Quando nós brincamos ficamos em circulo.

—Pela manhan, quando vamos cantar o «Bom-dia» estamos em circulo.

Depois de bem conhecido o circulo, mande-se que passem a mão sobre o cylindro e passem os dedos sobre o circulo.

Então dirá a professora: circulo é tudo isto (passando o dedo sobre as superficies planas do cylindro).

—Quem sabe dizer-me o nome que se dá a esta linha curva que fica á roda do cylindro?

E' muito provavel que as creanças não saibam dizel-o.

Deve-se ensinar que a linha curva, que fica á roda do circulo, chama-se circumferencia.

Mande-se as creanças passarem a mão sobre a circumferencia do cylindro.

E' preciso que a professora tome muito cuidado em não deixar as creanças confundirem o circumferencia com as faces do cylindro.

Mande-se a classe toda repetir a palavra—circumferencia.

—Reparem todos para uma das faces planas do cylindro. Que é que estão vendo?

—Ha um furinho no meio do circulo.

—Sim, é no meio do circulo, mas nós podemos chamal-o por outro modo. Pode-mos chamar-lhe centro.

—Esther, então aonde está collocado o furinho?

—O furinho está collocado no centro do circulo

—Perfeitamente, centro é o meio dum circulo—dirá a professora.

Faça-se as creanças mostrarem objectos collocados no centro da sala, no centro da mesa, voltarem-se ao centro, etc.

Exercicio 13.º—Comparação entre os tres solidos

Faça-se a distribuição das caixas ás creanças.

—Tirem das caixas todos os brinquedos e colloquem-n'os sobre a tampa da caixa.

—Edgardo, você vai dizer-nos em que elles são eguaes.

—São eguaes por serem de madeira.

—Outro.

—Por serem pesados, lisos, sonóros, da mesma côr, etc.

Bem; já vimos que elles têm muita cousa egual, agora vamos ver a differença entre elles. Raul, tome a sua esphera e o seu cylindro e veja em que elles se parecem.

—O cylindro tem uma superficie curva, como a esphera.

—Outro.

—Si eu girar o cylindro, elle fica como a esphera.

—Outro.

—Deitando-se o cylindro, elle rola tambem como a esphera.

—Agora é o Antonio que vai comparar o cubo e o cylindro, e ver si elles se parecem.

—São parecidos por terem faces planas.

—Em que mais são parecidos?

—O cylindro é parecido com o cubo porque os dois são estaveis.

—Si eu girar o cubo, elle fica como um cylindro.

Depois de bem conhecidas pelas creanças as semelhanças e differenças que existem entre os solidos, póde-se deixar que ellas os arranjem como quizerem, utilizando-se tambem as creanças dos accessorios que existem nas caixinhas, isto é, dos pausinhos que devem ser todos collocados nas caixinhas.

Depois que cada creança tiver arranjado o seu brinquedo, dirá a professora o seguinte a uma dellas, que tiver collocado a esphera na frente, o cubo no meio e o cylindro atraz: diga-me como está collocada a tua esphera?

—A esphera está collocada adeante do cubo e do cylindro.

A uma outra que tiver collocado a esphera no meio, entre o cubo e o cylindro:—Como está collocada a sua esphera, Mario?

—Naturalmente elle responderá: A esphera está collocada no meio do cylindro e do cubo.

As creanças que tiverem a esphera collocada na frente, virem a caixa de modo que a esphera fique justamente em posição contraria.

Deve-se fazer com o cubo e o cylindro os mesmos exercicios.

São de grande utilidade estes exercicios porque as creanças aprendem a distinguir os objectos collocados adeante, no meio ou centro, e atraz. Em seguida deve-se mandar as creanças arranjarem nos furinhos que têm os solidos os pausinhos, afim de observarem por este meio os movimentos, devendo ficar os solidos suspensos ao pausinho transversal para serem feitos os movimentos.

Mande-se que as creanças guardem todo o material nas caixinhas, que são, finalmente, arrecadadas pela professora.

Lembramos ainda um exercicio relativo ao assumpto de que ligeiramente nos occupamos, e resumidamente consiste no seguinte:

A professora retirará de cada caixa um solido differente com o competente cordel, e dirigindo-se á classe:

—Colloquem todos os solidos que têm suas caixas sobre a mesa, e vejam si vocês reconhecem o desapparecimento do solido que falta.

Dirá um immediatamente: Nesta caixa falta o cubo.

—Eu não tenho o cylindro.

—Falta-me a minha esphera.

Assim a professora observará que as creanças deram logo pela falta do objecto préviamente retirado da caixa e portanto, que houve um raciocinio por parte dellas, ou antes, que entrou em jogo a intelligencia infantil, preparando-se assim para ulteriores ensinamentos.

A professora fará entrega ás creanças do solido que lhes faltar e mandará fazer alguma cousa com elles.

—Que fizeram vocês?

—Eu fiz com os meus solidos um muro para minha casa.

—Os meus brinquedos estão collocados em fórma de torre.

—Eu fiz com os meus solidos uma escadinha.

Não obstante as respostas pouco precisas das creanças, deve a professora animal-as sempre até conseguir dellas uma resposta satisfactoria, não devendo, outrosim, precipitar a solução das perguntas.

Cada creança deve, pois, arranjar de modo differente os objectos afim de poder a professora guial-as no desenvolvimento de outra questão não menos importante: a linguagem.

Este exercicio é de summa importancia, pois prepara as creanças para o 3.º dom, em cujo exercicio entram as noções rudimentares de construcções, ficando ellas, por este e outros exercicios, com o espirito preparado para mais facilmente seguirem o methodo intuitivo.

Nas construcções feitas pelas creanças, taes como um muro, uma torre, uma escadinha, etc., a respeito de cada uma fará a professora um pequeno exercicio de linguagem perguntando:

1.º —Que é isto? De que é feito? Para que serve? Quem o fez?

Cada objecto no Jardim da Infancia suggere certo numero de perguntas que a professora deve fazer ás creanças, procurando sempre, por meio de palavras faceis, fazer com que ellas profiram phrases completas, facto este que constitue uma verdadeira gymnastica do espirito.

Aproveitemos ainda este exercicio para dar ás creanças uma pequena idéa do que seja parte e do que seja todo.

Dirá a professora o seguinte: Raul, para você construir sua torre, que foi preciso?

—Foi preciso collocar um solido sobre outro.

—Muito bem! Então cada cubo o que é da torre? é uma parte, não é? Para construir sua torre, quantas partes você empregou? Tres partes.

—A torre toda é composta de partes, assim como tambem esta casa, esta mesa, esta caixa, etc.

Devem-se fazer alguns exercicios a respeito das partes componentes e do todo de diversos objectos, afim de não causar ás creanças sorpresa quando tiverem de se occupar com os objectos empregados no 3.º dom.

Ensine-se as creanças a formarem um todo com diversas partes, o que equivalerá a fazel-as construir, e tambem a separarem as partes dum todo, o que equivale a decompôr.

—Agora, dirá a professora; decomponham as partes do que vocês construiram, e guardem-n'as dentro de suas caixas.

Com alguns exercicios semelhantes a estes, as creanças aprenderão o que sejam: partes e todo.

Um exercicio que muito apreciam as creanças é o seguinte. Colloca-se a classe em roda, dizendo a professora: Vamos hoje fazer um brinquedo de adivinhação com os solidos. Eu dou duas partes delles para vocês adivinharem o que falta para completar o todo. A creança que o adivinhar será amanhan o nosso «chefe» da sala.

Chefes da sala no Jardim da Infancia são as creanças que ajudam a professora no exercicio diario da classe, na distribuição do material, na distribuição das cestas e chapéos, etc., e que ficam na frente da marcha, commandando.

Tão apreciadas são as prerogativas que têm os chefes da sala no Jardim, que as creanças nem cabem em si de contentes quando, pela manhan, a professora depois de ter feito os seus cumprimentos ás suas mimosas florinhas e de recebel-as com caricias, declara o nome da escolhida.

Proclama a professora: Será hoje a nossa chefe ou nosso chefe.....

Vê-se mudar completamente a physionomia da creança escolhida, e irradiante de contentamento, os olhos brilhantes, volta-se ella para os seus collegas afim de dizer: Minha professora escolheu-me para chefe! Com que alegria eu estou! Como ella me quer bem e eu a ella!

Principiemos a nossa adivinhação para ser escolhido nosso chefe.

— Eu dou só duas partes do solido para vocês adivinharem o todo.

Tratando-se de adivinhar a esphera, por exemplo:

1.º Tem só uma superficie. 2.º Não é estavel.

Grande confusão. Cada uma quer ser a primeira.

Responde uma: E' o cubo. E' o cylindro diz outro.

—E' a esphera.

Muito bem, Arthur, é a esphera; você será amanhan o nosso chefe.

Vamos fazer outra adivinhação para ser escolhido o chefe para depois de amanhan.

—1.º Tem oito cantinhos. 2.º Tem linhas rectas verticaes.

Si na segunda palavra da professora muitos acertarem deve a professora não descontentar as creanças mandando as que acertaram fazer tambem o reconhecimento pelo tacto.

Póde-se variar muito este exercicio de adivinhação, conforme o Periodo do Jardim em que é elle executado.

No 1.º Periodo, como as creancinhas são as menores do Jardim, póde-se fazer o exercicio de adivinhação com cousas muito conhecidas das creanças, como um gato, uma boneca, um pião, uma fructa, flôres, etc., tudo emfim que a professora entender que está ao alcance dos alumnos.

Dirá a professora o seguinte ás creanças:

Eu hoje vou fazer uma adivinhação com um animalzinho de que vocês gostam muito. Aquella de

vocês que adivinhar receberá, como premio, esta flôr para levar a mamãe.

Dirá a professora: E' um animalzinho que vive comnosco em casa; quando elle caminha não faz barulho porque tem almofadas em suas patinhas, para não assustar um outro animalzinho que elle gosta muito de comer....

Anda tambem nos telhados e a sua vóz é muito interessante.

—Que animal será?

—E' o gato.

Muito bem, Ignacia. Você adivinhou; receba o premio. Quer esta laranja ou esta rosa?

—Prefiro a rosa para eu levar a mamãe, pois ella deve ficar bastante contente commigo.

No 2.° Periodo, pode-se fazer uma adivinhação um pouco mais difficil. Tome-se por exemplo o abacaxi.

Dirá a professora o seguinte: Eu quero que vocês adivinhem o nome duma fructa que eu tenho nesta caixa. Aquella que o adivinhar fica com a fructa como premio. E' uma fructa, não uma fructinha; tem um perfume tão bom e tão activo que eu destampando a caixa, vocês o sentem immediatamente; a casca é semelhante ás escamas de peixe, e o seu caldo serve para fazer balas, sorvetes e refrescos. Quem sabe que fructa é?

Calcule-se a satisfação de que ficou possuida a creança ao ter em suas mãos esta esplendida fructa.

—Que vaes fazer com esta fructa, Córa?

—Vou leval-a para minha casa para todos nós, papãe, mamãe, e meus irmãosinhos a saborearmos.

Innumeras são as adivinhações que podemos fazer com as creancinhas, ensinando-as, por esse modo, a raciocinar, o que muito influe para a sua futura vida escholar.

Depois de terminado todo o exercicio referente a este dom, tome a professora a caixa (do 2.º dom), tire todos os solidos que se acham dentro e colloque-os sobre a mesa. Depois de uma conversação sobre a casa ou lar das creanças, faça-se com que ellas procurem representar com os cubos os objectos a que se referir a conversação.

Por hoje acha-se terminado o nosso brinquedo com a esphera, cubo e cylindro; amanhã, dar-vos-ei um exercicio em que haverá outro brinquedo semelhante a este.

*

Finalizando estas ligeiras linhas sobre os exercicios do 2.º dom, cumprimos a tarefa a que nos compromettemos, conforme a promessa que fizemos, no primeiro numero desta Revista.

O nosso trabalho do 2.º dom é mais extenso do que o 1.º visto ser necessario tratarmos de diversos pontos que prolongaram os nossos despretenciosos exercicios, que, dedicados como são, á primeira infancia, devem ser de tal modo intuitivos que todos os factos se tornem claros, afim de que possam ser comprehendidos e naturalmente assimilados.

Em outro numero da Revista tractarei do 3.º dom que consta de um cubo dividido em oito cubosinhos.

Maria E. Varella.

A GALLINHA E OS PINTOS

Eil-a assentada no seu ninho,
E' bôa mãe, não tem que ver,
Aquece os óvos com carinho.

Agora um ruido está escutando:
—Vão os pintinhos já nascer,
A casca do ovo debicando?

Agora move-se a ninhada...
Eil-a orgulhosa, eil-a feliz,
Cacarejando pela estrada.

Na capoeira eis a gallinha...
E os seus pintinhos, tão gentís,
Não a deixam ficar sósinha.

De seu almoço chega a hora;
De milho vem bôa ração,
—Comei depressa e ide embora...

Tambem já me vou, meus pintinhos
A ver se o meu lunch me dão.
—Até á vista, bons amiguinhos!

Zalina Rolim.

«Finger Plays», Emilie Poulosson).

O RELOGIO

Este assumpto deve ser tratado quando se fallar dos objectos que as creanças vêem todos os dias no Jardim da Infancia ou em casa. Servirá tambem para o importantissimo mistér de ensinar a pontualidade, etc.

CONVERSAÇÃO

Que ruido é este: Tic, tac, tic, tac!... que se ouve aqui na sala?

—Quem é que falla assim?

—E' o relogio.

—Onde está o relogio?

—O relogio está alli na parede.

—Vamos ficar bem quietinhos para escutar-mos a vóz do relogio...

—Que estará elle dizendo? Com certeza está contando tudo quanto faz.

O relogio é um grande trabalhador; emquanto estamos aqui conversando, emquanto vocês brincam ou fazem o lunch, ou vão para o recreio, elle não descança. Está constantemente no trabalho.

Nem mesmo á noite elle descança ou dorme, como nós. Devemos procurar conhecimento e relações com tão bôa e diligente pessôa, não é? Vamos todas olhar para o relogio:—Como se chama aquella parte onde vemos as horas? Não sabem? Chama-se mostrador. Qual é a fórma do mostrador do relogio? Perfeitamente, é um circulo. Como se chamam aquelles bracinhos que estão sempre girando apezar de não vermos o seu movimento—tão vagaroso é elle?

—São os ponteiros.

—Quantos ponteiros tem o relogio? São eguaes? Para que servem os ponteiros? Para marcarem as horas, não é? O mais curto mostra-nos as horas e o mais comprido os minutos. E' alguma dessas partes, de que fallamos, que faz: tic, tac, tic, tac?

—Não é.

—Qual será então? Não sabem? E' o pendulo, aquella pequenina peça, tambem com a fórma de um circulo, e que não pára nunca, isto é, pára sómente quando lhe falta... Quem é que me diz quando o pendulo pára?

—Quando não tem corda.

—Muito bem. O pendulo é quem nos diz que o relogio trabalha.

—Qual destas creanças já viu alguem dar corda em um relogio? Como é que se faz este serviço?

— . . . . . .—

—Antigamente não havia relogios, marcava-se o tempo pelo sol, e, á noite, usava-se de um instrumento chamado *ampulheta*, que vocês hão de comprehender e conhecer mais tarde. Depois, com estudo, paciencia e muito trabalho, os homens conseguiram fazer os maravilhosos relogios que tão uteis nos são. Para que servem os relogios, Zilda? —Antes de virem para o Jardim da Infancia, quem é que diz a vocês que devem tomar suas cestinhas e chapéos e sahirem?

—E' mamãe.

—Bem, mas mamãe não poderia saber quando chega a hora, se alguem não lhe contasse, quem é que lhe conta?

—Ella olha para o relogio.

—Ahi está, é então o relogio quem diz a suas mamães que são horas das creanças partirem para o Jardim da Infancia. Quem é que nos diz a hora do almoço, do jantar, do lunch, do recreio?

(Insistir para que as creanças digam com exemplos variados a utilidade do relogio).

—Agora que já sabem como é bom conhecermos bem o relogio, é preciso que vocês prestem bastante attenção quando a professora ensinar a utilidade daquelles signaesinhos que os ponteiros vão apontando, para que possam ver as horas no relogio. Assim, nunca chegarão tarde ao Jardim, não é?

O relogio é diligente
Tic, tac... Em seu rumor,
Elle nos diz claramente
Do nosso tempo o valor.

Zalina Rolim.

O RELOGIO

Conto para ser narrado ás creancinhas

Era meio dia.

Nicota estava cançada de correr e brincar; deixou os irmãosinhos a saltarem pelo jardim e foi descançar lá dentro.

Na sala do jantar não havia pessôa alguma áquella hora; com certeza estava uma visita no salão.

A menina recostou-se commodamente na sua cadeirinha de balanço, com espaldar acolchoado, e ficou distrahidamente a olhar para o relogio.

E, realmente, tinha que ver aquelle relogio! Immenso, com uma grande caixa que alcançava quasi a altura da porta, um mostrador cercado de ramagens e arabescos e encimado por uma paisagenzinha graciosa, onde uma pequenita esbelta e gentil, com o aventalzinho levantado, jogava migalhas de pão a um bando de passarinhos.

Talvez que nenhuma de vocês tenha noticia de um relogio semelhante áquelle. Eu mesma apenas me lembro de um que conheci ha annos, quando era pequenita como vocês; mas era já tão velho o pobre relogio que, como um movel inutil, fôra desterrado para um canto da despensa, entre cousas desusadas.

O relogio que Nicota olhava, recostada na sua fôfa cadeira de balanço, era tal qual o que eu conheci. A travez o tampo de vidro da enorme caixa, via-se o pendulo em descanço e os pesos que já se não moviam.

No alto era o mostrador, a face amiga que (como ella dizia) mudava de aspecto segundo a menina era boasinha ou imprudente. Quando Nicota se mostrava submissa e docil ás palavras da mamãe o relogio parecia sorrir, mas si ella se tornava imprudente ou se fazia travessuras prohibidas (e isto custa dizel-o, acontecia amiudadas vezes) o relogio parecia chorar.

Agora cousa extranha é que elle de repente, se lembrasse de bater horas! . . . Dirão vocês, meus pequenitos, que é muito natural um relogio bater, não é? Mas, se eu disser que este o fazia a despeito da immobilidade das suas rodas e pesos?! . . .

E batia de um modo exquisito! Ninguem explicou aquella excentricidade do relogio e Nicota ficcou muito embaraçada com tal acontecimento.

Pela madrugada do dia em que se passou o que vou contar, ella ainda mais admirada ficou quando ouviu o relogio bater cinco pancadas.

Quem lhe contaria que Nicota completava naquelle dia cinco annos?

Atraz do relogio chiava estridentemente um grillo, e lá de fóra vinha um som alegre de infantis risadas...

A menina continuou a scismar na excentricidade do relogio até que adormeceu tranquillamente.

O retinir agudo do grillo soava compassado no silencio da sala...

De repente, uma vóz exquisita chamou: — Nicota!, Nicota! Ella deu um salto, que o grillo asustado pulou para o espaldar da cadeira.

De onde viera aquella voz? Nicota olhou para todos os lados até que seus olhos déram com o relogio, em cuja face lhe parecia ver um novo aspecto, e aquelle aspecto lhe dizia que a extranha vóz viéra delle. Com que admiração ella escutou de novo!

— Queres ouvir uma historia, Nicota?

Ora não havia nada que ella gostasse mais do que uma historia, assim, esquecendo a surpreza e o espanto que a tinham sobresaltado a principio, preparou-se para ouvir o relogio depois de dizer-lhe amavelmente:

— Com muito prazer, meu caro relogio, sou toda ouvidos.

— Pois vaes saber a historia da minha vida, cara amiguinha; na historia da vida dos velhos ha sempre alguma lição de interesse ás creanças; escuta-me com attenção.

Nicota, muito interessada, comprehendeu que lhe ia ser revelado o mysterio da existencia do excentrico relogio e alegremente escutou-o.

O grillo ficou tambem quietinho e extendeu com interesse a cabecinha curiosa. Fóra continuava o riso das creanças.

O relogio começou assim:

—Talvez fiques admirada se eu te dissér que antigamente não havia um só relogio no mundo...

—Cric! cric!—gritou o grillinho experto; e tornou logo a ficar quieto, como para mostrar que elle não acreditava no que lhe diziam.

—Então, nem um relogio?! interrogou Nicota,—e como faziam as creanças para saberem quando deviam ir para a eschola, para o Jardim da Infancia?...

—Havia outros meios, Nicota. Uma das primeiras cousas usadas para medir o tempo era uma varinha.

—Uma varinha?!

—Cric! cric!—gritou o grillo como quem diz:—Este relogio está louco!

—E' grosseria interromper a quem falla, disse meio zangado o relogio.

—Silencio! disse Nicota; deixemol-o contar a sua historia, cala-te grillo incivil.

—Mas, uma varinha!... ia dizendo o grillo incredulamente.

—E' facil experimental-o, disse o relogio muito serio; sae ao terreiro, pela manhan, e finca uma varinha na terra. Si fôr bem cedo a sombra ficará muito mais comprida do que a varinha e como que escondida do sol. Quando o meio dia se approxima a sombra vae-se arrastando para junto da varinha,

até que parece solver-se nella. Depois de meio dia, como o sol descamba para o poente, a sombra começa a crescer do lado opposto até que desapparece na escuridão da noite.

Comprehendem agora como é facil medir o tempo pelo sól e a sombra com o auxilio de uma varinha? Foi assim que inventaram o relogio do sól.

—Um relogio do sól?—perguntou o grillo, que não podia estar quieto; mas que é isso?

—E' uma cousa parecida com uma meza de boneca e que tem uma pequenina peça de metal no centro. No topo da meza é marcada a sombra que faz a peça de metal nas differentes horas do dia.

—E era o unico relogio que havia? perguntou Nicota.

—Sim, unico; e como os homens não estavam ainda contentes com aquella descoberta começou a procurar um meio mais simples e claro.

Foi depois de muitos estudos e trabalhos dos investigadores, que alguem conseguio, a cerca de quinhentos annos, inventar o relogio, não ainda um relogio grande e bonito, como eu, mas um outro, muito simples, que não tinha pendulo e não batia.

—Pobresinho! exclamou Nicota.

—Antes nunca bater do que fazel-o como alguns relogios que eu bem conheço, disse malignamente o grillo.

O relogio fez como quem não ouviu, e continuou.

—Mas em todo o caso, como não havia outros, era considerado como uma cousa maravilhosa, e o povo contentou-se por muito tempo com aquella descoberta.

—Nesse caso, não és muito velho...

—Si sou!... Devo ter uma boa centena de annos. Quem me fez era um fabricante muito consciencioso e que amava devéras o seu mistér. Que gosto para elle no dia em que me viu prompto!... Parecia o homem mais feliz do mundo!

No fim de um prolongado exame tomou de uma chave e deu-me corda, depois tocou-me o pendulo e fez-se logo ouvir a minha eterna canção: tic-tac, tic-tac!...

E assim comecei o trabalho da minha vida.

O relojoeiro não me poude admirar por muito tempo porque veio logo uma senhora toda cheia de sedas e de joias (com certeza era muito rica), examinou-me minuciosamente e, depois de longa discussão com o fabricante, a proposito da minha utilidade, tirou de uma finissima carteira, que trazia, um grosso maço de notas do banco, e entregou-lh'as.

Estava eu vendido e ia deixar a casa onde nascera.

Collocaram-me cuidadosamente em um caixão de madeira, todo envolvido em papel, serradura e palha, cuja tampa pregaram com grossos pregos, e lá fui remettido para bordo de um grande navio.

Meu Deus! Como fazia calor lá dentro! Sentia-me abafar...

Emfim, depois de uma longa viagem por mar, em que fui acariciado sempre pelo balanço das ondas, cheguei a esta boa terra.

Um bello dia senti pancadas no tampo do caixão que me encerrava (creio que dormia nesse instante), e acordei sobresaltado: que seria?

Em pouco foi aberto o caixão e, com todo o cuidado, tiraram-me daquella cama fôfa e quente a que eu já me ia acostumando. Collocaram-me, nesse dia, no mesmo logar em que me vês ainda hoje e déram-me corda... Vinha gente e mais gente visitar-me e olhar para mim todos os dias. Eu estava orgulhoso da minha importancia. Nada se fazia sem me consultarem. Velhos e moços, meninos e creanças estavam sempre a contemplar o meu aspecto. Vi muita face risonha, vi muitos olhos com lagrimas... etodos me entendiam a expressão; a uns eu dizia: Paciencia!... a outros dizia: esperança!... e os meus ponteiros iam caminhando sempre...

Quem não me conhece bem, pensa que eu digo tic-tac! tic-tac! Mas, na verdade, o que eu quero dizer é: Fazei o bem, Fazei o bem! E assim vivi annos e annos sempre a trabalhar para os outros e só esperando como recompensa a affeição dos que vi nascer e dos que me têm cercado até aqui...

—Querido relogio! disse Nicota commovida.

O grillo voltou para o lado a cabecinha, arrependido das suas zombarias e quasi a pedir perdão...

—Antes de calar-me disse ainda o relogio; eu devo fallar de uma cousa que muita gente tem visto: (e olhou para o grillo que abaixou a cabeça, como se procurasse alguma cousa pelo assoalho), toda a gente sabe que ha muito tempo os meus braços recusaram mover-se; foi um grande pezar para mim não mais poder trabalhar como dantes... Que saudades tenho do passado!... De então para cá o meu allivio é bater... bater..

—O' meu bom relogio, disse Nicota; bate, bate quantas vezes quizeres e se alguem te censurar...

— Nicota! Nicota! Chamou naquelle instante a vóz alegre de Henrique. Nicota saltou da cadeira esfregando os olhos:

— Que é? Que é?

— Ora, quem havia de dizer! dizia zombeteiramente o alegre Henriquinho; uma menina que faz annos hoje, a dormir sobre essa cadeira, sem pensar nas surprezas que a esperam!...

— Dormindo!? Eu não estava dormindo, que o diga meu querido relogio com quem conversei largamente...

— Conversar com o relogio! Querem vêr que Nicota ainda está dormindo?...

Nicota olhou attenta para o velho relogio, como a pedir-lhe que confirmasse o que ella disséra, mas o relogio ficou quietinho no seu logar. Entretanto, a Nicota pareceu-lhe que elle dizia:

— Deixa-o fallar, os meninos pensam que são uns sabios, e, no entanto, ignoram muita cousa. Acredita sempre no que eu te disse, sê boasinha e ajuda aos outros em tudo o que possas; em toda a parte verás relogios que hão de lembrar-te as horas de trabalho e de brinquedo e que, com a sua vózinha familiar, dirão sempre:— Fazei o bem! fazei o bem!

Ella voltou-se para o irmão, que a contemplava sorrindo, emquanto que o relogio voltava ao seu aspecto calmo de sempre.

Nicota foi crescendo, crescendo, dia a dia, mas sem nunca esquecer o que ouvira no dia de seus annos, e repetindo, muitas vezes, ás outras creanças o que o bom relogio lhe cantára.

Zalina Rolim.

De «The Child's World».

AS OVELHAS

Eis a campina verde, onde acompanho
Todos os dias meu gentil rebanho.

Eis as medidas onde meço os grãos,
Posso fazel-as com as minhas mãos.

Aqui matam a sêde os carneirinhos:
—Bebei, bebei, gentis animaesinhos.

Da mangedoura a grade eu faço agora;
Vinde ao jantar, ovelhas, sem demora.

Esta é a grande thesoura de tosagem;
Da lan nos vem a mais quente roupagem.

Eis o redil, com seu portão fechado;
E' ahi que dorme o meu rebanho amado.

Zalina Rolim.

(Finger Plays, Emilie Poulsson)

Resumo dos principios de Frœbel

(De Barard—*Kindergarten and Child Culture*)

—Prestar auxilio ao desenvolvimento natural, eis o objectivo da educação. Como o desenvolvimento da creança começa, com o seu primeiro alento, com elle deve começar a educação.

—Como do inicio depende todo o desenvolvimento futuro, a primeira educação é a mais importante.

—Na infancia o desenvolvimento espiritual e o physico não se separam, são estreitamente ligados.

—A principio, não existe um perceptivel desenvolvimento, excepto nos orgams physicos, que são instrumentos do espirito. O primeiro desenvolvimento da alma dá-se conjunctamente e por meio do desenvolvimento dos orgams physicos.

—A primeira educação, portanto, deve tratar directamente do desenvolvimento physico e influir no espiritual, por meio do exercicio dos sentidos.

—O verdadeiro modo de proceder no exercicio dos orgams physicos (que são o unico meio da pri-

meira educação) é naturalmente indicado pela expressão dos instinctos infantis, e, só por meio delles, póde ser encontrada uma base natural de educação.

—Os instinctos da creança, como um ser destinado a tornar-se racional, exprimem necessidades não sómente physicas mas tambem espirituaes. A educação tem de satisfazer a estas como aquellas.

—O desenvolvimento dos membros, por meio do movimento, é o que tem a precedencia, e, portanto, o que primeiro reclama a nossa attenção.

—A forma natural para os primeiros exercicios dos orgams da creança é o brinquedo; eis porque os brinquedos, que exercitam os membros, constituem o inicio da educação. A primeira cultura espiritual deve estar tambem em connexão com estes brinquedos.

—As impressões physicas são, no começo da vida, o unico meio possivel de despertar a alma da creança. Estas impressões, portanto, devem ser tão systematicamente reguladas como os cuidados devidos ao corpo, não devendo nunca confiarem-se ao acaso.

—Os brinquedos de Frœbel foram inventados como guias da natural e instructiva actividade dos membros e dos sentidos, de modo que o fim intentado pela natureza possa ser attingido.

—Pelo gradual desenvolvimento da vontade infantil, a actividade instinctiva torna-se, cada vez, mais consciente, transformando-se posteriormente em acção productiva ou trabalho.

—Para que as mãos, que são os orgams mais importantes no que respeita o trabalho activo, sejam forçadas a brincar desde o principio, os mimos de

Frœbel consistem essencialmente em exercicios manuaes, associados ás mais elementares observações e aos factos da natureza e vida humana.

—Visto que no organismo humano, como em qualquer organismo todo desenvolvimento posterior é o resultado do anterior, assim tambem tudo o que representa um grau superior do desenvolvimento provém dos primeiros e dos mais rudimentares principios. A educação deve imitar esta cadêa do desenvolvimento natural. Frœbel fornece os meios para se chegar a este resultado por um simples systema de brinquedos, de gymnastica para exercicio dos membros e sentidos. Nelles estão os germens de toda a futura instrucção, porque as percepções physicas e sensuaes são os pontos de partida de todo o conhecimento.

—Como até hoje, o primeiro despertar do espirito tem sido confiado ao acaso e a primeira e instinctiva actividade da infancia tem sido incomprehendida e mal considerada, conseguintemente não se tem dado ainda a educação no verdadeiro começo da vida. Foi Frœbel quem primeiro descobrio uma base natural e verdadeira para a educação da infancia, e, em seu «Mutter und Koselieder», elle mostra como esta educação deve ser dirigida, e marca os fundamentos para todo o desenvolvimento futuro.

—E', portanto, essencial que os principios e methodos de Frœbel sejam applicados no começo da educação para assim se poder esperar plenos beneficios do Jardim da Infancia.

– O preparo das mães e de todos que tenham de occupar-se com as creancinhas, na applicação dos primeiros principios de educação de Frœbel, é o ponto de partida para o completo exito de seu systema e, consequentemente, da maxima importancia.

—Os brinquedos e cantos, apparentemente insignificantes, imaginados para divertimento das creanças são bastante faceis para que as moças mesmo as de pouca instrucção os possam executar.

-- O verdadeiro desenvolvimento das mulheres em todas as classes póde ser aperfeiçoado preparando-as para o ensino, visto que a natureza tão proeminentemente as dotou para tal fim.

—Simples receitas para a conservação da saúde (e sobretudo a sua applicação pratica no cuidado das creanças) estão, da mesma fórma, ao alcance das mulheres de todos os gráus de cultura.

—E' pondo a instrucção ao alcance das mulheres de todas as classes que se dará o primeiro passo para o pleno aperfeiçoamento do sexo feminino, de todas as que cuidam de creanças, de todas as futuras mães, para a sua natural vocação que é o ensino.

Zalina Rolim.

O CARPINTEIRO

O assumpto da madeira, utilisada na construcção de nossas casas, pode facilmente conduzir-nos a tratar do carpinteiro.

Conversação

—De onde nos vem a madeira? Já sabem, não é? Quero ver se alguma de vocês me diz quaes são os objectos feitos de madeira, que ha nesta sala?

—Muito bem.

—Quem é que corta as arvores? Não sabem? São os derrubadores ou cortadores de matto. Quem é que constróe as nossas casas?

—Pedreiros, carpinteiros, etc.

—Alguma destas creanças já terá visto uma officina de carpinteiro? De que ferramentas usa o carpinteiro? —(Seria muito conveniente mostrar ás creanças os objectos de que se vae fallando para tornal-os bem conhecidos).

—Plaina, serra, martello, verruma, enxó, broca, trado, pregos, etc.

Para que serve a plaina? A serra? etc. Qual é a ferramenta que alisa a madeira? Qual á a que a divide em taboas? A que fura? A que une duas peças? Diga-me, Raul, em que logar passou a plaina nesta sala? O martello? A serra? Quero que me digam agora, em que trabalha o carpinteiro?

—Em madeira, tem razão.

—Mas, neste caso, não é só o carpinteiro que constróe as nossas casas, qual é o outro operario que de tal serviço se encarrega?

—O pedreiro.

—Muito bem; o pedreiro, o pintor, o vidraceiro, etc. Que faz o pedreiro, sabem? O pedreiro levanta as paredes e os alicerces,—uma parede muito grossa que é feita dentro de uma valla para servir de base e sustento a todo o edificio.

O carpinteiro faz o vigamento, o assoalho e forro, as portas e janellas, tudo quanto é de madeira.

O pintor, depois da casa estar prompta, pinta-a para que fique bonita e alegre.

O vidraceiro colloca os vidros todos.

—Vamos dizer agora, Augusta, onde trabalhou nesta sala o pintor? O vidraceiro? O pedreiro? O carpinteiro?

—Muito bem!

- Vêem agora quanta gente trabalhou para termos esta casa onde passamos tão alegremente os dias?

Se não houvesse pintores, vidraceiros, pedreiros e carpinteiros não teriamos as nossas casas. Já vêm que a elles devemos o bem estar e conforto que as casas nos proporcionam. Si vocês tivessem, cada uma separadamente, uma bella casa, gostariam de viver nella sósinhas?

— Não! não! Eu quero morar com papae e mamãe. : .

— Eu já sabia dessa resposta; ninguem gosta de viver sósinha sem papae e mamãe. Não é bastante ter a gente uma casa, é preciso que nella tenhamos a nossa familia, é então que a casa se torna — o lár. Em cada habitação vive reunida uma familia e ha sempre um chefe que a dirige, não é?

Quem é o chefe de sua familia, Esther? Da sua Margarida?

Perfeitamente. E' preciso que numa casa e numa familia todos vivam e trabalhem de accordo sob a direcção de um chefe, para que não haja desordem e confusão, não é?

— Agora vamos dizer como é que fazem as ferramentas do carpinteiro quando este trabalha.

Réque... réque... faz a serra,
E o martello pan, pan, pan!
Nenhum delles cança ou erra
No seu proveitoso afan.

Zalina Rolim.

O DERRUBADOR HONESTO

A' beira da matta virgem, muito longe da cidade, vivia um bom homem que se occupavà no córte de madeiras. Todo o santo dia, apenas rompia o sól, lá ia elle com o seu querido machado ao hombro para o seu afanoso labor. O'ra um jequitibá, ora uma enorme perobeira ficava conhecendo a força dos seus braços.

Os cavacos voavam longe, e cada golpe, briosamente vibrado, retinia pela floresta densa, como se do outro lado um outro derrubador trabalhasse. E era assim todos os dias.

Aconteceu que uma vez, como o bom homem se sentisse fatigado, e, por um instante, se encostasse ao tronco da arvore, o machado relusente, escorregando-lhe por entre os calosos dedos, foi cahir, num barulho surdo, ao fundo do ribeirão que a arvore enorme ensombrava.

O derrubador sentiu uma pancada forte no coração e debruçou-se sobre a corrente, que, tranquilla como dantes, lhe occultava o precioso machado. Não se poude conter e murmurou comsigo:

—Que hei de fazer agora? Foi-se para o fundo do rio o meu rico machado... O unico bem que eu possuia... Como trabalhar de hoje em deante?

A fada das aguas (porque este caso acontece no tempo das fadas) ouviu as queixas do triste derrubador e, surgindo á flôr da correnteza, começou a fallar...

E que falla, Deus meu! parecia uma musica de tão doce que era...

—Porque te entristeces assim, meu amigo? que te aconteceu?

O pobre homem, maravilhado com a formosa apparição, humildemente contou-lhe a sua desgraça.

—Basta de lamentos, disse a fada, na mesma voz de ouro; bem longe de olhos mortaes o teu machado repousa, mas, confia e espera que olhos encantados têm poder para restituil-o ás tuas mãos.

Dizendo, ou antes cantando, estas palavras ella mergulhou rapidamente para surgir após, trazendo nas mãos um machado de prata.

Apresentou-o ao derrubador, que, enlevado a contemplava, toda risonha, com os cabellos soltos e enfeitados de gottas scintillantes. E quando ella perguntou:

—E' este o machado que perdeste?

—Não, Não!—respondeu, vivamente o homem, sem saber o que pensar daquelles acontecimentos.

—Então ahi o deixo ficar. E a fada mergulhou de novo.

Em pouco, reappareceu com um machado de ouro, cem vezes mais bello que o primeiro.

—Terei acertado agora? Será este? E ella sorria ao espanto do honrado trabalhador.

Mas elle sacudio novamente a cabeça, murmurando desanimado:

—Oh, não! Não era assim o meu velho machado... Bem sei que este vale muito mais; entretanto, não é o meu, não é o meu...

—Descança; tranquillisou-o a boa fada. E deixando na areia o machado de ouro ao lado do de prata, deixou-se afundar de novo.

O derrubador ficou a olhar para os dois machados que reluziam na areia humida e pensava:

—Que bonitos machados! Valem muito mais do que o meu...

Um é de ouro, outro é de prata. Mas o meu era tão bom! Cortava tão bem as arvores! Eu estava tão acostumado ao seu peso...

Tambem estes devem cortar muito bem... E como ha de ser bonito cortar as arvores com tão finos machados... Mas que me importa? Não são meus: não devo querel-os.

Nisto surgia a fada pela terceira vez e agora era bem o seu machado que ella trazia. O aço cortante, aos raios do sól, tinha reflexos e brilhava entre as mão que, com infinita graça, o levantavam bem alto para que elle o avistasse de longe...

—E' esse! é esse! gritou o homem, radiante; dê-me por favor o meu querido machado!

—Sim, disse a fada ao collocal-o nas mãos do seu honrado possuidor; é este o teu machado, mas não o achas muito inferior aos outros? Não gostarias de ter um machado de prata ou de ouro?

—Sim, minha boa senhora, eu gostaria de possuir aquelles bonitos machados, mas não por meio de uma mentira. O meu é este, como não dizer a verdade?

—Bom homem! homem honrado, tens razão. A verdade é melhor e vale mais do que ouro ou prata, a verdade faz-nos sempre felizes. Agora, adeus! até a vista!... Mas antes de me ir embora eu quero daixar-te, como lembrança minha e como premio da tua honestidade, estes dous preciosos machados; guarda-os e continúa a ser verdadeiro como até aqui.

Dizendo estas palavras, e antes que elle respondesse, o gracioso vulto desappareceu entre as aguas tranquillas.

O homem olhou pasmo para a corrente múrmura, julgando que sonhava... Mas a seu lado, na areia humida, brilhavam, ao sol, os dois machados que a fada lhe déra como premio da sua honradez.

Então, muito contente da sua vida, o honesto trabalhador tomou no hombro os tres machados e lá se foi para a sua casa, contar a sua mulher a maravilhosa aventura.

Zalina Rolim.

(In the Child's World)

MARCHAS, CANTOS E HYMNOS

POR

D. Salina Rolim

MARCHAS

(Musica 25)

I

Vamos todos alegrinhos
Nosso guia acompanhar,
Bem marcados os passinhos,
Um após outro marchar.

Altas sempre as cabecinhas,
Leve o corpo, vivo o olhar...
Batam palmas as mãozinhas
Para o compasso marcar.

Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá.

(Musica 30)

II

Gosto muito de uns passeios
Pela sala ou no jardim,
Ledo o rosto, os olhos cheios
De uma alegria sem fim.

Ah! sem fim, sem fim!

Em fileiras vamos indo,
Como os soldados leaes,
Nossas glorias repartindo
Com a mestra e nossos paes.

Com a mestra e nossos paes.

(Do Allemão)

(Musica 147)

III

Que bom é cantar!
Que bom é brincar!

Nosso coração desperta
E, como a flôr entre-aberta,
Deixa o perfume voár.

Voáe, alegre canção,
Perfume do coração.

(Musica 28)

IV

Vamos brincar, que lindo dia!
O sol é um veio de alegria.
Vamos gozar, o tempo vôa...
A infancia é a idade alegre e bôa.

Que suave aroma têm as flôres!
Que alegres sons, vivos rumores
Vêm do jardim e vêm do ar!
O tempo é bom; vamos brincar!

V

Já é tempo de colheita;
Viva o nosso algodoal!
O flócco alvejante espreita
E rompe a casca, afinal.

Toda a plantação alveja
Como um immenso lençól
Que affaga, acarinha e beija
—A luz radiante do sol.

(Musica 32)

VI

Setembro, a terra toda em flôres...
—Cravos, rosas;—bom-dia!
Que novo brilho em vossas côres!
Vosso aroma inebria!

Bem sei, bem sei, é a primavera...
Gosai vossa expansão.
Tambem a infancia anciosa espera
A risonha estação.

Cantos da manhan

(Musica 13)

I

Que lindo dia!
Quanta alegria
Anda no ar!
Vamos cantar
Assim, assim:
Viva o Jardim!

Meu coração,
Numa expansão
De goso, diz:
Eu sou feliz!
E' bom viver
Para aprender.

(Musica 10)

II

De mãos dadas e alegrinhas
Vão brincar as creancinhas.

No Jardim, o amor nos diz
Sejamos todas gentís.

Cantando e rindo,
Vamos brincar...

Nosso coração abrindo
A' vóz do amor, que nos vem fallar.

(Musica 8)

III

Bom-dia, sol formoso!
Jardim, bom dia!
Nosso trabalho e gozo
Já principia.

Vóz meiga e doce riso
  Devemos ter
E o nosso paraizo
  Aqui fazer.

(Musica 24)

IV

Já o sol no céo brilhou,
E' dia, vamos brincar!
Quem na caminha ficou
Não sabe a vida gozar.

Cantando, os passaros vão
O ninho caro tecer,
Nosso ledo coração
Cantando quer aprender.

(Musica 9)

V

E' mais um anno que começa
Alegre para nós,
Da infancia o riso nunca cessa
O riso é sua vóz.

De manhan cedo á noite escura
Vamos cantar, cantar!
O canto é a vóz de uma alma pura,
Da vida é o despertar.

(Musica 18)

VI

De manhan quem me desperta
E' do sol a meiga luz,
Que, encontrando a porta aberta,
Por toda a parte relúz.

De manhan quem me desperta
E' das aves o cantar:
Bom-dia, avezinha experta,
Que me vieste acordar!

De manhan quem me desperta
E' de mamãezinha a vóz,
Que vai, cariciosa e certa,
Ao seio de todos nós.

CANTOS DE DESPEDIDA

(Musica 86)

I

O dever das creancinhas
E' brincar, brincar, brincar...
No brinquedo as cabecinhas
Ganham forças p'ra estudar.

E quando alegres volvemos
Aos lares, no fim do dia,
No olhar de mamãe nós temos
Mais o premio da alegria.

(Musica 364)

II

Como um sonho, as horas voam
Quando nossa alma é feliz.
Jardim, nos cantos que entoam,
Amorosas, te abençôam
As alminhas infantís.
Meus sonhos todos são teus.
Doce lar das creanças, adeus!

DESPEDIDA DO JARDIM

Adeus! Jardim formoso: adeus amado ninho,
Que maternal á infancia abriste os braços teus;
Teu nome escripto vai no meu coraçãozinho...
Adeus! Jardim formozo, amado ninho, adeus!...

O portão do Jardim

Inda está fechado agóra
O portão deste jardim;
De abril-o é chegada a hora
Eis-nos em ferias por fim.

Vamos, portão, bem aberto!
Jardim, vaes ficar deserto!

Comnosco vae-se a alegria
Deste delicioso lar;
Da infancia a doce magia
Vae deste ninho voar.

Vamos, portão, bem aberto!
Jardim, vaes ficar deserto!

HYMNOS

Musica de Antonio Silvado: Lettra de Zalina Rolim.

I

A infancia é um hymno celeste,
Nossa alma é um veio harmonioso;
Escuta o som delicioso
Do instrumento que tangeste.

CÔRO

A ti sorrisos trazem nossos labios,
Palmas, palmas te dão nossas mãozinhas!
E o applauso das creancinhas
E' mais doce que o dos sabios.

No coração das creanças,
Palpita o que é doce e puro;
Nelles semeaste esperanças
Que hão de florir no futuro.

II

Musica de Sotero C. Souza: Lettra de Z. Rolim.

Salve! Jardim da Infancia,
Berço de puro amor,
Onde nossa alma em ancia
Desperta e se abre em flôr.

CÔRO

Brincando vamos ledos
Na róta da instrucção;
Nos infantís folguedos
Desperta o coração.

No rosto alegres côres,
Branduras de setim;
Sejamos como as flôres
O encanto do jardim.

NUMEROS QUEBRADOS

A experiencia mostra que o verdadeiro ensino dos numeros inteiros deve ser feito por meio de tornos, paosinhos, etc; que o de fórma, por meio de modelos distribuidos á classe, ou antes, fazendo-se com que as creanças modelem as fórmas.

Com relação ao ensino de numeros quebrados ou fracções, observa-se a mesma cousa; isto é, que o meio mais proficuo para se conseguir o fim desejado é o emprego de discos, que conduzem as creanças a *fazer por si.*

Esta lição deve ser ministrada do seguinte modo:

Distribuem-se ás creanças enveloppes contendo discos coloridos, divididos em metades, terços, quartos, sextos, oitavos, e tambem um disco inteiro.

Toma a professora um disco maior que o dos alumnos, e levanta-o perante elles, covidando-os a fazerem a mesma cousa. Dá-se-lhe uma denominação arbitraria, até obter-se a verdadeira—*circulo.* De modo què, perguntando-se ao alumno, o que tem na mão,

responda: Eu tenho um circulo. Obtido este resultado, segue-se um novo exercicio.

Mostra-se um disco dividido em duas partes por meio de côres differentes, faz-se então as creanças notarem as metades. Manda-se que tirem as metades para formar o circulo. Varias perguntas podem então lhes ser dirigidas:

As partes são iguaes? (Pode-se então mostrar-lhes um disco de papel dividido em partes desiguaes, para que elles notem a differença.)

Quando se divide o circulo em duas partes iguaes, como se chamam essas partes?

Quantas metades ha em um circulo?

Quantos circulos tem você?

O que fazem duas metades?

O que faz um circulo?

Tirem uma metade do circulo das duas metades que vocês têm, e quanto fica?

Uma metade de uma metade quanto fica?

Outras perguntas podem ser formuladas, ás quaes responderão os alumnos pela simples intuição.

Quantos aos outros discos divididos em numero maior de partes, desnecessario é dizer, que o processo é o mesmo.

O colorido dos discos traz a vantagem da variedade e da facilidade em distinguir as differentes partes; a selecção deve ser tal que todas as combinações elementares de harmonia e contraste possam ser perfeitamente illustradas.

Sendo o disco inteiro vermelho, poderia a creança conceber objectivamente que essa côr indicava a unidade, mas isso é evitado, pois que esta côr é repetida nos outros cartões de tamanho menor; assim é que o disco formado de metades apresenta as côres vermelho e azul; o de terços—vermelho, amarello e azul; o de quartos—vermelho, amarello, azul e verde; o de sextos – as mesmas côres, inclusive alaranjado e roxo; finalmente, para o de oitavos accrescentam-se as côres de cinza clara e escura.

S. Paulo, 12 de Maio de 1897.

Joanna Grassi.

DOS JOGOS NOS JARDINS DA INFANCIA

Os brinquedos são laços de flores que nos ligam á juventude.

Para se ganhar o coração das creanças é preciso brincar com ellas.

O brinquedo será em todos os tempos a primeira e a unica occupação da infancia, bem como a mais prazenteira, nos outros periodos da vida.

Trabalhar é destino commum da humanidade; mas, desde que se consegue, com o trabalho, satisfazer as mais propulsoras necessidades da vida, tudo o mais é apenas recreio corporal e espiritual, é brinquedo.

O brinquedo, entretanto, não é sómente recreio, mas exteriorisação de forças, e, para a creança, na qual esta exteriorisação é necessaria e natural, constitúe uma occupação séria, que secunda nella o impulso potente para a actividade.

Não existe alegria ou festa publica sem jogos. Que ha na natureza, que não brinque? Brinca o sol com seus resplandecentes raios, tingindo artisticamente as flores, as fructas e os animaes; brinca o riacho

múrmuro entre as hervinhas que vivifica e anima; brinca o pintor com a paleta e a tela; o esculptor, com o marmore e o cinzel; o musico com a inspiração e as notas; o poeta com a imaginação e as rimas; o philosopho com as ideias: o amor com os corações; e—dirão, talvez, que exagéro—os reis e os commandantes dos exercitos com as cabeças dos subditos e dos soldados.

Supprir ás necessidades physicas da creança, satisfazer-lhe os reclamos do appetite ou da sede, é a primeira prosa da vida; explicar-lhe, mais tarde, a propria actividade, a exuberancia das forças espirituaes e corporaes com jógos, é a primeira e verdadeira poesia. Saber guiar uma e outra na vida da creança, fazer corresponder os meios adaptados á primeira nutrição do corpo e do espirito, pela livre exteriorisação das forças importantes, é a maior tarefa da mãe e da educadora.

Apenas o desenvolvimento physico e a força de comprehender permittem á creança o uso de seus membros, os olhos, obedientes á vontade, começam a passar de um ponto a outro e manifesta-se a disposição, a necessidade de brincar. Querem então ver e tocar todos os objectos a seu alcance, e tentam apropriar-se de tudo o que encontram. Frœbel acha que taes evidentes tendencias são uteis para o fim educativo e julga ser este o tempo opportuno para se procurar ás creanças os meios de brincar.

Não se trata agora de discutir sobre a opportunidade de se ter feito do brinquedo um dos principaes meios educativos no Jardim da Infancia, ou do valor dado ao mesmo.

O argumento tem sido muito bem tratado por pedagogos e philosophos, tendo sido o assumpto de uteis investigações desde os tempos de Platão e Aris-

toteles, pesquizas que tornaram evidente o alto fim educativo que se pode alcançar por meio dos brinquedos.

Passando rapidamente, portanto, sobre esta parte de investigações historicas, tão bem feitas por outras, creio que será util ás que ensinam, demorarmo-nos um pouco a tratar do fim alcançado pelos brinquedos e da sua applicação nos Jardins de Infancia.

Para que o brinquedo corresponda perfeitamente ao desenvolvimento harmonioso da creança, deve-se primeiro desenvolver a força physica, concorrer para o desenvolvimento e para o aperfeiçoamento dos instrumentos da alma humana — os sentidos, e desenvolver tambem os sentimentos, dando aos mesmos uma direcção.

Este triplice alvo dos brinquedos deve ser rigorosamente observado nos Jardins da Infancia, se não se quer nas creanças uma preponderancia perigosa em uma ordem isolada de força.

Perigosa em respeito á força physica que, desenvolvida com prejuizo das outras, póde tornar-se prepotente e brutal. Perigosa em respeito aos sentidos que, senhores absolutos e imperando sobre o espirito, encaminham a creança ao mais vulgar materialismo. Perigosa, em fim, em respeito aos sentimentos que, desenvolvidos sem a companhia das outras forças, logo tornam a creança tão fraca e sensivel que a infelicitam, porque, guiada em falsos trilhos, será fatalmente victima de si propria e dos outros, o que acontece quando lhe falta a força physica e moral, condição essencial de lucta e resistencia.

O brinquedo, portanto, deve alvejar os tres fins expostos e concorrer poderosamente para o desenvolvimento completo e total da creança.

Para conseguir taes vantagens Frœbel divide os brinquedos das creanças em tres categorias:

1.ª—Os que exercitam o corpo.

2.ª—Os que exercitam os sentidos.

3.ª—Os que exercitam o espirito.

Os jogos do corpo, os brinquedos de movimento, exercitam a força physica e a habilidade do corpo; são a verdadeira expressão da alegria e do gozo.

Os brinquedos que miram a educação dos sentidos são os que exercitam a vista, o ouvido, o tacto, o gosto e o olfacto.

Os brinquedos espirituaes são as occupações que multiplicam as intuições, desenvolvem a intelligencia, a attenção, a observação e fortificam a memoria.

Estas tres categorias de jogos secundam o impulso humano na actividade, na producção e na creação.

Frœbel dá grande importancia a esta actividade livre, trabalhadora e productiva que elle investiga no primeiro periodo da vida - na infancia, e que acha fundada sobre a observação e o exame individual.

Elle considera a creança como ser pensante, activo e creador, quer tornal-a activa e laboriosa por meio de brinquedos que elle proprio suggere, fazendo seguir a acção á palavra e á intuição.

O brinquedo é, portanto, para a creança, uma occupação séria, e corresponde á grande necessidade de externar suas forças.

Se existe uma creança que não brinque, póde-se ficar convencido que nella, alguma destas forças (de que acima fallamos), está estragada ou doente; essa creança necessita de observação especial.

Para que o brinquedo frœbeliano possa secundar tambem o impulso creador, é justo dar uma lei que habilite a creança a crear e inventar.

Os brinquedos refream ou acalmam as tendencias más e favorecem as bôas, as quaes, deixadas ao acaso ou em estado de impulso, não podem dar os beneficos effeitos que darão se dirigidas e guiadas para um nobre fim.

E' viva a tendencia do ser humano para a liberdade. As creanças mostram, em cada uma de suas acções, a chamma viva do desejo que a natureza nellas alimenta tão poderosamente e que abandonada a si propria, em vista do potente impulso recebido ao nascer, vai acabar em prepotencia, em exclusivismo, em desordem. Não ha liberdade sem lei. Nos brinquedos deve sempre existir a lei, para que a tendencia da creança a ser livre não se anniquile mas, moderada, se dirija a um fim util, constitúa a gentil nutrição da alma, e não a opposição á liberdade de outrem.

A creança tende para a luz, porque desde os primeiros dias de sua existencia ella a procura e segue:—Os jogos são, na maior parte, executados em um ambiente onde a luz domina soberana, vivificando tudo com seus brilhantes raios,—no jardim.

A creança tem tendencia para a musica; desde pequena aquieta-se quando a seus ouvidos chega um som harmonioso, adormece com embaladoras cantigas, dá saltos de alegria quando é excitada por uma musica saltitante e alegre:

Os jogos, acompanhados pelo canto, favorecem e desenvolvem esta tendencia gentil, que tanto poder educativo tem sobre a alma humana.

A creança tem tendencia para a sociedade; deixada só, desata em pranto e não se consola antes de avistar um rosto amigo:—Os jogos em sociedade contentam-n'a quanto a esta disposição.

A creança tem tendencia para a propriedade e para a agricultura; ella edifica uma casa e constróe uma carroça com as cadeiras da sala; muitas vezes, com ramos e raminhos, faz um jardim:—Esta tendencia, que é origem do progresso e do aperfeiçoamento, alimenta-se nos jogos frœbelianos, offerecendo-se a cada creança um brinquedo proprio ou dom, e confiando á sua actividade e criterio um canteirinho do jardim.

Observa-se continuamente nas creanças a sua tendencia para a plastica, quando modéla brinquedos ou formas variadas, com qualquer substancia malleavel; tambem é manifesta a curiosidade com que ella tenta quebrar os objectos para conhecer-lhes o interior—Os jógos froebelianos, bem como os dons, guiam estas tendencias para o bem, offerecendo ás creanças objectos que se prestam á modelagem, á mudança de forma, e que podem ser redusidos a pedaços, isto é, que permittem a decomposição e a recomposição.

Está provado que as tendencias infantis têm seu effeito sobre o desenvolvimento do intellecto e sobre a vida social do homem, do mesmo modo que os primeiros actos dos animaes novos são já os exercicios preliminares das forças necessarias á sua existencia futura.

O gatinho, quando brinca com a bola de papel ou com o novello de fio, faz os mesmos movimentos e usa dos mesmos subterfugios que usará, quando, desenvolvidas as suas forças, tenha de apoderar-se do ratinho que deve alimental-o.

O passarinho, novito ainda, traz no bico, para brincar sómente, a palhinha ou os fios que, quando crescer, colherá para a construcção do seu ninho.

Assim, se todos os brinquedos dos animaes se referem aos mesmos exercicios que, mais tarde, servirão para a sua propria conservação, o mesmo fim devem ter os jogos de Frœbel, seguidos no Jardim de Infancia.

Estes jogos, emquanto animam na creança as naturaes tendencias e favorecem-lhes a satisfação de verdadeiras necessidades, vão creando nella, pouco a pouco, habitos que mais tarde serão necessarios á vida.

Os jogos frœbelianos portanto, correspondem ás tendencias internas da creança e satisfasem-n'a sem por isso destruirem a sua individualidade.

A creança, primeiramente, brinca comsigo propria; crescendo, procura companheiros de brinquedo nos objectos que a circundam e que considera como vivos; depois, procura animaes e outras creanças;—é então a opportunidade do Jardim da Infancia. Sob a sua influencia benefica e sob uma clara direcção educativa, muitas creanças reunidas começarão a viver em sociedade.

O brinquedo em sociedade, ao tempo que fixa e determina o fim educativo individual e complexo, concorre tambem para uma troca utilissima e efficaz de influencia de creança para creança, estendendo assim o poder da phantasia e da actividade.

Cada passo avançado pela actividade mais vigorosa de uma creança, marca um progresso ás outras e concorre, com a sociedade e os variados incentivos, para o proprio desenvolvimento individual.

Está emfim provado: As creanças são as melhores educadoras para creanças; posto que, tudo dependa de uma intelligente, affectuosa e continua direcção educativa.

Nota-se ainda mais uma vantagem nos brinquedos em sociedade. Acontece, muitas vezes, quando as creanças brincam, que uma vontade se oppõe a outra e, deste caso, uma dellas deve ceder, por dever de justiça, de gentileza e para não turvar a alegria geral. Isto ajuda muito á educação social da creança, a qual tendo sempre a impor a propria vontade e, sendo satisfeita em taes tendencias, torna-se, em seguida, prepotente e egoista. Os jogos devem educar na creança, além da propria liberdade e vontade, a obediencia. Eis porque o brinquedo no Jardim da Infancia, deve tornar-se um exercicio com regras e onde a liberdade não se exceda. Uma actividade de brinquedos sem regra e que se transforma de continuo em liberdade, não desenvolve senão pouco e desordenadamente.

O brinquedo no Jardim da Infancia deve corresponder a estas duas exigencias. A educadora ao passo que dá a regra do brinquedo, dirigindo-o ella propria, deve tambem dar á creança os meios de externar a propria individualidade.

E' assim explicada a divisão dos brinquedos que têm uma direcção e dos brinquedos livres, que as creanças executam nas horas de recreio e em seguida ás occupações. Taes regras não desagradam á creança, desde que se as saiba representar naturalmente, como necessaria condição para brincar melhor e sem nenhuma imposição.

Nota-se mesmo que as creanças divertem-se mais quando o brinquedo tem certa ordem e dire-

cção. Nas suas horas de liberdade, os brinquedos repetidos e predilectos são aquelles que revestem um aspecto de ordem; emquanto que os inteiramente livres são logo negligenciados, pois que fatigam e aborrecem depressa.

Jogos de movimento

Frœbel dá grande importancia ao desenvolvimento complexo das forças, na primeira idade da vida, considerando-o como base ao aperfeiçoamento futuro. Aconselha brinquedos de movimento até mesmo para as creanças que não fallam ainda e quer que a mãe acompanhe os movimentos, que incitará a creancinha a fazer, com ternas garrulices que lh'os expliquem.

Estas palavras devem corresponder á acção, devem ser poucas e faceis para, com a repetição, suscitar relações com o pensamento da creança e avantajal-a com a linguagem.

Este trabalho é já intuitivamente seguido por quasi todas as mães, que, de continuo, tagarellam e brincam com seus filhinhos, quando estes não as comprehendem ainda. Se as mamães não fallassem tanto com seus filhinhos, estes tardariam mais a pensar e a fallar. Quaes são as creanças que mais tempo levam para pensar e fallar? Aquellas cujas mães, devendo com seu trabalho quotidiano concorrer para o sustento da familia, são forçadas a deixal-as esquecidas muitas horas por dia. Quaes são as creanças que fallam mais depressa? Os primogenitos. Ao primeiro filho dedicam sempre as mães os momentos mais, preciosos e felizes da sua vida; é elle o mensageiro de uma alegria nova á familia, cujo lar povôa de sorrisos e graças. Goza de todo o carinho materno.

Mais tarde, quando novos pequeninos seres augmentam a familia, os cuidados de mãe são fraccionados, de sorte que apenas uma parte caberá a cada um. Nem sempre se pensa que o novo pequenino sêr deve ter a preferencia sobre todos os outros, e a divisão dos cuidados e attenções distanciam o tempo do desenvolvimento infantil.

Os jogos de movimento para creancinhas são meios educativos complexos, porque se dirigem—ao desenvolvimento do corpo emquanto o fortificam e desenvolvem com regulares e livres movimentos; ao desenvolvimento da intelligencia, despertando-a com as palavras que acompanham e explicam a acção; e, emfim, ao desenvolvimento dos sentimentos, com as caricias, o cuidado materno e os cantos gentis.

Para que os movimentos, seguidos nos jogos, impressionem mais e melhor correspondam ás tendencias que já se manifestam, devem ser os mesmos feitos com ordem e, o quanto possivel, acompanhados de melodioso canto. Quaes as mamães que, de facto, não tentam aquietar seus filhinhos, embalando-lhes o berço com um certo rhythmo e acompanhando os movimentos cadenciados, com a cantiga de adormecer? Taes movimentos e cantos correspondem a uma intima necessidade.

Quantas vezes não temos observado creanças que se embalam, ellas proprias, procurando acompanhar seus movimentos com uma cantiga?

Se o repouso é para a creancinha nova a primeira condição de desenvolvimento physico, o movivimento torna-se, mais tarde, a primeira condição para o desenvolvimento intellectual; e são os agentes mais movediços, o ar e a luz, que primeiramente a despertam á vida e de continuo a excitam.

Movimento é o que com mais facilidade attrahe a attenção da creança, torna-a fixa e desperta-lhe as primeiras impressões, as quaes dão principio ao conhecimento auxiliadas apenas por um senso de intima curiosidade, pelo descobrimento das origens, senso que não se encontra nos animaes inferiores.

O gatinho, que brinca com a bóla de papel suspensa a um fio, não procura descobrir, com seu olhar, a causa dos movimentos da bóla; o gracioso animalzinho preoccupa-se apenas com os movimentos, espreita-os, ségue-os.

Não é assim a creança.

E' facil a experiencia.

Suspendendo-se, por exemplo, uma bóla ao arco do berço, nota-se que, quando ella começa a balançar-se, a creança segue-lhe as oscillações. Depois seu olhar vai da bóla ao fio para fixar-se sobre o ponto ao qual está ligada. Procura assim conhecer o effeito e a causa que o produziu.

A grande potencia do movimento nas creanças é que faz com que ellas procurem e se alegrem á vista dos passaros e dos peixes, —animaes dotados de movimentos continuos, esbeltos e graciosos.

Para que deixar que vagueem os olhares da creancinha que está no berço? E' melhor fixar-lhe a attenção sobre um ponto. Frœbel aconselha para tal fim, suspender-se uma bóla ao arco do berço, a qual, com seus movimentos, attrahirá a si os sentidos da creança e os concentrará em um só ponto. No fim de alguns dias a bóla será substituida por outra de côr differente.

Quando os membros chegam a um certo desenvolvimento, a creança não se satisfaz em seguir os

movimentos com os olhos, procura prender o objecto que se move. Tal esforço lhe fortificará os musculos das mãos, dos braços e dos dedos; enriquecerá o seu conhecimento com dar-lhe occasião a experiencias, reconcentrações e externações.

A creança, para satisfazer a sêde de pesquizas. apropria-se de qualquer cousa e a leva á bocca; em falta de objectos, serve-se de seus dedos, ou, com as mãos, faz esforços para segurar os pesinhos.

Procura, desta sorte, conhecer e estabelecer uma relação entre os objectos que a circumdam e empressionam.

A creança leva á bocca tudo quanto encontra, não por avidez de comer, não ainda pelo incommodo que lhe causa o apontar dos primeiros dentes, como o acreditam as mães, mas porque, com a bocca, procura adevinhar ou descobrir as propriedades não visiveis dos corpos.

A lingua lhe proporcionará muitas outras impressões, que ella deseja, pela necessidade que sente de conhecer o mundo externo. Dahi, os brinquedos que se offerecem ás creancinhas no primeiro periodo da vida constituirem os termos de comparação comsigo mesmas e terem propriedades simples e accentuadas para serem vistos com facilidade.

Apenas seja possivel, a mãozinha fará um esforço muscular e procurará prender a bóla que, por tanto tempo, lhe tem offerecido variadas impressões de movimento, de côr, de espaço, etc.

Chegando a prendel-a, ficará completa a experiencia, que mais claro ha de tornar o conhecimento.

A mamãe, brincando com a bóla, eleva-a ou baixa-a, dizendo: abaixo... acima... abaixo.... acima...

e a creança, depois de seguir com os olhos o movimento, levantará os braços o quanto lhe permittam as forças, tomará a bóla para imitar os movimentos da mãe, e, se for maiorzita ha de fazel-a rolar pelo pavimento para alcançal-a correndo; ha de jogal-a para o alto e apanhal-a nas mãos, etc. Assim fortificará todo o organismo.

Os movimentos da bóla ou de qualquer outro brinquedo devem ser acompanhados de cantos que eduquem os ouvidos e os sentimentos. Estes cantos têm por fim a educação dos ouvidos e dos sentimentos, porque modificam o continuo e aspero gritar da creança e dão á alegria uma expressão mais gentil.

Os brinquedos de movimento nos Jardins da Infancia têm um aspecto mais complexo, quasi que se transformam em pequenas representações dramaticas.

Ahi as creanças, ao mesmo tempo que brincam, são meios de brinquedos, pois que não precisam de objectos especiaes com que se occupem, como, por exemplo: a bóla, a esphera, o cubo, etc.

Basta uma sociedade de creanças, na qual cada uma tenha um cargo a cumprir ou uma figura a representar, para que se ponha em scena, com o exercicio da actividade infantil e a cooperação de todas, um incidente da vida.

Muitos jogos de movimento executados no Jardim da Infancia foram tirados de costumes infantis, passados por tradicção e repetição atravéz os seculos.

Quem não se recorda de ter brincado na infancia — «A raposa que rouba as gallinhas», «a ovelhinha e os animaes que se reconhecem pela vóz», «O ladrão surprehendido roubando, e que é levado ao tribunal», e outros e outros?

Estes brinquedos, em parte melhorados e transformados, quando não apresentavam um traço caracteristico de moral, foram introduzidos nos Jardins da Infancia em companhia de muitos outros, inventados ou derivados dos contos e da vida real, e representados pelas creanças.

Presentemente são executados quasi sempre acompanhados com versos, que explicam o conto ou a fabula que se quer illustrar, e com o canto que dá a medida e serve de guia á infantil scena dramatica.

Os jogos de movimento, portanto, têm um fim educativo complexo e, emquanto favorece o desenvolvimento do corpo, tornam os membros obedientes ao espirito, que recebe, em fórma alegre e prasenteira, util nutrição.

Enganam-se os que acreditam serem taes jogos apenas exercicios gymnasticos.

Nos quadros vivos, nas scenas representadas nos Jardins da Infancia, por uma sociedade de creanças, cada um acto ou cada um movimento presuppõe um acto ou um movimento espiritual já realisado no interior das creanças. Tomo para exemplo um desses brinquedos intitulado: «As flôres e o Jardineiro». No conto fallou-se, por exemplo, do jardim e das flôres. As creanças construiram depois, com argamassa e plantinhas, o jardim; com os cubos ou com as taboinhas, o muro baixo que o circumda; com as occupações de perfuração e de costura, as flôres predilectas, etc.

Ora, para que os pequeninos membros possam tambem mover-se, adquirir vigor, e os pulmões respirar maior quantidade de ar puro, as creanças devem brincar no Jardim. Quando pedem á educadora para brincar com ellas, e isto acontece frequentes

vezes, é opportuno apresentar, dramaticamente, em scena, um alegre episodio, referente ao assumpto de que se tem tratado.

Trata-se, por exemplo, de flôres do Jardim, etc.

Cada uma das creanças representa uma flôr e deve tel-a na mão.

Uma dellas é escolhida para jardineira e fica no centro do circulo para colher as flôres. Canta a primeira quadrinha:

Meu jardim é tão formoso!
Que perfume! quanta flôr!
Faço um bouquet gracioso
Para quem me tenha amor.

As flôres, que não desejam ser colhidas, cantam o seguinte:

Jardineira, não te espero;
Não me has de colher, não...
Livre sou e fugir quero,
Não me toque a tua mão.

Findo este canto, e quando a jardineira ameaça colhel-as, correm todas, num espaço determinado, para não serem colhidas. Aquellas que são tocadas pela jardineira, devem, immediatamente, entregar-se e auxilial-a na colheita das outras flôres. Quando forem todas colhidas, a jardineira refaz o circulo e fica no centro, tendo nas mãos as flôres em bouquet, para cantar com todas, os ultimos versos:

—Estão prezas, coitadinhas!
Meu bouquet posso fazer;
Sois de Angelita, florinhas,
Que vos soube merecer.

E o bouquet é, pela jardineira, offerecido a uma das creanças, devendo esta ser escolhida dentre as mais applicadas e doceis. A creança que recebe as flôres deve sempre agradecer de uma maneira gentil.

Este brinquedo, a pedido das creanças, pode ser repetido, mas, neste caso, será feita nova distribuição das flôres, de modo que a cada uma toque uma flôr differente da que lhe tocára na primeira vez. A educadora, pedindo attenção, fará as seguintes perguntas:

—Qual de vocês tem uma flôr branca? Qual dessas flôres tem a corolla com uma só volta de petalas? Ou então: Alfredo, que nome tem a sua flôr? De que côr é ella?

Por esta fórma, no brinquedo, não só apparece, naturalmente, a noção de botanica, como tambem fortificam-se as mais necessarias virtudes de gentileza para com os companheiros, de harmonia e de affecto mútuo.

Quanto não custa a uma creança, ceder, voluntariamente, uma flôr ou um objecto qualquer, que lhe pertença?

Pois bem, neste brinquedo, quando a jardineira tem colhido as flôres e com ellas formado um bouquet, não o guarda para si, mas offerece-o a uma das companheiras!

A experiencia nos tem mostrado que as creanças sentem uma tal gratidão e affecto por sua educadora, quando são bem tratadas, que, executando pela primeira vez este brinquedo, decidem, expontaneamente e quasi sempre, offerecer-lhe as flôres.

Esta é uma prova evidente da efficacia do systema que desenvolve, com a força physica e intellectual, os sentimentos mais gentis que se manifestam

sem outro estimulo que affecto, gratidão, obediencia, modestia, respeito á liberdade de outrem, amor á ordem, á pontualidade, etc.

Nos jogos referidos, portanto, encontram-se uteis movimentos de todo o corpo e continuos exercicios de intuições, que são de grande influencia para a educação moral e social.

Com estes jogos a creança timida adquire coragem; a prepotente não mais quer tudo para si; as grosseiras tornam-se mais gentis e sociaveis; a rebelião e a maldade vão enfraquecendo até que desapparecem de todo.

A gymnastica, como é executada nos asylos, em logares nem sempre adaptados, é mesquinhamente limitada ao exercicio da força physica, em detrimento de todas as outras.

Como excitar os pulmões a um movimento mais solicito, dar impulso á circulação do sangue e esbelteza aos musculos, quando se lucta com a falta de ar, de luz e de espaço?

E' o caso das creanças que executam gymnastica com o commando militar, transformadas assim em bonecas ou fantoches automatos!

Ás pequeninas representações da vida tem, no emtanto, duplo valor,—illustram o conhecimento adquirido das plantas, animaes, pedras, etc., e reclamam, quando se apresenta occasião favoravel, a attenção das creanças, para o que tem formado o assumpto de varias observações ou de varios jogos.

Origina-se, assim, uma attenção mais viva, um recolhimento de espirito mais profundo, porque taes apparições, imitadas nos brinquedos ou jogos, eram, em parte, conhecidas.

Ha quem censure os jogos dos Jardins de Infancia por não serem de todo livres; porque são, quasi sempre, suggeridos pela educadora. Como si se pudesse pretender de creancinhas, jogos inventados com um fim educativo, moral e pratico na vida!

Quando as creanças brincam sós e livremente, observa-se que as mais vivas tomam a direcção e a iniciativa do brinquedo. Porque censurar a educadora e crêr destruida a expontaneidade, se ella, tornando-se creança, toma esta iniciativa e direcção, dando ao brinquedo um fim instructivo e educativo, derivado da narração e á mesma applicada?

Como corrigir as creanças que têm gosto pelos brinquedos de «ladrões» de «velhacos», etc.? Aconselhando-as a desistir de taes brinquedos? Mas, será bastante o conselho? Prohibindo os máos brinquedos? Mas, não será esse o meio mais certo para vel-os repetidos? Castigando as creanças? Mas, não irão ellas executal-os longe de nossas vistas?

Que fazer então? Ha um meio bem simples: Sem fazer censura alguma aos máos brinquedos, executados expontaneamente, mostram-se outros novos e attrahentes, nos quaes cada creança tem um papel a representar.

Ha alguns annos, em Napoles, ficaram todos os espiritos sob as mais tristes impressões com o fusilamento de Misdea; as creanças, ou pelos discursos ouvidos, ou pelas narrações inopportunamente feitas em sua presença, ou por observações sobre jornaes illustrados a proposito, tomavam parte integrante nas agitações e commentarios dos adultos. Eis o que tive occasião de observar na eschola:

No recreio, as creanças mais vivas, attrahindo a seus brinquedos as pequeninas, representavam com

todas as particularidades (não excluindo a de estar á cavalleiro sobre uma cadeira e com o rosto voltado para o espaldar, o menino que representava o condemnado á morte), a scena da sentença, e, o que era mais deploravel, o fim dilacerante da execução.

Como proceder então?

Consentir que as creanças continuassem a endurecer seus corações em uma scena mais que crúel? Era forçoso descobrir um meio de fazel-as esquecer tão perigoso brinquedo.

Na hora do recreio introduzi-me no grupo das creanças e propuz-lhes brincarmos juntas, ensinando-lhes eu novos e attrahentes jogos. A scena transformou-se immediatamente, com grande satisfação minha.

Neste caso, é preciso que a educadora proponha primeiro, e execute depois, os novos brinquedos, inventados ou descobertos. Em seguida, as proprias creanças, escolhendo dentre as companheiras, as mais habeis para a direcção dos brinquedos, poderão executal-os sosinhas; e, talvez mesmo cheguem a inventar outros que tenham um fim moral ou que representem scenas da natureza ou da vida, scenas pelas quaes o coração se torna mais gentil e as creanças aprendem outros conhecimentos que lhes abrirão novos horisontes promissores do bem.

De resto, não me cançarei de repetir: a educadora não deve impor-se, se não quizer perder sua influencia sobre as creanças. Brincando com ellas, se tornará querida, será considerada uma companheira bondosa e intelligente, propondo este ou aquelle divertimento, deixando-lhes livre a escolha dos mesmos e tomando sempre parte activa na execução.

Resumindo: á jardineira incumbem muitos deveres para a execução dos ditos brinquedos, se se quer que estes tenham um verdadeiro aspecto de boa organisação e offereçam todas as vantagens desejadas e promettidas.

Deve ter á sua disposição uma copiosa collecção de brinquedos para os ensinar, segundo as occasiões favoraveis; copiosa em respeito aos movimentos a executar e aos conhecimentos a dar ou a reclamar da memoria, da attenção e da execução.

Deve preceder o brinquedo o ensino da poesia e do canto. A educadora deve mostrar-se alegre e contente de tomar parte no brinquedo. Ser escrupulosa para que haja sempre ordem. Por exemplo, quando o brinquedo é em circulo deve esforçar-se para que seja este bem feito e que a creança, que tem uma parte especial a representar, se ache precisamente no centro. Se uma das que fazem parte do circulo tem de deixar por qualquer motivo, o seu logar, não o deve fazer sem primeiro unir as mãos dos seus dous visinhos, para que não fique o circulo quebrado.

E' preciso evitar que a alegria dê origem a barulho ou a indisciplina.

Os modos imperativos, muitas vezes, geram a desobediencia, a rebellião, a má vontade. O castigo mais efficaz para uma creança é retiral-a do brinquedo, em que cada uma deve sempre tomar activa parte.

O brinquedo deve ser cuidadosamente preparado para que seja bem claro o seu fim, e precisa a execução.

Deve ter, o quanto possivel, relação com as occupações feitas em classe e com o conto.

Sobretudo, a jardineira não deve esquecer que, se quer obter optimo resultado, se quer ser comprehendida, amada e obedecida pelas creanças confiadas aos seus cuidados, é necessario que se torne creança tambem e que tome parte nos brinquedos, não com indifferença e seriedade, mas com a franca alegria da infancia.

Conserve sempre uma boa disposição de animo, seja sempre jovial, solicita e affectuosa; esqueça, em presença das suas creancinhas, as amarguras da vida, e faça do Jardim da Infancia um ninho de perpétua alegria.

Zalina Rolim.

(Do livro de Amelia de Rosa. Frederico Frœbel, ed il suo sistema de educazione).

BRINQUEDOS

TRADUZIDOS E ADAPTADOS

POR

D. Zalina Rolim

Passarinhos no bosque

(Brinquedo de movimento)

Nos bosques virentes
Gentís passarinhos,
Felizes, contentes,
Preparam seus ninhos.

Trá, lá, lá,
Trá, lá, lá,
Trá, lá, lá,
Lá, lá, lá, lá, lá!

Por entre os verdores
Do espesso arvoredo,
Em leves rumores,
Saltitam sem medo.

Trá, lá, lá, etc.

E, findo o trabalho,
Têm os passarinhos
O doce agasalho
Dos tépidos ninhos.

Trá, lá, lá, etc.

Explicação do brinquedo

As creanças, que tanto gostam dos alegres passarinhos, devem aprender a poupal-os tambem. E' preciso cultivar nas creanças o amor ás aves, o respeito aos seus sentimentos maternaes, etc. Elles não jogariam pedras nos ninhos, nem lhes roubariam os ovos nem praticariam outras crueldades semelhantes, si a gente tivesse o cuidado de fallar, em sua presença, da vida, dos costumes gentís e da fraqueza, tão carecedora de protecção, das pobres avezinhas. Um destes assumptos deve servir de introducção aos brinquedos.

As creanças, representando as arvores, fazem, como habitualmente, uma roda. No centro fica o passaro que tem alli o seu ninho, formado por tres ou quatro creanças com os bracinhos entrelaçados e assentadas no assoalho.

As creanças cantam a primeira quadra e, ao estribilho: lá, lá, lá, etc, o passarinho deixa o ninho e começa a vôar em torno do bosque. Volta para o ninho e, de lá, escuta a segunda; ao começar o estribilho, recomeça a vôar Acommoda-se de novo no ninho e, imaginando que vem a noite, esconde a cabecinha entre as mãos, como se adormecesse, emquanto as creanças cantam os ultimos versos. Passados instantes de absoluto silencio, uma creança da roda imita o canto do gallo a cujo som o passarinho desperta para vôar de novo.

II

OLHOS VENDADOS

(Educação do ouvido)

Vem, queridinha, escutar
Nossa risonha canção;
Quem um nome adivinhar
Bata o pésinho no chão.

(Quando acertar)

Ta-pe, ta-pe, ta-pe, tão...
Sou eu mesma, sou eu sim.
Ta-pe, ta-pe, ta-pe, tim...
Toma o meu logar então..

(Quando errar)

Ta-pe, ta-pe, ta-pe, tão...
Não me conheceste a mim.
Ta-pe, ta-pe, ta-pe, tim....
Fica escutando a canção.

Explicação do brinquedo

Uma das creanças da róda canta sósinha a primeira quadra. No centro deve de estar, com os olhos vendados, a que tem de adivinhar. Findo o primeiro canto, a do centro deve bater com uma varinha ou

com os pés no chão para que cessé o movimento da róda e dirá, então, o nome da cantora ou cantor. Si acertar será substituida no seu logar pela creança que cantava, e as da roda recomeçarão o movimento cantando a quadrinha correspondente. Se errar, terá de ficar no centro ainda, e a róda cantará a quadrinha opposta á anterior.

Este mesmo brinquedo, tão recommendado nos Jardins da Infancia, póde ser executado sendo o tacto empregado, em vez do ouvido, para a adivinhação. Serão assim grandemente desenvolvidos os sentidos.

III

OS CARRINHOS

(Brinquedo de movimento)

Vizinho, vem viajar tambem,
O meu carrinho róda bem.

Vamos juntinhos, cada qual
Mais diligente e jovial.

Ti-rí-rá-ri, ti-rí-ra-rão
Viajar alegra o coração!

Explicação do brinquedo

As creanças pódem ficar em circulo ou em fileiras.

A creança que primeiramente vai representar o carrinho, fica no centro, com os bracinhos voltados para traz e o corpo um tanto inclinado. Então a que faz de conductora deve segurar-lhe as mãosinhas e juntas fazerem a volta da sala, imitando os carrinhos de mão e cantando os dous primeiros versos. Findo este canto, novas creanças farão de carrinho e conductora e cantarão com as primeiras os outros versos; e assim por deante, até que todas as creancinhas tenham sido carrinhos ou conductoras.

IV

A SOLIDÃO

(Brinquedo de movimento.—Sociedade)

Ai! como é triste quem se vê
Na solidão,
Sem um amigo que lhe dê
Seu coração!...

Eu amo a bôa companhia
De onde vem
O gozo, a graça da alegria
Que faz bem.

Brincando, alegre, eu sou feliz:
Vamos brincar?
Companheirinhas, mui gentís,
Vamos cantar?

Vem dentre nós uma escolher
Não vivas só...
Na solidão não ha prazer
Mas pena e dó.

EXPLICAÇÃO

As creanças ficam em circulo, estando uma sósinha, no centro; esta apoia a cabecinha na mão direita, em signal de tristeza, e canta os primeiros versos.

Quando termina, as outras cantam juntas até que, quando as lettras do verso o indicam, a do centro escolhe um par entre as do circulo, para juntas, fazerem num galope, a volta do mesmo. As outras creanças acompanham-n'as com palmas ao som da toada: lá, lá, lá, etc.

V

AS ARVORES

Music for the Kinder-Garten, Eleonore Heerwart. Musica n. 67.

(Exercicio dos braços)

As creanças representam uma avenida formada de duas fileiras de arvores. Os braços levantados representam os galhos. A principio, as arvores são docemente agitadas pela briza; á segunda quadra é um vento fórte que lhes sacóde os galhos, e, por fim, vem a tempestade que lhes despenca as folhas e flôres (que as creanças devem trazer nas mãos) e assim termina o brinquedo.

Agita a verde folhagem
A briza ligeira e mansa...
Do vento a fórte bafagem
Os galhos sopra e balança.

Vem depois a tempestade
E, nos seus doidos furores,
Quebra os galhos, sem piedade,
E o chão tapéta de flôres.

VI

O CARACÓL

Music for the Kinder-Garten, Eleonore Heerwart. Musica n. 61

(Brinquedo de movimento)

As creanças formam a róda, como habitualmente, com a differença, apenas, de deixal-a aberta em um ponto onde a professora ou uma das creanças maiores, fica representando a cabeça do caracól; na outra extremidade do circulo quebrado, deve ficar uma das menores, representando a cauda.

O movimento começa pela cabeça que se vai enrolando gradualmente até que o circulo se torna muito menor e representa a casa do caracól na qual elle se arrasta.

Na quadra seguinte começa o caracól a desenrolar-se até que fórma de novo um grande circulo, e as creanças das extremidades dão-se as mãos.

Vinde vêr o caracól
Se enrolando, vinde ver
Já gozou a luz do sol
Vai agora adormecer.

Na sua casca sózinho
Eil-o agora, bem quietinho.

Um minuto quieto jáz
E, de novo, eil-o a se abrir.
Para deante e para traz
A descer ou a subir.

Vamos, vamos caracól
A brilhante luz do sol.

A GYMNASTICA

NO

JARDIM DA INFANCIA

Tão util é o ensino da gymnastica nas escholas que longo seria indicar as numerosas vantagens que della se originam principalmente para as creanças de tenra edade que formam, no Jardim da Infancia, o primeiro gráo da escala elevadissima da instrucção publica de nosso Estado.

A gymnastica adequada ao Jardim deve obedecer a um bom systema, tendo em vista os seguintes objectos: 1.º vulgarisar a educação physica de um modo simples, prompto, geral e sobre tudo pratico; 2.º fazer desapparecer a antipathia ou, antes, o inexplicavel preconceito da familia brasileira por esta educação que deve dar ás novas gerações a força e a saúde.

Para se não cahir no excesso, que transformaria o util no inutil, é preciso possuirmos um methodo simples, facil tendo uma nomenclatura racional e accessivel aos nossos pequeninos discipulos, herdeiros

da creação do immortal Frœbel. Este systema não deve conter senão movimentos communs a todas as creanças e exercicios cuja utilidade sejão ellas as primeiras a demonstrar; deverá, pois, comprehender as posições as extensões, os passos, as marchas e os saltos.

Occupando os jogos infantis com exercicios gymnasticos o logar primordial nos Jardins, vamos traçar, em rapidas linhas, alguns desses exercicios com a necessaria adaptação aos nossos usos e costumes.

Os jogos exigem por parte das creanças muito movimento e vivacidade, desenvolvendo-se, por este modo o corpo, e a alma ao mesmo tempo.

A creança não se move sem um fim determinado. A principio não tem consciencia desse fim; mais tarde caminha e se arrasta com intenção de ir a este ou aquelle logar.

Na creança que brinca nota-se logo o papel da sua imaginação; percebemos as impressões que ella recebe quando, ao apossar-se de um cabo de vassoura, de que faz seu cavallo, ou de um pedaço de páo que lhe serve de boneca, de cãosinho, etc., imita com estes objectos os movimentos que observou nos verdadeiros objectos. Estando só em casa, muitas vezes a creança brinca com os camaradas ausentes, e imita ella sósinha o que fazem todos reunidos. Foi por estes indicios notados em geral nas creanças que o insigne Frœbel formulou os seus jogos.

Representam estes exercicios circumstancias, pessoas e artistas, cousas, etc., que vemos todos os dias: os artifices os camponezes, os viajantes, o caçador, o carpinteiro, o pescador, etc.

Que nome se deva dar, portanto, a estes jogos?

Jogos plasticos por que representam os casos communs da vida.

Na execução dos jogos o sentimento que se nota na creança é seu amor pelo rythmo, eis porque a maior parte destes jogos são acompanhados por canções.

O resultado dos jogos mais notaveis nas creanças é tal, diz Frœbel: que eu não tóco jamais em uma só corda da alma, faço resoar todas sempre em uma doce harmonia, porque é natural a toda creança o dever de brincar. A creança que não brinca deixa de ser creança; o brinquedo da creança é uma lei, pois devemos considerar como lei tudo quanto é commum á especie. Todas as arvores têm folhas; ás aves seus ninhos, os pastores suas cabanas; pois bem, as creancinhas têm tambem o seu brinquedo os seus jogos de movimentos.

Foram estes jogos exercitados, como meio de educação infantil, e cultivados pelos povos antigos: em combates simulados em danças, em corridas, sendo todos muito apreciados pelas creanças.

O movimento é da propria essencia da natureza. Todos os objectos que a compõem estão sujeitos á lei fatal do movimento: o rio corre, o mar que se agita, a tempestade que se desencadêa, os seres animados que nascem, a terra que gyra ao redor do eixo, todos os objectos, emfim, estão sujeitos ao movimento.

Pois bem, no Jardim da Infancia os movimentos ou, antes, os pequenos exercicio de gymnastica, constituem propriamente a sua vida.

Trabalhemos, pois, pela vida dos Jardins de Infancia.

Depois de termos demonstrado a grande utilidade dos jogos e da gymnastica nos Jardins de Infancia, vamos dar começo aos nossos exercicios.

Nos Jardins de Infancia não deve haver um curso especial de gymnastica, devendo ser ella empregada nos jogos e brinquedos em que se possam fazer diversos movimentos com a cabeça, braços, pés e mesmo na propria saudação, pela manhã e pela tarde, que as creanças diariamente executam.

Mui rapidamente vou traçar alguns pequenos exercicios gymnasticos que temos até aqui executado, e que nos parecem de muita utilidade nos Jardins de Infancia.

O curso do Jardim da Infancia está dividido em 3 periodos:

1.º Periodo composto de creanças de quatro annos; 2.º Periodo, creanças de cinco annos; 3.º Periodo, creanças de seis annos.

Começaremos pelo 1.º Periodo.

Sendo este Periodo o das creanças menores e, por conseguinte, ainda com pequeno desenvolvimento muscular, suas articulações não são providas de musculos tão solidos como os dos maiores e é, porisso, preciso fazer exercitar os membros e musculos por pequenos exercicios gymnasticos e marchas.

Eis como devem ser feitos:

A professora deve collocal-as pela altura e segundo as regras da gymnastica que já devem ser bastante conhecidas por todos os educadores, fazen-

do-se executar as primeiras posições dizendo: primeira posição, segunda posição.

A gymnastica no Jardim da Infancia faz-se tres vezes por semana em cada Periodo, sendo a sua duração de cinco a dez minutos cada dia.

Deve a professora julgar quaes os exercicios que mais convêm fazer e esforçar-se em varial-os, tendo em vista os diversos Periodos, aprendendo as creanças do 1.º Periodo sómente as duas primeiras posições fundamentaes que têm applicação nas marchas.

Colloque a professora as creanças em circulo e em preparativo para executarem as posições: primeira e segunda. Depois de bem exercitadas estas posições, poderão ellas fazerem alguns movimentos com a cabeça, braços, mãos, dedos e pés.

Principiemos com os movimentos da cabeça.

1.º Sacudil-as como se faz para dizer—sim ou não.

2.º Baixar a cabeça para a frente e para atraz tres ou quatro vezes com precaução, nem depressa e nem de vagar.

3.º Voltar a cabeça á direita e á esquerda.

Movimentos dos braços.—1.º Estender os braços para deante, para os lados e para o alto, podendo serem feitos estes exercicios com o uso das bolas do 1.º dom.

2.º Balançar os dois braços até dez vezes.

Movimentos das mãos.—1.º Mover a mão direita, indicando as partes do corpo já conhecidas pelas creanças.

2.° Collocar as mãos abertas sobre o peito, sobre o rosto, cruzal-as, etc.

3.° Abrir e fechar as mãos ao mesmo tempo, sendo feito o exercicio primeiro com a mão direita e depois com a esquerda, e, finalmente, com ambas.

4.° Bater palmas uma vez, duas vezes, tres, até dez vezes.

Movimento dos dedos. - 1.° Abril-os ao mesmo tempo.

2.° Fechal-os ao mesmo tempo.

3.° Fazer com o dedo indicador um movimento correspondente á palavra—não.

Exercicio com os pés.—Devem as creanças caminhar lentamente, depois com o passo mais accelerado, quasi em marcha.

O andar.—E' de grade importancia este assumpto principalmente no Jardim da Infancia, em que as creanças aprendem a executar os primeiros passos. E' desde cêdo que se deve ter o especial cuidado no desenvolvimento physico das creanças.

Nota-se que nos adultos a maior parte das pessoas caminham mal; alguns curvam-se para a frente prejudicando o organismo, outros pizam só com as pontas dos pés; emfim, tantos vicios adquirem, quando é certo que todos elles pódem ter a necessaria correcção desde que, quando pequeninos, se acostumem ás regras da pequena gymnastica infantíl, cabendo pois, ás Jardineiras supprir estas faltas.

A marcha é executada diariamente por espaço de 15 minutos divididos em pequenos intervallos.

Primeiramente aprendem as creanças a marcar passo em seus logares, depois farão a marcha em

volta da sala onde se deve riscar linhas no assoalho com giz de côr para as creanças fazerem a marcha sobre as linhas, contando a professora bem alto: um, dois, um dois, etc.

Depois executará tambem ao piano uma melodia facil para as creanças acompanharem o rythmo com os passos, isto depois que já estejam certas no passo de marcha.

Quando se acharem ellas preparadas a marchar sómente com o auxilio da musica executada no piano, vêm então as marchas em que executam todas as canções com movimentos, tornando-se o exercicio de um bello effeito. Na marcha algumas creanças empunham bandeirinhas, outras acompanham o rythmo dos passos com a campainha, offerecendo o conjucto da classe uma impressão muito agradavel ás proprias creanças.

Os JOGOS.—Devem ser claros e faceis para a comprehensão infantil. Por meio delles aprendem as creanças a juntar o pensamento e a palavra á acção.

Como toda tendencia infantil tem um fim determinado, o sentimento, o espirito e a imaginação devem exercer-se tambem ao mesmo tempo que os jogos de movimento e é, porisso, que Frœbel recommenda os jogos como exercicio de grande utilidade nos Jardins.

A pessôa que dirige os jogos deve fazel-o de modo a captivar e atrahir toda attenção das creanças.

Si a professora exigir das creanças movimentos que lhes sejam penosos, poderão ellas soffrer com isto disvirtuando-se dest'arte o brinquedo que se tornará aborrecido.

Frœbel gostava muito dos jogos populares adaptados á idade das creanças.

Conforme o jogo exercitado no Jardim, empregam-se movimentos que lembram ás creanças certos objectos como: o moinho, o passarinho, o pombal, a cegonha, o caçador, o peixinho, etc. Nestes jogos de movimentos podem ainda as creanças representar seres, isto é, imitação de pessôas do lar domestico como: o papae, a mamãe, o irmãosinho e os proprios creados, etc.

No 2.º e 3.º Periodos devem tambem ser feitos estes jogos, porém, com o necessario desenvolvimento.

Gymnastica dos dous outros Periodos:— 1.º Uma pequena recordação dos exercicios anteriores feitos no 1.º Periodo.

2.º As seis posições fundamentaes.

3.º Vozes de commando.

Depois de estarem as creanças attentas ás vozes de commando colloque-as a professora em circulo, ficando uma bem no centro, para ellas poderem guardar a distancia, exercitando-se todas as creanças juntamente com a professora, que as não deixa um só momento.

Movimento com a cabeça.— 1.º Deitar a cabeça sobre o hombro o mais que puder, primeiro á direita depois á esquerda.

2.º Curvar a cabeça para a frente, para o lado direito, para traz, para o lado esquerdo de maneira que a cabeça possa girar sobre seu eixo. Este exercicio não se deve fazer mais de tres vezes

Movimentos com as espaduas.— 1.º Levantar o quanto possivel as espaduas, abaixal-as depois sem choque, recual-as para traz.

Movimentos com os braços.— 1.° Estender o braço para a frente, depois dobral-os e unil-os pelos cotovellos.

2.° Levantar o braço direito, abaixar o esquerdo e vice-versa.

3.° Fazer com os braços estendidos um circulo sobre a cabeça unindo-os pelos dedos medios.

4.° Dobrar os braços pelos cotovellos de modo que as mãos toquem nas espaduas.

5.° Agitar os braços como remadores, como os nadadores, executar o movimento do tambor, etc.

Movimentos das mãos.— 1.° Estender os braços para a frente tendo as mãos fechadas e formar no ar as linhas: vertical e horisontal, ou um angulo, triangulo, uma linha curva, zig-zag, etc.

2.° Bater com as mãos fechadas sobre a mesa, primeiro lentamente e ir crescendo aos poucos.

Movimentos dos dedos.— 1.° Mover, de um, em um, os dedos da mão com a denominação de cada um delles, designando a professora este ou aquelle.

2.° Collocar sobre a mesa a mão e levantar os dedos pelas pontinhas fazendo a combinação dos da mão direita com os da esquerda principiando pelo dedo pollegar e acabando pelo minino.

Movimentos com os pés.— 1.° Levantar-se sobre as pontas dos pés; juntal-os.

2.° Deixar o logar sem levantar os pés.

3.° Pular sobre as pontinhas dos pés.

O andar.— 1.° Andar á direita, á esquerda, para a frente e á rectaguarda.

2.º Virar á direita e á esquerda.

MARCHAR.— 1.º Marchas de uma só creança.

2.º De duas em duas; tres em tres, fazendo contar: um, dois, um dois, etc., guiadas pelo som do piano ou harmonium.

3.º Marchas imitativas e cantadas.

Concluimos assim a nossa pequenina exposição referente aos exercicios gymnasticos e jogos que podem facilmente ser executados com os nossos pequeninos dos Jardins de Infancia.

Maria E. Varella.

GUIA PARA JARDINEIRAS

(Do «Paradise of Childhood», de Edward Wiebé)

POR

Gabriel Prestes

7.º DOM

Todo o desenvolvimento mental basêa-se na observação concreta dos séres. O mundo material, com a sua multiplicidade de manifestações, attrahe os sentidos e excita-os á actividade, provocando assim as operações rudimentares das faculdades. Gradualmente, depois dessas operações ainda mal explicadas pela sciencia, o espirito torna-se apto para desenvolver uma actividade mais elevada baseando-as nas impressões originarias dos sentidos, relativas aos objectos que o rodeiam.

As primeiras impressões, reiteradas, deixam após si um traço duradouro. Ha, porém, grande distancia

entre a faculdade de recordar as observações anteriores, afim de obtermos a representação dos objectos percebidos pelos sentidos, e o raciocinio, a abstracção. Por isso, nada devia merecer mais elevada consideração em beneficio dos systemas de ensino do que a subita transição entre a observação concreta e os processos mais ou menos abstractos a que se submettem as creanças ao entrarem para as escholas.

Frœbel, por meio de uma longa série de material para as occupações infantis venceu felizmente essa difficuldade preenchendo o vacuo que existia entre essas duas fazes do desenvolvimento mental. O primeiro elemento que estabelece essa transição é constituido pelo material do setimo dom—taboinhas de varias fórmas.

A série completa das taboinhas comprehende cinco caixas que contém:

a) Taboinhas quadradas.

b) Taboinhas triangulo-rectangulares.

c) Taboinhas formando triangulos-equilateros.

d) Taboinhas formando triangulos-obtusangulos.

e) Taboinhas formadas por triangulos rectangulos escalenos.

Até aqui a creança occupava-se com a representação de objectos reaes, por meio dos differentes solidos geometricos. Construiam-se assim, casas, bancos, etc. Estas construcções, entretanto, constituiam antes uma imagem, mas uma imagem concreta dos objectos, com os mesmos caracteristicos naturaes. O banco, por exemplo, era tal que poderia servir de assento a uma boneca, por exemplo.

Com as taboinhas deste dom, a creança póde ainda representar o mesmo banco, não o banco em si mesmo, mas apenas a sua fórma.

Veremos mais tarde como, proseguindo nesta mesma ordem de transições, os dons de Frœbel nos levam successivamente á representação das cousas por meio de linhas, primeiro representadas *materialmente* por pausinhos e, por ultimo, por simples traços de lapis feitos pelos proprios alumnos.

As taboinhas quadradas

PRANCHA N. I

Distribuem-se estas taboinhas primeiro em numero de seis. Pelo mesmo processo empregado com relação aos dons anteriores, deve-se fazer com que este novo material se torne conhecido das creanças, comparando-o com outros objectos que tenham qualidades semelhantes.

E' conveniente que as creanças venham a conhecer a relação que existe entre este e os dons anteriores. As taboinhas representam superficies, e são identicas na fórma e nas dimensões ás faces do cubo do terceiro dom.

Cubram-se todos os lados de um cubo com estas taboinhas e depois que a creança tiver reconhecido a fórma do cubo no corpo assim formado, deixe-se que ella as separe uma por uma. Isto feito proceda-se de modo a obter respostas convenientes para estas perguntas ou quaesquer outras identicas:

—Qual é a forma desta taboinha? Quantos lados tem? Quantos angulos? Olhem bem para os lados : São todos do mesmo tamanho? Olhem agora

para os cantos: São todos parecidos (semelhantes) uns com os outros? Onde já viram vocês figuras como estas?

—Como tambem pódem chamar-se estes cantos? Pódem mostrar-me angulos em outros objectos? O canto da sala é tambem um angulo?

Os angulos, porém, não são todos eguaes e, por isso, têm nomes differentes. Todos esses nomes serão aprendidos gradualmente. Por emquanto, voltemos ás taboinhas.

Colloquem-se as taboinhas na mesa bem direitinhas. Pódem agora dizer-me, que direcção têm os lados que fórmam este angulo?

Um é horizontal e outro é vertical e perpendicular.

O angulo assim como este, formado por lados perpendiculares, chama-se *angulo recto.*

—Quantos destes angulos tem cada taboinha?

– Quatro.

—Mostrem-me agora angulos rectos em outros objectos.

A acquisição deste conhecimento representa um importante progresso para as creanças. Attendendo á posição horizontal e vertical das linhas, ellas são levadas a observar mais profundamente as relações de fórma que, até aqui, haviam sido consideradas apenas sob o ponto de vista da grandeza.

Póde-se ainda chamar a attenção das creanças para o facto de serem sempre rectos os angulos, embora apenas em quatro posições os lados venham a ser horizontaes e verticaes. Por esse modo, as

creanças se habituam a reconhecer o angulo recto qualquer que seja a posição dos seus lados.

Além desta, as taboinhas pódem suscitar ainda outras observações como, por exemplo, a de que os lados oppostos tem sempre a mesma direcção, e de que distam egualmente em toda a extensão, de modo que não se encontram por maior que seja o numero de taboinhas que se juntem.

Ensine-se que taes linhas são parallelas. Muitas vezes as creanças viram essas linhas mas só agora começam a comprehendel-as. De ora em deante, ellas passarão a olhar com mais interesse para os objectos que as rodeam, taes como: mesas, armarios, casas, etc., notando as suas linhas, pois que agora já não são apenas as impressões exteriores que lhes affectam os sentidos; alguma cousa interna, a idéa que lhes brotou no espirito começa tambem a ser objecto da sua attenção. Por isso será sempre com prazer que as creanças exercerão a sua observação sobre os objectos em que possam descobrir linhas ou angulos com os caracteristicos que ellas já conhecem.

A professora, porém, deve proceder lenta e cuidadosamente de accordo com as condições das creanças, repetindo, multiplicando os exercicios e, ao mesmo tempo, variando-os. Auxilie as creanças a produzirem novas fórmas ideaes, collocando parallelogramos, ora num ora noutro sentido de suas dimensões, figs. 4 e 5; a construirem fórmas de objectos, fig. 6 e 12, ou simples combinações de symetria. Por este meio, os exercicios pódem tornar-se sempre attrahentes, dando ensejo a fortalecerem-se as noções que se tenha em vista accentuar.

O numero de fórmas com as seis taboinhas não é muito consideravel, mas, chegado a este ponto, pó-

de-se dar-lhes mais duas, de modo a ampliar-se o numero de combinações.

As combinações de symetria referentes ao terceiro dom pódem assim repetir-se e mesmo ampliar-se de accordo com a natureza do material.

As taboinhas triangulo-rectangulares

PRANCHA N. I

Assim como o cubo deu logar a novas formas, do mesmo modo, por divisão, o triangulo origina-se do quadrado. Dividindo-o diagonalmente em metades, obtêm-se triangulos rectangulos isoceles.

Embora a fórma triangular já tenha sido apresentada á creança em connexão com o quinto dom, ella apparece aqui mais independente e apresentando diversidades de especies que precisam tornar-se bem conhecidas.

Para familiarizar as creanças com esta nova forma, proceda-se do modo seguinte:

Reunam-se os triangulos pelo lado maior, de modo a reconstruir-se o quadrado.

—Que especie de linha é essa que divide o quadrado em duas partes? Uma linha obliqua. Em que direcção essa linha divide o quadrado? Do canto direito do cima (superior) para o canto esquerdo inferior.

Uma linha como essa chama-se diagonal.

Separem as duas partes do quadrado e olhem para cada uma dellas por sua vez. Como podemos chamar cada uma dessas partes? Como se chama o *todo*? Quadrado. Quantos cantos ou angulos tem

as partes do quadrado? Tres. Cada uma dessas partes, pois, cbama-se um triangulo porque tem tres angulos. Quantos lados têm esses triangulos?...

Olhando bem para os lados, que mais vôces notam? Um lado é mais comprido; os outros dous são eguaes. Estes ultimos são do mesmo comprimento que os lados do quadrado.

Digam-me agora que especie de angulo é esse que fica entre os dous lados eguaes? E' o angulo recto. Porque? Como chamaremos os outros dous angulos? Em que direcção estão os lados desses angulos collocados? Elles formam uma ponta muito fina. Por isso, podemos chamal-os angulos agudos, o que quer dizer angulos de pontas finas.

Esses triangulos têm, pois, quantas especies de angulos? Duas: um recto e dous agudos.

E' desnecessario notar que os assumptos acima não podem ser ensinados em uma lição; devem ser tratados em muitas conversações, pois, do contrario, não seriam aprehendidos mesmo pelos alumnos mais intelligentes. Pode-se ainda, depois destes conhecimentos, chamar a attenção das creanças para o facto de que ao lado maior dos triangulos se oppõe o maior angulo e de que são eguaes os dous angulos agudos.

Para estas observações fornecerão ensejo e oppurtunidade as differentes séries de construcções com as taboinhas.

Sempre que seja possivel, as noções elementares devem associar-se ás construcções representativas de objectos reaes ou ás combinações symetricas.

Afim de poder inventar ou crear novas formas e combinações, as creanças devem observar as varias

posições que um triangulo póde occupar. Facilmente as descobrirão, de accôrdo com a *lei dos oppostos* que ja lhes é familiar.

O triangulo rectangulo, por exemplo, póde occupar as quatro posições indicadas pelas figuras 17—20, ou ainda as que indicam as figuras 21—24.

As differentes posições que podem occupar dous triangulos facilmente se descobrem fazendo-se um delles mover em torno do outro. Por esse meio muito simples obtêm-se todas as combinações indicadas pelas figuras 25—31 que, como é facil de ver, resultam do movimento de um delles em torno do outro que permanece immovel.

As figuras 32—37 obtêm-se fazendo ora mover e ora girar o mesmo triangulo em relação ao outro. As figuras 38—47, finalmente, resultam simplesmente do movimento giratorio de um dos triangulos.

Depois destes exercicios elementares, distribuem-se ás creanças quatro taboinhas triangulares. Deve-se começar fazendo-as collocarem os quatro angulos rectos em torno de um mesmo ponto, formando-se assim o quadrado representado pela figura 48.

Collocando as taboinhas em posição inversa, produz-se o quadrado da figura seguinte, cuja parte central fica vasia. Esta parte tem a mesma forma e as mesmas dimensões que o quadrado precedente. As creanças são assim levadas a estabelecer uma analogia entre o quadrado real (formado pelas quatro taboinhas) e o quadrado apenas indicado pelos lados dessas mesmas taboinhas, donde, portanto, o primeiro passo entre a percepção concreta e *a sua idéa*, isto é —a abstracção.

As creanças facilmente descobrirão as formas intermedias entre essas duas extremas, como as representam as figuras 58—59 e 50—51.

Separando as taboinhas, produzem-se as novas formas intermedias, figuras 52, 53, 54, e 55. Além disso, em vez dos angulos rectos, podem os angulos agudos concorrer no mesmo ponto, obtendo-se assim as figuras 56 e 57 que se chamam formas de rotação porque a posição isolada dos angulos rectos suggere a idéa de tendencia para a quéda ou rotação. A mediação entre estas duas formas oppostas é dada pelas figuras 50 e 51 e entre estas e as de n. 49 e 50, pelas figuras 58 e 59, devendo-se notar que estas formas oppostas, em todos os casos, são arranjadas em relação aos angulos rectos.

Todos estes exercicios acostumam as creanças ao manejo desembaraçado do material, e cultivam a exactidão da vista pois que as formas regulares só se obtêm quando as taboinhas são collocadas exacta e correctamente nas posições que devem occupar em relação aos quadradinhos das mesas. Além disso o cuidado que é necessario ter para não as desarranjar é de grande importancia para a destreza de mãos que se trata de obter, e que mais necessaria se tornará, em seguida, desde que os alumnos venham a dispôr de maior numero de taboinhas como acontece com os exercicios seguintes nos quaes se chega a empregar até sessenta e quatro.

Formas reaes

PRANCHA 3

Têm applicação aqui as mesmas indicações que démos relativamente ás construcções com os blócos, tendo-se em vista, entretanto, que aqui se trata apenas de representar a imagem dos objectos, ao passo que antes reproduzia-se, mais ou menos, a forma dos objectos com todas as suas dimensões.

As construcções aqui começam:

A.) Com quatro taboinhas.

1 Vasos — 2 Kiosque de Jardim — 3 Pombal.

B.) Com oito taboinhas.

4 Uma casa—5—Um bóte—6 Uma taça com tampa—7 Uma torre - 8 Um relogio.

C.) Com dezeseis taboinhas.

9—Uma ponte com dous arcos—10 Um portão 11—Uma egreja—12 Um portão—13 Uma fructeira.

D.) Com trinta e duas taboinhas.

14 —Uma casa—15 Casa de officina com chaminé —16 Um moinho de café—17 Um bule sem cabo.

E) Com sessenta e quatro taboinhas.

18 Uma casa de dous andares—19 Ponte de estrada de ferro. - 20 Um barquinho.

A gravura *F* representa o resultado da combinação de diversas construcções. Poder-se-á dizer que as imagens aqui representadas não tem analogia muito frisante com os objectos indicados; cumpre, porém, notar que muitas das denominações acima foram applicadas pelas proprias creanças. *Este desenho com planos* deve dar logar a conversações instructivas de modo que ellas não venham a ser apenas um méro passatempo material; é preciso que a palavra vivifique as creações e a actividade manual das creanças. Cada imagem terá, assim, uma significação para o espirito infantil e cada objecto, no dominio da natureza ou da arte, fallará ás creanças uma linguagem para a qual ellas se acham preparadas.

Não nos parece necessario indicar como devem dirigir-se taes conversações. Quem, tratando-se, por exemplo, de um pombal, não associará essa imagem á lembrança dos passaros que o habitam, os ninhos que constróem; os ovos; os tenros passarinhos que delles nascem; o cuidado com que os pintainhos são tratados pelos pombos até que possam vôar e tratar de si? E, demais, não é tão natural ligar todas estas idéas ás relações que tambem existem nas familias humanas?... Entretanto, cumpre ter cuidado em não apresentar ao espirito idéas de moral abstractas que o entendimento infantil não possa aprehender. O fim de toda educação deve ser o amor do bem, do bello, do nobre e sublime; porém nada é mais proprio para extinguir esse mesmo amor do que a monotonia, a secca e fastidiosa exposição de conceitos moraes ás creanças. Actos mais do que palavras, eis o processo mais natural neste importante ramo da educação.

Fórmas symetricas

PRANCHAS I E 2

E' enorme o numero de combinações symetricas que se póde fazer com as taboinhas triangulares, por causa da sua diversidade de fórmas, que dão um novo encanto ás occupações. A faculdade inventiva das creanças será sempre exercida com satisfacção, e o proporcionar prazer deve ser a feição proeminente de todo systema de ensino.

Nas combinações de taboinhas triangulares pódem empregar-se desde 4 até 64 taboinhas. Das de 4 taboinhas já démos exemplos na prancha 1 figs. *D*, 48—59.

Produzem, naturalmente, maior effeito as combinações em que entram maior numero de peças como em seguida se verá.

Combinações com 8 taboinhas

Nestas combinações pódem-se seguir varios principios. A série *E*, 60 a 69, obtem-se simplesmente duplicando as fórmas construidas com 4 taboinhas. A série *F* tem como ponto de partida a fórma sob numero 70, fazendo-se a metade das peças moverem-se simultaneamente da direita para a esquerda. As partes da mesma natureza tocam-se sempre: os lados juntam-se aos lados e os angulos aos angulos. A mediação ou transição entre as combinações oppostas assim obtidas, faz-se restringindo o movimento dos triangulos moveis, fazendo-os percorrer, de cada vez, meia pollegada em vez de uma.

Voltemos, porém, á fórma fundamental, fig. 70. Nessa combinação os triangulos reunem-se de modo a ficarem coincidindo as hypothenusas com as hypothenusas e os cathetos com os cathetos. A combinação opposta a esta é indicada pela fig. 82, em que as hypothenusas se ligam aos cathetos. Partindo-se deste ponto obtem-se, pelo mesmo processo já indicado, as fórmas da lettra *G*, figs. 82—87.

Nas duas fórmas fundamentaes 70 e 82 os lados reuniam-se sempre aos lados, como vimos. Outro modo de combinar as taboinhas triangulares consiste em fazel-as reunirem-se pelos angulos, como se vê na fig. 88. Nessa figura os angulos rectos ficam para fóra. Collocando-os de modo inverso teremos as fórmas 89 e 90. Esta ultima constitue a mediação entre as figs. 70 e 89, pois que aqui quatro dos triangulos juntam-se pelos lados (fig. 70) e quatro outros pelos an-

gulos fig. 89). A figura seguinte, 91, é a opposta da anterior; numa a parte média é formada por quatro triangulos, noutra a parte média fica desoccupada, conservando, porém, a mesma fórma. Essa mesma combinação (91) constitue a mediação entre as figs. (88 e 89).

Combinações com 16 taboinhas

Pelo que acima dissémos se verifica quão extenso é o numero de combinações, que variedade de formas se obtêm por este processo; não está, porém, nos intuitos desta obra acumular exemplos e indicações, pretendemos apenas mostrar como as creanças devem ser guiadas nas suas proprias occupações inventivas. Demais, acreditamos já ter dado um numero sufficiente de processos para se exercer a imaginação, perfeitamente apropriados á producção de novas e bellas formações para desenvolvimento da vista e do gosto. Portanto, limitamo-nos aqui a acrescentar as series J. e K. a primeira das quaes é obtida pela simples duplicação de algumas das formas elementares da série D. de figs. 48 a 59, e a segunda indicando como novas combinações symetricas podem originar-se de cada uma destas formas. E' evidente nestas combinações a applicação da lei dos oppostos ja conhecida e explicada. São oppostas as figuras 92 e 93; 96 e 97; 101 e 102; e a essas formas constituem mediações as figuras: 94 e 95; 98 99 e 100; e 103 etc.

Combinações com 32 taboinhas

Para obter as combinações com 32 taboinhas procederemos ainda como acima. Como exemplo deste maior desenvolvimento, apresentamos a serie *L*

cujas figuras são obtidas pela quadrupla reunião dos elementos representados pelas figuras 68 e 69. As combinações sob n. 110 e 111 são as extremas ou oppostas e entre ellas encontram-se as mediações representadas pelas formas 112 e 113.

Combinações com 64 taboinhas

Aqui tambem ,como já temos visto, a acção combinada de muitas creanças dará origem a formas realmente interessantes, sendo de notar que esses resultados assim obtidos têm ainda um caracteristico que não deve ficar em esquecimento. As creanças acham-se occupadas segundo uma mesma lei; um mesmo intuito as dirige e, assim, todas devem prestar-se mutuo auxilio, como se dá na sociedade. Um systema de educação que, por assim dizer, por méros brincos conduz as creanças á apreciação de taes factos, incontestavelmente merece o qualificativo de natural e logico

E' por tal processo que se obtêm as figuras 114, 115, 116, pois, como facilmente se vê, taes fórmas resultam da combinação dos elementos representados sob n. 96 e 97.

Alem disso essas combinações são formadas de módo a poderem continuar-se em todas as direcções, constituindo assim um conjuncto mais amplo e attrahente.

Chegado a este ponto, segundo as indicações que acabamos de dar, póde-se agora partir das fórmas fundamentaes apresentadas no quinto *dom*, empregando-as com as necessarias modificações.

Na figura 117 damos um exemplo desta applicação

Formas ideaes

PRANCHA 2

Reunindo-se duas, quatro e oito taboinhas, como o indica a prancha n. 2 figuras 118—123, dá-se o conhecimento das figuras regulares que com ellas podem formar-se, taes como: o triangulo rectangulo, o rhomboide e o trapezio.

As taboinhas são, entretanto, mais especialmente destinadas a demonstrar pela observação as differenças de grandeza, sob a egualdade de fórmas (semelhança de figuras) e a egualdade de grandeza, sob a differença de fórmas (equivalencia).

As figs. 124, 125 e 126 representam triangulos, formados de modo que cada um delles é a metade do seguinte, e as figs. 129, 127 e 128 tres quadrados nas mesmas condições. As figs. 119—123 apresentam, do mesmo modo, 5 grandezas eguaes sob differentes fórmas, e o mesmo se dá com as figs. 129—131.

E' indubitavel que a observação e o manejo destas fórmas deve tender a facilitar a futura comprehensão das verdades geometricas. E, com effeito, quem poderá negar que o methodo frœbeliano não facilite a instrucção mathematica? Basta um relance de olhos pelas figuras, mesmo sem uma completa explanação, para se verificar que tal instrucção se tornará, por este meio, mais proveitosa para a vida pratica. Nellas se contem demonstrativamente o maior numero das verdades da geometria elementar, relativas ás figuras planas regulares.

Por emquanto, basta que a creança aprenda a distinguir as varias especies de angulos, e a sua cor-

respondencia, isto é: a egualdade constante dos angulos rectos, a grandeza menor dos angulos agudos e a maior dos obtusos, o que facilmente se fará pelo confronto e justaposição de uns sobre os outros. Ao ensino primario é que caberá ampliar e aprofundar estas noções.

O triangulo equilatero

PRANCHAS N. 4 E 5

Até aqui o triangulo rectangulo tem predominado nas occupações com as taboinhas, tendo o acutangulo apparecido apenas incidentemente. Agora, porém, este é que predomina nas construcções das varias fórmas.

A creança passará a comparar o triangulo equilatero até agora conhecido com o triangulo isoceles rectangulo. Tanto um como outro têm tres lados, tres angulos. Continuando-se, porém, a observação, tornar-se-ão evidentes não só as suas semelhanças como as respectivas differenças. Os tres angulos do novo triangulo são todos menores de que o angulo recto — são acutangulos, e os tres lados são eguaes, e dahi o nome de equilatero.

Juntando duas destas taboinhas equilateras a creança desde logo verificará que não póde formar nenhuma das figuras regulares antes produzidas. Effectivamente não é possivel, por esse modo, construir nem o rectangulo, nem o quadrado, nem o rhombo das construcções anteriores. A juncção das duas taboinhas formará apenas uma figura semelhante á ultima, mas este losango resultante tem os quatro lados eguaes, ao contrario do anterior. Nenhum resultado satisfactorio darão as construcções de

formas de objectos reaes com estas taboinhas. Em compensação, por darem origem a formações inteiramente novas, ellas se prestam muito especialmente á construcção das

Formas symetricas

Para começar dão-se ás creanças apenas tres taboinhas para que descubram as diversas posições que ellas podem occupar, umas em relação ás outras, segundo a lei dos oppostos e de sua combinação, tal como se vê na prancha 4. figura 1—9.

Combinações com 6 taboinhas

Para estas combinações, as creanças devem juntar as suas taboinhas em torno de um centro commum, figura 10, formando em seguida a figura opposta, n. 11, para chegar depois ás formas de mediação, ns. 12, 13, 14 e 15. Além deste processo, póde-se ainda seguir o de reunir tres formas elementares, cada uma composta de duas taboinhas como se vê na figura 16, e formar a sua opposta, 17 e as suas mediações 18 e 19, ou partindo da figura 10 fazer mover uma, duas e tres taboinhas para fóra. Movendo-se uma só taboinha obtem-se as formas 21 e 22, movendo-se duas, resultam as figuras 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29. O mesmo processo póde ser seguido com 3, 4 e 5 taboinhas.

Todas as combinações assim obtidas, dão origem a formas elementares que se podem applicar mais tarde com maior numero de taboinhas triangulares.

Combinações com 9 taboinhas

Assim como fizemos com os triangulos rectangulos, podem-se aqui combinar pequenos grupos de taboinhas para ampliar as combinações. As formas elementares designadas pela lettra *A* dão-nos em triplice combinação as séries de formas *C*, figuras 30—40, que se podem ainda multiplicar á vontade.

Combinações com 12 taboinhas

As taboinhas são de duas côres, e essa differença de côr presta-se a tornar mais evidente as opposições, de modo que as doze taboinhas dão magnifico ensejo para illustrar mais frisantemente a lei dos oppostos e sua combinação. A prancha 5 mostra como, a combinação dos oppostos nas formas *a* e *b*, dá sempre origem a estrella *c*. Com 18, 24 e 36 taboinhas, seguindo-se os mesmos processos obtêm-se novas séries de combinações inteiramente novas. Deixamos essas combinações á faculdade inventiva das jardineiras e dos alumnos e passamos a tratar das

Formas ideaes

Já anteriomente fizemos notar que as figuras regulares não se apresentam aqui com um todo. Um triangulo, por exemplo, póde representar-se por quatro ou nove taboinhas, um rhombo por quatro, seis ou oito, um trapezio por tres. Além desta, muitas outras observações instructivas poderiam fazer-se, colhidas da experiencia nas construcções. O que mais importa aqui não é, porém, desenvolver a noção de

todas essas figuras, mas dar a creança o conhecimento do rhombo e do hexagono.

Vejamos quanto ao primeiro.

Unindo dous triangulos por um dos lados, produz-se um rhombo ou losango.

Comparem-se os lados entre si. São todos eguaes? Quaes as suas direcções? São parallelos?

São parallelos dous a dous, e têm, por isso, a mesma direcção.

Passe-se em seguida ao exame dos angulos, e a creança verificará que tambem elles têm a mesma grandeza dous a dous; que não são angulos rectos. A creança já sabe que taes angulos, menores do que o recto, chamam-se agudos. E' agora chegada a occasião de dizer-lhes que os maiores do que o recto denominam-se obtusos. A professora lhes fará ver, então, que na figura construida os obtusos são duas vezes maiores do que os primeiros.

Por estas observações, a creança gradativamente chegará a uma noção correcta do rhombo e das qualidades pelas quaes essa figura se distingue dos outros quadrilateros.

Do mesmo modo, o hexagono offerece opportunidade para interessantes e instructivas perguntas e respostas. Quantos lados tem? Quantos são parallelos? Quantos angulos contém? Que especie de angulos tem? Qual o seu tamanho comparado com os angulos do triangulo equilatero? São duas vezes maiores; etc.

O poder de observação e o raciocinio por meio de taes conversações desenvolvem-se constante e gradualmente, e os resultados de taes exercicios são,

sem duvida, de maior importancia do que os proprios conhecimentos que, ao mesmo tempo, se adquirem.

A maior parte desta occupação, entretanto, não está propriamente na esphera do Jardim da Infancia, mas na da escola primaria. Se a introduzimos aqui é mais com o intuito de augmentar a somma de experiencia geral sobre as qualidades das cousas, ao passo que, na escola primaria, ella serve de fundamento para o conhecimento real no dominio da mathematica.

O triangulo obtuso com 2 lados eguaes

PRANCHAS 6 E 7

A professora distribue a cada creança uma caixa contendo 64 triangulos obtusangulos isoceles. Comece-se fazendo com que as creanças comparem um desses triangulos com o triangulo rectangulo isocele. Cada um delles tem dous lados eguaes, dous angulos agudos; o terceiro angulo de um é, porém, maior do que o angulo recto: é, por isso, um obtusangulo e a taboinha é, portanto, um triangulo obtusangulo com dous lados eguaes.

As creanças juntam então dous desses triangulos e obtem assim as figuras representadas pelos numeros 1—8, prancha 6.

O exercicio preliminar seguinte deverá consistir na combinação, quatro a quatro, das formas elementares acima obtida. Por este modo formam-se mosaicos de bello aspecto com se vê em nossas gravuras. As figuras ns. 9—15 dão exemplos desta especie de

combinações em que se empregaram os oppostos como *a* e *b* ou as formas médias *c* e *d*.

As figuras 16—22, finalmente, dão ainda outros exemplos de formas reaes, construidas com os mesmos triangulos.

As formas ideaes, ou de conhecimento, que, do mesmo modo, se podem conseguir dão ensejo a repetir-se, o que até aqui se tem ensinado relativamente a proporção, forma e grandeza. Mais tarde, na escola primaria, os mesmos processos permittem ampliar estas noções sobre as proporções geometricas, por meio das quaes muito se desenvolverá o conhecimento dos alumnos relativamente aos angulos, á sua grandeza relativa, á sua posição nos triangulos, sem a necessidade de recorrer sempre a méras abstracções.

O triangulo rectangulo de lados deseguaes

PRANCHAS 8 E 9

A caixinha contendo cincoenta e seis taboinhas, cada uma das quaes é a metade do triangulo obtusangulo já estudado, presta-se a construcção de um bom numero de formas reaes, como se vê na prancha 8.

Construindo essas figuras, as creanças têm opportunidade de ir decobrindo as qualidades deste novo material de occupações, desde que se encaminhe a sua observação pelo confronto desta nova especie de triangulo com o triangulo rectangulo, como até aqui temos feito.

A variedade das formas symetricas que se podem realizar com estas taboinhas, resulta da simples

combinação de duas em duas, conforme se vê das figuras 1—6, prancha 9.

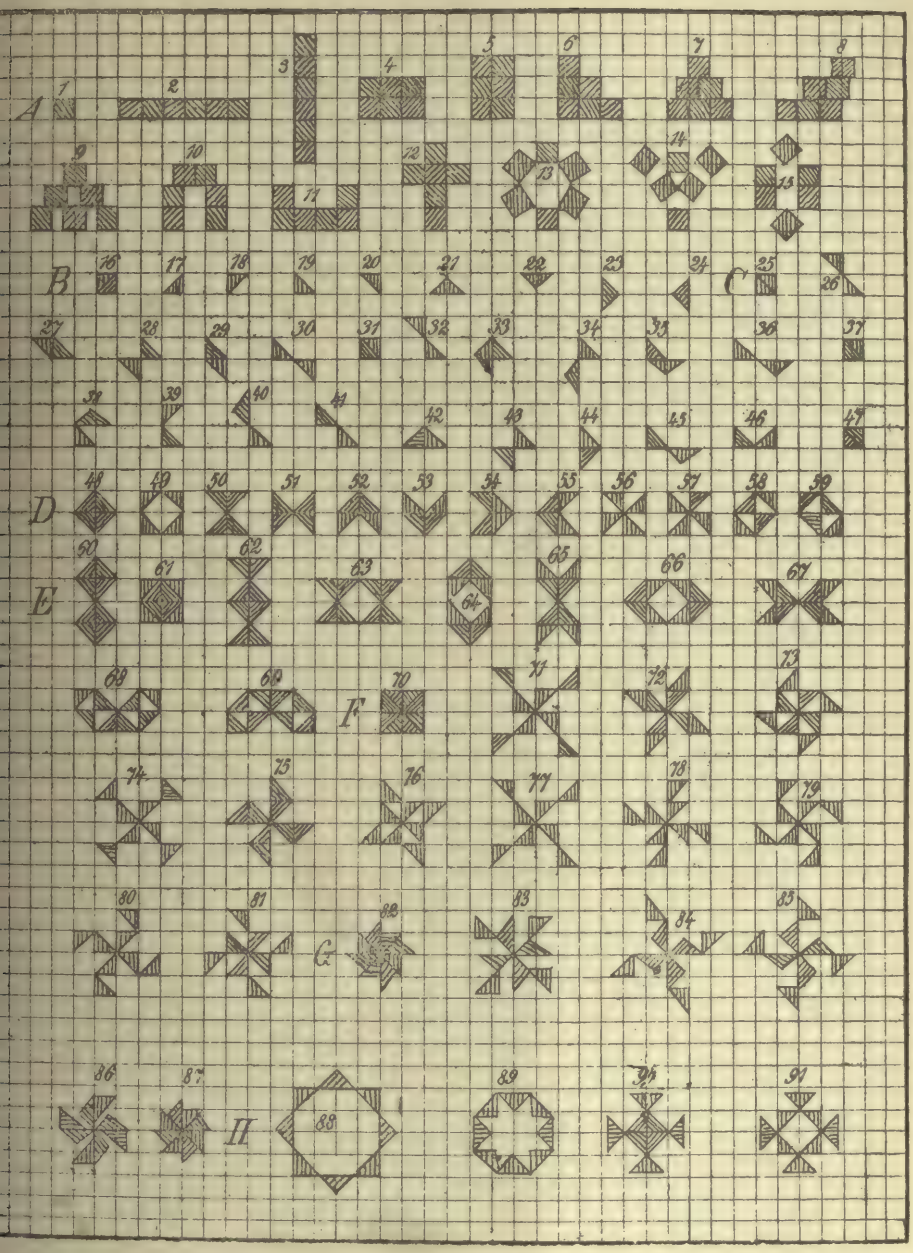
Pelo mesmo processo deve-se fazer com que as creanças construam as formas que resultam da juncção das taboinhas pelos lados, e angulos deseguaes.

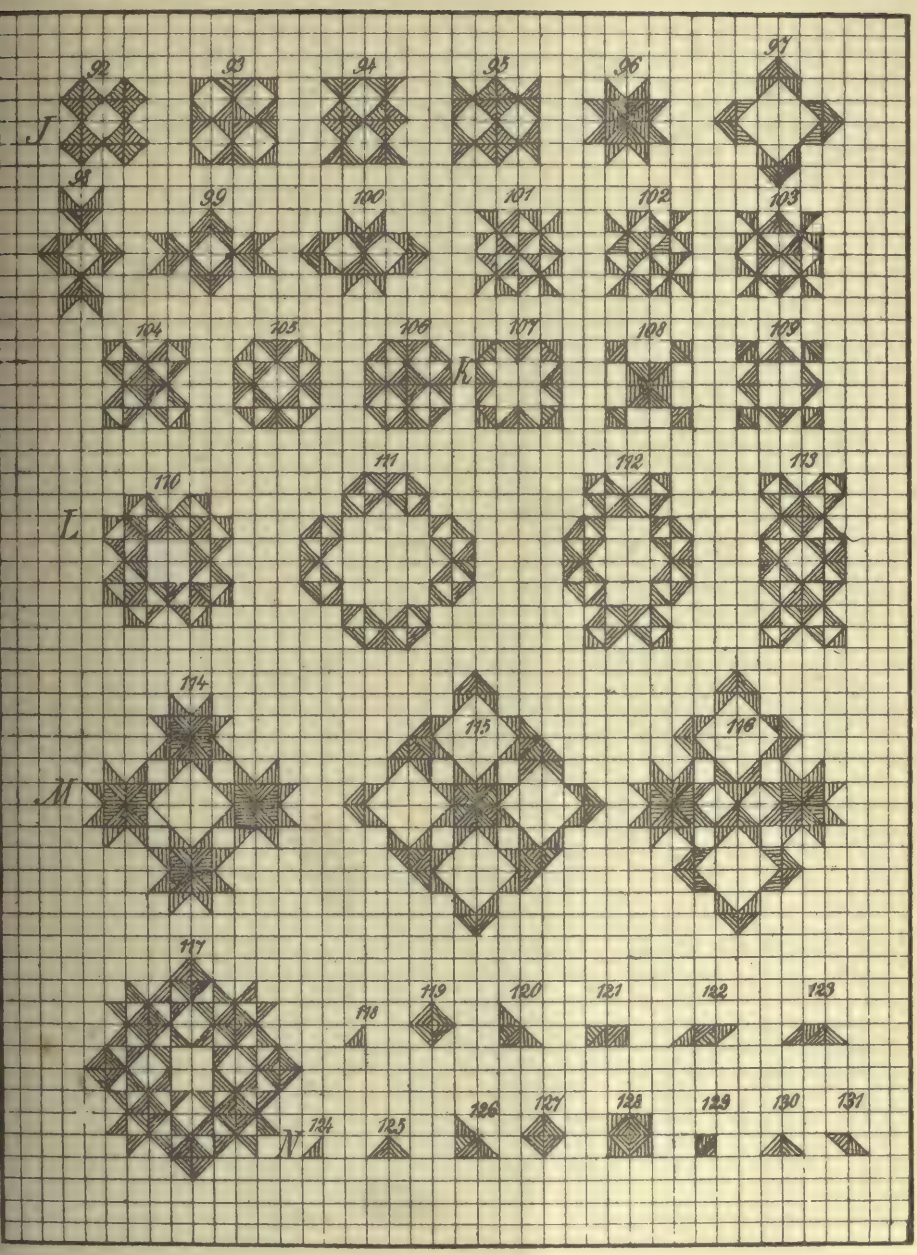
Por uma quadrupla combinação de taes formas elementares, as creanças adquirem os elementos (figuras 7—18) para produzirem um grande numero de figuras symetricas como as que se acham representadas sob ns. 19—22.

Estas taboinhas são, como se vê, muito apropriadas a encaminhar, sob um novo aspecto, a observação infantil sobre as questões de forma e grandeza.

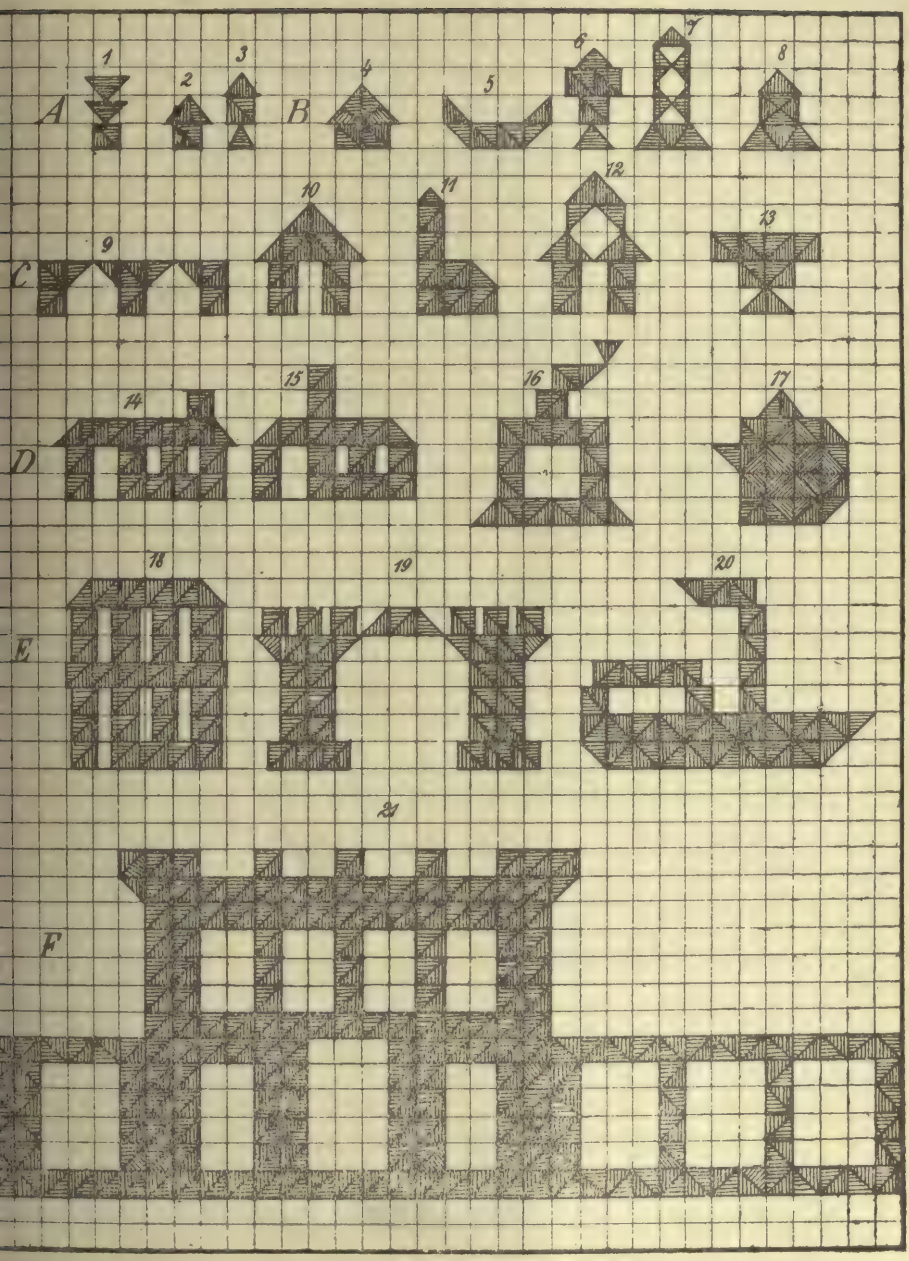
Como as anteriores, tambem estas se podem adoptar na eschola primaria para o fim de vivificar o ensino da Geometria. Acreditamos que nada é mais apropriado a facilitar e a interessar o alumno e o mestre neste ramo de ensino do que o material em que consiste o 7.º dom para as occupações frœbelianas.

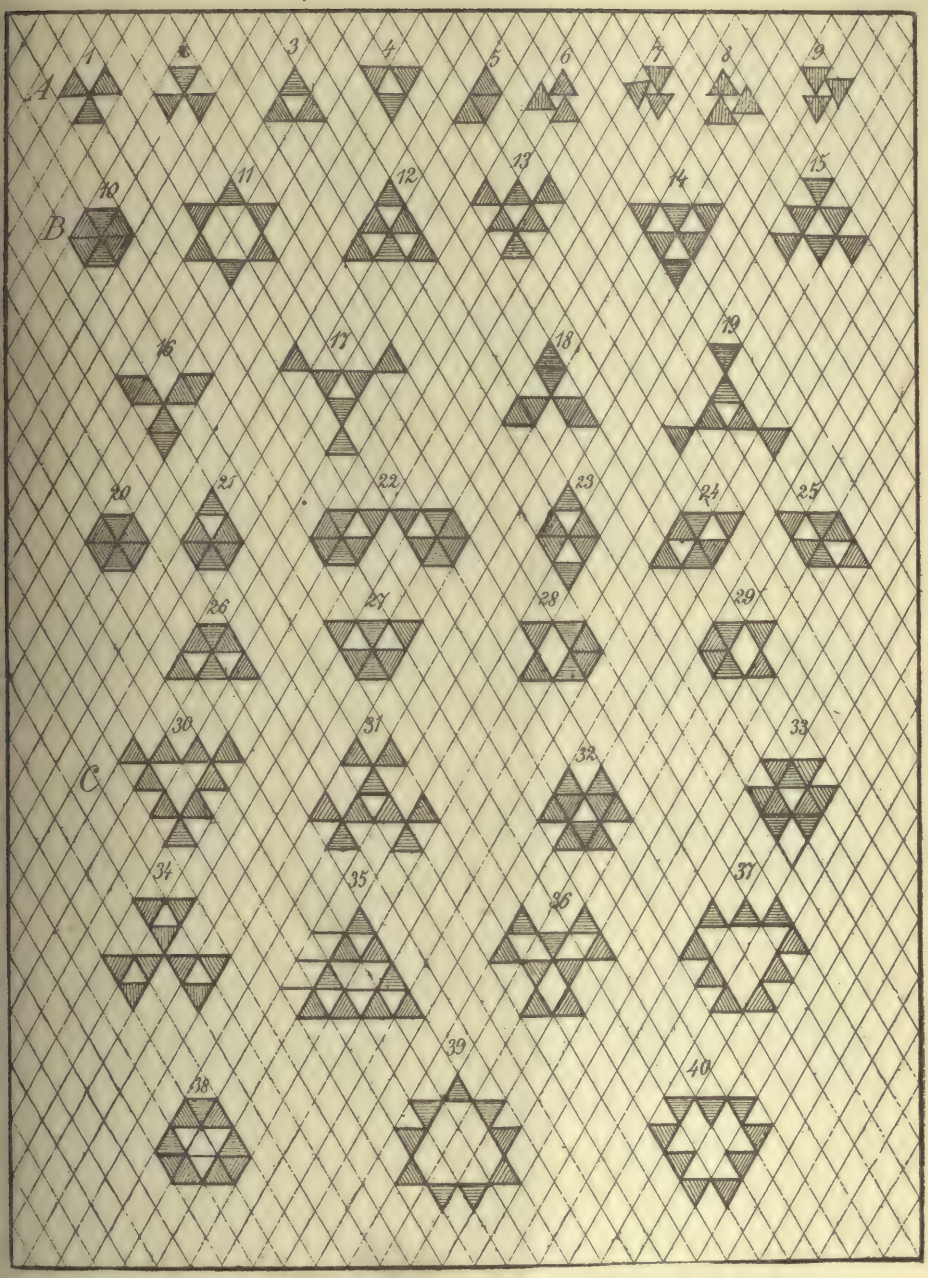
Cumpre ainda accrescentar que o emprego deste dom deve começar no segundo anno do Jardim da Infancia.


A
B
C
D
E
F
G
H


J
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
K
110
111
112
113
L
114
115
116
M
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
N

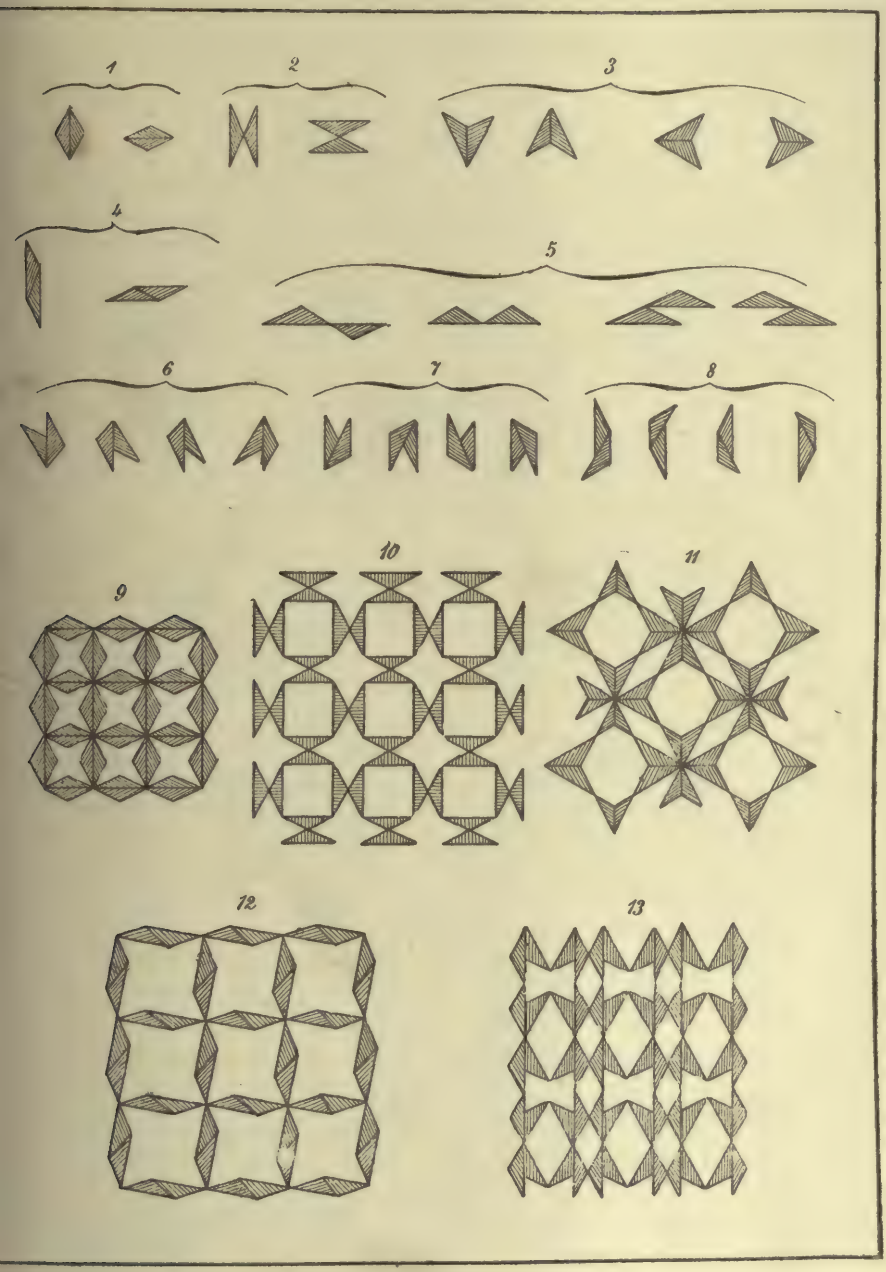
266c




A
B
C
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40

5 266

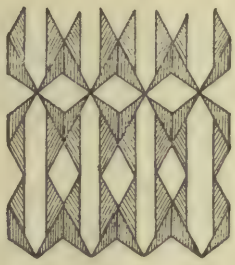
a
b
a
b
a
b


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13

7 266 8

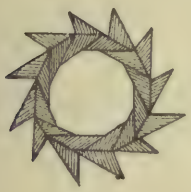
14

15

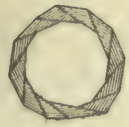


16

17

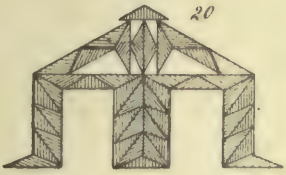


18

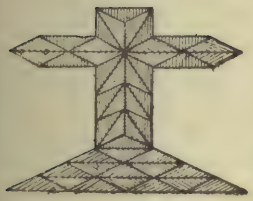


19

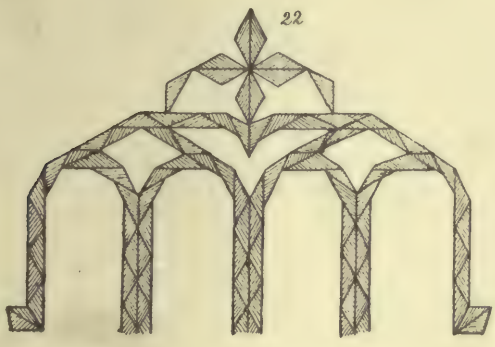
20



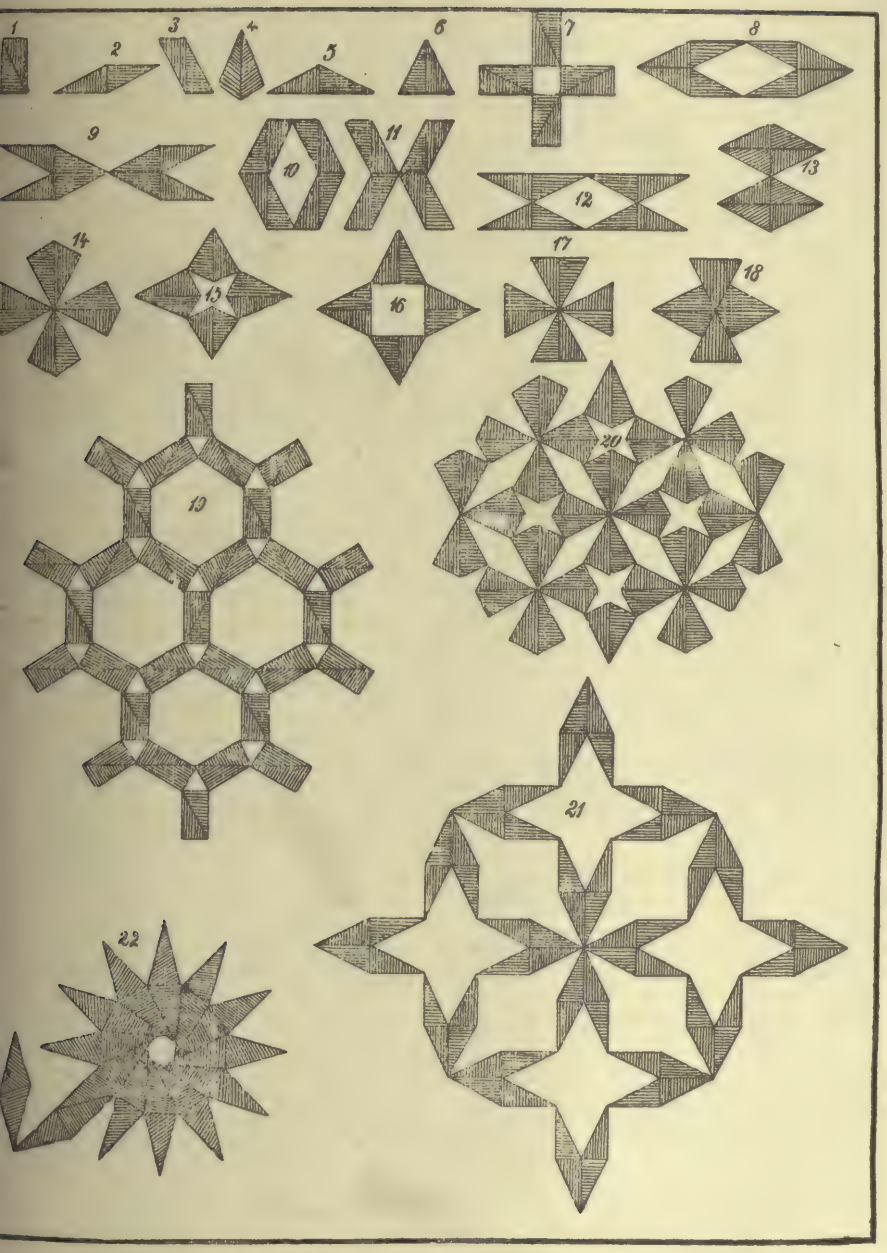
21



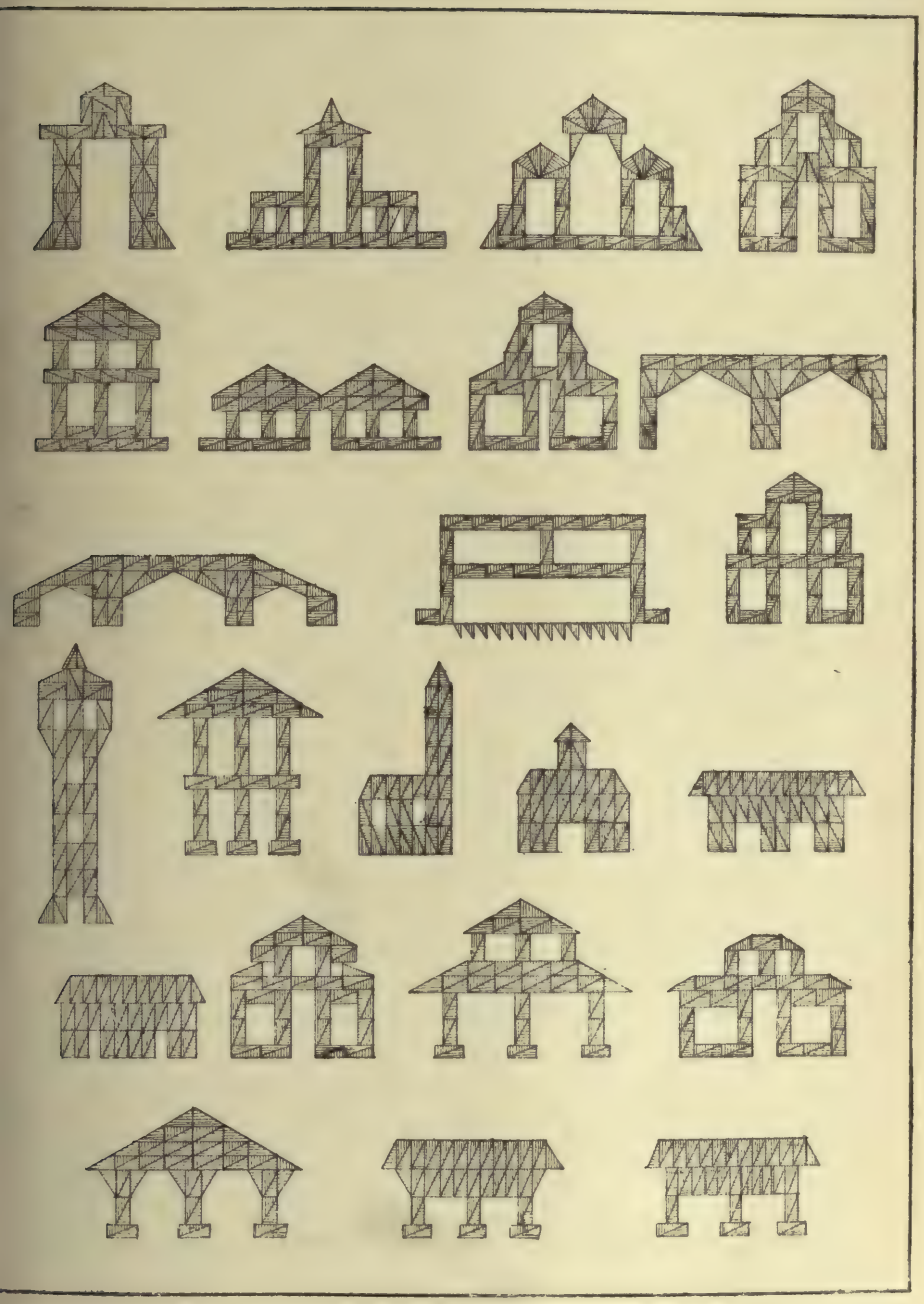
22



8 266 b



9 266



8.º DOM

PRANCHAS N. 1—4

Assim como as taboinhas do setimo dom não são mais do que a concretisação dos *planos* ou superficies que rodeiam ou limitam o cubo e assim como esses mesmos *planos*, limites do cubo não são mais do que *representações* da extensão em *comprimento*, *largura e altura*, do mesmo modo os pausinhos do oitavo dom dirivam-se tambem do cubo, podendo figurar como a corporisação de suas *arestas*. Além disso, porém, elles se contêm nas taboinhas, pois que a superficie póde considerar-se como originada por uma linha, movendo-se parallelamente a si mesma. Para illustrar esta idéa basta collocar seguidamente sobre a mesa um numero sufficiente de pausinhos de uma polegada até cobrir a superficie de uma polegada quadrada.

Os pausinhos deste dom levam-n'os assim a dar mais um passo do material para o dominio da abstracção.

Por meio das taboinhas representámos imagens planas de objectos. E' verdade que os lados dessas

taboinhas que, como dissemos, formam a transição do plano para a linha, constituiam o contorno das fórmas, mas esses contornos participavam ainda dos mesmos planos. Agora, com os pausinhos não se dá isto, pois que elles nos fornecem o material necessario para representar directamente os contornos dos objectos por meio de linhas *concretas*.

O desenho com pausinhos é uma das occupações que mais agradam ás creanças.

A sua imaginação refere a esses desenhos os mais variados objectos, vendo nelles a representação da realidade.

Os pausinhos são bastante finos e acham-se cortados em varios comprimentos. Para utilisal-os convenientemente deve-se proceder do modo seguinte: tomem as creanças um dos pausinhos. Isto feito pergunte-se: Que é que vocês têm na mão? Em que posição está? Vertical, muito bem. Pódem collocal-o noutra posição? Sim, eu posso pegal-o em posição horizontal. E de outro modo ainda? Sim, inclinado da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda.

Deitem o pausinho na mesa. Em que posição ficou? Em que outra posição pódem collocal-o? (V. prancha 1. *A*),

Tomem as creanças em seguida um outro pausinho. Quantos pausinhos têm vocês agora? Procurem representar alguma cousa com esses dous pausinhos. Dentre as diversas combinações feitas, nota-se que alguma das creanças fizeram uma cruz (fig. 4). Com certeza podemos fazer outras muitas cousas; vejamos, porém, o que póde resultar da propria cruz. Movendo-se por exemplo, a parte horizontal, obtem-se as

figuras *B* de 4—14. Do mesmo modo, partindo-se da cruz inclinada resultam as figs. *C* 15—23. Se além destas duas fórmas primitivas, partirmos ainda da cruz em angulos agudos e obtusos, e procedendo do mesmo modo que acima, produziremos todas as posições que pódem occupar duas linhas uma em relação a outra, excepto as parallelas. Este exercicio constitue, pois um meio de accentuar bem as noções até aqui adquiridas sobre a posição perpendicular sobre as obliquas e horizontaes e sobre os angulos rectos, agudos e obtusos resultantes.

Com as duas varinhas podem-se fazer tambem pequenas figuras que, de certo modo, recordam objectos usuaes. Por esse meio verificam-se as faculdades imaginativas da creança, exercita-se a comparação e amplia-se o seu cabedal de idéas, desenvolvendo-se, portanto, o seu poder de percepção e concepção que são os mais indispensaveis requisitos para a disciplina do espirito.

Damos em nossas gravuras a representação dos seguintes objectos:

Com 2 pausinhos

24 Uma mesa, 25 e 27 um esquadro, 28 um castiçal, 29 duas velas, 30 trilhos, 31 um telhado.

Com 3 pausinhos

32 Um portão, 33 um poste de telegrapho, 34 um poste de signaes, 35 um chapéu de sol, 36 telhado de uma torre, 37 uma bandeira, 40 uma estrella.

Com 4 pausinhos

41. Um espelho, 42 uma cadeira, 43 um banco de lavadeira, 46 uma casa, 47 um pão de assucar, 48 um vaso, 51 uma cruz, 52 uma cerca.

Com 5 pausinhos

53, Uma bandeira de signal, 54 uma commoda, 55 um chalet, 56 um portal, 57 um funil, 58 uma garrafa, 59 um vaso, 60 um prato, 61 um tecto, 62 um chapéu, 63 uma cadeira, 64 e 65 um copo e um calice.

Com 6 pausinhos

67 Uma janella, 68 uma bandeira, 70 um navio, 72 uma arvore, 73 uma mesa.

Com 7 pausinhos

74 Janella com vidro, 75 uma escada, 76 uma casa, 77 uma torre, 78 uma balança, 79 um piano, 80 uma ponte, 82 uma cruz com duas tochas, 84 uma porteira, 86 uma pá.

Com 8 pausinhos

88 Uma estante, 89 uma egreja, 90 um tumulo, 91 um lampeão, 92 um moinho, 93 uma torre, 94 um chapéu de sol, 95 um rabanete, 96 um vaso de flôres, 97 um quadro negro (lousa), 99 uma mesa com gaveta, 101 uma borboleta, 102 um papagaio

Com 9 pausinhos

103 Egreja com duas torres, 104 casa, 105 moinho de café, 107 um bóte com vela, 108 uma balança.

Com 10 pausinhos

109. Uma torre, 110 um tambor, 111 portão, 113 um vaso de flores, 114 um lampeão, 117 um leito, 118 frontispicio de fabrica.

Com 11 pausinhos

121 Um pombal, 122 uma casa, 123 um navio, 124 uma lampada, 125 uma agreja, 126 uma vidraça, 127 uma mesa com cadeira, 128 um poço.

Estes exercicios devem continuar-se com maior numero de pausinhos. Os exemplos que sobre taes exercicios acabámos de dar, bastam para indicar ás jardineiras o caminho a seguir de modo a tornar interessante e proveitosa esta occupação.

E' tambem vantajoso ás vezes guiar a actividade infantil, suggerindo-lhes os objectos que devam representar, mandando-os, por exemplo, representar uma mesa ou uma casa, dando-lhes um determinado numero de pausinhos.

Para dar variedade aos exercicios pode-se tambem empregar os pausinhos divididos em duas, quatro, seis e oito partes. E' claro que por este modo as figuras podem assumir uma maior fidelidade de representação por guardarem melhor a proporcionalidade das diversas partes componentes, o que não se

póde dar com o emprego de pausinhos de um só tamanho.

Dobrando-se os pausinhos em varias partes póde-se tambem com elles representar linhas, mais ou menos, curvas e, por esse modo, origina-se uma nova variedade de applicações interessantes.

*

Os pausinhos podem tambem empregar-se para a construcção de formas symetricas. As figuras 121 — 124 da prancha 4 dão alguns exemplos desta applicação.

Combinando-se entre si algumas dessas fórmas póde-se ainda, como nas occupações anteriores, formar conjunctos mais attrahentes e completos. No ensino primario, além disso, estas combinações pódem ser encaminhadas de modo a representar paizagens, por meio de pausinhos e serragem de madeira. Desta applicação damos um exemplo na fig. 120. Por meio destas combinações, as creanças constróem, ás vezes, fórmas que muito as compraz, compensando-as assim da cuidadosa perseverança e habilidade que empregaram na occupação e quasi sempre manifestam o desejo de mostral-as aos paes ou aos irmãozinhos.

As jardineiras devem auxilial-as na satisfação desse desejo, deixando-as levar para casa as suas pequenas construcções quando estas sejam de natureza portatil. Collando as extremidades dos pausinhos entre si, cozendo-os ou collando-os sobre uma folha de papel, é sempre possivel satisfazer o seu justo desejo.

O mesmo processo empregamos nós para tornar permanentes as representações das lettras em nosso ensino de leitura.

Ha, porém, um outro meio de tornar permanentes as combinações feitas com os pausinhos, e esse meio consiste em *desenhal-as.*

Para isso, cada creança deverá dispôr de uma lousa quadriculada. Em vez de collocar os pausinhos na mesa, passam agora a deital-os na superficie da lousa. Em seguida, retirando os pausinhos cada um por sua vez, as creanças irão traçando linhas nos logares antes occupados pelos pausinhos. Por esse modo a creança aprende a traçar linhas em todas as direcções e as combinações feitas são reproduzidas facilmente.

O methodo de traçar figuras com os pausinhos é em geral identico ao que se applica para o desenho, sendo, porém, de notar que este ultimo progride menos rapidamente.

E' conveniente combinar os pausinhos em figuras regulares, triangulos e quadrados e descobrir em um pequeno numero de taes figuras todas as combinações possiveis segundo a lei dos oppostos. As pranchas 4 e 5 do 7.º dom fornecem os necessarios elementos para esse fim.

Todas estas occupações dependem do maior ou menor numero de pausinhos empregados. Portanto, ellas proporcionam um meio de reduzir ou ampliar as noções que se pretende transmittir.

Para o ensino de numeros, entretanto, as noções tornam-se mais precisas quando os pausinhos são empregados exclusivamente para esse fim especial. Não esitamos em affirmar que não ha material mais apropriado a esse ensino, bem como ao de figuras do que os pausinhos do oitavo dom. No Jardim da Infancia e no ensino primario, com effeito, nada mais

se torna preciso para esse ensino do que alguns maços de pausinhos.

Para os applicar convenientemente procede-se do modo seguinte:

Dê-se a cada creança um maço constante de dez pausinhos. Tirem um delles e colloquem-n'o sobre a mesa. Colloquem outro ao lado do primeiro. Quantos pausinhos estão na mesa? Duas vezes um = dous.

Ponham ainda outro pausinho ao lado desses dous. Quantos temos agora? Um mais um = dous mais um = tres.

Continue-se assim o exercicio até que fiquem na mesa os dez pausinhos.

Passemos agora á operação inversa. Tire-se um pausinho. Quantos ficaram? Dez menos um ficam 9. Tire-se mais um desses nove. Quantos ficaram? Nove menos um ficam oito. Tire-se mais um. Ficam? Sete, e assim por diante, até que todos os pausinhos voltem ás mãos das creanças.

Tomem dous pausinhos e colloquem-n'os juntos na mesa; colloquem, ao lado destes, outros dous assim (|| ||) Quantos pausinhos estão na mesa? Dous e dous são quatro. Colloquem-se mais dous pausinhos ao lado desses. Quantos temos agora? Quatro e dous são seis. Mais dous. Quantos temos agora? Seis mais dous são oito. Mais dous ainda. Quantos agora? Oito mais dous são 10.

A creança aprende assim a contar os pausinhos, por dous. Procedendo-se de modo opposto ella aprenderá a subtrahir de dous em dous. Do mesmo modo se procede para contar por tres, quatro e cinco.

Em seguida *alternam-se* a addição e a subtracção. Por exemplo: faça-se com que as creanças colloquem tres vezes dous pausinhos na mesa e tirem-se duas vezes dous pausinhos, juntando outra vez quatro vezes dous. Qual o resultado? Em vez de juntar numeros eguas póde-se em seguida juntar numeros differentes; assim: Colloquem-se na mesa 2 e 3 pausinhos = 5, juntando mais 2 = 7, mais 3 = 10. Na subtracção segue-se o mesmo methodo, fazendo exercicios em que se alternem a somma e a subtracção, com numeros deseguaes. Ponham-se, por exemplo, 6 pausinhos na mesa; tirem-se dous; juntem-se quatro, tire-se 1, junte-se 3 e pergunte-se á creança quantos pausinhos ficam na mesa depois de cada uma destas operações.

Depois de terem as creanças aprendido por este modo os numeros até 10, passa-se á contagem de 10 a 100, distribuindo-se, para isso, maços de 10 pausinhos, devendo proceder-se com esses maços como antes se procedeu com a unidade. Ponham as creanças um desses maços na mesa. Uma vez 10. Juntem mais um maço. Dous dez; junte-se outro. Tres dez, etc. Mais tarde ensinar-se-á que não se costuma dizer: dous dez, e sim, vinte, trinta, etc. Esta experiencia lançará raizes desde logo no espirito das creanças, transformando-se em conhecimento devido á sua propria actividade.

Logo que as creanças tenham adquirido a precisa habilidade para sommar e subtrahir por 10, devem iniciar-se os exercicios de combinação dos primeiros numeros com os grupos de dez.

Distribuem-se, para esse fim, dous maços de dez pausinhos a cada creança. Faça-se com que colloquem um delles na mesa, desfaçam os segundos maços e ponham-se os pausinhos um por um sobre a

mesa, ensinando-se então que 10 e 1 = 11; 10 e 2 = 12, 10 e 3 = 13 até 10 e 10 = 20.

Reunindo então todos os pausinhos as creanças formarão um só grupo constituido por 10 e 10 = 20. Distribuindo-se outros maços de 10 pausinhos ensinar-se-á, do mesmo modo, que 20 e 1 = 21 mais 1 = 22 e assim por diante até 100.

A somma e a subtracção, ensinadas por este processo, ministram um conhecimento real baseado na propria actividade e experiencia do alumno sendo por isso de resultados incomparavelmente superiores á esterilizante memorisação usualmente empregada para o mesmo fim.

Se a subtracção e a somma são operações oppostas, do mesmo modo a multiplicação e a divisão pois que estas, em summa, não passam de somma ou subtracções abreviadas.

Na addicção, quando se juntam numeros eguaes de pausinhos, por exemplo 2 pausinhos mais 2 mais 2 mais 2 forma-se um total de 8 pausinhos, podendo essa operação resumir-se nesta outra expressão 4 vezes dous pausinhos = 8 pausinhos. Por identico modo se procederá para o ensino da divisão.

Conforme acima dissemos as combinações symetricas e a representação de objectos reaes tornam necessario dividir ou antes dobrar os pausinhos em varias partes. O emprego desses pausinhos assim divididos dá-nos ainda um meio para o ensino concreto das fracções. Por esse meio, com effeito, aprehendem-se, pela observação, as noções de grandeza representadas pelas expressões $\frac{1}{2}$ pausinho $\frac{1}{3}$, $\frac{1}{4}$, $\frac{1}{5}$, etc. A proporção da parte ou de diversas partes para com o todo torna-se evidente e além disso, as creanças apren-

dem assim a sommar e subtrahir fracções eguaes, por uma forma elementar, segundo o mesmo processo racional.

Não vão os nossos leitores pensar que tenhamos a pretenção de que tudo isto se realize no Jardim da Infancia. Nem tanto se faz necessario, ao nosso ver nesta phase do ensino será bastante que, por meio deste dom e de outros materiaes de occupação, as creanças adquiram a comprehensão clara dos primeiros numeros. E' essa effectivamente a base necessaria para o conhecimento posterior das quatro operações no ensino primario.

Resta-nos agora fazer as indicações necessarias para o ensino dos algarismos.

Para fazer-se com que as creanças comprehendam o que é algarismo, faz-se uso do quadro negro mostrando-lhes que se quizermos indicar *quantos pausinhos*, *quantos cubos* ou quaesquer outros objectos que cada uma dellas possue, pode-se representar cada objecto por um traço. Escreva se então *um*, pequeno traço vertical, no quadro negro, dizendo-se, por exemplo.

Carlito tem *um* pausinho; Fazendo-se depois duas linhas abaixo da primeira: Alice tem *dous* pausinhos. Traçando-se *tres* linhas: Ernesto tem *tres* cubos, e, assim por deante, até terem-se traçado dez linhas. Escrevam-se então em frente a cada um desses grupos de linhas os algarismos correspondentes, e [illegible] notar que, em vez de traçar tantas linhas po[illegible] mais facilmente empregar estes signaes que se [illegible]mam *algarismos*. Representem as creanças esses algarismos com os pausinhos.

Depois que as creanças tiverem aprendido que os signaes que empregamos para representar *o nu-*

mero das cousas chama-se algarismos, devem fazer-se, como applicação, os exercicios seguintes.

Quantas mãos tem cada uma de vocês? Duas. Escreva-se esse numero (*2*) no quadro negro. Quantos dedos em cada mão? Cinco. Escreva-se tambem no quadro negro o numero (*5*) Quantas paredes tem esta sala? Quatro. Escreva-se (*4*) Quantos dias tem a semana? Sete. Escreva-se (*7*).

Repita-se a leitura desses numeros fazendo-se com que as creanças os repitam tambem, um por um, e formando sentenças:

Cada creança tem *2* mãos. Cada mão tem *5* dedos. Esta sala tem *4* paredes.

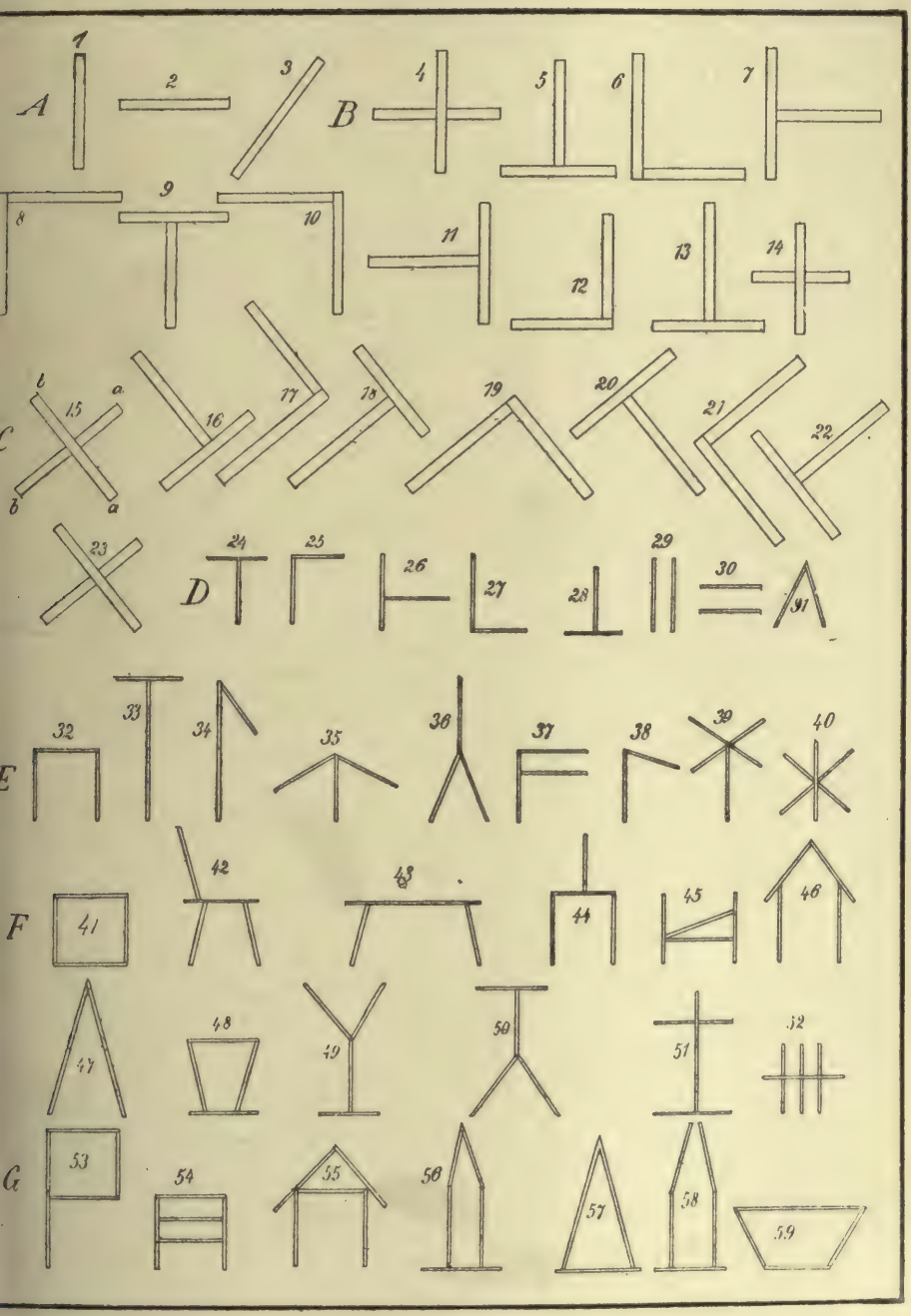
Em cada sentença accentue-se mais a palavra que representa o numero e aponte-se para o signal correspondente.

As creanças passarão em seguida a contar os objectos existentes na sala, representando com os pausinhos os algarismos que exprimam o numero desses objectos formando, ao mesmo tempo, a sentença correspondente ao facto relativo á quantidade de objectos que tenham verificado.

Depois de haver ensinado os algarismos por este modo, a professora iniciará mais tarde os exercicios de leitura.

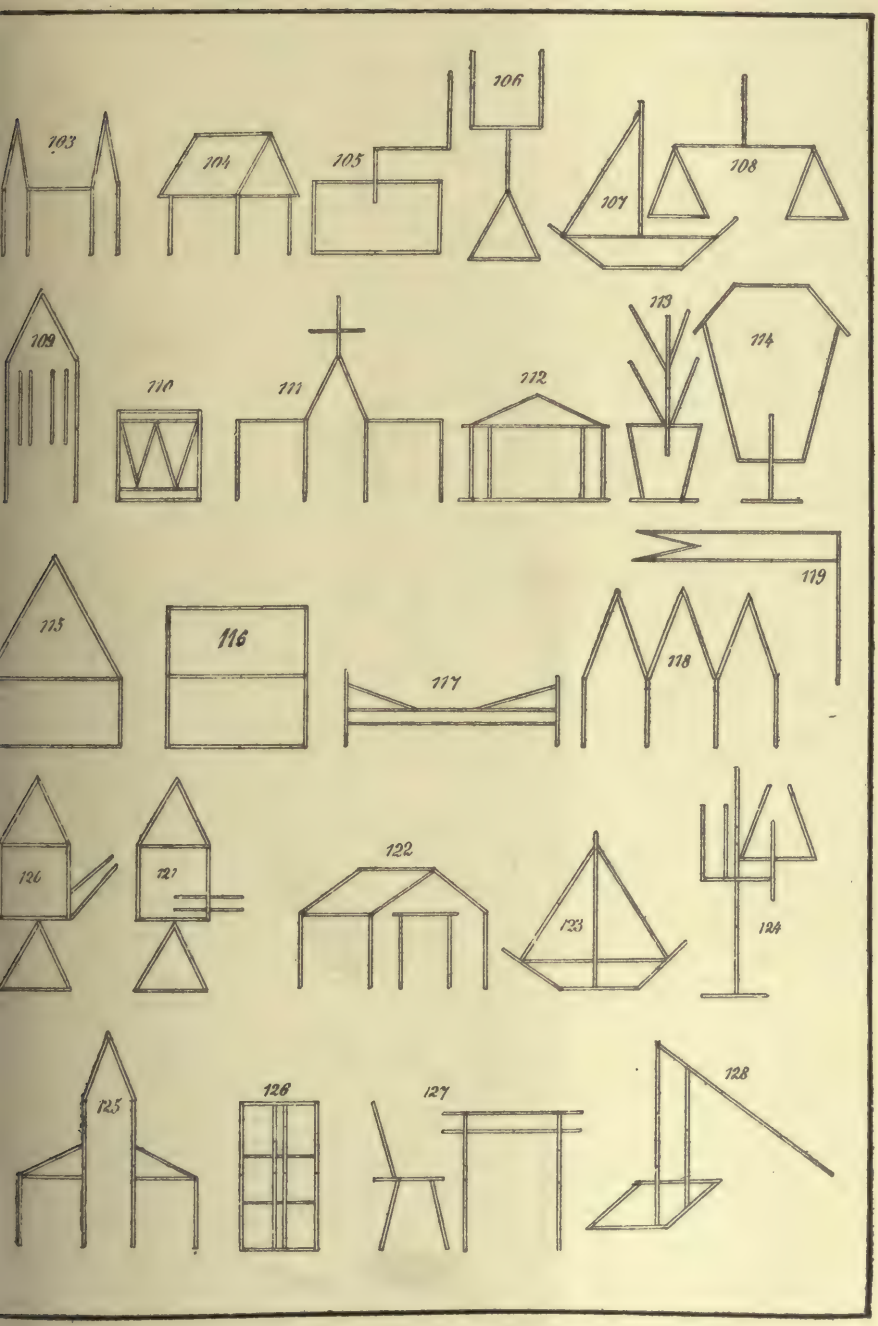
*

Deixamos de parte taes exercicios porque no programma que adoptámos não figura o ensino systematico da leitura. Passamos por isso a tratar do 9.º dom que consiste em uma collecção de anneis e meios anneis para desenho.

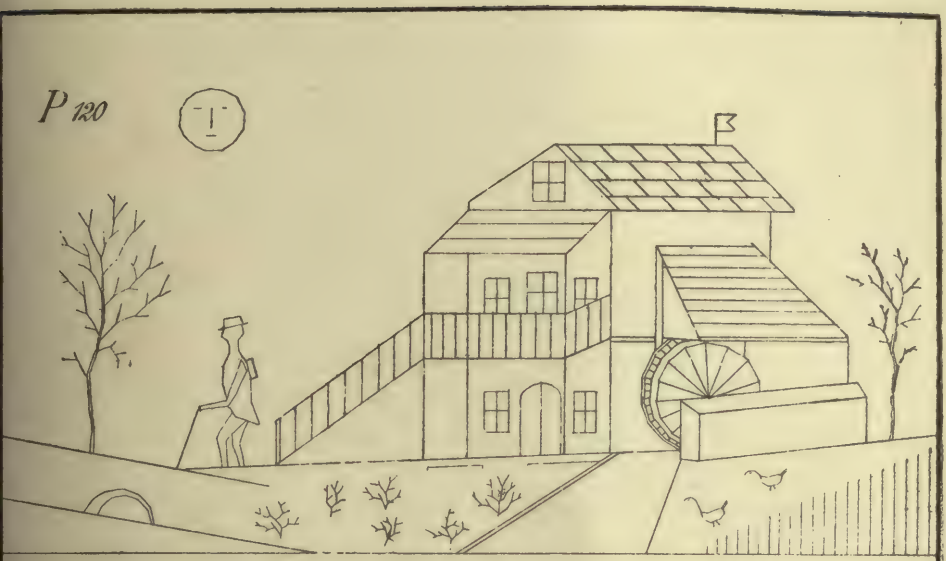

A
B
C
D
E
F
G

60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102

3 278 c


103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128

P 120

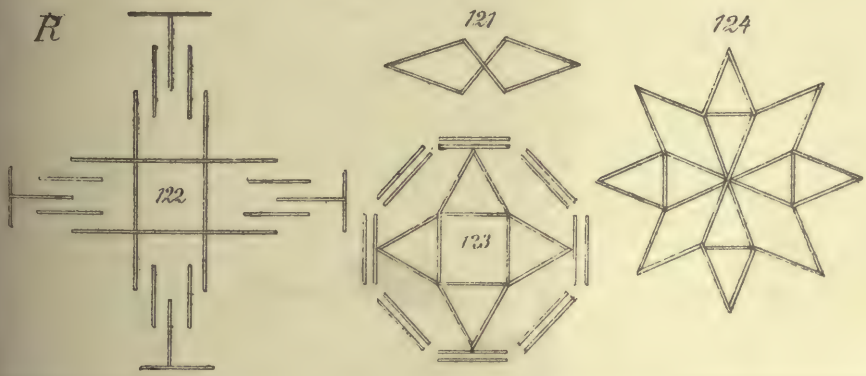


Q

A B C D E F G H I K L M N

O P Q R S T U V W X Y Z

R



9.º DOM

PRANCHA UNICA

Em immediata relação com os pausinhos ou linhas rectas do dom anterior, Frœbel dá a noção e o emprego das linhas curvas por meio de uma collecção constante de 24 anneis de metal e 48 meios anneis de grandeza differente. Até aqui só empregámos linhas curvas formadas por pausinhos dobrados que davam uma imperfeita representação de taes linhas. Os anneis, de que vamos agora nos servir, fornecem-nos um elemento de representação mais rigorosa, além do que, habilitam-nos tambem pela sua differença de tamanho e pela sua natureza a dar, de um modo mais claro, as noções de posição relativa, principalmente à de interioridade correspondente á expressão — *dentro de*

A apresentação e distribuição deste dom faz-se do modo identico ao que empregamos para os dons anteriores, e as regras para dirigir a occupação resultante do seu emprego não devem offerecer difficuldades aos que nos tenham acompanhado até este ponto.

Deêm-se ás creanças um annel e dous meios anneis dos maiores. Observando o primeiro, ellas notarão logo que não ha em toda a sua extensão nem principio nem fim, e que apresenta uma figura differente das que até agora conhecem — o circulo — Nos meios anneis, ao contrario notam-se logo os dous extremos.

Os meios anneis, bem como qualquer outra parte do circulo têm sempre dous extremos. Dous meios anneis, reunidos por esses extremos, formam um annel inteiro. As creanças devem demonstrar esse facto realizando a respectiva experiencia fig. 1. A esse respeito muitas observações pódem ser feitas pelas creanças ou suggeridas pela professora. Assim, por exemplo, até aqui todas as vezes que as creanças juntavam entre si cubos ou taboinhas, sempre que os cantos ou angulos se reuniam nessas combinações formavam-se sempre novos cantos ou angulos. Os meios anneis ou semicirculos, ao contrario, pódem juntar-se sem formarem nenhum angulo. Ou ainda: com os objectos até aqui empregados não era possivel encerrar um espaço qualquer tendo-se apenas dous desses objectos, dando-se o contrario com os meios anneis, como vimos.

Colloquem-se agora os meios anneis em direcções oppostas (fig. 2). Primeiro os meios anneis reuniam-se pelos extremos e agora pelos meios dos arcos que formam. Antes encerravam elles um certo espaço agora os espaços que comprehendem ficam abertos e de novo originam-se os angulos.

A mediação entre estas duas combinações é dada pela fig. 3 em que os anneis se tocam em um só extremo e o espaço fica aberto, ou pela figura pontuada em que o meio de um dos semi-circulos se junta ao extremo do outro encerrando um pequeno espaço e ao mesmo tempo formando angulos.

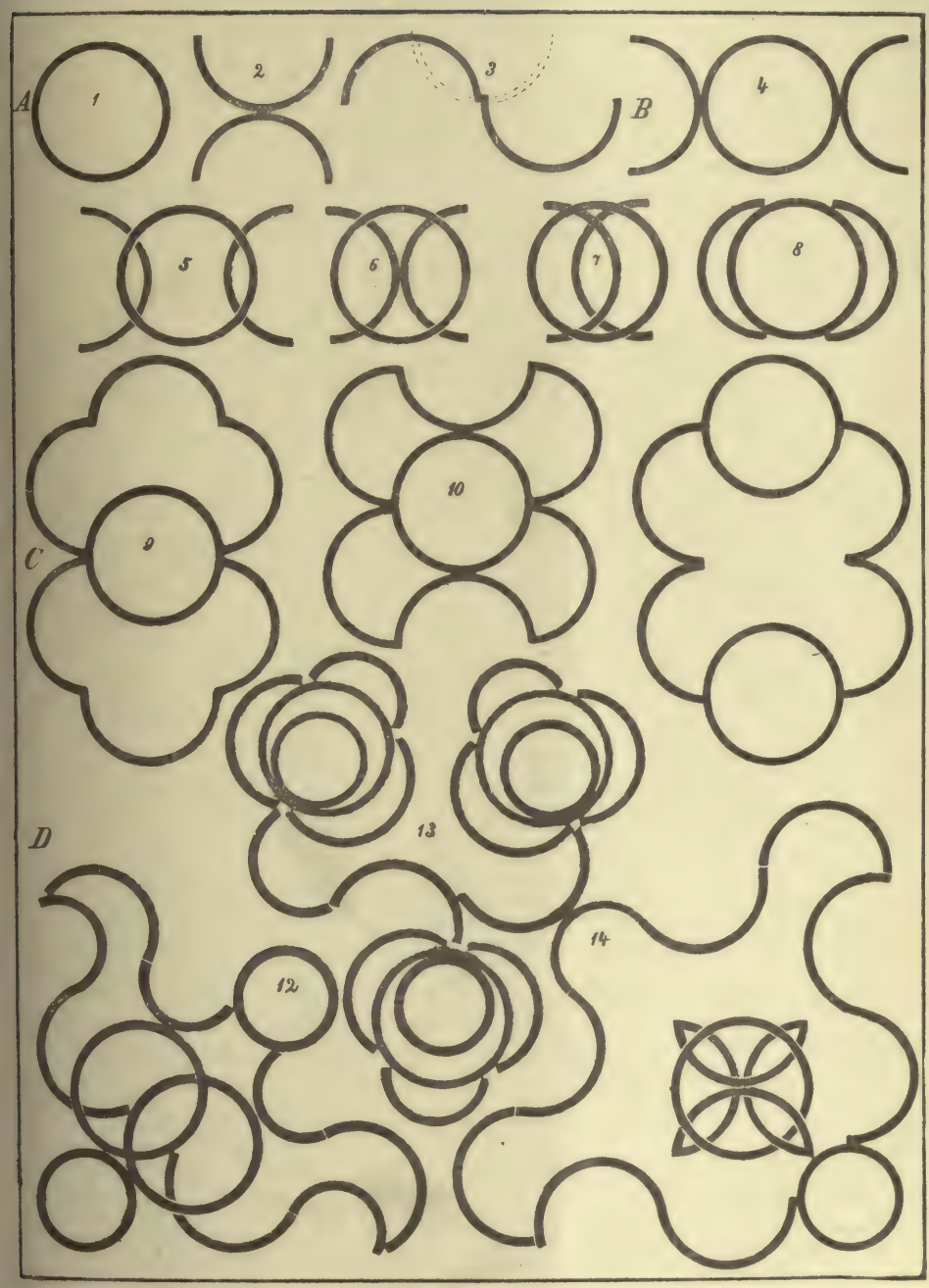
Deêm-se ás creanças mais dous meios anneis. Com elles póde-se formar a fig. 4 e desenvolvel-a movendo-se os meios circulos de fóra para dentro como se vê nas figs. 5, 6, 7 e 8.

Com 8 meios anneis formam-se as figs. 9, 10 e 11.

Produzem-se assim varias combinações symetricas, e estas, realizadas com as linhas curvas, suggerem ás creanças mais do que as anteriores, idéas de symetria e do bello. Se é um facto irrefutavel que a contemplação da harmonia, impressiona favoravelmente a alma das pessoas cujo espirito já está formado, habilitando-as a melhor apreciarem o bem, a verdade, o nobre e o sublime, muito mais sensivel será essa influencia sobre o tenro e flexivel espirito das creanças. Embora não acreditemos na theoria de que ha no homem duas naturezas inimigas sempre em conflicto, não obstante entendemos que os talentos e tendencias da natureza humana estão sujeitos á possibilidade de se desenvolverem em duas direcções oppostas. E' esta possibilidade que torna necessario o emprego de todos os meios para dar ás inclinações e tendencias a devida direcção no sentido da verdade, do bem e do bello, isto é, do ideal. Dentre esses meios sobresahe, sem duvida, o desenvolvimento racional e opportuno do sentimento do bello, ao qual dava Frœbel tanta importancia.

Mostrar ás creanças objectos de arte que estejam além de sua apreciação, embora isso possa contribuir para esta cultura, a sua influencia será, entretanto, menor do que a que resulta do cuidado em fazer com que tudo o que rodêa ás creanças preencham os requisitos fundamentaes da belleza que são: a ordem, a asseio, a simplicidade, a harmonia de fórmas, e em dirigil-as ou auxilial-as na activa representação do bello por um modo que se adapte á phase actual do seu desenvolvimento.

Do mesmo modo que as combinações formadas com pausinhos, tambem as que se obtêm com os anneis pódem ser desenhadas pelas creanças em papel ou nas louças.


A
1
2
3
B
4
5
6
7
8
C
9
10
D
12
13
14

10.º DOM

O desenho deveria ser uma das primeiras occupações das creanças. Neste, como em outros pontos, a opinião de Frœbel afasta-se da de outros educadores. Não se trata, porém, do desenho como actualmente se ensina, que não passa de simples copias mais ou menos mechanicas. O methodo creado por Frœbel, é diverso, subordina-se aos principios geraes de seu systema.

O effeito pedagogico dos methodos communs, em muitos casos, reduz-se ás simples difficuldades technicas que o alumno tem a vencer. Por esse mesmo motivo é que taes methodos devem ser inteiramente abandonados para as creanças, pois que, na maioria dos casos, essas difficuldades são excessivas para a sua edade. E' um verdadeiro trabalho de Sisypho — trabalho sem resultado, naturalmente tendendo a estancar a fonte do prazer que as creanças encontram em suas occupações, e a inevitavel consequencia é que a maioria dellas não chegam ao ponto de poderem gozar dos fructos dos seus esforços.

Se admittimos que os principios de Frœbel são verdadeiros, e principalmente que todas as manifesta-

ções da vida infantil resultam de um innato e instinctivo desejo de desenvolvimento, não podemos tambem deixar de satisfazer esse desejo natural por meio de uma educação racional e de accordo com as leis da natureza.

O desenho, segundo Frœbel, deve ser iniciado aos tres annos.

Todos os dons que até aqui apresentamos, prestam-se, como se viu, á representação de varias formas e imagens. Desse modo as creanças já se têm occupado com o desenho concreto, ou *desenho com objectos*, dando-lhes, conjunctamente com o cultivo da imaginação e do gosto, noções claras e precisas sobre os solidos, os planos e as linhas concretisadas. E', pois, natural que desde logo se desperte nas creanças o desejo de representar pelo desenho, essas linhas, planos e as formas de objectos. E' esse mesmo desejo de representação, essa mesma necessidade da imaginação, que faz com que as creanças peçam sempre que se lhes conte uma historia ou que se lhes explique uma gravura. E' ainda pelo mesmo motivo que as encontramos sempre a fazer riscos na arêa ou a bafejar nas vidraças para traçarem depois as figuras creadas pela sua imaginação. Não ha creança que não goste de mostrar o que sabe fazer. E', portanto, natural que se procure encaminhar essa disposição instinctiva, tirando della proveito para a educação.

O desenho não desenvolve sómente a habilidade de representar as cousas, ao mesmo tempo nos dá um meio seguro de verificar até que ponto os objectos foram observados e percebidos.

Estava destinada a Frœbel a gloria de inventar um methodo adaptado á tenra edade das creanças, á

pouca destreza de suas mãosinhas, mas de modo que ellas não se limitassem a imitar simplesmente, e sim, pozessem em jogo a sua acção propria e expontanea, imaginando, reflectindo e creando.

Todas essas condições foram felizmente preenchidas. Pelo methodo de Frœbel dá-se a cada creança uma lousa, com uma das faces quadriculada, e ensinando-se a lei dos oppostos e sua mediação, como regra para sua actividade.

As linhas gravadas na lousa auxiliam as creanças a traçar, a comparar os seus traços, a notar a sua posição e a sua grandeza relativa. Facilita-se assim consideravelmente o trabalho e, conseguintemente, augmenta-se o desejo que as creanças manifestam por esta occupação, pois é evidente que os obstaculos que se emcontram nas primeiras tentativas dão sempre causa ao desanimo dos principiantes.

Ao desenho nas lousas segue-se o desenho em papel, quadriculado do mesmo modo que as lousas. E' conveniente iniciar e proseguir no desenho em papel seguindo o mesmo processo empregado com as lousas, havendo entre essas duas phases esta unica differença, que em vista do progresso já realizado, tornam-se aqui desnecessarias muitas repetições para conseguir a mesma perfeição a que se chegava desenhando nas lousas.

Devemos accrescentar que começa-se pelas lousas porque as creanças podem mais facilmente corrigir os seus erros e porque aprendem a ter depois mais cuidado, quando passam a desenhar em papel, porque verificam, desde logo, que o seu trabalho não ficará limpo desde que tenham de servir-se da borracha.

As lousas e os lapis de pedra são da mesma substancia o que não se dá com o papel e o lapis de desenho. Nas lousas as linhas e as figuras desenhadas apparecem brancas em fundo negro; no papel o desenho é negro em fundo branco. Com os alumnos mais adeantados póde-se ainda usar lapis de côres, o que muito contribue para fazer destacarem-se as figuras, fazendo, ao mesmo tempo, com que as creanças aprendam o colorido combinando as côres com gosto e convenientemente. Os mosaicos e as figuras coloridas que assim se pódem fazer são um excellente meio para a cultura do gosto e do sentimento do colorido.

O desenho, por este modo, requer observação, attenção, e concepção do todo e das partes, faculdade de invenção e combinação do pensamento. Assim, o espirito e a imaginação adquirem novas impressões, reaes e bellas. Como se vê, o desenho, é pois, de incalculavel valor para o desenvolvimento dos sentidos das creanças, desde que a sua inclinação natural por essa occupação seja convenientemente guiada logo ao manifestar-se.

As pranchas 1—12 mostram toda a série de desenhos dos Jardins da Infancia. A primeira occupação consiste, como se vê dessas pranchas, em

Linhas verticaes

A professora desenha na lousa uma linha perpendicular, do comprimento de um dos quadros (da face recticulada) $\frac{1}{4}$ de pollegada, dizendo: Tracei aqui uma linha de cima para baixo. Façam as creanças o mesmo. A professora fará notar que a linha começa exactamente no cruzamento de duas linhas das

quadriculas e termina, do mesmo modo, no cruzamento de outras duas linhas.

Deve-se ter em vista fazer com que as creanças peguem o lapis convenientemente, não o fazendo pesar muito nas lousas e de maneira que cada linha seja traçada por um só movimento dos lapis. A professora deverá acompanhar este exercicio com perguntas como estas. Que estão vocês fazendo? Que foi que fizeram agora? devendo as creanças responder sempre por sentenças claras e completas de modo a mostrarem que estão trabalhando intelligentemente. Em seguida as linhas poderão ser traçadas de baixo para cima, e tambem alternadamente ora de cima para baixo, ora para cima, até que as creanças tenham adquirido certa dextreza em manejar o lapis.

Passe-se então a traçar linhas abrangendo dous quadros, depois tres, quatro e cinco. Prancha 1 fig. 2—5.

Não se vai além de cinco, pois as creanças mesmo as de tres annos têm conhecimento desse numero pelo numero dos dedos.

Os exercicios assim feitos combinam-se agora. As creanças desenharão, umas ao lado de outras, linhas correspondentes a 1, 2, quadrinhos (fig. 6), correspondentes a 1, 2 e 3 quadros (fig. 7) a 1, 2, 3 e 4 (fig. 8) e, finalmente, linhas correspondentes a 1, 2, 3, 4 e 5 quadros (fig. 9). Assim procedendo, formam-se sempre triangulos rectangulos. Tratando do uso das taboinhas já fizemos notar que os triangulos rectangulos pódem collocar-se em varias posições. Do mesmo modo aqui; o triangulo das figs. 9 e 10 póde tambem collocar-se de varias maneiras. Na fig. 10 as cinco linhas erguem-se da base, a começar pelas menores e terminando nas maiores, achando-se o angulo

recto voltado para cima. Na fig. 11 dá-se o contrario—as cinco linhas descem de uma das bases, a começar pelas maiores achando-se o angulo recto voltado para a parte inferior. As figs. 12 e 13 são as mediações entre 10 e 11.

As creanças devem ser encaminhadas de modo a descobrirem por si mesmas as figs. 11 e 13. Fazendo-as notar exactamente as diversas partes da fig. 1 a, ellas não terão difficuldades em descobrir a opposta. Para isso basta traçar em primeiro logar a linha maior em vez da menor, e mover o lapis de baixo para cima. Pela sua propria reflexão, dentro dos limites de sua capacidade, as creanças chegarão, do mesmo modo, a formar as figs. 12 e 13.

Assim, pela simples combinação das cinco linhas verticaes construiram-se quatro formas differentes constantes das mesmas partes, desimilhantes, mas contrariamente semelhantes.

Cada uma destas figuras constitue um todo, mas como todas as cousas embora completas, sempre fazem parte de outros todos, assim tambem as nossas figuras pódem combinar-se dando logar a mais amplas formações.

O methodo de desenho frœbeliano, que vai do simples para o complexo, de uma maneira logica e natural, une as partes ao todo, considerando as primeiras como membros do conjuncto, descobrindo a semelhança nos oppostos, estabelecendo as suas mediações, e renovando assim o prazer que as creanças devem manifestar em todo o curso.

Reunam-se as figs. 10—13 de modo que se approximem os angulos rectos, fig. 14. Reunam-se agora pelo modo opposto, fig. 15. Teremos assim duas construcções oppostas. A fig. 14 forma um

quadrado levantando-se sobre um dos angulos; a fig. 15 representa ainda um quadrado assente sobre a base e tendo a parte central em branco, o que não se dá com a figura anterior.—Na fig. 14 os angulos rectos ficam ao centro; na figura 15, ao contrario, ficam voltados para o centro. Nas figuras de mediação, 16 e 17, os angulos rectos ficam na linha média, mas figuram tambem no contorno da figura formada. Nas outras fórmas de mediação, figs. 18, 19, etc., os angulos primitivos ficam ainda sobre a linha média, alternando-se, porém, dous no meio e dous no contornos dessas fórmas.

Nas figs. 18—22 temos ainda quatro figuras diversas, mas constantes das mesmas partes, sendo portanto semelhantes nesse ponto, mas tambem com caracteristicos oppostos. Ao mesmo tempo, essas novas fórmas pódem empregar-se como elementos para outras formações. Na fig. 22 ellas se combinam formando uma estrella com a parte central occupada pelos traços. Na figura seguinte vê-se o opposto—uma estrella semelhante, mas com a parte central em branco. Tambem aqui muitas fórmas de mediação se pódem produzir com os mesmos elementos.

Attendendo á semelhança que tem este methodo de desenho com o das combinações de taboinhas, é natural que tambem aqui cheguemos ás chamadas figuras de rotação, bastando para isso reunir os nossos triangulos pelos angulos agudos, como mostram as figs. 24 e 25, ou formando quadrados com a parte central em branco como nas figs. 26 e 27.

As figs 28 e 29 constituem a mediação entre as fórmas 24 e 25 e tambem entre 14 e 15.

Todas estas fórmas servem ainda de elementos para novas combinações, como, por exemplo, a fig. 30 que é composta das figs. 28 e 29.

O numero de posições em que estes elementos se pódem collocar, uns em relação aos outros, não se acha ainda exgottado. Tão simples e facil é este methodo, por seguir sempre uma lei natural, que bastam agora as pranchas do 7.º dom para suggerirem numerosas e novas combinações.

Como já fizemos notar, deve-se substituir as lousas por papel de desenho desde que o progresso das creanças o permitta. As creanças ficarão muito contentes de verem as suas producções assumirem uma certa durabilidade, o que não era possivel nas lousas, permittindo-lhes, ao mesmo tempo, avaliar por si mesmas os seus progressos.

Até aqui, os triangulos produzidos pelo arranjo dos cinco traços, foram apenas triangulos rectangulos. Outros triangulos, entretanto, podem-se formar, desde que haja mais dextreza no manejo do lapis.

As figs. 31 e 32, dão um exemplo de outras combinações dando origem a triangulos agudos equilateros. Sendo oppostas essas figuras, a sua reunião dá logar a duas outras oppostas 33 e 34 e á sua combinação fig. 35.

Nas tres ultimas figuras encontra-se agora o angulo obtuso, que tambem se póde formar com os cinco traços, como se vê na fig. 36, na sua opposta 37 e nas suas mediações 38 e 39, formando todas o losango, fig. 40.

Os quatro angulos obtusos acham-se voltados para a parte exterior. A fig. 42 é, por isso opposta á fig. 40, pois que ella resulta da reunião dos mesmos triangulos mas voltados em sentido opposto. A fig. 41 representa a forma de mediação entre as duas oppostas. Outra combinação póde ainda formar-se pelo arranjo dos quatro triangulos obtusangulos ns.

36, 37, 38 e 39, de modo a ter o n. 39 na parte superior á esquerda, 37 na parte superior, á direita, 36 em baixo e á esquerda, e 38 tambem em baixo, mas á direita; assim: $\frac{39|37}{36|38}$

E' evidente que com os triangulos obtusangulos podem fazer-se combinações identicas ás que fizemos com os rectangulos. Effectivamente, as creanças que tenham seguido systematicamente este plano, estarão habilitadas a reunir estes novos elementos em variadas combinações, produzindo estrellas, formas de rotação, etc., continuando assim a desenvolver-se as suas faculdades inventivas.

Parallelamente com a creação das formas symetricas, deve-se deixar que a actividade das creanças se manifeste tambem na representação de objectos reaes. Assim, com as linhas de um só comprimento pode-se formar um prato, como na fig. 43, uma estrella, fig. 44. Com traços de dous comprimentos diversos, uma cruz, fig. 45. Com linhas de quatro comprimentos diversos, um moinho de café, fig. 46., e, finalmente, uma casa fig. 47, empregando-se aqui os traços de cinco comprimentos diversos.

Identicos exercicios podem fazer-se com as oppostas das linhas verticaes, isto é, as

Linhas horisontaes

Prancha n. 5

Pelo mesmo processo, ensina-se as creanças a traçarem linhas comprehendendo um só quadro, uma em baixo das outras; em seguida, linhas comprehendendo 2, 3, 4 e 5 quadros, figs. 1 5: arranjando-as uma ao lado das outras, figs. 6—8, combinando-as depois

como na fig. 9, 10, 11 e 12, formando-se então o triangulo rectangulo, o seu opposto 13 e as formas de mediação 14 e 15.

Em seguida constroe-se o quadrado 16, o seu opposto 17, e as formas de mediação fig. 18 $\frac{c \mid a}{b \mid d}$ e $\frac{d \mid b}{a \mid c}$ proseguindo-se exactamente como já indicámos para as linhas verticaes. Do mesmo modo se formam os triangulos acutangulos, obtusangulos, as figuras symetricas, as formas de rotação e a representação de objectos reaes, como nas fig. 19 uma lampada, 20 uma chave e 21 um pombal.

Isto feito, passa-se á combinação das linhas

Verticaes e horizontaes

Prancha 6 – 8

Primeiro, combinam-se as linhas de um só comprimento em posições diversas, fig. 1. Passa-se em seguida á combinação das linhas que abrangem 2, 3, 4 e 5 quadros figs. 2 – 5, obtendo-se com cada uma dessas combinações 4 formas oppostas quanto á posição. Assim como antes reunimos as linhas para formar triangulos, assim aqui, reunimos angulos formando-se combinações como a da fig. 6. A sua opposta, 7, e as formas de mediação obtêm-se tambem facilmente. A reunião destes quatro elementos apparece no quadrado, fig. 8 e no seu opposto 9. Na figura 8 os vertices dos angulos rectos estão voltados para o centro, e na fig. 9 dá-se exactamente o contrario. As mediações produzem-se facilmente. Das figuras 8 e 9 faremos as seguintes combinações $\frac{a \mid c}{d \mid b}$ e $\frac{b \mid d}{c \mid a}$

Construam-se ainda com os mesmos elementos as combinações: $\frac{d}{a}\frac{b}{c}$, $\frac{c}{b}\frac{a}{d}$, $\frac{c}{d}\frac{a}{b}$, $\frac{a}{b}\frac{c}{d}$, $\frac{a}{d}\frac{b}{c}$, $\frac{d}{a}\frac{c}{b}$, $\frac{d}{b}\frac{a}{c}$, $\frac{c}{a}\frac{b}{d}$, $\frac{b}{d}\frac{c}{a}$, $\frac{a}{c}\frac{d}{b}$.

Assim como combinando entre si as linhas, quer verticaes, quer horizontaes, formámos angulos agudos, rectos e obtusos, do mesmo modo poderemos aqui combinar os angulos entre si de maneira a dar origem tambem a angulos agudos e obtusos, como se vê na fig. 10. Todas as linhas verticaes estão ahi arranjadas de modo a produzirem triangulos obtusangulos. Pela sua combinação com as horizontaes produzem-se o elemento 10^a, o seu opposto 10^b e as formas de mediação 10^c e 10^d, cuja combinação forma a fig. 10.

Assim como as linhas verticaes formam triangulos obtusos, assim tambem as horizontaes, e, assim, ambas as especies de linhas podem ser arranjadas em triangulos obtusangulos, dando origem a uma nova serie de elementos cujo emprego systematico a professora deve encaminhar convenientemente. Para esse fim devem empregar-se schemas como os que acima apresentámos.

Até aqui temos formado angulos com linhas de egual comprimento, devendo-se tambem empregar, para esse fim, linhas de desegual comprimento. Do mesmo modo que anteriormente, as creanças devem agora combinar as linhas que abrangem um só quadrinho com as que abrangem 2; as que abrangem 2 com as que abrangem quatro quadradinhos, e assim por deante. Os angulos resultantes destas combinações constituem novos elementos para a formação de interessantes figuras. Essas novas formas fundamentaes são as que se encontram na prancha 6, figs. 11 e 12, e o seu emprego dará logar a muitas observações instructivas. Essas figuras nos mostram que

para taes formações, as linhas quer verticaes quer horizontaes, devem ter duplo comprimento umas em relação ás outras. Na figura 11, as linhas horizontaes acham-se collocadas como para formarem triangulos acutangulos. Formam entretanto triangulos rectangulos, mas o angulo recto não se acha agora na extremidade das linhas maiores; onde está? Formar-se-iam triangulos acutangulos se entre as linhas horizontaes, em vez de um só quadradinho, houvesse dous. Nesse caso, as linhas verticaes formariam entre si triangulos obtusangulos.

A combinação das linhas dando logar á formação de quadrados ou de rectangulos representa já um importante progresso. Para exercitarem-se em taes combinações, as creanças devem começar por combinar linhas abrangendo um só quadradinho, em seguida dous; depois tres, quatro e finalmente as linhas que comprehendam 5 quadradinhos. Estas linhas combinam-se do mesmo modo que as verticaes 1^2 com 2^2; 1^2, 2^2 com 3^2.

(Os expoentes 1, 2, 3, etc. indicam o comprimento das linhas em relação ao numero de quadradinhos que abrangem).

Estas combinações podem fazer-se no sentido vertical, quando as figuras a formar devam ficar umas sobre as outras, ou no sentido horizontal, quando os quadrados devam ficar ao lado uns dos outros, podendo ainda combinar-se entre si essas duas collocações oppostas.

A fig. 13^a é um exemplo da combinação de quatro quadrados em sentido horizontal; sendo 13^b a sua opposta e *c* e *d* as formas de mediação.

Na fig. 14 acham-se combinados tres quadrados de grandeza differente, no sentido horizontal e per-

pendicular, formando um angulo recto voltado para a parte superior, á esquerda; *b* é o seu opposto, e *c* e *d* as formas de mediação. Seguem-se aqui, como se vê, as mesmas regras já indicadas em relação as linhas. Do mesmo modo estes novos elementos podem combinar-se formando quadrados, como se vê na prancha 7, fig. 15. Dos quatro elementos $14^{a\,b\,c\,d}$ formam-se a fig. 15 e a sua opposta *B*. E' a dupla combinação desses dous oppostos que produz a fig. 15 no seu conjuncto. Do mesmo modo podem combinar-se os quadrados de 1^2 a 5^2.

Cada um dos novos elementos assim formados dá origem a novos exercicios que se devem executar attendendo sempre á habilidade dos alumnos. A' professora cumpre, aqui como tambem em todo o seu ensino, determinar, pelo estudo e observação dos alumnos, qual o limite das occupações, quanto ao numero e complexidade dos exercicios, sem saltos, de modo que cada exercicio resulte dos anteriores.

Para a formação dos rectangulos deve seguir-se o mesmo processo até aqui empregado. Tambem aqui, as creanças devem começar pelos mais simples —o de base egual em comprimento a uma quadricula, e altura correspondente a 2 quadriculas, invertendo-se então o caso, isto é, formando a base egual a duas quadriculas e altura correspondente a uma quadricula. Guardando a mesma relação, formam-se em seguida rectangulos com base de 1 a 5 e altura de 2 a 10 quadriculas, e inversamente. Do mesmo modo que os quadrados, é evidente que taes rectangulos podem combinar-se no sentido horizontal, no vertical e em ambos os sentidos conjunctamente. Esses novos elementos são ainda empregados em novas formações, de accordo com as regras previamente estabelecidas. A fig. 16, é um exemplo e dessa

combinação. A sua opposta deverá ter o angulo recto para a parte contraria e 16ᵉ será uma das formas de mediação cuja opposta deverá ter tambem o angulo recto para o lado opposto.

A fig. 17 é um exemplo da combinação em sentido vertical.

As figs. 18 e 19, finalmente, dão-nos o exemplo da reunião das duas combinações anteriores por modos diversos.

A fig. 20 é formada por quatro rectangulos combinados de modo a representarem um triangulo rectangulo; *a* e *b* são os dous unicos oppostos possiveis.

Bastam estes exemplos para mostrar o elevado numero de formas que se podem construir com elementos tão simples como as linhas verticaes e horizontaes, de 10 comprimentos differentes.

Cumpre agora aos educadores fazer com que as creanças appliquem taes elementos logicamente de modo a produzirem com elles novas formas em numero illimitado, de accôrdo sempre com a lei estabelecida para esse fim.

Além disso as creanças se tornarão aptas, por meio de taes exercicios, a representarem as mais variadas formas symetricas e formas reaes, em parte exercendo o seu proprio engenho e em parte pela imitação dos objectos que anteriormente tenham visto. Como exemplos desses exercicios vejam-se na prancha n. 8 as figs: 21—24; 25—26 e 27 a 30, que representam ornatos e formas de objectos reaes.

Linhas obliquas

As indicações que temos de fazer aqui serão breves, pois que os exercicios com as linhas obliquas não passam de uma repetição dos mesmos exercicios que ja fizemos com as verticaes.

Deve-se começar pelas linhas comprehendendo de 1 a 5 quadriculas — Prancha 9 figs. 1—5, combinando-as em seguida, o que dá logar á formação de 4 triangulos rectangulos oppostos figs. 6—9 com as quaes se forma o quadrado 10, 11, as formas de mediação e, finalmente, outras combinações mais complexas.

Em seguida as linhas podem arranjar-se de modo a formarem triangulos obtusangulos, seguindo-se com estes o mesmo processo.

Com taes triangulos formam-se as figs. 13, a sua opposta 16 e as formas de mediação 14 e 15, achando-se os angulos obtusos na linha vertical média ou na linha média horizontal como na fig. 17. Pela combinação das formas 15 e 17, produz-se a estrella 19. Pelos mesmos processos, finalmente, formam-se ainda aqui os triangulos acutangulos fig. 18.

As linhas obliquas dão logar a grande numero de combinações e de formas, visto poderem ter varios graus de inclinação. Quando formam a diagonal de um quadrado, constituem obliquas do 1.º grau. Quando diagonaes de rectangulos, transformam-se em obliquas de 2.º 3.º 4.º ou 5.º graus conforme as proporções da base para com a altura.

Na fig. 20, as obliquas de 2.º grau combinam-se de modo a formarem triangulos rectangulos; 20^b é sua opposta, sendo as mediações representadas por 20^c e *d*.

Na fig. 21, as mesmas linhas dão origem a triangulos obtusangulos, e na fig. 22, a triangulos acutangulos.

Em todos estes casos, as obliquas figuram como diagonaes de rectangulos, com altura maior que a base. Póde, porém, dar-se o caso contrario, como se vê na fig. 23, sendo aqui as obliquas arranjadas, umas sobre outras. Na fig. 24 as partes *a* e *b* mostram uma combinação identica, sendo, porém, as partes *c* e *d* constituidas por diagonaes em sentido inverso das outras.

As obliquas de differentes graus podem unir-se em um ponto, quando se queira produzir a forma representada por *a*, na fig. 25. O opposto dessa figura forma-se de accôrdo com a formula $\frac{b \mid d}{c \mid a}$ sendo as suas mediações representadas pelas combinações $\frac{c \mid a}{b \mid d}$ e $\frac{d \mid b}{a \mid c}$, fig. 26. Como neste caso as figuras produzidas ficam collocadas em sentido horizontal, é claro que, por identico processo, se podem formar figuras collocadas de modo opposto. Dous elementos, dentre cada um destes, podem reunir-se em um ponto, originando-se assim a fig. 27 e a sua opposta 28.

Outra combinação opposta póde-se obter, fazendo-se com que as obliquas da mesma inclinação se toquem duas a duas fig. 29. A estas seguem-se as combinações de obliquas entre si de modo a formar angulos, quadrados e rectangulos como fizemos com as verticaes e horizontaes. Por ultimo, devem combinar-se as obliquas com as verticaes e depois com as linhas horizontaes, de modo a formar angulos, rhombos, etc.

Parallelamente com taes exercicios, as creanças devem adextrar-se na producção das formas reaes de que damos exemplos nas figuras 40 e 41, e das for-

mas symetricas figs. 30—39. Desde que as creanças tenham aprendido a empregar as linhas obliquas das duas primeiras inclinações, estará completa a tarefa do Jardim da Infancia. O mais que expozemos destina-se mais especialmente aos mestres e ao ensino primario. Esta observação applica-se ainda mais especialmente ás occupações relativas ás

Linhas curvas

PRANCHA 12

Com o intuito de darmos uma ideia completa do systema do ensino de desenho frœbeliano, accrescentamos aqui mais algumas indicações relativas á prancha n. 12.

Em primeiro logar as creanças devem exercitar-se em traçar linhas curvas. A mais simples dessas linhas é a circumferencia e della devem derivar-se todas as outras.

Como se sabe, não é facil traçar um circulo, e, além disso, as quadriculas das lousas ou do papel de desenho não fornecem os elementos necessarios para o traçado. Como, porém, as creanças já se habilitaram a traçar diversas especies de linhas, não será difficil com o auxilio dessas linhas determinar diversos pontos da peripheria dos circulos de uma dada grandeza.

Com effeito, é sabido que os angulos de um quadrilatero regular fazem parte da circumferencia cujo diametro seja egual á diagonal do quadrilatero. Além disso, todos os angulos rectos que tiverem a mesma diagonal por base, terão os seus vertices na circumferencia. Para determinar os pontos da circum-

ferencia bastará, portanto, construir taes angulos, o que facilmente se consegue com o auxilio das obliquas de differentes inclinações.

Supponhamos que do ponto *A* (fig. 1) se trace uma obliqua que figure como diagonal de um rectangulo, composto de tres quadriculas. De um ponto diametralmente opposto *C*, trace-se uma outra obliqua, com a mesma inclinação figurando como diagonal de um outro rectangulo, determinado por 3 quadriculas horizontaes. Prolonguem-se essas duas obliquas até encontrarem-se no ponto *a*, formando assim um angulo recto. Todas as obliquas que tenham a mesma inclinação, como estas, e traçadas de pontos diametralmente oppostos, darão origem a angulos rectos, desde que a inclinação de uma em relação a vertical seja a mesma que a inclinação da outra em relação á linha horizontal.

Por este processo é facil determinar uma série de pontos da circumferencia que se pretenda traçar. Dous desses pontos de cada lado da diagonal ja facilitarão o traçado do circulo circumscripto como se vê na fig. 2. Do mesmo modo se traçará o circulo inscripto, determinando os pontos médios de um quadrado, fig. 3.

Depois que os alumnos houverem adquirido uma idéa correcta da grandeza e forma do circulo, cujos raios correspondam de uma a cinco quadriculas, passa-se a dividil-os em metades e quartas partes, resultando dahi novos elementos para exercer-se a actividade das creanças.

Com estes elementos, os exercicios seguirão a mesma ordem já indicada com relação ás linhas verticaes. Começa-se pelos quartos de circulo cujo raio, primeiro, corresponda a uma quadricula, depois a

duas, tres quatro e cinco quadriculas. Pelo arranjo destes cinco quartos de circulos differentes, produzem-se quatro novos elementos que devem ser empregados do mesmo modo que os triangulos produzidos pela combinação das cinco linhas rectas. Os segmentos podem arranjar-se no sentido horizontal ou vertical fig. 4 — 5, ou podem ainda collocar-se de modo a reunirem-se em um ponto como na fig. 8.

A fig. 6 representa a combinação dos elementos *a* e *d*, dando origem a um novo elemento, assim como a fig. 7 mostra a combinação dos elementos *d* e *c*. Na fig. 8. finalmente, o arranjo dos segmentos faz-se em direcções obliquas, reunindo-se todos em um só ponto.

Aos quartos de circulos seguem-se os meios circulos, 9, 10, 11, os tres quartos de circulo, fig. 12 e, finalmente, o circulo inteiro fig. 13. Para as combinações de cada um destes novos elementos o processo a seguir é sempre o mesmo.

Apezar da brevidade a que somos forçados, acreditamos ter tornado bastante claro o systema de desenho frœbeliano, tornando evidente:

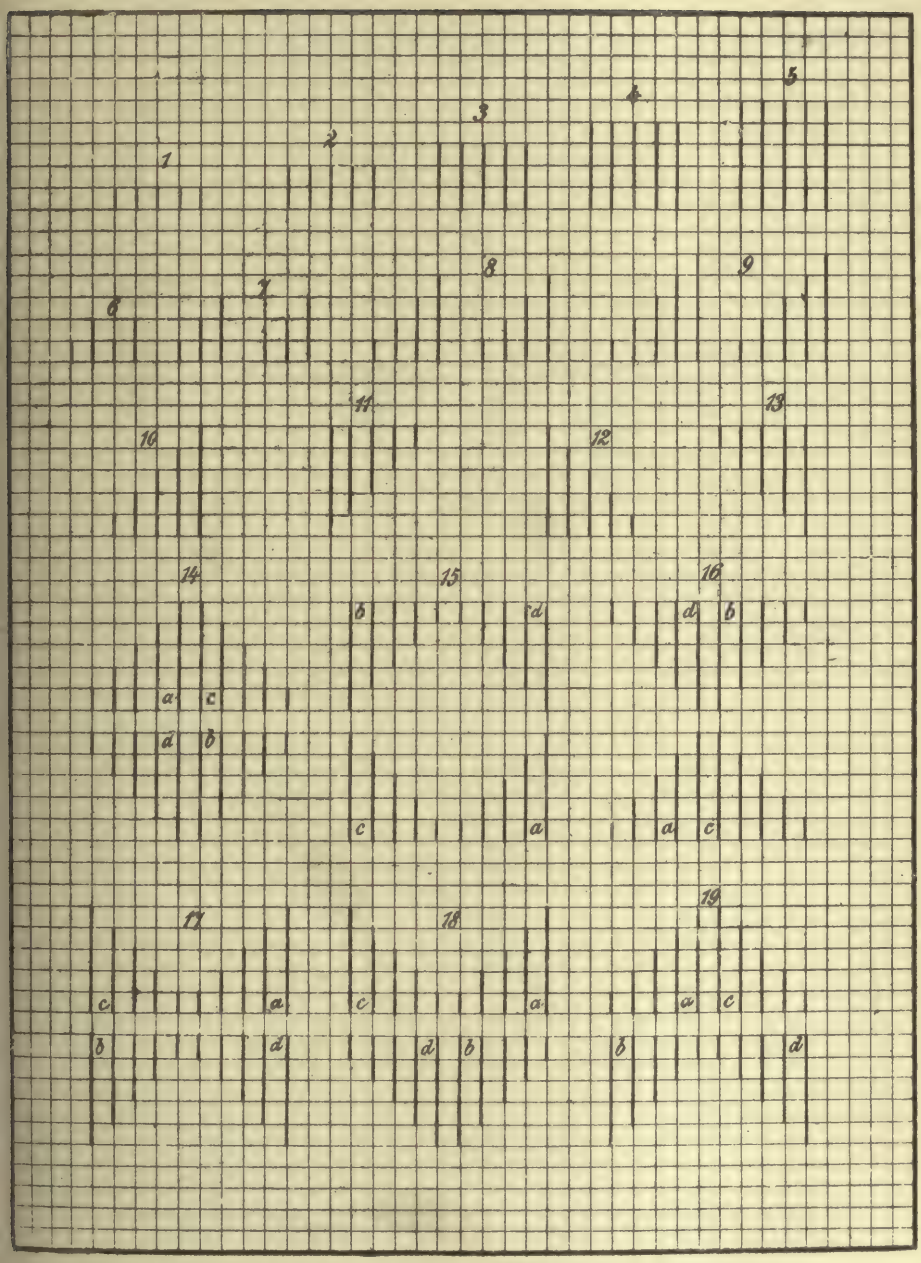
1.º) Que o methodo aqui apresentado é perfeitamente adaptado ao desenvolvimento das creanças, fazendo-as progredir de um modo absolutamente logico;

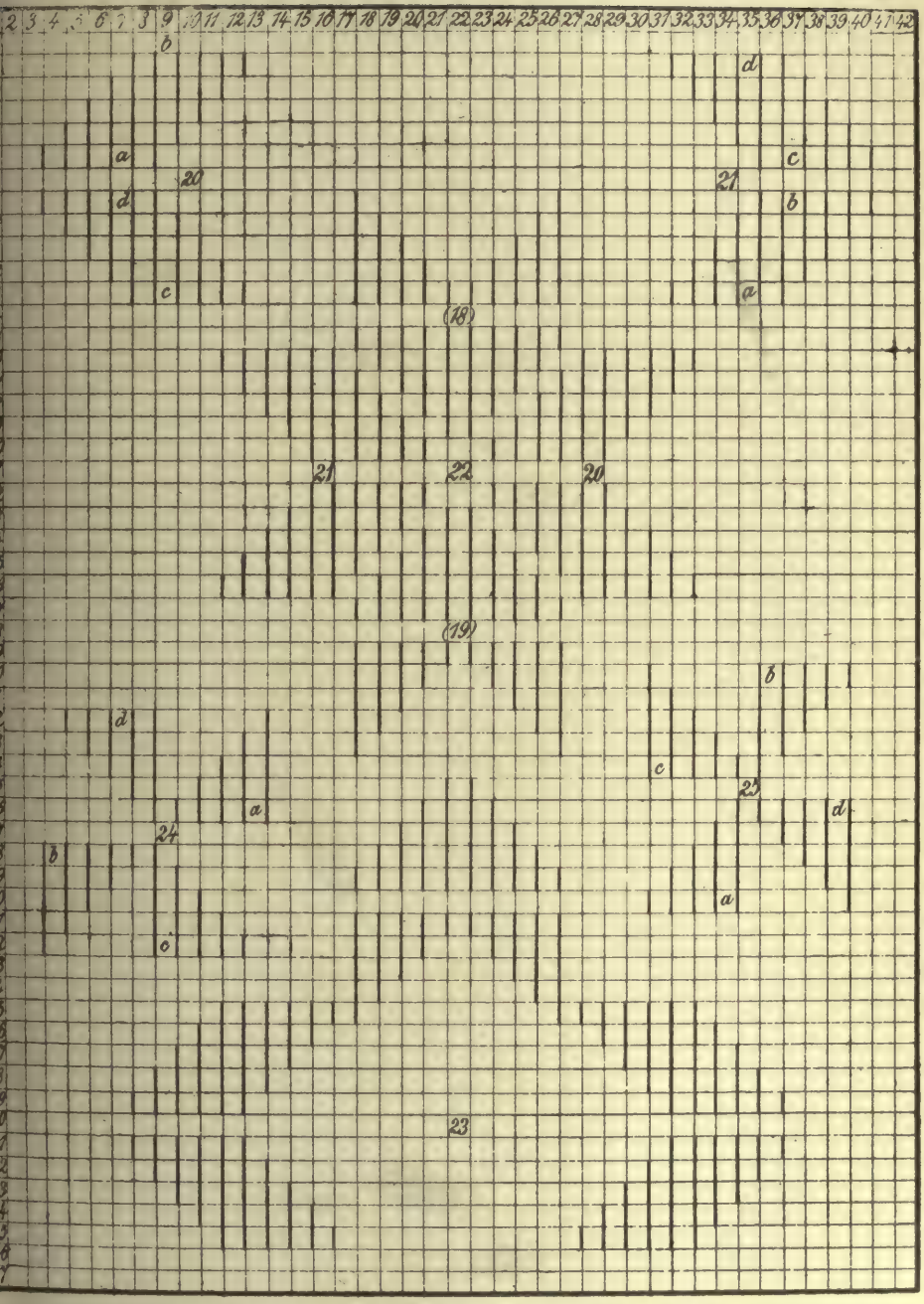
2.º) Que a profusão de percepções mathematicas a que este methodo dá origem, e os constantes exercicios de combinação, segundo determinadas leis, não podem deixar de exercer uma salutar influencia no desenvolvimento mental dos alumnos;

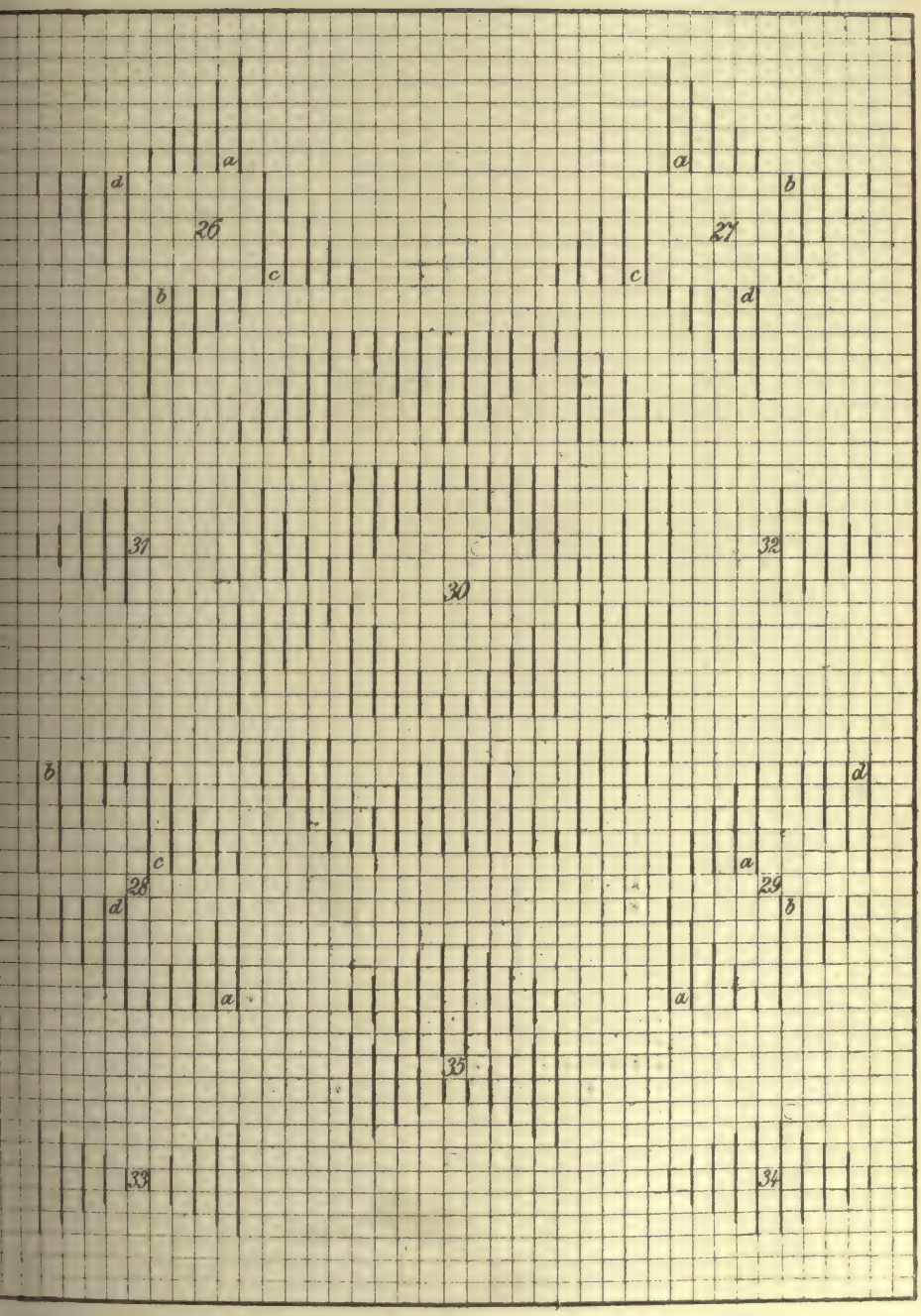
3.º) Que as creanças assim preparadas para o curso posterior de desenho, terão para esse estudo

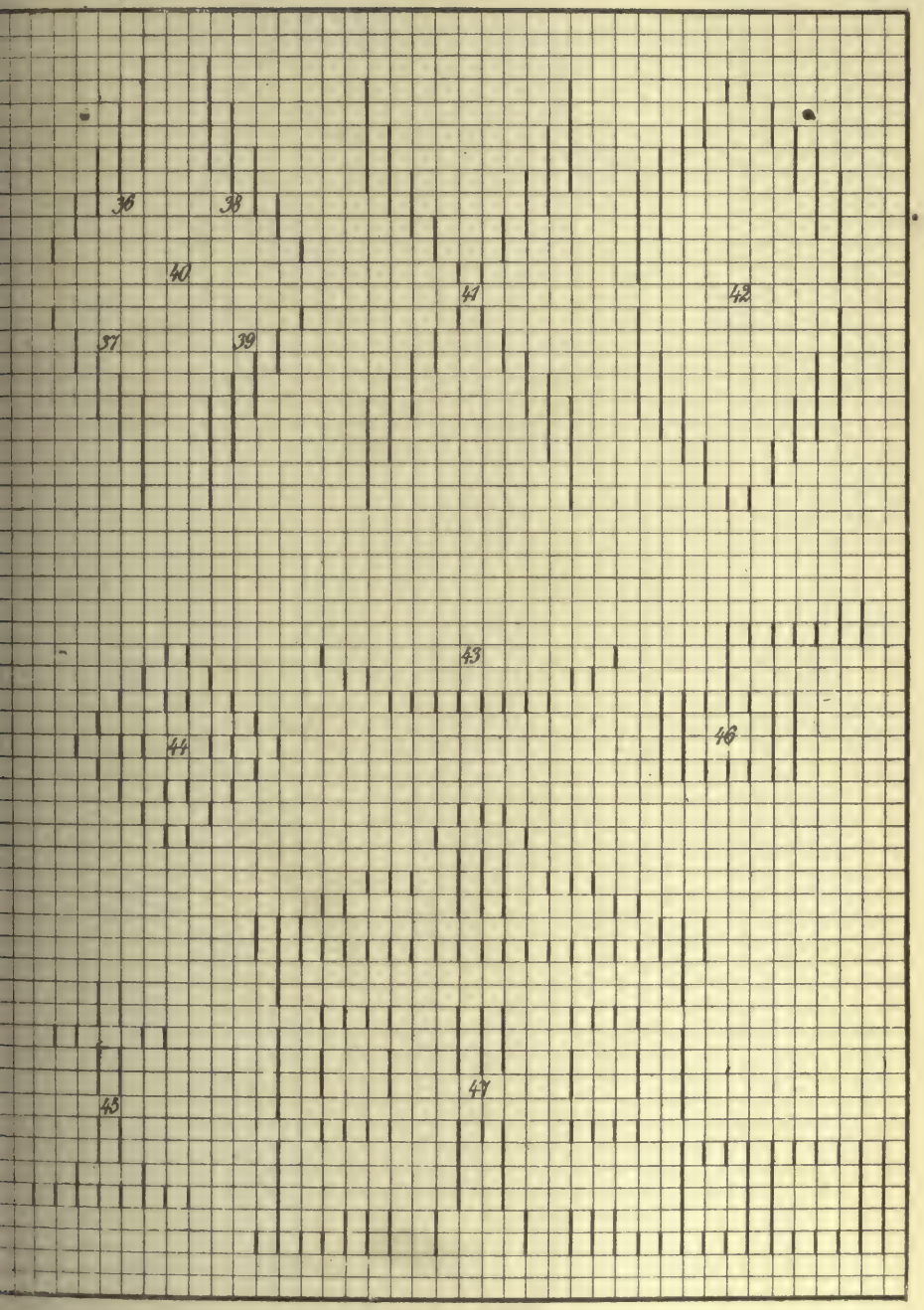
mais vantagens do que as creanças preparadas por qualquer outro methodo.

Aquelles que reconheçam a importancia do desenho para a vida, quer sob o ponto de vista pratico quer sob o ponto de vista esthetico, não podem deixar de advogar comnosco o plano que tenha por fim iniciar esse ensino desde os primeiros annos. Se algum sceptico houver neste ponto, que, por si mesmo, faça a experiencia, e estamos certos de que o teremos afinal de accôrdo comnosco.

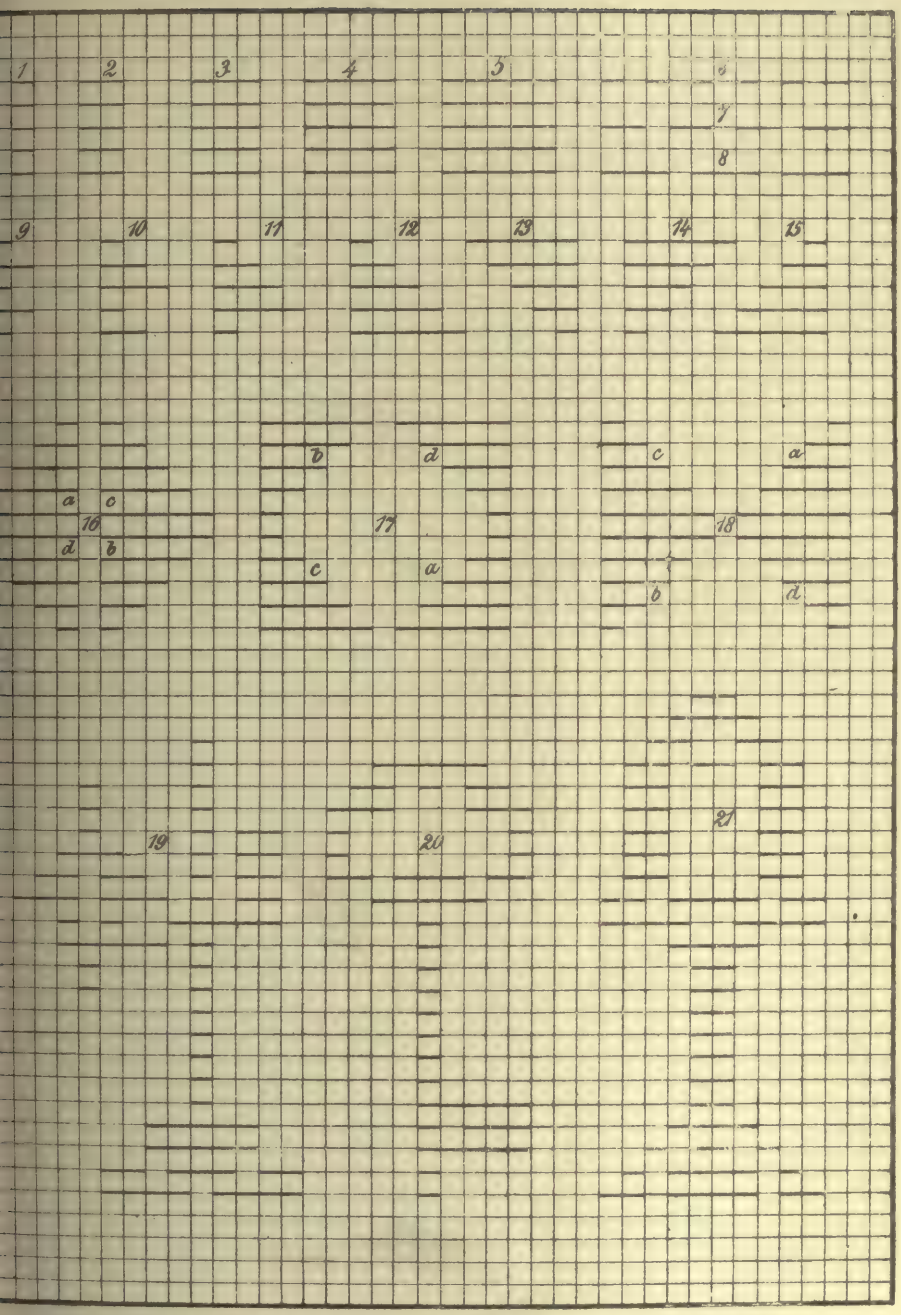

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
a
b
c
d


b
d
a
c
20
21
d
b
c
a
(18)
21
22
20
(19)
b
d
c
23
a
d
24
b
a
c
23

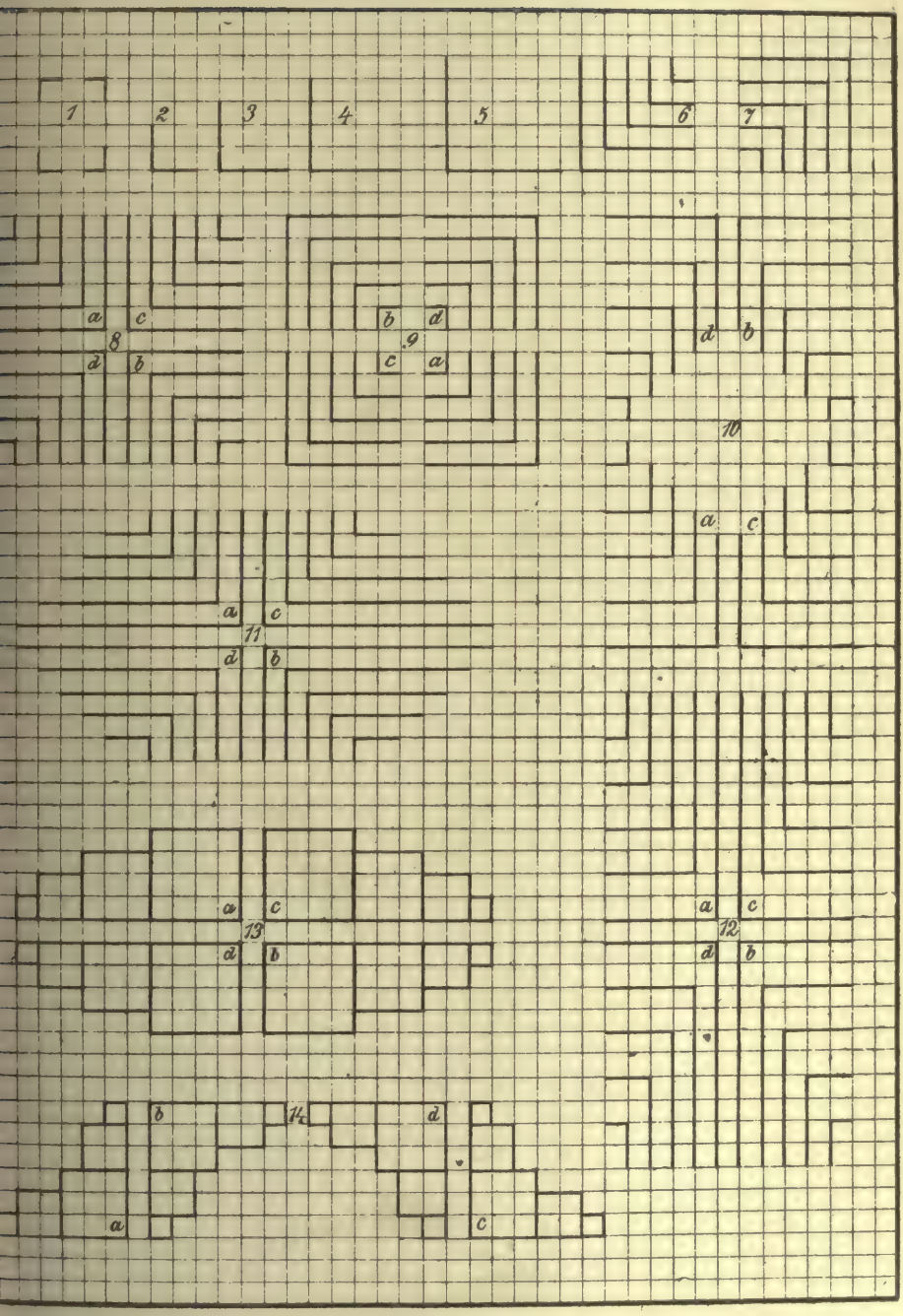

a
a
d
b
26
27
c
c
b
d
31
32
30
b
d
c
a
28
29
d
b
a
a
35
33
34

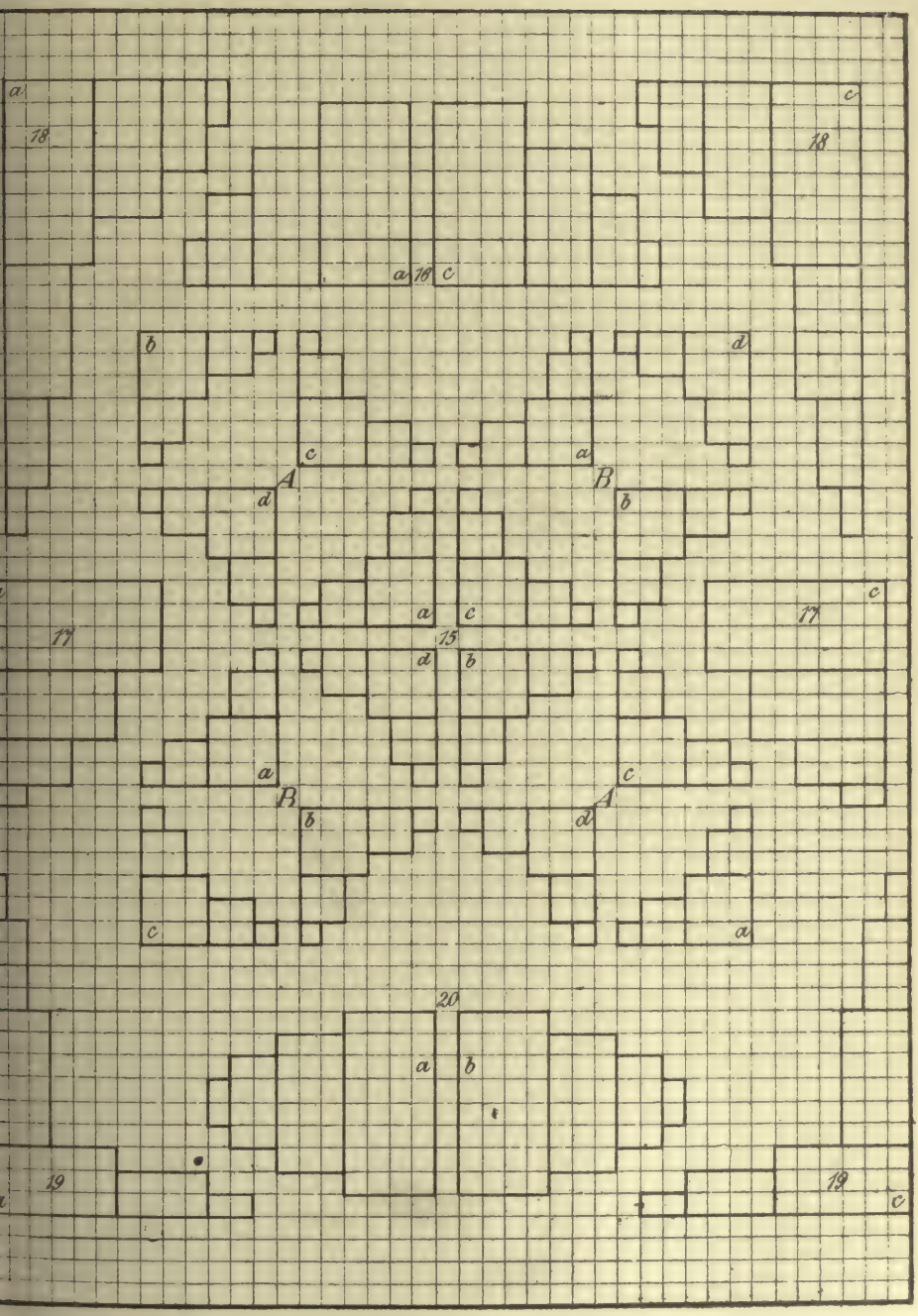

36
38
40
41
42
37
39
43
44
46
45
47

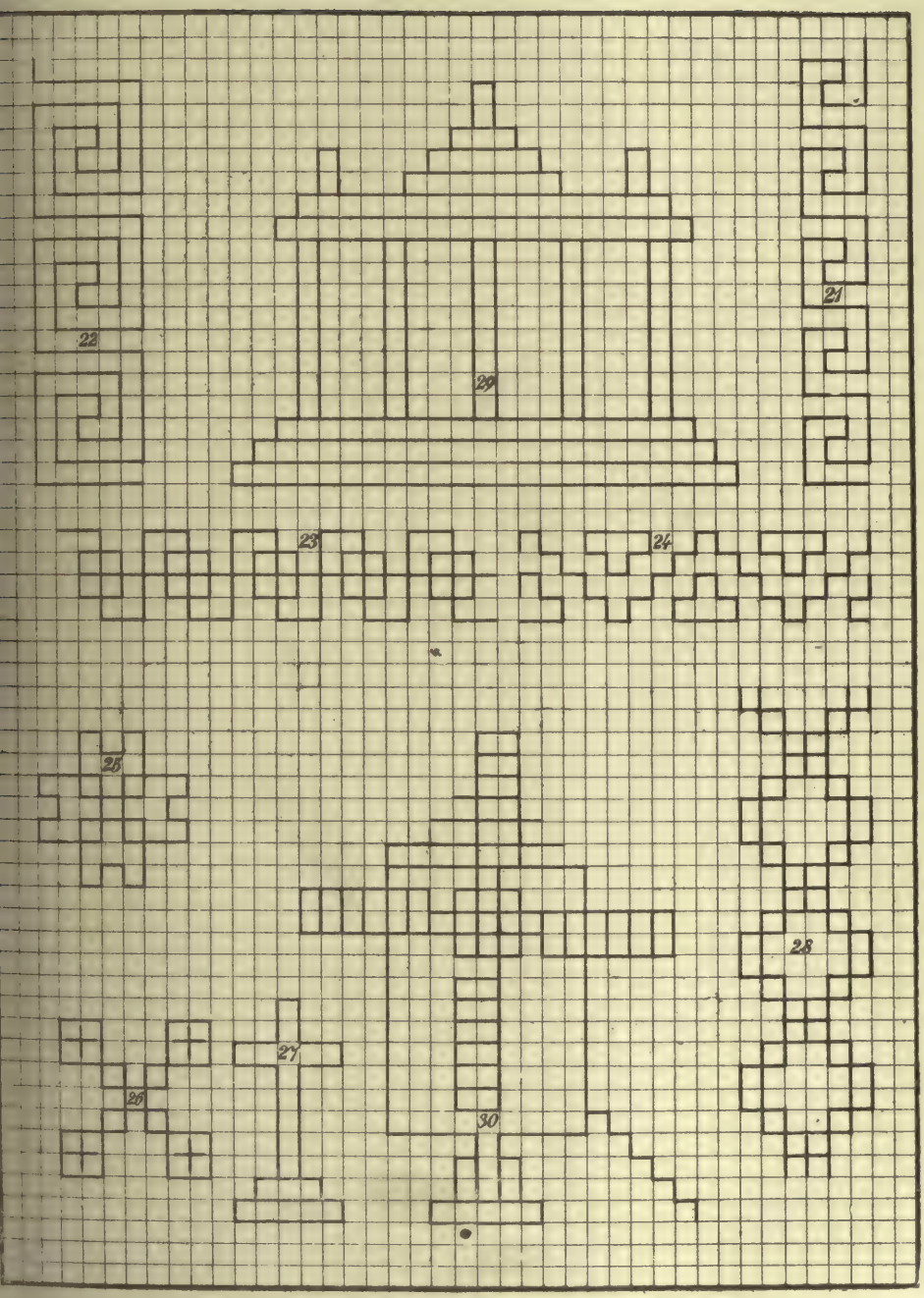
5 302 a

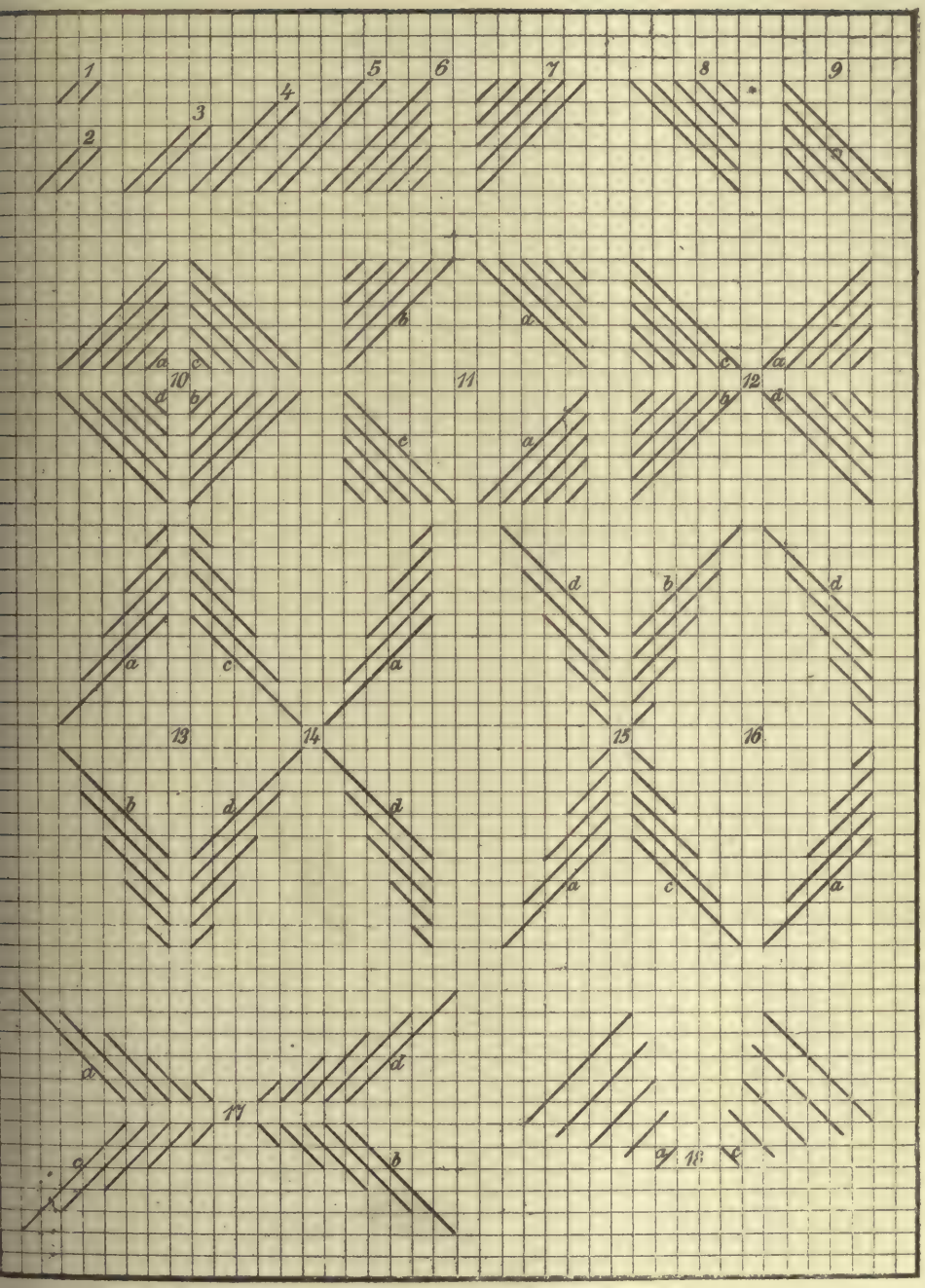


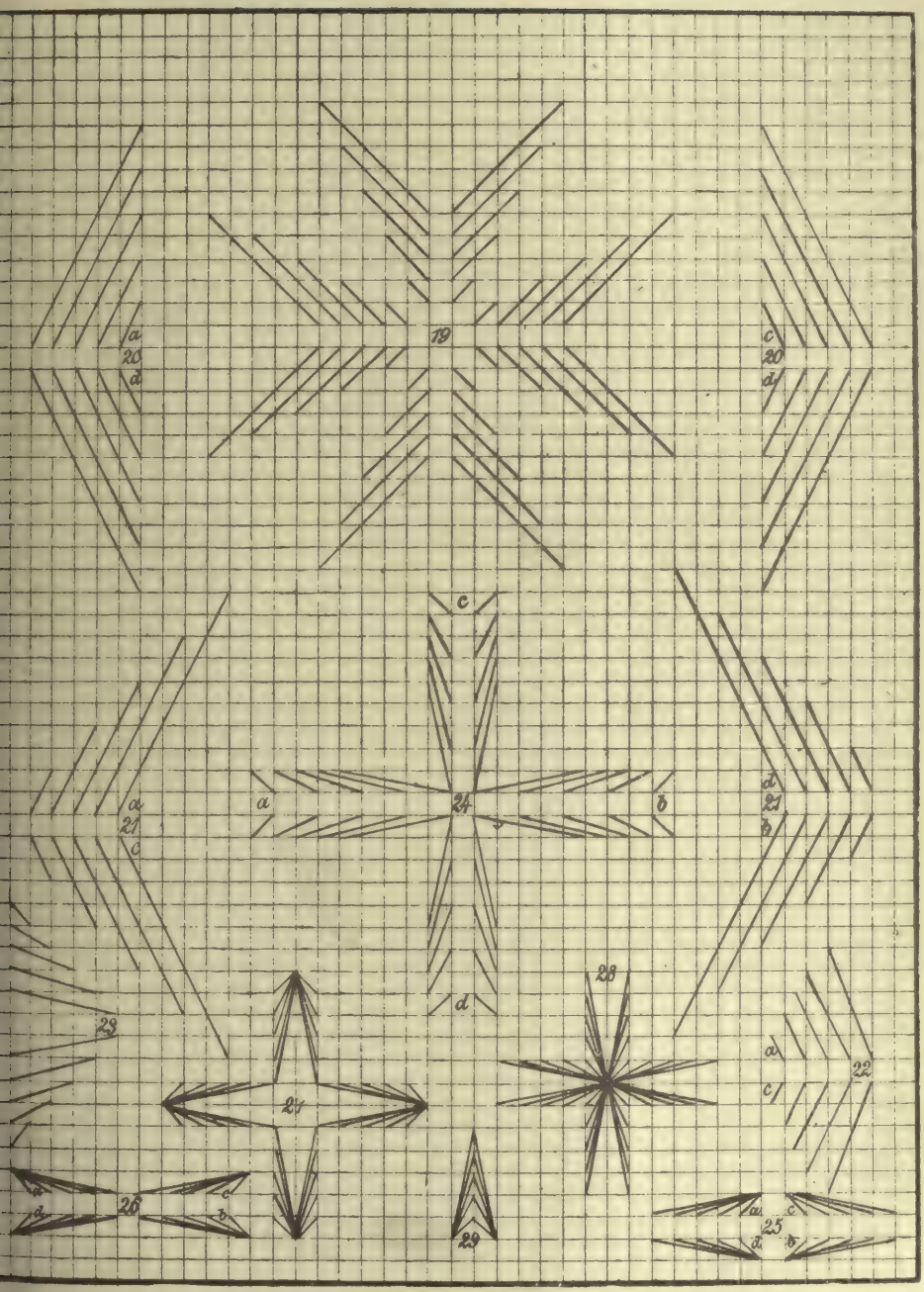
G 3028

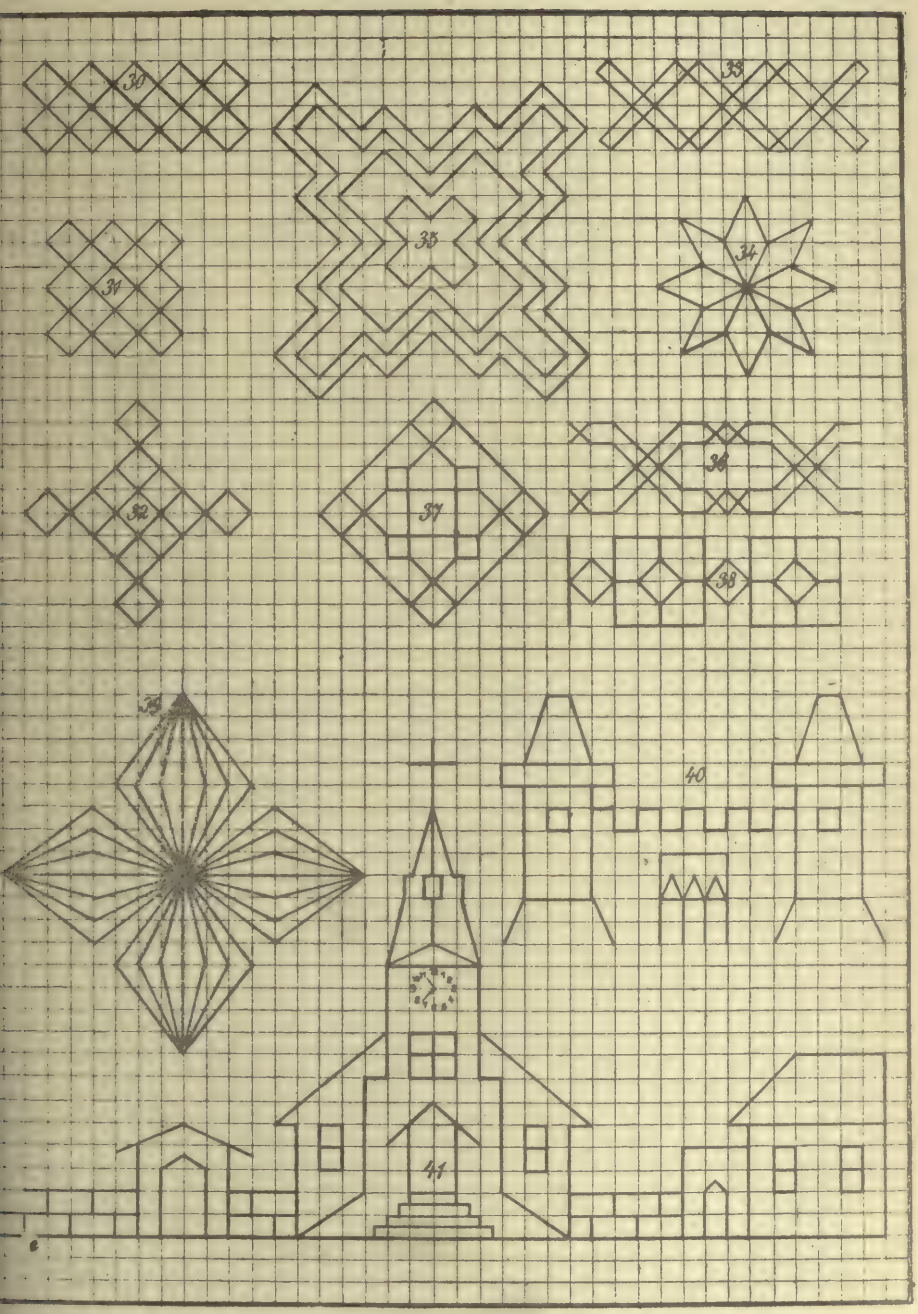


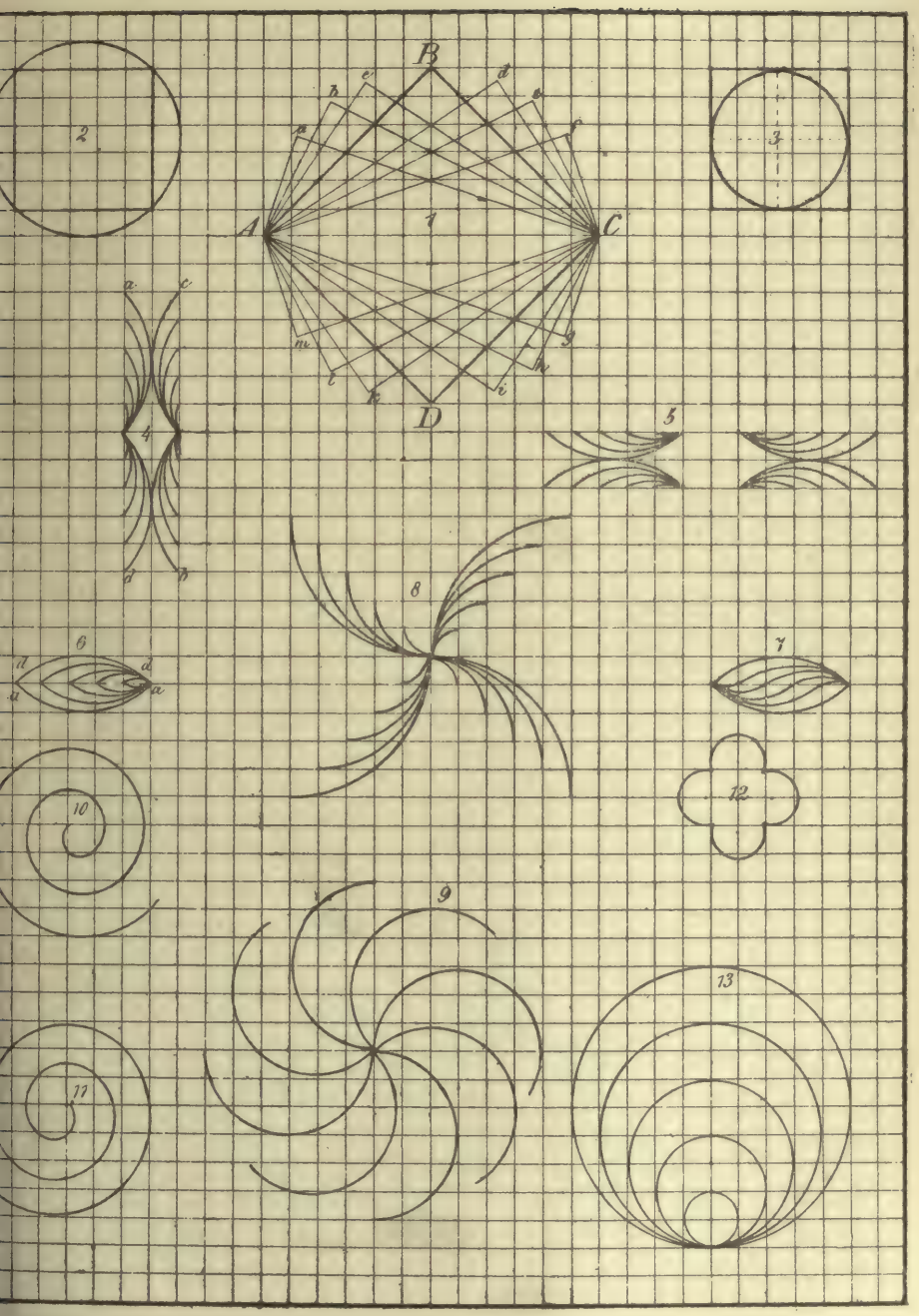

a
18
c
18
a 16 c
b
d
c
a
A
B
d
b
a c
c
17
17
15
d b
a
c
B
A
b
d
c
a
20
a b
19
19
c


21
22
29
23
24
25
28
27
26
30


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18


19
a
20
d
c
20
d
c
a
24
b
d
a
21
c
d
21
b
28
28
27
d
22
c
26
a
d
c
b
29
a
c
25
d
b


30
33
31
35
34
32
37
36
38
39
40
41


2
B
A
C
D
1
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13

11.º e 12.º DONS

PRANCHAS I — 6

Como já dissémos, o material organisado por Frœbel para os dons do Jardim da Infancia constitue um todo, cujos elementos mutuamente se relacionam e completam. Qual será, portanto, a connecção logica entre o material destes dons, a picagem e o alinhavo, para com as occupações anteriores? Uma tal pergunta só a poderão fazer os observadores superficiaes, tão evidente é a relação logica que os liga entre si. Assim no 1.º dom prevalecia a *massa solida dos corpos*; nos seguintes appareciam, successivamente, os *planos* as *linhas*, corporizadas, as *linhas* traçadas, de modo que naturalmente estas novas occupações devem tender a levar-nos á noção do *ponto*. Com a applicação da picagem chegamos, effectivamente, ao conhecimento da *infima parte do todo*, o *extremo limite da divisibilidade mathematica*, devendo-se notar ainda que as creanças, insensivelmente e sem esforço, nos acompanharam nesta jornada, difficil na verdade se a considerarmos no seu sentido abstracto.

O material para estas occupações consta de cartões cobertos de feltro, sobre os quaes se collocam outros cartões ou pedaços de papel para serem perfurados ou picados por meio de agulhas encravadas em cabos de madeira, de modo a formarem os pontos combinações agradaveis á vista. Os resultados mais salientes de taes occupações são a educação da vista, que se habitua á precisão, e a dextreza das mãos, preparando-se assim os alumnos para as varias especies de trabalhos manuaes. Os mesmos cartões assim perfurados empregam-se para o alinhavo com fios de seda ou de lan.

O methodo aqui empregado é identico ao que já indicámos para o desenho. Os varios graus de difficuldade succedem-se naturalmente a partir do simples ponto, e a cada novo exercicio augmenta-se o interesse das creanças pelo trabalho, especialmente porque as varias côres empregadas contribuem para dar aos exercicios mais vida, exactamente como acontecia com o emprego dos lapis coloridos no desenho.

As creanças devem começar pontuando linhas verticaes de uma a 5 quadriculas, figs 2 e 3, reunindo-as de modo a formar triangulos, os seus oppostos e as suas fórmas de mediação. Com estes elementos formam-se ainda quadrados com a parte central em branco ou pontuada, figs. 4 e 5. A estes exercicios seguem-se os que se referem ás linhas horizontaes figs. 6—8 e em seguida a combinação das linhas horizontaes e verticaes formando angulos rectos em suas quatro posições contrarias ou oppostas, figs. 9—12.

A combinação destes quatro elementos origina um grande numero de fórmas. Juntando-se os angu-

los 9 e 10 forma-se a cruz representada na fig. 13; se em vez de unil-os pelo vertice, juntarmos os extremos dos lados forma-se um quadrado, fig. 14; alternando os elementos 9 e 12, tem-se a fig. 15 e, finalmente, pela combinação dos quatro elementos traçam-se as figs 16. e 17. De accôrdo com as regras estabelecidas para as occupações do 7.º dom e para o desenho, ou simplesmente pela applicação da lei dos oppostos, as creanças poderão produzir um grande numero de figuras.

Em seguida, passa-se á combinação das linhas que abrangem uma e duas quadriculas, formando-se com ellas rectangulos como se vêem nas figs. 18 e 19, fazendo-se pelo mesmo modo a combinação de linhas de maior comprimento. Para que não se dê a repetição das mesmas fórmas muitas vezes, damos nas figs. 21—31 uma série de combinações menos simples contendo, entretanto, as fórmas fundamentaes e dando ensejo para fazer-se a combinação de linhas de diversos comprimentos.

Para o emprego das linhas obliquas procede-se pela mesma fórma, fazendo-se com que as creanças pontuem linhas de varios comprimentos, figs. 32—35, reunindo-as em angulos, 36—39, cuja combinação dará origem a muitas figuras symetricas. Segue-se a isto a picagem das obliquas comprehendendo de 2 a 5 quadriculas, e o seu emprego na formação de cercaduras e cantos ornamentaes, figs. 42—45 e 61. Além dessas empregam-se tambem obliquas com inclinação differente como nas figs. 46 e 47 e 48—51.

Por fim combinam-se as obliquas com as verticaes, figs. 52—54 com as linhas horizontaes, 53—55, ou com as duas conjunctamente como nas figs. 56—60, terminando-se pelo circulo fig. 62 e pelos meios circulos figs. 63—69.

Todos estes elementos podem-se combinar dos mais variados modos, dando ensejo a exercer-se a faculdade inventiva dos alumnos, na producção de cercaduras, ornatos e cartões para marcar livros, etc. Quando se tiver em vista fazer desenhos mais complicados, as figuras devem ser previamente debuxadas pelos alumnos com o auxilio da professora, e ao perfurar o cartão póde-se collocar uma ou varias folhas de papel por baixo, de modo a obter mais de um exemplar do mesmo desenho. Taes desenhos pódem applicar-se a varios fins, podendo as creanças presentear com elles os seus amigos. Para que as creanças possam realizar taes exercicios, devem-se escolher modelos faceis que ellas possam reproduzir pela picagem, quando não pelo desenho. Os modelos devem representar animaes ou vegetaes, de modo a contribuirem tambem para desenvolver a observação e o espirito infantil. O trabalho cuidadoso e demorado de perfurar uma figura qualquer deve impressionar muito mais vivamente o espirito, influindo sobre a memoria, do que se elle fosse apenas o objecto de uma rapida inspecção. Na prancha n. 3 damos exemplos de algumas das figuras que se prestam para taes exercicios.

A fig. 84 da prancha n. 6 carece de uma explicação especial. Nessa figura notam-se algumas partes sombreadas indicando formas salientes de que até agora ainda não tractámos, pois que as formas anteriores constavam apenas de simples contornos para serem acompanhados pelos pontos feitos com a agulha. Devemos, porém, notar que os furinhos feitos com a agulha produzem no lado opposto um certo relevo.

Se em vez dos furos espaçados, fizermos muitos pontinhos com a agulha, bastante juntos, o cartão ficará no lado opposto com relevos maiores ou menores, conforme a pressão exercida na agulha e a pro-

ximidade dos pontos perfurados. Por este modo é facil reproduzir não só a forma como o relevo dos objectos a representar. As figs. 72, 74, 76 e 84 dão exemplos desta especie de cccupações.

Todas as figuras das pranchas ns. 5 e 8 do 10.º dom e as da prancha n. 3, em seguida publicada, podem empregar-se como modelos para os exercicios de pontilhagem e de alinhavo.

Cumpre notar que os exercicios de alinhavo não se devem fazer simultaneamente com os de picagem, mas sómente depois que as creanças tenham adquirido bastante dextreza nestes exercicios.

O alinhavo

Os mesmos cartões empregados para os trabalhos anteriores podem servir para os exercicios de alinhavo, que consistem em preencher os intervallos entre os furos da agulha com fio de seda ou de lan colorida.

O programma a seguir é exactamente o mesmo que o anterior. A experiencia mostrará logo que das figuras que apresentamos, algumas prestam-se mais aos simples exercicios de picagem e outras ao de alinhavo. Cada uma destas occupações conduz a resultados especiaes. Assim, as figuras em que predominam as linhas curvas são mais facilmente perfuradas do que cobertas pelo alinhavo, como se verá com as figs. 75 e 77. Pelo alinhavo, porém, reproduzem-se facilmente os contornos rectos como o das estrellas que só imperfeitamente se pódem representar pelas linhas simplesmente pontuadas, como se verá com as figs. 87—92.

Afim de desenvolver o sentido da côr nas creanças, o papel empregado para estes exercicios deve

ser das varias côres e matizes que constituem a escala completa do colorido. A essas côres de papel convém ainda combinar convenientemente a côr da linha empregada. Se a occupação tiver por fim a representação de objectos naturaes, como fructos, folhas ou animaes, cumpre além disso fazer com que as côres empregadas se approximem das do proprio objecto representado.

Esta apreciação e conhecimento das côres, em que não raramente se encontra deficiencia mesmo nas pessoas de maior edade, muito contribuirá para a educação infantil. Já se tem affirmado que esta occupação é mais aprazivel do que util. Basta, porém, notar que se o saber *ver* os objectos já é por si difficil, muito mais difficil e maior pratica reclama a precisa e real percepção das côres.

Se o *bello*, ou a harmonia deve ser um meio de educação — como o é no systema frœbeliano — essa harmonia não deve referir-se só á *fórma*, mas tambem á *côr* e ao *som*. E para se attingir ao resultado que se almeja é que partimos do Jardim da Infancia, onde se póde produzir impressão no espirito, mais facilmente do que mais tarde, quando outras influencias já tenham prejudicado o gosto.

Por esse motivo, vamos ainda além, dando aos alumnos mais adiantados uma caixa contendo as tres côres fundamentaes, e ensinando-os a empregal-as no colorido dos objectos que pelos meios anteriores tenham esboçado. Aviva-se assim o prazer que sentem. Depois do simples contorno ellas sentem-se satisfeitas de poderem aprimorar o seu trabalho embellezando-o pelo collorido.

Damos apenas as tres côres fundamentaes para que a multiplicidade desnecessaria de côres não venha

a causar confusão aos principiantes, e tambem para que as creanças vejam como as côres secundarias se formam das primarias.

Estes exercicios, tanto os de simples picagem como os de alinhavo, devem iniciar-se no Jardim da Infancia sómente quando as creanças estiverem bastante aptas para a percepção da fórma pelo emprego dos dons anteriores.

*

Depois de publicadas estas indicações, foram introduzidos nos Jardins da Infancia novos materiaes destinados a aperfeiçoar os exercicios de alinhavo.

Attendendo ao esforço da vista necessario para a perfuração do papel, essa occupação tem sido julgada inconveniente desde que se prolongue por muito tempo, não sendo, pois, razoavel que as proprias creanças perfurem o papel que só se destinar aos exercicios de alinhavo. Por outro lado, haveria inutil desperdicio de tempo em ficar esse trabalho a cargo das professoras. Por esse motivo empregam-se nos Jardins da Infancia modelos já perfurados mechanicamente.

As duas pranchas que damos sob ns. 4 e 5 reproduzem uma série desses modelos que têm sido adoptados com successo em muitos Jardins da Infancia, sendo denominada *Winona Schlool of Sewing.*

Depois das linhas verticaes e horizontaes, seguem-se, nessa série de modelos, as diversas combinações dessas duas linhas, não apparecendo as obliquas senão indirectamente até o setimo cartão.

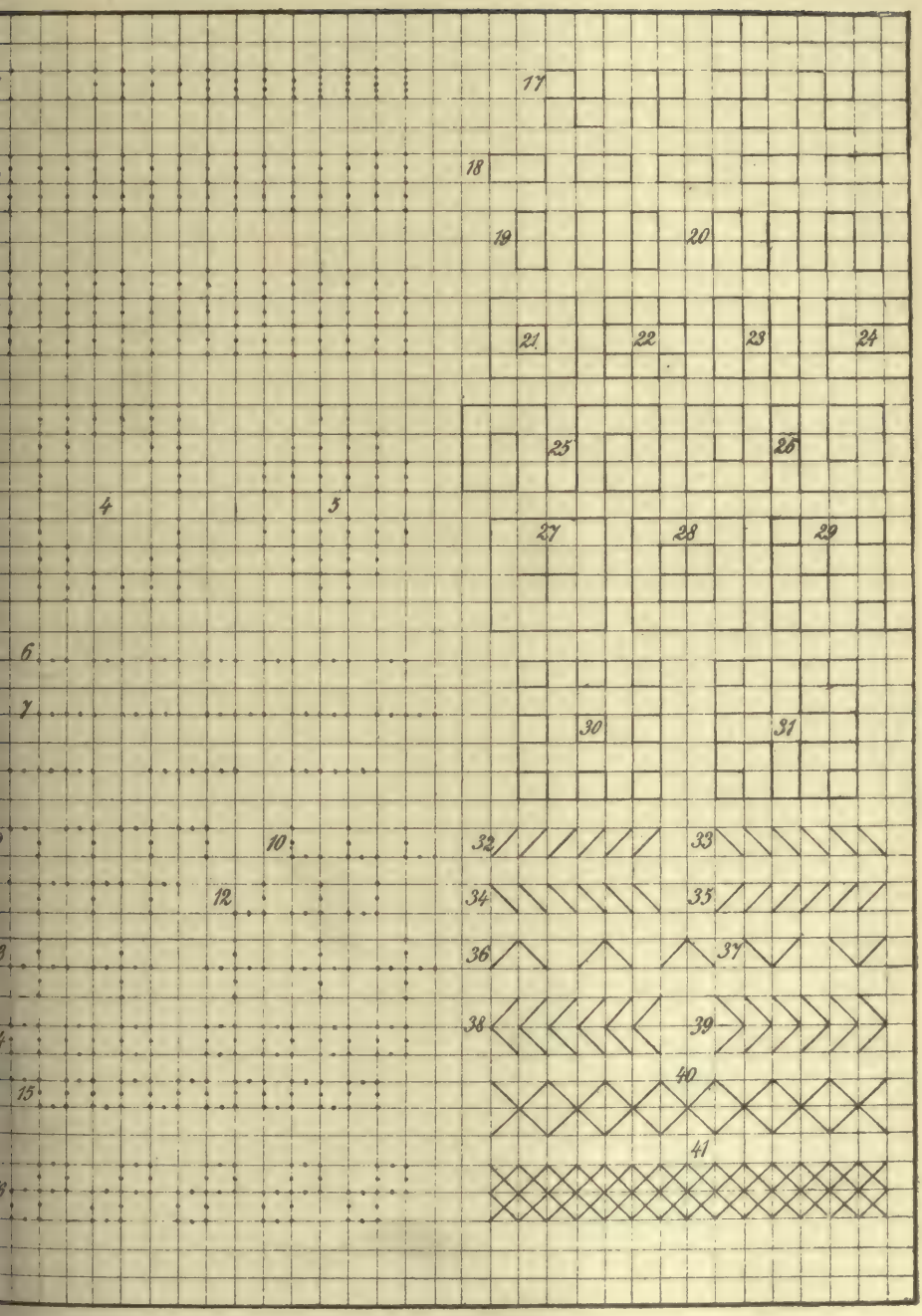
Em seguida os exercicios dão logar ás diagonaes dos quadrados e dos rectangulos. A estes se-

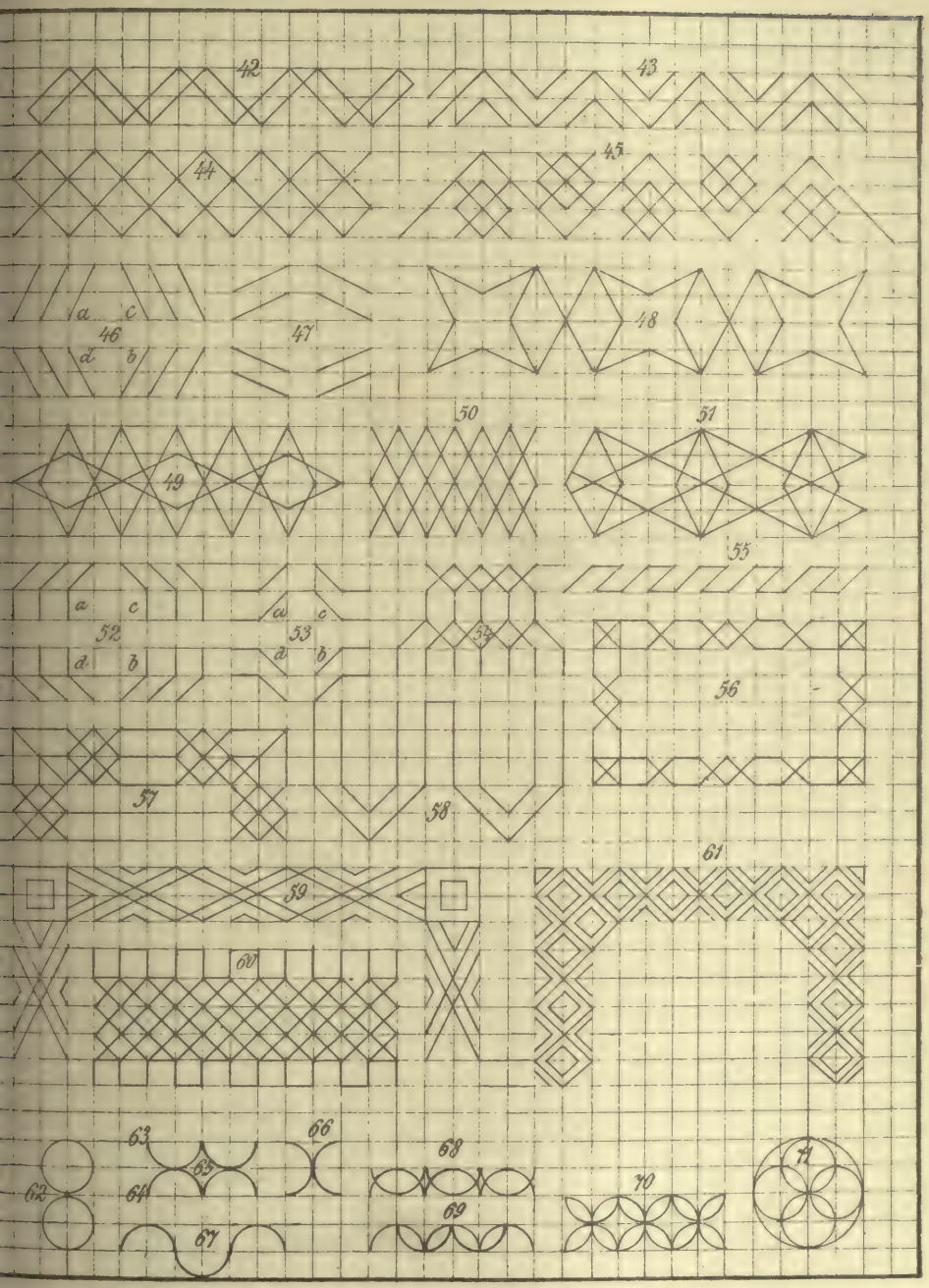
guem-se os modelos que dão origem ás diagonaes dos losangulos.

Estes exercicios preparam as creanças para exercerem tambem as suas faculdades inventivas, empregando-se então os cartões perfurados simplesmente em quadrados

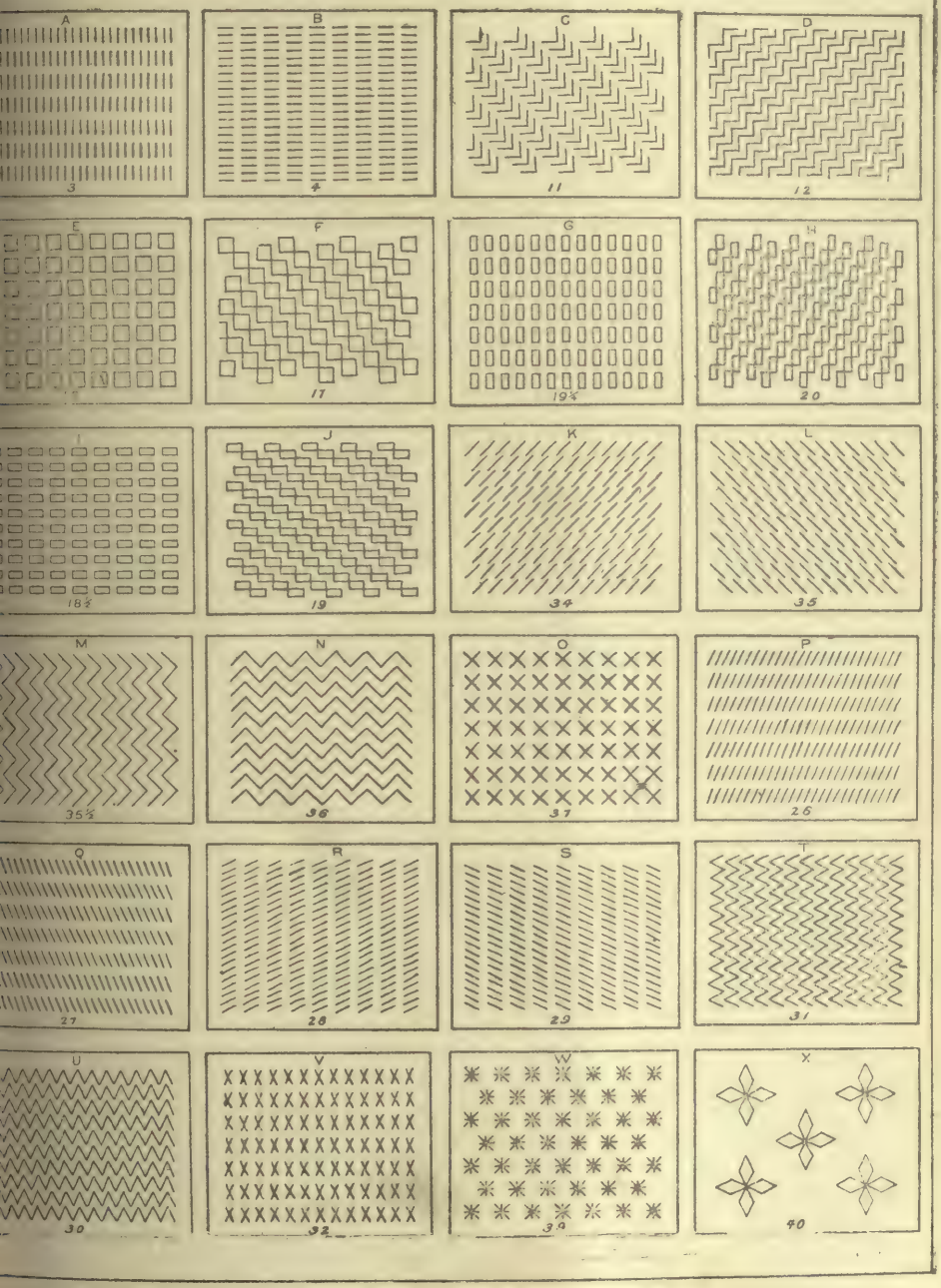
A série completa de cartões consta de mais de cincoenta modelos, podendo, porém, um mesmo cartão servir para a execução de mais de um modelo.

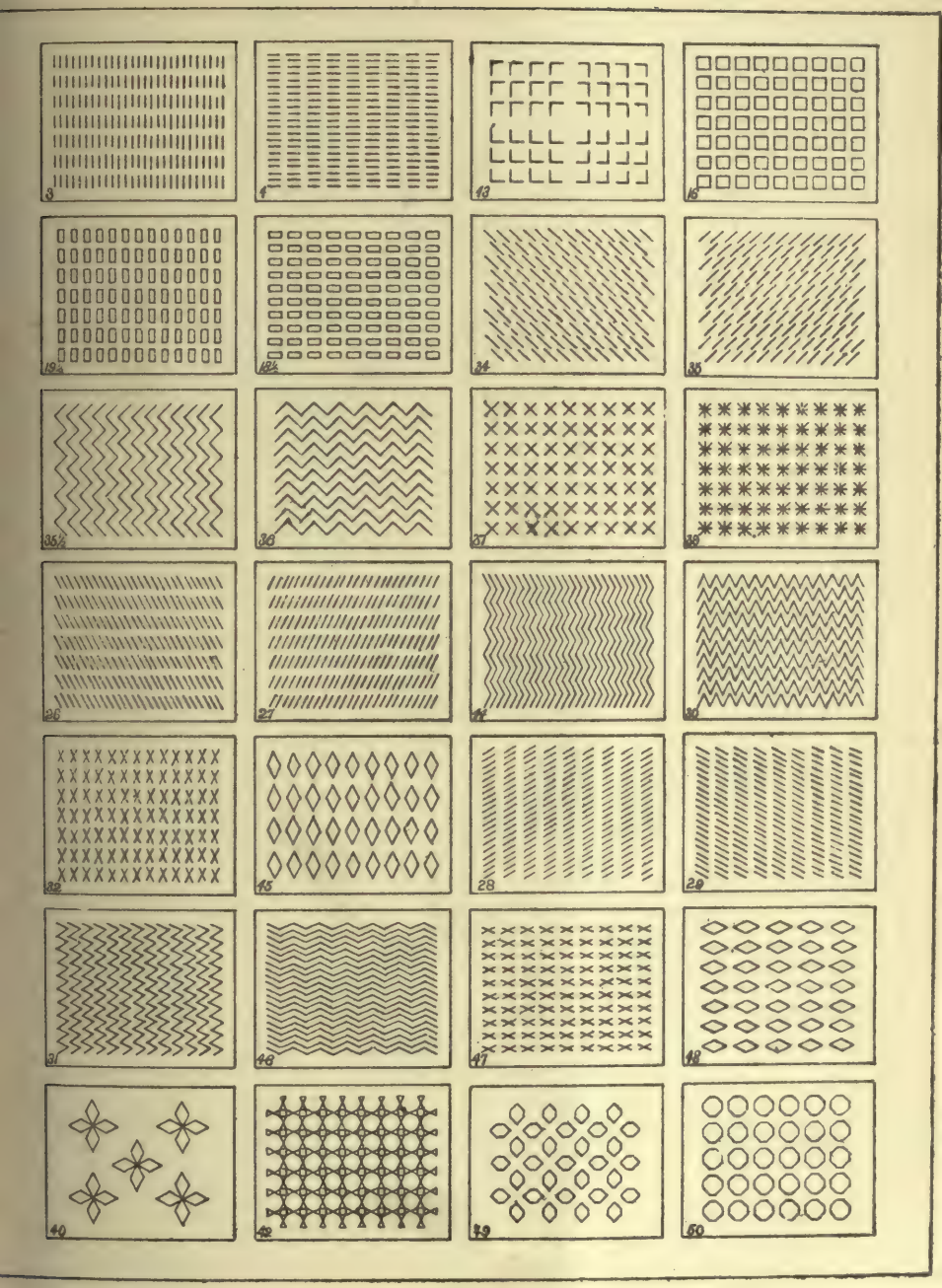
Além destes usam-se nos Jardins da Infancia cartões para alinhavo, representando objectos naturaes.


17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
4
5
27
28
29
6
7
30
31
10
32
33
12
34
35
36
37
38
39
15
40
41


42
43
44
45
a c
46
d b
47
48
49
50
51
55
a c
52
d b
a c
53
d b
54
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71

72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83


A
3
B
4
C
11
D
12
E
F
17
G
19¾
H
20
I
18½
J
19
K
34
L
35
M
35½
N
36
O
37
P
26
Q
27
R
28
S
29
T
31
U
30
V
32
W
39
X
40


3
4
13
16
19½
18½
34
35
35½
36
37
38
26
27
14
30
32
15
28
29
31
48
47
18
40
49
19
50

34
85
86
88
87
91
90
89
92

13.º DOM

PRANCHAS NS. 1—8

O decimo terceiro dom consta do recorte de papel por meio de tesourinhas apropriadas. Diversas objecções se tem feito contra esta occupação, por causa do perigo que as tesouras possam occasionar. Cumpre notar, porém, que as tesouras empregadas nos Jardins da Infancia não têm pontas, de modo que não ha motivo para recear que as creanças venham a ferir-se com ellas, tanto mais que taes occupações são sempre dirigidas por professoras cuidadosas que, naturalmente, procuram evitar o minimo risco. Além disso, ha mesmo conveniencia em ensinar desde logo as creanças a servirem-se de instrumentos como este, com o necessario cuidado.

Dando-se ás creanças material com que ellas possam produzir formas attrahentes pela symetria, recortando-as segundo certas leis, é de prever, ou antes é certo, que o *desejo de destruir* com as tesouras bem depressa se extinguirá, poupando-se assim muitos incidentes desagradaveis tanto ás proprias creanças como aos paes.

O material empregado para esta occupação consta de pequenos quadrados de papel, branco ou colorido, que, depois de dobrados em forma triangular, são recortados segundo linhas determinadas.

Para facilitar o recorte regular, em vez de simples folhas de papel, podem-se empregar quadrados já preparados para esta occupação e feitos de modo que, quando convenientemente dobrados, apresentem uma das faces triangulares coberta de quadriculas, por meio das quaes o proprio alumno possa traçar o plano do recorte que vae fazer, reproduzindo as indicações da professora.

O modo de dobrar o papel para os recortes é facillimo. Em primeiro logar dobra-se o quadrado de papel por uma diagonal, de modo a formar dous triangulos; em seguida dobram-se esses dous triangulos pelo meio, segundo a linha que unir e vertice do angulo recto á base. Os quatro triangulos resultantes reduzem-se, por ultimo, a oito triangulos superpostos dobrando-se do mesmo modo os dous duplos triangulos pelo meio, um para a parte superior e outro para a inferior. E' esta a primeira forma fundamental da dobradura para uma enorme série de recortes, cumprindo, porém, accrescentar que os oito triangulos superpostos resultantes devem ser collocados de modo que o lado aberto, isto é, aquelle em que os planos não se unem, fique sempre á esquerda.

O recorte, como aliás acontece com todas as occupações frœbelianas, é regulado pela lei dos oppostos ou dos contrastes. Começa-se pelo corte vertical passando-se ao seu opposto, o horizontal e, por ultimo á direcção média, a obliqua.

As pranchas ns. 1—3 dão modelos para uma grande série de cortes, feitos segundo este methodo,

sendo conveniente fazer d'entre esses modelos a selecção dos elementos mais simples.

Nas indicações que, em seguida, reunimos procurámos satisfazer á condição de passar sempre de uma forma á sua opposta e á sua mediação, salvo quando uma dellas não dê logar a nenhuma formação essencialmente nova:

a) Cortes verticaes 2, 3, 4 — 5, 6, 7.

b) Horizontaes 8, 9.

c) Verticaes e horizontaes 18, 19, 20 — 21, 22, 23.

d) Cortes obliquos 34, 35 — 36, 37, 38.

e) Obliquos e verticaes — 51, 52, 53 — 54, 55, 56 — 58, 59, 60.

f) Obliquos e horizontaes 65, 66, 67.

g) Cortes obliquos em que servem de guia as diagonaes de rectangulos formados, vertical ou horizontalmente, por duas quadriculas 117, 118, 119 — 121, 122, 123 — 125, 126, 127. (V. as figs).

Os elementos que aqui damos podem ser combinados de diversos e varios modos como se vê em nossas gravuras.

A forma de dobradura empregada nas pranchas ns. 4 e 5 é formada por seis triangulos equilateros superpostos em vez de oito, como acima.

Essa forma póde obter-se de um modo muito simples, dobrando-se o quadrado diagonalmente e no meio da diagonal fazendo dobras segundo angulos de 60.° o que equivale a dividir o triangulo todo em tres partes eguaes, e, por ultimo, cortando os cantos que excedem á base opposta ao vertice commum

Neste caso essa base, para se fazerem os recortes, deve ser collocada não á esquerda, como acima, mas horizontalmente como base da figura.

As quadriculas, destinadas a guiar o recorte nesta forma de dobradura, facilmente se traçam dividindo os lados, cada um em quatro partes e unindo-se os pontos de divisão dos dous lados ás divisões da base e finalmente tirando-se uma vertical do vertice para essa base.

Neste caso os recortes são feitos mais especialmente segundo direcções obliquas, como se vê nos modelos 133 —145.

Tanto esta forma fundamental como a anterior podem applicar-se tambem para os recortes curvilineos, depois que as creanças, pelas occupações com os anneis e meios anneis e pelo desenho, se tenham tornado mais familiarisadas com as formas curvas, que como é natural, reclamam mais dextreza no uso das tesouras. As formas a que dão origem os cortes curvos acham-se representadas nos modelos 164 — 172.

Depois que as creanças se tiverem familiarisado com estes exercicios; depois que a sua imaginação tiver encontrado um guia seguro na continua repetição da lei dos contrastes, que lhes restringirá o dominio da opção, ser-lhes-á facilimo e grato, exercer as suas faculdades inventivas, encontrando nesse exercicio de sua actividade uma fonte inexgottavel de aprazimento para o espirito. Deixar as creanças sem um guia, inteiramente senhoras de sua vontade, isentas de toda a disciplina, é um dos mais perigosos e graves erros a que nos poderá levar o inconsiderado amor pelas creanças. Essa absoluta independencia condemna-as logo a um insupportavel abhorrecimento. A capacidade infantil deve manifestar-se pelas influen-

cias externas e o limitar essas influencias não quer dizer que se deva eliminal-as ou suspendel-as. Frœbel limita taes influencias de um modo admiravel, fazendo com que essa restricção da liberdade esteja na propria creança; com que cada incitamento seja a origem determinante de muitos outros, e acostumando-as desde logo a uma actividade systematica e regular.

Com o primeiro corte vertical que se faz, fig. 1, encaminham-se os alumnos a realizar toda a série de formações representadas pelos modelos ns. 1 — 132, de modo que todas as invenções subsequentes venham a tornar-se simples combinações dos elementos anteriores. Assim, essas formações seguem uma ordem logica tal, que só mesmo as mathematicas, e não outros meios de educação, poderiam estabelecer.

E não sómente estes exercicios determinam um progresso logico da mais benefica influencia sobre o espirito, mas contribuem pricipalmente para despertar o sentimento do bello, pela apreciação da harmonia resultante da symetria.

Se em vez de um simples corte fizermos, como na fig. 5 da prancha, dous cortes verticaes e desdobrarmos as partes resultantes, teremos tres quadrados, de dimensões e formações differentes. Se fizermos o corte, como o indica a fig. 6, produziremos um octogono, quatro triangulos pequenos, e quatro retalhos com a forma de trapezios, ao todo nove figuras.

Todas estas partes devem agora arranjar-se de accôrdo com a lei da união dos oppostos, applicada aqui em relação á posição ou direcção das partes com referencia ao centro. E uma vez arranjadas por esse modo, é natural que as creanças queiram conserval-as como se acham. Para isso terão de fazer a

Montagem das figuras

As illustrações das pranchas ns. 6 e 8 indicam claramente o modo de fazer a montgem dos differentes recortes e o effeito resultante dessas combinações.

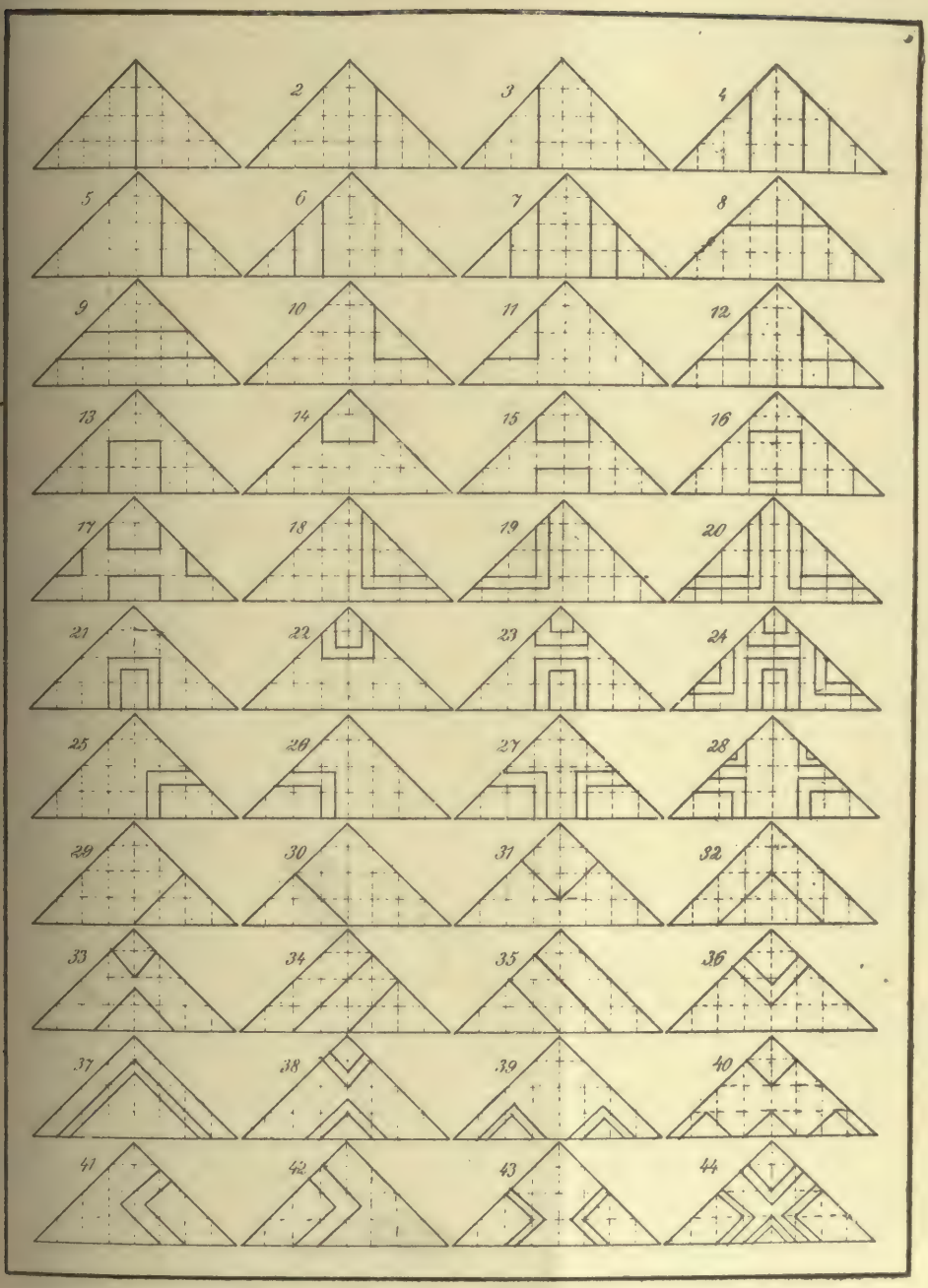
Esta occupação póde ainda applicar-se como um meio de desenvolvimento mental, fazendo-se com que as creanças indiquem os diversos modos de arranjo entre as partes componentes da figura, prancha, 6 fig. 5.

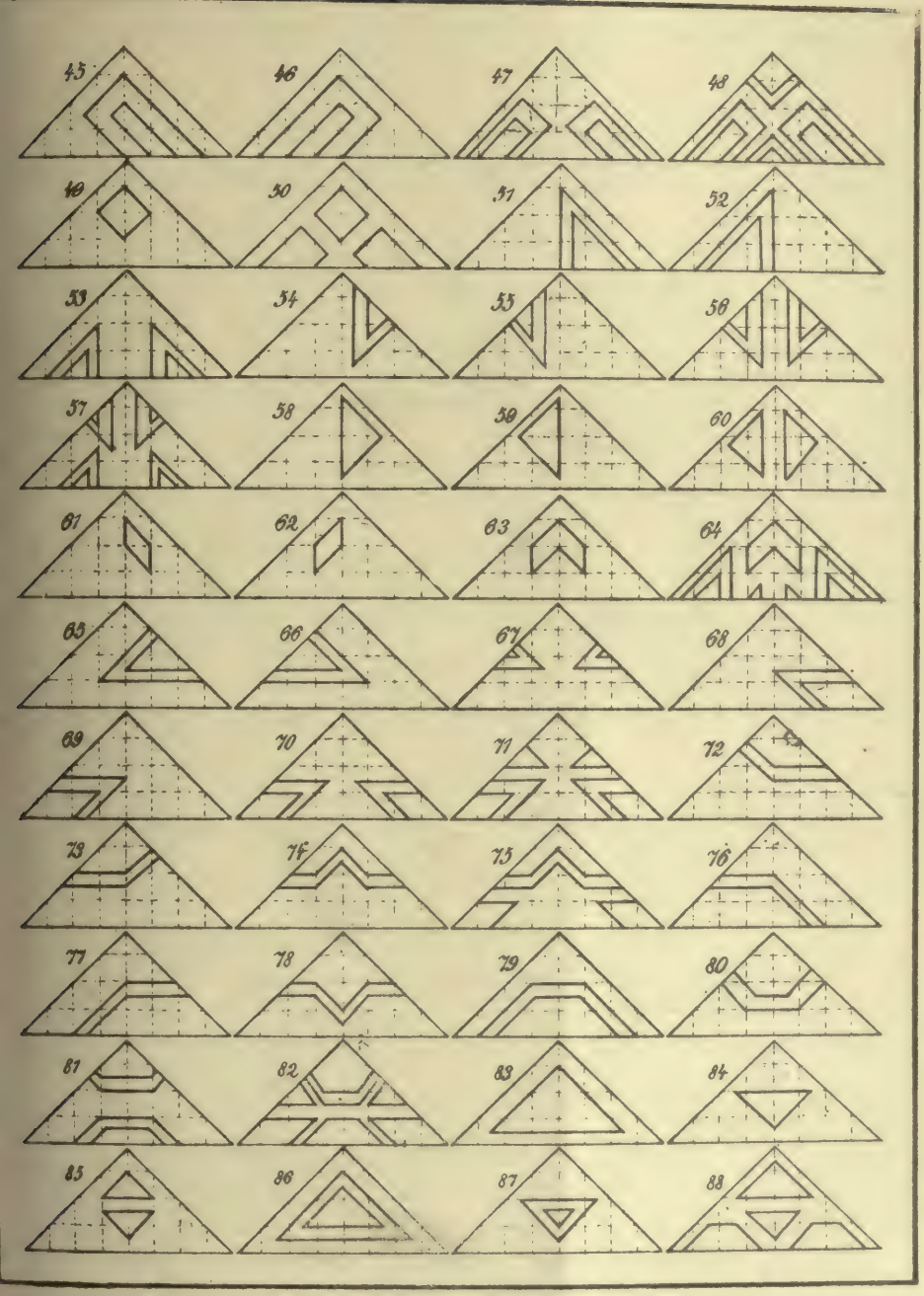
Para tornar mais vivo o interesse das creanças por esta occupação, augmentando ao mesmo tempo o incentivo para o exercicio da faculdade inventiva, deve empregar-se papel de varias côres, permittindo-se tambem que permutem entre si as suas producções.

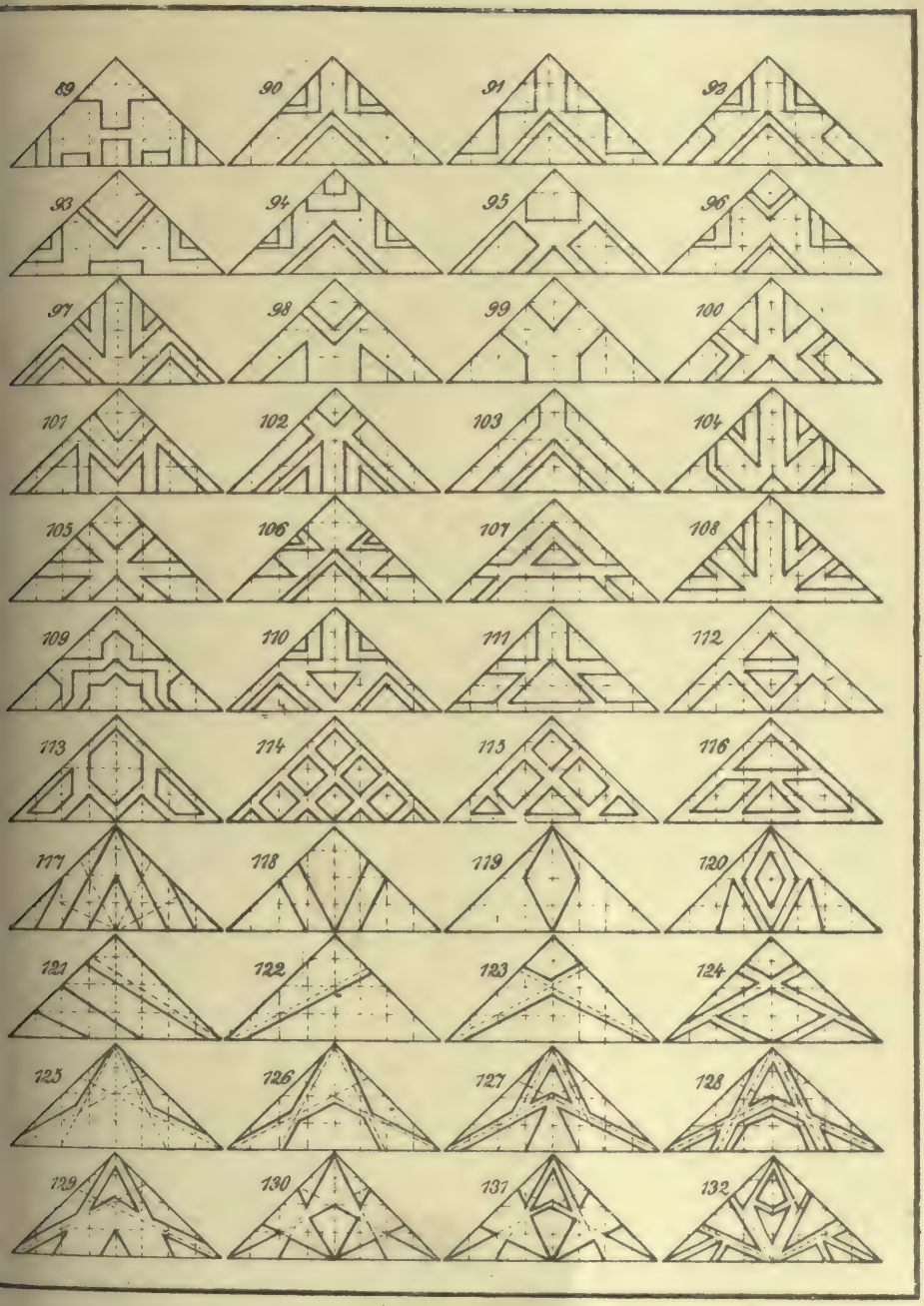
O recorte e a montagem das figuras são occupações applicaveis não só aos Jardins da Infancia mas tambem ás escolas. Os alumnos mais adeantados, além destes exercicios poderão fazer recortes representativos de objectos reaes, de plantas e de animaes, etc.

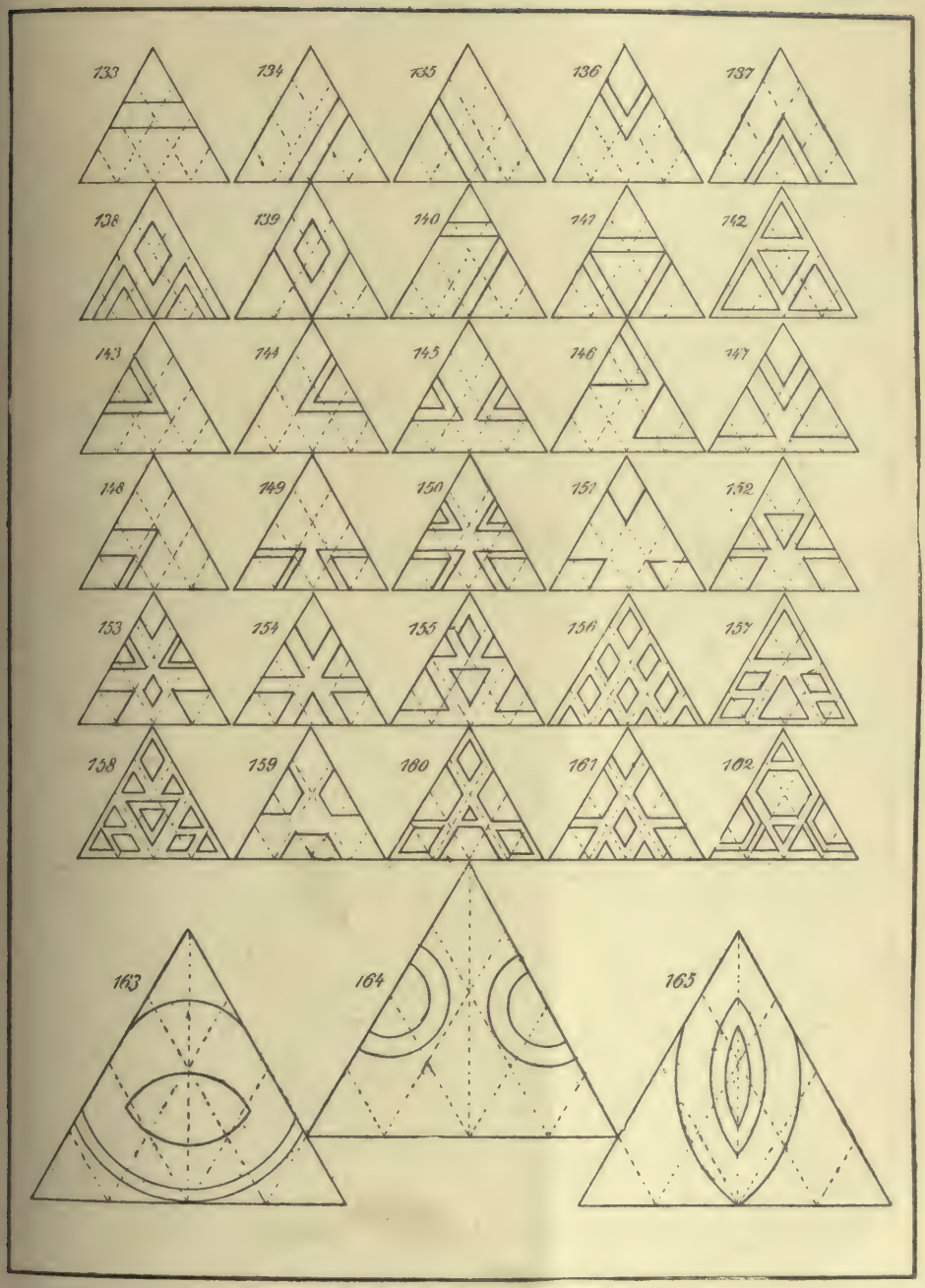
E' evidente que estes exercicios são de incontestaveis resultados, não só como um simples meio de occupação para creanças, mas tambem como preparo para muitas outras occupações da vida pratica.

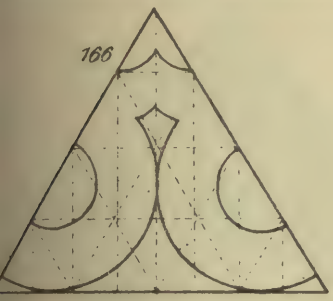
O seu fim principal, porém, como o de todas as outras occupações frœbelianas, é o desenvolvimento do sentimento do bello como um preparo para a futura e mais completa apreciação da arte.

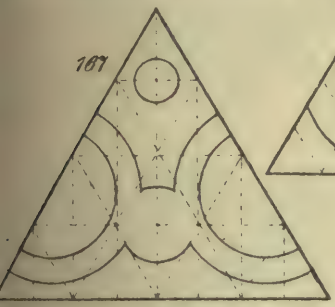

2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44

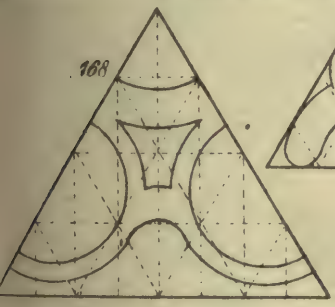

45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88

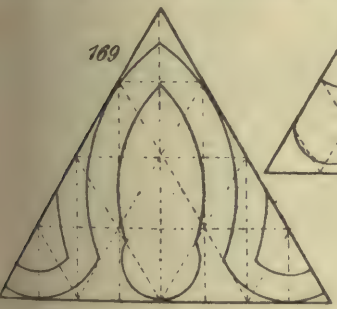

89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132

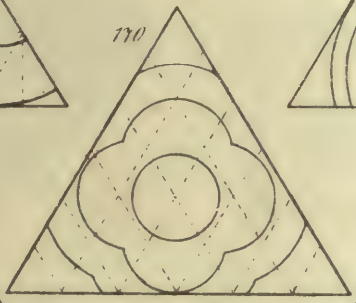

133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165

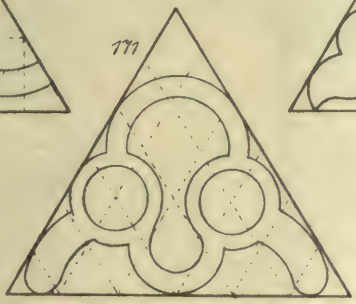

166

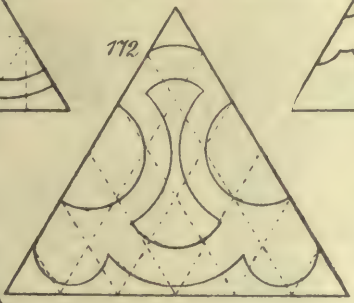

167


168

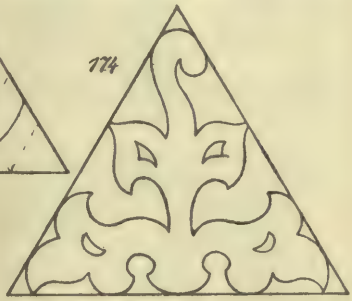

169

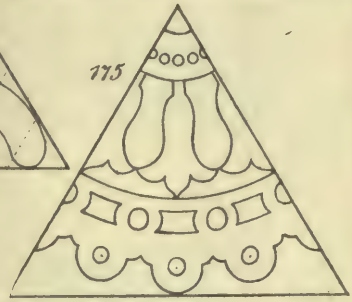

170

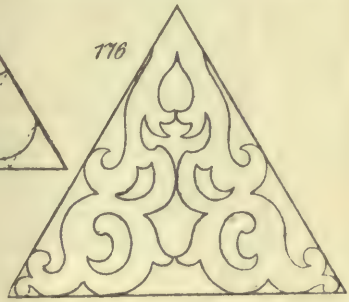

171

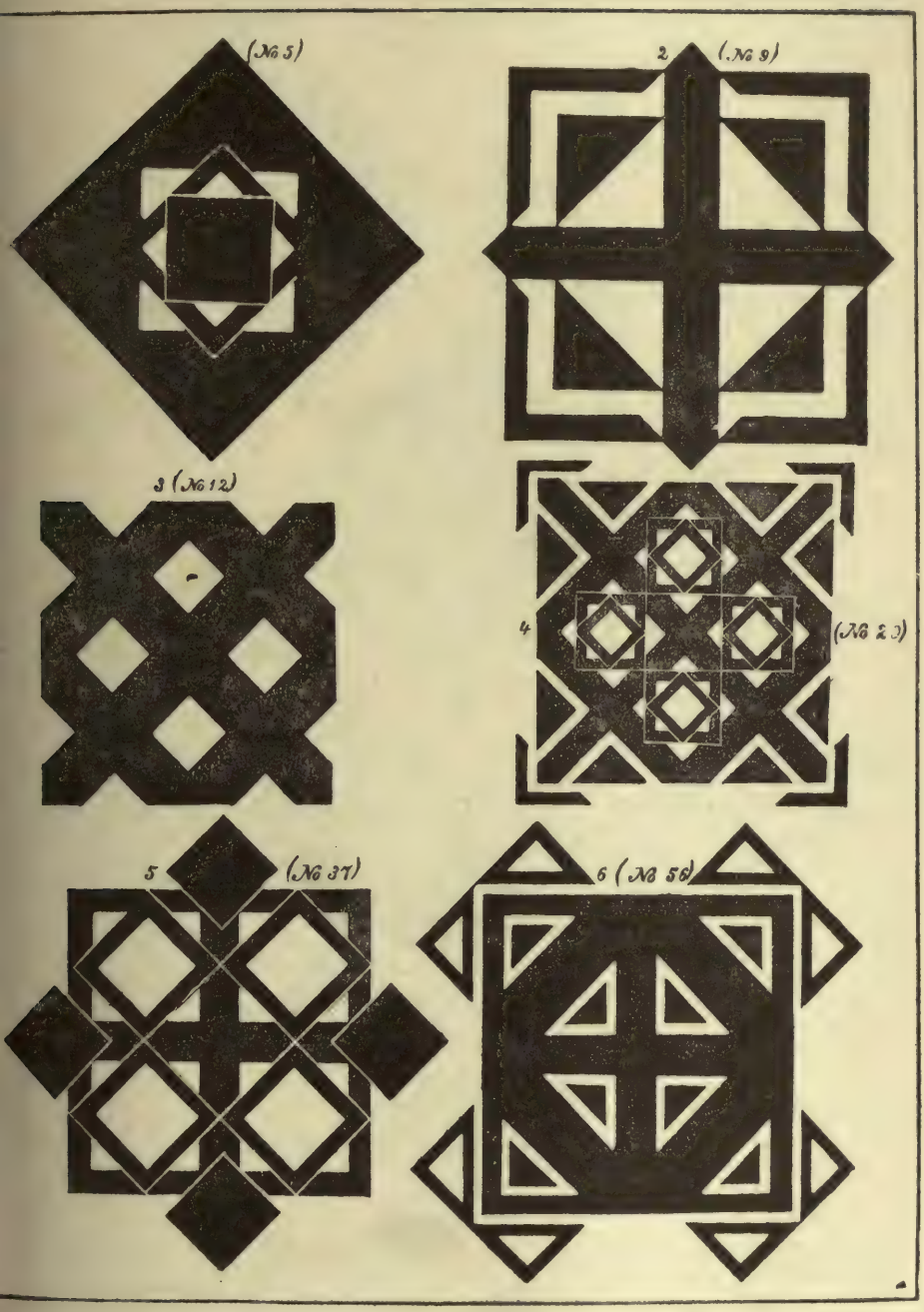

172

173

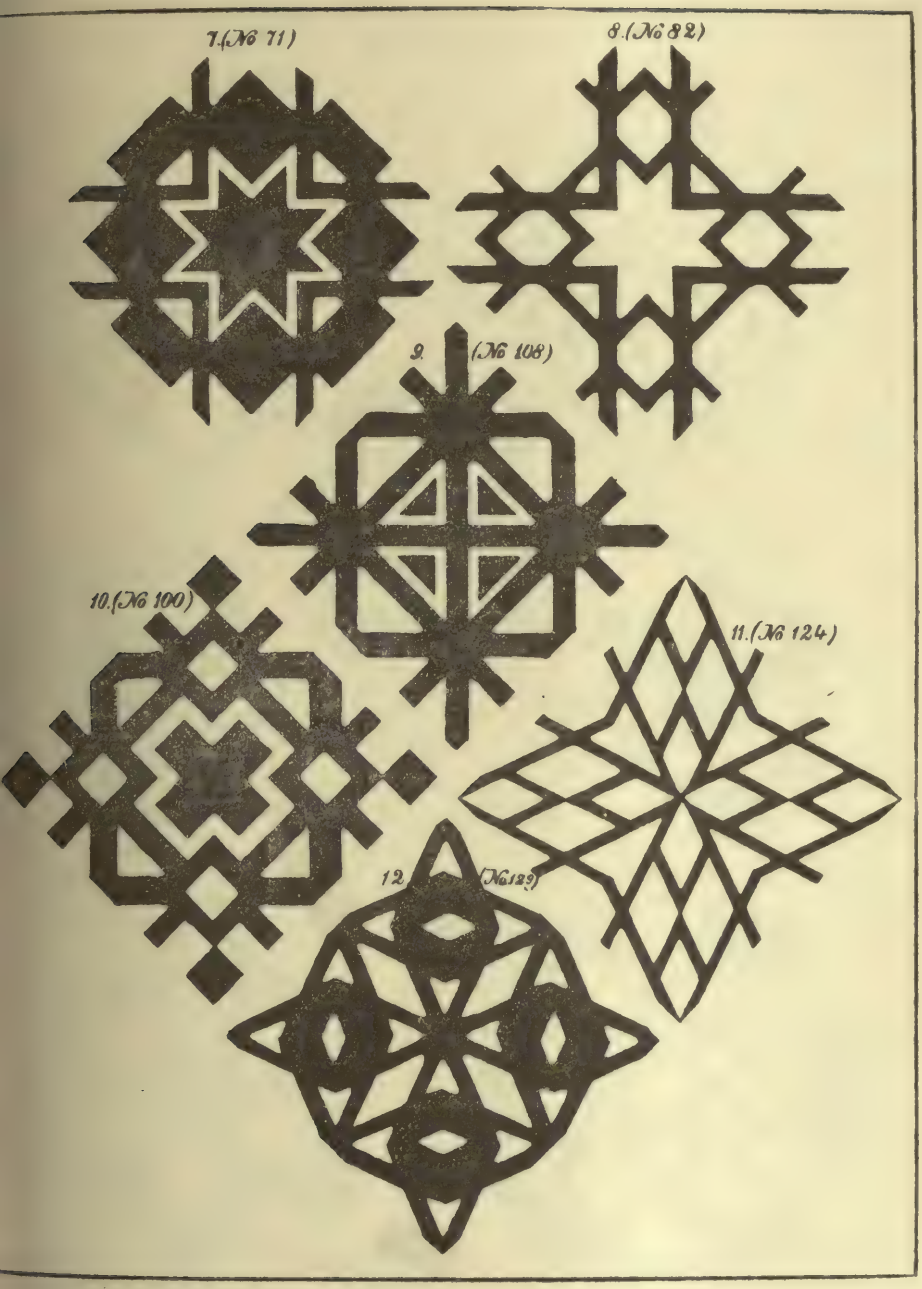

174

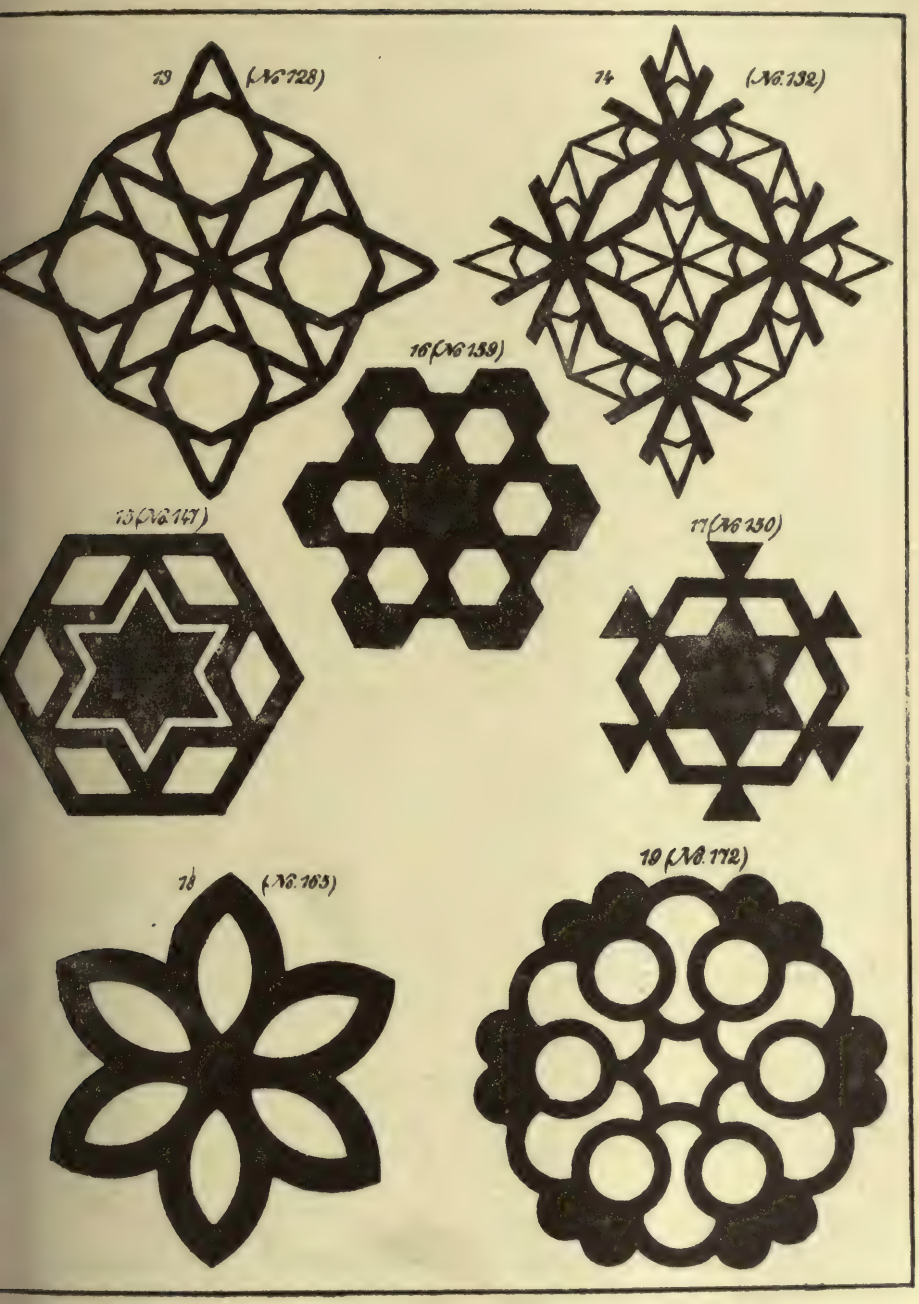

175


176


(№ 5)
2 (№ 9)
3 (№ 12)
4 (№ 23)
5 (№ 37)
6 (№ 56)

7 916




13 (No 128)
14 (No. 132)
16 (No 139)
15 (No. 147)
17 (No 150)
18 (No. 163)
19 (No. 172)

14.º DOM

PRANCHAS NS. 1—6

A tecelagem, que é a occupação relativa a este dom, contribue notavelmente para o desenvolvimento physico e mental das creanças e, além disso, é um dos exercicios que ellas mais apreciam.

A tecelagem reclama grande cuidado, mas póde ser executada tanto pelas creancinhas de tenra edade, como pelas de mais crescidos annos, pois que os modelos mais complicados requerem desenvolvido engenho e perseverança. Estes exercicios não adextram sómente as mãos, agradam a vista pela variedade do colorido, cultivam o gosto pela symetria das figuras, e, finalmente, pela necessidade de contar sempre as fitinhas de papel, dão logar á pratica das noções de numero.

O material empregado para estas occupações consta de folhas de papel cortadas em fitas, como se vê na prancha n. 1, agulhas de metal e fitas de papel.

A occupação correspondente consiste em tramar as fitas soltas de papel atravez da urdidura, de modo

que as fitas de que esta se compõe ficam ora collocadas acima, ora abaixo da trama, conforme o modelo. E como a operação reduz-se, em summa, a esta alternação é facil indicar os exercicios por simples formulas.

O mais simples dos modelos é aquelle em que cada uma das fitas da urdidura fica collocada successivamente, ora na face superior ora no verso, ou face inferior. O exercicio póde, pois, indicar-se por esta simples notação:

1 s. 1 i

em que s indica a face superior e i a inferior.

As formulas em que só occorrem duas figuras chamam-se formulas simples; as outras chamam-se formulas compostas, por constarem de simples combinação das primeiras. Com a simples indicação que acima demos, não se póde, entretanto, realizar o exercicio. Se tivessemos, por exemplo, de repetir com as outras fitas de papel a mesma operação 1 s e 1 i as tramas deslizariam umas sobre as outras e a propria urdidura ficaria em retalhos desde que cortassemos as suas margens. A tecelagem só poderá resistir e conservar-se quando as fitas se mantenham mutuamente.

Para indicar um dos exercicios precisamos, pois, pelo menos, de duas formulas, que serão empregadas alternadamente. De accôrdo com a lei que até aqui nos tem guiado em nossas occupações, combinaremos a primeira formula 1. s, 1. i com a sua opposta 1 i e 1 s.

Esta combinação de formulas, por meio da qual se póde indicar todas as operações a fazer para reproduzir um certo modelo, chama-se um schema de tecelagem.

As formulas relativas ao entrelaçamento de uma só fita estabelecem-se sem a minima difficuldade. Se nos limitarmos a indicar a alternação das fitas não excedentes a cinco, teremos como resultado as trinta formulas seguintes:

1 — 1 s, 1 i	9 — 3 s, 1 i	17 — 4 s, 2 i	24 — 5 i, 1 s
2 — 1 i, 1 s	10 — 3 i, 1 s	18 — 4 i, 2 s	25 — 5 s, 2 i
3 — 2 s, 2 i	11 — 3 s, 2 i	19 — 4 s, 3 i	26 — 5 i, 2 s
4 — 2 i, 2 s	12 — 3 i, 2 s	20 — 4 i, 3 s	27 — 5 s, 3 i
5 — 2 s, 1 i	13 — 4 s, 4 i	21 — 5 s, 5 i	28 — 5 i, 3 s
6 — 2 i, 1 s	14 — 4 i, 4 s	22 — 5 i, 5 s	29 — 5 s, 4 i
7 — 3 s, 3 i	15 — 4 s, 1 i	23 — 5 s, 1 i	30 — 5 i, 4 s
8 — 3 i, 3 s	16 — 4 i, 1 s		

Destas trinta formulas entre as quaes ha sempre duas oppostas, como se dá com as de ns. 1 e 2, 9 e 10, 25 e 26, pódem deduzir-se centenares de formulas compostas pela simples combinação das formulas primitivas duas a duas. No principio é conveniente combinar as que são designadas só por numeros impares ou pares, como nos seguintes exemplos:

Formulas	1 e 3	— 1 s 1 i, 2 s 2 i
»	1 e 5	— 1 s 1 i, 2 s 1 i
»	1 e 7	— 1 s 1 i, 3 s 3 i
»	1 e 9	— 1 s 1 i, 3 s 1 i
»	1 e 11	— 1 s 1 i, 3 s 2 i
»	1 e 13	— 1 s 1 i, 4 s 4 i
»	1 e 15	— 1 s 1 i, 4 s 1 i
»	1 e 17	— 1 s 1 i, 4 s 2 i
»	1 e 19	— 1 s 1 i, 4 s 3 i
»	1 e 21	— 1 s 1 i, 5 s 5 i
»	1 e 23	— 1 s 1 i, 5 s 1 i
»	1 e 25	— 1 s 1 i, 5 s 2 i
»	1 e 27	— 1 s 1 i, 5 s 3 i
»	1 e 29	— 1 s 1 i, 5 s 4 i

Pódem combinar-se tambem as formulas designadas pelos numeros pares mas lendo-as invertidas, assim:

Formulas	1	e	6	—	1	s	1	i,	1	s	2	i
»	1	e	10	—	1	s	1	i,	1	s	3	i
»	1	e	12	—	1	s	1	i,	2	s	3	i
»	1	e	16	—	1	s	1	i,	1	s	4	i
»	1	e	18	—	1	s	1	i,	2	s	4	i
»	1	e	20	—	1	s	1	i,	3	s	4	i
»	1	e	24	—	1	s	1	i,	1	s	5	i
»	1	e	26	—	1	s	1	i,	2	s	5	i
»	1	e	28	—	1	s	1	i,	3	s	5	i
»	1	e	30	—	1	s	1	i,	4	s	5	i

Do que precede se verifica que cada formula simples póde ser combinada com as outras, de modo que a invenção de novas formulas não é mais do que uma simples operação mathematica regulada pelas leis das combinações em geral.

Muito mais difficil é inventar os *schemas*. Para não nos alongarmos muito neste ponto, chamamos a attenção dos leitores para as nossas gravuras que se acham arranjadas tão systematicamente que, no seu conjuncto, ou com algumas omissões, os nossos modelos pódem ser executados por creanças de tres a seis annos. Partimos das mais simples fórmas e, seguindo a lei dos oppostos, chegamos ás mais bellas combinações.

Apresentamos em primeiro logar o modelo da formula n. 1, fig. 1, cuja opposta relativamente ao numero é a de 2 s 2 i, fig. 2. Na fig. 3 combinamos os numeros 1 e 2. A fig. 4 não é mais do que a combinação das duas primeiras, e a fig. 5 é uma combinação das figs. 1 e 3. Examinando essa figura notamos que o numero 3 sobresahe nas fitas obliqua-

mente consideradas. Na figura seguinte, 6, esse mesmo numero apparece independentemente, como opposto a 1 e 2 e assim continúa nas figs. 7—15, que constituem uma série de formas mediativas unindo sempre os oppostos em relação ao numero. Em todos esses modelos formam-se quadrados e rectangulos ou supperpostos ou collocados parallela e horizontalmente. A' excepção da fig. n. 1 em todas, as outras, além das verticaes e horizontaes, apparecem logo as obliquas. Os oppostos em fórma prevalescem na prancha n. 3, applicando-se ainda aqui as mesmas formulas da prancha anterior, com esta differença, entretanto, de que carecemos de uma unica formula, fazendo apenas com que a segunda, a terceira, cada fita em summa, comece a entrançar-se uma casa antes ou depois. Assim, na fig. 16 a formula 2 s 2 i empregada é a mesma que a da fig. 2. As fitas brancas e coloridas fazem aqui traços parallelos da direita para a esquerda diagonalmente; o opposto dessa disposição é dado pela figura seguinte, 19, pois que as fitas brancas e coloridas determinam traços em sentido contrario ao da anterior. As figs. 17 e 18 mostram a combinação e a dupla combinação dessas fórmas. Em opposição ás linhas obliquas, apparecem na fig. 20 as linhas quebradas. Assim como a formula 2 s 2 i nos forneceu cinco modelos, assim a formula da fig. 3, 1 s 2 i dá logar á série 21—25. Os ns. 21 e 22 são oppostos quanto á direcção. A fig. 23 mostra a combinação desses oppostos. As figs. 24 e 25 oppostas uma a outra são tambem as fórmas de mediação entre 21 e 22. Com ellas, pela primeira vez, se determina a situação do centro da figura.

Ao passo que nas figs. 21—26 predomina a côr escura, nas figs. 26 e 28 prevalesce a cor clara, sendo por isso oppostas em côr. Nas figs. 29—32 as formulas empregadas são as mesmas das figuras

3 –5. A fig. 29 requer uma opposta em direcção; a fig. 30 representa a combinação dessas duas direcções oppostas e a fig. 31 e 32 são oppostas tanto em direcção como em côr

E' claro que uma mesma formula póde ser empregada para produzir uma série inteira de modelos, de modo que a invenção de taes modelos torna-se cousa facil. Passamos, por isso, a tratar rapidamente das novas formulas a empregar.

A fig. 33 é uma fórma de mediação da formula 3 s 3 i e a fig. 34 mostra uma nova applicação da mesma formula. Na fig. 35 a linha quebrada apparece de novo, porém ao contrario do modelo 17, as suas direcções alternam-se em cada angulo. Nas figs. 36—40, applicam-se as formulas das figs. 7, 8 10, 11, e 13. Termina-se aqui o programma destes exercicios. Se, entretanto, alguem o julgar em demasia extenso poderá reduzil-o aos ns. 1, 2, 3, 6, 7, 10, 16, 17, 18, 21, 26, 24, 25, 33 e 34.

Se ao contrario, se quizer amplial-o, cumpre deduzir de cada formula simples as formas ou modelos 16, 17, 18, 19, 24 e 25, proseguindo nos exercicios até o emprego do numero 5. Os modelos se tornarão assim dez vezes mais numerosos.

Outra modificação que poderá contribuir para ampliar o numero e o aspecto dos modelos consiste em cortar as fitas tanto para a urdidura como para a trama com larguras differentes. Por esse modo pódem figurar como inteiramente diversos, modelos realizados segundo a mesma formula. Este processo deve seguir-se especialmente com as creanças de menor edade, visto terem estas de occupar-se durante muito tempo com a mesma formula. Além disso para os exercicios de tecelagem mais adeantados a diversidade

de largura das fitas, tornará os exercicios mais interessantes, principalmente se a essa variedade das tramas juntarmos a variedade das côres.

Com os modelos que tenham um centro, como os do n. 24 e 28, é conveniente, principalmente para os principiantes, iniciar a tecelagem pela fita do meio e continuar juntando sempre uma fita em cima e outra em baixo.

Depois que os alumnos tiverem reproduzido alguns modelos, é conveniente permittir-lhes que exercitem a sua imaginação, procurando por si mesmos crear os modelos que representem, por exemplo, cruzes com hastes tendo a côr da trama ou da urdidura (fig. 41), rectangulos como na fig. 42, etc.

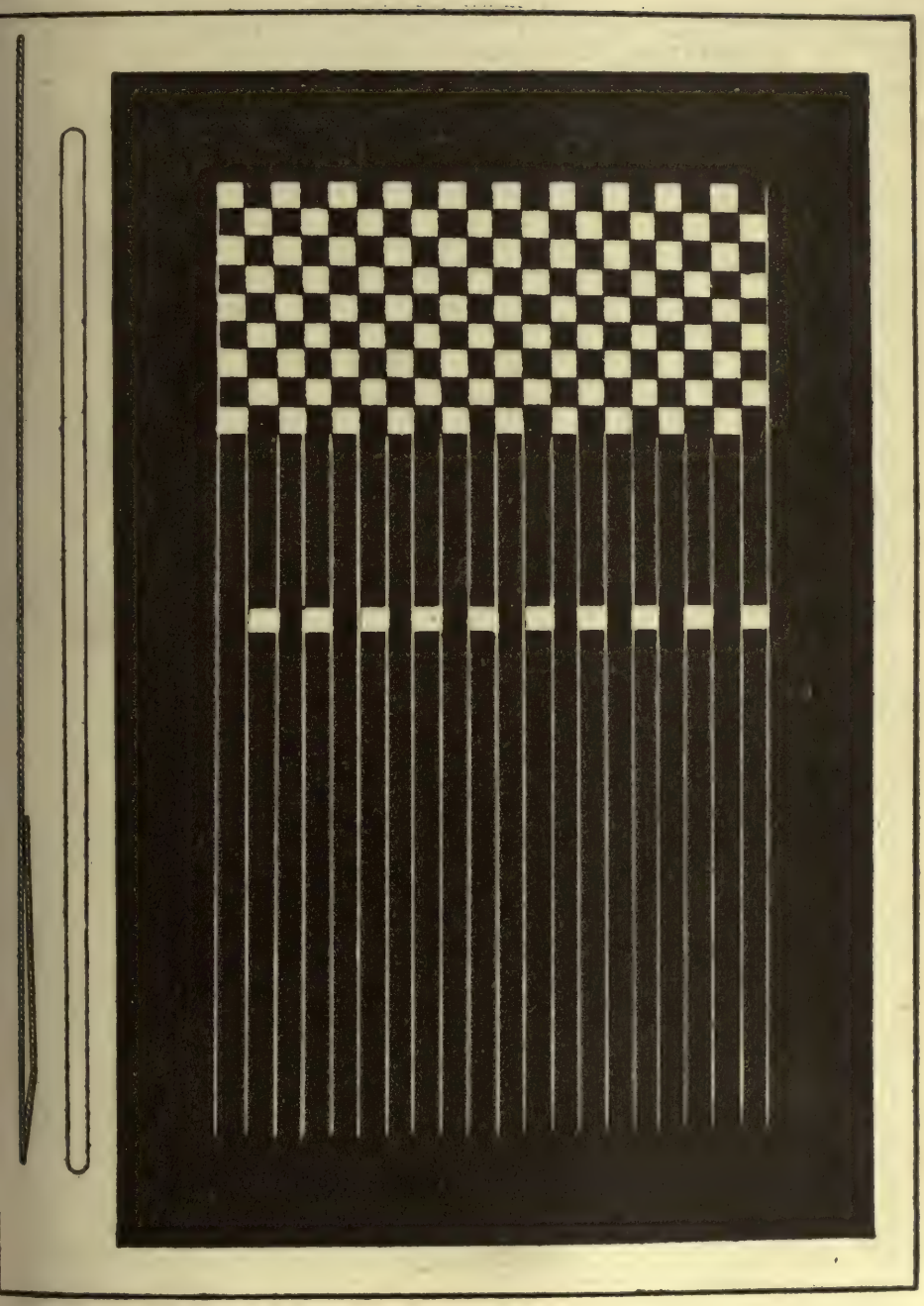
A prancha n. 5 dá exemplos de alguns modelos que pódem ser empregados em cestinhas, marcadores de livros e outros objectos semelhantes.

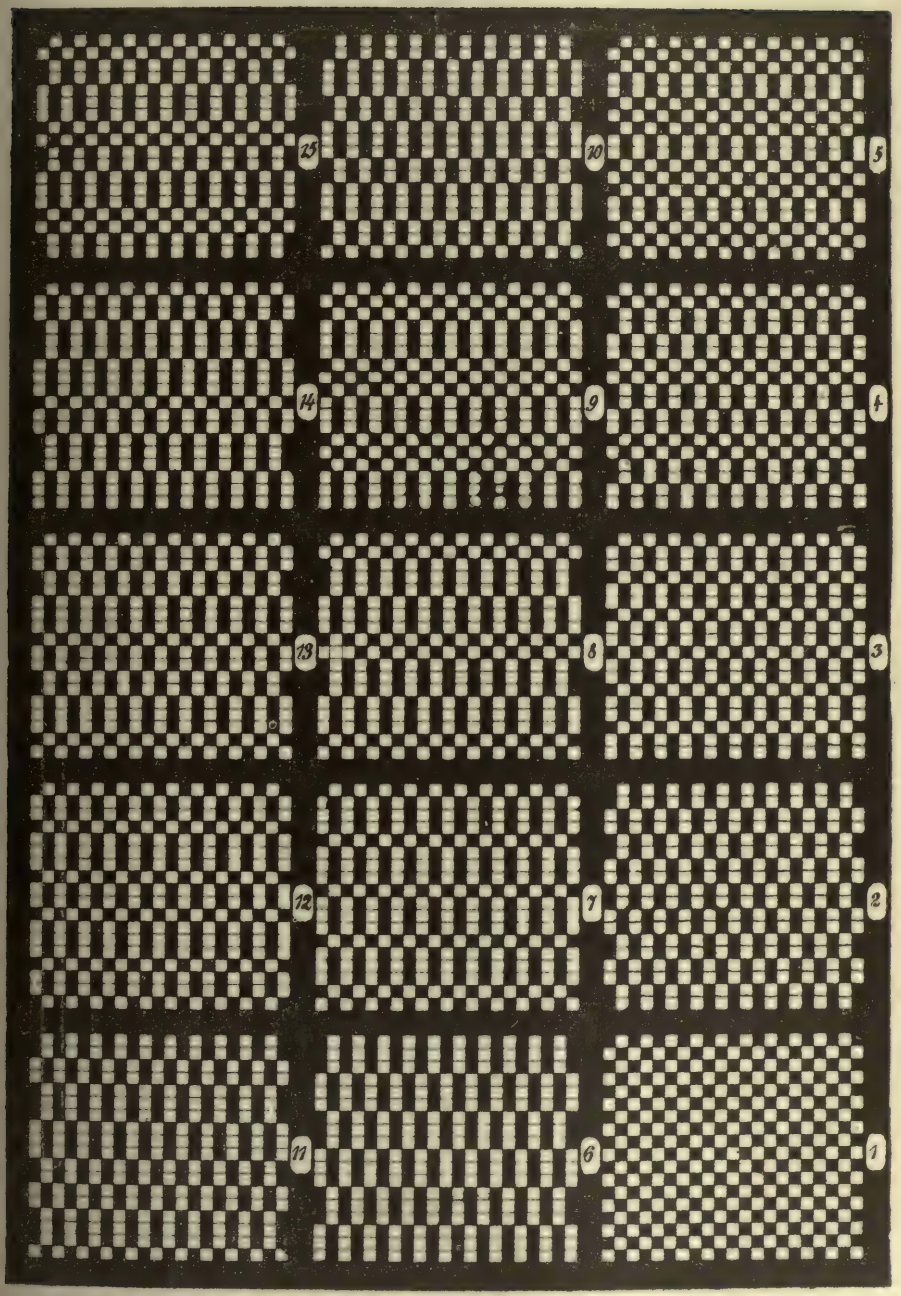
A prancha n. 6, finalmente, figs. 1—3, dá exemplos de tecelagem com fitas collocadas obliquamente. Além destes, damos alguns exemplos de tecelagem livre, isto é, a tecelagem sem tramas preparadas. Eis como se fazem taes exercicios. Cortam-se fitas de papel como a que representamos na fig. 4; dobram-se essas fitas pelo meio do comprimento, fig. 5; e cortam-se em seguida fitas menores, dobrando-as tambem ao meio. Collocam-se as primeiras ao lado umas das outras como na fig. 7, de modo que as partes dobradas das fitas se alternem, ficando umas voltadas para cima e outras para baixo. (7 *c c*). Tóme-se então uma das fitas menores collocando-a de modo a envolver a fita n. 1 fig. 8 e faça-se com que ella passe pelo meio da fita 2. fig. 8. A segunda fita será applicada de modo opposto, envolvendo a fita n. 2,

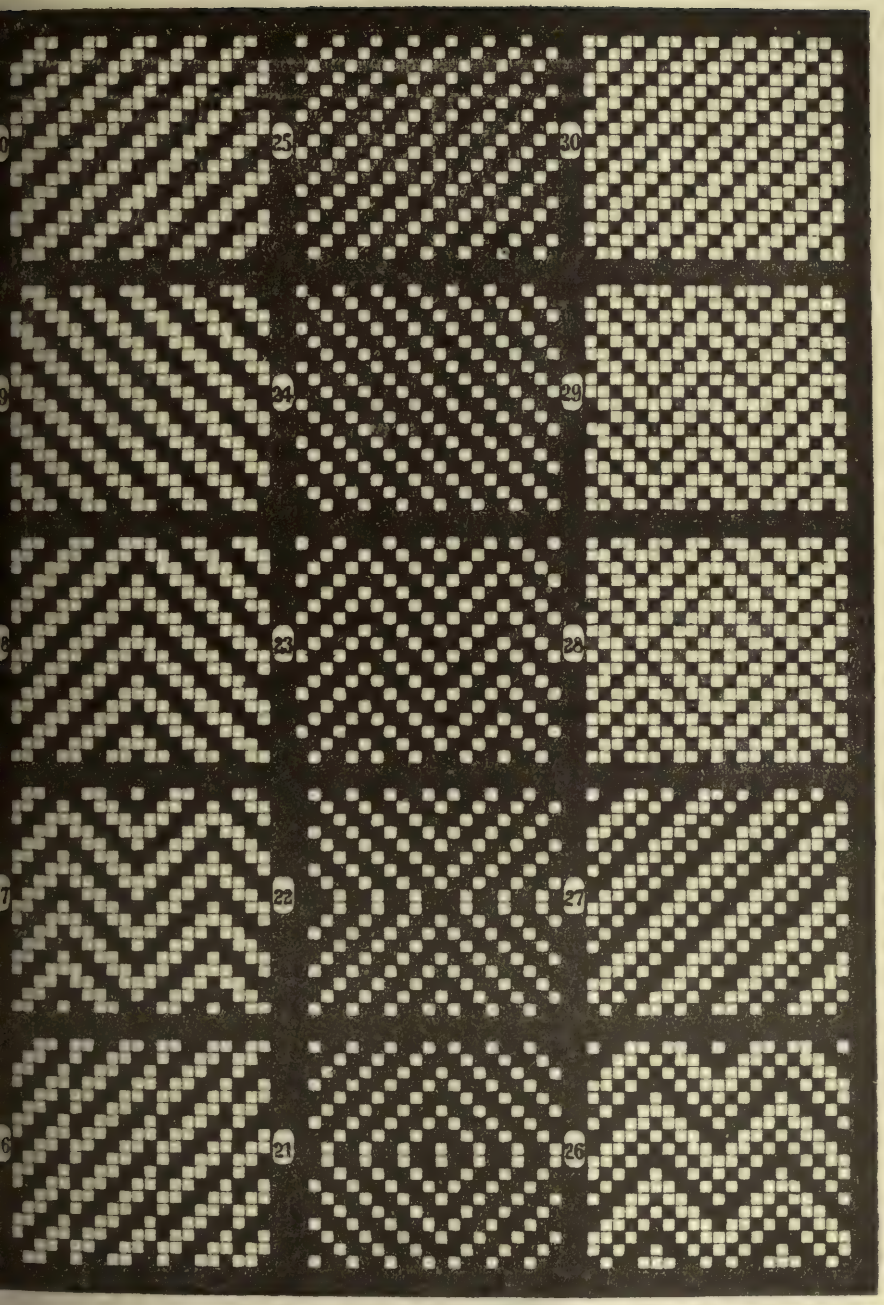
e atravessando pelo meio da fita n. 1. Por esse modo executa-se o modelo n. 9. Os extremos das fitas pódem ser cortados ou denteados.

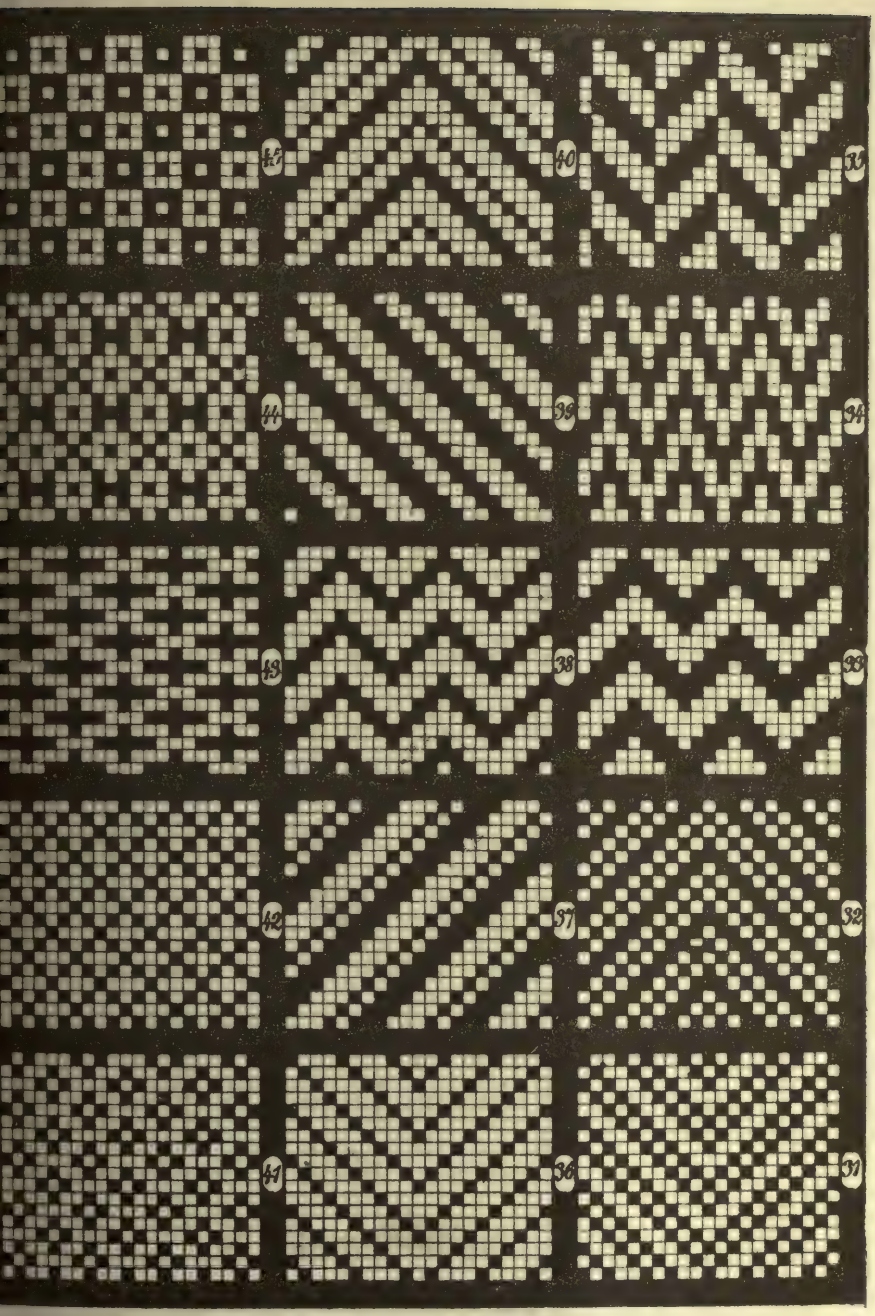
E vez de papel pódem empregar-se para o mesmo fim, fitas de differentes substancias como, de seda, de lan, de couro, quando se queira applicar esta especie de tecelagem na construcção de objectos mais duraveis.

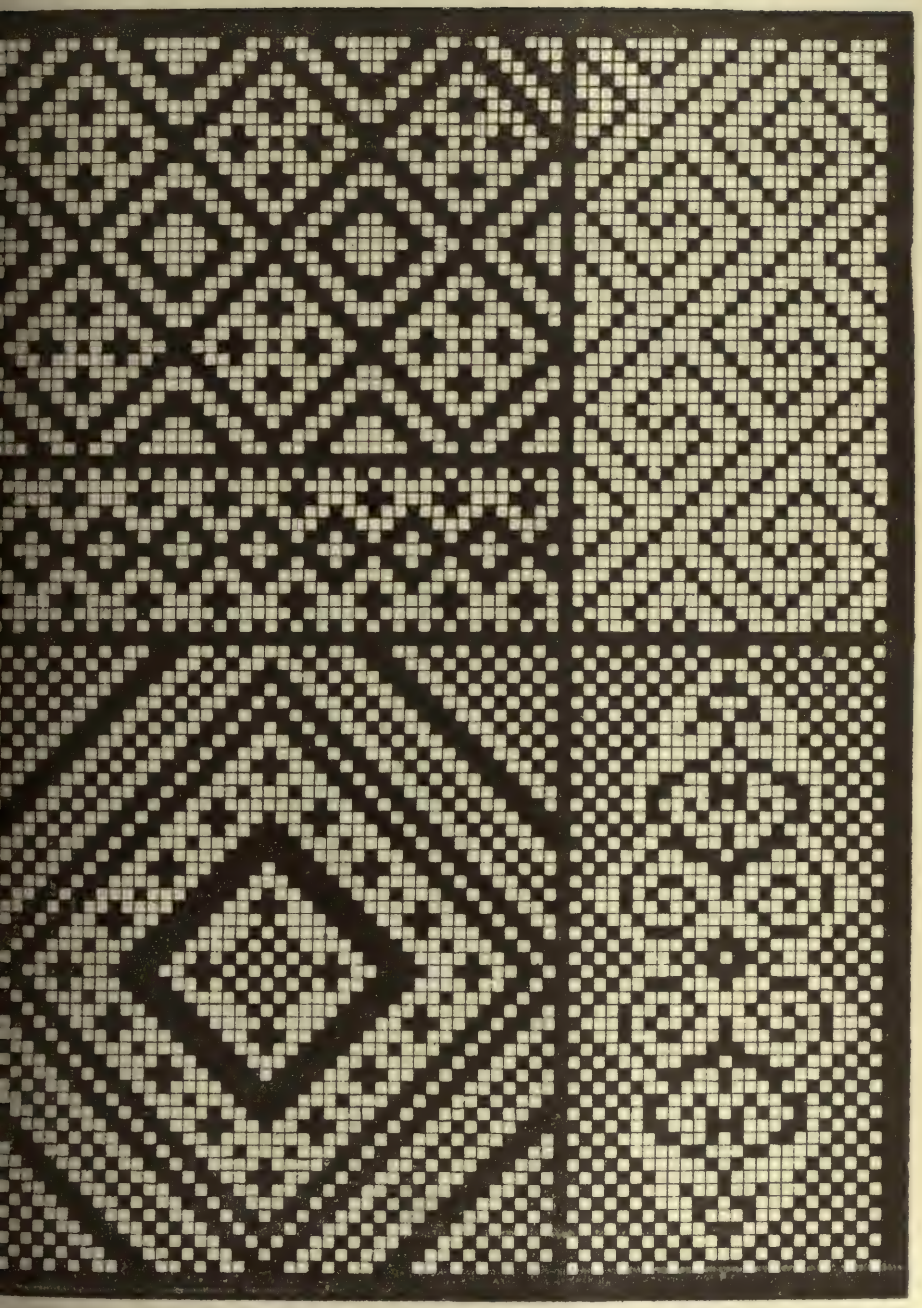
14.° DOM

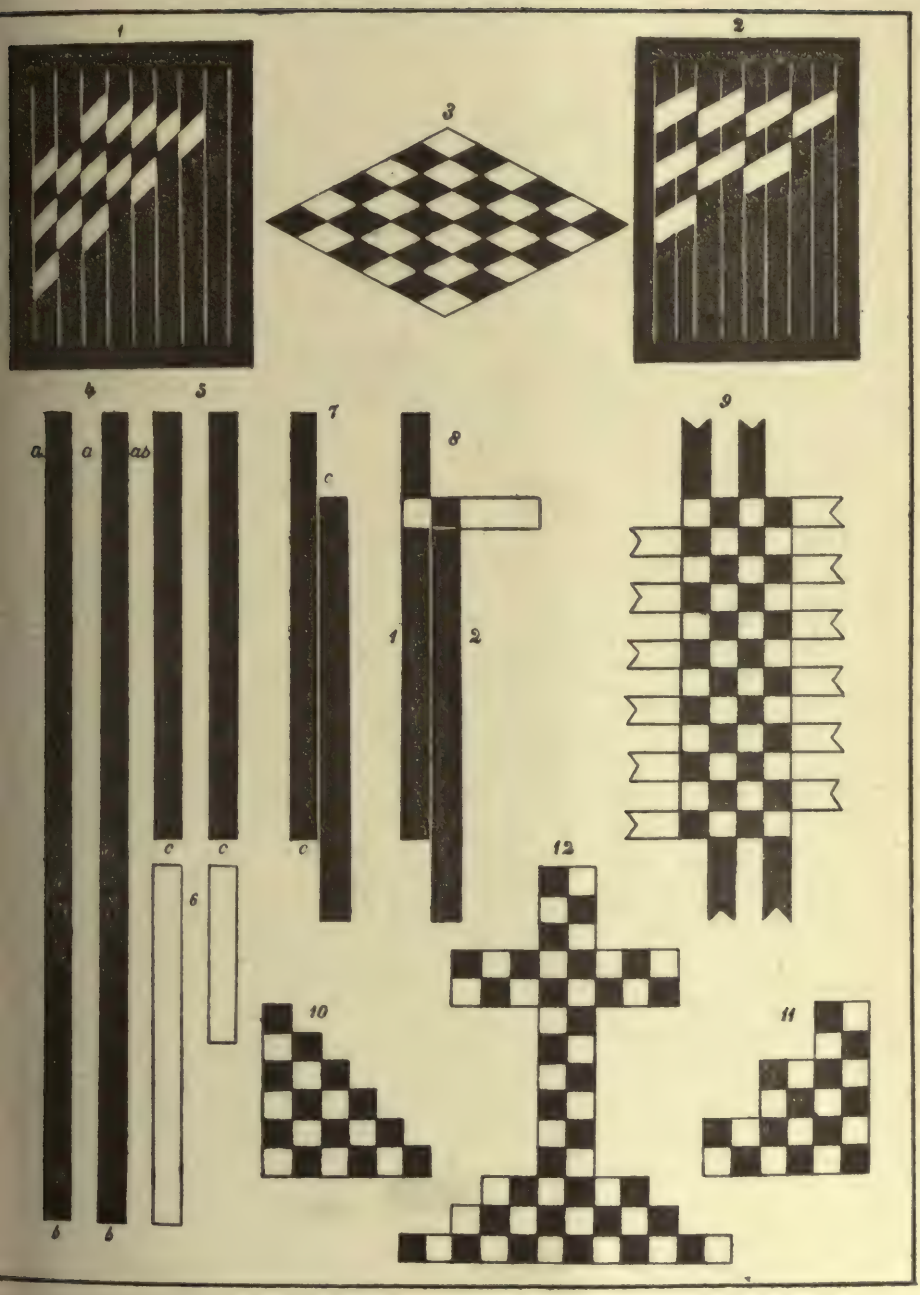



15
10
5
14
9
4
13
8
3
12
7
2
11
6
1


25
30
24
29
23
28
22
27
21
26


45
40
35
44
39
34
43
38
33
42
37
32
41
36
31




1
2
3
4
5
7
8
9
a
a
ab
c
1
2
c
c
c
6
12
10
11
b
b

325

15.º DOM

PRANCHAS 1 — 2

Os dons frœbelianos não são, como se poderia imaginar, uma pura invenção do creador do systema, são antes o resultado de uma cuidadosa observação dos brinquedos infantis. O que Frœbel fez foi systematizar esses resultados por meio de um methodo que permitte crear um numero inexgottavel de formas, cada uma das quaes, influindo no espirito por um modo peculiar, determina, entretanto, o desenvolvimento harmonico e integral de todas as faculdades. Assim, por exemplo, não se poderá dizer que seja novo e original o emprego das varinhas para a producção de figuras, mas quem, anteriormente a Frœbel, as applicou de modo tão extenso e completo? Quem jamais derivou do emprego de tal occupação tanta dextreza, tanto desenvolvimento mental, tanto exercicio do espirito inventivo para as differentes combinações, sem o auxilio do methodo de Frœbel?

As varinhas que constituem este dom são feitas de vidoeiro ou de outra madeira bastante flexivel. Basta uma duzia de taes varinhas para a producção de uma grande variedade de figuras. Ellas constituem, por assim dizer, entre o plano da taboinhas do 7.º dom e os pausinhos do 9.º dom a necessaria transição.

Para iniciar as occupações com este material, começa-se dando a cada creança apenas uma varinha. Examinando-a, as creanças virão a descobrir que a varinha é flexivel, que o seu comprimento é maior que a largura um certo numero de vezes e ainda que a sua espessura é tambem um certo numero de vezes menor que a largura. Essas tres dimensões nas varinhas, de que nos servimos, são $10 \times \frac{3}{8} \times \frac{1}{16}$, sendo estes numeros referidos á pollegada.

Faz-se com que as creanças designem objectos que se assemelhem com as varinhas, para que ellas notem as suas diversas particularidades, estabelecendo-se, para isso, a dialogação conveniente.

Depois destes exercicios preparatorios dá-se mais uma varinha a cada creança. Comparando-as entre si, as creanças verificam que ellas são perfeitamente semelhantes. Faça-se, então, com que ellas mostrem as differentes posições relativas entre as duas varinhas. As varinhas podem ser collocadas parallelamente, juntas em toda a sua extensão ou egualmente afastadas; podem ser collocadas de modo que as suas extremidades se toquem de varios modos ou podem, ainda, ser collocadas de modo a se cruzarem e a se supperpôrem.

Distribua-se mais uma varinha e prosiga-se nos mesmos exercicios. Podem-se agora fazer com ellas varias figuras, mas essas formações não são ainda estaveis por não ser possivel enlaçal-as. Com uma quarta

varinha, porém, ja é possivel ligal-as de modo a tornar-se permanente a construcção, mas isso se dá sómente *quando uma das varinhas fica em contacto com tres outras.* Duas das varinhas podem ficar dos lados, a terceira constituirá um terceiro lado e a quarta, finalmente, estabelecerá a connecção necessaria entre todas. Como se vê, ainda aqui se applica a lei dos contrastes, e a sua mediação se verifica e demonstra em cada figura.

Entretanto nem sempre é facil applicar essa lei de modo bastante apropriado, mas essa mesma difficuldade que acarreta a necessidade do raciocinio constitue um dos motivos de successo para o desenvolvimento do espirito. Continuemos, porém, com os exercicios.

Distribuidas as varinhas, colloquem as creanças a *a a* horizontalmente sobre a mesa; colloque-se *b b* atravessada perpendicularmente; *c c* em uma direcção inclinada debaixo de *a* e *b*, e, por ultimo, faça-se com que a varinha *d d* se entrance nas outras, por baixo de *a a*, por cima de *b b* e abaixo de *c c* como mostra a figura n. 1.

Obtem-se assim uma forma estavel e as creanças terão ensejo de verificar o modo como cada reguinha é fixada pelas outras; os angulos que formam entre si, e quaes as figuras que assim se produzem.

Para mostrar quanto taes construcções servem como elementos para o exercicio da observação, basta-nos mencionar que a figura acima, tão simples, contém, entretanto, 24 angulos, dos quaes, 8 (*1 — 8*) são rectos, 8 (9 — 16) são agudos, e 8 (17 — 24) obtusos, como facilmente se verificará na figura.

Cada varinha está em contacto com as outras; duas dellas *a a* e *b b* passam sobre duas e em baixo de uma, e as outras *c c* e *d d* passam em baixo de duas e em cima de uma das outras varinhas. Por este entrelaçamento, formam-se tres figuras menores dentro da maior. Uma dellas é uma figura com dous angulos rectos, um obtuso e um agudo (3, 6, 22, e 10) e com quatro lados deseguaes; a outra é um triangulo isoceles e a terceira, finalmente, é tambem um triangulo mas de lados deseguaes.

Afastando mais os lados da fig. 1, forma-se a fig. 2, que é constituida por um triangulo acutangulo. Reunindo-os mais, teremos a fig. 4 da qual facilmente se formará ainda o triangulo acutangulo, fig. 4. Cada uma destas figuras fornece abundante assumpto para investigação e conversações instructivas, como ja vimos com relação á fig. 1.

Distribua-se agora mais uma varinha. Supponha-se que ja fizemos a fig. 2. Reunindo a essa figura a quinta varinha, teremos produzido a figura 8.

Tendo desenlaçado as cinco varinhas, as creanças collocarão duas dellas verticalmente e pouco afastadas entre si. Em seguida ponham uma terceira varinha atravessada sobre as duas primeiras da direita para a esquerda e de cima para abaixo; colloquem a quarta varinha tambem atravessada sobre as duas primeiras em direcção opposta e cruzando-se, por tanto, com a terceira. Com a quinta varinha, fixem-se as quatro anteriores, atravessando-a da direita para a esquerda, de modo a passar sobre a vertical, por baixo das duas que se acham em cruz e por cima da segunda vertical. Por esse modo teremos a forma indicada pela fig. n. 5.

Juntando os extremos das duas verticaes, teremos a fig. 6. Fazendo-se chegar mais para cima a varinha horizontal e mudando a posição de uma das varinhas cruzadas, produz-se a fig. 7. Para compôr a fig. 8 move-se a varinha horizontal para baixo. A posição primitiva das varinhas cruzadas modifica-se agora. O mesmo se dá ainda com relação ás figuras 10 — 12.

Accrescentando-se mais uma varinha. poderemos facilmente augmentar o numero das figuras que se deduzem das anteriores. A fig. 17 póde fazer-se com uma simples modificação da fig. 9., a figura 18 modificando-se as de n. 10 ou 11; a figura 22 tomando-se por base a fig. 12. E cada uma dessas novas figuras póde ainda modificar-se juntando-se ou afastando-se mais as varinhas que a compõem, conforme ja mostrámos com as figuras anteriores.

Comecemos, porem, os exercicios com as seis varinhas. Colloquem as creanças duas varinhas horizontaes sobre a mesa, fig. 13; duas outras verticalmente sobre as primeiras, formando um quadrado; uma outra varinha horizontalmente passando pelo meio e por baixo das duas verticaes, formando dous parallelogrammos, com a ultima varinha collocada verticalmente entrelacem-se as anteriores, como se vê na figura, formando-se assim quatro pequenos quadrados eguaes.

As figura 17 e 18 (triangulos) e 19 e 23 (hexagonos) merecem particular attenção por fornecerem preciosos meios de observação relativamente a propriedades mathematicas.

Na prancha n. 2. damos exemplos do entrelaçamento de sete varinhas figs. 25 — 28, do entrela-

çamento de oito varinhas, figs. 29 — 36; de nove varinhas, figs. 37 — 40 e de dez varinhas, figs. 41 — 43.

Tudo o que aqui dissémos tem por fim habilitar, tanto a professora como os alumnos, a discobrirem mais facilmente pela sua propria applicação outras formas que, em grande numero, se pódem construir com este material.

Estes exercicios permittem apresentar á observação dos alumnos, com clareza e precisão, as formas mathematicas como a de polygonos regulares (figs. 28, 31, 40, 42), as suas divisões produzidas por diagonaes, as suas proporções relativas e muitos outros caracteristicos das figuras, dignos de exame.

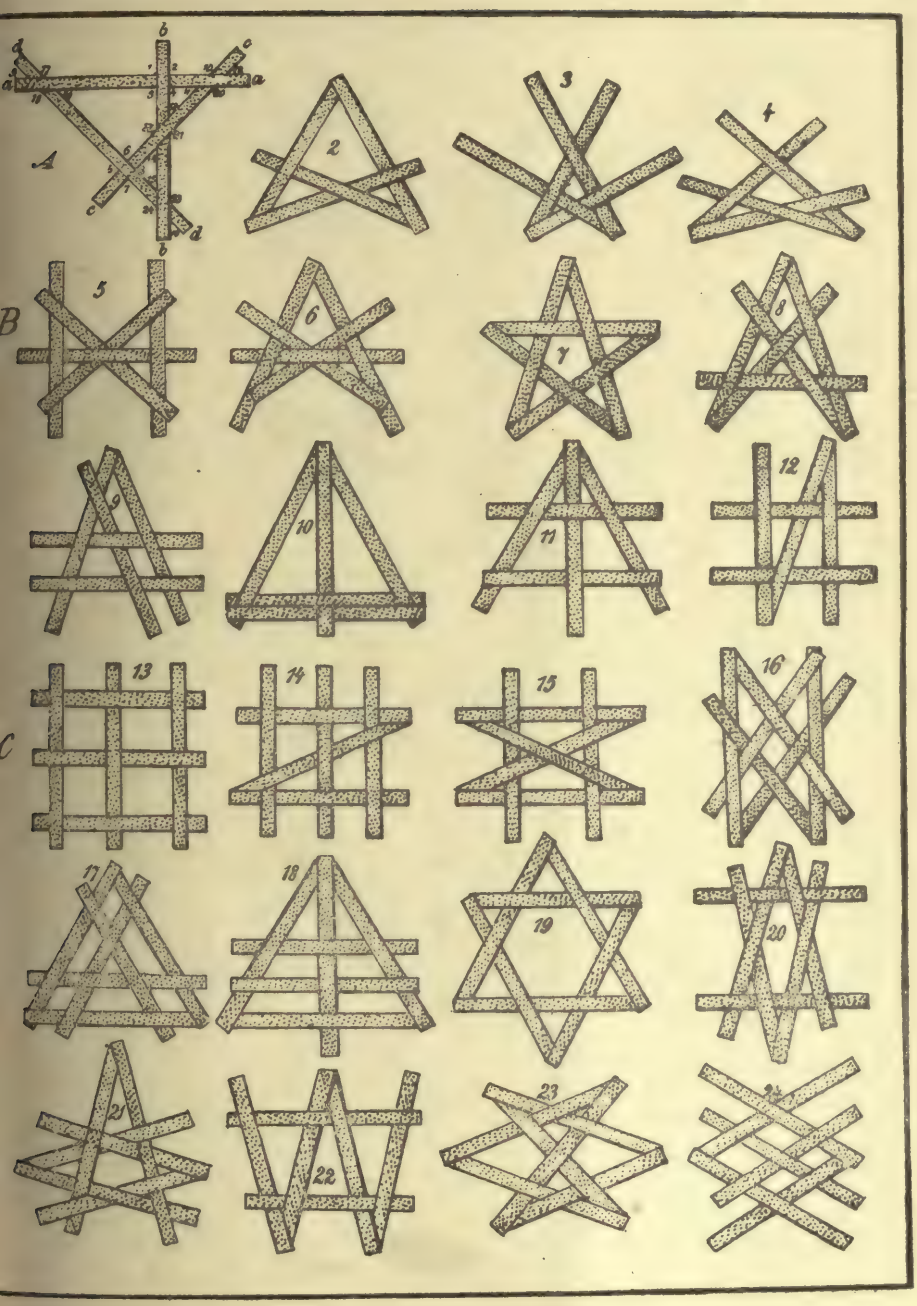
Além disso é sempre agradavel ás creanças contemplarem formas harmonicas e symetricas, como as que representamos nos ns. 30, 33, 37, podendo ainda mais representar-se tambem formas reaes com maior numero de varinhas, como nas figs. 39 — um leque, e 35 e 36, que, reunindo-se a construcção de diversos alumnos, pódem representar um cerca ou gradil de Jardim.

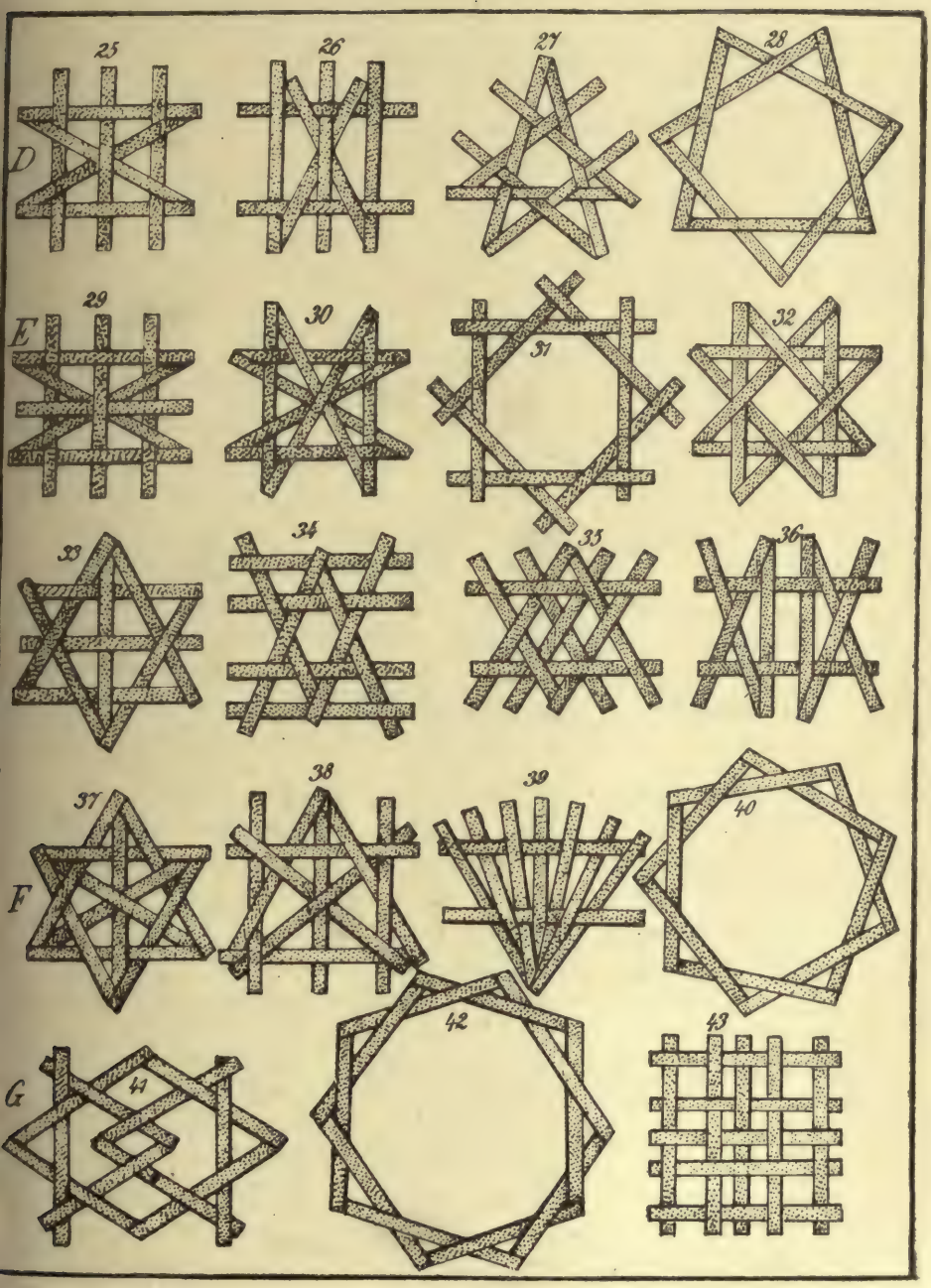
Cada uma das figuras formadas deve ser cuidadosamente examinada pelas creança, a fim de que possam apreciar os angulos que formam, as partes de que se compõe, as suas qualidades e o modo de collocação de cada varinha, conforme indicamos em relação á fig. n. 1.

Esta occupação, como é natural, causará por vezes difficuldades ás creanças: muitas vezes, quando a construcção já estiver quasi concluida, basta desprender-se uma das varinhas para que tudo se desfaça. Foi uma só varinha a causa de tudo isso, por não ter ficado em condições de preencher a sua funcção.

Uma boa professora saberá deduzir desses mesmos incidentes applicações uteis para o espirito dos seus alumnos sem sahir mesmo do circulo das suas relações.

Cumpre ainda notar que esta occupação não se deve iniciar no Jardim da Infancia senão com os alumnos mais adeantados, proseguindo-se depois na escola primaria.


A
B
C
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24


25
26
27
28
D
29
30
31
32
E
33
34
35
36
37
38
39
40
F
41
42
43
G

16.º DOM

As occupações com este dom applicam-se não sómente a todos os periodos do Jardim da Infancia, como tambem ao ensino nas escolas primarias. Por meio deste dom, pódem-se effectivamente representar as varias especies de linhas, de angulos, grande numero de fórmas mathematicas, fórmas de objectos e figuras symetricas.

O material deste dom consta de reguas dobradiças, ou gonigraphos, com 4, 6, 8 e 16 juntas, que se devem empregar successivamente, segundo a natureza dos exercicios. Distribuindo a primeira dellas faz-se com que as creanças distendam todas as peças de que se compõe o gonigrapho e o colloquem sobre a mesa em sentido vertical, horizontal e obliquo.

Dobrem depois o gonigrapho pelo meio, de modo a formar angulos rectos. Transformem-se esses angulos assim formando em angulos agudos e, depois, em em angulos obtusos, juntando-se os lados ou afastando-os de modo que o angulo agudo se irá tornando cada vez menor até coincidirem os lados, reduzindo-se neste caso a uma simples linha. O afastamento dos

lados, ao contrario, dará logar á formação de angulos cada vez maiores, mas reduzindo-se tambem a uma simples linha na posição extrema, ou no limite do afastamento.

Forme-se em seguida o quadrado, dobrando cada parte do gonigrapho em angulos rectos; transforme-se essa figura em um triangulo equilatero, e veja-se quaes os outros triangulos que se pódem fazer.

Pelo mesmo modo, pódem representar-se com os gonigraphos as lettras V, N, M, Z, e muitas outras figuras que a professora poderá offerecer á observação das creanças, fazendo-as descobrir o numero de linhas de que ellas se compõem, a natureza dos angulos que formam, etc.

Os gonigraphos de 6, 8 e de 16 partes empregam-se successivamente e pelo mesmo modo acima indicado, dando logar a exercicios de grande interesse e utilidade para as creanças. A faculdade inventiva das creanças encontrará nestes exercicios muitos elementos para desenvolver-se, uma vez que se lhes permitta exercerem livremente o seu engenho na formação das figuras que imaginarem. Essas figuras poderão ser reproduzidas em desenhos pelos alumnos ou descriptas oralmente.

E' excusado demorar mais tempo esta descripção sobre as vantagens do gonigrapho: alguns minutos de cuidadoso exame deste material, por parte da professora, bastará para convencel-a do grande numero de applicações que poderá ter esse apparelho tão simples e de tanta utilidade para as occupações infantís.

17. DOM

PRANCHAS N. 1 — 2

A occupação correspondente a este dom, o entrelaçamento de fitas de papel, é semelhante ao entrelaçamento das varinhas, pois ambos tem por fim a representação de figuras planas. Com as varinhas, entretanto, as figuras que se fazem, são demanchadas, em seguida, ou alteradas para a producção de novas fórmas; aqui, ao contrario, os resultados obtidos têm o caracter de permanencia que falta ás construcções anteriores. Nas occupações anteriores, o material já existe preparado; aqui são as proprias creanças que preparam o material de que carecem. Além disso, as varinhas pela sua natureza constituem um material de fórma definida, apezar de serem mais ou menos flexiveis; neste dom, ao contrario, o material é constituido por simples tiras de papel adaptaveis a todas as fórmas.

As fitas que constituem este dom, devem ser de papel collorido com oito ou dez pollegadas de comprimento e largura variavel.

A principio as creanças, naturalmente, acham difficuldade em preparar e servir-se destas fitas, convindo notar, porém, que o fim principal destes exercicios é exactamente dar-lhes o habito do asseio e regularidade nas suas occupações. Para esse fim, os modelos a executar pódem ser escolhidos dentre alguns do setimo dom.

Para que as creanças aprendam a servir-se das fitas póde-se ainda fazer com que ellas desenhem nas suas pedras figuras de tres, quatro angulos ou mais, procurando depois reproduzir essas figuras por meio das fitas de papel dobrando-as convenientemente.

Em primeiro logar, façam-se triangulos rectangulos isoceles e colloque-se a fita sobre seus lados de modo a cobril-os inteiramente, fazendo-se a dobra necessaria em cada angulo, e, por ultimo, cortem-se as sobras do papel e collem-se as duas extremidades.

Pelo mesmo processo pódem-se formar as diversas especies de triangulos das figs. 1 —3, quadrados, losangos, etc.

Estas mesmas fórmas pódem ser, em seguida, combinadas como nas figs. 4 — 6. Se as fitas forem muito curtas para completar uma figura qualquer, a professora deverá ensinar as creanças a collarem as suas extremidades, de maneira a ficarem as fitas bastante compridas para realizarem fórmas mais complicadas como nas gravuras 16, 18, 19, 20, feitas com só uma fita bem comprida e 17 e 21 feitas com duas fitas longas.

Como estas, muitas fórmas se pódem construir, não só tomando por base estes mesmos modelos, como recorrendo ás figuras do 15.° dom.

Esta occupação póde ainda tornar-se mais attrahente por uma simples modificação consistindo em

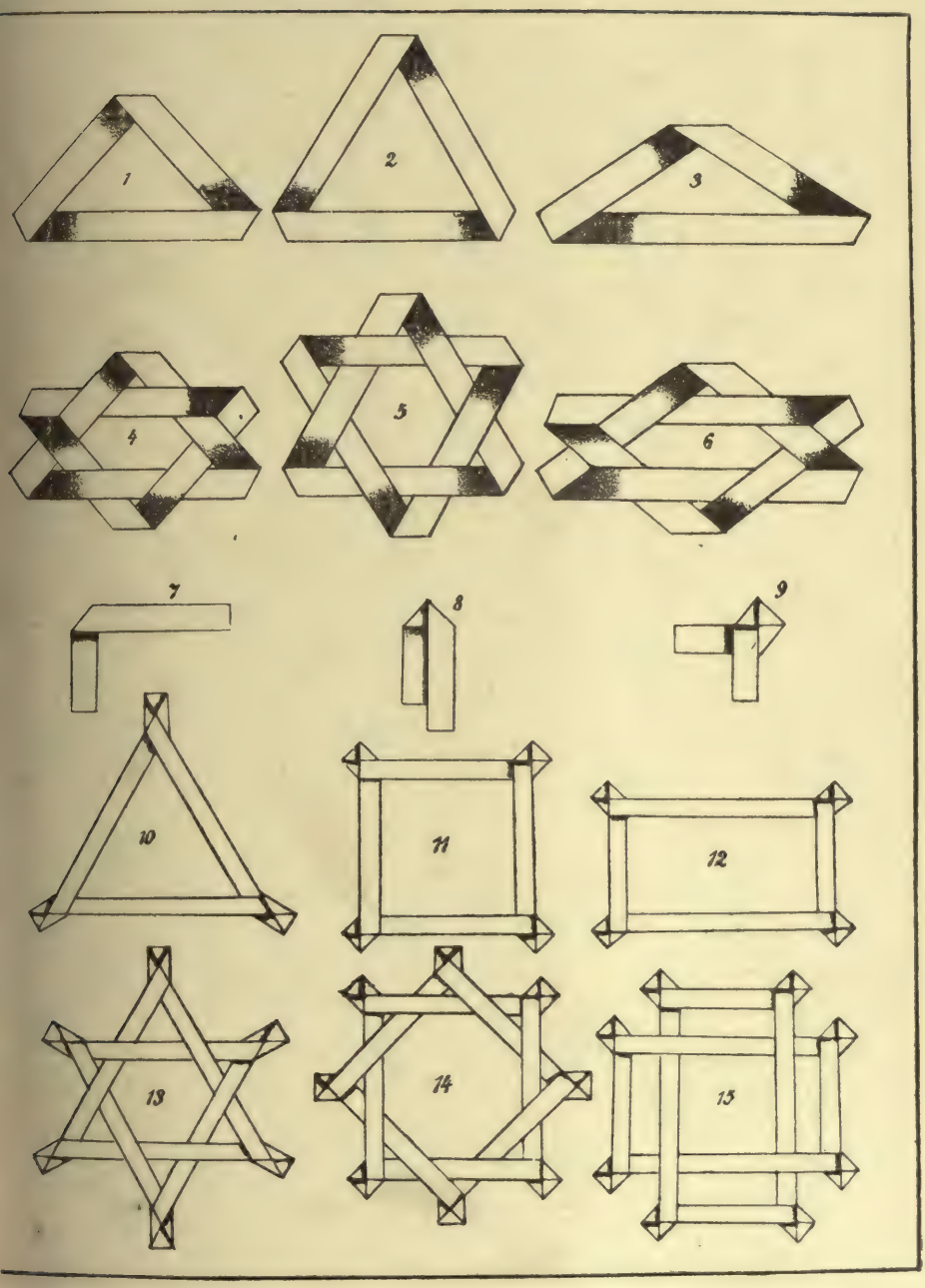
formar nos angulos, não uma dobra apenas mas uma dupla dobra formando uma especie de cruz, como nas figs. 7—9. Para isso dobra-se a fita primeiro para a direita, fig. 7, em seguida a parte horizontal para baixo, fig. 8 e, finalmente, para a esquerda, fig. 9. Por este modo, pódem fazer-se triangulos, quadrados, pentagonos e outras figuras mais complicadas, combinando-as depois entre si, como nos exemplos figurados sob ns. 10 — 15.

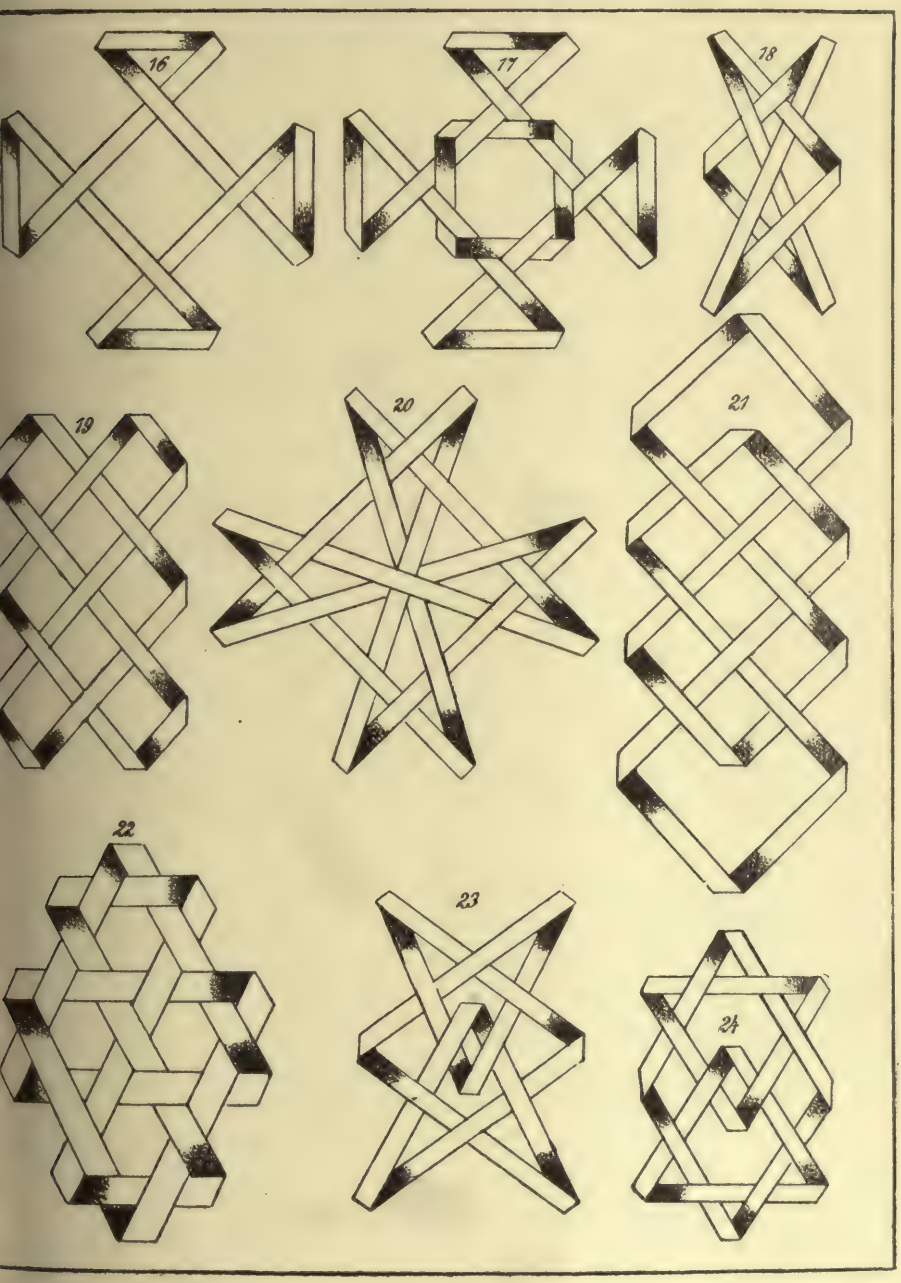
Os trabalhos desta especie, feitos com bastante limpeza e perfeição devem guardar-se collando-os em cartões apropriados.

O enlaçamento com as fitas de papel mostra cabalmente como a simples combinação de fórmas mathematicas dá origem a grande numero de figuras symetricas de bello effeito. Estas ultimas são as que devem predominar nos Jardins da Infancia, empregando-se as outras como elementos para a construcção destas. Os elementos mathematicos das occupações frœbelianas têm effectivamente especial importancia porque, por meio delles, as creanças recebem as impressões da fórma; de mais elevada importancia, porém, é o desenvolvimento das creanças relativamente á apreciação do bello porque, por esse meio, se desenvolve conjuctamente a idéa do bem.

Esta, bem como as occupações que têm por objecto o córte, a dobradura e a montagem de figuras, devem ser praticadas sómente nas classes mais adeantadas do Jardim da Infancia visto reclamarem maior dextreza e habilidade.

338


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15


16
17
18
19
20
21
22
23
24

18.º DOM

PRANCHAS 1 – 3

O material para o 18.º dom consta de simples folhas de papel, com as quaes, por meio dos exercicios de dobradura, obtêm-se as mais variadas fórmas, contribuindo, por isso, não só para a recapitulação das fórmas realizadas com as occupações, como tambem para facilitar o estudo das propriedades geometricas das figuras.

Com pouco tempo de trabalho póde-se construir, por esse modo, uma grande variedade de fórmas. Cumpre, porém, que as variadas impressões que de taes fórmas resultam não venham a nos descaminhar do nosso fim principal; especialmente nesta occupação, convem que o trabalho seja sempre acompanhado de uma conversação adequada para descanço dos tenros espiritos das creanças.

Para se preparar o papel para os exercicios de dobradura, deve-se proceder do modo seguinte:

Tome-se a metade de uma folha de papel e colloque-se sobre a mesa, ficando o comprimento no sentido horizontal. Dobre-se o papel de modo a collocar os angulos inferiores sobre os superiores, fig. 1. Dobrem-se esses cantos sobrepostos para o centro; inverta-se o papel; dobrem-se os outros dous cantos para o centro, de modo a ter-se um trapezio, fig. 2. Desdobrando-se a folha pela sua base, teremos o hexagono, fig. 3, no qual se notam quatro triangulos que reunidos, dous a dous, formam dous triangulos maiores. Nas linhas da base destes triangulos dobra-se de novo e corta-se o papel cuidadosamente segundo as linhas assim traçadas, separando-se da parte central os dous triangulos de cada lado.

Separam-se em seguida, por meio de um córte horizontal, e desdobram-se os cantos como se vê na fig. 4, que consta de quatro pedaços quadrados, e um rectangular. Os quatro primeiros empregam-se para os exercicios de dobradura, servindo o outro retalho para outras applicações taes como, a picagem, o alinhavo, etc.

Deve-se fazer com que as creanças se habituem a fazer estes exercicios com bastante cuidado e asseio. Isto é absolutamente necessario porque o papel, mal dobrado ou cortado, não sómente tornará mais difficeis as occupações seguintes, mas tornará mesmo impossivel obterem-se resultados satisfactorios. Não podemos ter, nem temos em vista, gastar inutilmente o precioso tempo de que dispômos; ao contrario, o fim principal desta occupação é dar ás creanças habilidade para trabalharem, e não só isso mas para trabalharem bem, que é uma das mais importantes exigencias da vida.

Pelo modo acima descripto as creanças preparam por si mesmas o numero preciso de quadra-

drados de papel de que terá de utilizar-se nos exercicios de dobradura, organizados segundo a lei dos oppostos, dando logar á realização de um grande numero de fórmas idéaes, ou de conhecimento.

Para desenvolver a série de occupações a que este material se destina, os quadrados de papel devem agora dobrar-se no sentido de uma diagonal, fig. 5, formando-se assim dous triangulos rectangulos isoceles.

Dobrando-se no sentido da outra diagonal, fig. 6, cada um dos triangulos acima ficará dividido em metades por uma linha perpendicular, fig. 7. Tendo-se o papel dobrado como na fig. 6, dobra-se o canto inferior para a esquerda e o canto da direita para cima, e o quadrado ficará assim dobrado de modo a ficar dividido em dous rectangulos repartidos ao meio por uma linha transversal. Fazendo se do mesmo modo a transversal opposta, teremos a fig. 9, a qual proporciono um grande numero de percepções mathematicas.

Se agora tomamos o canto inferior, fig. 9, dobrando-o exactamente para o centro do papel, formaremos o pentagono, como na fig. 10. Dobre-se o canto opposto do mesmo modo e teremos formado o hexagono, fig. 11. Dobrando os outros dous cantos obtem-se a fig. 12, que contém quatro triangulos e cada um delles repartidos em duas metades.

Se invertermos a fig. 12, teremos (12 b) um quadrado subdividido em oito triangulos. Se desdobrarmos a fig. 12 teremos parallelogramos, além da multiplicação das fórmas anteriores. Se partirmos da fig. 12, dobrando-se os cantos para o centro, fig. 15, teremos uma fórma constante de dupla camada de papel, fazendo vêr quatro triangulos, debaixo dos quaes ficam formados quatro quadrados.

Esta ultima dobradura constitue a fórma fundamental para uma grande série de fórmas reaes, fig. 16.

E' difficilimo descrever como, desta fórma fundamental, se deduzem as fórmas reaes. Para as realizar cumpre praticar nos Jardins da Infancia. O Manual de Frœbel menciona, além de outras, as fórmas dos seguintes objectos: uma toalha de mesa com quatro cantos fluctuantes, um passaro, um bóte, uma dupla canôa, uma saleira, uma flôr, uma camisa, um papagaio, um moinho de vento, uma mesa, um porta-charutos, um vaso de flôres, um espelho, um bóte com assentos, etc. Dobrando os cantos mais uma vez para o centro podem-se obter ainda fórmas mais complexas.

Para a construcção destas fórmas é conveniente empregar folhas grandes de papel.

Mas a simples fórma fundamental das fórmas reaes é tambem a fórma fundamental para as fórmas symetricas, contidas na prancha 70, fig. 16.

Desdobrada a fórma fundamental ao meio sem comprimir os cantos, levam-se os outros dous lados para o meio da folha e resultará a dupla canoinha (hexagono com 2 lados compridos e 4 curtos).

Se levarmos agora os triangulos obtidos para o o centro, apparece a fig. 17, da qual á fig. 21, as fórmas são facilmente construidas, de accôrdo com as regras já citadas.

De um modo inteiramente semelhante origina-se a série 22—27.

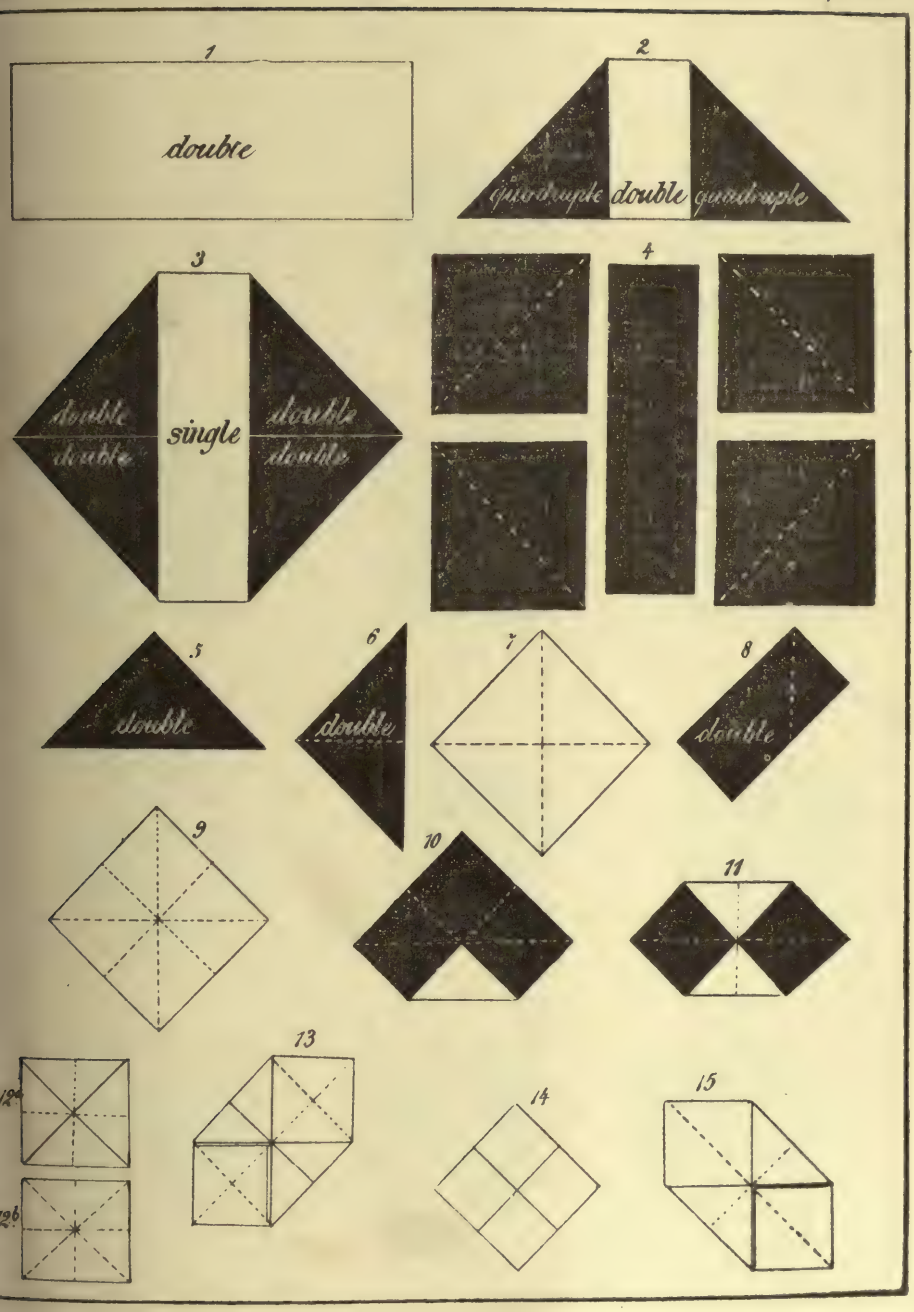
Se finalmente tomarmos a folha como está representada em 12, b com os 4 cantos dobrados para o meio, teremos 4 triangulos consistindo em uma du-

pla camada de papel sobre um quadrado, do qual a camada superior é outra vez dividida em dois triangulos, fig. 14.

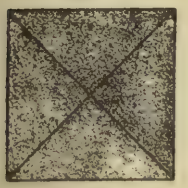
Invertendo-se esta figura teremos a fig. 28, 4 simples quadrados, fórma fundamental de uma série de fórmas symetricas, prancha 71. A ultima é facilmente derivada da primeira pelo conhecimento exacto das regras citadas.

As indicações que damos acima poderiam ser consideravelmente ampliadas sem exgottar o assumpto. Apresentamol-as apenas com o fim de estimular tanto a professora como os alumnos a procurarem exercitar-se na producção de fórmas por meio da dobradura de papel.

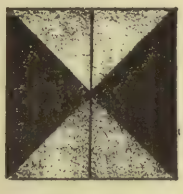
Esta occupação dá ás creanças mais dextreza do que qualquer outra, devendo considerar-se pois, como a preparação necessaria para as varias occupações femininas bem como, para os trabalhos plasticos.


1
double
2
quadruple double quadruple
3
double double
single
double double
4
5
double
6
double
7
8
double
9
10
11
12a
12b
13
14
15

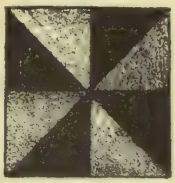
16



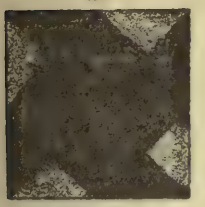
17



18

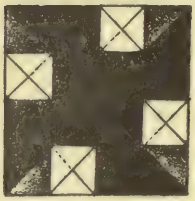


19

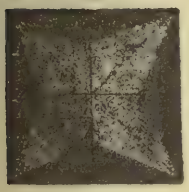


20

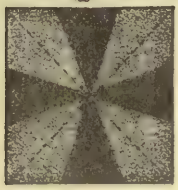
21



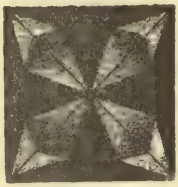
22



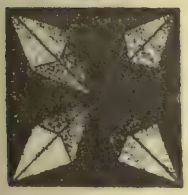
23



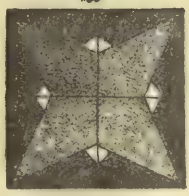
24



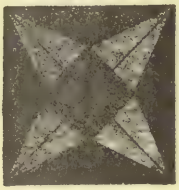
25



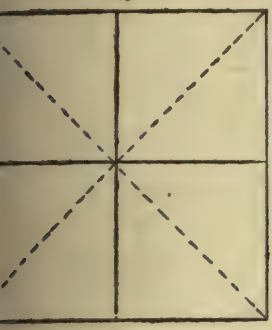
26



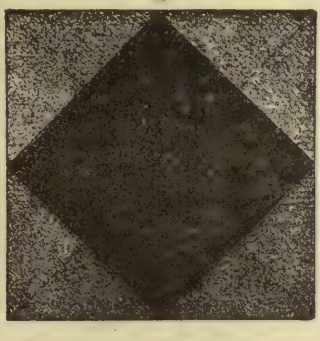
27



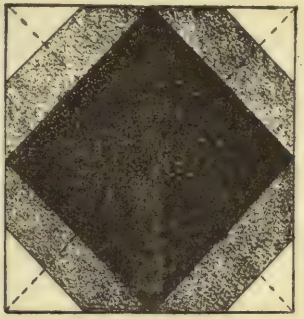
28



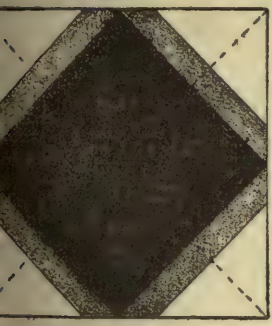
29



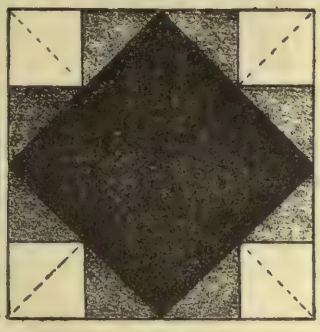
30



31

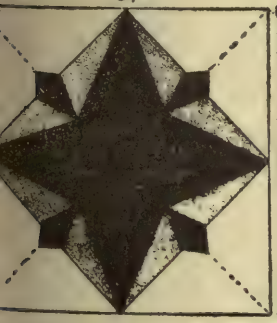


32

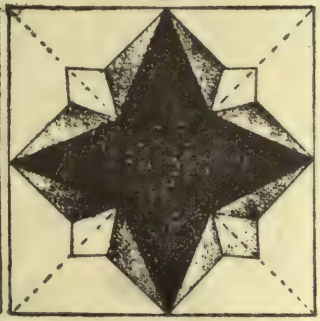


33

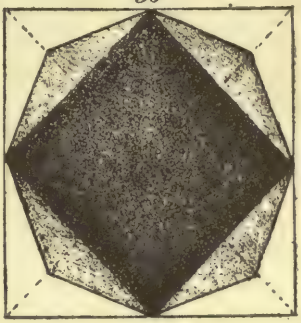
34



35



36



19.º DOM

Quando tratámos do 9.º dom, mostrámos a vantagem que ha em tornar mais permanentes as construcções feitas pelas creanças, de modo a satisfazer-lhes o desejo que ellas naturalmente sentem de que os seus trabalhos possam ser conservados. Esse desejo indica que não é sómente o nascente instincto da actividade que as dirige sem fim apparente. O desejo de conservar os resultados do seu trabalho demonstra que ellas sentem prazer em produzir, não apenas para satisfazer o instincto da propria actividade, mas porque os objectos construidos têm para ellas o attractivo de evidenciar os progressos que realizam e dahi, a vantagem de dar-lhes um caracter de maior permanencia a fim de tornar-se possivel o confronto.

As occupações com este dom satisfazem amplamente a esta condição.

O material consta de pequenos pedaços de arame, pouco mais grossos do que um alfinete, tendo as extremidades levemente espontadas. Esses arames representam as linhas e para reunil-os de modo a com-

binal-os nas diversas construcções, empregam-se ervilhas seccas, préviamente amollecidas em agua e enxutas ao ar, durante uma hora, a fim de que as creanças possam facilmente encravar nellas os fios de arame.

O primeiro exercicio consiste em combinar dous arames por meio de uma ervilha de modo a formar uma recta ou angulos de differentes grandezas. Applica-se a estes exercicios tudo o que dissémos com relação ao 9.° dom, relativamente ás figs. 1 — 23.

Com tres arames formam-se linhas maiores e angulos de lados deseguaes. Os tres arames podem tambem encravar-se numa ervilha de modo a convergirem no centro, passando-se em seguida á formação de triangulos equilateros.

Pelo mesmo modo fazem-se quadrados, parallelogrammos, losangos, com as suas diagonaes e outras linhas interiores, chegando-se assim á construcção das figs. 1 — 10. De modo identico podem construir-se as mais variadas formas, que poderão ser applicadas de muitos modos. Assim, por exemplo, tendo construido seis triangulos de egual grandeza as creanças poderão repetir com elles todos os exercicios praticados com as taboinhas.

Construindo 4, 8 ou 16 triangulos rectangulos, obtusangulos ou acutangulos, pode-se com elles realizar as figuras dadas na prancha n. 1 e muitas outras que podem servir para se reproduzirem pelo desenho.

Como já temos dito, a codição capital a que tem de satisfazer cada dom consiste em representar algum progresso em relação aos anteriores. Com os pausinhos produzimos muitos contornos. Todas as

figuras, porém, eram planas, sendo os lados representados pelos pausinhos. Nas occupações com este dom realizamos mais um progresso: os arames representam as quinas, as ervilhas representam os cantos, de modo que os corpos feitos assim, nesta especie de esqueletos das formas, são mais instructivos por permittirem a observação da forma exterior no seu contorno, e ao mesmo tempo a sua structura ou modo de formação. E' o que se dá quando, reunindo dous triangulos equilateros por tres arames de egual comprimento formam as creanças o prisma representado na fig. 14. Do mesmo modo, quatro triangulos equilateros dão a pyramide de tres lados; e oito triangulos o octahedro, figs. 15 e 16.

Com dous quadrados eguaes unidos por quatro arames eguaes ao comprimento dos lados do quadrado forma-se o esqueleto do cubo, fig. 17; empregando-se quatro arames mais compridos forma-se o parallelepipedo, fig. 18; se, ao contrario, um dos quadrados for maior do que outro, o solido formado passa a ser um tronco de pyramide.

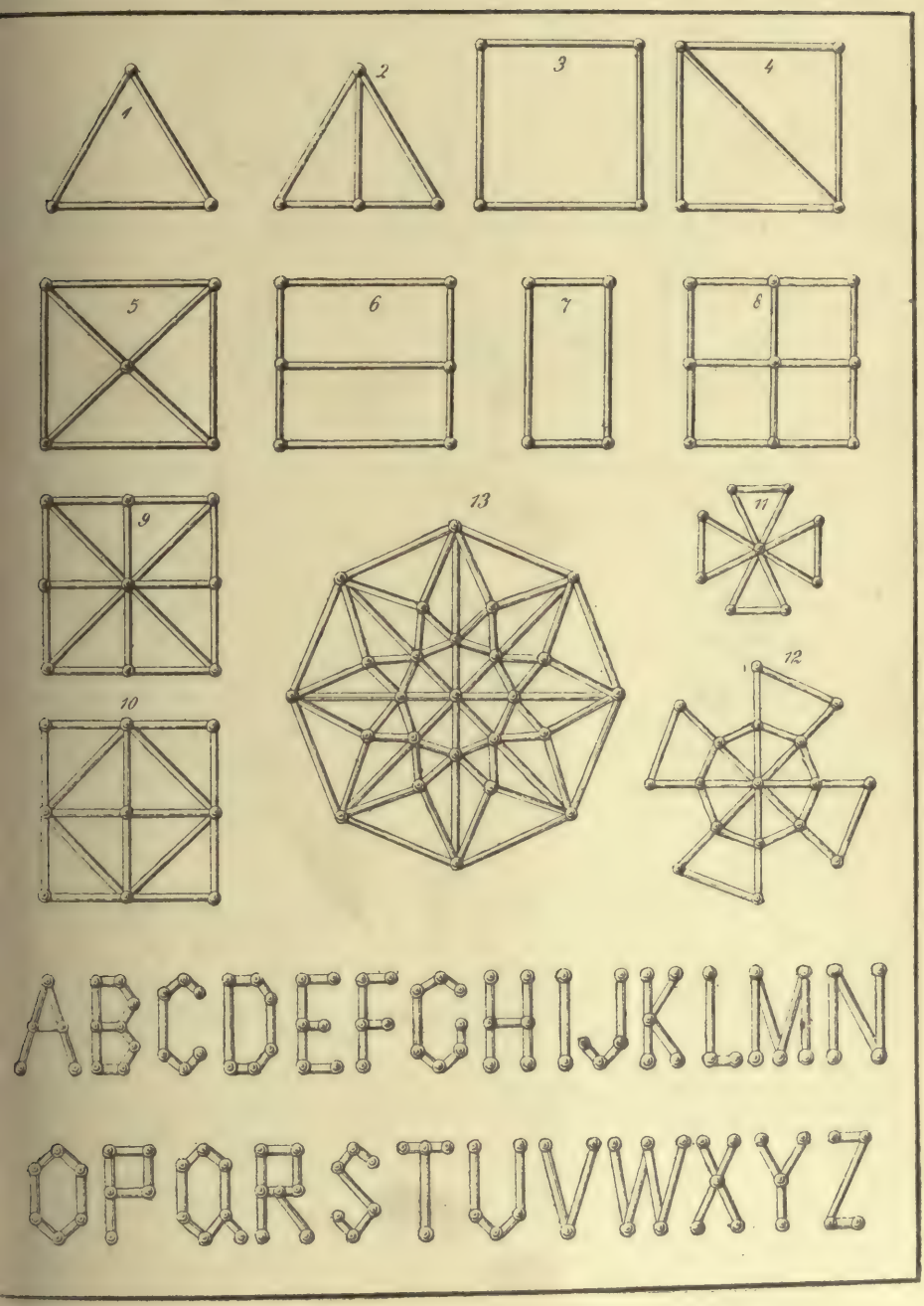
Não é provavel que os alumnos do Jardim da Infancia possam ir além na construcção das formas crystalinas, representando os corpos de muitos lados, especialmente se pretendermos attender ao desenvolvimento de umas em relação ás outras, trabalho que requer mais cuidado e dextreza do que é de suppor em creanças de tão tenra edade. A' escola primaria e ás classes mais adeantadas cabe proseguir no caminho indicado, preparando-se assim os alumnos para uma comprehensão mais nitida dos corpos regulares. A fig. 19 mostra como o octahedro se contém no cubo.

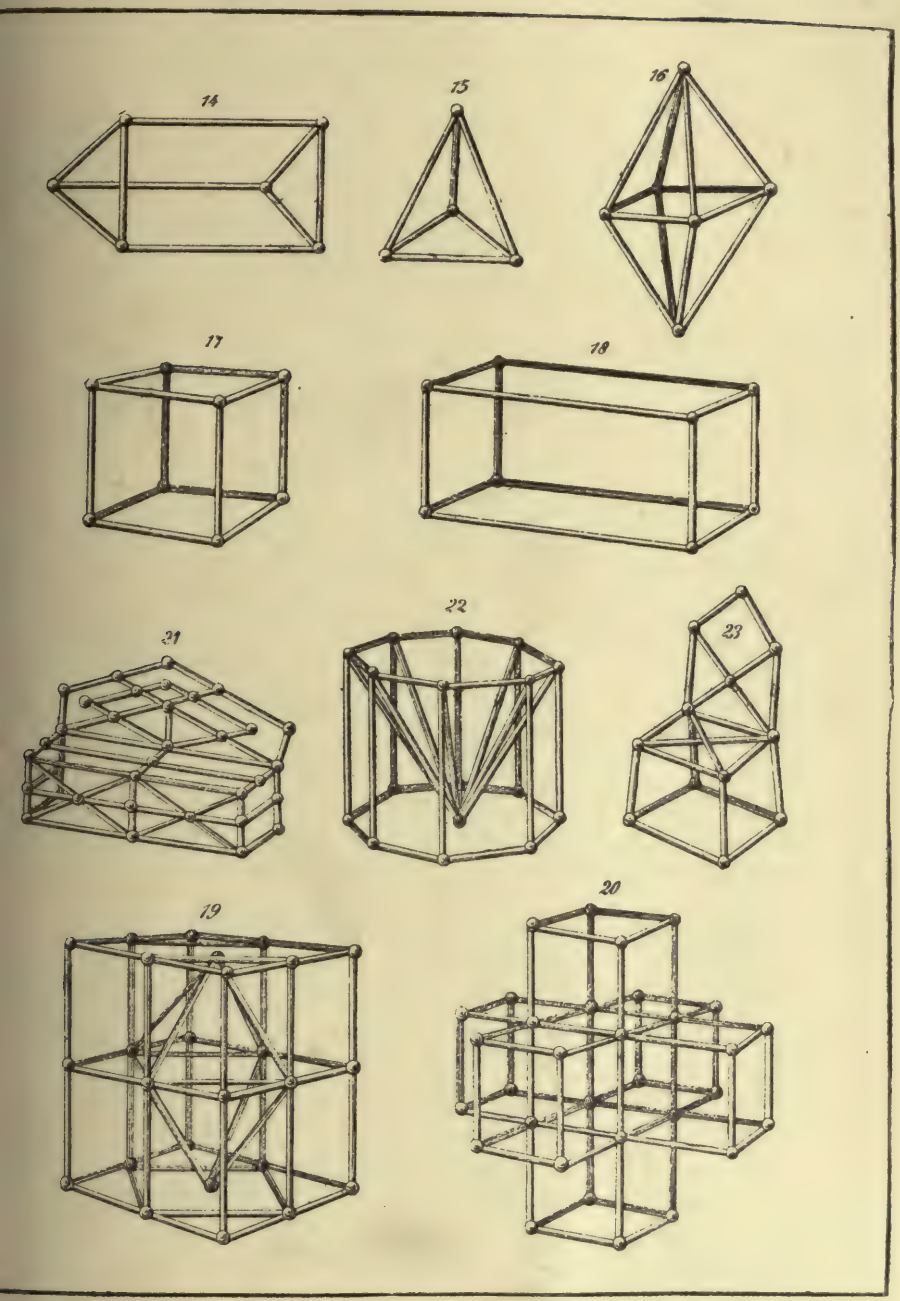
Além destes exercicios, podem as creanças das classes mais adeantadas construir objectos de uso com-

mum, como bancos, fig. 21, cadeiras fig. 23, cestinhas e outros objectos.

Para que alguem se convença da utilidade desta occupação basta que a tenha uma vez empregado. E' verdade que para chegar a fazer as construcções mais complicadas é necessario muito cuidado e paciencia, mas o prazer de conseguir realizal-as compensa as creanças do trabalho que tiverem. Os alumnos mais adeantados poderão fazer tambem as lettras do alphabeto e os algarismos, além dos exercicios que temos indicado.

Os objectos feitos com os arames devem empregar-se como modelos para os trabalhos de modelagem. O esqueleto do cubo, por exemplo, permittir-lhes-á observar melhor e bem reproduzir os caracteres desse solido. A imagem do corpo torna-se, desse modo, mais perfeita e clara, sendo as creanças, portanto, encaminhadas na unica direcção que as poderá habilitar a adquirir o verdadeiro conhecimento, pela apreciação correcta das cousas, isto é, não apenas pela sua apparencia exterior mas pelo exame da sua structura caracteristica.


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
ABCDEFGHIJKLMN
OPQRSTUVWXYZ


14
15
16
17
18
21
22
23
19
20

20.º DOM

A modelagem em argila é uma das occupações infantis a que Frœbel dava maior importancia, sendo, por isso, extranhavel que tenha cahido quasi em desuso nos Jardins da Infancia. A principal objecção contra este dom consiste em não ser possivel evitar que as creanças se sujem, por mais cuidado que se tenha. Dizem outros que uma occupação como esta, directamente preparatoria da arte, só muito raramente se prosegue na vida, não passando, portanto, de um passa tempo sem fim e sem vantagens, tanto para o desenvolvimento interior como para o bem-estar material.

Se é verdade que nem sempre se póde evitar que as creanças se sujem, isso é mais uma razão para que esta occupação se considere de importancia capital, porque dará ensejo a que ellas se acostumem ao cuidado, á ordem e á limpeza, uma vez que a jardineira procure aproveitar-se da opportunidade para desenvolver taes qualidades em seus alumnos. Naturalmente, algumas particulas de argila ficarão presas aos dedos, ás unhas das creanças ou ás facas de madeira de que ellas têm de servir-se, mas que grande mal haverá nisso? Esse proprio facto poderá constituir

uma lição para as creanças, pois não é difficil fazer com que ellas deduzam dahi a comprehensão moral de que as mãos calosas do lavrador, a blusa suja do mechanico, são um attestado das suas respectivas occupações e que, por conseguinte, em nada os desdoura. Quanto á objecção de que a modelagem não traz vantagens reaes, basta-nos considerar que as occupações que têm por fim o bello, mesmo nos seus mais rudimentares principios, produzem sempre bons fructos porque preparam o individuo para bem aprecial-o mais tarde.

E justamente por isso que as vistas de Frœbel sobre a educação tem por scopo preparar o coração humano para o bello e para o bem, é que o seu systema tende especialmente a elevar a posição social das classes operarias por meio do ensino, não só no que diz respeito aos conhecimentos e á pericia, senão tambem no que respeita ao desenvolvimento e apuro do sentimento.

As creanças manifestam sempre grande prazer em representar objectos, imitar, crear ou transformal-os. Se um pedaço de cera ou qualquer outra substancia plastica lhes cáe nas mãos, desde logo ellas começam de amassal-a até dar-lhe uma forma representando seres ou objectos que figuram em sua imaginação. Basta observar algumas creanças a bricarem com areia humida, por exemplo, a figurarem com ella utensilios caseiros, objectos de cozinha, etc. para nos convencermos da predilecção infantil pelos exercicios de esculptura. Teria este facto escapado á observação perspicaz de Frœbel? Não, foi mesmo para satisfazer a esta tendencia natural das creanças que elle creou os meios de fazer progredir esta faculdade artistica nascente.

Segundo os principios de Frœbel, os primeiros exercicios de modelagem devem consistir na represen-

tação das quatorze formas stereometricas fundamentaes de crystalisação. A ordem dos modelos é a seguinte: começa-se pelo cubo, e deste passa-se ao cylindro e á esphera, á pyramide com 3, 4 e 6 faces, ao prisma em suas varias formações, ao octahedro, o decahedro e icosahedro, solido com 8, 10 e 20 faces eguaes. Por mais instructivo e interessante que isto possa ser, preferimos começar por algumas formas mais simples, deixando para mais tarde taes exercicios.

Destribuem-se ás creanças pequenos pedaços de argila, uma faca de madeira, uma pequena prancha e um pedaço de oleado sobre o qual ellas farão as suas modelagens. A argila deve ser envolvida em panno humido e guardada em logar fresco. Os objectos modelados seccam-se ao sol ou em uma estufa levemente aquecida sendo depois cobertos com gomma arabica ou com uma camada de verniz, o que lhes dará a apparencia de louça.

O primeiro modelo deverá ser a esphera que com pequenas modificações, dará logar á representação de muitos objectos, como diversas especies de fructos, figs. — 1 — 5.

A esphera reduz-se em seguida a um cylindro, bastando para isso fazel-a rolar sempre no mesmo sentido sobre a prancha de madeira. Desse modo facilmente se deduzem formas de varios objectos como os que representamos nas gravuras 6 — 10.

Passa-se depois ao cubo, por meio do qual tambem se podem representar diversos objectos, taes como uma casa, uma caixa, um moinho de café, etc. Desde então as creanças poderão imaginar e construir outros objectos reaes, como pratos, egrejas, passaros, ninhos, etc. Mas, para que esta occupação venha a ser alguma cousa mais do que uma simples distração,

será necessario dirigir a actividade das creanças num determinado sentido.

A melhor orientação para os exercicios frœbelianos é o desenvolvimento das formas regulares dos corpos. A forma fundamental será, portanto, a da esphera que as creanças com facilidade representam. Por meio das facas de madeira a superficie unica da esphera se transformará em varios planos de modo a formar-se o cubo. Se em seguida fizermos planos nos logares dos angulos, fig. 12, produz-se um corpo com 14 faces. Se proseguirmos do mesmo modo fazendo com que as faces do cubo se transformem em angulos, teremos o octahedro, fig. 13. Assim, pela transformação dos angulos em planos e da faces em angulos, produzem-se as mais importantes formas de crystalisação, devendo, porém, considerar-se esta occupação como mais adaptavel ao ensino do grau seguinte.

Algumas formas regulares fazem-se mais facilmente do cylindro que constitue a mediação entre o cubo e a esphera. Por meio da pressão das mãos ou por meio das facas de madeira a sua face curva póde transformar-se em tres ou quatro planos e em outras tantas arestas, produzindo-se portanto o prisma quadrangular.

Se transformarmos um dos planos do cylindro em uma ponta, produziremos um cone. Se modificarmos a superficie exterior do cone em tres ou quatro planos, teremos as pyramides triangular e quadrangular. Se fizermos o mesmo com relação á outra base do cylindro formaremos um duplo cone o por meio delle poderemos produzir pelo mesmo processo uma dupla pyramide triangular ou quadrangular. Se procedermos de modo inverso desfazendo os bordos do cylindro reproduziremos a esphera.

Esta producção de fórmas por meio de substancias plasticas é inquestionavelmente uma das primeiras occupações da especie humana, como ponto de partida das artes plasticas. A modelagem, é portanto, eminentemente adequada a realizar o principio frœbeliano de que as creanças, em suas occupações, devem passar por todos os graus geraes de progresso e da cultura humana, numa escala reduzida. O talento natural do futuro architecto ou do futuro esculptor, latente na creança, necessariamente será despertado e desenvolvido por esta occupação, assim como pela acção expontanea e pela invenção nas construcções, todos os talentos innatos das creanças são postos em evidencia.

*

Se agora lançarmos um golpe de vista retrospectivo sobre todos os meios de occupação do Jardim da Infancia, verificaremos que o material está systamatisado segundo uma ordem gradativa a partir do *solido*, do *todo* para as suas *partes*, até chegar á *imagem* sobre o *plano*, e aos seus limites—as *linhas* e o *ponto*. Ao material mais pesado, com fórma immodificavel que se destina só ás occupações que se effectuam sobre as mesas, seguem-se outros gradativamente mais maneiros e flexiveis. A' *madeira* segue-se o *papel*; os *planos* de papel para as dobraduras são substituidos por *tiras* para as occupações de tecelagem, como uma transição para as *linhas*. Os *pausinhos* ou os *fios* de *arame* são então empregados para a execução de figuras mais permanentes, por meio de ervilhas que representam os *pontos*. Em substituição a este material apparecem, em seguida, as *linhas traçadas*, addicionando-se então o *colorido*. Segundo a mesma gradação, a picagem e o alinhavo representam um outro accrescimo de pro-

cessos para a creação de imagens que, no recórte de papel encontram ainda novos elementos de representação.

A modelagem, finalmente, constitue a occupação artistica immediata, sendo agora um material inteiramente plastico.

Pelos *cantos*, as creanças entram no dominio dos *sons* e os *jogos de movimento* e a *gymnastica* fazem com que o corpo se desenvolva harmonicamente em todas as suas partes. Na pratica dos trabalhos manuaes, como, o perfurar, o cortar, o medir, unir, construir, desenhar, colorir e modelar, assentam-se as bases de todas as futuras occupações dos artesões e dos artistas, que são identicas sob certos aspectos como o indica a antiga synonymia destas expressões. Especialmente no que se refere a ornamentação, encontram-se no Jardim da Infancia todos os elementos necessarios. As fórmas produzidas pela dobradura, por exemplo, são taes que, sem modificação, podem-se empregar em relevos architectonicos. O mesmo poder-se-ia dizer das fórmas produzidas pelos trabalhos de alinhavo, tecelagem e das figuras resultantes dos recórtes do papel.

A cada uma das vocações humanas o material do Jardim da Infancia proporciona o necessario ensejo de exercicio dando-lhe o ponto de partida em cousas *concretas*. Não se póde realmente satisfazer de um modo mais completo as exigencias da Pedagogia moderna, do que fazendo-se ás idéas resultarem das percepções derivadas de objectos reaes, como acontece no genuino Jardim da Infancia.

Basta ter uma simples noção dos meios de occupação frœbelianos, para a gente se convencer de que os brinquedos (play things) communs das creanças

não pódem, de modo algum, attenta a sua inutilidade, comparar-se com o material de occupações dos Jardins da Infancia. Não queremos com isto dizer que os primeiros não se posssam tornar aproveitaveis para o desenvolvimento infantil; o que é certo, porém, e que os resultados obtidos com taes brinquedos devem antes attribuir-se ao proprio instincto das creanças. Os brinquedos que não obedecem a um plano, e a uma necessaria direcção não pódem preparar a creança para os primeiros aspectos da vida e para que saibam gozar as suas innocentes distrações. Assim como a planta que, mesmo no estado selvagem, tira do sólo a sua nutrição, assim a alma da creança tira dos objectos que a circumdam, pelos meios ao seu alcance, o seu alimento educativo. Mas com o espirito infantil succede o mesmo que com a roseira a qual tratada com cuidado no Jardim produz flôres muito mais bellas do que a roseira silvestre. O mesmo podemos dizer da alma como do corpo das creanças. Assim como o corpo não póde ter um sadio desenvolvimento desde que use todas as especies de alimentos sem selecção, assim tambem a alma para attingir á cultura de que é susceptivel carece de uma escolha ainda mais cuidadosa dos meios destinados a promover o seu desenvolvimento. Cumpre, porém, accressentar que a livre escolha das creanças só deve ser limitada quando assim o exigir a systematica applicação de taes meios. A propria creança instinctivamente achará por si mesma os elementos necessarios ao seu desenvolvimento mental, desde que se lhe dê o material adequado e se indique o seu emprego mais apropriado, de accordo com uma certa *lei*.

O genio de Frœbel foi admiravelmente bem succedido na creação do material adequado bem como na descoberta do melhor modo de applical-o com o fim de preparar as creanças para todas as situações

da vida em todos os ramos de occupação da especie humana.

Quando pela primeira vez se fundou um Jardim de Infancia essa instituição foi prohibida e o seu creador viu-se forçado a andar de um lado para outro em sua Patria por causa dos principios liberaes do seu systema de educação. O olhar perspicaz do governo monarchico bem percebera que tal instituição não poderia preparar subditos submissos á oppressão e, por isso, os governantes *por graça de Deus* só toleraram o Jardim da Infancia quando a opinião publica se manifestou fortemente em seu favor.

Trabalhando em pról do estabelecimento do Jardim da Infancia no sólo da America republicana, acreditamos que não é pretender muito o pedir que todos prestem o seu auxilio para que se extenda á geração futura os beneficios que devem decorrer de uma instituição tão eminentemente apta a educar cidadãos livres para uma Patria livre.

1
2
3
4
5
6
7
8
10
18
11
12
13
14
15
16
17

357

A educação frœbeliana

Resumo dos principios contidos no «Paradise of Childhood»

POR

Edward Wiebé

O principio fundamental do systema de educação frœbeliana, tão claramente estabelecido em seus escriptos e com tanto successo posto em pratica por Frœbel, resume-se no axioma de que as percepções devem preceder as idéas, isto é, que os objectos devem ser apresentados aos sentidos e que do exame correspondente ao seu modo de ser, ás suas qualidades e acções é que logicamente devem resultar as idéas, estando estas, portanto, intimamente ligadas ás percepções. Não queremos com isto dizer que tal principio seja original do creador do Jardim da Infancia, pois que muito antes delle já se dizia que «Nihil est in intellectu, quod antea non fuerit in sensu»; o que é certo, porém, é que pelo seu systema Frœbel fornece todos os elementos para se iniciar a educação humana sobre essa base logica.

As idéas precisas, como abstracções, devem originar-se de percepções (*Anschauungen*, como dizem os allemães, isto é, a observação intima). Se não se originarem por esse modo, ellas, em caso algum, poderão ser o resultado da propria actividade mental, reduzindo-se apenas a uma simples adhesão ás idéas de outrem. Póde-se mesmo dizer que, na maioria dos casos, os conhecimentos adquiridos pela generalidade da população é inteiramente desta especie. E, entretanto, todos os individuos, sem exceptuar os menos dotados, poderiam adquirir um cabedal de percepções fundamentaes que lhes servissem de pontos de referencia nos processos do pensamento. As percepções elementares indecisas ou confusas impedem a completa comprehensão das palavras, que são necessarias para se meditar sobre o pensamento de outrem e assimilar as suas idéas. Ao nosso ver, a existencia de tantas cabeças confusas e recheadas das mais absurdas noções não se deve attribuir a outro facto senão a esta falta de clareza e precisão nas percepções fundamentaes. Por outro lado, a nossa primeira infancia deve ser necessariamente o periodo em que taes percepções se formem. Sómente nesse periodo de inconsciencia mental, por assim dizer, é que as percepções se pódem formar porque as impressões dos sentidos pódem mais duradouramente fixar-se no espirito visto esse processo quasi não ser perturbado pela reflexão. Além disso, as impressões produzidas pelas cousas do mundo exterior sobre os sentidos serão mais ou menos distinctas conforme a natureza desses objectos. Não é bastante, comtudo, a méra acquisição de percepções. Assim como no desenvolvimento de todo o organismo occorre sempre uma certa série peculiar de factos, que se mantém sempre os mesmos, ou, pelo menos, se manifestam sempre de accordo com uma determinada lei para attingir o mesmo fim

ou originar-se a mesma fórma; assim tambem no desenvolvimento mental, por um processo que lhe é peculiar, deve dar-se uma série de factos sem occurrencias perturbadoras, a fim de que possa chegar á formação da respectiva idéa no espirito. A série de factos relativos ao processo do pensamento, consiste, segundo a apreciação philosophica: 1.º) Em uma impressão geral ou total; 2.º) em uma percepção isolada, de uma só cousa; 3.º) em uma observação das qualidades e relações; 4.º) na comparação; 5.º) no juizo; 6.º) na conclusão. Por isso, é de grande importancia a correcta selecção dos objectos segundo uma ordem de successão conveniente. Não basta, porém, satisfazer sómente a estas duas condições para se preparar e habituar a alma ao raciocinio logico; taes meios devem, além disso, ser applicados ou apresentados de um modo systematico e methodico. Só é possivel, por conseguinte, realizar um systema de educação, de perfeito accordo com as leis da natureza, quando bem se comprehenda o *modus operandi* das funcções naturaes do espirito, durante o seu desenvolvimento, e quando se descubram os meios adequados de auxiliar essas funcções de maneira correspondente com a sua natureza. Emquanto isso não se fizer, a educação humana ficará á mercê do acaso ou do méro instincto educativo. Para nós, o caracteristico capital do systema frœbeliano consiste principalmente na perfeita comprehensão do processo natural do desenvolvimento mental. Foi essa comprehensão que levou Frœbel a preparar certos meios de educação, ou jogos, todos de accordo com a ordem em que se opera o desenvolvimento mental que taes meios têm por fim promover. Ninguem, como elle, conseguiu jamais aquilatar com tanta profundeza o secreto cabedal da alma infantil, de modo a poder descobrir os meios adequados para o desenvolvimento do espirito

e a sua applicação methodica de accordo com as leis da propria natureza. A fim de que se tenha a certeza de que a ordem do desenvolvimento natural não é interrompido, mas logicamente auxiliado, o instincto das creanças deverá livremente manifestar-se, mas dentro de certos limites, de modo que ellas fossem ao mesmo tempo levadas a aprehender os objectos conforme lhes forem apesentados ás suas primeiras percepções. Frœbel conseguiu chegar a este resultado deixando que as creanças manejassem os objectos destinados para a producção de mudanças de aspecto, segundo a sua escolha. Assim, as creanças serão levadas a prestarem attenção aos objectos formados por consideral-os como um resultado de seu trabalho, regosijando-se em ver do que *ellas são capazes*. Estas condições sómente poderão ser preenchidas por aquella actividade livre das creanças a que chamamos—*jogos*; tudo o que representar um constrangimento não poderá empregar-se com exito por tal fim. O desejo de adquirir conhecimentos é uma faculdade innata do espirito; e, portanto, não ha necessidade de *obrigar* as creanças a travar conhecimento com as cousas que se lhes dér para brincarem. Temos apenas de escolher para seus brinquedos as fórmas fundamentaes que, como as formas typicas da natureza, offereçam, por assim dizer, um schema para o conhecimento de uma grande porção de cousas. O conhecimento das cousas só se poderá adquirir pela apreciação das suas respectivas qualidades. Temos, portanto, de procurar objectos nos quaes as qualidades geraes das cousas se manifestem perfeitamente distinctas de modo a produzirem claras e duradouras percepções. Esses objectos devem ainda ser facilmente manejaveis, attenta a pouca força das creanças, de modo que ellas venham a conhecel-os pelo uso, podendo, portanto, colher delles a experiencia relativa aos séres e aos factos do mundo

physico servindo-lhes como que para as suas primeiras experiencias physicas.

Examinando a lista do material para as occupações frœbelianas vemos que ella consta do seguinte.

1.º) Seis bolas de borracha, cobertas com tecido de retroz ou de lan, de varias côres;

2.º) Esphera, cubo e cylindro de madeira;

3.º) Cubo dividido em oito cubosinhos;

4.º) Cubo dividido em oito partes oblongas;

5.º) Cubo divisivel em metade e em quartas partes;

6.º) Cubo, constante de partes oblongas duplamente divididas;

7.º) Taboinhas quadradas e triangulares para a composição de formas;

8.º) Varinhas para construir figuras;

9.º) Anneis e meios anneis para compôr figuras;

10.º) Material para desenho;

11.º) Material para os exercicios de picagem;

12.º) Material para alinhavo;

13.º) Material para recórte de papel e montagem de figuras;

14.º) Material para tecelagem em papel;

15.º) Varetas para exercicios de entrelaçamento;

16.º) Reguas dobradiças—gonigrapho;

17.º) Fitas para enlaçamento;

18.º) Material para dobradura;

19.º) Material para construcção com ervilhas;

20.º) Material para modelagem.

Esta relação começa com a *bola*, um objecto que resume em si, pelo modo o mais simples, as qualidades geraes de todas as cousas. Como ponto de partida da forma — o espherico — dá a primeira impressão de forma, e, sendo dentre todas as cofigurações, a que mais facilmente se move, é o symbolo da vida. Será esse o primeiro objecto conhecido e com esse devem relacionar-se todos os outros brinquedos infantis. Além do ensino de forma, as bolas destinam-se a ministrar noções de *côr* e, por isso, ellas comprehendem as tres côres primarias e as tres secundarias. O principio da combinação dos contrastes ou *oppostos* que é a lei reguladora de todas as occupações frœbelianas, applica-se aqui para se discriminarem as côres primarias das secundarias, pois que estas são produzidas pela combinação de duas das primeiras.

Para que possamos adquirir idéas claras e distinctas das cousas que nos rodeam é absolutamente necessario que busquemos conhecel-as sob todos os seus aspectos e relações. As bolas empregam-se, por isso, em um grande numero de jogos e occupações a fim de que as creanças venham a conhecel-as pelo seu proprio uso, habituando-se, ao mesmo tempo, a manejal-as graciosamente. E' sómente então que se apresenta o segundo dom que consta de uma *esphera* um *cubo* e um *cylindro* dando-se assim ensejo para a comparação. Não nos referimos, está claro, a uma comparação rigorosa e racional por parte das creancinhas, mas apenas á immediata percepção sensorial ou observação das semelhanças e differenças existentes nos objectos apresentados. Pela simples observa-

ção, a creança verificará logo que a esphera é exactamente egual á bola excepto quanto á substancia. A sua primeira impressão — a de redondeza — produzida pelas seis bolas do primeiro dom, amplia-se aqui pelo facto de que essa qualidade pertence tambem á bola de madeira, ou á *esphera*, que é como se deve denominal-a, ensinando-se, assim, um novo termo ás creanças. Para se facilitar o processo de comparação, os objectos a confrontar devem ser a principio assaz differentes, em certo modo *oppostos*. A opposição entre a esphera e o cubo refere-se á forma. Mas conjunctamente com esta opposição, cumpre que tambem as suas semelhanças se tornem evidentes, pois que a comparação requer que se apprehendam não só as egualdades e semelhanças como tambem as desegualdades e differenças. O cylindro, apresentado como forma de mediação entre essas duas oppostas é, a mais simples e mais directa transição entre ellas, pois que em sua forma se combinam as qualidades tanto do *cubo* como da *esphera*.

A estes tres solidos apresentados como formas normaes ou representações fundamentaes, em que se manifestam as qualidades geraes dos corpos e que servem para determinar a impressão de um *todo*, segue-se a apresentação de outros solidos *divididos de varios modos*. Sem a divisão do todo é quasi impossivel a observação, o exame, isto é, o conhecimento desse todo. A investigação racional, a dissecção e divisão pelo espirito — a *analyse*, em summa, deve ser precedida de um processo identico nos objectos reaes, para que a alma possa reflectir a natureza. Mas a divisão feita a esmo não poderá nunca proporcionar idéas claras do todo ou de suas partes, sendo, pois, necessario que essa dissecção se faça regularmente, de accordo com certas leis. Nisto, como em outros factos, a natureza nos dá a melhor das instrucções:

ella realiza todas as suas divisões segundo leis mathematicas.

As ordens no reino vegetal se distinguem pela forma e numero das partes. Ainda aqui, portanto, Frœbel foi buscar em a natureza, o principio de accordo com o qual systematizou os meios destinados a promoverem o desenvolvimento do espirito, nos Jardins da Infancia.

O primeiro corpo dividido que se apresenta ás creanças consiste em um cubo dividido em oito cubosinhos do mesmo tamanho. O cubo é dividido uma vez em cada direcção isto é, no sentido do comprimento, da largura e da altura. A forma das partes é egual á forma do todo, differindo deste sómente em relação ao volume ou grandeza, isto é, são eguaes em forma mas deseguaes em tamanho, e esse facto evidencia-se de um modo completo por varias combinações com differentes numeros de partes. Assim, a relação de numero apresenta-se aqui ás creanças conjunctamente com a noção de forma e grandeza. A não ser por este modo, difficilmente se poderá chegar a uma idéa nitida e distincta de taes relações. No dom seguinte apparece ja a diversificação das formas tanto em relação ao todo, como em relação ás partes. A relação logica deste para com os dons anteriores consiste na forma geral do todo, que é ainda a forma cubica, e na mesma maneira de divisão. O dons seguintes (5.° e 6.°) são divididos duas vezes em todos os sentidos, ao passo que este e o anterior são divididos uma vez em todas as direcções do espaço. A variedade de formas determinada por esta divisão do cubo, proporciona amplos elementos para a invenção e producção de formas combinadas, sem que, entretanto, as creanças sejam levadas a uma actividade indefinida ou illimitada. A

combinação logica das partes para formar um todo, como é mister no emprego dos blócos, torna os exercicios correspondentes uma occupação preparatoria para as subsequentes combinações, pois que as construcções são feitas segundo certa lei, determinando, portanto, uma connexão serial identica a que mantém a natureza no agrupamento ou ligação de todos os organismos. Assim como a natureza inicia as suas formações por aglomeração, assim tambem as creanças nas suas primeiras occupações começam por méra accumulação de partes. Entretanto, no mundo visivel a ordem é um requisito do bello, assim como tambem no mundo do pensamento, a logica é indispensavel para a formação das idéias precisas, e é por isso que Frœbel estabeleceu a sua lei da *combinação dos oppostos*, dando-nos assim o guia mais seguro e mais simples para chegarmos a taes resultados.

Nas construcções, esta lei applica-se na reunião das varias partes relativamente á *forma* ou relativamente ás differentes posições dessas partes em relação a um centro commum. Se reunirmos, por exemplo, faces com faces e arestas com arestas, formaremos combinações *oppostas*; e, se em vez disso, alternarmos reunindo faces com arestas ou vice versa, teremos formas de mediação. Do mesmo modo, abaixo e a cima são oppostos e, em relação a essas posições, a direita e a esquerda da figura construida serão as partes mediativas. Pela pratica deste principio, estabelece-se uma ordem admiravel pela qual, mesmos os alumnos da mais tenra edade, muitas vezes insensivelmente, produzem formas regulares e as mais attrahentes figuras. Esta reunião regular e seriada das *partes* para a construcção de um *todo*, segundo uma determinada lei, amplia-se ainda pela connexão de varios todos para a producção de ordens e series, assim como se dá com todos os reinos da natureza, e assim como tam-

bem nos processos mentaes a necessidade de categorias se faz sentir. No Jardim da Infancia, tambem, por meio dos diversos dons, produzimos differentes *series* de formas e figuras decorrentes de *formas elementares*, a que damos a denominação de *formas de vida*, *formas de conhecimentos* ou *idéaes*, *e formas de belleza* ou *symetricas*. As primeiras são a representação de objectos de existencia real e que caem no dominio da observação commum, taes como os productos da arte e da industria humana; as segundas são as que se destinam a dar ensejo para os conhecimentos relativos ao *numero* á *ordem* e á *proporção*; as terceiras, finalmente, são tambem formas idéaes mas construidas com tal regularidade que apresentam perfeitos modelos de symetria e ordem no arranjo das partes.

Pelas occupações com estes corpos, differentemente construidos mas sempre regulares, as creanças vem a fazer observações da maior variedade as quaes constituem, pelo immediato emprego e manejo dos objectos, uma verdadeira experiencia. As observações relativas ás linhas verticaes e horizontaes, aos angulos, ás direcções superior e inferior, á regularidade, ao equilibrio de peso, á relação de centro e circumferencia, de multiplicação e divisão, de tudo isso se origina a harmonia nas construcções, imprimindo-se, por assim dizer, no espirito das creanças, a cada paso, e indelevelmente. O primeiro conhecimento, ou antes a idéa das qualidades da materia e o seu primeiro emprego realizam-se, assim, de um modo muito simples e attrahente. Assim, a applicação systhematica do material segundo uma gradação logica, é, por assim dizer, a imitação da logica da natureza, cuja representação se encontra nas fórmas de crystalisação. Que de melhor podemos fazer, com effeito, do que imitar esses meios para desabrochar e

robustecer o germem da logica, implantado no espirito de todo o ser humano?

O conhecimento da substancia e das suas qualidades é uma condição de indiscutivel importancia para o conhecimento das cousas. Isto consegue-se com os dons frœbelianos empregados successiva e apropriadamente. Do segundo ao sexto dom, os objectos são de *madeira*, constituindo ao mesmo tempo corpos *solidos*.

Em seguida, já a materia se apresenta como planos, representados pelas taboinhas para a construcção de figuras. Por ellas dá-se a noção das fórmas mathematicas fundamentaes mais simples, corporisadas em planos, a começar pelo quadrado e seguindo se gradativamente o triangulo rectangulo isoceles ($^1/_2$ do quadrado), o triangulo rectangulo escaleno, o triangulo obtusangulo e o triangulo equilatero.

As varinhas, para o entrelaçamento formam a transição do *plano* para a *linha*, e constituem ainda um progresso, em relação aos pausinhos, pois que pódem juntar-se de modo e formar combinações mais duraveis.

Os pausinhos, representando linhas corporisadas, facilitam os elementos do desenho figurando como contornos moveis de planos. Elles devem considerar-se como o plano dividido de modo a adaptar-se em suas connexões á fórma de que partimos. Por meio dos pausinhos, devido á formação de figuras, mais proeminente se tornam as relações numericas. A applicação da lei dos oppostos em todas as occupações anteriores refere-se á *fórma* e á *direcção* das partes.

Nos lavores com ervillas os pausinhos (substituidos por fios de arame) juntam-se por meio de *pontos* representados por ervilhas, fazendo ver que é

a união que produz as mais duraveis formações da materia.

Encerra-se aqui a primeira secção deste alphabeto de cousas creado por Frœbel para dar imagens elementares para o subsequente exame da fórma mais complexa, da grandeza e das relações numericas. Assim, a creança é conduzida de um modo logico do corpo *solido*, por meio das suas divisões, dos planos, linhas e pontos corporisados, ao ponto em que começa o abstracto, sem comtudo entrar no dominio da abstracção que é um processo posterior, devendo, por isso, reservar-se para outros periodos do ensino. Não se poderia, effectivamente, crear meios e methodos mais apropriados a reduzir as percepções mathematicas ás apparencias do mundo material. Todas as abstracções são tiradas —*abstraidas*, das manifestações do mundo exterior, segundo o sentido original do termo. E embora as conclusões posteriores (que pódem elevar-se ao infinito) naturalmente as afastem da sua origem, alcançando-as ás maiores eminencias do pensamento, nem por isso as suas raizes deixam de assentar no mundo material. A asserção de que as idéas se originam sómente das percepções será inteiramente erronea e não demonstrada, ou, então, entre os séres do mundo material e os objectos do pensamento deve existir necessariamente uma certa connexão e analogia, conforme já o dissémos. E se ficar provado que a ordem do desenvolvimento do espirito humano necessariamente se dá, até certo ponto, sem a nossa assistencia, por um processo natural, então a educação não deverá adoptar nenhum outro; por conseguinte, será este o unico methodo de desenvolvimento do espirito, porque opéra segundo as leis da natureza, embora não exclua a assistencia de nossa parte e antes a invoque. Muitas vezes temos tido ensejo de notar quão facilmente o espirito, sem a as-

sistencia humana cresce em *más* direcções á semelhança de uma arvore que nunca sentiu os effeitos do podão.

Nas occupações do jardim da Infancia nota-se uma outra gradação progressiva, isto é, a passagem, do *solido*, do *proprio objecto* para a representação de sua *imagem* pelo desenho. Os planos, as linhas, as varias, fórmas de triangulos e de outras figuras geometricas apparecem ainda aqui, mas produzidas por um material diverso. O manejo dos differentes solidos, o mais importante meio de acquisição de conhecimentos durante os primeiros annos da vida infantil, substitue-se agora pela inspecção visual dos objectos apresentados á sua observação, de modo que a imagem do objecto, por assim dizer, tome o logar do proprio objecto. O desenho a lapis tem essa tão eminente importancia porque habilita a creança a reproduzir as imagens que se originam no seu espirito pela representação visual, objectivando-se, por esse modo, e tornando-se, assim, precisamente apreciadas.

Inquestionavelmente no desenvolvimento da especie humana, o objecto precede a sua imagem ou representação, do mesmo modo que a imagem desenhada precede os signaes escriptos ou as lettras. Nos primeiros estadios da civilisação, estes signaes pelas cousas eram imagens, como se vê nas inscripções hieroglyphicas. As nossas lettras, actualmente empregadas, representam o mais elevado gráu na escala das imagens dos signaes. E por esse motivo é claro que o ensino da escripta não se deverá fazer nunca antes do desenho.

O methodo frœbeliano para o ensino do desenho é tão simples quanto engenhoso. Segue-se aqui a mesma ordem, a mesma gradação que no estudo das cousas em relação á sua fórma, grandeza, numero e

proporções. As varias formas que, como objectos, occuparam as creanças, apparecem aqui graphicamente e multiplicam-se ao infinito. A gradação dos elementos mais simples aos mais complexos, a grande multiplicidade de séries, determinadas pelas diversas posições das linhas e das fórmas geometricas fundamentaes, a transição logica da linha recta para a curva, tornam o desenho — deixando de parte a sua importancia artistica—um dos meios mais efficazes para a disciplina do tenro espirito das creanças. E' o primeiro passo para a futura observação mais cuidada das relações geraes das cousas, do minimo para o maximo, consideradas não só como partes mas como conjunctos de partes.

Nas occupações que se succedem, conjunctamente com a ampliação das formas, manifesta-se a côr, e os trabalhos das creanças approximam-se cada vez mais das creações artisticas reaes. Nos trabalhos de *tecidos*, predomina o *numero* porque os oppostos, pares e inepares, combinam-se pelo emprego alternado de uns ou de outros. Nas dobraduras, os oppostos são constituidos pelo contraste de direcção das linhas (horizontaes e verticaes) originadas pelas dobras, e esses oppostos combinam-se por meio da linha mediativa, a obliqua. Do mesmo modo essa lei encontra applicação nos angulos—nos agudos e obtusos como oppostos, tendo como mediação o angulo recto. Tudo isto se reproduz nos trabalhos de *picagem* e de *alinhavo*. O *córte* de papel succede a estas occupações dando uma perfeita noção dos elementos mathematicos applicaveis ás representações plasticas.

Como se vê, por toda a parte encontramos o mesmo encadeamento da percepção, da sua subsequente representação e do conhecimento experimental que de ambos resulta. Todas as partes ou secções deste

systema de occupações se reunem, pois, entre si, logicamente, servindo á creança como um fiel reflector do seu proprio desenvolvimento a cada passo. E o espirito já formado, de accordo com estes principios, bem poderá, mais tarde, relacionar com facilidade as suas concepções e pensamentos a essas nitidas e bem definidas imagens typicas, na sua propria origem, pois que taes experiencias jamais se poderão apagar do espirito.

Os que do systema frœbeliano tem um conhecimento superficial dizem que, por taes processos, as faculdades infantis são prematuramente despertadas, pesando sobre tão tenra edade. Para desfazer essa accusação basta uma cuidadosa investigação, cujos resultados, sem duvida, hão de trazer a convicção do contrario.

O exercicio manual, que se effectua em todas as occupações frœbelianas, a continua representação de objectos, as formações plasticas, são de grande attractivo para a natureza infantil e excitam a sua expontanea actividade. As observações que se apresentam ao espirito, preparando concepções mathematicas, surgem, por assim dizer, como accessorias e em tal escala que as proprias creanças as desejam. Nada é *forçado* ou imposto ao espirito. Nem se póde dizer que predomine o ensino, o que predomina são as occupações praticas e a producção individual por parte dos alumnos; o que predomina são os elementos de acção que a natureza reclama. A actividade das mãos é a condição fundamental de todo o desenvolvimento infantil, como tambem o é para a acquisição do *conhecimento* e dominio da materia. A habilidade mechanica, a dextreza technica, a educação de todos os sentidos suppõem sempre a occupação manual. Entretanto, se esta feição do systema frœbeliano se torna mani-

festa surge logo uma outra classe de oppositores, affirmado que não se deve começar com o trabalho antes que a alma se desenvolva. Cumpre, porem, notar que as faculdades das creanças não se empregam em occupações exclusivamente mechanicas, mas que, ao contrario, o que se busca é desenvolver harmonicamente tanto o corpo como a alma, o que constitue o verdadeiro objectivo da educação. E isto está de perfeito accordo com os principios de Frœbel que, se forem convenientemente praticados, realizarão inteiramente um tal objectivo. Nenhuma occupação no Jardim da Infancia é inteiramente mechanica, devendo-se mesmo accrescentar que uma das mais importantes condições a preencher consiste exactamente em evitar esse inconveniente.

Nada é mais evidente a quem observa cuidadosamente a natureza infantil do que a tendencia que têm as creanças de absorver *todos* os sentidos simultaneamente na observação de tudo o que as rodeia. Ellas desejam ver, ouvir, sentir, em summa, todas as cousas que lhe lhes parecem bellas, alegres ou agradaveis, passando então a exforçar-se em reproduzil-as tanto quanto lhes permittem as suas circumscriptas faculdades. Dar e receber é o que constitue a vida em todos os sentidos, e essa é a tendencia natural da creança, e nesse sentido é que se deve encaminhal-a para o seu completo desenvolvimento. Os olhos e os ouvidos buscam o bello como o gosto e o olfacto, o agradavel, e as impressões que o bello e o agradavel exercem na alma da creança, incitam o desejo, mais do que o desejo, a necessidade de producção, de representação, de formação. Se deixassemos de prover os meios de satisfazer a essa tendencia, nunca chegariamos ao completo desenvolvimento do coração, de modo a formal-o para os mais elevados ideaes. Ao nosso ver, essa tendencia natural não póde ser

encaminhada de modo mais perfeito e apropriado do que representando pela *fórma*, pela *côr* e pelo *som*, cada qual de um modo peculiar, o sentimento do bello e do agradavel. Quanto mais cêdo se iniciar essa representação, tanto mais perfeitamente o coração ou o sentimento esthetico se desenvolverá e tanto mais sólidamente se firmarão as bases do aperfeiçoamento moral. A aptidão para crear ou produzir depende do desenvolvimento da mão simultaneamente com o dos sentidos. As proprias combinações dependem tambem da observação das varias relações de formas, grandeza e numero, conforme se manifestam pelos dons empregados para o desenvolvimento preparatorio das faculdades perceptivas. As formas e figuras mathematicas são, por assim dizer, o esqueleto do bello quanto á forma, e esta para sua perfeição reclama sempre a linha curva. As imagens dos povos antigos como as que se encontram nos templos egypcios são compostas de linhas rectas, formando portanto figuras geometricas. A linha curva, a verdadeira linha de belleza, encontra-se posteriormente quando já o sentimento artistico se acha mais desenvolvido. As formas de belleza, ou symetricas, que se alternam em todas as especies de occupações dos Jardins de Infancia com as formas ideaes e as de objectos reaes, proporcionam os mais adequados meios para o desenvolvimento do senso artistico, da aptidão para a arte, evitando ao mesmo tempo a méra predominancia do frio entendimento.

As faculdades do espirito não se acham ainda separadas nas creanças, a intelligencia, o sentimento e a vontade actuam em conjuncto e cada uma dellas se desenvolve por meio das outras. A combinação das representações de fórmas serve tambem como exercicio preliminar para essa combinação psychologica a que acima nos referimos e, por esse modo, o

que a mão produz avigora a vontade e a energia das almas infantis, satisfazendo ao mesmo tempo o sentimento. Todo o trabalho do homem, seja embora o labor manual commum, consta da união de partes para formar um todo, isto é, resume-se sempre em *organização*, na mais elevada significação do termo. Quanto mais tivermos consciencia do fim, dos meios e dos processos do methodo referente ao nosso trabalho, tanto mais activo será o espirito e tanto mais eminentes e nobres serão os resultados. O gráu infimo do trabalho humano é constituido pela imitação mechanica; o mais elevado consiste na livre creação ou producção segundo uma concepção propria ou original. Entre estes dous extremos desenvolve-se a escala completa que resume todas as especies de trabalho até a livre producção da arte ou da sciencia, em que a invenção se ostenta como o resultado de um triumpho gradual sobre a simples imitação. E' essa mesma escala, em miniatura, que as occupações frœbelianas fazem percorrer as creanças. Da primeira e immediata impressão dos objectos e das fórmas do mundo exterior, ellas elevam-se para a *arte*, isto é, a creação segundo as proprias idéas, para a producção original. A natureza para esse fim implantou no espirito uma energica tendencia para a producção de fórmas, que será a mais proveitosa para o espirito se for convenientemente dirigida. Por essa simples tendencia, as imagens resultantes das percepções attingem a necessaria e perfeita nitidez, a faculdade da observação a sua agudeza e experiencia, donde resultam todos os requisitos que concorrem para que o trabalho do espirito humano tenha uma base segura. A invenção ou a creação livre, constitue o ponto culminante da independencia mental. E' a essa eminencia que levamos as creanças gradual e systematicamente. Se aos prinmeiros passos se resentem da falta de uma perfeita

consciencia e ampla concepção do fim a que tendem, em compensação cada passo prepara-as para esse resultado. Os objectos apresentados e o material empregado proporcionam ás creanças sob a direcção de um espirito já formado, um alphabeto de arte e de conhecimentos, cumprindo notar que a arte precede sempre a sciencia, como o demonstra a historia em todo o desenvolvimento humano.

*

Se agora lançarmos um golpe de vista retrospectivo sobre todos os meios de occupação do Jardim da Infancia, verificaremos que o material está systematisado segundo uma ordem gradativa a partir do *solido*, do *todo* para as suas *partes* até chegar-se á sua *imagem* sobre o *plano* e aos seus limites—as *linhas* e o *ponto*. Ao material mais pesado, com fórma immodificavel que se destina só ás occupações, que se effectuam sobre as mesas, seguem-se outros gradativamente mais maneiros e flexiveis. A' *madeira* segue-se o *papel*, os planos representados pelo papel para as dobraduras são depois substituidos por *tiras* para as tecelagens, como uma transição para as *linhas*. Os *pausinhos* ou os *fios de arame* são então empregados para a execução de figuras mais permanentes reunindo-os por meio de ervilhas que representam os *pontos*. Em substituição a este material apparecem em seguida as *linhas traçadas*, addicionando-se então o colorido. Segundo a mesma gradação, a perfuragem e o alinhavo representam um outro accrescimo de processos para a creação de imagens que, no recórte de papel, encontram ainda novos elementos de representação.

A modelagem, finalmente, constitue a occupação artistica immediata, sendo agora inteiramente plastico o material empregado.

Pelos *cantos*, a creança entra no dominio dos *sons*, e os *jogos de movimento* e a *gymnastica* fazem com que o corpo se desenvolva harmonicamente em todas as suas partes. Na pratica dos trabalhos manuaes, como o perfurar, cortar, o medir, unir, construir, desenhar, colorir e modelar, assentam-se as bases de todas as futuras occupações dos artesões e dos artistas que são identicas sob certos aspectos, como o indica a antiga synonymia destas expressões. Especialmente no que se refere á ornamentação encontram-se no Jardim da Infancia todos os elementos necessarios. As fórmas produzidas pela dobradura, por exemplo, são taes que sem modificação poderiam empregar-se em relevos architectonicos, e o mesmo se poderia dizer das fórmas produzidas pelos trabalhos de alinhavo, tecelagem e das figuras resultantes do recórte de papel.

A cada uma das vocações humanas o material do Jardim da Infancia proporciona o necessario ensejo de exercicio fazendo-as partir de cousas *concretas*. Não se póde realmente satisfazer, de um modo mais completo, as exigencias da Pedagogia moderna do que fazendo-se as idéas resultarem das percepções derivadas de objectos reaes, como se dá no genuino Jardim da Infancia.

Basta ter uma simples noção dos processos e das occupações frœbelianas para a gente se convencer de que os brinquedos (play things) communs das creanças não pódem de modo algum, attenta á sua inutilidade, comparar-se com o material de occupações do Jardim da Infancia. Não queremos dizer com isto que os primeiros não se possam tornar aproveitaveis para o desenvolvimento infantil; o que é certo, porém, é que os resultados obtidos com taes brinquedos devem antes attribuir-se ao proprio instincto das crean-

ças. Os brinquedos que se não obedecem a um plano e a uma necessaria direcção não pódem preparar a creança para os primeiros aspectos da vida e para que saibam gozar as suas innocentes distracções. Assim como a planta que, mesmo em estado selvagem, tira do sólo a sua nutrição, assim a alma da creança tira dos objectos que a rodeam pelos meios a seu alcance, o seu alimento educativo. Mas com o espirito infantil succede o mesmo que com a roseira, a qual tratada com cuidado no jardim produz flores muito mais bellas do que a roseira silvestre. O mesmo póde-se dizer tanto da alma como do corpo das creanças. Assim como o corpo não póde ter um sadio desenvolvimento desde que se alimente sem a necessaria selecção, do mesmo modo a alma para attingir á cultura de que é susceptivel reclama uma escolha ainda mais cuidadosa dos meios destinados a promover o seu desenvolvimento. Cumpre, porém, accrescentar que o livre arbitrio das creanças só deve ser limitado quando assim o exigir a systematica applicação de taes meios. A propria creança instinctivamente achará por si mesma os elementos necessarios ao seu desenvolvimento mental, desde que se lhe dê o material adequado e se indique o seu emprego mais apropriado de accordo com uma certa lei.

Frœbel teve um admiravel successo na creação do material adequado, bem como na determinação do melhor modo de applical-o com o fim de preparar as creanças para todas as situações da vida em todos os ramos de occupações da especie humana.

Quando se fundou o primeiro Jardim da Infancia essa instituição foi logo prohibida e o seu creador viu-se forçado a andar de um lado para outro em sua Patria por causa dos principios liberaes do seu systema de educação. O olhar perspicaz do governo

monarchico bem percebera que tal instituição não poderia preparar subditos submissos á oppressão e, por isso, os governantes *por graça de Deus* só toleraram o Jardim da Infancia depois que a opinião publica se manifestou fortemente em seu favor.

Trabalhando em pról do estabelecimento do Jardim da Infancia no sólo da America republicana acreditamos que não é pretender muito o pedir que todos prestem o seu auxilio para que se extenda ás gerações futuras os beneficios que devem decorrer de uma instituição tão eminentemente apta a educar cidadãos livres para Patrias livres.

(*Trad.*)

G. Prestes.

Os jogos e a externação da individualidade

A regra e a ordem que acompanham os jogos frœbelianos têm dado origem a censuras, luctas e accusações que oppõem obstaculos á expansão do systema.

Taes accusações partem de uma falsa observação ou de espiritos oppositores e bellicosos por intenção, e, como uma das mais antigas frœbelianistas italianas, não posso ficar indifferente quando ás educadoras frœbelianas, que fazem tudo para a educação das creancinhas, são atirados epithetos muito levianamente repetidos.

Chamar *marionettiste* ás educadoras frœbelianas porque se tornam creanças com as creanças, porque assumem a direcção de seus brinquedos e aconselham outras que têm sempre um fim educativo a manifestar-se em beneficos resultados; chamar *marionette* ás creanças porque, seguindo os conselhos da educadora, dispõem os cubos de maneira a formar uma casinha, um poço, etc., palavras que foram já pronunciadas no conto ou na conversação da manhã e que ficaram assim illustradas — significa adaptar epi-

thetos offensivos e não saber encontrar outros mais picantes e mordazes para aquelles que, seguindo antigas tradições, damnificadas sempre com suppostos melhoramentos, continuam a exercer em nossos asylos uma tyrannica oppressão.

E, emquanto se impressionam por leves faltas, que têm sua razão de ser e são depois compensadas por tantos e tantos beneficios, não estremecem de indignação pela tortura a que são geralmente condemnadas as creanças nos asylos.

Espontaneamente, vem-me aos labios esta pergunta: — Desde quando, e como se pode chegar á perfeição logo aos primeiros passos? O systema frœbeliano representa uma comparação dos já adoptados, um melhoramento, um progresso? Baseia-se em leis immutaveis, reconhecidas por tal? Pois bem, se com elle se pode dar um passo para o progresso, adoptemol-o, aperfeiçoando-o, mas, não o tornemos impossivel com adjectivos que, injustamerte, o cobrem de ridiculo!

Louvemos, ao menos, a coragem daquelles que, de continuo, abandonando ou esquecendo as offensas, offerecem alguma cousa digna de substituir ao que se destróe com acres censuras.

Censurar para destruir e não substituir parece-me uma das mais perigosas tendencias humanas; e, infelizmente, ao systema frœbeliano não tem faltado dessas censuras.

São, justamente, taes perigosas censuras que fazem incorrer alguns educadores em exaggeros, pois que esses, deixando-se guiar pelo principio de respeito exclusivo e total da individualidade e espotaneidade das creanças, offerecem-lhes os dons e todos os outros objectos, sómente para lhes dar meios de brincarem.

Quanto é reprehensivel esta pratica demonstra-o uma experiencia que fiz e que cada uma educadora poderá repetir:

– Um dia, destribui os cubos ás creanças da minha classe e lh'os dei a conhecer como um meio de brinquedo. Depois, puz-me a observal-as attentamente para ver como se manifestava a espontaneidade e a individualidade. O primeiro movimento foi tão brusco que espalhou, desordenadamente, pela mesa os cubinhos que reunidos, formavam o grande cubo inteiro. Para que as creanças brinquem com ordem, não destruindo mas transformando o inteiro, para com as partes representar outras fórmas, deve-se dar uma primeira imposição; a obediencia e ordem que disto resultam, cada um que tiver educado creanças o poderá dizer. Os pedagogos aconselham que não se deve dar preceitos ás creanças se não se quer errar caminho e perder tempo. Melhor que dar preceitos é proporcionar ás creanças os meios de experimentar, de seguir, de imitar, sob a direcção solicita da educadora.

Supponhamos, por um pouco, que a desordem dos cubinhos, o modo de construir, destruindo primeiramente, não tragam perigosos habitos e graves consequencias á vida das creanças; todas se afanarão, a principio, para representar qualquer cousa; collocarão os cubos, um sobre o outro, não com o fim de construir ou representar uma columna, porque ninguem lhes fallou em tal, mas, sómente, para gozar a satisfação de derribar com uma só pancada os cubinhos para esse fim sobrepostos. Desta especie foram as contrucções de todas as creanças, quando lhes deixei livre a vontade para manifestação da espontaneidade.

A experiencia tem mostrado, portanto, que as creanças, quando não têm primeiro imitado as cons-

trucções da educadora, construcções infallivelmente acompanhadas de conversação ou discursos com o fim de illustral-as, ou copiado dos companheiros mais vivos e observadores, constroem e trabalham como tive occasião de observar. E se, por alguns dias, continuarmos a experiencia, em pouco, veremos os cubinhos esquecidos na caixa por terem perdido todo o encanto.

São considerados justamente como os brinquedos que têm as creanças em casa e que, depois de terem por alguns dias despertado o enthusiasmo e a alegria, ficam abandonados a um canto de qualquer aposento.

Nas mãos da creança, o cubo dividido é primeiro um instrumento, um brinquedo que ella não sabe ainda usar e que fica, por isso, inefficaz e póde até mesmo produzir damno ou, quando menos, perda de tempo, sem a direcção da educadora.

Quem ha de dizer e provar com factos á creança que o cubo é um meio com o qual ella póde representar as impressões recebidas? Quem acostumará a creança, com benefica influencia e suggestivos exemplos, á util transformação em vez da louca destruição?

E' aqui bem clara a necessidade que tem a educadora, a qual deve ser tambem uma artista, de, sem oppôr-se, pronunciadamente, á volubilidade da creança, nella despertar por força suggestiva, o desejo de brincarem juntas e de terem como modelo uma construcção que possa representar um ou mais objectos ou o assumpto do conto e da conversação da manhã.

O meio que possuimos para satisfazer os desejos que nós proprios temos despertado e alimentado nas creanças, sem que no seu animo tome raizes o

habito perigoso da destruição e da desordem, é construir e mostrar ás creanças as construcções feitas para que as imitem ou trabalhem comnosco; mas, neste caso, como evitar o necessario. — «Tomemos dois cubos, colloquemol-os um ao lado do outro; vamos agora sobrepôr mais dois aos primeiros...« — e assim por diante? Muitos dirão:» — Mas, assim é esquecido o principio da espontaneidade e da individualidade na creança!

Ainda um pouco de paciencia e verão que se tal principio foi, por um momento, esquecido, logo se tornará mais fructifero de bens. A semente faz moita, tem maior vigor e dá mais copiosos fructos, quando, na epoca do seu desenvolvimento, a tempo opportuno e com regular duração, recebe sobre si um obstaculo que, por um pouco, lhe impede a expansão ao exterior, mas que augmenta, por isso, a sua força expansiva e productiva. A neve é bemdita pelos camponezes quando cumpre tal serviço. Não façamos, portanto, que as nossas creanças, livres de externar a sua individualidade, sem uma direcção, uma experiencia, uma mira, um nobre estimulo, uma perfeição maior em vista, cresçam como as hastes que não encontraram obstaculo algum ao nascer e que elevam aos ares as espigas vasias ou despedaçam-se ao mais ligeiro abalo.

Se as condições favoraveis da natureza e as regras da cultura do homem concorrem poderosamente para o vigor das plantas, porque queremos nós privar dellas a planta mais nobre e mais bella — o homem?

As occupações frœbelianas necessitam primeiro ser reguladas, para que as leis que as governam sejam uniformes ao desenvolvimento natural da creança; mas, quando se tem alcançado tal fim, deixam-se es-

tas leis, certo de que as creanças, regulando-se por ellas, darão á materia forma variada e diversa, segundo a sua aptidão. Quem poderá dizer que existe, no que tenho dito, liberdade sem lei? E esta lei que deve regular nos brinquedos a actividade da creança, se não queremos que ella se desenvolva aos saltos e vagamente, será para a propria creança como uma nova força de reconcentramento, de reflexão e de guia que dará á sua actividade maior e mais vivaz impulso.

Emquanto se negligencía ou se reprime por um pouco, o principio da espontaneidade procura-se fazel-o sem imposições á creança, antes, apparentemente satisfazendo um seu desejo.

Quando é chegado o momento propicio, portador de bons fructos, é então que se diz: — «Agora, meus pequeninos, brincae, construi tudo quanto quizerdes... Vejamos se vossas construcções têm mais ordem, são mais exactas que aquellas que fizemos juntas. Os melhores e mais activos constructores terão o gosto de ver os seus trabalhos admirados por todos e imitados pelos companheiros. Trabalhae, que eu vos aconselharei e ajudarei.»

Em que foi aqui despresado o principio de espontanidade? Para observal-o exclusivamente, deveria eu permittir que a espontaneidade de qualquer malicioso se expandisse até prejudicar a observação calma de um companheiro?

E' bem verdade o que disse o illustre Gabelli: «— E' velha culpa dos discipulos o levar a extremos a doutrina de seus mestres e de fazel-os perder, com o excesso de zelo, o credito e a auctoridade!»

Assim, se é pela exaggeração que se fazem aconselhar aquellas frœbelianas que tornam a creança uma machina, um phonographo vivo, constragendo-a a uma

continua repetição e imitação, é, precisamente, pela mesma exaggeração que outras, no temor de serem censuradas por falta de respeito ao principio de espontaneidade e de individualidade na creança, fazem-n'a brincar sempre a seu gosto, sem attender aos resultados de taes praticas.

Eis porque eu, abhorrecendo os extremos, e solicitada tambem pela experiencia, julgando exaggerados os dois conselhos oppostos, lembro aqui, como uma sabia educadora deve dividir os brinquedos, as construcções, as occupações em tres momentos importantes. O primeiro será dedicado á conversação, para dar o conhecimento, o segundo á construcção, ao trabalho ou applicação da conversação, para tornar activa a creança; por ultimo, o que é mais importante para o desenvolvimento da espontaneidade e para o conhecimento, por parte da educadora, das impressões já recebidas pela creança, que se manifestam justamente nas occupações livres, — serão os jogos livres com a continua e sábia vigilancia da educadora, á arte e á experiencia da qual, são confiadas a justa medida e os bons e totaes resultados. Para que a educadora ganhe a confiança e o affecto de suas creanças, — e é preciso tão pouco para que isto aconteça! — basta que, tornando-se creança como ellas, nem uma só vez tenha occasião de oppôr-se a sua espontaneidade.

As creanças, muitas vezes, insistentemente, quasi que me obrigam a mostrar-lhes construcções, quando eu não me sinto disposta a fazel-o. Pois bem, se eu me nego, em pouco ficam todos os cubinhos esquecidos e abandonados. Quando eu lhes faço a vontade e trabalhamos juntas em novas construcções, ao dizer-lhes por fim: — Agora ide brincar e construir á vontade! — se ellas não são já adeantadas e habituadas a fazel-o, quasi sempre me respondem: — «Não, não, brinquemos juntas!»

Algumas pessoas têm-me perguntado:

— «Porque as creanças, especialmente as que não têm ainda feito uso dos jogos ou dons, pedem sempre a repetição das mesmas construcções?»

A resposta me é dada tambem pela experiencia.

Ha tempos, vinham á minha casa uns pequeninos travessos que espalhavam a desordem e a ruina por todos os aposentos. Uma vez, por amor ao socego, decidi-me a occupar aquella actividade que se expandia de uma maneira tão prejudicial.

Dei a cada um delles uma caixinha de cubos e mostrei-lhes algumas construcções. Era de ver-se, então!

Attentos, risonhos, pareciam gostar immenso da garrulice com que eu acompanhava o brinquedo. Desde aquelle dia, cada vez que me appareciam era logo com pedidos para que brincassemos com as caixinhas de cubos; e, satisfeito o seu desejo, recordavam-se immediatamente das construcções já feitas, dizendo:— «Vamos construir agora uma casa, um poço, uma fonte, etc... Se eu os deixava a brincar sósinhos, faziam justamente as construcções por mim aconselhadas. Depois destas experiencias, consegui, algumas vezes, que fizessem cousas novas, de sua propria invenção. Passados dias as creanças continuaram a visitar-me mas, caso extranho, não mais pediam a caixinha de cubos. Porque? Eis a razão:

A sua mamãe, tendo visto que ellas se deleitavam a brincar commigo, attribuiu o encanto e o socego das creanças, simplesmente ás caixinhas dos cubos e, cedendo a instantes pedidos dos filhinhos, deu-lhes duas, de presente. Disse-me depois que por um ou dois dias os pequeninos se tinham divertido a recons-

truir as formas que haviam feito commigo, repetindo as conversações ouvidas a proposito. Divertiram-se ainda, mais tarde, achando uma ou outra fórma nova, e depois? Depois ficou a caixinha abandonada em um canto de qualquer aposento e os cubinhos andavam dispersos pela casa.

O brinquedo perdera o encanto do principio. As creanças não tinham sabido usar delle; não sabiam ainda qual o meio de transformar as construcções representando cousas novas, pois que muito breve fôra o exercicio feito commigo.

Agora, pergunto eu: Como offerecer ás creanças um tal brinquedo, sem primeiramente mostrar-lhes os thesouros de conhecimentos que delle se podem originar? Quando o vivo desejo, que as creanças sentem, de conhecer e experimentar, não for satisfeito, ellas abandonarão o cubo com a mesma indifferença com que abandonam qualquer outro brinquedo. Vem-me a proposito mais uma consideração. Emquanto uma voz severa surgia contra o fröebelianismo, accusando-o de imposição ás creanças, imposição que lhes destróe a individualidade, fazendo-as de *marionette*, uma voz mais forte ainda e que tinha mais graves consequencias, surgia na propria Germania, ante a expansão dos Jardins da Infancia, fazendo que na Prussia, em Setembro de 1851, fossem os mesmos prohibidos por fomentadores de muita liberdade e de socialismo! prohibição essa que foi, depois, sabiamente levantada.

Se ha um defeito em todos os Jardins de Infancia é o seguinte:

As mestras fallam muito e as creanças pouco ou quasi nada! E, o que é peor ainda, as creanças ficam quasi sempre passivas, não têm iniciativa, não

sabem externar bem suas ideias, seus pensamentos e têm, por isso, vergonha de exprimir o que desejam.

Quando todos os exforços da educadora forem para ajudar a creança a pensar, a fallar, a expôr francamente a propria experiencia, a opinião e os desejos, servindo-se, como meios adaptados, de brinquedos e de jogos, então, sim, não se ouvirá mais nos Jardins de Infancia aquelle mesquinho e continuo perguntar: — «Que tendes, agora, na mão?» e a mais mesquinha e monotona resposta: «Um cubo!»

Tenho tido sempre mais necessidade de refrear, que de incitar, a espontaneidade das creanças a mim confiadas, para que não a veja degenerar em desordem e barulho.

Todas as vezes que, tendo feito uma comparação, dou opportunidade a que as creanças façam outras, fico satisfeita com as suas descobertas; como são verdadeiras e de profunda significação! E quantas vezes devo confessar a mim propria não ter eu ainda observado tão profundamente os objectos comparados!

Mais do que methodos a adoptar, mais do que meios a offerecer, é importantissimo preparar bôas educadoras da infancia, que sejam verdadeiras artistas, as quaes não darão, certamente, preceitos mas collocarão as creanças em relação com vivos exemplos e uteis experiencias que não as fatigarão, por certo, sendo acompanhadas e animadas pela expansão alegre dos brinquedos.

E' a arte, a arte da educadora, portanto, que póde e sabe alegrar com a doçura de um sorriso, com o suave calor de um brilhante raio de sol a delicada existencia infantil, e que póde, á vontade, attrahil-a para o methodo ou delle tornal-a inimiga.

Esta arte não se adquire com o estudo ou com a sciencia exposta nas Escolas Normaes: as mais esforçadas educadoras formam-se na propria escola.

Eis assim indicada mais uma razão de desaccordo entre a theoria e a pratica frœbeliana. São reconhecidos justos os principios e verdadeiras as leis que regulam o systema; mas, immensas são ainda as censuras dirigidas ás educadoras, em seguida á applicação.

Nem todas as que elogiam o systema estão no caso de mostrar, com factos, o que tão explendidamente demonstram em theoria.

Quantos passos avante teria adiantado e adiantaria ainda a applicação do systema frœbeliano se, mais que expondo a theoria, se formassem as educadoras em uma verdadeira escola modelo!

Desgraçadamente, estes verdadeiros e completos modelos faltam e, emquanto não forem creados, continuarão as inuteis discussões que, encolerisando os espiritos e gerando a confusão nos cerebros, com sophismas e dissertações, hão de procurar aos Jardins da Infancia, mais que amigos, oppositores.

Zalina Rolim.

(Do livro de «Amalia de Rosa»).

Das "Minhas Notas"

II

As nossas creancinhas, especialmente as mais novas — algumas com menos de quatro annos — achariam por demais extenso um periodo de quinze minutos para ouvir as historias e questões da professora se, durante esse tempo, não lhes fosse permittido distrahirem-se com este ou aquelle inesperado incidente.

E' attendendo a essa necessidade que tenho procurado amenisar a conversação e tornar mais interessante a historia, intercalando, aqui e alli, um anecdota jovial, uma scena divertida e alegre, que lhes desvie, momentaneamente, a attenção do assumpto principal.

Nessas occasiões deixo-as correrem para mim, agitarem o corpinho, os braços, os pés, fallarem e rirem livremente, sem tratar, a sério, de prohibir-lhes taes expansões.

Estes instantes de liberdade, durante a aula, parecerão, talvez, excessiva condescendencia, terão, mesmo, um ar de desordem, mas, tão necessarios os considera á natureza irrequieta das creanças que não me animarei jamais a prival-as dessas expansões.

Um dos meios com que tenho conseguido attrahir-lhes mais promptamente a attenção, de ordinario disposta á volubilidade, é o uso de gravuras como um auxilio á conversação. Com que prazenteiro interesse querem todas observar o que lhes apresento! Cada qual, com mais vivacidade e presteza, procura exprimir as suas idéas, não se preoccupando de interromper os companheirinhos, e, quasi sempre, fallando muitas ao mesmo tempo.

E' então que devo explicar-lhes, sem mostras de contrariedade — que lhes tiraria todo o encanto da diversão,—como desejaria que fallassem, cada um por sua vez, de maneira a ser-me possivel attender a todas.

Com modos brandos e cariciosa expressão é quasi certo conseguir-se tudo das creanças. Quem é que não se deixa levar por um tom de meiguice carinhosa, por uma voz doce, por umas maneiras gentís? Depois de facilitar-lhes a observação da gravura, peço, ora a uma, ora a outra que me descreva a scena representada no quadrinho, animando-as com o interesse que manifesto e que attrahe sempre o interesse de todas. Pois bem, mais de uma vez tenho conseguido descripções quasi tão claras como as daria eu propria.

Muitas vezes ainda, no dia seguinte, reclamo das memorias infantís a reproducção da gravura, e é admiravel a exactidão com que as creanças me satisfazem. E, tanto mais viva é a descripção quanto mais agradavel lhes fôra a gravura ou a explicação ouvida a proposito.

Vem aqui ao caso a resposta expressiva que me deu o Moacyr—um pequenito tão travesso quão intelligente, a respeito de uma dessas gravuras.

Tratava-se de um quadrinho representando a legendaria arvore do Natal, carregada com os seus vistosos adornos: flôres, luzes, doces, brinquedos, etc. A um canto da gravura, dous pequenitos, extasiados, contemplavam a arvore resplandescente, anciosos pela hora das sortes e distribuição dos presentes.

Incidentemente, fui levada a perguntar ás creanças, qual seria a escolha de cada uma se estivessem no logar daquelles pequenitos.

As meninas, com raras excepções, queriam a boneca, a linda boneca de vestido côr de rosa e chapéo á pastora, que se balançava graciosamente em uma redoiça suspensa dos galhos da arvore. Os meninos preferiam a espingardinha para a guerra ás moscas e outros insectos, o velocipede para as corridas nos passeios das ruas, a bóla para os exercicios no jardim, o tambor, a espadinha, etc.

—E, você, Moacyr—perguntei, admirada do seu silencio, ao tal irrequieto pequenino,—que escolheria daquella arvore?

Eu queria a caixinha de doces que está lá no alto entre as lanterninhas azues.

—Quem disse a você,--perguntei de novo—que aquella caixinha está cheia de doces?

—Eu sei disso, porque lá em casa me deram outro dia, uma caixinha tal e qual á que vejo nessa arvore, estava cheia de gostosos doces.

—Mas,—tornei eu—em todo o caso você não tem certeza do que pensa; e se, ao voltar para a casa, depois de ter escolhido a caixinha, ao abril-a a encontrasse vasia, que faria você? para que serviria ella?

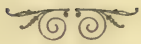
O menino reflectiu por um segundo apenas, baixou os olhinhos expertos, mexeu com os botõesinhos da sua blusa a marinheiro... e, num tom alegre, como quem resolve importante questão, respondeu:

—Se a caixinha estivesse vasia serviria para guardar alguma cousa dentro!...

Sorri-me de bôa vontade á lembrança do pequenito, lembrança que, talvez, eu não teria em occasião identica, e chamei para elle a attenção das outras creanças que deram razão ao gentil companheirinho.

Entretanto, lá no seu intimo, á utilidade que lhe déra o Moacyr prefeririam todas, estou bem certa, que a vistosa caixinha estivesse cheia de saborosos doces.

Zalina Rolim.



INDICE

PAGINAS

Programma de um Jardim da Infancia . . 5
Anno bom. 14
Dialogo matinal 20
Frœbel. 23
Das minhas notas. 59
Peixes. 62
Passaros e peixes. 64
Ninhos. 67
O ninho 70
Passarinhos 73
Exercicios com anneis 74
Trechos 83
Do conto e da arte de contar 86
A lan 103
A utilidade do espinheiro 106
O meu corpo. 109
O algodão. 110
Historia do algodão 114

Segundo dom 119
A galinha e os pintos 169
O relogio 170-172
As ovelhas 181
Resumo dos principios de Frœbel . . . 182
O carpinteiro 186
O derrubador honesto 189
Marchas, cantos e hymnos 193
Numeros quebrados 203
Dos jogos nos Jardins da Infancia . . . 206
Brinquedos 227
A gymnastica no Jardim da Infancia . . 235
Guia para jardineiras 245
A educação frœbeliana 357
Os jogos e a externação da individualidade 379
Das minhas notas. II 390

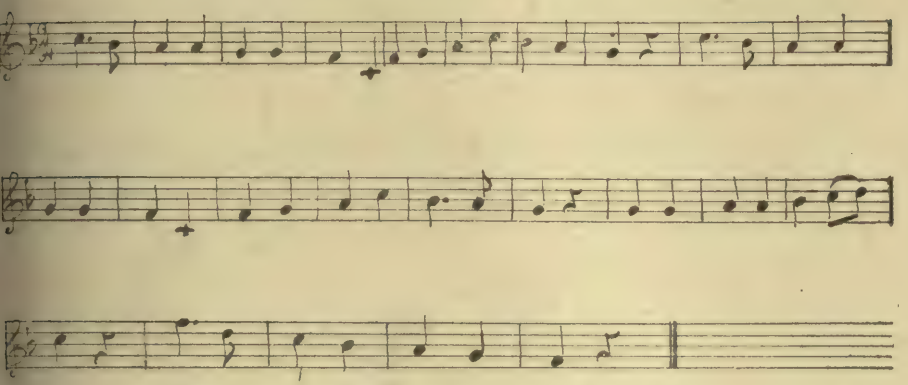
Collecção de Musicas

para

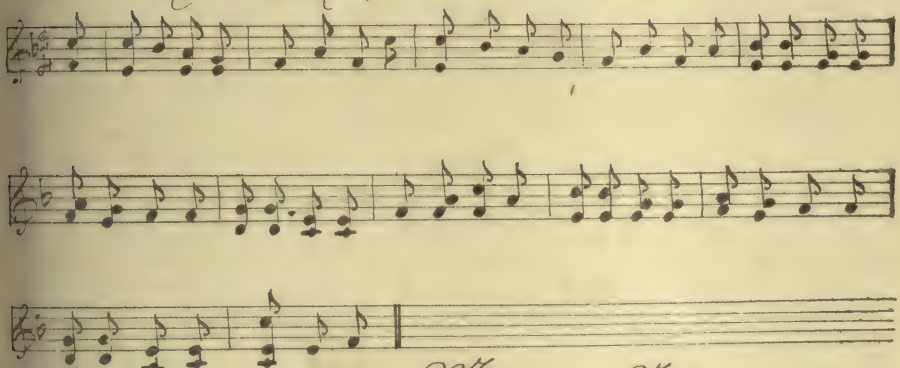
Jardim da Infancia

Cantos de entrada e sahida

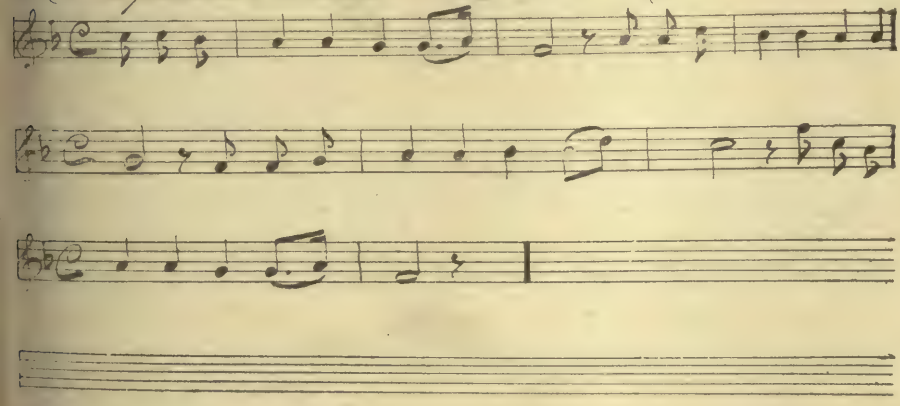
Canto para a entrada. Jardim da infancia N.º 7



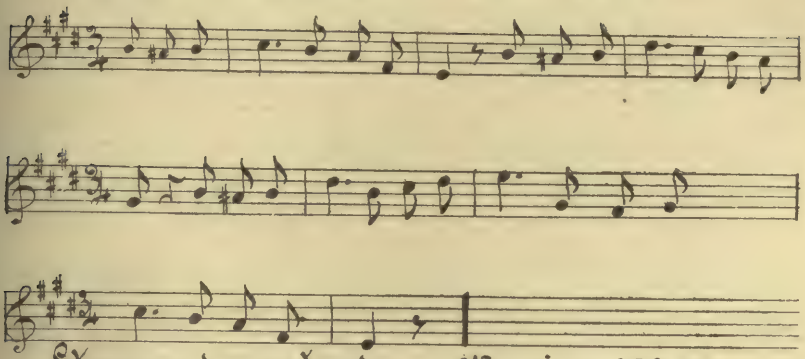
Musica N.º Canto de entrada.



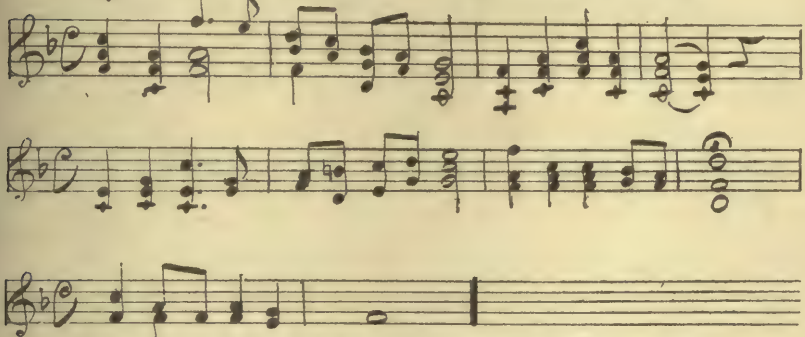
Canto para a entrada Musica N.º 5



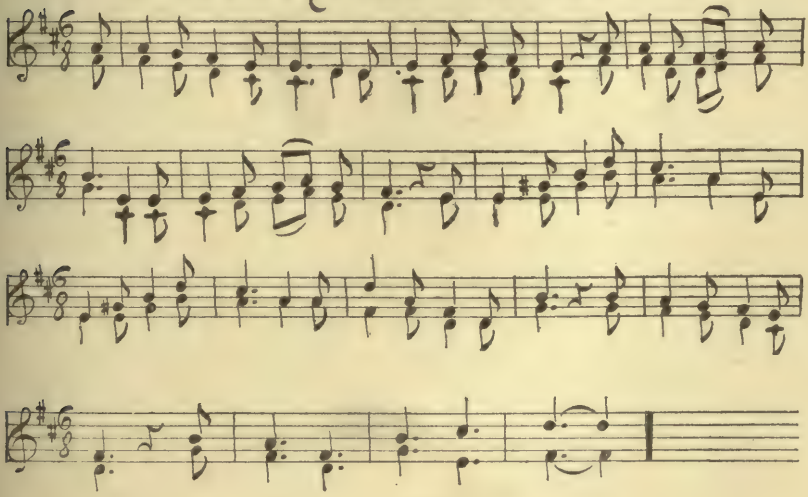
Hymne de entrada Mus. Nº 2.



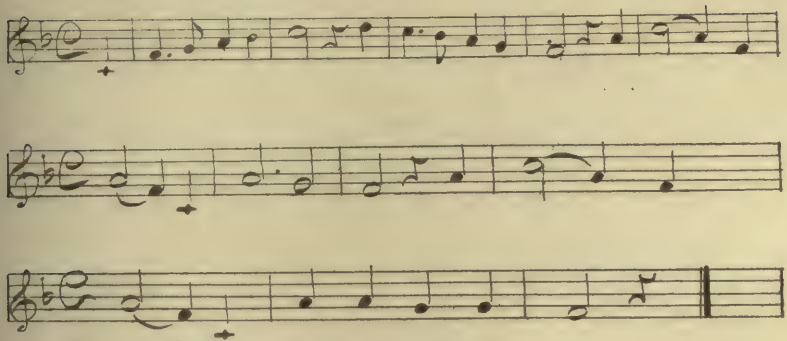
Hymne de entrada Musica Nº 22



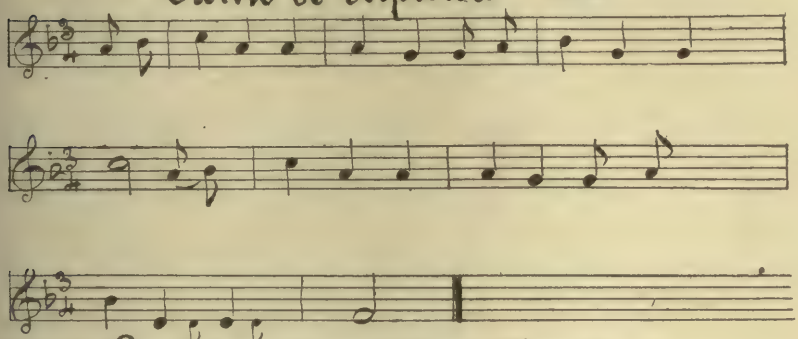
Canto de despedida Musica 360



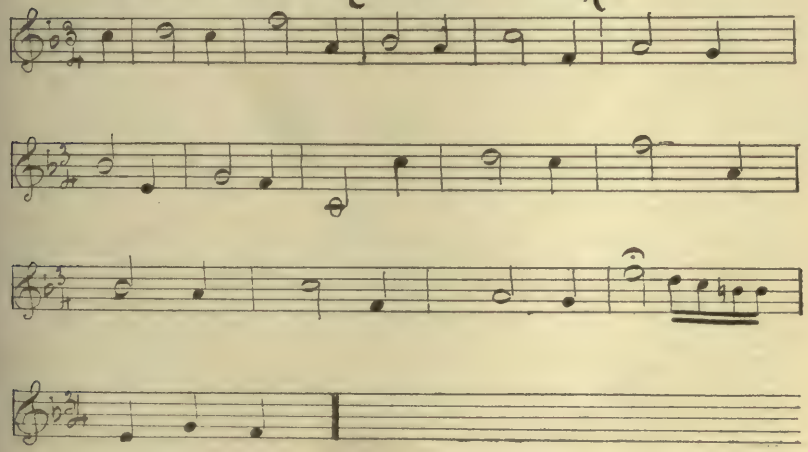
Canto de despedida Mus -339



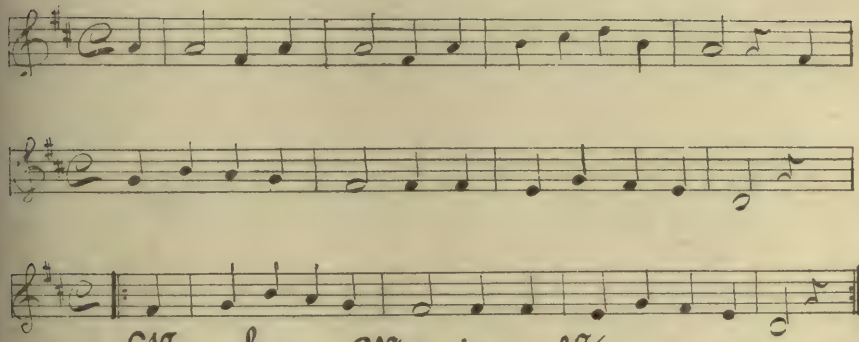
Canto de despedida 362



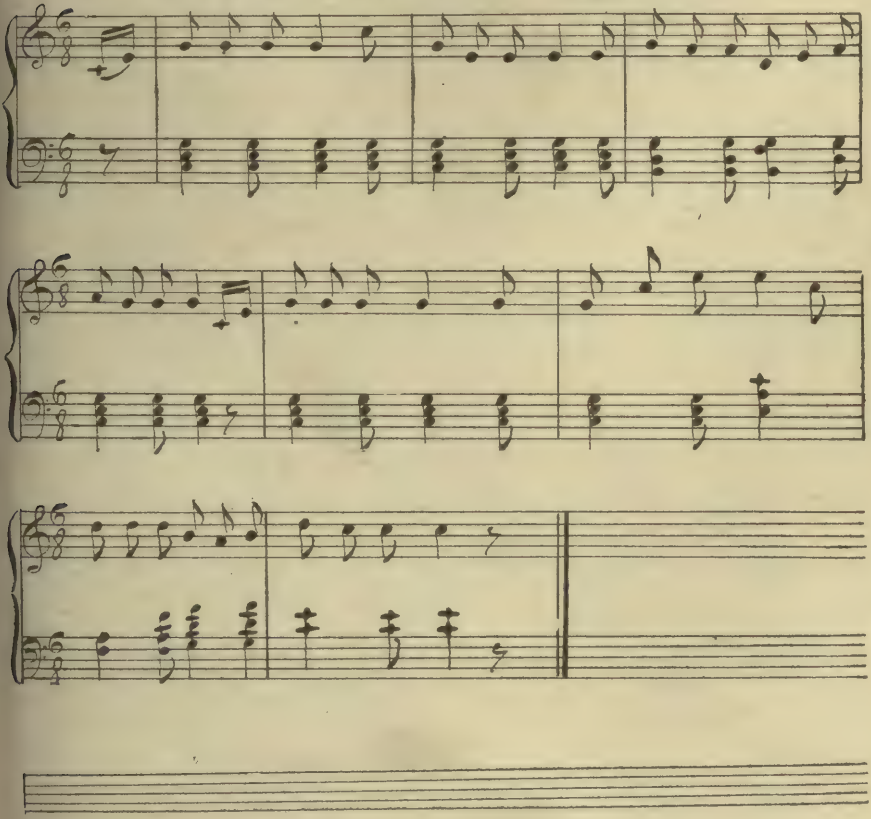
Canto de despedida Mus. 73



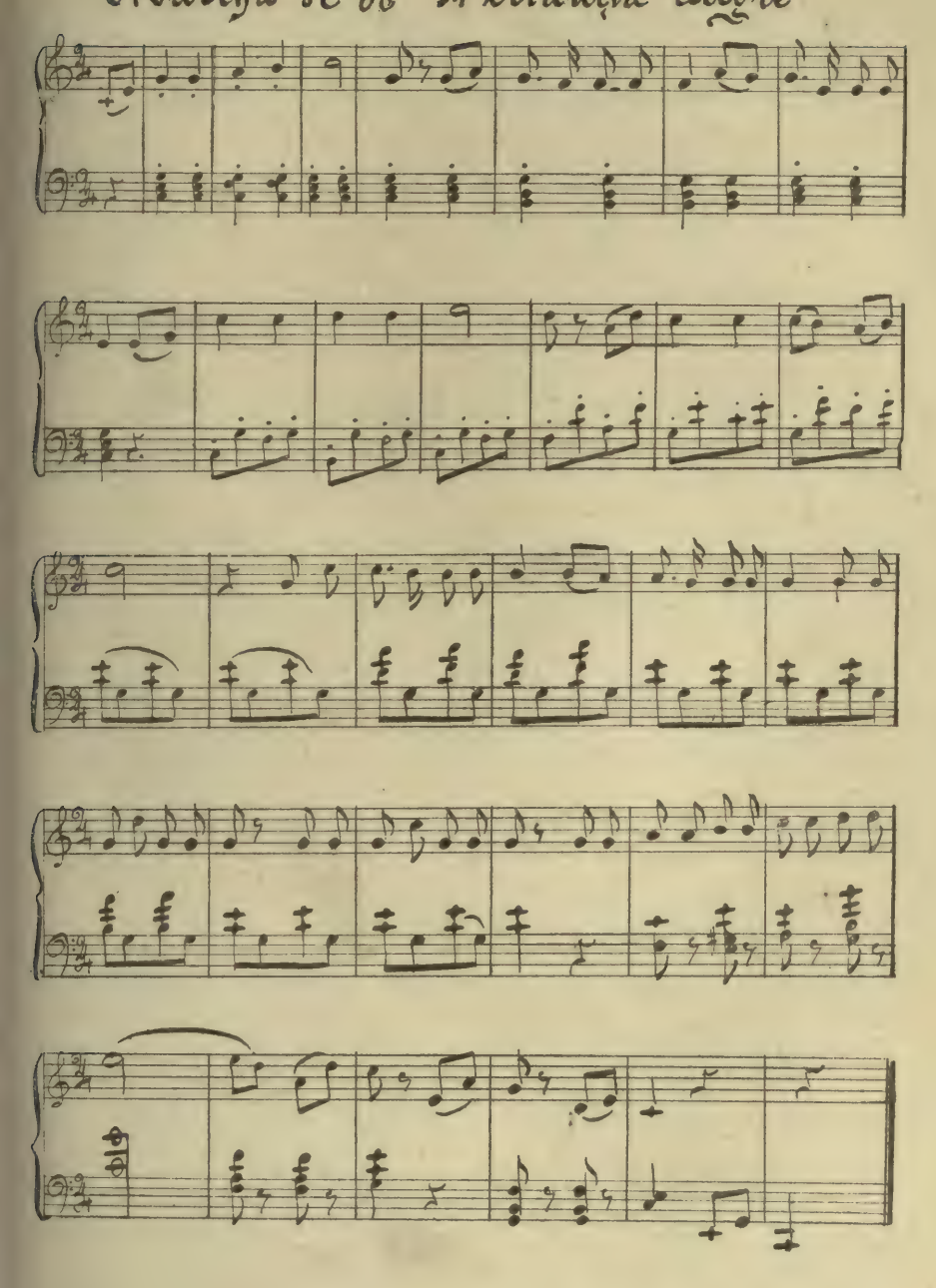
Landreão Musica 8



Marcha Musica 9.

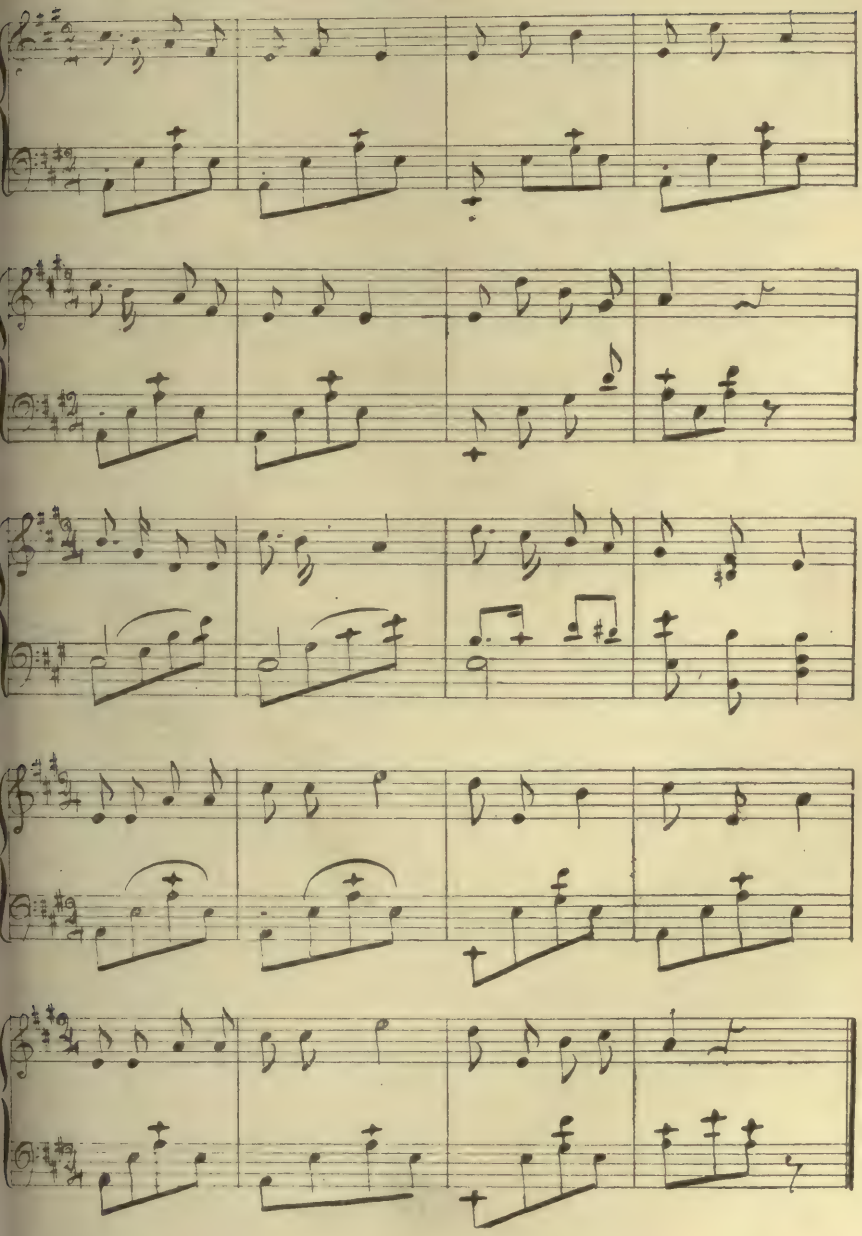


Marcha N 38 A criança alegre

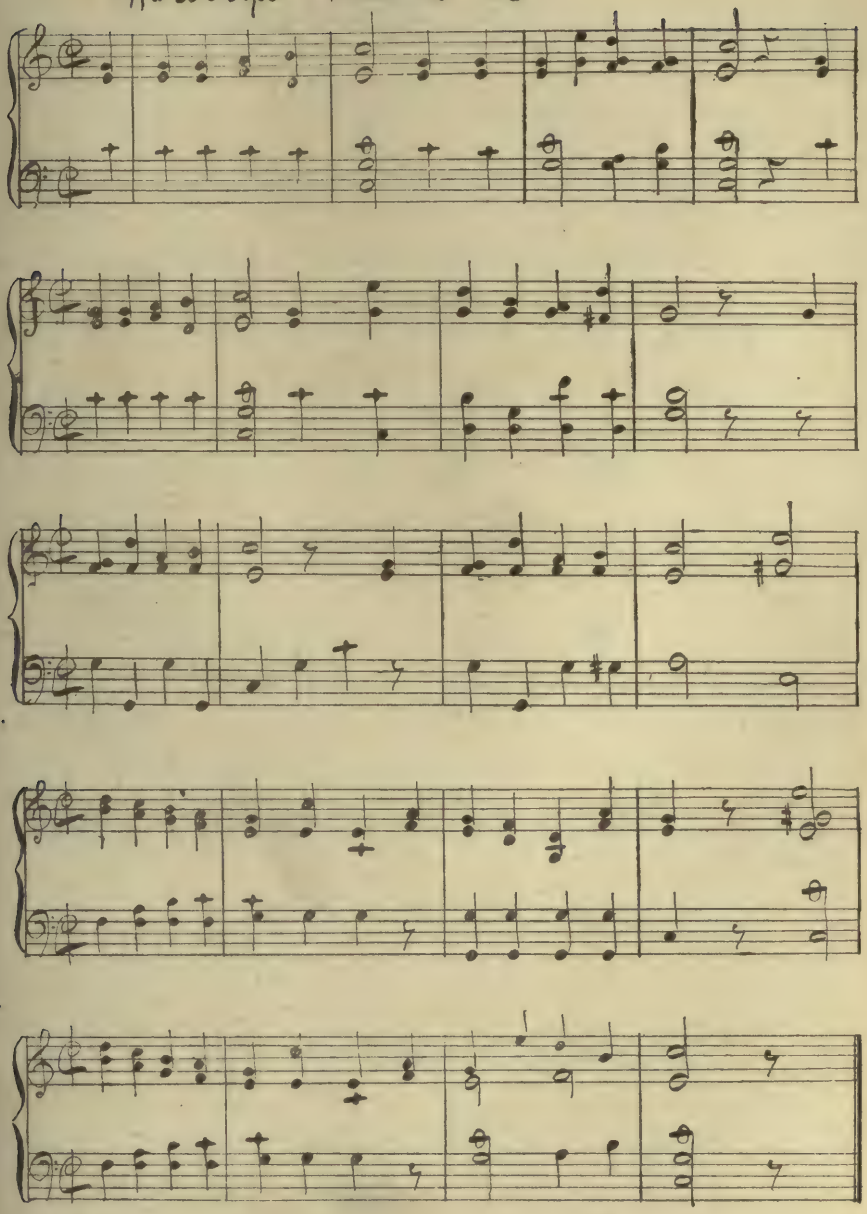


Marchas

Marcha Musica 26

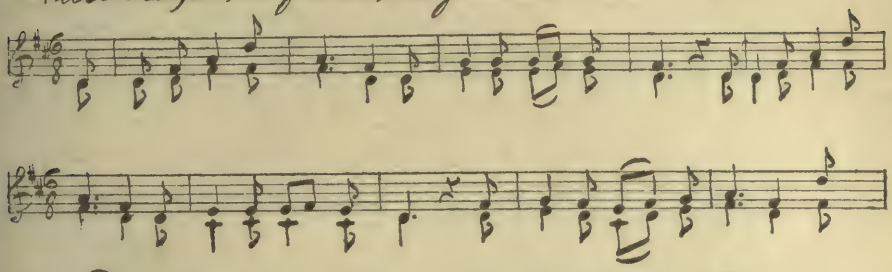


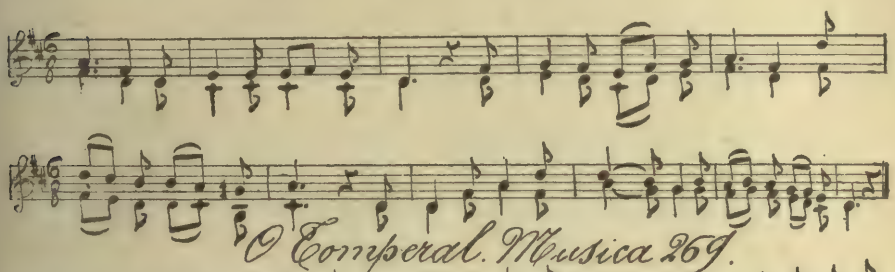
Marcha Musica 29.



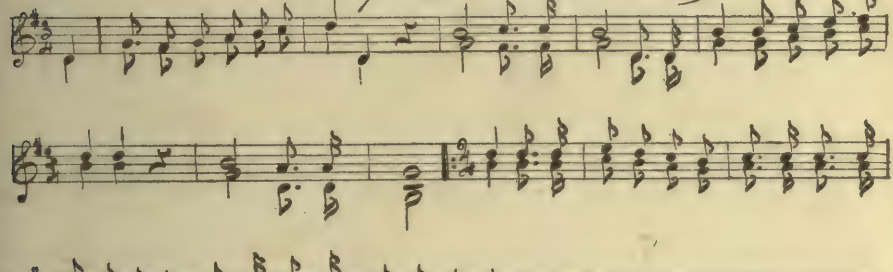
Brinquedos

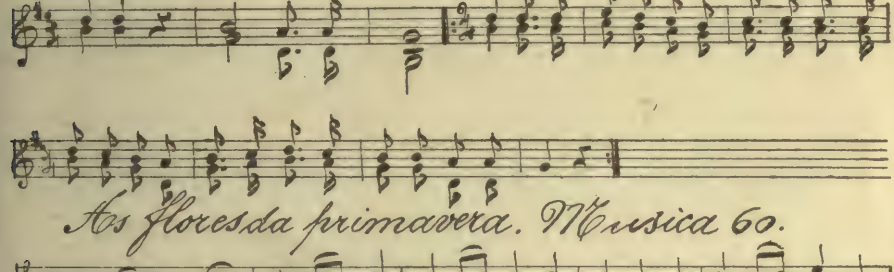
Adivinhação de flôres ou fructos 255.



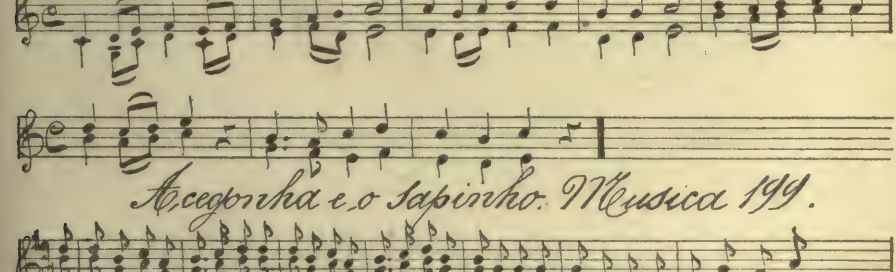


O Comperal. Musica 269.

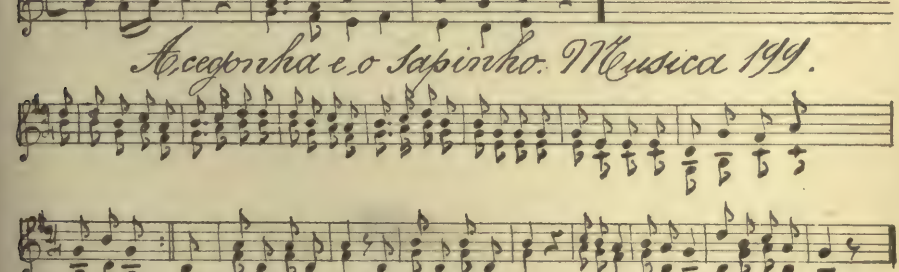




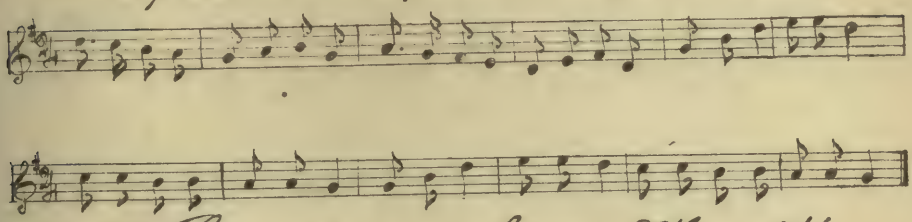
As flores da primavera. Musica 60.



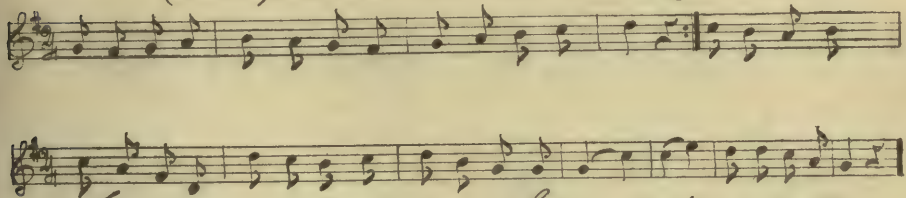
A cegonha e o sapinho. Musica 199.



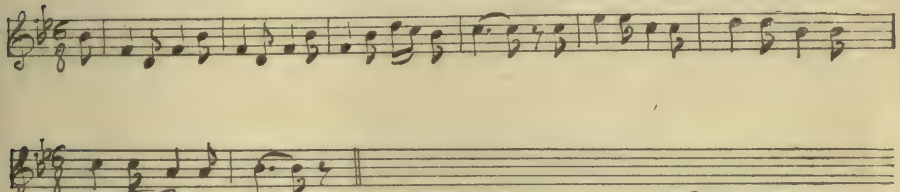
O passarinho preso. Musica 212.



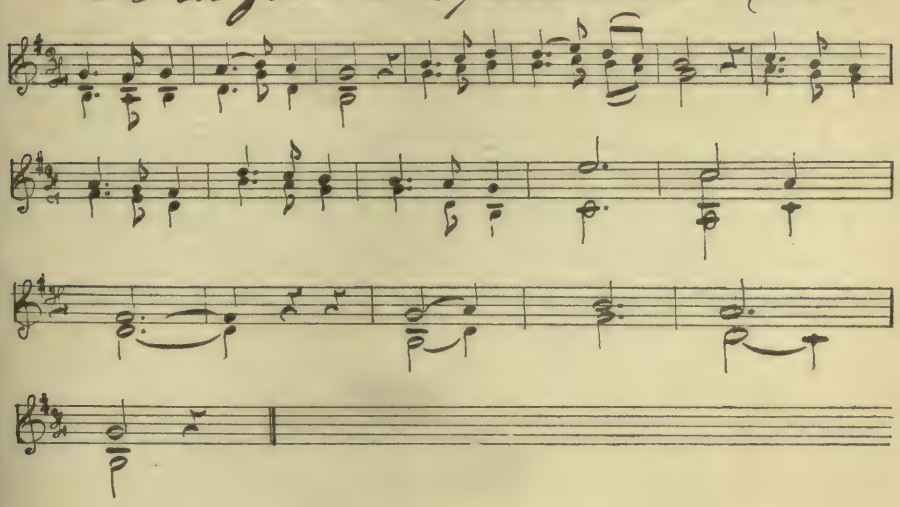
Canção do moleiro Mus. 141



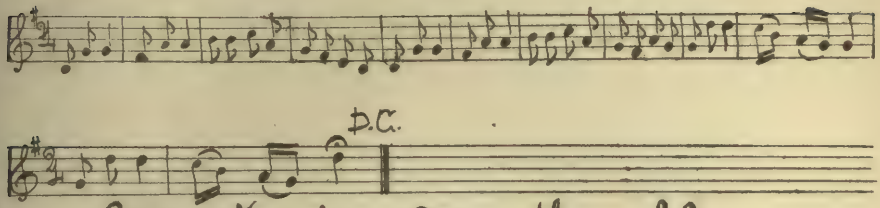
A criança e o ribeirinho. Mus. 267.



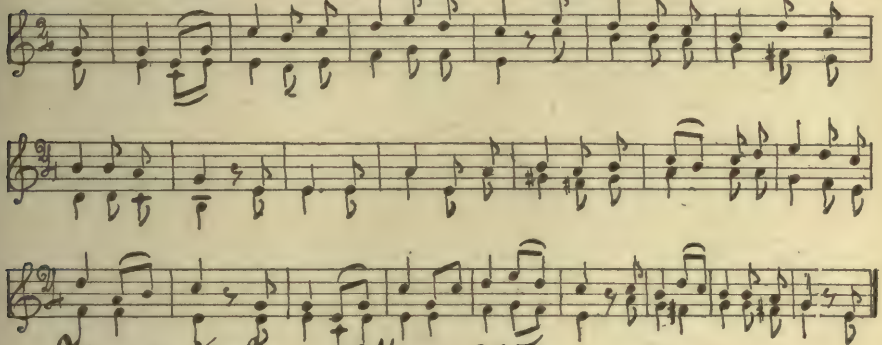
Si eu fosse um passarinho Mus. 215.



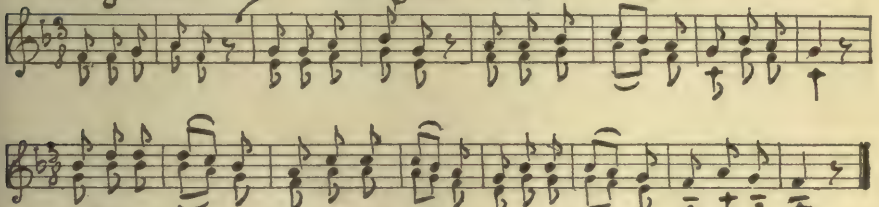
Tres passos Musica 126



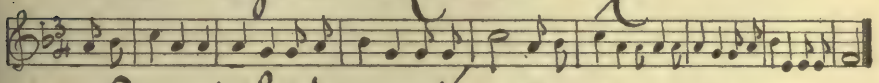
Os quatro irmãos Mus 82



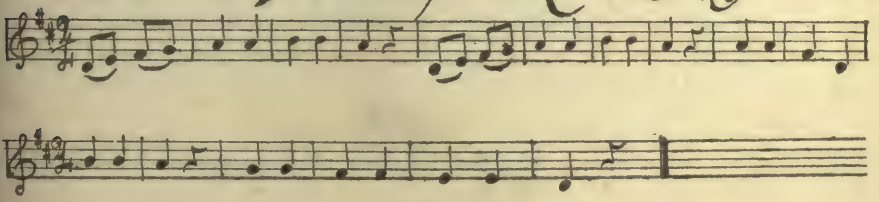
Voge ratinho Mus 228



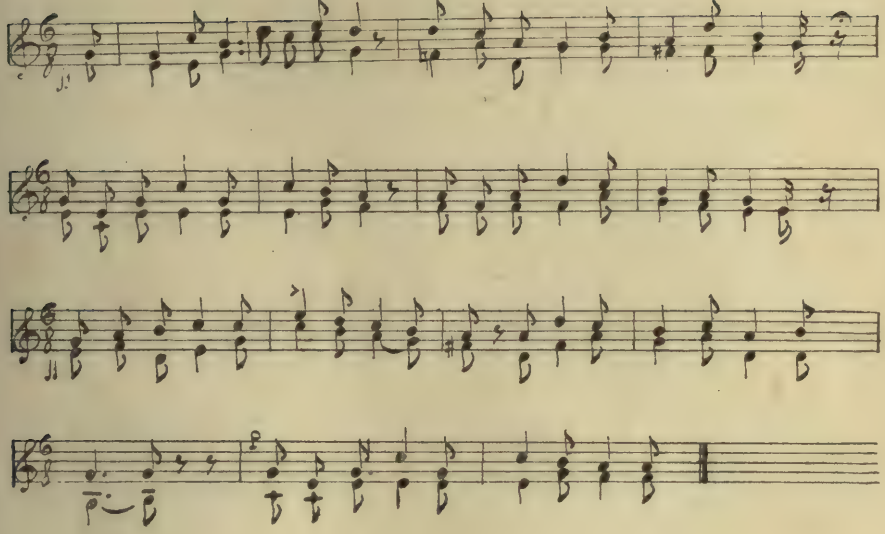
O messageiro Musica 207



O moinho de vento Musica 189



O pombal



BINDING LIST SEP 15 1941

397796
São Paulo (city). Jardim de Infancia
Revista.
1-2(1896-97).
P
Educ
S

NAME OF BORROWER.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED